

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES

A construção dos sentidos da masculinidade na telenovela *A Favorita*:
um diálogo entre as representações da masculinidade na telenovela e as
representações das manifestações discursivas do ambiente social brasileiro

Daniela Jakubaszko

São Paulo

2010

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES

A construção dos sentidos da masculinidade na telenovela *A Favorita*:
um diálogo entre as representações da masculinidade na telenovela e as
representações das manifestações discursivas do ambiente social brasileiro

Daniela Jakubaszko

Orientadoras: Profa. Dra. Maria Lourdes Motter e
Profa. Dra. Solange Martins Couceiro de Lima

São Paulo
2010

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES

A construção dos sentidos da masculinidade na telenovela *A Favorita*: um diálogo entre as representações da masculinidade na telenovela e as representações das manifestações discursivas do ambiente social brasileiro

Daniela Jakubaszko

Tese apresentada junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Ciências da Comunicação.

Área: Interfaces sociais da comunicação.

Linha de Pesquisa: Comunicação e Cultura, sob orientação da Profa. Maria Lourdes Motter (até 05.05.07) e da Profa. Solange Martins Couceiro de Lima.

São Paulo

2010

BANCA EXAMINADORA

Membros

São Paulo

2010

Agradecimentos

Agradeço à Professora Solange, por ter me acolhido num momento tão difícil e me dado apoio na construção dessa Tese.

Sou imensamente grata à Jane Marques, por praticamente ter me impedido de desistir de trancar o doutorado.

Agradeço à Professora Immacolata e ao Professor Fábio Pietraroia pelas valiosas contribuições no exame de qualificação.

Agradeço ao Ottone e Juliana Motter, pela compreensão e incentivo.

Agradeço aos meus pais, por me darem suporte e confiança.

Agradeço ao Rinaldo, por fazer parte da minha vida e por toda a interlocução, assim como meus amigos Alex, Izeni Paula, Antonio Carlos, Fernanda e minha querida irmã Andrea, que são sempre inspirações e nossas conversas fazem tudo amadurecer dentro de mim.

Agradeço aos colegas da ECA, companheiros de tantas jornadas, Marly, Rafael, Roberta, Luciene, Sandra e Vanderlei e à Professora e amiga Cristina Munglioli, pelo companheirismo e cumplicidade.

Agradeço à Capes por financiar esta pesquisa.

Agradeço aos amigos Maria Eduarda e Fabrício, pelo constante apoio e incentivo.

Agradeço ao meu pai pela revisão e ao Lucas pela diagramação.

E, claro, à querida Professora Lourdinha, por tudo que me ensinou, mas, para ela, mais que agradecer, eu dedico esta tese.

Dedicatória

À querida Professora Lourdinha. Quanto
ainda falta para chegar à tua simplicidade
e precisão!

E aos nossos ancestrais, pois sem a coragem
deles não estaríamos aqui.

Resumo

Esta Tese é uma investigação da produção dos sentidos que se formam no diálogo entre as representações de masculinidade na telenovela brasileira, focada no estudo de *A Favorita* (João Emanuel Carneiro, Globo, 2008-09), e as representações das masculinidades presentes em diversas manifestações discursivas do ambiente social. Nossa hipótese é a de que esse sistema de representações se forma numa determinada *semiosfera* (Y.Lotman) e contribui para *modelizar* (Y.Lotman) as experiências e práticas da masculinidade em nossa cultura atual.

Estudamos a telenovela como um *texto da cultura* (Y.Lotman), como documento de época e lugar de memória coletiva (M.Halbwachs), como um *gênero do discurso* e uma *enunciação* da esfera da *ideologia do cotidiano* (M.Bakhtin) e do senso comum (R.Silverstone, A.Gramsci, A.Heller).

Os objetivos principais desta pesquisa são os de perceber como se constroem os sentidos da masculinidade na telenovela em diálogo com outras manifestações discursivas do ambiente social brasileiro e de contribuir para os estudos de comunicação de forma a consolidar um percurso metodológico que permita observar o fenômeno da articulação de sentidos entre telenovela, audiência e sociedade brasileira, a partir da investigação dos diversos fatores envolvidos no processo comunicacional que é dialógico por natureza. Será preciso, para tanto, construir uma trajetória que não se detenha apenas no pólo da produção, ou da recepção, mas no espaço discursivo que se forma entre eles e que dá forma às transformações das experiências cotidianas, práticas sociais e à formulação de novos consensos que permitam as mudanças socioculturais.

Palavras-chave: Comunicação, Telenovela Brasileira, Gênero do Discurso, Cotidiano, Masculinidade.

Abstract

This research is an investigation of the production of meanings that are formed in the dialogue between the representations of masculinity in the Brazilian telenovela, focusing on the study of A Favorita and the representations of masculinity present in several discursive manifestations in social environments. Our hypotheses is that this system of representations is formed in a determined semiosphere (Y. Lotman) and contributes to model (Y. Lotman) the experiences and practices of the masculinity in our current culture.

The telenovela is studied as a cultural text (Y. Lotman), as a document of a specific time and collective memory place (M. Halbwachs), as a discourse genre and an enunciation of the daily ideology sphere (M. Bakhtin) and common sense (R. Silverstone, A. Gramsci, A. Heller).

The main goals of this research are: to understand how the masculinity meanings are constructed in the telenovela along with other discursive manifestations of the Brazilian social environment; and to contribute to the studies in Communication in order to consolidate a methodological approach that allows one to observe the articulation of meanings phenomenon among telenovela, audience and Brazilian society through the investigation of several factors involved in the communicational process that is a dialogue by nature. It is necessary, then, to construe a route that is not only focused in the production and reception but also in the discursive space between them and that molds the daily experiences transformations, social practices and to the formulation of new consensus that allow socio-cultural changes.

Sumário

Agradecimentos 5

Dedicatória 6

Resumo 7

Abstract 8

Sumário 9

Apresentação 12

Introdução 15

1. Metodologia 20

1.1. A construção teórica do objeto Telenovela 20

1.2. O objeto dentro do objeto: a masculinidade 25

1.3. Hipóteses 27

1.4. Objetivos 28

1.5. Procedimentos metodológicos 30

1.6. Referências bibliográficas da introdução 34

Capítulo I: A telenovela brasileira como objeto de estudo

1.1. A telenovela brasileira como crônica do cotidiano 36

1.2. O processo de comunicação por um ponto de vista dialógico: a telenovela
como enunciado concreto e gênero do discurso 44

1.2.1. Signo, diálogo e ideologia 45

1.3. A telenovela como enunciado concreto e gênero do discurso 57

1.4. A telenovela como ideologia do cotidiano 69

1.5. As telenovelas como textos da cultura 77

1.6. Entre a ficção e a realidade: o que a ficção pode fazer pela realidade? 90

1.6.1. O *merchandising* como forma de inserção da realidade 91

- 1.6.2. Modos de focalização de temas de importância social como diferentes modalidades de inserção do real na ficção 93
- 1.6.3. Depoimentos como forma de inserção da realidade 94
- 1.6.4. E afinal, o que a ficção pode fazer pela realidade? 95
- 1.7. Referências bibliográficas do Capítulo I 98

Capítulo II: A telenovela *A Favorita*

- 2.1. Apresentação 103
- 2.2. Comentários críticos 104
 - 2.2.1. As aparências enganam 104
 - 2.2.2. A atmosfera do medo 111
- 2.3. Entre a ficção e a realidade 117
- 2.4. Referências bibliográficas do capítulo II 121

Capítulo III: A masculinidade na ideologia do cotidiano

- 3.1. Os níveis inferiores da ideologia do cotidiano 125
 - 3.1.1. A guerra dos sexos: homens X mulheres 130
- 3.2. Os níveis superiores da ideologia do cotidiano 143
 - 3.2.1. Homens e mulheres como opostos: contrários e complementares 165
 - 3.2.2. O novo homem do senso comum 175
 - 3.2.3. A vida de um homem comum 208
- 3.3. Referências bibliográficas do capítulo III 218

Capítulo IV: A masculinidade no Discurso Oficial

- 4.1 Os Estudos de Gênero 222
- 4.2. As leis e políticas públicas 235
- 4.3. A noção de masculinidade hegemônica 249
- 4.4 A dominação masculina 252
- 4.5 Referências Bibliográficas 258

Capítulo V: As masculinidades presentes em *A Favorita*

- 5.1 *Augusto César*: o homem pigmaleão 261
- 5.2 *Zé Bob*: a representação da masculinidade ideal 282
- 5.3. *Leo e Catarina*: a condenação do machismo e da violência contra a mulher 294
- 5.4 Os triângulos amorosos: adultério feminino não pode, gay virar macho pode! 304
- 5.5 Referências bibliográficas do capítulo V 322

Considerações finais 323

Referências bibliográficas 340

Apresentação

Esta tese propõe um percurso de investigação da produção de sentidos através do estudo das imagens da masculinidade veiculadas pela telenovela brasileira e do diálogo que se forma entre elas e as demais imagens presentes em diversas outras manifestações discursivas do ambiente social. Antes de introduzi-la, vou situar brevemente o sujeito da pesquisa. Pelo contexto em que ela foi produzida, essa operação se faz necessária.

A telenovela passou a ser objeto de estudo em minha história acadêmica na iniciação científica, em 1997, quando fazia graduação em lingüística e português na FFLCH-USP e conheci a professora Maria Loudes Motter, que a gente chamava carinhosamente de professora Lourdinha, por intermédio de um amigo da ECA, Marcos Marcelo Soler.

Na época ela estava desenvolvendo seu projeto – que viria ser sua Livre-Docência – *Ficção e realidade: a construção do cotidiano na telenovela*, dentro do Projeto Integrado do então NPTN (Núcleo de Pesquisa de Telenovela), hoje CETVN (Centro de Estudo de Telenovela), *Ficção e realidade: o Brasil na telenovela, a telenovela no Brasil*. Ele desenvolvia o aperfeiçoamento científico sobre as personagens homossexuais d’ *A Próxima Vítima* (Silvio de Abreu, Globo, 1995). Eles precisavam de alguém que os ajudasse com o *clipping* das 4 telenovelas estudadas pela professora Motter.

Depois de algum tempo de trabalho e muitas afinidades, resolvemos solicitar apoio da FAPESP para um projeto de Iniciação Científica, quando desenvolvi o relatório *Os ciganos de Explode Coração: uma descrição comentada da construção ficcional de um grupo cigano. Explode Coração* (Glória Perez, Globo, 1995-96), além d’ *A Próxima Vítima*, junto com *Fim do Mundo* (Dias Gomes, Globo, 1996) e *Rei do Gado* (1996-97) completavam as novelas para estudo.

Como a maioria das(os) brasileiras(os), cresci em contato com a telenovela. Mas já havia sete anos que eu não assistia mais novelas quando passei a revê-las, mas com outro propósito. Aprendi as técnicas de pesquisa, o trabalho de campo, conheci uma nova bibliografia. A partir do estudo dos cotidianos “ficcional” e “concreto”, aprendi a ler a *telenovela brasileira* de acordo com um ponto de vista científico.

Insatisfeita com a perspectiva lingüística que buscava limites bem definidos para o seu objeto de estudo, encontrei na ECA, e com a professora Motter, o estudo

da língua e da linguagem inseridos no contexto social. Para além do significante e do significado, os signos tinham uma dimensão “ideológica”, um vínculo com a cultura que os dotava de *significação*.

Depois da conclusão da IC, ingressei no Mestrado e passei a participar de diversos cursos, eventos e congressos, etc., publiquei alguns artigos, colaborei em outras pesquisas da orientadora e, de forma lenta e paralela aos nossos trabalhos, desenvolvimos o projeto *Telenovela e preconceito*.

Durante esses mais de dez anos vêm se formando as articulações teóricas e metodológicas que utilizamos nesta pesquisa de doutorado. Assim, os textos que produzimos ao longo desses anos, observando produções e aspectos diferentes de cada uma delas, nos servirão de modelo de análise que aprofundaremos neste trabalho.

Infelizmente nossa parceria foi desfeita muito cedo por obra do destino que nos privou da companhia da querida Lourdinha. Entretanto, a obra de Maria de Lourdes Motter está ao nosso alcance. São mais de 20 artigos, a maioria sobre telenovela, mais de 10 capítulos de livros e 1 livro sobre telenovela. Sem contar mais 6 títulos, um sobre Ficção e História, seu doutorado, e os outros mais teóricos e paradigmáticos. As entrevistas concedidas à imprensa e alguns artigos publicados em jornais e revistas também trazem informações importantes, são críticas e observações sobre as telenovelas que nem sempre aparecem em suas publicações científicas, porque foram requisitadas pelos jornalistas.

É muito importante valorizar seus estudos e levá-los adiante. Se o estudo da telenovela é recente, a produção dos docentes da ECA está entre os trabalhos pioneiros no assunto. Dentro desta “tradição”, ainda que recente, se destacam as pesquisas de Motter¹. Espero contribuir para fazer crescer essa corrente de estudos sobre a produção de sentidos da telenovela. Esta tese vai nessa direção, mas antes de tudo, ela é a expressão da minha gratidão por ser herdeira de tão rico legado simbólico.

¹ Cf. Lattes da professora Motter: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.jsp?id=K4782733Y6> (capturado em 24.02.10).

Um homem também chora (guerreiro menino)

Gonzaguinha

Um homem também chora

Menina morena

Também deseja colo

Palavras amenas...

Precisa de carinho

Precisa de ternura

Precisa de um abraço

Da própria candura...

Guerreiros são pessoas

Tão fortes, tão frágeis

Guerreiros são meninos

No fundo do peito...

Precisam de um descanso

Precisam de um remanso

Precisam de um sono

Que os tornem refeitos...

É triste ver meu homem

Guerreiro menino

Com a barra do seu tempo

Por sobre seus ombros...

Eu vejo que ele berra

Eu vejo que ele sangra

A dor que tem no peito

Pois ama e ama...

Um homem se humilha

Se castram seu sonho

Seu sonho é sua vida

E vida é trabalho...

E sem o seu trabalho

O homem não tem honra

E sem a sua honra

Se morre, se mata...

Não dá prá ser feliz

Não dá prá ser feliz...

É triste ver meu homem

Guerreiro menino

Com a barra de seu tempo

Por sobre seus ombros...

Eu vejo que ele sangra

Eu vejo que ele berra

A dor que tem no peito

Pois ama e ama...

Um homem se humilha

Se castram seu sonho

Seu sonho é sua vida

E vida é trabalho...

E sem o seu trabalho

O homem não tem honra

E sem a sua honra

Se morre, se mata...

Não dá prá ser feliz...

Introdução

Dentre os produtos televisivos brasileiros, a telenovela do horário nobre da Rede Globo é aquele que vem atingindo, por décadas, as maiores e mais amplas audiências. Maiores em termos numéricos absolutos, e mais amplas pela diversidade de público que consegue alcançar. Esse fato nos leva a questionar os motivos dessa duradoura e consolidada preferência de público.

A qualidade do produto televisivo *Telenovela Brasileira* que hoje se constata na grade de programação da Rede Globo, Record, Bandeirantes e SBT é fruto de uma história de quase 50 anos. Não apenas da evolução técnica, nem somente da prática de se fazer roteiros, mas, sobretudo, da interação entre suas histórias, a história do formato e a história do próprio país.

Não obstante, o processo de aceitação da telenovela enquanto objeto de estudo científico se fez de modo bastante lento e repleto de desafios, conflitos e controvérsias. Romper com o pensamento predominante de que ela seria um produto de pouca importância, menor em termos artísticos, e quase sempre descrito como alienante, foi a tarefa de muitos dos estudos a ela dedicados. Então, se o Campo das Ciências Sociais e da Comunicação não podem fugir do reconhecimento da importância fundamental da televisão para os processos sociais, econômicos e culturais do país, como poderiam ignorar a protagonista de sua história? Pode-se dizer, hoje, que já existe no meio acadêmico um consenso sobre a relevância e a necessidade de empreender, das mais diversas formas, investigações acerca da produção, circulação, recepção e consumo de telenovela. Não é mais possível negar a influência e a penetração desse produto na vida cotidiana dos brasileiros. Tão pouco é possível negligenciar o fato de que a telenovela já se apresenta como uma das tradições que contribuem para construção de sentidos de pertencimento, construção das identidades nacionais, dentro e fora do país. É uma narrativa contemporânea, de ampla aceitação e repercussão, de inegável importância para o contexto brasileiro. Motter, numa entrevista à imprensa, respondida por e-mail, e da qual temos apenas uma cópia, ainda rascunho (anexo em CD), discorre sobre 14 aspectos fundamentais da telenovela brasileira. São eles:

- A telenovela é o produto televisivo de maior estabilidade de audiência no Brasil;

- É um modelo de sucesso;
- Tem significação na vida cotidiana;
- Atua junto à audiência de modo factual;
- É um elemento da cultura brasileira;
- Não é alienada, ou alienante, é ficção;
- Propõe tipos e padrões de preocupação;
- É relativa à vida cotidiana brasileira;
- Mantém relação com a memória coletiva;
- Participa da construção da realidade brasileira;
- Está plantada na realidade;
- É um produto autêntico brasileiro;
- É narrativa, e narrativa é fundamental ao gênero humano;
- Deve ser consumida como ficção.

No mestrado (JAKUBASZKO, 2004) adotamos uma perspectiva diacrônica e ao estudar os primeiros quarenta anos da telenovela no Brasil (1963 a 2003) percebemos o quanto as histórias narradas, seus temas e demais elementos de composição, se entrelaçavam com o momento de sua produção. A telenovela participa das agendas global, nacional e local. Participa da agenda do cotidiano e das datas que vão marcando a circularidade da passagem das estações, dos anos, das décadas. Ela mesma é agora uma das formas mais privilegiadas que a nossa sociedade tem para fazer seus registros e resgates, como uma família faz um álbum de fotos ou filmagens e as revê, lembrando, reconhecendo e estranhando ao mesmo tempo. As personagens de telenovelas também passam pelo Natal, Ano Novo, Carnaval, e as demais datas festivas de nossa vida cotidiana.

Ressignificam-se as experiências e a imagem de si mesmo, porque aquelas imagens não somente *refletem* como também *refratam* aquela fração de realidade capturada. Ao entrelaçar-se com o presente ela passa a fazer parte da trama que se tece um pouco mais a cada dia e vai dando novas formas à vida das pessoas e aos seus mundos.

Durante nossas pesquisas constatamos a existência de diversas possibilidades que a telenovela encontrou para interagir com o cotidiano com o qual dialoga. A partir desta constatação resolvemos, no doutorado, dedicar-nos ao estudo da telenovela “em tempo real”. Se com a pesquisa diacrônica pudemos compor, a partir da telenovela,

álbuns² da sociedade e cultura brasileira, acreditamos que com a pesquisa sincrônica podemos perceber outras e mais sutis e variadas formas de diálogo entre a telenovela e a vida cotidiana do brasileiro que escapam aos estudos que se fixam na observação do já transcorrido. As maiores dificuldades que tivemos para fazer a pesquisa e para ser mais assertivo nas análises, por exemplo, decorriam da falta das imagens e de acesso a dados e informações dos cotidianos da época. Sentimos falta do detalhe e vontade de pesquisar o detalhe. Por isso nos voltamos, agora, para a observação do presente.

E para fazer essa pesquisa no presente escolhemos agora outro tema. Faremos o acompanhamento das imagens veiculadas sobre a masculinidade. Tal opção se deu, pois, percebemos, através da observação da mídia e das telenovelas, uma preocupação crescente com a audiência masculina. Ao mesmo tempo são poucos e recentes os estudos sobre masculinidade e não conhecemos nenhum trabalho sobre telenovela que tenha abordado o tema. Notamos ainda o surgimento de revistas para o público masculino com perfil diferente daquele adotado pela maior parte das editorias especializadas e um aumento, de modo geral, na oferta e procura de produtos para homens que tendem a gerar novas práticas sociais e de consumo: homem já pode ver, ou assumir que vê novela, passa creme anti-rugas e se diverte num *shopping center*³ sem ver colocada em cheque a sua masculinidade.

Motter (2000-2001) também observou uma mudança na representação do homem em *Laços de família* (Manoel Carlos, TV Globo, 2000):

O autor introduz também uma variável de nossa época, conseqüência das mudanças do modo de ser da vida em família, que é o novo papel do homem com relação aos filhos. Eles assumem cuidar deles com doçura, naturalidade e sem reclamações, o que sugere um comportamento plenamente assimilado e incorporado como prática cotidiana. (MOTTER, 2000-2001: 86).

Estes, entre outros elementos que deixamos para explorar mais adiante, foram os maiores motivadores para a escolha do tema.

² Estou me referindo ao perfil dos temas de importância social tratados nas telenovelas e que compunham o quadro das preocupações gerais verificáveis nas décadas de 60, 70, 80, 90 e início de 00. Também aos dois temas estudados: o do transplante de órgãos, partes e tecidos do corpo humano e o da dependência química. Ver: JAKUBASZKO, 2004.

³ Um dos *shoppings* mais recentes de São Paulo, inaugurado em 2008, o Shopping Bourbon Pompéia fez – e anunciou na Rádio Eldorado – o “Espaço todo dele” para o Dia dos Pais. Na programação, gastronomia, harmonização de vinhos, entre outras atividades.

Lembramos que esta pesquisa não tem os propósitos de definir e analisar a masculinidade ou tomar o homem como objeto de estudo. Nosso objetivo é mais modesto: recolher do *ambiente social* as diversas manifestações discursivas acerca da masculinidade, para depois observar o diálogo que mantêm com a telenovela. A bibliografia que consultamos sobre o tema mostra títulos nas áreas de antropologia, comunicação, psicologia, sociologia, biologia, auto-ajuda, jornalismo, mitologia e história. Também observamos e arquivamos as revistas direcionadas ao público masculino, eventuais reportagens de jornal – ou demais revistas – que tratam diretamente do assunto. Cinema, música, outros programas da grade de programação das TVs comerciais e a cabo, livros de ficção, teatro, entre outras manifestações culturais e artísticas receberão maior ou menor atenção à medida que se relacionarem diretamente ao tema e à telenovela em estudo. Na verdade, quando se escolhe estudar a questão de gênero, tudo a nossa volta começa a ser estudado: a maior parte do que vemos, inclusive ações cotidianas banais, estão de alguma forma relacionadas à questão de gênero.

De acordo com a metodologia aplicada, estamos – antes de eleger os mais representativos – atentos ao maior número possível de textos, pois consideramos que todas as manifestações discursivas que selecionamos são *textos da cultura* com potencial para captar e expressar os pontos de vista, as vivências, sensações, visão de mundo, etc., em relação às questões que hoje se colocam para pensar e viver a masculinidade. Ao final da pesquisa de campo tivemos mais segurança para definir quais são mais ou menos representativos da atualidade. O capítulo sobre os textos do senso comum, apresenta as idéias e conceitos recorrentes acerca da masculinidade.

De qualquer modo, sem ainda proceder a uma separação dos níveis discursivos (*ideologia oficial, níveis superiores e inferiores do cotidiano*), já podemos adiantar para o leitor algumas recorrências discursivas e pelo menos duas correntes mais definidas de pensamento – tanto no âmbito científico quanto no do senso comum –, de modos de encarar a questão.

Das reflexões sobre a masculinidade percebemos uma diretriz que poderíamos chamar “inatista” e uma outra que podemos considerar “antropológica”. A primeira costuma descrever e explicar as características e comportamentos da masculinidade pela via da essência, da natureza, do genético e inato⁴. Já a segunda considera que

⁴ Não podemos vincular, no entanto, os estudos biológicos ou da etologia a uma visão necessariamente inatista. Há abordagens da biologia que consideram e validam os processos culturais. Ver WAAL, 2007.

“ser homem” é o processo de “aprender” a ser homem. Uma construção sociocultural, portanto. Ainda assim, os vários discursos das diversas áreas concorrem para estabelecer a melhor definição, ou representação, daquilo que parece ser de consenso geral: o surgimento de um *novo homem*. É uma constante, na bibliografia consultada e na mídia em geral, a idéia de que há uma crise de hegemonia, não apenas do poder que o homem ostenta em nossa cultura, como também de um suposto modelo hegemônico de ideal de masculinidade. Outra constante é a idéia de que a masculinidade se define através do *contraste*, ou como *contraponto*, ou por *oposição* ao feminino.

Nesta tese, consideramos que a masculinidade seja uma generalização, um lugar simbólico e imaginário, categoria que se cria para entender e explicar as vivências e comportamentos considerados como tipicamente masculinos na nossa cultura. Simpatizamos com as teorias que sustentam a hipótese da masculinidade como uma construção e não como algo dado, pré-determinado.

Procuramos, então, na telenovela e nas demais manifestações discursivas observar e descrever as experiências, os conflitos, os comportamentos, modos de pensar e sentir que se apresentam atualmente nas representações das vivências da masculinidade. Procuramos tanto os padrões socialmente aceitos, os parcialmente aceitos e os rejeitados. Depois de observar e descrever as representações buscamos refletir sobre o homem atual representado na telenovela: ao representar a masculinidade ela contribui para a resolução, entendimento e elaboração dos conflitos que se propõe discutir? Os conflitos que ela discute são os mesmos que encontramos no ambiente social? Ela cala sobre algum aspecto da masculinidade? Como o machismo se faz presente na telenovela? Como ela descreve e trabalha a condição masculina? E a condição masculina em relação à feminina?

Nossa hipótese é a de que podemos ver na telenovela o que é (e como é) ser homem no Brasil do início do século XXI, pelo menos dos grandes centros urbanos, e o que se espera desses homens. Nesse espaço acreditamos poder observar o que está legitimado e o que está em processo de legitimação enquanto experiência e comportamentos válidos para a vivência da masculinidade de nosso ambiente sociocultural na atualidade. A nossa hipótese é a de que a telenovela registra e modeliza as possíveis transformações e crises existentes no universo masculino, interagindo com o ambiente social e com as subjetividades de modo a criar condições para a formulação de novas propostas de explorações para as vivências da masculinidade.

Buscamos observar o *sistema sexo/gênero* vigente hoje manifesto nos diversos níveis do ambiente social em diálogo com as imagens da masculinidade na telenovela. As palavras mais recorrentes nas definições para a masculinidade são: a masculinidade é uma *experiência*, uma *vivência*, um *aprendizado*, uma *condição natural-biológica*, uma *construção social*, um *lugar simbólico*, um *lugar imaginário*. A masculinidade se exerce através de pensamentos, comportamentos e sentimentos. Há diversas práticas – variáveis de cultura para cultura, épocas, classe social, faixa etária, valores referenciais, entre outros – que se inscrevem no âmbito do exercício da masculinidade. O *machismo*, por exemplo, aparece como um valor negativo, como a exacerbação de alguns traços da masculinidade que objetiva o domínio do homem sobre a mulher, de alguns homens sobre outros homens. É um conjunto de crenças, sentimentos e condutas que ao definir o que seja ser homem impõe a ele que seja superior e exerça domínio. Nesse contexto a violência aparece como uma forma de manter e assegurar a suposta superioridade e domínio.

Em resumo, os objetivos principais desta pesquisa são os de perceber como se constroem os sentidos da masculinidade na telenovela em diálogo com outras manifestações discursivas do ambiente social brasileiro e de contribuir para os estudos de comunicação de forma a consolidar um percurso metodológico que permita observar o fenômeno da articulação de sentidos entre a telenovela e o ambiente sociocultural brasileiro, a partir da investigação dos diversos fatores envolvidos no processo comunicacional. Será preciso, para tanto, pensar o processo de comunicação e construir uma trajetória que não se detenha apenas no pólo da produção, ou da recepção, mas no espaço discursivo que se forma entre eles e que dá sentido às transformações das experiências cotidianas, práticas sociais e à formulação de novas imagens e consensos que orientam as mudanças socioculturais.

1. Metodologia

1. 1. A construção teórica do objeto Telenovela

Para entender o forte laço de afinidade entre a telenovela e sua audiência, o foco de observação se coloca sobre as experiências cotidianas que são desenhadas a partir do diálogo entre ficção e realidade, da interação entre as manifestações discursivas dos

cotidianos ficcional e factual. Sem reduzir um cotidiano ao outro, mas procurando a cumplicidade existente entre eles e aquilo que se retém e se modifica em ambos, é possível explorar a relação entre telenovela e sociedade: “investigar o cotidiano na telenovela nos permitiu identificar um modo fundamental de relação que ela mantém com a sociedade. Pudemos, a partir dessa categoria, entender melhor como se atenuam e se intensificam os diálogos que se processam entre ficção e realidade”. (MOTTER: 2000-01: 75).

Para observar a telenovela, ou melhor, o cotidiano ficcional, recorre-se à observação dos elementos necessários para a sua construção e composição – o texto, os diálogos, a direção, a atuação, os cenários, figurinos, iluminação, tomadas de câmera, cortes de edição, sonorização, entre outros -, bem como da produção de sentido que emerge da combinação entre esses elementos.

De acordo com Lotman (1996), nenhum texto⁵ pode ser lido através de apenas uma única linguagem, pois é a heterogeneidade semiótica que o compõe, ou seja, o jogo de sentido surge entre o texto e seu ordenamento estrutural que é necessariamente formado pela diversidade de gêneros e sistemas semióticos em suas relações de deslocamento e interação. Se as linguagens forem tomadas em separado, perdem-se as possibilidades de sentido que um texto produz. Para Lotman: “El texto es un espacio semiótico en el que interactúan, se interfieren y se autoorganizan jerárquicamente los lenguajes”. (LOTMAN, 1996: 105).⁶

Entretanto, a simples observação dos signos, códigos e gêneros que compõem a telenovela não bastam ainda para explorar a multiplicidade de sentidos que aí se produzem. Para entendê-la como um *texto da cultura* (Lotman, 1983-84) e como um *gênero do discurso* (Bakhtin) é preciso também considerar que o processo de semiose não está fechado em si, pois os sentidos de uma enunciação dependem do lugar que ela ocupa no diálogo com a cultura, com o todo do espaço semiótico que a envolve: a semiosfera⁷. Ou, nas palavras de Bakhtin, um enunciado concreto é “um elo na corrente

⁵ É importante lembrar que o conceito de texto, conforme proposto por Lotman, deve ser entendido em sentido amplo e nunca reduzido ao material verbal já que ele sempre se compõe de, no mínimo, dois códigos semióticos.

⁶ Trad.: O texto é um espaço semiótico no qual interagem, se interferem e auto-organizam hierarquicamente as linguagens.

⁷ A semiosfera é um conceito criado por Lotman em analogia ao conceito de *biosfera*, formulado pelo biólogo Vernadski. Ela pretende representar o *continuum* do espaço semiótico no qual ocorre a permanente interação entre os diferentes textos e linguagens. Fora dela seria impossível a existência da semiose. Desse modo ela passa a ser o ponto de partida para a investigação da produção de sentido já que qualquer ato sótico só terá “realidade” no contexto do universo semiótico chamado semiosfera. Falaremos do assunto no primeiro capítulo.

complexamente organizada de outros enunciados (...) e não pode ser separado dos elos precedentes que o determinam tanto de fora quanto de dentro, gerando nele atitudes responsivas diretas e ressonâncias dialógicas”. (BAKHTIN, 2003: 300).⁸

Quando integrado à cultura, o texto passa a assumir outra função que não a simples transmissão de mensagens e informações: a geração de novos sentidos. Por ser um elo numa cadeia ininterrupta, carrega em si a memória de outros textos da cultura, supõe complexas relações não apenas com seus leitores, mas também com o contexto cultural em que está inserido, produzindo novas mensagens nas relações que estabelece. Dada a complexidade da função sociocomunicativa do texto, Lotman (1983-84) propõe pensá-lo a partir de processos de negociação (pactos) que se estabelecem entre: destinatador e destinatário; auditório e tradição cultural; o leitor consigo mesmo; leitor e texto; texto e contexto cultural; texto e metatexto.

Portanto, o texto não pode ser visto apenas como a realização de uma mensagem numa língua qualquer, mas como um complexo *dispositivo pensante* (Lotman), que guarda variados códigos e é capaz de transformar as mensagens recebidas e de gerar novas mensagens.

Portanto, faz-se necessária também, para o estudo da produção de sentido, a observação do ambiente e do horizonte social de uma enunciação, bem como dos pactos implicados na relação entre texto e cultura. Bakhtin (1992) identifica duas principais instâncias discursivas que se mantêm em diálogo no ambiente social: a da *ideologia do cotidiano* – em seus níveis superiores e inferiores – e a dos *sistemas ideológicos constituídos*, esfera do *discurso oficial*. De acordo com Motter (2000-01) podemos localizar a telenovela no que Bakhtin chama de *níveis superiores da ideologia do cotidiano* e considerá-la como um lugar de memória coletiva.

A telenovela, por disponibilizar um material audiovisual, estar marcada pelo cotidiano do momento presente, inserir temas e acontecimentos da atualidade em suas tramas, trabalhar com as diferentes manifestações discursivas do ambiente social de modo a compartilhar referenciais com seus interlocutores, entre outros aspectos, forma vínculos com a história e a memória brasileiras:

⁸ A atitude responsiva, falaremos dela no capítulo um, está pressuposta pela alternância dos sujeitos no diálogo, é a fase inicial e preparatória da resposta ao enunciado, pois, o processo de audição, recepção, não é passivo, mas ativo: enquanto se ouve formulam-se enunciados para a compreensão, concordância, discordância, complementação, etc. do enunciado ouvido. Também falaremos disso no primeiro capítulo.

Pode-se observar que ela fala predominantemente do presente do qual incorpora o cotidiano nos seus múltiplos aspectos: modos de viver, de pensar, sofrer e conviver com a realidade em transformação (...) ela fala sobre hábitos, costumes, preocupações que perpassam a vida cotidiana de um momento que ela seleciona e fixa como ambiente sociocultural para estruturar uma história. Ela mesma tecida de acontecimentos em sintonia com a realidade social, seus problemas, refletidos nos conflitos vividos no âmbito do privado, do individual das personagens. (Motter, 2000-01: 78-79).

O entendimento da ficção como um texto da cultura pressupõe o estudo desses vínculos. Também segundo Lotman (1996) não é possível estudar textos sem considerar o papel ativo da memória para o desenvolvimento da cultura e seus processos de produção de sentido. Ainda que existam certas nuances que particularizam o conceito de memória presente em Lotman, podem-se encontrar inúmeras convergências entre seu pensamento e os estudos desenvolvidos por Halbwachs (1990) e Le Goff (1990). Não se pode esquecer que, para esses autores, a história e a memória também são modos de narrar. No trecho acima citado podemos vislumbrar um pouco da trama complexa que se forma no tecido dos textos da cultura. Segundo Lotman (1984), a relação hierárquica entre “textos nos textos” forma complexas entreteceduras e, a partir desse aspecto já presente na etimologia da palavra texto, se pode devolver a ele seu significado inicial. Não há como estudá-los sem levar em conta as entreteceduras.

Desse modo, a construção teórica do objeto se dará a partir das seguintes diretrizes principais:

1. A telenovela será estudada como uma *enunciação* (BAKHTIN, 2003) dentre tantas outras que povoam a nossa realidade. A ficção pode ser vista como um enunciado concreto, portanto constituída e constituinte da realidade social.
2. A telenovela será entendida como um *gênero do discurso* (BAKHTIN, 2003), pois, por ser uma unidade real da comunicação discursiva, apresenta-se como um tipo estável de enunciado, ou como uma forma típica de enunciado. De acordo com Motter “a telenovela constitui um gênero amplo, abrangente, sob o qual subclasses de gênero se abrigam e se multiplicam nas combinatórias possíveis autorizadas pelo cruzamento de tendências, traços, marcas e influências diversas”. (MOTTER, 2000-01:75).

3. Por ser um elo na cadeia discursiva, além de transmitir significado, contribui para gerar novos sentidos; é entendida, então, como um *texto da cultura* (LOTMAN, 1983-84) que carrega memória e história enquanto gênero discursivo e enquanto documento que registra e *modeliza* as transformações socioculturais.
4. Como um texto, a telenovela participa da *semiosfera* (LOTMAN, 1996) e está marcada pelo hibridismo, já que se compõe a partir da interação entre diferentes códigos semióticos.
5. É uma enunciação dos *níveis superiores da ideologia do cotidiano* (BAKHTIN, 1992) que se mantém em diálogo com os *níveis inferiores, os sistemas constituídos da ideologia oficial* e com os indivíduos que fazem parte desse ambiente social.
6. Propomos que a teledramaturgia seja estudada como *sistema de modelização secundária* (LOTMAN, 1978).

Nossa intenção, portanto, é acompanhar uma fração do diálogo social observado a partir da telenovela, mais especificamente das imagens sobre a masculinidade veiculadas pela telenovela do horário nobre da Rede Globo de Televisão. Para acompanhar esse diálogo precisamos então do auxílio e da combinação de diferentes teorias e métodos. Se a telenovela brasileira, ao longo de sua existência, foi se fortalecendo enquanto produto de comunicação de massa na medida em que foi construindo vínculos com a história e a memória do país, com a economia, a política, com a cultura e as práticas socioculturais brasileiras, com a experiência cotidiana nas esferas pública e privada, com a vida de cada um de seus espectadores, com o imaginário de nossa época, enfim, para estudá-la é preciso considerar todas essas vinculações que, de diferentes modos, se fazem presentes nas tramas ficcionais e se tornam visíveis e concretas nos *textos* construídos. É através, então, dessas marcas que observamos que tentaremos sublinhar e tornar mais evidentes tais vinculações e diálogos mantidos com a telenovela. Nosso ponto de partida passa a ser, portanto, os estudos de linguagem e a semiótica para que possamos articular as reflexões teóricas a partir da observação

Observar a telenovela é saber ler um produto audiovisual e saber ler é poder decodificar mensagens. Estamos falando, portanto, dos referenciais teóricos e dos conceitos que nos ajudarão a fazer a “primeira” leitura (descrição) de nosso objeto. Conceitos como *linguagem, signo, enunciação e enunciado, gênero discursivo, polifonia, texto,*

semiosfera, *memória textual*, *estilo*, entre outros, foram estudados conforme propostos por Mikhail Bakhtin e Yuri Lotman. Esse estudo nos ajuda a compreender melhor o processo de comunicação – os diálogos – entre telenovela e sociedade.

Assim, esta tese é um estudo de comunicação não só porque se dedica a um fenômeno de comunicação de massa, mas porque procura acompanhar o processo de comunicação do qual esse objeto participa e como ele opera essa participação.

1.2. O objeto dentro do objeto: a masculinidade

A masculinidade acha-se presente nas vivências de cada homem, sem distinção, e até mesmo antes de outros fatores como lugar de origem, religião, profissão, pertença a grupos distintos, etc. As crianças, desde os seus primeiros dias de vida, são orientadas e direcionadas para a escolha e o gosto de tudo aquilo que é típico de seu sexo de nascimento. Os ambientes, as roupas, objetos, brinquedos e brincadeiras, o linguajar, o comportamento, enfim, as nossas práticas e experiências estão impregnadas dos signos e símbolos que caracterizam o masculino e o feminino.

Guiamos-nos pelos estudos de gênero, que partem do pressuposto de que o gênero é uma dimensão constitutiva das subjetividades, das relações sociais e culturais. Não há dúvidas de que muito da cultura se organiza conforme a divisão de tarefas entre os sexos, ainda que esses papéis variem de cultura para cultura, de época para época. Costuma-se então falar num *sistema de sexo/gênero* e observá-lo através das dinâmicas de relações a partir das quais são geradas condições de vida diversas para homens e mulheres. Esse *sistema de sexo/gênero* é o conjunto de práticas, símbolos, representações, normas, regras e valores sociais, elaborados a partir da diferença de sexo. Nessa trama social adquirem sentido, por exemplo, as práticas reprodutivas da espécie humana, a satisfação dos impulsos sexuais, as relações entre os homens, entre as mulheres, e entre ambos, os espaços próprios de cada um, os atributos adequados às posições (e aos lugares) sociais que ocupam, as normas e códigos de conduta, o estabelecimento de hierarquias, privilégios e sanções, e até mesmo a distribuição de recursos nas esferas de poder. Assim se estabelecem também as relações de dominação e subordinação; a desigualdade entre os gêneros; os processos conscientes e inconscientes de orientação

sexual e identidade de gênero, de construção dos corpos de homens e mulheres, a organização do trabalho, a definição de uma agenda pública.

São complexas articulações que se formam com os outros sistemas sociais, com processos individuais, institucionais, macro e micro sociais, culturais e econômicos. Além disso, vivemos um momento de transformações intensas em todas as esferas. A vida cotidiana está diretamente afetada por essa trama que se tece: as agendas dos meios de comunicação, a grade de programação, as leis em debate, empreendimentos comerciais, publicações de livros e revistas, etc.

Vivemos um processo, desde o início do século XX, em que as formas de estruturar a vida entre homens e mulheres estão em transformação. Confundem-se os papéis entre homens e mulheres, transformam-se os padrões.

As transformações em curso na sociedade contemporânea abalaram uma série de certezas que sustentava os fundamentos de vários aspectos da moderna civilização ocidental (...). Crise das instituições e das identidades, consumismo desvairado, descontentamentos existenciais, tudo isso constitui, ao mesmo tempo, causas e conseqüências das mudanças na estrutura da sociabilidade contemporânea. Mudanças que continuam a suscitar uma série de questionamentos referentes às antigas formas de pensar, de ser e perceber, dentre as quais aquelas que orienta(va?)m a subjetivação dos agentes masculinos em relação às prescrições tradicionais de gênero, bem como a posição de dominação e hegemonia de um gênero sobre outro. (OLIVEIRA, 2004: 139).

Fatores como o feminismo, a Aids, o movimento gay, as novas formas de sociabilidade, entre outros, contribuíram para o surgimento do estereótipo de um “novo homem”. Tais acontecimentos e movimentos questionam, há décadas, a legitimidade da dominação masculina, a naturalidade com que ela tem sido concebida e praticada. Não obstante, pode-se dizer que o homem ainda se beneficia de privilégios na sociedade contemporânea. Para Bourdieu (2007) há, no senso comum, um discurso que legitima a prática da supremacia masculina.

Nesse sentido, cabe a pergunta: existe mesmo uma crise da masculinidade ou é apenas o ideal hegemônico da masculinidade que está abalado?

Goldenberg (2003), que realizou uma pesquisa com cerca de 1300 homens e mulheres entre 20 e 50 anos, investigando a representação do gênero na mídia, afirma que a maioria dos entrevistados se percebem à margem de um ideal de masculinidade. Para a autora, a coexistência do modelo tradicional e das novas representações provoca

uma confusão e deixa a impressão de que haveria uma crise de identidade masculina: “Penso, então, que quando se fala em crise estamos falando não em crise de homens e mulheres, mas de um modelo que não corresponde mais ao comportamento e desejos de homens e mulheres”. (GOLDENBERG, 2003: 175).

Talvez não seja tão apropriado falar em crise, mas sem dúvida que é um momento de transição e uma “nova ordem” ainda não está instaurada.

As intensas transformações afetaram profundamente o modo de constituição das identidades femininas e masculinas, não só no espaço da intimidade, mas na vida social cotidiana de modo a colocar em pauta o questionamento de padrões, mandatos sociais, enfim, o que se espera de homens e mulheres.

Enfim, pensar a questão da masculinidade impõe diversos desafios. Em primeiro lugar porque não há um consenso sobre a questão. Em segundo, porque ela é pouco estudada e debatida; há um certo silêncio que parece começar a romper-se, mas ainda o senso comum e o pensamento acadêmico privilegiam o foco no feminino e, mais recentemente, na homossexualidade⁹. Trata-se, ainda, de pensar uma categoria abstrata que se pode dizer “imaginada”, mas que de alguma forma interfere no comportamento e nas experiências de homens e mulheres; desse modo, para estudá-la, faz-se necessária a investigação da articulação entre subjetividade e cultura.

1.3. Hipóteses

A partir do exposto acima, cabe perguntar: há um declínio, uma crise da masculinidade? Há um ideal hegemônico hoje colocado para o ambiente social? Todas essas mudanças ocasionam crises existenciais? Tornam menos rígidas as prescrições para o gênero? Paira um sentimento de inadequação pela tensão que se forma entre antigas prescrições e novas demandas sociais? Há uma erosão do ideal moderno de masculinidade ou da própria masculinidade? Há, hoje, um ideal diferenciado para os segmentos

⁹ Apenas como exemplo, desconheço um estudo sobre telenovela que focalize a masculinidade, bem como não encontrei nenhuma disciplina na Faculdade de Psicologia da USP, para cursar durante o doutorado, que abordasse a questão, ainda que fosse um tópico dentro do conteúdo programático; há diversas possibilidades para matricular-se em turmas que estudam o feminino, a mulher, a sexualidade feminina e as questões de orientação homossexual, mas nenhuma que se dedique ao gênero ou sexualidade masculina.

das classes populares, médias ou estratos altos da sociedade? Há uma disputa acerca da representação, *modelização* legítima da masculinidade?

E como a telenovela *reflete e refrata* (Bakhtin) esse processo? Como estão nela construídos os sentidos e as vivências interacionais da masculinidade e o que ela propõe aos seus telespectadores? Há a prevalência de um ideal hegemônico ou ela trabalha a favor da diversidade? Ela propõe um ideal conservador? Há um tipo ideal predominante? Trabalha com o hegemônico ou o polifônico? Ela se dirige aos olhos femininos ou masculinos? Se o feminismo concorre pela legitimidade da representação do masculino, a telenovela divulgaria como ideal aquele que as mulheres têm dos homens e tentariam, através da ficção, introduzi-lo como mais legítimo na sociedade? Trabalhando assim, ela trabalha em favor de um ou outro gênero?

A telenovela pode, através de suas narrativas e personagens, trabalhar na indicação de comportamentos e vivências a serem reproduzidas e outras a serem excluídas. Ela pode ser uma das referências sociais que ajudam a legitimar um modelo a ser buscado. A nossa hipótese é a de que a telenovela registra, modeliza e expressa as possíveis transformações e crises existentes no universo masculino, interagindo com o ambiente social e com as subjetividades de modo a criar condições para a formulação de novas propostas de explorações para as vivências da masculinidade.

1.4. Objetivos

O objetivo geral desta pesquisa é o de perceber como se constroem e produzem os sentidos da masculinidade na telenovela, através da observação do diálogo que se estabelece entre a ficção, as diversas esferas de manifestação discursiva do ambiente social e as subjetividades, avaliando as possíveis contribuições da ficção televisiva para o processo de construção/ reconstrução da imagem do homem brasileiro no plano do senso comum em nossa sociedade.

No plano teórico, pretende-se contribuir para os estudos de comunicação de forma a consolidar um percurso metodológico que permita observar o fenômeno da interação / articulação entre meios, sociedade, audiência e subjetividades, a partir dos diversos aspectos envolvidos no processo comunicacional que é dialógico por natureza.

Assim, será preciso consolidar um percurso metodológico que não se detenha apenas no pólo da produção, ou da recepção, ou ainda na análise discursiva do objeto, mas no espaço discursivo, semiótico, que se forma entre os interlocutores e que dá forma às transformações das experiências cotidianas, práticas sociais, aos consensos e à formulação de novas propostas para as mudanças socioculturais.

Desse modo, para cumprir estes objetivos, foram definidos os seguintes objetivos específicos:

Teóricos

1. Com base nos conceitos e categorias propostos por Bakhtin e Lotman, construir teoricamente nosso objeto telenovela, conforme explicitamos anteriormente, de modo que tenhamos condições de observar a complexidade fenômeno da interação entre telenovela, audiência e demais discursos da sociedade brasileira.
2. Que esse percurso de investigação construído através da articulação de diferentes procedimentos metodológicos, possa servir de referência para o estudo da ficção televisiva e outras produções de mídia e imprensa.

Empíricos

1. Recuperar, num breve momento histórico, aspectos importantes da construção social da masculinidade na sociedade e nas telenovelas brasileiras, através do estudo de algumas cenas da telenovela *Beto Rockefeller* (Bráulio Pedroso, TV TUPI, 1968-69) e seu protagonista. Encontramos ainda um homem que assistiu a essa telenovela e o entrevistamos.
2. Examinar e analisar o tema da masculinidade na telenovela selecionada, *A Favorita*, através da observação da construção de personagens e trajetórias narrativas.
3. Identificar os modos de presença da imagem do homem e do ideal de masculinidade em diversas manifestações discursivas do ambiente social (ideologia do cotidiano, esfera oficial e depoimentos individuais).
4. Examinar o diálogo mantido entre a ficção e o ambiente social.
5. Avaliar os sentidos de masculinidade que a telenovela produz; a masculinidade que ela modeliza e as suas contribuições para nossa sociedade.

1.5. Procedimentos metodológicos

De acordo com a metodologia utilizada por Motter (2003), o ponto de partida do percurso metodológico é o que a autora chamou de *ingenuidade consentida*, que consiste em pensar, sentir, ver a telenovela pela perspectiva do *telespectador-observador*, como num processo de pesquisa da observação participante. Evitar o pré-construído, é adotar um olhar não viciado sobre o objeto. Assim, para fazer, por exemplo, a pesquisa da masculinidade, foi preciso partir do “zero”. O fato da pesquisadora desta tese ser mulher, nesse caso, conta a favor, já que as experiências pessoais não estão no jogo da conquista da masculinidade, ou influenciadas por alguma vivência subjetiva. A ingenuidade consentida é esse distanciamento em relação ao objeto, que nos permite fazer uma análise comprometida apenas com o saber científico. Essa foi a perspectiva que orientou também a pesquisa do ambiente, horizonte e auditório social, e análise.

Para atingir os objetivos propostos fizemos uma combinação de métodos e procedimentos como pesquisa histórica, bibliográfica e análise qualitativa. Dividimos o trabalho em cinco etapas gerais e iniciais, deixando para explicitar em cada capítulo a formulação exata das operações metodológicas e técnicas, conforme o andamento da construção teórica e empírica do nosso objeto, pois “o exercício da vigilância epistemológica subordina (...) a utilização das técnicas e conceitos a uma interrogação sobre as condições e limites de sua validade (...), toda operação, por mais rotineira ou rotinizada que seja, deve ser repensada, tanto em si mesma quanto em função do caso particular”. (BOURDIEU, 1999: 14).

É importante dizer que o cumprimento dessas fases não se deu de forma linear, mas concomitante. Entretanto, para chegar à escolha d’ *A Favorita* para ser a telenovela estudada, tivemos que cumprir a maior parte das fases 1 e 4.

1.5.1. Pesquisa e estudo da bibliografia: esta fase nos permitiu adotar os subsídios necessários à construção teórica e empírica do objeto telenovela e para conhecimento dos estudos de gênero.

1.5.2. Seleção da amostra: rastreamento do tema na telenovela e seleção das obra para estudo: A escolha da pesquisa diacrônica no mestrado nos deu maior segurança para afirmar que a telenovela participa não apenas das agendas globais, nacionais e locais, como também participa dos debates públicos que formulam e definem os consensos

que permitem criar novas regras, valores, rumos, enfim, que portam as transformações sociais. Então vimos, para o caso do transplante de órgãos e partes do corpo humano e para o caso da dependência química, os diferentes papéis e funções que a telenovela, enquanto produto de comunicação de massa, exerceu em nossa sociedade, apesar mesmo de que seu maior compromisso seja com o entretenimento. Optamos, nesta tese, por fazer um estudo sincrônico, não apenas pela facilidade de obtenção do material para pesquisa (gravação da telenovela, clipping sobre a telenovela, *clipping* sobre masculinidade), mas também, no caso d' *A Favorita*, por ser a primeira telenovela de João Emanuel Carneiro, já que estudar outra telenovela, de outro autor, implicaria necessariamente no resgate de imagens anteriores de masculinidade no perfil do horário nobre.

Permitimos-nos um estudo de caso neste momento, mas guardamos para o futuro um estudo direcionado para a obra de um(a) autor(a) específico(a). Dessa forma, acreditamos que, ainda que este estudo seja feito principalmente a partir de uma telenovela, todas elas, de alguma forma, compõem juntas um posicionamento quanto à questão da construção da masculinidade. Conforme veremos.

1.5.3. Detalhamento, descrição e interpretação das informações da ficção: para a observação da construção dos enunciados recorreremos à pesquisa de produção de sentido:

1.5.3.1. Da narrativa e trajetória de alguns personagens, elegendo algumas cenas para observar os signos utilizados bem como a interação dos sistemas semióticos que compõem o todo do enunciado (texto-atuação, figurino, iluminação, tomadas de câmera, cenário, músicas, etc.);

1.5.3.2. A partir da análise descritiva, esboçar interpretação de quais os sentidos são propostos pelos enunciados, articulando-os com a pesquisa no ambiente social.

1.5.3.3. Pesquisa no ambiente social: observaremos as manifestações discursivas não-ficcionais sobre a questão da masculinidade. Conforme as instâncias enunciativas identificadas por Bakhtin, estudaremos as manifestações discursivas da ideologia oficial e da ideologia do cotidiano em seus níveis superiores e inferiores. Pretendemos, ainda,

incluir manifestações discursivas subjetivas através de depoimentos concedidos por homens e mulheres. Para dizer a verdade, são incontáveis as situações, durante os 4 anos do doutorado, em que encontramos filmes, artigos, comerciais, livros, outros programas de televisão, situações e conversas cotidianas, que nos acrescentavam informações ou pontos de vista sobre a questão de gênero. Infelizmente não é possível registrar tudo, é necessário fazer uma seleção. Foi o que tentamos fazer.

Os livros de auto-ajuda e as revistas masculinas e femininas expressam bem quais são os anseios, as inquietações, as dificuldades, os conflitos, bem como oferecem dicas e soluções: todas elas conformam um tipo de resolução prescritiva que nos indica os traços socialmente aceitos para o exercício da masculinidade contemporânea. Se os conflitos advêm da discordância entre o que o agente acredita ser a ação correta a tomar e o que o agente deseja/ quer escolher como ação, então, basta uma pequena justificativa “os homens nasceram assim, por isso são assim mesmo” para que o conflito se dissolva, pelo menos temporariamente. Independentemente de uma discussão que poderíamos fazer sobre o papel e os efeitos desse tipo de literatura, acreditamos que por serem expressão de um senso comum eles ilustram bem os códigos, as práticas e prescrições de comportamento atuais. As revistas, além de oferecerem conselhos para os problemas cotidianos, estampam os modelos de corpos e de exercícios da sexualidade a serem aspirados e perseguidos.

1.5.3.5. A análise: confrontar as análises descritivas e interpretativas dos objetos a fim de perceber, nas fronteiras, sua interação discursiva nessa *semiosfera*. Perceber os sentidos sociais construídos da masculinidade e sua *modelização* na telenovela; perceber o diálogo entre as diferentes visões do assunto e avaliar de que modo a telenovela se propõe contribuir com o processo de construção/reconstrução da imagem e das experiências do homem brasileiro em nossa sociedade atual. Portanto, a análise será feita de forma a confrontar a construção teórica e empírica do objeto.

No primeiro capítulo vamos explicitar a construção teórica de nosso objeto *Telenovela Brasileira*, de acordo com os estudos de linguagem e semiótica de Bakhtin e Lotman; e com os estudos de telenovela realizados por Motter e Jakubaszko.

Queremos entender a telenovela com um texto da cultura, enunciação, gênero do discurso e manifestação discursiva dos níveis superiores do cotidiano. Da telenovela também buscamos saber as formas de inserção do real na ficção.

No segundo capítulo faremos uma análise da telenovela *A Favorita*, de acordo com o estudado no capítulo um.

O terceiro capítulo apresenta o repertório de textos sobre masculinidade e gênero encontrados no ambiente social da ideologia do cotidiano.

O quarto capítulo apresenta o repertório dos textos sobre masculinidade e gênero encontrados na esfera do discurso oficial, tais como leis, políticas públicas e estudos acadêmicos de gênero.

O capítulo cinco é a análise que confronta a pesquisa do ambiente social com a pesquisa da ficção. Veremos os personagens masculinos d'*A Favorita*, e saberemos o que eles revelam sobre a masculinidade em nossa cultura atual.

Por fim, nas considerações finais, tentaremos fechar nossa argumentação de modo a comprovar as nossas hipóteses.

Ao fim de cada capítulo incluí a lista com as referências bibliográficas, para facilitar a busca do leitor. Alguns títulos vão se repetir em mais de um capítulo, mas, no final, colocamos a bibliografia completa, sem repetições.

Uma observação importante é que não fiz a revisão de texto conforme as novas regras gramaticais da língua portuguesa; isso se deve menos ao trabalho que daria alterar uma parte deste texto que é anterior à nova determinação, e mais por tentar com isso fazer um tipo de protesto, ainda que solitário, pouco barulhento e provavelmente sem nenhuma repercussão. Por fim, peço licença ao leitor, por fazer surgir, em alguns momentos, um tom mais coloquial, ou um comentário irônico aqui e ali, é que a seriedade, ou empáfia, do discurso acadêmico pode ser menos rígida quando se adota um tom ensaístico em algumas passagens, necessárias do meu ponto de vista.

1.6. Referências bibliográficas da introdução

- BAKHTIN, Mikhail. (1992). **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec: 1992.
- _____. (2003). **Estética da criação verbal**. (trad. Paulo Bezerra) São Paulo: Martins Fontes, 2006, pp.261-306.
- BOURDIEU, Pierre. (1999). **A profissão de sociólogo**. Preliminares epistemológicas. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- _____. (2007). **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- GOLDENBERG, M. (2003). A crise da masculinidade na mídia. In: TRAVANCAS, I. et FARIAS, P. (org.) (2003). **Antropologia e comunicação**. Rio de Janeiro: Garamond, 2003.
- HALBWACHS, M. (1990). **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
- JAKUBASZKO, Daniela. (2004). **Telenovela e experiência cotidiana: interação social e mudança**. Dissertação de Mestrado em Ciências da Comunicação apresentada à Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, ECA-USP, São Paulo, 2004. 203p.
- JAKUBASZKO, D. (2000). **Os Ciganos de Explode Coração: uma descrição comentada da construção ficcional de um grupo cigano**. São Paulo, relatório final entregue à FAPESP, mai/2000.
- LE GOFF, J. (1990) **História e Memória**. São Paulo: Unicamp, 1990.
- LOTMAN, Y. (1984) El texto em el texto. In: **Critérios**. Estudos de teoria literária, estética y culturologia, Habana, Cuba: Casa de las Américas, nº 5-12, p. 99-116, jan. 1983/ dez. 1984.
- _____. (1978). **A estrutura do texto artístico**. Editorial Estampa: Lisboa, 1978.
- _____. (1996). **La semiosfera 1: semiótica de la cultura y del texto**. Edición de Desiderio Navarro. Frónesis, Cátedra, Universitat de València, 1996.
- MOTTER, M.L. (2000-2001). A Telenovela: Documento Histórico e Lugar de Memória. **RevistaUsp**, São Paulo: USP, CCS, nº 48, p.74-87, dez/ jan/ fev. 2000-2001.
- _____. (2003). **Ficção e realidade: a construção do cotidiano na telenovela**. São Paulo: Alexa Cultural, Comunicação & Cultura, 2003.
- OLIVEIRA, Pedro Paulo de. (2004). **A construção social da masculinidade**. Belo Horizonte- Rio de Janeiro: Editora UFMG e IUPERJ, 2004.
- WAAL, Frans de. (2007). **Eu, Primata**. Por que somos como somos. São Paulo: Companhia das letras, 2007.

Capítulo I

A telenovela brasileira como objeto de estudo

1.1. A telenovela brasileira como crônica do cotidiano

Com origens que remontam às narrativas orais, ao folhetim e às novelas radiofônicas, a telenovela brasileira participa dos 50 anos de televisão no Brasil como um produto de *griffe*, requintado, glamoroso, e sem similares no gênero. Modelo para outros países, mantém sua identidade singular, atravessa fronteiras geográficas e ideológicas, sendo consumida no mundo todo. Como produto de exportação ela gera negócios. Como produto cultural, ela gera um conhecimento sobre o Brasil. Ficcional é verdade, mas ainda assim, com frequência, única fonte de informação sobre nós para comunidades de culturas tão distantes e pouco aparentadas com a nossa. (MOTTER)

O primeiro esclarecimento a ser feito refere-se à expressão ‘telenovela brasileira’. Desde que comecei a entender a telenovela como objeto de estudo aprendi a diferenciar ‘telenovela brasileira’ das telenovelas produzidas em outros países e exibidas no Brasil como as mexicanas, por exemplo.

E como se pode diferenciá-las? E por que são tão diferentes? São diversas as peculiaridades do fazer brasileiro: iluminação, roteiro, cenários, fotografia, direção, enfim, todos os detalhes técnicos e de produção, mas não só, inclui-se, sobretudo, o diferencial que é a relação que nossa telenovela construiu ao longo de sua trajetória com a realidade de seu entorno, produzindo inúmeros matizes de sentido e podendo ser considerada como “crônica do cotidiano” conforme proposto por Motter (2000) quando escreve sobre a telenovela como um fazer brasileiro. A autora propõe, ainda, uma *dimensão social* (logos pedagógico) para a telenovela brasileira, que não desenvolve apenas uma dimensão melodramática (poética), como é comum (MOTTER e JAKUBASZKO, 2007). Como a roteirização da telenovela se desenvolve em uma trama central e outras paralelas, secundárias, “a telenovela abre espaço para priorizar e hierarquizar questões que superam o fio melodramático, a trama amorosa, e incorporam problemas da vida cotidiana do telespectador e, por extensão, da sociedade” (MOTTER, 2000: 42). Aliás, essa, a grande quantidade de tramas paralelas, é uma das características do fazer brasileiro. Segundo os mexicanos, por exemplo, tanto o número de núcleos e narrativas, quanto à quantidade de tomadas externas das produções brasileiras é quase como um desperdício, já

que novela é um simples produto da indústria cultural cuja finalidade é o maior lucro possível, e não carece de qualquer aspiração cinematográfica. (MOTTER, 2003).

Claro está, portanto, que a história da telenovela vai reproduzir as contradições brasileiras, não apenas em suas narrativas, mas também em seu processo de formação enquanto produto cultural e, por que não dizer, artístico. Fazemos um parêntese para lembrar aqui, que esta vinculação entre telenovela e a nossa cultura e sociedade brasileira é uma das grandes motivações de nossa escolha da ficção televisiva como objeto de estudo. Fechado o parêntese continuamos nosso raciocínio a seguir.

No início a telenovela era apenas uma história romântica que tinha como público alvo mulheres, principalmente, as de baixa renda, angariando também os (as) radio-ouvintes de radionovelas; inclusive, grandes sucessos do rádio foram adaptados para televisão. São exemplos mais famosos *Direito de nascer* (1964, TV Tupi, adaptação de Thalma de Oliveira e Teixeira Filho) e *25499 Ocupado* (1963, TV Excelsior, Adaptação de Dulce Santucci) (ALENCAR, 2002). Com o regime militar e a censura que garantiam a sua permanência, muitos dos intelectuais de esquerda que não se exilaram encontraram algum espaço criativo na roteirização, produção, atuação e direção de telenovela e ficção televisiva. Sendo um produto menosprezado e considerado menor em termos culturais e artísticos, era menos vigiado e menos censurado, mas ainda assim não passou incólume pelo regime¹. Dias Gomes, Jorge Andrade, Mário Prata, Bráulio Pedroso, Plínio Marcos, Lauro César Muniz, Lima Duarte, Milton Gonçalves, entre outros, são grandes nomes que figuram ou figuraram, mais longamente ou rapidamente, as fichas técnicas das telenovelas. Inúmeras *brechas* permitiram o paulatino engajamento da telenovela (JAKUBASZKO, 2003 e 2008). Foram essas pessoas importantes que também ajudaram a nossa televisão a ter uma linguagem própria. E claro que, sendo o Brasil um país de forte tradição oral, a televisão conquistou quase 100% dos corações e mentes dos brasileiros².

Houve, então, um antes e um depois no modo de se fazer telenovela. A telenovela considerada grande inovadora e divisora de águas é *Beto Rockfeller*, exibida pela TV Tupi em 1968-69, auge do poder militar, escrita por Bráulio Pedroso e dirigida por Lima Duarte. De acordo com Motter, “Beto Rockfeller inaugura uma mudança na teleno-

¹ São exemplos de telenovelas censuradas: *O homem que deve morrer* (Janete Clair, Globo, 1971-72); *Meu pedacinho de chão* (Benedito Ruy Barbosa, Cultura, 1971-72); *O Bem Amado* (Dias Gomes, Globo, 1973) e *Roque Santeiro* (Dias Gomes, 1975), e só dez anos depois, em 1985-86, que ela pôde ser gravada e veiculada. Para mais exemplos ver: ISMAEL, 1997 e XAVIER, 2007.

² Já foi exaustivamente divulgado que o televisor é mais presente nos lares brasileiros do que a geladeira.

vela brasileira que vai distanciá-la, sempre mais, do modelo melodramático e maniqueísta da novela clássica” (MOTTER, 2003: 41).

Como já foi bastante difundido, *Beto* trouxe uma modernização em todos os aspectos: narrativa, diálogos, câmeras, tomadas externas, figurino, edição, iluminação, enfim, em toda a linguagem “telenovélica”, sofrendo inclusive diversas influências do cinema. E, de forma bastante explícita, a telenovela se constrói a partir dos valores da contracultura, evidenciando sua vinculação com as aspirações democráticas da época. (JAKUBASZKO, 2002).

Entretanto, a telenovela, pelo menos até pouco tempo, estava rotulada como um produto alienante, um instrumento ideológico, e, na verdade, ainda hoje é assim considerada por alguns segmentos da nossa sociedade, sobretudo porque seu desempenho e história de sucesso estão fortemente associados à história da Rede Globo, que foi a emissora a estabelecer o famoso “padrão Globo de qualidade”, mas também a ser percebida como grande apoio e braço de força da ditadura militar. Sem dúvida que ela dominou o mercado, produziu o maior número de grandes sucessos campeões de audiência de telenovelas, mas sem dúvida também que produções de outras emissoras foram tão importantes para a história da telenovela quanto às produzidas pela Globo. Lembramos, por exemplo, de *Dona Beija* (Wilson Aguiar Filho, 1986), *Pantanal* (Benedito Ruy Barbosa, 1990) e *Xica da Silva* (Adamo Rangel, 1996) da extinta Rede Manchete, e, mais recentemente, no contexto de novas produções concorrentes da Globo, as novelas da Record, Bandeirantes e SBT, além das já mencionadas antigas TV Tupi, de *Beto Rockfeller*, e TV Excelsior, pioneira na produção do gênero.

Em fins da década de 70, a emissora de Roberto Marinho passou a liderar os índices de audiência. Reinou sozinha por mais de duas décadas, e, mesmo hoje, com o aumento da concorrência, não apenas pelas telenovelas de outras emissoras, como também pela massificação da TV paga no país, conforme índices de audiência divulgados, a Globo perdeu alguns pontos de audiência, mas ainda mantém a liderança de suas telenovelas.

A história da telenovela se confunde com a própria história da expansão da Rede Globo e seu progressivo domínio e especialização na produção de telenovelas, sendo ao mesmo tempo fruto de nosso complexo contexto sociocultural e fomento para muitas das questões importantes de nosso país, chegando mesmo a participar dos diálogos

sociais que definem rumos para a nossa esfera pública e vida social. Isso sem contar a penetração na vida íntima e privada, nos domínios dos sentimentos e das emoções, que a telenovela consegue provocar.

O grande desafio tem sido compreender a telenovela como um fenômeno capaz de mobilizar milhões de telespectadores diariamente, gerar notícias para mídias especializadas e ainda para a mídia informativa – jornais diários e revistas informativas semanais de circulação nacional. Isto, não só pela existência de seções próprias e cadernos especiais, mas, sobretudo, como pauta do noticiário geral, em que a telenovela pode ser citada ou, mais que isso, sugerir temas para serem tratados como questões de interesse coletivo. Pesquisa realizada durante cinco anos em jornais e revistas demonstrou a importância da telenovela no contexto da vida nacional, bem como sua forma de interferência na realidade, posto que sua repercussão ultrapassa a audiência, indo tocar nos elementos da realidade que ela representa. A pesquisa mostra que essa interferência se dá em diferentes níveis e em graus variáveis, dependendo do autor, do tema que ele elege para sua história e de como ela se desenvolve. (MOTTER, 2000: 42).

A partir dos nossos trabalhos anteriores chegamos a essas conclusões: a telenovela brasileira tem um padrão de excelência, tem uma dimensão social e uma melo-dramática; acabou se constituindo como um importante agente social; funciona como pauta para a mídia, se expressa muitas vezes como uma crônica que faz a crítica de vários aspectos de nossa cultura. Desde suas matrizes, a sua formulação, via de regra, procura emitir diversos juízos de valores que vão na direção da verdade e da justiça, na desconstrução de estereótipos e preconceitos, ainda que algumas vezes isso possa se chocar com a opinião pública (ou pelo menos a publicada), ou que em outras vezes esse tipo de ficção deixa emergir, às vezes até de modo inconsciente, algumas limitações, contradições e ambigüidades, verdadeiros pontos cegos de nossa sociedade (ver p.ex. a representação indígena e a negra, respectivamente, em JAKUBASZKO, 2006 e COUCEIRO DE LIMA, 2001;2006-07;2007).

Desse modo, seja como elaboração das nossas inquietações, ou como “lapso” que nos mostra limites e contradições do nosso ambiente social, a telenovela *reflete e refrata* nossa sociedade, podendo, por isso, ser investigada como um lugar de memória coletiva porque registra e interpreta o nosso tempo presente, e onde já podemos encontrar, inclusive, muitos fragmentos de nosso passado. Sendo um *elo na cadeia de enunciados*, um *texto* da cultura, um sistema *modelizante* secundário,

modelizando a nossa vida cotidiana, conforme veremos ao estudar os conceitos de Bakhtin e Lotman a seguir.

E são muitos os exemplos de temas já tratados nas telenovelas de forma a apresentar uma construção tal que os colocaram na ordem do dia. São temas tanto de interesse privado quanto público, ou melhor, é quando ambos universos se encontram para compartilhar sua visão de mundo, suas práticas, suas análises e propostas sobre e para a nossa realidade. Lembramos a participação da telenovela para a transformação do papel e da imagem da mulher, contribuindo para inclusão social das mães solteiras e até para o incentivo da prática da “produção independente”; a participação no processo de aprovação do divórcio, para refletir as mudanças da família e arranjos familiares (FADUL, 2000), para representar a mulher no trabalho, para quebrar o tabu do assunto violência contra a mulher, para criticar o machismo de modo geral (mesmo assim resiste algum machismo em certos casos, como veremos mais adiante).

Estudamos, durante o mestrado, por exemplo, o tema do transplante de órgãos, tecidos e partes do corpo humano, e vimos que a telenovela, além de informar a população e divulgar o conhecimento científico no âmbito do senso comum, participou do debate que vetou a lei da doação presumida³. Também encontramos um forte diálogo entre as inovadoras representações dos dependentes químicos e as alterações de diretrizes e modos de ver e lidar da ciência, das leis e das políticas públicas sobre repressão, medicalização e prevenção do álcool e das drogas (JAKUBASZKO, 2004). São exemplos em que se encontram o público e o privado: os dramas privados que, claro, têm e sofrem impacto sobre e do espaço-tempo-sociocultural, e vice-versa. São questões típicas do nosso tempo.

Outro exemplo importante de citar é o caso da telenovela *Rei do Gado* (Benedito Ruy Barbosa, Globo, 1996-97).

Lembramos *O Rei do Gado* como exemplo máximo de interferência, quando o autor, Benedito Ruy Barbosa, elege como tema central o MST e a Reforma Agrária, gerando repercussão no Senado e no Congresso Nacional e registro da discussão entre parlamentares – nos Anais do Congresso – sobre a imagem que a telenovela projetou dos políticos quanto à falta de frequência às sessões e seu desinteresse pela questão

³ A doação presumida, aquela que o indivíduo tem que declarar o contrário “não-doador”, foi aprovada em 1997, na Lei n. 9.434/97, art.4 do capítulo II, e vetada no decreto n.2.268 de junho do mesmo ano, quando ainda estava sendo exibida a novela *A Indomada* (Aguinaldo Silva, TV Globo, de fevereiro a agosto de 1997) que abordava o tema. Cf. JAKUBASZKO, 2004.

agrária. Pesquisa para avaliar a violência, quando a telenovela estava no ar, revelou a ampla simpatia da população pelos sem-terra, pelo MST, com 88% aprovando o confisco de terras pelo governo para realização da Reforma Agrária. (MOTTER, 2000: 42).

E são diversos os exemplos, e poderíamos até agrupá-los por interesse de autor, já que cada um parece desenvolver um universo temático de preferência. Pensamos em uma tabela para exemplificar as preferências. Não pretendemos esgotar os temas e autores, nem os do horário nobre que mais nos interessa, mas propor uma pesquisa e deixar uma descrição mais detalhada para terminar futuramente e escolher um deles para estudar. De qualquer modo acreditamos que esta formulação atenda aos propósitos atuais de chamar atenção para os temas de importância social que circulam nas telenovelas brasileiras, por preferência autoral, sendo que muitos se repetem fazendo parte do leque de interesses da telenovela. Mesmo assim, cada autor terá o seu estilo próprio de modelar essas questões em suas histórias. Selecionamos o casal de roteiristas Dias Gomes e Janete Clair, cujas novelas são campeãs de audiência, e os que ultimamente mais têm escrito para o horário nobre da Globo.

Autor / autora	Temas recorrentes	Observações
Dias Gomes	Política, Coronelismo, Corrupção, Falência das instituições, Separação, Desquite/divórcio	A criatividade da obra de Dias Gomes é sempre elogiada. Ninguém mais conseguiu como ele colocar o absurdo dentro do gênero telenovela.
Janete Clair	Questões da mulher e da família, separação, desquite, corrupção, ascensão social, hipocrisia, chegou a esboçar preocupações ambientais.	Janete inovou ao mostrar um romance entre uma mulher madura e independente, com um homem mais jovem em <i>Dois Vidas</i> (Globo, 76-77)
Sílvia de Abreu	São Paulo, descendentes de imigrantes, diversidade étnica, preconceito étnico, homossexualidade, a guerra do sexo.	

Glória Perez	Contrastes culturais, avanços científicos na área de fertilização e transplante de órgãos, campanhas de interesse social, avanços técnicos e científicos em geral, sempre acompanhados de uma discussão ética, sempre desconstrói preconceitos e busca representar exemplos de dignidade. A questão do idoso é outra constante.	Às campanhas estamos nos referindo à da doação de órgão em <i>De Corpo e Alma</i> (92-93); das crianças desaparecidas em <i>Explode Coração</i> (95-96), de tratamento de reabilitação para dependentes químicos e campanha antidrogas em <i>O Clone</i> .
Aguinaldo Silva	Política, hipocrisia social, pobreza, corrupção, preconceito racial, homossexualidade, submissão feminina.	
Gilberto Braga	Política, corrupção, realidade social brasileira, preconceito racial, homossexualidade.	
Benedito Ruy Barbosa	Questões da terra, vida rural, imigração, diversidade étnica, consciência ecológica, o voto eleitoral.	<i>O Rei do Gado</i> abordou o tema da reforma agrária e representou o MST e seus líderes.
Manoel Carlos	Cotidiano carioca, educação, campanhas na área de saúde, relacionamento amoroso entre primos, violência no Rio de Janeiro, alcoolismo.	Em <i>Laços de família</i> (00-01) tematiza a leucemia e faz uma campanha para incentivar o transplante de medula óssea, em <i>Mulheres Apaixonadas</i> (2003) explorou o tema da violência contra a mulher. Destacamos o tema da síndrome de Down e o câncer de mama em <i>Páginas da vida</i> (2006-07). Em 2009-10, em <i>Viver a vida</i> , focaliza o tema da paraplegia. Em várias novelas realiza a campanha de atenção ao câncer de mama.

As questões de importância tratadas pelos autores podem receber diferentes tratamentos, mais frontais ou tangenciais. Cada abordagem receberá uma das formas possíveis de inserção da “realidade” (objetos a serem representados) na “ficção” (a representação em questão). Falaremos mais adiante sobre as diversas formas de inserção do real na ficção: entre a ficção e a realidade.

Com toda a sofisticação do padrão Globo de qualidade aliada ao cuidado dos roteiristas e seus personagens e temas eleitos, e ainda a interferência que essa manifestação discursiva ganhou em nossa sociedade, o produto telenovela tornou-se mais caro, mais rentável, um negócio melhor, e não apenas para a emissora produtora: alguns segmentos de mercado terão ótimas oportunidades de anunciar, de vender produtos colados ao sucesso das novelas.

A interação que a telenovela estabelece entre os cotidianos da ficção e da realidade constitui uma das peculiaridades da telenovela brasileira que, ao desenvolver um cotidiano em paralelo, dialoga com o real numa dinâmica em que o autor colhe, a partir de suas inquietações, aspectos da realidade a serem tematizados ou tratados como questões de importância em sua ficção. Reelaborados artisticamente e concretizados dramaturgicamente, eles retornam ao cotidiano onde os nexos para sua compreensão faltavam ou não eram percebidos na sua fragmentação. Contextualizados ou recontextualizados, eles ganham um sentido e uma dimensão na ótica do autor que propõe um encaminhamento para a discussão ou uma solução possível. Desse modo, ter bons roteiristas e produzir bem as suas histórias equivale a compartilhar com milhões de telespectadores uma experiência e um saber que se acrescentarão ou substituirão outros. A simples familiaridade do telespectador com discussões bem orientadas sobre preconceitos, drogas, alcoolismo, violência, hábitos de higiene e saúde sinaliza um avanço da telenovela e da sociedade que incorpora novos dados/ informações/ conhecimentos e/ou comportamentos. (MOTTER, 2000: 43)

Sendo assim, prosseguiremos aprofundando a investigação dessas características únicas da telenovela brasileira e seu modo de vinculação com a cultura brasileira.

1.2. O processo de comunicação por um ponto de vista dialógico: a telenovela como enunciado concreto e gênero do discurso

Ora, a língua passa a integrar a vida através de enunciados concretos (que a realizam); é igualmente através de enunciados concretos que a vida entra na língua”. (BAKHTIN)

Procuraremos, agora, utilizar como fundamento teórico alguns dos conceitos presentes em Bakhtin, ou melhor, como se convencionou chamar, no *Círculo de Bakhtin*⁴ (EMERSON, 2003; BRAIT, 2008a, 2008b, 2009), devido ao fato de que existem dúvidas quanto à autoria de algumas obras do Círculo. São eles: *enunciado*, *enunciação* e *gênero do discurso* que ajudam a explicar o processo de *comunicação*. Também serão básicas para o entendimento destes conceitos as noções de *signo*, *diálogo* e *ideologia*. Escolhemos 3 obras do Círculo de Bakhtin para esta primeira seção: *Discurso na vida e discurso na arte* de 1926 (BAKHTIN/ VOLOCHINOV, 1976), *Marxismo e filosofia da linguagem* de 1929 (BAKHTIN/ VOLOCHINOV, 1992) e *Estética da criação verbal* – coletânea de textos de diferentes datas (BAKHTIN, 2003).

Devemos esclarecer que nossa intenção não é discutir o pensamento bakhtiniano, mas, simplesmente, encontrar em alguns de seus conceitos um apoio adequado para a análise de nosso objeto de estudo. A obra do Círculo é extensa e com certeza motivo de estudo de toda uma vida acadêmica. Dessa forma, preferimos deixar conceitos como os de *polifonia* e *carnavalização* para estudar num outro momento, já que foram formulados de modo bastante específico a partir do estudo de Dostoiévski e Rabelais, respectivamente, e que diversos estudiosos recriminam seu uso indiscriminado (BRAIT, 2009). Assim, nos preocupamos em usar os conceitos relativos à compreensão do pro-

⁴ *O Círculo* teve diversos participantes, passou por diversos lugares e enfrentou os difíceis tempos e regimes autoritários da antiga União Soviética, nas “Rússias” de 1920 a 1970. Suas discussões principais giravam em torno dos estudos da linguagem, literatura e poesia. É reconhecida a enorme influência do pensamento bakhtiniano nas publicações do *Círculo*. Entre os participantes mais próximos de Bakhtin estão Volochinov e Medvedev. (BRAIT, 2009 e EMERSON, 2003). A formação de Círculos é comum ao período pós-revolução, eles são parte de um coletivo orgânico com o objetivo de mudar as condições culturais do povo: “é a partir destes desafios [reorganização do Estado e seus aparelhos] que se promove a associação coletiva entre intelectuais da época, criando-se, assim, os chamados “Círculos”, cujos objetivos consistiriam, sobretudo, em contribuir para a construção de uma sociedade mais emancipada, liberta de desigualdades sociais e alicerçada em bases marxistas da ciência.” (ZANDWAIS, 2009: 100).

cesso de comunicação e em deixar que nosso objeto se mostre, para que, a partir da sua construção, seja possível captar os seus sentidos.

Para definir o gênero polifônico do romance, e situar sua inovação ao seu alcance, Bakhtin analisa, como se observou, a obra toda de Dostoiévski. Ele não tinha um conceito *ad hoc* de polifonia para testar nos escritos de Dostoiévski. É a partir dos textos de Dostoiévski que o conceito é formulado, constituído. Portanto, essa é sem dúvida uma das características de uma teoria/ análise dialógica do discurso: não aplicar conceitos a fim de compreender um discurso, mas deixar que os discursos revelem sua forma de produzir sentido, a partir de ponto de vista dialógico, num embate. (BRAIT, 2009: 24).

Segundo Brait (2008b) não se pode considerar que havia uma intenção explícita, ou uma proposta formal, do Círculo, de construir uma teoria dialógica. “Entretanto, também não se pode negar que o pensamento bakhtiniano representa, hoje, uma das maiores contribuições para os estudos da linguagem, observada tanto em suas manifestações artísticas como na diversidade de sua riqueza cotidiana” (BRAIT, 2008b: 09). E por que não incluir nessas contribuições os estudos de comunicação? A telenovela, assim como os textos literários, como manifestação artística e cultural? É isso o que pretendemos: estudar a produção de sentidos da telenovela brasileira sob um ponto de vista dialógico.

1.2.1. Signo, diálogo e ideologia

Nos trabalhos realizados até agora, vimos que a telenovela mantém diversas *relações dialógicas* (ou *interdiscursividade*; ver FIORIN, 2008) com a sociedade brasileira e com os demais discursos que povoam a nossa realidade. E qual é a qualidade desse diálogo?

Vamos entender, então, em primeiro lugar, o que é *diálogo* e o que são as *relações dialógicas*. O *diálogo* é um constituinte da linguagem, é um princípio que as línguas – as linguagens de um modo geral – obedecem. É a forma com que a comunicação acontece: “(...) pode-se compreender a palavra “diálogo” num sentido amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda a comunicação verbal, de qualquer tipo que seja”. (BAKHTIN, 1992: 123).

As relações dialógicas podem ser intertextuais e intratextuais. Atualmente falamos em interdiscursivas e intertextuais (FIORIN, 2008). Como veremos a seguir,

a comunicação é, para Bakhtin, um *continuum*, assim, cada forma de comunicação efetuada faz referência às anteriores e ela mesma será um elo para as futuras formas de comunicação. Essa presença de textos anteriores, em textos atuais, gera uma relação entre eles. Essa relação será sempre dialógica. Esse dialogismo constitutivo do processo de comunicação é a interdiscursividade. Mas pode haver um modo de citação do discurso do outro que se dê de forma explícita, aí teremos a relação dialógica intertextual (FIORIN, 2008).

Mas é bom esclarecer que quando Bakhtin fala em comunicação verbal ele não exclui, nem negligencia, as comunicações não-verbais. É que para ele, todo ato de compreensão de qualquer enunciado – não só o verbal – passa pela palavra, passa pela linguagem verbal. A palavra é material privilegiado da comunicação cotidiana, é o material semiótico do discurso interior, ela acompanha e comenta; está presente em todos os atos de compreensão e interpretação:

Por ora, notemos que o material da vida cotidiana é a palavra (...). Há uma outra propriedade da palavra que é da maior importância e que a torna o primeiro meio da consciência individual (...) o papel da palavra como *material semiótico da vida interior, da consciência* (discurso interior). Na verdade, a consciência não poderia se desenvolver se não dispusesse de um material flexível, veiculável pelo corpo. E a palavra constitui exatamente esse tipo de material. (...) é devido esse papel excepcional de instrumento da consciência que *a palavra funciona como elemento essencial que acompanha toda criação ideológica, seja ela qual for*. A palavra acompanha e comenta todo ato ideológico. Os processos de compreensão de todos os fenômenos ideológicos (um quadro, uma peça musical, um ritual ou um comportamento humano) não podem operar sem a participação do discurso interior. Todas as manifestações da criação ideológica – todos os signos não-verbais – banham-se no discurso e não podem ser nem totalmente isoladas nem totalmente separadas dele. (...) a palavra está em todos os atos de compreensão e em todos os atos de interpretação. (Bakhtin, 1992: 37-38).

Então o diálogo é um princípio da linguagem, não apenas da comunicação verbal, mas o material verbal, encarnado na palavra, acompanha e comenta todo ato ideológico, porque é ele que dá forma ao discurso interior. De qualquer modo, esse fato não quer dizer que os signos não-verbais são substituíveis pelas palavras:

Isso não significa, obviamente, que a palavra possa suplantar qualquer outro signo ideológico. Nenhum dos signos ideológicos específicos, fundamentais, é inteiramente substituível por palavras. É impossível, em última análise, exprimir em palavras, de modo adequado, uma composição

musical ou uma representação pictórica. Um ritual religioso não pode ser inteiramente substituído por palavras. Nem sequer existe um substituto verbal realmente adequado para o mais simples gesto humano. Negar isso conduz ao racionalismo e ao simplismo mais grosseiros. Todavia, embora nenhum desses signos ideológicos seja substituível por palavras, cada um deles, ao mesmo tempo, se apóia nas palavras e é acompanhado por elas. (Idem:ibid).

É interessante notar a diferença entre *palavra* e *signo*, mas, antes, vamos entendê-los. Para Bakhtin, “ao lado dos fenômenos naturais, do material tecnológico e dos artigos de consumo, existe um universo particular, o *universo dos signos*.” (Idem: 32). Tudo o que é ideológico é um signo. O exemplo que ele dá é o pão e o vinho, que enquanto produto de consumo não é um signo, mas pode tornar-se um signo conforme

adquirir um sentido que ultrapasse suas próprias particularidades. Um signo não existe apenas como parte de uma realidade; ele também reflete e refrata uma outra. Ele pode distorcer essa realidade, ser-lhe fiel, ou apreendê-la de um ponto de vista específico, etc. Todo signo está sujeito aos critérios de avaliação ideológica (isto é: se é verdadeiro, falso, correto, justificado, bom, etc.) O domínio do ideológico coincide com o domínio dos signos. Ali onde o signo se encontra, encontra-se também o ideológico. *Tudo que é ideológico possui um valor semiótico.*(idem: 32).

O pão possui um valor ideológico, ainda que primitivo, quando, por exemplo, é feito em forma de oito ou roseta, já que essa forma não se justifica por nenhuma necessidade de produção. O domínio ideológico faz a conversão do objeto físico em *signo*. Maior valor o pão e o vinho vão receber quando se tornarem símbolos no ritual católico, por exemplo. O domínio dos signos, ideológico, é também o das representações, do universo religioso e seus símbolos, das fórmulas científicas e jurídicas. Segundo o autor, cada campo (esfera) de criatividade ideológica tem a sua própria maneira de refletir e refratar a realidade.

Dessa forma, quando falamos que a telenovela reflete e refrata a realidade é porque ela está composta de signos, ideológicos, portanto, e passa a dar o seu colorido às suas representações; às vezes distorce a realidade, às vezes amplia um detalhe, ou remove um traço, às vezes estiliza, às vezes faz paródia. A telenovela se comporta como um signo que tem seu modo específico de refletir e refratar aquilo que ela representa. Ela se mostra, mostra a nossa realidade no que ela representa e a realidade que ela mostra, em retorno, mostra mais sobre a nossa realidade, dialogando com ela, transformando-se com ela. Essa é a refração. E isso porque “*Cada signo ideológico não é apenas um*

reflexo, mas também um fragmento material dessa realidade.” (idem: 33). A telenovela é um fragmento material da realidade brasileira e por isso é muito importante que a tomemos como objeto de estudo. Não podemos esquecer que “o sentido é histórico”:

Em síntese, em Bakhtin, a história não é algo exterior ao discurso, mas é interior a ele, pois o sentido é histórico. Por isso, para perceber o sentido, é preciso situar o enunciado no diálogo com outros enunciados e apreender os confrontos sêmicos que geram os sentidos. Enfim, é preciso captar o dialogismo que o permeia (FIORIN, 2008: 192).

Por isso resolvemos investigar outros enunciados, tanto da ideologia do cotidiano quanto do discurso oficial. É no diálogo entre eles que percebemos melhor os sentidos que a telenovela vai compor, em nosso caso, para as masculinidades atuais.

Essa ênfase na encarnação material dos signos, da linguagem, no caráter ideológico, bem como sua penetração na vida cotidiana parecem ter sido os grandes impactos da obra *Marxismo e filosofia da linguagem* (de 1929).

O aparecimento de *Marxismo e filosofia da linguagem* se dá como uma espécie de “terceira margem dos estudos da linguagem”. Tanto as duas grandes correntes do pensamento lingüístico, o estruturalismo e a estilística, são colocadas na berlinda, (...) como um avanço na direção dos estudos enunciativos e discursivos é colocado em andamento. (...) a percepção da linguagem e da possibilidade de estudá-la levando-se em conta a historicidade, os sujeitos, o social, sem dúvida, provocaram profundas mudanças, que podem ser simbolizadas na idéia de *signo ideológico*. Nenhuma ideologia pode aparecer fora dos signos, e nenhum signo está despido de ideologia. (...) O pensamento bakhtiniano presente nessa obra ofereceu a ocasião de um salto qualitativo no sentido de observar a linguagem não apenas no que ela tem de sistemático, abstrato, invariável, ou, por outro lado, no que de fato tem de individual e absolutamente variável e criativo, mas de observá-la em uso, na combinatória dessas duas dimensões, como uma forma de conhecer o ser humano, suas atividades, sua condição de sujeito múltiplo, sua inserção na história, no social, no cultural pela linguagem, pelas linguagens.

Observado ao lado dos seus estudos contemporâneos, o Círculo de Bakhtin diferenciava-se, por exemplo, do Círculo de Praga ou do Círculo Lingüístico de Moscou:

(...) o Círculo de Bakhtin constituía-se de um grupo de autores que se reunia, informalmente, à semelhança da maioria dos intelectuais bolcheviques da época, com vistas a produzir conhecimentos científicos sobre Filologia, Filosofia, Literatura, Arte, Biologia, Lingüística. Cabe salientar, também, o fato de que a concepção de ciência russo-soviética sempre foi predominantemente holística, isto é, fundada em torno das investigações interdisciplinares, de tal modo que o desenvolvimento dos estudos sobre

a linguagem foi realizado de forma articulada, sobretudo, a domínios de áreas de conhecimento distintas, tais como a Psicologia Social, a Filosofia, a História, a Paleontologia e a Biologia. (ZANDWAIS, 2009: 100).

De acordo com Bakhtin em *Marxismo e filosofia da linguagem*,

A única maneira de fazer com que o método sociológico dê conta de todas as profundidades e de todas as sutilezas das estruturas ideológicas “imanescentes” consiste na filosofia da linguagem concebida como *filosofia do signo ideológico*. E essa base de partida deve ser traçada e elaborada pelo próprio marxismo. (BAKHTIN, 1992: 38).

É que em seu tempo, o Círculo dialogava, além da produção acadêmica e do conhecimento científico, com o pensamento marxista, com a ideologia do Partido Bolchevique – que deu origem ao Partido Comunista da Rússia. Em 1917/1918 era o momento em que a capital se transferia de São Petersburgo para Moscou, e quando se promulgou a primeira constituição soviética. Muitos dos intelectuais da época se envolveram no clima da revolução, principalmente nos primeiros anos. Depois tudo mudou quando Lênin morreu e Stalin assumiu. Este último encampou um projeto nacionalista que incluía a pretensa unidade da língua – *o grande russo* -, e seus teóricos, como o prestigiado paleontólogo e lingüista Nicolai Marr, argumentavam a necessidade da unidade lingüística para uma sociedade sem classes e afirmavam que a língua resistiria à pressão da infra-estrutura, já que estava considerada um fenômeno superestrutural. À nova teoria, o Círculo de Bakhtin fazia oposição e resistência. Em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, esses argumentos são rebatidos por serem considerados como “concepção mecanicista do marxismo”. Desse modo, procedem explicando como deveriam ser “as bases para uma teoria marxista da linguagem” e qual a concepção de *língua* que deveriam considerar.

O que o Círculo fez foi colocar a vida cotidiana de forma aceitável, numa teoria da linguagem. Isso foi possível graças à perspectiva dialógica da língua, já que sua realização se dá sempre e necessariamente dentro de um processo de comunicação. A língua não pode ser controlada, manipulada; sua unidade é uma ficção, já que “a língua vive e evolui historicamente na *comunicação verbal concreta, não no sistema lingüístico abstrato das formas da língua nem no psiquismo individual dos falantes*.” (BAKHTIN, 1992: 124). Ele repete que o que falta à lingüística é uma abordagem da enunciação que, na verdade, entendemos ser o processo de comunicação.

O processo da fala, compreendida no sentido amplo como processo da atividade de linguagem tanto exterior como interior, é ininterrupto, não tem começo nem fim. A enunciação realizada é como uma ilha emergindo de um oceano sem limites, o discurso interior. As dimensões e as formas dessas ilhas são determinadas pela situação da enunciação e por seu *auditório*. A situação e o auditório obrigam o discurso interior a realizar-se em uma expressão exterior definida, que se insere diretamente no contexto não verbalizado da vida corrente, e nele se amplia pela ação, pelo gesto, ou pela resposta verbal dos outros participantes na situação de enunciação. (Idem: 125).

Do mesmo modo, a língua não pode ser considerada um fenômeno superestrutural, já que a infra-estrutura é a realidade que determina o signo. Quando o autor fala sobre o problema da *relação recíproca* entre a infra-estrutura e as superestruturas, ele afirma: “De fato, a essência deste problema, naquilo que nos interessa, liga-se à questão de saber *como* a realidade (infra-estrutura) determina o signo, *como* o signo reflete e refrata a realidade em transformação.” (Idem: 41). Assim, como regra metodológica indispensável, está a advertência: “*não separar a ideologia da realidade material do signo*” (idem: 44). Segundo Zandwais,

(...) para Bakhtin/Volochinov, se as formas dos signos estão condicionadas tanto pela organização social dos sujeitos como pelos modos por meio dos quais eles interagem entre si, é porque fora da realidade material do signo e das formas de apropriação deste pelos sujeitos, nas diferentes esferas da produção, não há práxis ou linguagem. (ZANDWAIS, 2009: 105).

Entretanto, as críticas do Círculo aos teóricos do regime stalinista e à lingüística da época parecem ter demorado algum tempo para ecoar⁵. Somente nas décadas de 70 e 80 as obras de Bakhtin foram divulgadas no ocidente.

Hoje, quase um século depois, não apenas no Brasil, mas nos Estados Unidos, França, Inglaterra, Canadá, Alemanha, Itália, entre outros, que “trazem Bakhtin e o Círculo para as suas línguas, para a reflexão dentro das ciências humanas e para um debate que não cessa de ter continuidade” (BRAIT, 2009: 26). Continuamos a reproduzir “círculos”, como que repercutindo o movimento circular de uma pequena pedra atirada ao lago. É importante a digressão, porque considerar o contexto de produção é conhecer os elos

⁵ Além disso, o período coincide com o exílio de Bakhtin (1928), embora a versão conhecida é a de que o motivo para isso tenha sido o seu suposto envolvimento com um Círculo religioso não oficial; e Medvedev acabou sendo deportado para um campo stalinista de trabalhos forçados. Ele foi executado em 1938.

dessa comunicação, os enunciados próximos, anteriores e posteriores, aos enunciados do Círculo. Mas é também perceber o que nele ultrapassa o seu momento histórico imediato e descobrir porque uma teoria do início do século passado, de uma cultura tão distante e diferente da nossa, continua válida para a nossa cultura em pleno século XXI:

É sob o mesmo enfoque que podemos colocar em destaque a concepção de linguagem que serve de alicerce para uma leitura materialista histórica e dialética em *marxismo e filosofia da linguagem*. Ela consiste no modo como Bakhtin e Volochinov inscrevem a língua de modo dialético, em uma referência universal, “terreno comum de todos”, mas ao mesmo tempo heterogêneo, “minada pela visão heteroglóssica” dos sujeitos que se reconhecem por meio dela nas diferentes esferas da produção, no cotidiano da vida (nas fábricas, nas cooperativas, no campo, na escola, no sindicato, etc.). Mas Bakhtin/Volochinov não caracterizam a língua de forma dialética, simplesmente, sem inscrevê-la, no campo da práxis, em um ordenamento histórico-simbólico concreto. A língua, tomada enquanto um corpo material de um corpo social, transcende sua constituição como estrutura para registrar o modo de inscrição dos sentidos em diferentes ordens históricas. (ZANDWAIS, 2009: 106).

Então voltamos: qual é a diferença entre a *palavra* e o *signo*? A palavra capta todas as mudanças sociais porque é o elemento que acompanha toda a criação ideológica. Ela é a refração ideológica verbal que acompanha a refração ideológica do “ser” em seu processo de formação. A pergunta central “como a realidade determina o signo e como este reflete e refrata a realidade em transformação” e a idéia da ubiqüidade da palavra, que é fenômeno ideológico, nos mostram o momento em que signo e palavra se encontram, e momentos em que diferem um do outro. “O signo, então, é criado por uma função ideológica precisa e permanece inseparável dela. A palavra, ao contrário, é neutra em relação a qualquer função ideológica específica. Pode preencher qualquer espécie de função ideológica: estética, científica, moral, religiosa.” (idem: 37). Se a palavra é neutra, o signo “se torna a arena onde se desenvolve a luta de classes”. (idem: 46).

O ser, refletido no signo, não apenas nele se reflete, mas se *refrata*. O que é que determina esta refração do ser no signo ideológico? O confronto de interesses sociais nos limites de uma só e mesma comunidade semiótica, ou seja: *a luta de classes*. Classe social e comunidade semiótica não se confundem. Pelo segundo termo entendemos a comunidade que utiliza um único e mesmo código ideológico de comunicação. Assim, classes sociais diferentes servem-se de uma só e mesma língua. Conseqüentemente, *em todo signo ideológico confrontam-se índices de valor contraditório*. (Idem: 46).

É bom lembrar que todo signo deve resultar do “consenso entre indivíduos socialmente organizados no decorrer de um processo de interação” (idem: 44). Até por isso os signos são condicionados por essa organização social em interação; o valor do signo é sempre um valor social. Como o social se constitui numa luta de interesses, para além de uma sociedade de *classes*, o signo vai marcar os conflitos de seu contexto social. Como afirma Bourdieu, para quem a linguagem é um problema para o sociólogo já que está carregada de pré-construção: “o campo da produção simbólica é um microcosmo da luta simbólica entre as classes” (BOURDIEU, 1989: 12).

Há ainda mais um aspecto a considerar antes de compreendermos a enunciação: a relação entre ideologia e consciência. Já que o diálogo é a forma do discurso interior e que o signo é ideológico, o material que forma a consciência é composto de signos já valorados socialmente; e são esses, os signos ideológicos, os que temos para usar. Assim, a consciência é lingüística e dialógica por estar formada de material exterior. Não é a ideologia que deriva da consciência – como propunham o idealismo e o psicologismo positivista –, mas ao contrário: é a consciência que deriva da ideologia.

A consciência adquire forma e existência nos signos criados por um grupo organizado no curso de suas relações sociais. Os signos são o alimento da consciência individual, a matéria de seu desenvolvimento, e ela reflete a sua lógica e suas leis. A lógica da consciência é a lógica da comunicação ideológica, da interação semiótica de um grupo social. Se privarmos a consciência de seu conteúdo semiótico, ideológico, não sobra nada. (BAKHTIN, 1992: 35-36).

Desse modo, para Bakhtin, não há individualidade que não seja intersubjetiva uma vez que a linguagem e a comunicação são territórios comuns exteriormente e interiormente. Nós trazemos o mundo compartilhado para o nosso mundo discursivo interior. Dialogando com as correntes idealistas e racionalistas sobre a questão da consciência e do psiquismo, o autor discorre sobre o conceito do “individual”:

O indivíduo enquanto detentor dos conteúdos de sua consciência, enquanto autor dos seus pensamentos, enquanto personalidade responsável por seus pensamentos e por seus desejos, apresenta-se como um fenômeno puramente sócio-ideológico. Esta é a razão porque o conteúdo do psiquismo “individual” é, por natureza, tão social quanto a ideologia e, por sua vez, a própria etapa em que o indivíduo se conscientiza de sua individualidade e dos direitos que lhe pertencem é ideológica, histórica, e internamente condicionada por fatores sociológicos. (Idem: 58).

A emancipação também é um fenômeno sócio-ideológico. No livro de Bakhtin, depois da palavra ‘sociológicos’, como transcrito acima, há a nota 11. Normalmente reproduziríamos a nota também em nota de rodapé, mas esta é preciso destrinchar. Faremos isto recheando a citação de comentários entre colchetes para depois poder comentar sobre nosso objeto de estudo: “na última parte deste trabalho [*Marxismo e filosofia da linguagem*], veremos que os direitos do autor [João Emanuel Carneiro] sobre seu próprio discurso são relativos e *marcados ideologicamente*, e que a língua demora muito tempo para elaborar formas próprias [gêneros do discurso, telenovela] para exprimir claramente os aspectos individuais [dos autores-roteiristas] do discurso.”

É importante comentar a expressão *marcados ideologicamente*. Se a ideologia imprime uma marca, podemos ver essas marcas. São elementos que nos mostram os vínculos ideológicos do discurso, e muitas vezes são inconscientes. Eles escapam pelo discurso do falante e revelam o seu grau de consciência⁶, ou inconsciência⁷. Outra característica que evidencia essas marcas ideológicas é o fato de que todos os signos concretos (diálogos, figurino, cenários, etc.) revelam sobre a época histórica de sua fabricação, mesmo quando a ficção representa tempos passados. São expressões da língua, são os materiais, os tecidos, a maquiagem, os cabelos, o estilo das roupas, a arquitetura, gírias e expressões, tanto que chega a ser documento de época, conforme já analisamos anteriormente (MOTTER, 2003 e JAKUBASZKO, 2003); não podemos esquecer: “o sentido é histórico”.

Na telenovela vemos um equilíbrio entre autoria individual e “fenômeno sócio-ideológico”. Ela se constitui como um gênero que tem as suas regras próprias. Há algumas fórmulas que os roteiristas seguem e que marcam a identidade do gênero, são as *formas típicas* de seus enunciados: a composição de núcleos; tramas paralelas desenvolvidas em torno de uma central, normalmente melodramática, escrita para um

⁶ Os autores sempre voltam ao aspecto de que “a atividade mental do sujeito constitui, da mesma forma que a expressão exterior, um território social” (BAKHTIN, 1992: 117), isso porque a nossa consciência é intersubjetiva, e “a diferenciação ideológica, o crescimento do grau de consciência são diretamente proporcionais à firmeza e à estabilidade da orientação social. Quanto mais forte, mais bem organizada e diferenciada for a coletividade no interior da qual o indivíduo se orienta, mais distinto e complexo será o seu mundo interior. (Idem: 115). Por isso, a expressão nos mostra o “grau de consciência” do falante ao mesmo tempo em que fala sobre a sua “orientação social”. Partindo desse pressuposto acreditamos que podemos encontrar marcas ideológicas nos discursos individuais.

⁷ Quando Bakhtin fala sobre o problema do texto na lingüística, afirma: “Dois elementos que determinam o texto como enunciado: a sua idéia (intenção) e a realização dessa intenção. As inter-relações dinâmicas desses elementos, a luta entre eles, que determina a índole do texto. A divergência entre eles muita coisa pode surgir. (...) os lapsos e omissões segundo Freud (inconsciente). Mudança na intenção no processo de sua realização. O não cumprimento da intenção fonética. (BAKHTIN, 2006: 308).

par amoroso; a reprodução de um cotidiano similar ao vivido pelo telespectador; a presença de herói, vítima, bobo e vilão – conforme a matriz do Melodrama -; a punição dos vilões e recompensa dos heróis e vítimas; o final feliz; o gancho, entre outras características. Quem não tem o hábito de assistir a telenovelas costuma expressar que “são todas a mesma coisa”.

Também pela história da telenovela no Brasil, que se formou de modo a acompanhar permanentemente a resposta do telespectador e, claro, que esse diálogo, por fazer parte do conhecimento prévio do roteirista antes que ele termine a obra, altera o resultado. João Carneiro foi questionado sobre se a audiência interfere em seu trabalho e se a telenovela deve ser feita para o público. Reproduzimos a resposta do autor:

Interfere. Nunca mudei histórias por causa da audiência, até porque minhas novelas sempre foram sucesso. Mas, assim como o ator de teatro quer agradar quem está na platéia, o autor de novelas quer agradar o público em geral. Essa relação com o público existe e é muito importante. Quando as minhas novelas davam picos de audiência, eu olhava pela janela de casa e pensava: “esse povo lá fora está andando na rua e não está vendo a minha novela? Eles deviam estar em casa!”. Uma novela dá esse tipo de onipotência. (AUTORES, 2008, vol.2: 33).

Ao mesmo tempo, é a criatividade do autor, o que lhe interessa no mundo, a sua visão de mundo, a sua maneira única de articular os elementos que vão compor a sua história. Já chamamos atenção para o universo temático dos autores na seção anterior. Mas também estarão presentes, no discurso do autor, inevitavelmente, algumas marcas ideológicas. Motter sempre falava em “marcadores ideológicos”, talvez possamos cunhar o termo para nos referir aos elementos ideológicos que emergem no discurso de um sujeito de forma inconsciente.

Estamos recorrentemente falando em ideologia, mas ainda não definimos o termo. É que o próprio Bakhtin não fornece ao leitor as suas referências. Fica claro que é um assunto sempre espinhoso, muitas vezes evitado. Na verdade, ideologia é um conceito que tem em sua longa história diferentes formulações e usos (THOMPSON, 2007; BRANDÃO, 1995). Poderíamos presumir que como se está falando em marxismo, o conceito de ideologia usado por Bakhtin seja o constante em *A ideologia alemã*. Entretanto, como afirma Zandwais, os conceitos de ambos se transformam e se distanciam. Há críticas no sentido de que o conceito de ideologia em Marx seja mal construído e acabará sendo substituído pela noção de fetiche:

A concepção de ideologia, por outro lado, embora não tenha se originado em Marx, é descrita por ele como falsa consciência, reflexo invertido do real, o que remete para o fato de que a consciência de que os homens têm de suas relações entre si e a natureza é ilusória, uma associação problemática, sendo, por isso, ideológica. Essa questão parece ser um “contrapeso” no interior da filosofia marxista, o que possibilita a Balibar⁸ afirmar que a noção de ideologia é um conceito mal construído em Marx, já que ele não consegue relacioná-lo com uma teoria da consciência social capaz de estabelecer vínculos entre as relações de antagonismo entre as classes, a divisão do trabalho e a realidade. Assim, embora *A ideologia alemã* se apresente como uma obra fundamental para a compreensão dos diferentes modos de produção e de suas relações com a divisão do trabalho, a noção de ideologia toma, nessa obra, mais o aspecto de um “subterfúgio”, a fim de explicar as condições de alienação da classe operária. (...) Cabe também observar, aqui, que a noção de ideologia proposta por Marx será, gradativamente, substituída pela noção de fetiche para tratar das relações de alienação dos sujeitos em torno dos seus modos de produção. (ZANDWAIS, 2009: 107-108).

O conceito passou a ser interpretado como uma falsa consciência e percepção da realidade, como ilusão, reflexo invertido do real. De acordo com Thompson (2007), a tendência comum é a de pensar a ideologia como uma imagem distorcida do real. “Essa visão tem sua inspiração numa passagem famosa e frequentemente citada em que Marx e Engels comparam a operação da ideologia com o trabalho de uma *câmera escura*, que reflete o mundo através de uma imagem invertida” (THOMPSON, 2007:19). Entretanto, segundo o autor, a visão é simplista e enganadora:

Ela nos leva a pensar a ideologia como um conjunto de imagens ou idéias que refletem inadequadamente a realidade social que existe antes e independentemente dessas imagens e idéias. Na verdade, o mundo social raramente é tão simples como esta visão pode sugerir. Como pessoas, nós estamos imersos em um conjunto de relações sociais e estamos constantemente envolvidos em comentá-las, em representá-las a nós mesmos e aos outros, em verbalizá-las, em recriá-las e transformá-las através de ações, símbolos e palavras. As formas simbólicas através das quais nos expressamos e entendemos os outros não constitui um outro mundo, etéreo, que se coloca em oposição ao que é real: ao contrário, elas são parcialmente constitutivas do que em nossas sociedades é “real”⁹. (idem: 19).

São essas as afirmações de Thompson exemplos que julgo serem totalmente afinadas com o pensamento bakhtiniano. Como já vimos anteriormente, não é possível separar o signo ideológico da sua realidade concreta e material. As formas simbólicas são os signos ideológicos, a matéria de que dispomos para nos comunicar.

⁸ O autor e obra citados são: BALIBAR, Étienne. *A filosofia de Marx*. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

⁹ Veja, leitor, se não é o processo de refração do signo descrito aqui por Thompson.

Assim, a ideologia, em Bakhtin, está para além da aceção neutra de “visão de mundo” e um pouco aquém da aceção “alienação”. Encontramos em John Thompson (2007) uma reflexão e uma definição apropriadas para o conceito. E na busca pela reformulação do conceito, o autor quer colocar o foco nas relações de sentido e poder. Em sentido amplo, ideologia é “*sentido a serviço do poder*” (idem:16). Para realizar o estudo da ideologia seria preciso investigar os modos de construção de sentido, em quais formas simbólicas e contextos específicos está mobilizado para estabelecer e sustentar relações de poder.

Assim como Bakhtin, Thompson ressalta que “Ao estudar a ideologia, estamos interessados tanto nos contextos da vida cotidiana como naquele conjunto específico de instituições que compreende a esfera da política, no sentido estrito.” (idem: 18). Nesse contexto em que o conceito de ideologia é visto em termos da relação entre sentido e poder os estudos devem concentrar-se

(...) no terreno das formas simbólicas contextualizadas, para as maneiras como as formas simbólicas são usadas para estabelecer e sustentar relações de poder. (...) Pois a vida social é, até certo ponto, um campo de contestação em que a luta se trava tanto através de palavras e símbolos quanto pelo uso da força física. Ideologia, no sentido que eu proponho e discuto aqui, é uma parte integrante dessa luta; é uma característica criativa e constitutiva da vida social que é sustentada e reproduzida, contestada e transformada, através de ações e interações, as quais incluem a troca contínua de trocas simbólicas. (Idem: THOMPSON, 2007: 18).

Parece que Thompson e Bakhtin concordam: o estudo da ideologia se faz através das formas simbólicas; a ideologia (signo ideológico) é parte da luta de que é feita a vida social; ao mesmo tempo reflete e refrata a realidade; há uma troca contínua de trocas simbólicas, ou, os discursos se constroem por meio de relações dialógicas; e o cotidiano (ideologia do cotidiano) é um espaço adequado para a observação do fluxo das formas simbólicas (enunciados e gêneros), assim como é a ideologia oficial. Bakhtin não está entre as obras citadas por Thompson, mas poderia estar. Por vias teóricas diferentes chegaram a conclusões semelhantes: “deixem-me definir este enfoque mais detalhadamente: estudar a ideologia é estudar as maneiras como o sentido serve para estabelecer e sustentar as relações de dominação.” (Idem: 76). Ou, conforme a sua metodologia da interpretação:

A interpretação da ideologia se apóia sobre cada uma das fases do enfoque da HP [hermenêutica da profundidade], mas ela toma essas fases de uma maneira mais particular, com a finalidade de realçar as maneiras

como o significado serve para estabelecer e sustentar relações de dominação. A interpretação da ideologia é uma interpretação das formas simbólicas que procura mostrar como, em circunstâncias específicas, o sentido mobilizado pelas formas simbólicas serve para alimentar a posse e o exercício do poder. (Idem: 377-378).

É que Bakhtin fala da ideologia através do conceito de signo ideológico, através da sua concepção de língua e da interação verbal, portanto, da comunicação; enquanto Thompson procura por uma teoria de interpretação da ideologia, fazendo uma metodologia de análise sócio-histórica com análise formal ou discursiva, mas a constrói segundo referencial teórico diferente, e busca, na verdade, uma “teoria social crítica”. Assim, porque cada um traça um caminho diferente, suas obras, que se encontram em alguns pontos, também se separam por seguir caminhos hermenêuticos distintos, por seguir outros objetivos, mas afins. É importante notar que o conceito de ideologia de Thompson também admite que as formas simbólicas estão sujeitas à avaliação, como diria Bakhtin:

Ideologia, de acordo com essa concepção, é, por natureza, hegemônica, no sentido que ela, necessariamente, serve para estabelecer e sustentar relações de dominação e, com isso, serve para reproduzir a ordem social que favorece indivíduos e grupos dominantes. Formas ideológicas podem, certamente, ser desafiadas, criticadas, contestadas e destruídas, e elas, freqüentemente são de fato desafiadas, tanto explicitamente, em ataques articulados e organizados, como implicitamente, nas trocas simbólicas corriqueiras do dia-a-dia. (THOMPSON, 2007: 91).

Dessa forma, Thompson nos ajudou a compreender melhor o conceito de ideologia, agora, seguimos com Bakhtin para entender o processo de comunicação e produção de sentido.

1.3. A telenovela como enunciado concreto e gênero do discurso

Nesta seção vamos entender os conceitos de enunciado concreto e gênero do discurso. Preferimos não seguir a ordem cronológica de formulação desses conceitos porque não vemos reformulações conceituais, acreditamos que as idéias tenham sido apenas aperfeiçoadas, de modo que há informações a acrescentar e não a substituir.

Em *Marxismo e filosofia da linguagem*, o processo de comunicação é abordado no capítulo 6, denominado de “interação verbal”. Aqui temos algumas definições de *enunciação* e *enunciado*, vamos começar por elas.

A enunciação é qualquer ato de comunicação efetuado, captável apenas no momento original em que é proferida. Ela envolve uma situação de comunicação e se realiza como uma interação social: “*Enunciação* é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados e, mesmo que não haja um interlocutor real, este pode ser substituído pelo representante médio do grupo social ao qual pertence o locutor” (BAKHTIN, 1992: 112). Mais que isso, não é possível estudar a comunicação se não compreende a enunciação como um processo social:

O *centro* organizador de toda enunciação, de toda a expressão, não é interior, mas exterior: está situado no meio social que envolve o indivíduo. Só o grito inarticulado de um animal procede do interior, do aparelho fisiológico do indivíduo isolado. É uma reação fisiológica pura e não ideologicamente marcada. Pelo contrário, a enunciação humana mais primitiva, ainda que realizada por um organismo individual, é, do ponto de vista do seu conteúdo, de sua significação, organizada fora do indivíduo pelas condições extra-orgânicas do meio social. A enunciação enquanto tal é um puro produto da interação social, quer se trate de um ato de fala determinado pela situação imediata ou pelo contexto mais amplo que constitui o conjunto das condições de vida de uma determinada comunidade lingüística. (Idem: 121)

Na verdade, enunciado e enunciação coincidem, Bakhtin não parece fazer distinção entre ambas, usando uma única palavra para defini-las, *viskázivat* (ver nota do tradutor, Paulo Bezerra, em Bakhtin, 2006: 261). Para entender melhor a telenovela como enunciado vamos entender melhor as definições de Bakhtin. Mas vamos começar pelo adendo *Gêneros do discurso* do livro *Estética da criação verbal* (2006) e depois voltar para *Marxismo...* (1992) e *Discurso na vida e discurso na arte* (1976).

Segundo o autor, em *Estética da criação verbal*, “o enunciado é a unidade real da comunicação discursiva” (BAKHTIN, 2006: 269). A idéia está desenvolvida na obra *Estética da criação verbal*, mas já estava presente em *Marxismo...*: “uma análise fecunda das formas do conjunto de enunciações como unidades reais na cadeia verbal só é possível de uma perspectiva que encare a enunciação individual como um fenômeno puramente sociológico” (BAKHTIN, 1992: 126).

Dessa forma, o enunciado difere das palavras e orações, que são apenas unidades de estudo da língua. Logo percebemos uma distinção entre Comunicação e Língua, e uma evidente preocupação com o processo de comunicação. Por isso elegemos os escritos de Bakhtin que dizem respeito a esta preocupação, mais que a sua crítica literária, estética e estilística. Ele afirma que “o emprego da língua se efetua através de

enunciados”, mas acreditamos que não seja apenas o emprego da língua, mas que em qualquer linguagem podemos encontrar as suas formas típicas de enunciados. O assunto volta para a questão que já comentamos sobre a ubiquidade da palavra. O pensamento bakhtiniano é complexo, e como também já explicitamos não temos a pretensão de discutir a suas teorias; o que procuramos apenas é o apoio de seus conceitos a partir do qual procuramos pontes, ligações de sentido. Mas voltemos às definições.

No capítulo *Gêneros do discurso* do livro *Estética da criação verbal*, Bakhtin (2003) critica as classificações já existentes de gêneros do discurso e propõe pensarmos nessa questão a partir da discussão do conceito de enunciado, entendido como *unidade real da comunicação discursiva*, e do fato de que o uso da língua se coordena com o desenvolvimento das atividades humanas. Nesse sentido, nessa ligação entre atividade humana e comunicação é que as unidades de estudo da língua são insuficientes como conceitos aplicáveis.

Para Bakhtin, as unidades ‘palavra’ e ‘oração’ como convenções para o estudo da língua não atingem a complexidade do processo de comunicação. Mesmo os esquemas formulados pelos estudos lingüísticos para descrever o processo comunicacional não dão conta do ato discursivo, e são, para ele, “ficção”, uma abstração que não pode ser considerada como fenômeno concreto e real: “Até hoje ainda existem na lingüística *ficções* como o “ouvinte” e o “entendedor”. Tais ficções dão uma noção absolutamente deturpada do processo complexo e amplamente ativo da comunicação discursiva”. (BAKHTIN, 2006: 271). Com a polarização “falante–ouvinte” (lembramos o famoso esquema proposto por Jakobson (2005), por exemplo, perdem-se de vista alguns elementos peculiares ao enunciado, portanto, à situação de comunicação: a alternância dos sujeitos no discurso, a atitude responsiva dos sujeitos da comunicação e a conclusibilidade específica dos enunciados.

A alternância dos sujeitos no diálogo pressupõe uma atitude responsiva a partir do momento em que o processo da audição, da recepção, não é passivo, mas ativo: enquanto se ouve, formulam-se mentalmente outros enunciados que servem para o processo de compreensão, para a concordância ou discordância, complementação, etc. do enunciado ouvido. Dessa forma, “O ouvinte se torna falante” (BAKHTIN, 2003: 271). A atitude responsiva é fase inicial preparatória da resposta ao enunciado. Ao que parece, o germe desse pensamento também estava em *Marxismo e filosofia da linguagem*.

Na realidade, toda palavra comporta *duas faces*. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede *de* alguém, como pelo fato de que se dirige *para* alguém. Ela constitui justamente o *produto da interação do locutor e do ouvinte*. Toda palavra serve de expressão a *um* em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apóia sobre mim numa extremidade, na outra apóia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor. (BAKHTIN, 1992: 113).

E cada enunciado é “um elo na cadeia da comunicação discursiva” (BAKHTIN, 2006: 289), ele não é uma unidade convencional, mas real; o contexto da fala, do enunciado é diferente do contexto da oração que, enquanto unidade da língua, não é considerada no processo de alternância de sujeitos do discurso, não tem contato com a situação extraverbal, não tem relação imediata com enunciados alheios e não tem capacidade de suscitar resposta, assim como não tem autor nem endereçamento. Sua delimitação é de natureza gramatical. A crítica também serve para os métodos de ensino de língua materna e língua estrangeira. Um exemplo banal pode ilustrar a afirmação de Bakhtin: até algumas propagandas de escolas de idiomas, não só os humoristas, satirizam o “the book is on the table”. Não é à toa que inúmeros educadores, inclusive alguns didáticos recomendados pelo MEC e, inclusive, os PCNs (Planos e Conteúdos Nacionais de Ensino) se apóiam nos conceitos bakhtinianos para elaborar suas diretrizes, planos de aula e exercícios. Do mesmo modo acreditamos que suas idéias e conceitos se aplicam perfeitamente ao estudo da Comunicação, não apenas da Educação e Literatura.

A delimitação entre os enunciados é dada não pelas leis gramaticais, mas pelo processo de alternância dos sujeitos do discurso, que emoldura o enunciado delimitando-o dos outros enunciados vinculados a ele, e pela conclusibilidade específica do enunciado. Tal ponto de vista não permite a gramaticalização do enunciado e o distingue da unidade da língua.

O diálogo aqui é a “forma clássica da comunicação discursiva” (BAKHTIN, 2006: 275). Ele é também a forma mais simples. Inclusive na comunicação artística e cultural o enunciado vai se comportar da mesma maneira, oferecendo a dinâmica da alternância e emoldurando o enunciado:

Voltemos ao diálogo real. Como já dissemos, trata-se da forma mais simples e clássica da comunicação discursiva. A alternância dos sujeitos no discurso (falantes), que determina os limites dos enunciados, está aqui representada com excepcional evidência. Contudo, em outros campos da comunicação discursiva, inclusive nos campos da comunicação cultural

(científica e artística) complexamente organizada, a natureza dos enunciados é a mesma. (idem: 279).

Antes de falar sobre a conclusibilidade específica do enunciado, é interessante comentar sobre a “comunicação cultural”. Ao mesmo tempo que voltamos à questão da marca da individualidade na obra artística, afirmamos a telenovela como uma “comunicação cultural”, como uma “enunciação”, ou “enunciado concreto”:

Complexas por sua construção, as obras especializadas dos diferentes gêneros científicos e artísticos, a despeito de toda a diferença entre elas e as réplicas do diálogo, também são, pela própria natureza, unidades da comunicação discursiva: também estão nitidamente delimitadas pela alternância dos sujeitos do discurso, cabendo observar que essas fronteiras, ao conservarem sua precisão externa, adquirem um caráter interno graças ao fato de que o sujeito do discurso – neste caso *o autor* de uma obra – aí revela a sua individualidade no estilo, na visão de mundo, em todos os elementos da idéia de sua obra. Essa marca de individualidade, jacente na obra, é o que cria princípios interiores específicos que a separam de outras obras a ela vinculadas no processo de comunicação discursiva de um dado campo cultural: das obras precedentes nas quais o autor se baseia, de outras obras da mesma corrente, das obras das correntes hostis combatidas pelo autor, etc. (Idem: 279).

Se as obras são “unidades da comunicação discursiva”, são enunciados. A telenovela, como obra cultural e artística, é unidade da comunicação discursiva, está delimitada pela alternância dos sujeitos do discurso, revela a individualidade do roteirista e sua visão de mundo, é um elo entre as novelas anteriores e as suas posteriores. Quem assiste às telenovelas não pensa que elas são todas iguais. É fácil identificar o que é do gênero e o que é de cada trama específica. A telenovela revela o sócio-ideológico e se desenvolve de acordo com o estilo individual de cada roteirista. Alguns temas se repetem, mas a forma de tratá-los não. Se um roteirista eleger agora o tema “homossexualidade” para focalizar, ele terá de considerar o estágio atual desse assunto nas telenovelas. Se passamos da representação não declarada de casais homossexuais para a representação da aceitação de homossexuais da década de 80 para hoje, isso não é posse de um ou outro autor, mas resultado de um longo processo de diálogos, de respostas aos enunciados anteriores. Se em *Torre de Babel* Sílvio de Abreu achou melhor explodir o casal de lésbicas junto com o shopping da trama para esquivar-se das críticas e pressões de alguns setores da sociedade, em 1998, em 2003 assistimos a um beijo, ainda que breve e sob o crivo da representação teatral, das namoradas lésbicas

de *Mulheres Apaixonadas* (Manoel Carlos). Neste mesmo ano, poucos meses depois, fez polêmica o beijo de língua, no palco de uma apresentação, de Madonna e Britney Spears, inclusive visto com espanto e indignação pelo namorado de Britney, o famoso cantor Justin Timberlake¹⁰. O beijo ficou conhecido como o “beijo da década”. O beijo gay, que parece ser um tema em voga nestes tempos (282.000 resultados para beijo gay no Google), também foi uma expectativa, frustrada para quem queria ver o beijo, no final de *América* (2005) de Glória Perez e na *Paraíso* de Gilberto Braga em 2007, na qual foi representado o cotidiano de um casal gay. O beijo gay foi acontecer no *Big Brother 10* (2010), e foi parabenizado por Glória Perez no Twitter¹¹.

Os autores trataram o tema do preconceito contra a homossexualidade, mas em momentos diferentes, tomando como ponto de partida os enunciados anteriores e o contexto. As telenovelas não dialogam apenas com o contexto, também dialogam entre si. Os autores dialogam entre si.

Assim como Lotman (1981) afirma que não se pode esquecer que, por exemplo, qualquer escritor que queira falar sobre “máquinas”, tem que levar em conta as reflexões sobre o papel da máquina na cultura, pois estaremos influenciados por elas. É desse modo que a concepção mecânica das máquinas do século XVII permanecem “na consciência do homem civilizado dos nossos dias”. (LOTMAN, 1981:28). Mas aqui estamos adiantando o tema da memória. Voltemos à obra artística.

A obra é também réplica do diálogo, é um elo na cadeia da comunicação discursiva e dispara a atividade responsiva:

A obra, como réplica do diálogo, está disposta para a resposta do outro (dos outros), para a sua ativa compreensão responsiva, que pode assumir diferentes formas: influência educativa sobre os leitores, sobre suas convicções, respostas críticas, influência sobre seguidores e continuadores; ela determina as posições responsivas dos outros nas complexas condições de comunicação discursiva de um dado campo na cultura. A obra é um elo na cadeia da comunicação discursiva. (BAKHTIN, 2003: 279).

Do mesmo modo, a telenovela, enquanto enunciado, pode informar, pode educar, pode suscitar críticas, um roteirista pode influenciar outro, a telenovela pode influenciar outros gêneros, como é o caso da minissérie e do cinema nacional, etc. A recepção é a

¹⁰ Cf. <http://exclusivo.terra.com.br/interna/0,,OI136063-EI1118,00.html>.

¹¹ Cf. <http://ego.globo.com/Gente/Noticias/0,,MUL1448078-9798,00-GLORIA+PEREZ+ELOGIA+BO NINHO+PELO+BEIJO+GAY+NO+BBB.html>

atividade responsiva dos telespectadores, que interpretarão a telenovela conforme o seu conhecimento prévio, conforme o diálogo que ela estabelecer com as demais enunciações que tiverem tido contato em sua cadeia de comunicação discursiva.

A conclusibilidade específica do enunciado, determinada por categorias específicas, nos indica o fim do enunciado e assegura a compreensão responsiva. Esse indício de inteireza do enunciado é determinado por três elementos: exauribilidade do objeto e do sentido; projeto de discurso ou vontade de discurso do falante; formas típicas composicionais e gênero de acabamento. Na telenovela, por exemplo, são diversos os indícios que levam o telespectador a esperar a sua conclusão: é um modo padrão de conduzir as ações finais, são as propagandas da emissora anunciando uma nova novela; e do mesmo modo com o fim de cada capítulo quando o autor deixa um gancho e, antes que apareça a vinheta que anuncia o fim do programa, entendemos que acabou mais um capítulo.

No processo de comunicação, os participantes percebem o *todo* do enunciado e entendem a intenção e a vontade discursiva do falante, pois se orientam pela situação de comunicação e pelos enunciados antecedentes. A percepção do todo, do conjunto, é possível graças à escolha do falante por um determinado gênero de discurso, ou seja, os participantes imediatos da comunicação reconhecem as formas estáveis de gênero do enunciado. Na verdade, “falamos apenas através de determinados gêneros do discurso, isto é, todos os nossos enunciados possuem formas relativamente estáveis e típicas de construção do todo” (Idem: 282). Quando os enunciados vão se repetindo a ponto de formar padrões, esses tipos de enunciados se configuram como *gênero de discurso*.

Então, o que o autor chama de gêneros do discurso são os *tipos relativamente estáveis de enunciado* ou as *formas típicas de enunciados*. Para o autor, todos os campos da atividade humana dependem do uso da linguagem, assim, o caráter e as formas desse uso serão tão variados quanto o são as atividades humanas. Tal variação não prejudica a unidade nacional de uma determinada língua, mas a dota de uma multiplicidade de formas, de enunciados, cuja diversidade e repertório de gêneros que se formam é inesgotável assim como as próprias atividades humanas. Cada vez que um campo de atividade se forma ou se aprimora, com ele também serão formadas e tornadas mais complexas as formas de expressão. E já que a língua é empregada em forma de enunciados, eles acabam por refletir – porque são por elas determinados - as condições específicas e as finalidades de cada campo através de três principais elementos indissociáveis: conteúdo temático, estilo de linguagem e construção composicional.

As telenovelas, como também já comentamos, seguem padrões de construção, e essas formas típicas refletem as condições específicas de sua produção através de seu conteúdo temático (temas e valores), seu estilo de linguagem (tanto o individual quanto o do gênero) e sua construção composicional (elementos que a compõe).

Há enunciados mais ou menos padronizados, mais ou menos abertos ou fechados à participação individual na sua formulação, ou seja, determinados gêneros constituem-se de estilo relativamente estável. Assim, alguns tipos de enunciados, para serem formulados, exigem uma adequação às funções e condições de comunicação discursiva específicas de cada campo de atividade humana (científica, técnica, oficial). Decorre disso que o estilo integra a unidade do gênero e pode ser considerado um de seus elementos: *onde há estilo há gênero*. E ambos transformam-se com as mudanças históricas que, marcando a linguagem, marcam os gêneros discursivos e seus estilos. “Os enunciados e seus tipos, isto é, os gêneros discursivos, são correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem” (BAKHTIN, 2003: 268).

Em vários momentos Bakhtin segue repetindo: “o enunciado é um elo na cadeia da comunicação discursiva e não pode ser separado dos elos precedentes que o determinam tanto de fora quanto de dentro, gerando nele atitudes responsivas diretas e ressonâncias dialógicas” (Idem: 300). E mais, não apenas o enunciado leva em conta os seus precedentes, mas também os subseqüentes da comunicação discursiva, pois é sempre *endereçado* e está pressuposta a atividade responsiva. A idéia de um *continuum* da comunicação será reformulada por Lotman em seu conceito de semiosfera, que veremos logo adiante, ainda neste capítulo.

De modo detalhado e denso, Bakhtin esmiúça e evidencia as diversas *tonalidades dialógicas* presentes no enunciado. Essa *cadeia da comunicação* também já estava esboçada em *Marxismo*:

Qualquer enunciação, por mais significativa e completa que seja, constitui apenas uma fração de uma corrente de comunicação verbal ininterrupta (concernente à vida cotidiana, à literatura, ao conhecimento, à política). Mas essa comunicação ininterrupta constitui, por sua vez, apenas um momento na evolução contínua, em todas as direções, de um grupo social determinado. (BAKHTIN, 1992: 123)

O repertório de gêneros de discursos (orais e escritos) de que dispomos é vasto e rico, e os dominamos com segurança, aliás, para Bakhtin, aprendemos a falar porque

aprendemos a construir enunciados, pois são os gêneros do discurso que organizam tanto a nossa fala quanto as formas gramaticais – e não o contrário. Entretanto, essa facilidade prática não nos garante o conhecimento em termos teóricos. O que está dito aí, em outras palavras, encontra-se no livro *Marxismo e filosofia da linguagem*: “não é a atividade mental que organiza a expressão, mas é a expressão que organiza a atividade mental, que a modela e determina sua orientação (BAKHTIN, 1992: 112). E o que é a expressão para Bakhtin? “Sua mais simples e grosseira definição é: tudo aquilo que, tendo se formado e determinado de alguma maneira no psiquismo do indivíduo, exterioriza-se objetivamente para outrem com a ajuda de algum código de signos exteriores”. (BAKHTIN, 1992: 111).

Nesta obra o autor também ressalta que o enunciado é composto por um *auditório social*, um *ambiente social* e um *horizonte social*. O primeiro é a qualidade de estar *endereçado*. Mesmo os pensamentos são direcionados a um público qualquer, ainda que imaginário. Se o pensamento é dialógico, assim como a linguagem, ele pressupõe os interlocutores. O segundo é o extraverbal de que falamos acima e o terceiro corresponde ao horizonte da época tempo-espço da enunciação: as idéias, valores, mentalidades e paradigmas circundantes. Acredito que podemos considerar o “elo ininterrupto da cadeia de enunciados” como sendo parte do horizonte e do ambiente do enunciado, é a situação da comunicação: “a situação mais imediata e o meio social mais amplo determinam completamente e, por assim dizer, a partir de seu próprio interior, a estrutura da enunciação” (Idem: 113).

No capítulo sobre a telenovela *A Favorita*, encontramos em Bauman (2008) a descrição e análise do *horizonte social* a que estamos, por que não dizer, submetidos – ou pelo menos interpelados – durante a enunciação desta telenovela. Encontramos na mídia e nos acontecimentos cotidianos de nosso país o *ambiente social*, e os brasileiros, mais especificamente, a audiência da telenovela, compõem o *auditório social*.

Chegamos, finalmente, ao último aspecto da identificação que fazemos entre telenovela e enunciação-enunciado. Podemos considerar, portanto, que a telenovela é uma *enunciação*, que se realiza como um *enunciado concreto*, sendo construída como uma *forma típica de enunciado*, o que a identifica como um *gênero do discurso*. Além disso, ela terá o país e o mundo como *ambiente social*; seu discurso se adéqua ao *ambiente* familiar e à programação das emissoras; e suas práticas de comunicação falam ao nível do senso comum, da ideologia do cotidiano. No *horizonte* se inserem, além do que já mencionamos acima, o conhecimento e repertório tanto do que a telenovela

expressa, quanto dos espectadores; as telenovelas anteriores; as memórias do passado e do futuro¹².

Bakhtin também faz considerações específicas para o enunciado da obra artística e, para tanto, discorre mais uma vez sobre o conceito de enunciado. Em *Discurso na vida e discurso na arte*, Bakhtin e Volochinov (1976) têm como objetivo entender as peculiaridades do enunciado poético. Querem saber de que modo um enunciado verbal artístico difere de um enunciado na corrente da vida. Para isso, fazem antes, considerações gerais sobre os enunciados verbais fora do campo da arte, os chamados *enunciados da vida e das ações cotidianas*.

Novamente, está o fato de que o discurso verbal não é auto-suficiente, pois nasce de situação extraverbal e a ela se mantém próxima; o discurso é diretamente vinculado à vida e se for dela divorciado perderá a sua significação. O processo de compreensão e julgamento dos enunciados não levará em conta apenas o verbal, mas toda a situação em que ele fora produzido.

Dessa forma, o enunciado mantém com o extraverbal uma unidade indissociável. Para explorar essa reflexão os autores partem de uma indagação: *como o discurso verbal na vida se relaciona com a situação extraverbal que o engendra?* Para respondê-la utilizam-se de um exemplo no qual duas pessoas, sentadas em uma sala estão em silêncio. Uma delas diz “bem”, a outra não responde. A análise se inicia pela *entoação* e prossegue para a explicitação do *contexto extraverbal*, a fim de dar a conhecer o não-dito presente nesse ato de comunicação.

Fica claro que três fatores compreendem o contexto extraverbal desse enunciado: o horizonte espacial comum dos interlocutores; o conhecimento e a compreensão comum da situação; a avaliação comum que os interlocutores fazem da situação. A partir desse exemplo pode-se perceber que o enunciado depende da situação, ou melhor, que ambos estão integrados de modo tal, que a situação passa a ser um elemento constitutivo da significação de um enunciado. Conseqüentemente, o enunciado concreto compreende duas partes: (1) *a parte percebida ou realizada em palavras* e (2) *a parte presumida*, que aqui também chamamos de ‘posto’ a parte realizada e de ‘pressuposto’ e ‘subentendido’ a parte presumida. É importante ressaltar que para os autores, os julgamentos presumidos dizem

¹² O que projetamos sobre e para o futuro também é constituinte da nossa memória. Memória do futuro é uma idéia construída a partir do diálogo entre Bakhtin (1992) e Damásio, para entender o conceito cf. PIETRAROIA, 2004.

respeito a atos sociais regulares e essenciais, e não a emoções individuais que, por sua vez, podem dotar o discurso apenas de *sobretons*, já que o “eu” só se realiza verbalmente sobre a base do “nós”. Este ponto também retoma a ênfase que em *Marxismo e filosofia da linguagem*, os autores sempre voltam ao aspecto de que “a atividade mental do sujeito constitui, da mesma forma que a expressão exterior, um território social” (BAKHTIN, 1992: 117), isso porque a nossa consciência é intersubjetiva, e “a diferenciação ideológica, o crescimento do grau de consciência são diretamente proporcionais à firmeza e à estabilidade da orientação social. Quanto mais forte, mais bem organizada e diferenciada for a coletividade no interior da qual o indivíduo se orienta, mais distinto e complexo será o seu mundo interior”. (Idem: 115).

Para distinguir enunciado concreto afirmam: “a característica distintiva dos enunciados concretos consiste precisamente no fato de que eles estabelecem uma miríade de conexões com o contexto extraverbal da vida, e, uma vez separados deste contexto perdem quase toda a sua significação” (BAKHTIN, 1976: 6). Advertem ainda que, quanto maior for o *horizonte* do grupo social a que pertencem os interlocutores, mais constantes serão os fatores *presumidos*, ou *pressupostos*, em um enunciado. São também os fatores presumidos que orientam a seleção do material verbal e a forma do todo verbal, encontrando sua expressão na entoação.

A *entoação* é, dessa forma, determinada pelo contexto e só pode ser compreendida quando percebemos os julgamentos de valor presumidos por determinado grupo social; ela fica *na fronteira do verbal com o não-verbal, do dito com o não dito*, é quando o discurso entra em contato com a vida, que os interlocutores entram em contato. É social e, por isso, sensível à atmosfera que envolve o falante. Outra característica da entoação é a de que ela tem uma *tendência inerente para a personificação*, ela é metafórica. Assim como o gesto, ela é *ativa e objetiva*, pois possui dupla orientação social: uma para o interlocutor e outra para o objeto.

A comunicação, o discurso verbal, é um evento social e é *a expressão e o produto da interação social de três participantes*: o falante, o interlocutor e o tópico.

A partir desses aspectos fundamentais do enunciado concreto, os autores prosseguem ressaltando a forma particular com que eles integram os enunciados poéticos. Fazem também a crítica da estética formalista, afirmando que a forma deveria ser estudada a partir da sua relação com o conteúdo (avaliação ideológica) e com o material (realização técnica da avaliação ideológica). A seleção do conteúdo e da forma é um mesmo ato, no qual se expressa a avaliação social, e é o que estamos tentando fazer ao

estudar *A Favorita*. Preocupam-se, portanto, não apenas com a “forma”, mas principalmente com os “*fatores que determinam as linhas gerais e básicas do estilo poético como um fenômeno social*” (Idem: 1).

Hoje, após algumas décadas de produção e estudo da telenovela é difícil negar que as suas formas de composição são típicas e determinadas por fatores sociais.

Para melhor visualizar as definições, os elementos componentes e relacionais do enunciado, desenvolvidos nas 3 obras citadas, resolvemos usar uma tabela para entender o enunciado como ato de comunicação e seus múltiplos aspectos.

Definições e características	Elementos componentes	Elementos relacionais	Os participantes – sujeitos do enunciado
<ul style="list-style-type: none"> • “Um enunciado é apenas uma fração de uma corrente de comunicação verbal ininterrupta” • Discurso • Expressão • Está sempre endereçado • “Um elo na cadeia de enunciados da comunicação discursiva” • Não é unidade convencional • É unidade real • Reflete as condições de produção 	<ul style="list-style-type: none"> • Horizonte social • Ambiente social • Auditório social • A moldura do enunciado: processo de alternância dos sujeitos do discurso • Entoação • Parte percebida ou realizada em palavras • Parte presumida • Possuem formas relativamente estáveis e típicas de construção do todo • Conteúdo temático • Estilo da linguagem • Construção composicional • Conclusibilidade específica • Possui tonalidades dialógicas 	<ul style="list-style-type: none"> • Tema • Significação • Situação de comunicação • Diálogo/relações dialógicas • Signo Ideológico • Extraverbal • Enunciados antecedentes (a corrente da comunicação) • Falante • Interlocutor • Tópico • Endereçamento • Entoação • Gera atividade responsiva • Gera ressonâncias dialógicas 	<ul style="list-style-type: none"> • Têm consciência intersubjetiva • Fazem a alternância do discurso • Devem estar situados no ambiente e horizonte social • Têm atitude responsiva • Percebem o todo do enunciado • Entendem a intenção e a vontade discursiva do falante

Com tantas características, relações e elementos, parece inadequado tentar o esboço de um esquema ou diagrama para representar o processo de comunicação. O melhor que podemos fazer é encontrar uma imagem que represente da melhor forma possível o caráter dialógico da comunicação. Para chegar a ela, recorreremos a alguns

conceitos presentes em Lotman. É bom lembrar que a Escola de Tartú pode ser considerada dentro da tradição de estudos do Círculo de Bakhtin (MACHADO, 2003, 2007). Dessa forma, o pensamento bakhtiniano está presumido nos estudos semióticos de Tartú. Lotman parece oferecer uma espécie de “visão em 3 dimensões” na ampliação dos conceitos aqui estudados de Bakhtin. Antes de introduzir esses conceitos, devemos recordar porque estudamos a telenovela como senso comum e entender melhor o que é a ideologia do cotidiano.

1.4. A telenovela como ideologia do cotidiano

No mundo do senso comum, guiado pelos estereótipos e pelo preconceito, um novo olhar representa um abalo de certezas por si mesmo indutor de mudanças pela quebra da imobilidade gerada pela cristalização de conceitos. (MOTTER)

Desde o mestrado estamos estudando a telenovela como lugar de memória coletiva e ideologia do cotidiano. Não vamos reproduzir toda a nossa argumentação, mas temos que retomar alguns pontos para que possamos fazer a ponte entre Bakhtin (ideologia do cotidiano) e Lotman (semiosfera e texto da cultura) e caracterizar melhor nosso objeto.

Aqui, além das obras já citadas do Círculo, incluímos *O freudismo* (2001) no debate para afirmar a telenovela como expressão dos níveis inferiores da ideologia do cotidiano, ou senso comum. Vale ressaltar, ainda, que em nosso mestrado fizemos uma aproximação dos pensamentos de Bakhtin e Gramsci no que diz respeito ao senso comum (ideologia do cotidiano) e ao folhetim (telenovela). Para a reflexão sobre memória coletiva incluímos os temas cotidiano, estereótipos e preconceitos e encontramos apoio teórico em Halbwachs (1990), Lefebvre (1991), Le Goff (1990), Heller (1985), Schaff (1964 e 1973) e Motter (2000-2001).

É importante ter em mente que o cotidiano é a vida comum de todo homem, está caracterizado pelo automatismo, pela hierarquização, pelo pragmatismo e economicismo, contextos nos quais nossas avaliações se baseiam em termos probabilísticos. Já nascemos inseridos na cotidianidade de nosso grupo. Nosso pensamento se fixa nas

nossas experiências e elas nos mostram o correto é o útil e os identificam com o verdadeiro. O pensamento cotidiano é ultrageneralizador e implica em comportamento. Por estas características, temos o hábito de primeiro definir para depois enxergar. Então, as nossas generalizações, que são os nossos estereótipos, se cristalizam e se tornam preconceitos (positivos ou negativos). O preconceito é uma generalização que tem raiz no pensamento cotidiano. Como na vida de todo dia não temos tempo para o conhecimento íntimo das coisas, nos pautamos por aquilo que a nossa cultura já definiu para nós. Há um lado seguro e econômico nisso – não vamos ter que descobrir tudo pela primeira vez -, mas há também uma acomodação que pode se tornar *conformismo*, nos termos de Heller (1985). O preconceito, ao mesmo tempo que exclui, oferece uma sensação de coesão para o grupo que o pratica. Eles são assimilados do meio social e desempenham essa função de coesão social. E não há qualquer argumento lógico e racional que sustente os preconceitos: estes têm o seu apoio na *fé*. E a fé está enraizada na particularidade individual, estando em contradição com o saber, mas resistindo sem abalos ao pensamento e à experiência. Na maior parte das vezes essa assimilação dos preconceitos é de ordem inconsciente, automática. O cotidiano é, ainda, o mundo da familiaridade, da intimidade, das ações banais. O cotidiano é domesticado, ou colonizado, pelo modo de produção capitalista e nesse sentido é um produto histórico, por isso é também um campo de análise social.

Desse modo, se as generalizações são categorias do pensamento cotidiano, elas estão na linguagem, elas são signos ideológicos. O pensamento cotidiano é o senso comum, esse saber derivado da *doxa*, “o tipo de suposição que Pierre Bourdieu definiu recentemente como *doxa* – ‘uma evidência não discutida e indiscutível’.” (BOURDIEU *apud* BAUMAN, 1999: 108). De fato, quando Bourdieu fala sobre ideologia, ele fala referindo-se ao senso comum e ao pré-construído presente na linguagem:

A ideologia (a que seria preferível no futuro dar outro nome) não aparece e não se assume como tal, e é deste desconhecimento [ou não-reconhecimento] que lhe vem a sua eficácia simbólica. Em resumo, não basta romper com o senso comum vulgar, nem com o senso comum douto na sua forma corrente; é preciso romper com os instrumentos de ruptura que anulam a própria existência contra a qual eles se construíram. (...) A força do pré-construído está em que, achando-se inscrito ao mesmo tempo nas coisas e nos cérebros, ele se apresenta com as aparências das evidências, que passa despercebida porque é perfeitamente natural. A ruptura é, com efeito, uma conversão do olhar. (BOURDIEU, 1989: 48-49).

A telenovela, porque fala ao cotidiano, dialoga com o senso comum, e, portanto, trabalha com as ultrageneralizações (estereótipos e preconceitos): às vezes os reafirma, outras propõem a sua ruptura com um novo olhar que apresenta para o público. Às vezes reafirma quando quer romper. Foi o caso, sempre lembrado, da novela *Pátria Minha* (Gilberto Braga, Globo, 1994-95), que acabou causando uma enorme polêmica por expressar o preconceito racial quando, na verdade, segundo o autor, sua intenção era a de questioná-lo ao mostrar que ele existe em nossa sociedade, caracterizada pelo preconceito à brasileira¹³ (COUCEIRO DE LIMA, 1996-97). Claro, seu enunciado foi interpretado erroneamente porque até então não havia um debate sobre o preconceito racial na telenovela, o que havia era a reprodução da negação do negro no Brasil (ARAÚJO, 2000), portanto, a naturalização do preconceito. De tal modo que para o autor era normal representar o negro de forma passiva, submissa e hierarquicamente inferior. Encontramos aqui, um *marcador ideológico*, um enunciado no qual emergiu de forma inconsciente uma ideologia racista.

Do mesmo modo, encontramos nas representações do indígena na telenovela (JAKUBASZKO, 2006), uma oscilação entre o preconceito positivo – uma imagem romantizada do indígena – e o negativo: o não-reconhecimento de suas identidades e a expressão de uma ideologia do branqueamento de nossa cultura. No artigo percebemos como emergem os marcadores ideológicos. De novo, o branco, hegemônico, expressa em seu discurso a sua pretensa superioridade. Mas há outros exemplos, casos em que as telenovelas foram bem sucedidas em quebrar estereótipos e romper preconceitos. A homossexualidade é um deles. A aceitação do divórcio, da mulher divorciada; a aceitação da mãe solteira, da gravidez na adolescência – e a sua prevenção; o preconceito contra os ciganos, contra os muçulmanos¹⁴.

A maioria dessas discussões levou mais que uma novela para acontecer e foram travadas nas conversas cotidianas, nos jornais e revistas, nos programas vespertinos de

¹³ Estamos nos referindo à herança cultural de que todo brasileiro é portador: o preconceito de ter preconceito. Talvez por essa característica já notada por Florestan Fernandes, os estudiosos da questão racial costumam iniciar seus artigos e palestras tendo que argumentar para o seu interlocutor que o preconceito no Brasil existe e, por ser velado, pode ser chamado de racismo “à brasileira” (cf. COUCEIRO DE LIMA, 1996-97). A mídia e os meios não apenas refletem a nossa realidade, como também a refratam, produzindo sentidos e representações sobre os mais diversos aspectos e identidades, e participando dos processos de transformação sociocultural. Quando a questão é o racismo, a mídia costuma reproduzir o racismo “à brasileira” que, por ser ambíguo, faz com que a maior parte das pessoas não reconheça sua manifestação.

¹⁴ É interessante e curioso, mera coincidência, evidentemente, o fato de que a novela *O Clone* vai ao ar menos de um mês depois dos atentados de 11 de setembro de 2001, em 1º de outubro 2001.

televisão. Os personagens e suas histórias são motes para, através deles, se discutir a própria vida. No ambiente social da ideologia do cotidiano, portanto.

Chamaremos a totalidade da atividade mental centrada sobre a vida cotidiana, assim como a expressão que a ela se liga, *ideologia do cotidiano*, para distingui-la dos sistemas ideológicos constituídos, tais como a arte, a moral, o direito, etc. A ideologia do cotidiano constitui o domínio da palavra interior e exterior desordenada e não fixada num sistema, que acompanha cada um dos nossos atos ou gestos e cada um dos nossos estados de consciência. (...) Os sistemas ideológicos constituídos da moral social, da ciência, da arte e da religião cristalizam-se a partir da ideologia do cotidiano, exercem por sua vez sobre esta, em retorno, uma forte influência e dão assim, normalmente, o tom a essa ideologia. (BAKHTIN, 1992: 118-119)

O autor distingue dois níveis dentro da *ideologia do cotidiano*. O inferior e o superior. O inferior “desliza e muda mais rapidamente na ideologia do cotidiano (...) colocaremos nesse nível todas as atividades mentais e pensamentos confusos e informes que se acendem e apagam na nossa alma, assim como as palavras fortuitas e inúteis. (BAKHTIN, 1992: 120). Já os níveis superiores da ideologia do cotidiano:

estão em contato direto com os sistemas ideológicos, são substanciais e têm um caráter de responsabilidade e de criatividade. São mais móveis e sensíveis que as ideologias constituídas. São capazes de repercutir as mudanças da infra-estrutura sócio-econômica mais rápida e mais distintamente. Aí justamente é que se acumulam as energias criadoras com cujo auxílio se efetuam as revisões parciais ou totais dos sistemas ideológicos. Logo que aparecem, as novas forças sociais encontram sua primeira expressão e sua elaboração ideológica nesses níveis superiores da ideologia do cotidiano, antes que consigam invadir a arena da ideologia oficial constituída. (Idem: 120).

Na obra *O Freudismo*, há mais uma definição: “Chamamos *discurso interior e exterior* “a ideologia do cotidiano” que penetra integralmente o nosso comportamento” (BAKHTIN, 2001:88). Segundo o autor, a ideologia do cotidiano é mais móvel e sensível do que a ideologia oficial.

A formulação aparece pela necessidade que o autor tem de fazer a crítica à teoria freudiana. Bakhtin quer mostrar que o “individual” em Freud é um problema conceitual de vez que, já que o que existe é a intersubjetividade, os conflitos “psíquicos” não são propriamente “psíquicos”, mas são ideológicos:

Retomemos agora aqueles “conflitos psíquicos” em que a psicanálise se baseia e os quais tenta explicar através da luta entre a consciência e o inconsciente. Do ponto de vista objetivo, todos esses conflitos se desencadeiam no elemento do discurso interior e exterior (evidentemente, além do seu aspecto puramente fisiológico), isto é, no elemento da ideologia do cotidiano. Não são conflitos “psíquicos” mas ideológicos, razão por que não podem ser entendidos nos limites estreitos de um organismo individual e de um psiquismo individual. Não vão apenas além dos limites da consciência, como pensa Freud, mas dos limites do indivíduo em sua totalidade. (Idem: 88-89).

A crítica é que “o indivíduo é definido em termos que o isolam do meio circundante e o fecham. O indivíduo acaba não sendo um elemento objetivo da história mas uma unidade subjetiva, um centro auto-suficiente de vivenciamento do mundo”. (Idem: 101).

E o que é a composição do inconsciente segundo Bakhtin, se ela não pode ser o “psiquismo individual”? O conteúdo do inconsciente de um indivíduo é o mesmo das camadas não-oficiais da ideologia do cotidiano:

O conteúdo e a composição das camadas não-oficiais da ideologia do cotidiano (isto é, o conteúdo e a composição do inconsciente, segundo Freud) são condicionados pela época e por uma classe tanto quanto o são as suas camadas “censuradas” e os sistemas da ideologia enformada (a moral o direito, a visão de mundo). (Idem: 89).

Em outro momento: “(...) o inconsciente de Freud pode ser denominado consciência não-oficial diferentemente da consciência “oficial”.” (Idem: 86). E podemos encontrar a consciência não-oficial nas manifestações discursivas da ideologia do cotidiano em distinção às manifestações discursivas da ideologia oficial.

Numa conversa tensa e pinçada de ironias, o assunto “conteúdo do psiquismo e os elementos componentes do inconsciente” percorreu capítulos e chegamos a conclusão que Bakhtin não nega a existência do inconsciente, pelo menos não de uma das conclusões que permitiram a formulação do conceito – a de que às vezes os nossos atos podem ser determinados “por forças que agem no psiquismo mas não chegam à consciência” (Idem: 29), mas com certeza diverge quanto ao seu conteúdo.

O que até parece uma contradição já que, para Freud, “o inconsciente é mudo, tem medo da palavra” (idem: 33). Mas não é isso, na verdade, o que interessa a Bakhtin,

e sim o que a interpretação freudiana sobre o conteúdo do inconsciente revela sobre o seu tempo¹⁵.

Dessa forma, o inconsciente não pode ser, como queria Freud, um material não-verbal cheio de desejos, sentimentos, imagens. Não podem ser estes anseios subjetivos a causa dos conflitos entre consciente e inconsciente.

De fato, entre a consciência e o inconsciente, arde uma polêmica, dominam um não-reconhecimento recíproco e uma incompreensão, o empenho de se enganarem mutuamente. Porque tais inter-relações são possíveis entre duas idéias, duas correntes ideológicas, duas pessoas que se hostilizam, mas nunca entre duas forças materiais! Por acaso é possível o embuste recíproco ou o não-reconhecimento entre, por exemplo, dois fenômenos físicos? É claro que só depois de penetrar na consciência, de revestir-se de formas da consciência (de formas de desejos, pensamentos, etc., definidos por seu conteúdo) os produtos do inconsciente podem entrar em contradição com as exigências éticas ou serem interpretadas como embuste da “censura”¹⁶. Desse modo, toda a *dinâmica psíquica de Freud é dada numa interpretação ideológica da consciência*. Trata-se, conseqüentemente, da *dinâmica não das forças psíquicas, mas apenas de diferentes motivos da consciência*. Em toda a teoria freudiana da luta psíquica, com todos os mecanismos que a realizam, ouvimos apenas a voz parcial da consciência subjetiva, que interpreta o comportamento do homem. O inconsciente é apenas um dos motivos dessa consciência, um dos modos de interpretação ideológica do comportamento. (Idem: 77).

O inconsciente é apenas mais uma refração ideológica. Nesse ponto, a ideologia bakhtiniana recebe uma definição precisa: expressão da consciência de classe. Numa passagem, depois de ironizar o método, as análises, conclusões e analogias freudianas, o autor aproxima ideologia e inconsciente pela semelhança de mentir, enganar, iludir:

O que é a consciência de um homem isolado senão a ideologia do seu comportamento? Neste sentido podemos perfeitamente compará-lo à ideologia na própria acepção do termo, ideologia essa que é expressão da consciência de classe. Mas não se pode tomar como verdade nenhuma

¹⁵ Para o autor, a teoria freudiana demonstra a decadência do modo de vida burguês. Bakhtin faz a crítica e em alguns momentos ironiza a teoria freudiana: “O freudismo – essa psicologia dos desclassificados –, torna-se corrente ideológica reconhecida dos mais amplos círculos da burguesia européia. Eis um fenômeno profundamente sintomático e ilustrativo para quem queira compreender o espírito da Europa atual. A aspiração fundamental da filosofia dos nossos dias é criar *um mundo além do social e do histórico*. O “cosmicismo” da antroposofia (Steiner), o “biologismo” de Bérghson e, por último, o “psicobiologismo” e o “sexualismo” de Freud, três tendências que dividiram entre si o mundo burguês, cada uma serve a seu modo àquela aspiração da filosofia moderna. Elas definiram a fisionomia do atual Kulturmenscha – steineriano, bergsonian e freudiano – e os três altares da sua fé e culto – *a magia, o instinto e a sexualidade*. Onde os caminhos criadores da história estão fechados restam apenas os impasses da superação individual de uma vida desprovida de sentido. (BAKHTIN, 2001:91-92).

¹⁶ Censura é uma noção freudiana que diz respeito ao trajeto das informações do inconsciente para o consciente, ela fica na fronteira entre ambos. É um mecanismo do inconsciente para não deixar o ego perceber os seus recalques: sentimentos, desejos e representações são deslocados para o inconsciente.

ideologia, seja individual ou de classe, nem acreditar nela sob palavra. A ideologia mente para aquele que não é capaz de penetrar no jogo das forças materiais objetivas que se esconde por trás dela. Por exemplo, alguma doutrina religiosa só leva ao equívoco quem acredita nela e a aceita ingenuamente por aquilo que ela diz ser. (Idem: 78)

Se bem que ele frisa “na própria aceção do termo”: a frase indica que o conceito que ele usa de ideologia já foi um pouco modificado.

Bourdieu parece ter razão em desejar que no futuro seja preferível dar outro nome para ideologia. Quem sabe o seu conceito de *illusio* possa ser usado. Deixamos aqui uma intenção para os nossos trabalhos futuros, desenvolver esse conceito em aproximação ao de ideologia do cotidiano¹⁷ para entendê-la melhor. É que a cadeia de enunciados sobre o tema *ideologia* já é muito complexa, ou, melhor dizendo, poluída. Assim, acreditamos que a nossa argumentação, os nossos exemplos tenham sido suficientes para dar conta de nosso objetivo que é aproximar ideologia do cotidiano e senso comum e afirmar a telenovela como uma enunciação dos níveis superiores da ideologia do cotidiano.

Para estudá-la, precisamos vê-la como um enunciado do senso comum, que dialoga com outros enunciados do senso comum e do discurso oficial. Para tanto, vamos considerar que nos níveis inferiores estejam as comunicações verbais de caráter oral, que não se fixaram num sistema. Digamos que sejam as piadas, os causos, algumas canções, pensamentos correntes da vida cotidiana. A Internet é hoje uma fonte riquíssima e inesgotável, de onde podemos retirar diversas manifestações discursivas dos níveis inferiores da ideologia do cotidiano, além, claro, de trazer também os níveis superiores e o discurso oficial. Podem ser também algumas práticas, a exemplo da “ideologia do comportamento”, mencionada acima por Bakhtin. Vamos falar deles na primeira seção do capítulo 3. Seriam os gêneros *primários*, conforme definidos em *Estética da criação verbal* (2003). De acordo com as condições culturais, o grau de organização e complexidade em que se produzem os enunciados, podem-se definir dois tipos básicos de gêneros discursivos, que o autor chamou de primários (simples) e secundários (complexos). Os primeiros, de caráter predominantemente oral, são formados nas condições

¹⁷ *Illusio* palavra latina da raiz de *ludus*, jogo, lúdico, que poderia significar “levar o jogo a sério”; Bourdieu a utiliza para caracterizar aquele que dá importância ao jogo social, mas “os jogos sociais se fazem esquecer como jogos e a *illusio* é essa relação encantada com um jogo que é o produto de uma relação de cumplicidade ontológica entre as estruturas mentais e as estruturas objetivas do espaço social”. (BOURDIEU, 1996: 139-140). Claro que nós só entramos naqueles jogos que achamos interessantes. Como reproduzimos na citação de Bakhtin acima: “Por exemplo, alguma doutrina religiosa só leva ao equívoco quem acredita nela e a aceita ingenuamente por aquilo que ela diz ser” (BAKHTIN, 2001: 78).

de comunicação discursiva imediatas, cotidianas, enquanto os segundos, predominantemente escritos, surgem no ambiente sociocultural mais complexo e organizado. Há ainda, uma relação mútua entre eles, pois um incorpora o outro. Percebemos que seja uma reformulação dos níveis discursivos encontrados em *Marxismo e filosofia da linguagem*, mas nesta tese vamos manter os 3 níveis para melhor agrupar os textos. Apenas alguns mitos que mencionamos no capítulo sobre masculinidade que tivemos dificuldade de colocar, já que Bakhtin não faz menção a eles, e que eles parecem ter, ao mesmo tempo, um caráter primário (oralidade) e secundário (se coloca como ideologia oficial). Dessa forma os colocamos na ideologia do cotidiano, porque têm influência sobre a vida cotidiana, mas deixamos aqui registrada esta questão que deixamos em aberto para ser elaborada num outro momento.

A partir do que estudamos podemos afirmar que a ideologia do cotidiano corresponde ao senso comum, ao pensamento cotidiano com todas as suas características. Nesse sentido é que encaramos a telenovela como interlocutora do senso comum, pois, através do diálogo que com ele mantém, acaba por transformá-lo, transformando também os consensos que esta visão de mundo produz. Para Motter, a telenovela “ao trabalhar com o presente constitui, com o jornal e outras mídias, como as revistas informativas semanais, o ponto de convergência do nível superior da ideologia do cotidiano de que fala M. Bakhtin.” (MOTTER, 2000-2001: 80).

Também para Silverstone, os preconceitos e estereótipos circulam na esfera do senso comum que, segundo ele, é indispensável para que possamos compartilhar as nossas experiências, pois seria através dele que nos tornamos aptos para nos localizar na vida moderna e definir nossas identidades.

É no mundo mundano que a mídia opera de maneira mais significativa. Ela filtra e molda realidades cotidianas, por meio de suas representações singulares e múltiplas, fornecendo critérios, referências para a condução da vida diária, para produção e manutenção do senso comum. E é aqui, no que passa por senso comum, que devemos fundamentar o estudo da mídia. (SILVERSTONE, 2002: 20).

Seguindo esses preceitos é que tentaremos acompanhar a produção dos sentidos da masculinidade da telenovela *A Favorita* em diálogo com outros textos do senso comum e da ideologia oficial. A nossa *semiosfera*, que veremos a seguir, será composta destes níveis.

Agora vamos entender a telenovela como um texto da cultura para chegar ao nosso pensamento sobre uma imagem possível para representar o processo de comunicação sob um ponto de vista dialógico. Para isso vamos recorrer a alguns conceitos e noções presentes em Lotman.

1.5. As telenovelas como textos da cultura

Lotman (1996) propõe uma revisão de alguns conceitos básicos da semiótica. Apesar de haver duas diferentes tradições científicas, um mesmo problema se coloca para ambas: o de isolar o objeto e estudá-lo a partir de um elemento - seja o signo, seja o ato comunicacional - que se considere primário e que sirva como modelo de todo ato semiótico. Desse fato decorrem outros dois problemas. O primeiro é a tendência de interpretar a semiótica como uma extensão dos métodos lingüísticos, conforme Bakhtin também advertiu. O segundo é que o caminho do mais simples ao mais complexo pode gerar um enfoque fragmentado do fenômeno, já que o todo não é apreensível a partir da mera soma das partes que o compõem. Para Lotman, as partes, ou os elementos primários só funcionam quando estão submetidos a “um continuum semiótico, completamente ocupado por formações semióticas de diversos tipos e que se acham em diversos níveis de organização” (LOTMAN, 1996: 22).

Desse modo, a partir de uma analogia com o conceito de biosfera de V.I. Vernadski, o autor propõe o conceito de *semiosfera* para representar esse *continuum*. A biosfera estaria caracterizada por um espaço fechado em si mesmo, ocupado por matérias vivas que estabelecem relação de interdependência, possuem traços distintivos e memória. A semiosfera também se realiza em diversas linguagens, que são interdependentes, e se fecha num espaço de modo que tudo o que ali circula vai produzir sentido.

Já que a semiótica pode ser vista como um conjunto de diferentes textos e linguagens, cada qual com sua integralidade e em permanente interação uns com os outros, todo o espaço semiótico pode ser considerado como um mecanismo, ou organismo.

A partir dessas considerações estabelece a existência de uma semiosfera: espaço semiótico fora do qual é impossível a existência da semiose. Justifica-se, então, a crítica feita ao percurso do mais simples ao mais complexo, já que o ato signico só terá “realidade” no contexto do universo da semiosfera. Não é possível somar os signos para

descobri-la, pois eles mesmos só serão descobertos levando-se em conta, primeiramente, o espaço em que se relacionam. Vemos, aqui, duas advertências já feitas por Bakhtin.

Desse modo, pensamos que a divisão e classificação que fizemos de nossos textos sobre masculinidade entre ideologia do cotidiano e discurso oficial, conforme denominações de Bakhtin, quando vistas num todo, configuram uma tentativa de representar uma semiosfera da masculinidade. Claro que o todo é inapreensível, mas alguns “fragmentos” podem servir para efeito de análise. Do mesmo modo, podemos quem sabe afirmar, que existe uma “semiosfera das telenovelas”, na qual tudo o que diz respeito a elas fazem parte desse *continuum* de sentido.

Segundo Lotman, há dois traços distintivos que caracterizam a semiosfera: o seu caráter delimitado e a irregularidade semiótica.

Quanto ao caráter delimitado, para entendê-lo é preciso supor um interior e um exterior do espaço semiótico. O espaço extrasemiótico, ou alosemiótico, rodeia a semiosfera que não pode estar em contato com textos alosemióticos ou com os não textos, pois se acham fora dela e para adentrá-la é preciso que sejam “traduzidos” em alguma linguagem de seu espaço interno. Assim, a semiosfera semiotiza os fatos não semióticos graças à fronteira que, por ser um mecanismo bilíngüe, traduz as mensagens externas à linguagem interna da semiosfera e vice-versa. É como se fosse uma película que filtra, elabora e adapta os conteúdos, transformando-os em informação.

A fronteira faz também a intersecção com as fronteiras dos espaços culturais particulares. A fronteira de uma cultura será estabelecida de acordo com a posição do observador.

Outra função da fronteira está no domínio de processos semióticos acelerados que sempre ocorrem mais ativamente na periferia cultural para, então, dirigirem-se a uma posição nuclear.

A Irregularidade, por sua vez, é lei da organização interna da semiosfera e, embora a heterogeneidade seja sua característica, assim como a falta de hierarquia entre as linguagens que a compõem, pode-se supor a existência de um movimento periferia – núcleo, onde, neste último, encontram-se os sistemas semióticos dominantes. A interação entre esses níveis é uma das fontes de seus processos dinâmicos e é uma dos responsáveis, ao lado da não homogeneidade, pelos mecanismos de produção de novas informações dentro da esfera.

A diversidade interna e a falta de hierarquia entre os textos dotam cada linguagem que povoa a semiosfera de autonomia e independência em seu funcionamento. Entretanto, pode-se considerar que essa autonomia seja relativa, já que o intercâmbio dialógico de textos não é um fenômeno facultativo. O diálogo precede a linguagem e o gera, assim como vimos em Bakhtin. Sem a semiosfera a linguagem não só não funciona como não existe: as diferentes subestruturas da semiosfera estão vinculadas em uma interação e não podem funcionar sem apoiarem-se umas nas outras.

Esse diálogo é possível graças a um princípio invariante que faz com que os processos comunicativos sejam semelhantes entre si, e também por isso é possível que, sem cessar, a integralidade da semiosfera seja aumentada sem que ela se destrua. Esse princípio é o da combinação entre simetria-assimetria.

Outro exemplo utilizado para explicar a relação simetria-assimetria é o encontro entre diferentes culturas. O processo de conhecimento e contato com outras culturas provoca não apenas o conhecimento do outro, como faz uma dada cultura reconhecer as próprias peculiaridades e especificidades (de novo, o processo de refração). A cultura isolada é sempre natural, comum, mas sabendo-se parte de um todo mais vasto assimila o ponto de vista externo sobre si mesma e percebe a si mesma como específica.

A semiosfera tem ainda uma profundidade diacrônica, pois é dotada de um complexo sistema de memória, da qual falaremos logo a seguir.

Para Lotman, o diálogo é o fundamento de todos os processos geradores de sentido e a manifestação da simetria-assimetria é a base do diálogo. A partir de um ponto de vista orgânico como esse – se posso chamá-lo assim – a forma *diálogo* assume importância e destaque ainda maior. O diálogo é “o fundamento de todos os processos geradores de sentido” (LOTMAN, 1996: 42). Para ele, assim como para Bakhtin, inclusive a consciência seria impossível sem a linguagem, sem a comunicação. Ou melhor: “Como a consciência do homem é uma consciência lingüística todos os aspectos...” (LOTMAN, 1978: 37).

Assim se faz possível a diversidade de linguagens que povoam a semiosfera: espaço que deve ser levado em conta se pretende-se estudar os fenômenos semióticos sem reduzir a sua complexidade.

É interessante notar também, que o diálogo entre as diferentes áreas do saber gera enormes contribuições às diversas teorias e conceitos, e saltos de qualidade podem

ser flagrados no conhecimento humano. O conceito de *valor*, inaugurado por Nietzsche nas humanidades, e o de *campo*, que Bourdieu emprestou da física, são apenas dois exemplos que me lembro de imediato e que, sabemos, prosperaram nas ciências humanas. *Semiosfera* é mais um que decorre de uma analogia, de uma troca entre duas áreas aparentemente distantes.

Apesar de ter me formado em lingüística, ter estudado semiótica e análise de discurso, ainda que fosse inevitável considerar a existência de um “universo, ou espaço semiótico”, afirmo que em nenhum momento havia refletido acerca de seus limites, traços distintivos e mecanismos de funcionamento. A tendência é realmente a de observar fragmentos desse todo, e considerar, na maior parte das vezes, uma linguagem sem o diálogo que inevitavelmente ela estabelecerá com outras. Desse modo, não havia surgido ainda, para mim, a necessidade de nomear e especificar esse espaço semiótico. Percebo, agora, a partir do conceito de semiosfera, o quanto ele pode transformar a análise textual, a observação das práticas discursivas. Se mudarmos o ponto de partida, o percurso se faz outro.

Lotman (1996) propõe a revisão do conceito de texto, discutindo-o a partir da semiótica da cultura, disciplina que trouxe mudanças nas idéias da semiótica tradicional. Segundo ele, a semiótica da cultura “examina a interação de sistemas semióticos diversamente estruturados, a não uniformidade interna do espaço semiótico e a necessidade do poliglotismo cultural e semiótico” (LOTMAN, 1996: 78). Assim, segue enfatizando o caráter multiestrutural do texto e a complexidade dos processos comunicativos e de produção de sentido. Afinal, um texto supõe complexas relações não apenas com seus leitores, mas também com o contexto cultural em que está inserido, o extraverbal de que tanto já falamos; ele não apenas transmite uma informação, mas também transforma mensagens e produz novas mensagens nas relações que estabelece, a refração de que já falamos também. Mas ele vai ainda um pouco além: propõe pensarmos o texto

não como a realização de uma mensagem numa língua qualquer, mas como um complexo dispositivo que guarda variados códigos, capaz de transformar as mensagens recebidas e de gerar novas mensagens, um gerador informacional que possui traços de uma pessoa com um intelecto altamente desenvolvido. (Idem: 82).

Os textos podem ser vistos e estudados cada vez mais como atos de “*trato* [pacto] *semiótico* de um ser humano com outra pessoa autônoma”.

Mais uma vez enfatiza-se a necessidade de ter em conta não apenas o contexto de produção dos atos de linguagem, como também seu caráter complexo, formado a partir da interação de diferentes códigos. Levando-se em consideração tais propriedades, a semiótica não pode mais se guiar por uma visão isolante, segmentada, que tende a reduzir os fenômenos semióticos e estudá-los somente a partir dos modelos propostos pela lingüística.

A idéia de que o leitor não apenas decifra o texto, mas antes *trata* com ele, pactua, negocia, é compartilhada por alguns escritores e poetas. Por exemplo, esse trecho de um texto de Borges, no qual discorre sobre o *enigma da poesia*:

Falando sobre o Bispo Berkeley (...), lembro que ele escreveu que o gosto da maçã não estava nem na própria maçã – a maçã não pode ter gosto por si mesma – nem na boca de quem come. É preciso um contato entre elas. O mesmo acontece com um livro ou com uma coleção deles, uma biblioteca. Pois o que é um livro em si mesmo? Um livro é um objeto físico num mundo de objetos físicos. É um conjunto de símbolos mortos. E então aparece o leitor certo, e as palavras – ou antes, a poesia por trás das palavras, pois as próprias palavras são meros símbolos – saltam para a vida, e teremos uma ressurreição da palavra. (BORGES, 2001: 12). (grifos nossos).

O estudo de textos só pode fazer sentido se tais relações forem consideradas, pois é a partir das interações (a maçã e a boca) que os sentidos emergem, que as palavras, signos e textos ganham vida. Parece-me que as metáforas conseguem evidenciar de forma interessante a importância das interações, bem como o caráter heterogêneo, transformador e mutável dos textos.

Nesse sentido, há ainda algumas outras leituras que me assaltaram a memória e o pensamento, já que estamos falando de relações dialógicas. Como falamos no texto como um dispositivo pensante, permitirei o fluxo a que ele me leva.

Larosa (1999), ao escrever sobre *imagens do estudar* afirmava que o “verdadeiro” estudante (leitor) é aquele que preenche as linhas, as margens, as brechas, enfim, todos os espaços em branco deixados por um texto. É aquele que queima os livros. A imagem é sugestiva, pois, assim como o fogo consome quase que inteiramente aquilo do que se apodera, e com o qual se funde, também o leitor deve apoderar-se e fundir-se com os textos, e deve queimá-los, consumi-los com a força do fogo. Não é o fogo que fundindo os metais os transformam?

Outro elemento pode ser evocado: a água. Se lembrarmos o célebre pensamento de Heráclito *um homem nunca se banha duas vezes no mesmo rio* e fizermos uma associação entre rio e texto, teremos que um homem nunca lê duas vezes um mesmo texto, pois ambos se transformaram no percurso, e a mudança começa nessa interação.

Há na poesia freqüentes comparações entre a fluidez do rio ou da água à do pensamento. João Cabral de Melo Neto, por exemplo, em *Rios sem discurso*, compara rio e discurso, água e linguagem, para remeter-se ao contexto social da seca no sertão e falar da vida, a vida da linguagem, a vida na seca e a importância do discurso no combate à seca:

Quando um rio corta, corta-se de vez
o discurso-rio de água que ele fazia;
cortado, a água se quebra em pedaços,
em poços de água, em água parálitica.
Em situação de poço, a água equivale
a uma palavra em situação dicionária:
isolada, estanque no poço dela mesma,
e porque assim estanque, estancada;
e mais: porque assim estancada, muda
e muda porque com nenhuma comunica,
porque cortou-se a sintaxe desse rio,
o fio de água por que ele discorria.

O curso de um rio, seu discurso-rio,
chega raramente a se reatar de vez;
um rio precisa de muito fio de água
para refazer o fio antigo que o fez.

Salvo a grandiloqüência de uma cheia
lhe impondo interina outra linguagem,
um rio precisa de muita água em fios
para que todos os poços se enfrasem:
se reatando, de um para outro poço,
em frases curtas, então frase e frase,
até a sentença-rio do discurso único
em que se tem voz a seca ele combate.¹⁸

Os textos e conceitos de Lotman, de forma involuntária, resgataram em mim algumas imagens e o diálogo que surge é então inevitável. Talvez, a literatura, a poesia, as imagens poéticas, sejam mais provocadoras e haja, então, uma maior facilidade de pactuar com elas, ou de perceber os pactos que surgem a partir da observação da fun-

¹⁸ Cf. <http://www.eca.usp.br/comeduc/antigos/poesia/poesia17.htm>.

ção sociocomunicativa do texto. Talvez condensem mais códigos semióticos nas suas construções metafóricas. A poesia, de fato, carrega seus enigmas.

Assim, tais associações parecem materializar a idéia de uma semiofera caracterizada pela não uniformidade, heterogeneidade e pelo poliglotismo. Nas metáforas podemos ver tais aspectos com clareza: imagens e sons que penetram o universo verbal; palavras que transitam em domínios que não são os seus “próprios” e esperados; relações inusitadas entre as linguagens e o contexto em que se inserem; fronteiras entre imaginário, simbólico e real...

Faço referência, ainda, ao conto de Clarice Lispector, *Felicidade Clandestina*, no qual a personagem vive com o livro uma história de desejo, prazer e paixão. Ela figurativiza a idéia de Lotman quanto ao fato de que o processo de decifrar um texto assemelha-se ao dos atos de comunicação entre duas pessoas; de que o texto é “um gerador informacional que possui traços de uma pessoa com intelecto altamente desenvolvido” (LOTMAN, 1996: 82):

“(...) Chegando em casa, não comecei a ler. Fingia que não o tinha, só para depois ter o susto de o ter. Horas depois abri-o, li algumas linhas maravilhosas, fechei-o de novo, fui passear pela casa, adiei ainda mais indo comer pão com manteiga, fingi que não sabia onde guardara o livro, achava-o, abria-o por alguns instantes. Criava as mais falsas dificuldades para aquela coisa clandestina que era a felicidade. A felicidade sempre ia ser clandestina para mim. Parece que eu já pressentia. Como demorei! Eu vivia no ar... Havia orgulho e pudor em mim. Eu era uma rainha delicada. Às vezes sentava-me na rede, balançando-me com o livro aberto no colo, sem tocá-lo, em êxtase puríssimo. Não era mais uma menina com um livro: era uma mulher com o seu amante.” (grifos nossos).¹⁹

É claro que não é exatamente esta a qualidade, a da paixão e do prazer pela leitura, a que Lotman se refere, entretanto, ao pensar nos diferentes pactos que se estabelecem no ato da interação com textos, parece ser impossível percebê-los apenas por uma visão “objetivista”; ora, se os sentidos emergem, eles não o fazem apenas pela via da racionalidade, mas também porque comunicam e se comunicam com a vida, as pessoas, as histórias e memórias implicadas nas palavras, imagens, textos, tradições culturais, sujeitos e indivíduos. E as transformam. Também as maneiras de sentir e emocionar-se caracterizam, identificam e diferenciam as culturas e seus indivíduos.

¹⁹ Para ler o conto felicidade clandestina: <http://intervox.nce.ufrj.br/~valdenit/felicida.htm>

Desse modo, o que me chamou atenção no conceito de texto de Lotman, além de sua proposta de distinguir processos factuais, foi o fato de que, ao lidar com os textos, devemos ter em conta que nosso objeto de estudo tem “vida”, “inteligência”, desenvolve-se numa *semiosfera*, e, se nosso olhar científico estiver bem construído, poderemos ver os textos não como meros símbolos, mas como organismos que interagem entre si e com diversos contextos, ou, ainda, de acordo com Borges, supracitado, poderemos ver a sua ressurreição.

Lotman (1996) faz também uma reflexão acerca do papel ativo da memória na cultura e seus processos de produção de sentido. De acordo com Lotman, a memória não pode ser vista como um depósito passivo de textos, mas como parte constitutiva dos processos e mecanismos formadores dos mesmos.

Dividindo o capítulo sobre a memória da cultura em 6 partes, faz, em cada uma delas, uma demonstração de como, em diferentes aspectos, a memória exerce um papel ativo e possui estrutura dinâmica.

No primeiro tópico, parte da idéia de que a cultura seja uma inteligência e memória coletivas, um mecanismo supra-individual de conservação, transmissão e elaboração de novos textos. O autor define a cultura, portanto, como espaço de memória comum, dentro do qual os textos podem ser conservados e atualizados. A presença de alguns textos constantes, bem como a unidade dos códigos e o caráter ininterrupto e regular de transformação, são condições que asseguram a memória comum para uma dada cultura.

No segundo, afirma que a memória da cultura apresenta uma unidade, mas também uma variação interna, o que poderia supor a existência de “dialetos da memória”, correspondentes à organização interna das coletividades que constituem o mundo de determinada cultura. As subestruturas culturais conduzem ao surgimento de “semânticas locais”. Por isso, muitas vezes, para que determinados textos possam transpor os limites da sua subcoletividade, é preciso adicionar a eles comentários para que possam ser compreendidos. A individualização da memória constitui o segundo pólo de sua estrutura dinâmica.

No terceiro item, Lotman afirma que, de maneira simplificada, a memória enquanto conservação de textos pode ser entendida num duplo desdobramento: memória informativa e memória criadora. A primeira desenvolve-se no curso do tempo, respeitando as leis cronológicas, e está disposta como se, ao somarem-se as novas informações,

a mais recente tivesse importância de “resultado final”, como se valesse a fórmula “o mais novo é o mais valioso”. Já a memória criadora, ao contrário da primeira, não pode ser reduzida a essa fórmula, pois possui caráter pancrônico, não se desenvolvendo num eixo sintagmático, numa relação de continuidade. O exemplo escolhido para ilustrar tal dinâmica foi o da memória da arte, cujos textos transcendem a linearidade temporal.

A partir dessa última observação, no quarto item, Lotman afirma que novos textos são criados não apenas no presente, mas também no passado de uma cultura. É como se o passado continuasse “produzindo” ao resgatar, recuperar e reintegrar, no presente, textos esquecidos. Cada cultura define o paradigma que norteia a recordação/conservação e o esquecimento. Com o tempo, ao mudar o paradigma, transformam-se também o conjunto e a combinação de textos a serem conservados e esquecidos.

Se é sob a influência de novos códigos que se realiza a interpretação de textos que se depositaram na memória, então, de tempos em tempos, ocorre um deslocamento dos elementos significativos e não significativos da estrutura dos textos. Desse modo, afirma-se a memória não como depósito passivo de informação, mas como gerador informacional, de vez que os sentidos na memória da cultura não se conservam apenas, mas crescem, gerando novos textos.

A partir dessa articulação entre memória criadora, ativa e novos códigos, Lotman segue evidenciando a importância e o papel ativo da memória da cultura para o desenvolvimento da mesma.

No quinto tópico, afirma que há textos revolucionários que se adiantam ao desenvolvimento de novos códigos e, com a influência que exercem e a conseqüente geração de novos textos, transformam o sistema da “gramática da cultura”. Além de determinar a formação de novos textos, determinam a percepção da cultura sobre os anteriores. Outro choque produtivo é o que introduz, numa dada cultura, textos não pertencentes a ela. A tradição interna, por não ter códigos apropriados para sua interpretação, ao criá-los, apresenta uma desconexão entre a memória da cultura e os mecanismos sincrônicos de formação de textos da mesma. A conseqüência disso é o aumento do volume da memória numa velocidade maior, o que ocasiona uma explosão de novas produções textuais. É quando ocorre o florescimento de determinada cultura numa época dada. Desse modo, a produtividade e o desenvolvimento da cultura estão ligados à troca (choque) de textos e códigos entre diferentes tradições.

No último tópico ressalta que tais trocas acontecem não apenas entre tradições culturais diferentes, mas também entre distintos gêneros textuais.

Desse modo, o capítulo é concluído de forma a evidenciar o papel ativo da memória para o desenvolvimento da cultura e seus processos de produção de sentido.

Consideramos a telenovela como documento de época e lugar de memória coletiva, como já mencionamos, e percebemos nessas novas idéias bastante afinidade com as anteriores. Para Halbwachs (1990), por exemplo, a memória é entendida como fenômeno social e só é possível porque existe a linguagem. Também como Lotman, ele afirma que a continuidade do desenvolvimento da memória coletiva acontece porque seus limites são incertos e irregulares; o passado e o presente não se encontram em oposição, e ela possui, ao mesmo tempo, caráter unificador e ação reflexiva que impulsionam transformações. Assim, a memória é ao mesmo tempo conservação e criatividade, é produto e produtora da interação social, participa da construção, manutenção e transformação das identidades coletivas e individuais. Pode ser vista, assim como a história, como modo de narrar, portanto, acredito poder dizer que ela seja parte fundamental constituinte da semiosfera. A diferença parece estar em que Lotman localiza a memória da cultura nos textos.

É interessante notar que a noção de cultura de Lotman está próxima da aceção de Geertz (1989) que podemos adotar neste trabalho:

O conceito de cultura que eu defendo, e cuja utilidade os ensaios abaixo tentam demonstrar, é essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado. (GEERTZ, 1989: 4).

Segundo o antropólogo, o conceito de cultura semiótica se adapta bem aos objetivos da antropologia, que devem ir na direção do “alargamento do universo do discurso humano” (idem: 10) e não tentar transformar os nativos ou copiá-los e ser um deles. A análise cultural deve ser mais parecida com a do crítico literário (idem: 7). “A análise cultural é (ou deveria ser) uma adivinhação dos significados, uma avaliação das conjeturas, um traçar de conclusões explanatórias a partir das melhores conjeturas”. (Idem: 14). E o ensaio é o gênero mais adequado para escrever as interpretações culturais, já que não será possível encontrar uma “teoria geral” das interpretações culturais; isso porque não se pode almejar generalizar através dos casos: “a tarefa essencial da construção teórica não

é codificar realidades a abstratas, mas tornar possíveis descrições minuciosas; não generalizar através dos casos, mas generalizar dentro deles”. (idem: 18).

Assim, como já mencionamos, a exemplo do antropólogo seguimos a pesquisa considerando que podemos fazer o estudo da telenovela aplicando uma observação participante. Tentaremos fazer a análise à procura dos significados da masculinidade da telenovela *A Favorita* na teia de significados da cultura, e não pretendemos chegar a uma generalização de um modo de ser, ou ver, a masculinidade, mas usaremos as generalizações já existentes para nos ajudar a investigar os sentidos da masculinidade na telenovela. Arriscaremos algumas descrições minuciosas a fim de melhor entender o nosso objeto, e, dentre eles, percebemos algumas generalizações.

Outra construção de Lotman importante para este trabalho é a idéia de que a arte é um sistema de modelização secundário. Dialogando com os lingüistas e filólogos, para quem a língua é considerada como um sistema de modelização primário, Lotman propõe que linguagem seja entendida em sentido amplo: “por linguagem entendemos todo o sistema de comunicação que utiliza signos ordenados de modo particular” (LOTMAN, 1978: 35). Elas ainda se diferenciam dos sistemas que não servem de meios de comunicação - para ele “a arte é um dos meios de comunicação” (Idem: 33) - ; dos sistemas que servem de meio de comunicação mas não utilizam signos e, por fim, dos sistemas que servem de meio de comunicação e utilizam signos, mas de forma pouco ordenada, ou quase nada. Assim pode-se falar em “linguagem do teatro, do cinema, da pintura, da música e da arte no seu conjunto como de uma linguagem organizada de modo particular” (idem: 34). Acreditamos, portanto, que possamos falar em linguagem da telenovela e de um modo particular de organização dos signos que a compõem. Segundo o autor, se aceitarmos essa definição de linguagem, ela abrangerá (a) as línguas naturais; (b) as línguas artificiais; e (c) as linguagens secundárias ou os sistemas de modelização secundários. E a seguir afirma: “*A arte é um sistema modelizante secundário*” (idem: 37). Se aceitamos que a telenovela é um meio de comunicação e uma linguagem, se ela não é língua natural e nem artificial, ela só pode ser um sistema de modelização secundário. Mas o que isso significa exatamente?

As línguas naturais constituem-se como sistema primário de modelização porque

A língua natural é não só um dos sistemas mais precoces, mas também o mais poderoso sistema de comunicação na coletividade humana. Pela sua

própria estrutura, ela exerce uma poderosa influência sobre o psiquismo dos indivíduos e em muitos aspectos da vida social” (idem: *ibid*).

A exemplo do sistema primário que “cria e modeliza o mundo” (LOZANO, 1999: 1), os sistemas secundários querem exercer influência. E exercem. Já é consenso a idéia de que o cinema e a televisão exercem poderosa influência sobre os indivíduos e a vida social. Desse modo, quando dizemos que a telenovela *modeliza* aspectos, por exemplo, da masculinidade, estamos apontando para a linguagem peculiar da telenovela e a sua forma de modelar as suas representações e torná-las modelo. Do mesmo modo que a arte, a telenovela é uma linguagem secundária e segue o seu modo próprio de organização.

A idéia em arte é sempre um modelo, porque ela reconstitui uma imagem da realidade. Por conseqüência, a idéia artística é inconcebível fora da estrutura. O dualismo da forma e do conteúdo deve ser substituído pelo conceito da idéia que se realiza numa estrutura adequada e que não existe fora dessa estrutura. (Idem: 41).

Chegamos ao final desta seção, e esperamos ter afirmado com propriedade a telenovela brasileira como crônica do cotidiano, como enunciação do senso comum, e da semiosfera, portanto, como um texto da cultura e como sistema de modelização secundário. Vamos fechar com a melhor imagem que encontramos para representar o processo de comunicação. Ela veio de mais uma relação dialógica.

Ao ler Damásio (1996), acabei fazendo uma analogia com a anatomia do sistema nervoso. Segundo o autor, as funções de memória são várias e se acham dispersas em diferentes localidades do cérebro. Cada conhecimento acumulado seja de imagens, de percepções corporais (somáticas), de aprendizagens cognitivas, de experiências sensoriais ou sentimentais, etc., é armazenado em diferentes circuitos. Ainda que as redes e circuitos que compõem o sistema cerebral funcionem umas em relação e interdependência das outras – e do organismo e ambiente que o cerca -, pode-se dizer que há uma especialização neuronal, ou seja, existem subsistemas cerebrais especializados na realização de determinadas tarefas e funções, como a linguagem, visão, audição, entre outras. É interessante pensar como a memória, além de ter centros específicos, perpassa também a maioria dos circuitos cerebrais. Tal representação parece oferecer uma boa imagem de como seria a movimentação da memória da cultura na semiosfera, se pudessemos registrá-la. Aliás, a descrição da anatomia cerebral poderia oferecer mesmo

uma boa imagem para a semiosfera, seus códigos, textos, signos, fronteiras, memória, enfim, para o processo de comunicação sob o ponto de vista dialógico e suas leis:

Em suma, o cérebro é um supersistema de sistemas. Cada sistema é composto por uma complexa interligação de pequenas, mas macroscópicas, regiões corticais e núcleos subcorticais, que por sua vez são constituídos por circuitos locais, microscópicos, formados por neurônios, todos eles ligados por sinapses. (DAMÁSIO, 1996: 54).

É importante esclarecer que neurônios seriam os “fios elétricos” condutores e as sinapses correspondem aos conectores. Por eles circulam as substâncias químicas chamadas de neurotransmissores, que agem como se transmitissem as comunicações necessárias a neurônios que não se relacionam diretamente.

(...) cada neurônio se comunica com um pequeno grupo de outros neurônios, mas nunca com a maioria ou todos os restantes. Com efeito, muitos neurônios comunicam-se apenas com outros neurônios da vizinhança, dentro de circuitos relativamente locais de regiões e núcleos corticais; outros, apesar de os axônios²⁰ se prolongarem por vários milímetros, ou mesmo centímetros, ao longo do cérebro, apenas estabelecem contato com um pequeno número de outros neurônios. As principais conseqüências desse arranjo são as seguintes: 1) o que um neurônio faz depende do conjunto dos outros neurônios vizinhos no qual o primeiro se insere; 2) o que os sistemas fazem depende de como os conjuntos se influenciam mutuamente numa arquitetura de conjuntos interligados; e 3) a contribuição de cada um dos conjuntos para o funcionamento do sistema a que pertence depende da localização nesse sistema. Em outras palavras, a especialização no cérebro é uma conseqüência do lugar ocupado por esses conjuntos de neurônios no seio de um sistema de grande escala. (Idem: 53).

Manipulando essa imagem, poderíamos ter algo como: a semiosfera poderia ser o cérebro, o supersistema de sistemas que, por sua vez, seriam os códigos, as diferentes linguagens que povoam a semiosfera. Cada um deles seria “composto por uma complexa interligação de pequenas regiões”, as suas gramáticas específicas, que seriam “constituídas por circuitos locais” formados por signos. As fronteiras, ou sinapses são a conexão, a ligação, espaço de adaptação e transmissão/tradução de informações. Os neurotransmissores, o diálogo e a memória que perpassam todo o sistema.

Vamos agora concluir o capítulo a partir da seguinte pergunta: o que a ficção pode fazer pela realidade?

²⁰ Componente do neurônio, o axônio é a fibra principal de saída das informações.

1.6. Entre a ficção e a realidade: o que a ficção pode fazer pela realidade?

De um lado o fio melodramático, o esquema subjacente de um sujeito em busca de um objeto, com adjuvantes e oponentes, tendo de vencer uma série de obstáculos para finalmente alcançar seu objetivo ou a quebra de uma estabilidade pela instauração de conflitos que devem ser resolvidos, tendendo sempre para um final feliz. De outro, a incorporação, com níveis variáveis de enfrentamento, de problemas vividos no contexto da vida cotidiana do indivíduo, da sociedade e do mundo, não superados e não superáveis por não serem colocados como tal, para configurá-los como problemas, dar-lhes visibilidade, situá-los no espaço da individualidade, da afetividade, das inter-relações sociais, do político, do ético, enfim, do ser humano. (MOTTER)

Na fronteira entre a ficção e a realidade deslocam-se os discursos que representam o “real” de acordo com as estratégias lingüísticas de construção de objetividade, os que representam a realidade interpretada de forma dramatizada e o inatingível acontecimento em si.

Sem pretender a existência de um tipo puro de representação, tanto os jornais, revistas informativas e telejornais, quanto as telenovelas, nos mostram um real representado. De forma mais ou menos objetiva, mais ou menos sensacionalista, tanto faz, registram momentos marcantes do cotidiano vivido por seus públicos, e interpretações desses momentos. Nas conversas e fabulações rotineiras misturam-se personagens e ações das telenovelas com os fatos e as pessoas dos jornais, sejam eles políticos, artísticos, cotidianos, heróicos ou criminosos... A coexistência entre eles prolonga e reforça, na memória coletiva e na memória dos textos, a existência de suas histórias, ainda que modificadas pelo tempo.

O recurso discursivo parece ser bem aceito pelo público, pois percebemos que as inserções estão cada vez mais freqüentes. Há diversas modalidades de inserção do real. Vamos tentar agrupá-las por tipos.

1.6.1. O *merchandising* como forma de inserção da realidade

Toda telenovela hoje em dia pratica a modalidade do *merchandising*, seja ele comercial, cultural ou social. Pensando no aspecto comercial, é quando entram produtos e bens de consumo do nosso mundo no mundo ficcional, mas com a óbvia intenção de entrarem em nossos lares e hábitos de consumo. As inserções variam: desde uma simples menção ou rápida focalização de uma imagem conhecida, até a entrada de uma marca na história de uma personagem, como fez a *Natura*, por exemplo, em *Páginas da Vida* (Manoel Carlos, 2006-2007), quando uma de suas personagens passa a ser uma de suas consultoras a fim de ganhar uma renda extra. Outro dia vi uma inserção bastante interessante na novela das seis *Cama de gato* (Duca Rachid e Thelma Guedes, Globo, capítulo do dia 12.01.2010). Há uma grande empresa na trama que é do ramo dos perfumes e cosméticos e numa conversa entre os dirigentes o assunto era o concorrente Avon. Inserções como essa assustam menos o espectador porque quebram menos também o pacto entre história e público, no qual se aceita a história como verossímil. Quando há inserção de um objeto que o telespectador reconhece como sendo da sua realidade, volta o distanciamento que define que tudo o que se passa ali é ficção. De qualquer modo, pode-se aproveitar a quebra para, com o metatexto, provocar um sentido engraçado e o telespectador sorri com a brincadeira.

De outro modo, pode ser que um dos atores ou atrizes, durante o período de exibição da novela, seja visto nos intervalos comerciais, às vezes no meio de outros programas e até emissoras. O efeito inverso, da ficção na realidade também é eficaz. Às vezes é o personagem, e não o ator, que faz a ponte. Quem não se lembra, durante a telenovela *O Rei do Gado*, dos anúncios da *Boi Gordo*, estrelados por Antonio Fagundes. E quem não se lembra do sucesso da venda de suas ações e do fracasso do investimento?

Neste mesmo ano, com a telenovela no ar, criou-se um ambiente propício para a deflagração de campanhas publicitárias para a promoção de vendas de ações e empresas com investimentos na pecuária bovina. A *Boi Gordo*, empresa já citada, ocupava espaço nos intervalos comerciais da telenovela, trazendo a imagem e falando pela voz de Antonio Fagundes como Bruno Mezenga, o rei do gado. Dois anos depois, Antonio Fagundes volta como Bruno Mezenga para afirmar que investiu na *Boi Gordo* e não se arrependeu. Como se sabe, outras empresas aderiram a esse mercado de ações em meio à euforia. Colocamos em dúvida a afirmação do “rei do gado”, pois ele se deu bem (com os cachês, por exemplo), muitos

brasileiros entusiasmados e ingênuos não tiveram a mesma sorte, pois perderam seu investimento. (MOTTER, 2003: 157).

O alcance do *merchandising* comercial é difícil de auferir. Na verdade, o alcance das transações comerciais geradas a partir das telenovelas é impossível. São estabelecimentos novos que levam o nome das novelas ou de seus lugares e personagens, são produtos criados a partir das telenovelas como, chapéus, batons, bijuterias, roupas, etc., numa rede que se expande e aquece os mais diversos setores econômicos, culturais e sociais.

O *merchandising* cultural também é uma forma de inserção do real no espaço da ficção. É a divulgação e/ou elogio de algum evento, filme, teatro, etc.

Também consideramos o *merchandising* social como uma inserção da realidade na ficção. O *merchandising social* é alguma breve campanha, às vezes de tom educativo, como, por exemplo, a campanha contra a dengue, a divulgação dos benefícios do aleitamento materno, o estímulo à vacinação, cuidados de higiene pessoal diversos. O que muitas vezes vemos ser chamado de *merchandising* social, nós chamamos de *tematização*, ou de outro modo de focalização de temas sociais, como veremos logo a seguir. É importante dizer que há mais uma preocupação das emissoras com a chamada responsabilidade social, não isso não significa que campanhas como a das crianças desaparecidas que fez subir a localização de 55% para 80% na época de *Explode Coração*; ou a doação do líquido medular que aumentou em 900% segundo o REDOME (Registro brasileiro de doadores voluntários de medula óssea) na época de *Laços de Família* (Manoel Carlos, 1996) sejam *marketing* da emissora, até conforme ela divulga em seus balanços anuais. Nossa tese é a de que devemos dar o crédito para os autores e sua capacidade criativa e para o *gênero* que desde sua matriz literária carrega uma dimensão pedagógica (MOTTER e JAKUBASZKO, 2006), e que o *merchandising* social seja denominação para as pequenas inserções de utilidade pública.

De todo modo, para além das ações de *marketing*, a telenovela divulga valores, padrões e modelos muito importantes para a nossa sociedade.

Se lembrarmos de que, segundo Canclini (1999), na atualidade, as identidades e os sentidos de pertencimento se configuram antes pelo consumo do que pela cidadania, e de que novos vínculos entre essas duas instâncias se estabelecem, então, nada mais natural que a telenovela, sendo forte como é em nosso país, participe ativamente neste processo de aquisição de novos hábitos de consumo e atitudes de compra. Sem dúvida ela, por

participar da construção da memória coletiva e por oferecer-nos imagens do presente, nos ajudando a construir a nossa realidade, a nossa visão de mundo, será grande influenciadora dos nossos hábitos de consumo, tanto de bens materiais quanto simbólicos. Não vende apenas produtos, vende modelos de comportamento, estilos de vida e apresentação pessoal, etc. Claro que ela não “cria” tais modelos, apenas os recolhe de segmentos pouco expressivos da sociedade e os reinventa na TV, dando visibilidade a eles. O que é ser mulher, adolescente, pertencer a certa categoria social, etc.? Como reconhecer-se e ser reconhecido perante a sociedade, aos outros? Todas essas definições passam também pelo consumo. E como conhecer os outros? Os sem-terra, os homossexuais, os dependentes químicos, etc.? As individualidades se formam em torno das modificações econômicas, tecnológicas, culturais, que são intensas na atualidade. (MOTTER e JAKUBASZKO, 2006: 4-5).

Para Canclini (1999), o consumo é um lugar no qual se organiza a racionalidade econômica, sociopolítica e psicológica das sociedades. Os meios, nesse contexto, têm grande responsabilidade no deslocamento do desempenho da cidadania em direção às práticas de consumo. Se o autor acertou ao afirmar que a participação social e a configuração das identidades se organiza, principalmente, através do consumo, então, no Brasil, as telenovelas podem ser consideradas como um referencial importante para a maioria da população, para além das suas ações de *marketing*.

1.6.2. Modos de focalização de temas de importância social como diferentes modalidades de inserção do real na ficção.

As *tematizações* e outros modos de focalização de temas sociais são ainda outra forma de enfrentamento da realidade. Em trabalhos anteriores propusemos algumas categorias para qualificar o tratamento dado pelos autores dos temas de importância social presentes nas telenovelas. Afinal, nem sempre que um personagem alcoólatra, por exemplo, for construído, significará que o autor está tratando do tema da dependência química. Ou outro tema qualquer. Assim, os grandes temas, como as crianças desaparecidas, os sem-terra e a reforma agrária, a dependência química, entre outros, são *tematizações* porque tiveram seu desenvolvimento de forma central e deles dependiam diversos outros acontecimentos na trama:

Em nossos trabalhos, *temáticas* referem-se a um conjunto de temas tratados na telenovela, ou seja, quando um tema ganha destaque dentro e fora da ficção, quando é bem articulado entre as dimensões social e

melodramática da telenovela, desdobra-se, dando origem a uma multiplicidade de aspectos que são as várias faces e implicações do próprio tema, irradiadas de um ponto central que se conecta com diferentes ações e personagens dentro da narrativa e interfere decisivamente nos rumos da trama. (MOTTER e JAKUBASZKO, 2007: 60).

A *tematização* ocorre, portanto, quando o debate, o diálogo entre telenovela e sociedade brasileira é intenso. Assim como a *denúncia*. Mas há outros modos mais sutis de focalização: *discussão, crítica, mostrar, lembrar*, entre outros. (MOTTER e JAKUBASZKO, 2007: 61-64).

Desse modo podemos falar em diálogo entre telenovela e realidade brasileira, e acompanhar as contribuições das telenovelas para a nossa vida social e para as vidas individuais²¹.

1.6.3. Depoimentos como forma de inserção da realidade

A linguagem jornalística, quando quer fundamentar sua argumentação, recorre à citação do discurso de autoridade. A telenovela, por sua vez, recorre à experiência cotidiana dos cidadãos brasileiros.

A autora Glória Perez inovou quando entrevistou as mães de crianças desaparecidas, em *Explode Coração*, quando se desenvolvia a trama de *Gugu* (Luís Cláudio Jr.) o menino desaparecido na ficção. Mais tarde incluiu, em *O Clone*, os depoimentos de dependentes químicos e familiares em contraposição à história de *Mel* (Débora Falabela) ou, ainda, na última de Glória Perez, *Caminho das Índias* (2009), os portadores de transtornos psiquiátricos em meio às histórias de *Tarso* (Bruno Gagliasso) e *Ademir* (Sidney Santiago), os esquizofrênicos, *Dr. Castanho* (Stênio Garcia) e suas colegas médicas e enfermeiras. Esta história ainda fazia elogio à Nise da Silveira e a sua luta antimanicomial.

Essas inserções parecem um híbrido de telenovela e telejornal, quando produz uma reportagem emotiva, levando traços de ficção e de repente, já hibridizado, volta transformado ao seu lugar de origem. Assim como em *Rei do Gado*, quando assistía-

²¹ Para não deixar o leitor sem exemplo, relato que, numa conversa com uma professora e bailarina de dança do ventre de Campinas (SP), ficou evidente o quanto a telenovela contribui para a ruptura de preconceitos: “antes d’*O clone*, em Campinas, quando eu falava que era bailarina de dança do ventre, parecia que eu falava “prostituta”, depois mudou totalmente e hoje sou bastante respeitada como bailarina que dança arte”.

mos no Jornal e na novela a ação do MST. Qual das duas versões era a ficção? É bom lembrar que não é porque o jornal se utiliza da objetividade da linguagem para forjar o real que de fato ele represente a realidade. Nesse sentido é mais sensato falar em construção da realidade. Ocorre que optamos por uma operação metodológica que considere um cotidiano concreto e um cotidiano ficcional, afinal, há uma realidade vivida e uma realidade representada. Entretanto, em certos momentos e assuntos a telenovela acaba sendo mais realista do que os jornais.

A liderança absoluta da telenovela do horário nobre não se deve ao acaso ou a artimanhas exteriores a ela. É o espaço da cultura brasileira, onde a realidade penetra, se torna ficção e retorna, maquiada, como não poderia deixar de ser, mas de profissional que entende da arte: não trabalha para desfigurar, mas para realçar traços e atenuar deformações da realidade, às vezes escondida, por vezes insuportável. (MOTTER, 2000: 43).

Interessante notar, que a crônica jornalística é meio termo entre jornalismo e literatura; a telenovela como crônica utiliza o potencial crítico e reflexivo do jornalismo.

Manoel Carlos repete agora em *Viver a Vida* (2009-2010), o que tinha inovado em *Páginas da Vida*: no final de cada capítulo apresenta um breve depoimento de telespectadores falando sobre sua vida. Em *Páginas da Vida*, a abertura também era feita com fotos que os telespectadores enviavam para a emissora.

1.6.4. E afinal, o que a ficção pode fazer pela realidade?

É interessante pensar: qual seria a relação entre a ficção e a realidade na semiosfera? Acreditamos que na semiosfera, ambas se entrelaçam, se embaralham e misturam. E o que nos resta então da realidade? Ficamos com a definição de Bordieu sobre a lógica específica do mundo social: “essa realidade que é o lugar de uma luta permanente para “definir” a realidade”. (BOURDIEU, 1989: 118). E se a realidade é pensada em termos de representação simbólica, a telenovela enquanto interlocutora da realidade a questiona sobre uma série de fatos e seus significados.

Já afirmamos que a telenovela tem sua própria linguagem, e cada um dos seus elementos vai compor sentido. Só a título de exemplo, Stam e Shoah (1995), ao falar sobre os estereótipos (e preconceitos) da representação racial em alguns filmes dos EUA, comenta sobre o sentido que o ponto de vista das câmeras pode construir:

Para falar da “imagem” de um grupo social, nós devemos fazer perguntas precisas sobre imagens. Quanto espaço os representantes desses grupos [negros, latinos, índios, asiáticos, etc.] ocupam na tela? São vistos em *close* ou somente em tomadas a distância? Com que frequência aparecem e por quanto tempo? São personagens ativos, atraentes ou suportes decorativos? A técnica cinematográfica nos faz identificar mais com um olhar do que com outro? Quais olhares são recíprocos ou ignorados? Como o posicionamento das personagens transmite distância social ou diferenças de *status*? Quem é frente e centro? Como a linguagem corporal, a postura e a expressão facial comunicam hierarquias sociais, arrogância, servilidade, ressentimento, orgulho? Qual comunidade é sentimentalizada? Há uma segregação estética por meio da qual um grupo é canonizado e o outro vilanizado? (STAM e SHOHAT, 1995:80).

Do mesmo modo que o roteiro, as tomadas de câmera, a linguagem do corpo, a centralidade e tempo de participação na trama, a iluminação, a trilha sonora, a atuação, a composição das personagens, todos esses códigos emaranhados, vão compor os sentidos das telenovelas.

Quando a sua dimensão poética está bem construída, a sua dimensão pedagógica funciona melhor. O que seria essa “funcionar”?

Posto que a telenovela tem definido pautas para a mídia e para a sociedade, criando desejos a partir do conhecimento ficcional propiciado e da sensibilidade despertada, gerando movimentos em direção à mudança e ações concretas como o aumento de demandas sociais – em busca de ofertas e de apoios nas instituições, movimentos e organizações – cabe a estes reconhecer a eficiência dessa comunicação e se preparar para dar conta dos efeitos provocados: aparelhar-se para atuar como parceiro eficiente capaz de absorver e atender a demandas que campanhas institucionais não conseguem produzir. (MOTTER, 2003b: 79).

A autora estava falando da novela *O Clone* e sua campanha de reabilitação do dependente químico, e da demanda que a novela provocou nas instituições de reabilitação. E é fato que campanhas funcionam, pelo menos foi o que se constatou com relação às drogas:

Campanhas educacionais, comprova-se mundo afora, são valioso antídoto contra o abuso de tóxicos. No estado da Flórida (EUA), houve queda de 54% no consumo de drogas ilícitas entre estudantes do segundo grau e de 24% no primeiro, graças a programas desenvolvidos em escolas. (MAGALHÃES, 2000:95).

As campanhas de Glória Perez sempre funcionam, quando aumentou o sucesso de casos de crianças encontradas de 55% para 80%, ou quando gerou o aumento de doações de órgãos em *Corpo e Alma* (1992); assim como Manoel Carlos fez aumentar de 5 doações de medula para 255 semanais. A tematização da dependência química em *O Clone* (Glória Perez, 2002) fez aumentar em cerca de 50% a 60% a procura por tratamento em algumas instituições no Rio, em São Paulo e Pernambuco.

Mas não podemos esquecer que a telenovela deve incorporar a dimensão social sem descaracterizar o formato, ela tem que respeitar os limites da ficção: “se a telenovela atravessar a fronteira do ficcional para o factual, os aparelhos são desligados ou sintonizados em outro canal” (MOTTER, 2003b: 80).

A telenovela não pode perder a sua forma de contar histórias. E é na expectativa de ouvir uma boa história que lá está sintonizado o telespectador. Ele quer exatamente o encantamento, não o didatismo dos documentários.

O factual, ou a realidade, só se torna um objeto desejável por se oferecer, na telenovela, na embalagem do sonho, do devaneio, do descompromisso. Não se deve cobrar dela nada além da responsabilidade social que lhe cabe como líder de audiência. A finalidade da televisão continua sendo entretenimento e informação. Nós insistimos em cobrar dela um propósito educativo e lhe atribuímos esse papel, o que é possível sobretudo no âmbito da ficção onde a mediação de autores com responsabilidade social existe e é de suma importância. (MOTTER, 2003b: 79).

A ficção pode fazer muito pela realidade, mas não vai resolver os problemas da sociedade, do poder público; ela vai fazer a crítica política, mas vai também refletir um Brasil dos sonhos. Ela “pode desenhar mundos, pode apontar caminhos. Só não pode fazer a mágica de transformar, por si só, o que historicamente resiste à mudança, o que cabe aos agentes sociais concretos” (idem: *ibid.*).

Agora que já fizemos a construção teórica de nosso objeto telenovela brasileira, antes de ler o capítulo teórico sobre masculinidade, vamos passar direto para nosso estudo de caso da telenovela *A Favorita*. Depois mudamos o assunto para a masculinidade e seguimos com a análise da construção dos sentidos da masculinidade na telenovela.

1.7. Referências bibliográficas do Capítulo I

- ALENCAR, Mauro (2002). **A Hollywood Brasileira**. Panorama da telenovela no Brasil. Rio de Janeiro: SENAC, 2002.
- ARAÚJO, Joel Zito (2000). **A negação do Brasil o negro na telenovela brasileira**. São Paulo: editora Senac, 2000.
- BAKHTIN, Mikhail e VOLOSHINOV, V. N. (1976). Discurso na vida e discurso na arte (sobre poética sociológica). Tradução de Cristovão Tezza. In: VOLOSHINOV, V.N. **Freudism**. New York: Academic Press, 1976.
- _____ (1992). **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1992.
- _____ (2003). **Estética da criação verbal**. (trad. Paulo Bezerra) São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAUMAN, Zygmunt (2008). **Medo líquido**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.
- BORGES, Jorge Luis (2001). **Esse Ofício do Verso**. São Paulo: Cia. Das Letras, 2001.
- BOURDIEU, Pierre (1989). **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: DIFEL e Editora Bertrand Brasil, 1989.
- _____ (1996). **Razões práticas**. Sobre a teoria da ação. Campinas –SP: Papirus, 1996.
- BRAIT, Beth (org.) (2008a). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2008.
- _____ (2008b). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2008.
- _____ (2009). **Bakhtin e o Círculo**. São Paulo: Contexto, 2009.
- BRANDÃO, Helena N. (1995). **Introdução à análise do discurso**. Campinas: Unicamp, 1995.
- CANCLINI, Nestór-García (1999). **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.
- COUCEIRO DE LIMA, Solange M. (1996-97). Reflexos do racismo à brasileira na mídia. **Revista USP**. São Paulo, n. 32, p.56-65. Dezembro / fevereiro, 1996-97.
- COUCEIRO DE LIMA, Solange M. (2001). A Personagem Negra na Telenovela Brasileira: alguns momentos. **Revista USP**, São Paulo/SP, n. 48, p. 74-87, 2001.
- _____. (2006-07) ... até canibal vira vegetariano. **Revista USP**, São Paulo, n. 69, p. 44-59. Março / abril / maio, 2006-07.
- _____. (2007). Eu vi o Lázaro Ramos beijar a Marília Gabriela. **Revista Sesc**, São Paulo, 2007.
- DAMÁSIO, A.R. (1996). **O erro de Descartes. Emoção, razão e cérebro humano**. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

- EMERSON, Caryl (2003). **Os 100 primeiros anos de Mikhail Bakhtin**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2003.
- FADUL, Ana Maria (2000). Telenovela e Família no Brasil. In: LOPES, M.I.V. de e BUONANO, M. **Comunicação no plural**. Estudos de Comunicação no Brasil e na Itália. São Paulo: Educ/Intercom, 2000.
- FERNANDES, Ismael (1997). **Memória da telenovela brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1997.
- FIORIN, José Luiz (2008). Interdiscursividade e intertextualidade. In: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2008.
- GEERTZ, Clifford (1989). **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC – Livros técnicos e científicos editora S.A., 1989.
- GRAMSCI, A. (1996). **Concepção dialética da história**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.
- HALBWACHS, M. (1990). **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
- HELLER, Agnes (1985). **O cotidiano e a história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- JAKOBSON, Roman (2005). **Lingüística e Comunicação**. São Paulo: Cultrix, 2005.
- JAKUBASZKO, Daniela (2002). Beto Rockfeller: marcas da contracultura na telenovela brasileira. **Intercom, Anais 2002**. Ver: http://intercom.org.br/papers/nacionais/2002/Congresso2002_Anais/2002_NP14JAKUBASZKO.pdf.
- _____ (2004). **Telenovela e experiência cotidiana: interação social e mudança**. Dissertação de Mestrado em Ciências da Comunicação apresentada à Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, ECA-USP, São Paulo, 2004. 203p.
- _____ (2006). Alma Gêmea: o indígena na telenovela. **Intercom, Anais**, 2006. Ver: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R1487-1.pdf>.
- LAROSA, Jorge (1999). **Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- LE GOFF, J. (1990) **História e Memória**. São Paulo: Unicamp, 1990.
- LEFEBVRE, H. (1991). **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Ática, 1991.
- LOTMAN, Iuri M. (1996). **La semiosfera 1: semiótica de la cultura y del texto**. Edición de Desiderio Navarro. Frónesis, Cátedra, Universitat de València, 1996.
- _____ (1978). **A estrutura do texto artístico**. Editorial Estampa: Lisboa, 1978.
- LOZANO, Jorge (1999). Cultura y explosión em la obra de Yuri Lotman. **Revista de Estudios Literários Especulo**, Departamento de Filologia Española III – Facultad de Ciencias de La información de La Universidad Complutense de Madrid. N. 11 – 15 de abril de 1999. www.ucm.es/info/especulo.

- MACHADO, Irene (2003). **Escola de semiótica**: a experiência de Tártu-Moscou para o estudo da cultura. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- _____ (2007). **Semiótica da cultura e semiosfera**. São Paulo: AnnaBlume, 2007.
- MAGALHÃES, Mário (2000). **O narcotráfico**. Coleção Folha explica. São Paulo: Publifolha, 2000.
- MOTTER, Maria Lourdes (2000). Ficção e realidade – telenovela: um fazer brasileiro. **Ética & Comunicação FIAM. Revista das Faculdades Integradas Alcântara Machado**. São Paulo, 2:41-50, ago./dez. 2000.
- _____ (2000-2001). A Telenovela: Documento Histórico e Lugar de Memória. **RevistaUsp**, São Paulo: USP, CCS, nº 48, p.74-87, dez/ jan/ fev. 2000-2001.
- _____ (2003). **Ficção e realidade**: a construção do cotidiano na telenovela. São Paulo: Alexa Cultural, Comunicação & Cultura, 2003.
- _____ (2003b). O que a ficção pode fazer pela realidade? **Comunicação & Educação**, São Paulo: CCA/ECA & Salesiana, v. 26, n. jan-abr, p. 75-79, 2003.
- _____ e JAKUBASZKO, Daniela. (2007). Telenovela e realidade social: algumas possibilidades dialógicas. **Revista Comunicação & Educação – Ano XII – N.1 – jan./abr. 2007**. p. 55-64.
- _____ . (2006). Os limites do *merchandising* social na telenovela brasileira. **Intercom, Anais**, 2006. Ver: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R0258-1.pdf>.
- PIETRAROIA, Fábio (2004). **Ficção e Realidade**: Repensando A Guerra dos Mundos de Orson Welles. Doutorado em Ciências da Comunicação apresentada à Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, ECA-USP, São Paulo, 2004.
- SCHAFF, Adam (1964). **Linguagem e conhecimento**. Coimbra: Almedina, 1964.
- _____ (1978). **História e verdade**. São Paulo: Martins Fontes, 1978.
- SILVERSTONE, Roger (2002). **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- STAM, Robert e SHOHAT, Ella (1995). Estereótipo, racismo e representação social. São Paulo: **Imagens**: ago/dez, 1995.
- THOMPSON, John B.(2007). **Ideologia e cultura moderna**. Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.
- XAVIER, Nilson (2007). **Almanaque da telenovela brasileira**. São Paulo: Panda Books, 2007.
- ZANDWAIS, Ana (2009). Bakhtin/Volochinov: condições de produção de *Marxismo e filosofia da linguagem*. In: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin e o Círculo**. São Paulo: Contexto, 2009.

Capítulo II

A telenovela A Favorita

Novela de: João Emanuel Carneiro
Escrita por: João Emanuel Carneiro
Colaboração: Marcia Prates , Denise Bandeira , Fausto Galvão , Vincent Villari
Direção: Gustavo Fernandez, Paulo Silvestrini, Pedro Vasconcelos, Roberto Naar,
Roberto Vaz
Direção Geral: Ricardo Waddington
Núcleo: Ricardo Waddington

Personagens

Alicia – Thaís Araújo	Greice – Roberta Gualda
Amelinha – Bel Kutner	Gurgel – Mario Gomes
Arlete - Ângela Vieira	Halley – Cauã Reymond
Augusto César – José Mayer	Iolanda – Suzana Faini
Camila - Hanna Romanazzi	Irene – Glória Meneses
Catarina – Lília Cabral	Lara – Mariana Ximenes
Cida – Claudia Ohana	Leonardo – Jackson Antunes
Cilene - Elizângela	Lorena – Gisele Fróes
Cassiano – Thiago Rodrigues	Maria do Céu – Débora Secco
Copola – Tarcísio Meira	Maíra – Juliana Paes
Damião - Malvino Salvador	Orlandinho – Iran Malfitano
Dedina – Helena Ranaldi	Pedro – Genézio de Barros
Didu - Fabrício Boliveira	Pepe – Jean Pierre Noher
Diva (ou Rosana) – Giulia Gam	Rita – Christine Fernandes
Dodi – Murilo Benício	Romildo Rosa – Milton Gonçalves
Donatela – Claudia Raia	Salvatore – Walmor Chagas
Domenico - Eduardo Mello	Shiva Lênin - Miguel Rômulo
Dulce – Selma Egrei	Silveirinha – Ary Fontoura
Edivaldo - Nelson Xavier	Stela – Paula Burlamarqui
Elias - Leonardo Medeiros	Tuca – Rosi Campos
Flora – Patrícia Pillar	Vanderlei – Alexandre Nero
Gonçalo – Mauro Mendonça	Zé Bob – Carmo Dalla Vecchia

2.1. Apresentação

A Favorita entra no ar escrita por um autor iniciante no horário, recebendo elogios de crítica, é verdade, mas com o menor índice de audiência já visto na história das novelas do horário nobre da Globo. A proposta inovadora, de um autor¹ de nome ainda pouco conhecido aparece num período em que a audiência geral das TVs comerciais acha-se em queda e que uma das emissoras concorrentes, a Record, faz suas telenovelas captarem parte da audiência da Globo e, sobretudo, do SBT, passando a vice-líder de audiência, e gerando expectativas de operar mais mudanças nesse cenário². Com o acirramento da disputa pela audiência, *A Favorita* estréia com 34,6 pontos de média³ e não ultrapassa, no primeiro mês, a média dos 36 pontos⁴. No dia dois de junho, junto com a estréia d'*A Favorita*, a Record anuncia a exibição do último capítulo de *Caminhos do Coração* (Tiago Santiago, 2007-08), e antecipa o horário habitual de veiculação para 20h50 até 22h40. A novela obteve 23 pontos de média com 27 de pico⁵. No dia seguinte, a Record coloca *Os Mutantes – caminhos do coração* (Tiago Santiago, 2008-09) no ar, que estréia com 24 pontos de média e 27 de pico⁶. Apenas 10 pontos marcam a diferença entre as concorrentes. Para o padrão global, que há poucos anos atrás mantinha 50 a 60 pontos de audiência nesse horário, o Ibope atingido decepciona a emissora e gera comentários na imprensa de que o período marca o fim da hegemonia das novelas da Globo⁷. *A Favorita* recupera

¹ A primeira novela das nove escrita por João Emanuel Carneiro, jovem roteirista, porém bastante experiente que já trabalhara em filmes como *Central do Brasil*, *Deus é Brasileiro* e *A dona da história*, e em novelas da própria Globo, mas do horário das 19h – *Cobras e Lagartos* e *Da cor do pecado* –, adequou-se ao perfil do horário nobre e trouxe algumas inovações para o formato que são importantes de serem registradas.

² Ver matéria interessante: Vale, Israel do. A Tv “Self Service” e os vilões da audiência. 13.09.08. http://futurodamusica.zip.net/arch2008-09-07_2008-09-13.html. Acesso em 14.09.2008.

³ Cf. matéria publicada na *Folha On-Line*, de 03.06.2008, com o título “A Favorita” tem pior estréia da história da Globo. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u408313.shtml>. Acesso em 04.06.2008.

⁴ Cf. com matéria publicada na *Folha Online*, de 16.07.2008, intitulada “A Favorita” ensaia recuperação no ranking da audiência. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u423136.shtml>. Acesso em 17.07.2008.

⁵ Conferir em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u423136.shtml> (Acesso em: 17.07.2008)

⁶ Conferir em: <http://ofuxico.terra.com.br/materia/noticia/2008/06/04/estreia-de-os-mutantes-deixa-record-so-8-pontos-atras-de-a-favorita-da-globo-82951.htm> Acesso em: 04.06.2008.

⁷ Ver, por exemplo, a reportagem “A Favorita” marca fim da hegemonia das novelas globais: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u408602.shtml> Acesso em: 04.06.2008.

alguns pontos no decorrer da história, termina com média de 40,4% (rating) (LOPES e GÓMEZ, 2009), muitos elogios de crítica e diversos prêmios⁸.

2.2. Comentários críticos

2.2.1. As aparências enganam

Flora e Donatela foram criadas como irmãs pelo pai de *Flora* e na juventude formaram uma dupla sertaneja, *Faisca e Espoleta*, de algum sucesso, agenciada por *Silveirinha*. A parceria se desfaz quando *Donatela* resolve se casar com o empresário *Marcelo Fontini*. O casal tem um filho, *Mateus*, que é seqüestrado com apenas 6 meses de vida. Pouco depois, *Marcelo* morre assassinado.

Flora era casada com *Dodi*, mas torna-se amante de *Marcelo*. Ela engravida e passa a pressioná-lo. Quando ele descobre e a confronta, pois, na verdade, a filha que ela estava esperando era de *Dodi*, ela atira nele. Ela acusa *Donatela*, mas *Cilene*, testemunha ocular, depõe contra *Flora*, que acaba sendo condenada. *Lara*, a filha de *Flora* com *Dodi*, mas que todos acreditam ser de *Marcelo*, é criada por *Donatela* e pelos avós, *Gonçalo e Irene*.

A novela tem início quando *Flora* sai da prisão após 18 anos de pena querendo provar sua inocência e a culpa de *Donatela* pelo assassinato de *Marcelo*. Ela também quer se aproximar da filha. Para impedir a fúria de *Flora*, *Donatela* comete uma sequência de ações contra a ex-presidiária, que levam o telespectador a crer que ela seja a verdadeira assassina.⁹

Numa enquête feita pelo site oficial “Quem está falando a verdade? *Flora* ou *Donatela*?”, em 24.07.08, 80% defendia *Flora* e apenas 20% acreditava em *Donatela* (total votos 212.548); em 28.07.08: a situação ainda não era diferente: 78%, *Flora* e 22% *Donatela* (total votos 319.262); em 30.07.08: 74% *Flora* e 26% *Donatela* (total de votos: 75784). No dia da revelação (05.08.08) “*Flora* é a assassina”, *Flora* ainda tinha, apesar das revelações através dos resumos, 34% de crédito, enquanto *Donatela* subia

⁸ Entre os mais importantes estão o Troféu Imprensa, Prêmio Contigo, APCA, Quem, UOL, entre outros. A fonte de consulta mais completa registrou 38 prêmios, ver site Wikipédia, que coloca referências: http://pt.wikipedia.org/wiki/A_Favorita#cite_note-51.

⁹ Para um resumo detalhado consultar: <http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723,GYN0-5273-269511,00.html>.

para 66%. Neste mesmo dia, outra questão foi colocada: “*Lara* deve dar ouvidos a *Flora*?” 9% das respostas marcaram “Não. Ela tem que confiar em *Donatela*, que sabe do que a rival é capaz” enquanto 91% marcava “Sim. A mãe biológica também merece um crédito de confiança”. (Total de votos: 111.107)

A telenovela, por ser considerada uma obra aberta, admite a possibilidade de que a opinião (ou pressão) dos telespectadores e/ou dos patrocinadores ocasione, eventualmente, algumas mudanças no rumo de determinadas personagens e desfechos. Numa experimentação mais aberta nesse sentido, o autor João Emanuel Carneiro anuncia, logo antes do início da novela, que ainda não tinha determinado ao certo qual das duas personagens protagonistas seria a vilã da história. Ele declarou para o grande público que a construção inicial das personagens e sua repercussão seriam levadas em conta na hora da decisão¹⁰. Segundo o autor, ao escrever esta telenovela, sua principal intenção era a de

discutir o julgamento que fazemos das pessoas (...) hoje em dia, a gente não sabe nunca quem está dizendo a verdade, se os políticos estão dizendo a verdade, se as pessoas próximas a você são confiáveis... Nós estamos vivendo uma época em que somos, em geral, lançados muito à dúvida (...) é uma novela sobre a ética, o caráter e a dúvida.¹¹

Não por acaso a vilã acaba sendo a personagem de quem o público menos desconfiava – ou desejava – que fosse a assassina. A vilã protagonista é, segundo a crítica, magistralmente interpretada por Patrícia Pillar, uma atriz já consagrada, mas que nunca havia interpretado um papel na vilania, e acabou ganhando 13 prêmios por sua atuação¹². À primeira vista, *Flora* parece ser uma pessoa muito boa, humilde, que foi tremendamente injustiçada, mas, reparando bem, ela é má, fria, calculista, a ponto de ser identificada como psicopata, ou sociopata, de grau severo.

¹⁰ “Eu mesmo não sei qual delas está dizendo a verdade. E quero que o público se pergunte isso também. Mas é claro que, num determinado momento, vou julgá-las e decidir quem é a vilã e quem é a mocinha. Mas, para tomar esta decisão, vou me basear em diversos fatores, como a química da novela no ar com o público, a atuação das atrizes, enfim, tudo que possa me ajudar a escolher um caminho. Essa história é um drama psicológico, um jogo estimulante, uma trama que inventei para me desafiar.” <http://afavorita.globo.com/Novela/Afavorita/Revista/0,,AA1681647-15502,00.html> Acesso em: 05.06.2008.

¹¹ Entrevista com o autor, site oficial d’ *A Favorita*: <http://afavorita.globo.com/Novela/Afavorita/Revista/0,,AA1681647-15502,00.html> e no TH News: http://www.telehistoria.com.br/thnews/secoes_integra.asp?id=1996. Acesso em: 12.06.2008.

¹² Ver: http://pt.wikipedia.org/wiki/A_Favorita#Pr.C3.AAmios e http://pt.wikipedia.org/wiki/Patr%C3%ADcia_Pillar#Pr.C3.AAmios_e_indica.C3.A7.C3.B5es.

O fato gerou, inclusive, reportagens na mídia sobre os psicopatas¹³, e uma psiquiatra, Ana Beatriz Barbosa, declarou que a atriz “alcançou o olhar legítimo do psicopata, da falta de sentimento. Inclina levemente o rosto para baixo e ergue sutilmente os olhos, como um predador”¹⁴. E para além da expressão facial estão as características e o caráter dos psicopatas:

(...) pessoas frias, insensíveis, manipuladoras, perversas, transgressoras de regras sociais, impiedosas, imorais, sem consciência e desprovidas de sentimento de compaixão, culpa ou remorso (...). Por serem charmosos, eloqüentes, “inteligentes”, envolventes e sedutores, não costumam levantar a menor suspeita de quem realmente são. Podemos encontrá-los disfarçados de religiosos, bons políticos, bons amantes, bons amigos. Visam apenas o benefício próprio, almejam o poder e o status, engordam ilicitamente suas contas bancárias, são mentirosos contumazes, parasitas, chefes tiranos, pedófilos, líderes natos da maldade. (SILVA, 2008: 12-13).

E a maior parte deles está circulando por aí, afirma a autora, fora das grades, já que a maioria não é de assassinos, pois existem níveis variados de gravidade. Mesmo assim, a psiquiatra garante que eles deixam um rastro de destruição por onde passam. Sem piedade. Nos casos mais graves aparecem os *seriais killers*, que usam “métodos cruéis sofisticados, e sentem um enorme prazer com seus atos brutais” (Idem: 13). É mesmo uma descrição apropriada de *Flora Pereira da Silva*: uma pessoa charmosa, culta, inteligente, que se mostra sensível, e que o fato de ser a mãe biológica de *Lara* a coloca numa posição, ainda que não acima de qualquer suspeita, pelo menos digna do benefício da dúvida. De outro lado, a construção da personalidade impaciente, arrogante e artilosa de *Donatela* lançava sobre ela a desconfiança da maior parte dos espectadores. Nesse caso vale dizer que as aparências enganam: não é a madrasta a vilã, mas a mãe. Se *Flora* precisar dar uma maçã envenenada para *Lara*, ela não vai pensar duas vezes¹⁵.

E foi *Irene*, mãe de Marcelo, quem, tentando seguir a “intuição de mãe que não se engana”, ou o “sexto sentido feminino”, cometeu o maior equívoco, o que levou a tantas mortes e tanto sofrimento, o erro fatal de acreditar em *Flora* e ajudá-la. *Irene*

¹³ O tema parece que entrou na agenda da emissora e da imprensa em geral. A novela seguinte à *Favorita*, a *Caminho das Índias*, de Glória Perez, também abordou o tema e chegou a mencionar mais de uma vez o livro de Ana Beatriz Barbosa Silva que consultamos nesta pesquisa. A novela anterior, de Aguinaldo Silva, *Dois Caras*, também tinha dois vilões que agiam conforme as descrições de psicopatas: Marconi Ferraço (Dalton Vigh), que se regenerou, e Sílvia (Alinne Moraes) que acabou louca.

¹⁴ Cf. Marcelo Marthe e Sílvia Rogar, **Edição 2095** 14 de janeiro de 2009: http://veja.abril.com.br/140109/p_090.shtml.

¹⁵ Dia 22.10.08: *Flora* diz a *Silveirinha*: “eu acabo com esta garota. Essa vaquinha.”

a sustentou quando saiu da prisão, apresentou-a para *Lara* fingindo ser *Sandra*, uma amiga. *Irene* também se deixou levar pelos preconceitos sociais e enxergava em *Halley* – seu neto sequestrado – um rapaz interesseiro que só namorava *Lara* pelo seu dinheiro. Ironicamente, é a intuição masculina de *Gonçalo* que acredita em *Donatela* e gosta de *Halley* como se ele fosse alguém da família, parecido com ele mesmo quando jovem. O autor está criticando a idéia pré-concebida do senso comum de que a intuição das mulheres é mais afiada do que a dos homens.

Segundo o autor, o novo formato da trama

(...) é uma provocação, um desafio ao público, pois foge do óbvio, faz questionar a verdade e a mentira. Nem sempre a pobre é injustiçada, é a vítima. Essa novela é uma fábula, não tem como levar para a realidade, está longe das pessoas. Admito que esse formato foi um risco sim, pois a televisão é viva, o público poderia não gostar, poderia dar errado. Mas o diferente é interessante.¹⁶

O autor inova ao desafiar os estereótipos e consegue o efeito de surpresa quando quebra a expectativa do público ao romper com os tipos e fórmulas comuns às telenovelas e ao senso comum.

De início, a história coloca também um questionamento constante sobre o caráter das demais personagens, inclusive as que não são vilãs, como *Halley*, *Cilene*, *Céu*, *Dedina*, *Cida*, *Átila*, entre outros. São autores de pequenos golpes, prostituição, traição, infidelidade, mentira, ambição, dentre outras ações que caracterizam essas personagens. Também *Romildo Rosa*, que embora possa ser considerado um vilão, apresentava complexidade quando demonstrava ser capaz de gestos de amor. Por esses traços a personagem pôde se regenerar no fim da história.

Mas voltemos à trama: o plano de *Flora* era tirar tudo de *Donatela*, colocá-la na prisão como culpada do assassinato do marido e ficar com a herança dos *Fontini*. Primeiro, através de chantagens, faz com que as duas testemunhas (*Cilene* e *Salvatore*), cujos depoimentos foram base da condenação de *Flora*, mudem seu depoimento para incriminar *Donatela* e reabrir o processo do assassinato de *Marcelo*. Em seguida, consegue matar *Salvatore* e sair da cena do crime deixando *Donatela* desmaiada com a arma na mão. Como resultado ela é presa. No meio das duas, também está o herói da história, o jornalista *Zé Bob*, que por obra do acaso, ou do destino, acaba conhecendo

¹⁶ Santana, André. Revista Paradoxo. 13.08.2008. <http://www.revistaparadoxo.com/materia.php?ido=5784>.

e se envolvendo com ambas. Apaixonando-se verdadeiramente por *Donatela*, é ele quem vai ajudá-la a desmascarar a vilã. Mas, antes disso, ele fica confuso, pois foi ele mesmo quem entrou na garagem abandonada e viu *Donatela* com a arma na mão e o corpo de *Salvatore* caído no chão; armação de *Flora*. Depois, a vilã assassina *Maira*, a jornalista amiga e colega de *Zé Bob*, que descobre a verdade. Mas *Dodi* se previne e filma o momento em que *Flora* confessa o crime anterior e assassina *Salvatore*. Esse DVD será a grande prova contra *Flora* e também o motivo de diversas confusões, torturas e mortes.

Como saldo, a vilã assassina 5 pessoas (*Marcelo*, *Salvatore*, *Maira*, *Gonçalo* e *Dodi*), envenena e interna o pai numa clínica psiquiátrica¹⁷, maltrata aqueles que a servem – *Dodi* e *Silveirinha* – faz chantagens com *Salvatore*, *Cilene*, *Céu* e *Halley*. Manda seqüestrar a própria filha e a si mesma para aproximar-se dela e passar como heroína. Também tenta matar *Zé Bob* e esfaqueia *Silveirinha*. Troca as pílulas de controle da pressão arterial de *Gonçalo* por placebos. Depois da morte de *Gonçalo* ela assume a presidência da empresa dando um desfalque e levando a família à falência. Para completar a vingança, compra o Rancho onde morava a família. Durante a trajetória, *Flora* vai se refinando, mas vai também se descontrolando. Enquanto procede em suas crueldades, a vítima, *Donatela*, foge da prisão, mas é dada como morta, pois sua cela pega fogo. Então passa a viver foragida e a investigar o caso até que consegue reunir provas e aliados. Dentre eles, aos poucos, *Rosana* (ou *Diva*), *Pepe* (amigo de *Diva* que abriga *Donatela* quando ela foge da prisão), *Pedro* (o pai de *Flora*), *Zé Bob*, *Tuca* (editora d’*O Paulistano*), depois *Halley*, quando descobrem ser mãe e filho, *Cilene*, *Gonçalo*, por último *Lara*, *Irene* e *Silveirinha*.

O plano de *Donatela* funciona, pois a psicopata é rendida por suas carências afetivas em relação à *Donatela*. Como *Flora* pensava que a companheira estava morta, *Silveirinha* a coloca dentro do Rancho e ela começa a cantar. *Flora* pensa ser o fantasma de *Donatela*. Quando ela descobre que a ex-parceira estava viva já tinha perdido o controle de si. Envolvida pelo falso perdão de *Donatela*, combinam de cantar juntas, quando é desmascarada no palco, em frente a uma grande platéia. A vilã foge, mas *Donatela* pode “voltar à vida”.

¹⁷ Cena em que *Flora* envenena *Pedro*: <http://afavorita.globo.com/Novela/Afavorita/Capitulos/0,,AA1689585-15487,00.html>

Algum tempo depois, tudo termina quando *Flora* reaparece e invade a casa em que *Donatela* e *Zé Bob* estão de lua de mel, e é finalmente detida, e por *Lara*, que chega de helicóptero com *Irene* para salvar o casal e dá um tiro na perna da vilã. *Flora* vai presa, finalmente.

Conforme a história foi evoluindo, a telenovela foi melhorando os índices de audiência. A partir da revelação da assassina e das subsequentes maldades da vilã vemos como que um gráfico ascendente.

As cenas de tortura e que provocam as mais fortes emoções da narrativa, como o seqüestro e assassinato de *Maira* (Juliana Paes), de *Salvatore*, o seqüestro de *Lara*, a tentativa de assassinato de *Flora* contra *Dodi*, com exceção da cena da morte de *Gonçalo*, chegaram a atingir os picos mais altos da audiência desta telenovela, junto com as cenas que prenunciam a derrota de *Flora*.

O último capítulo registrou média de 50 pontos – também houve divulgação da média 52 - e pico de 53¹⁸. Números superiores à anterior *Duas Caras* que fechou com média de 47 e pico de 51.¹⁹

Numa tentativa de organizar e sistematizar os jogos de duplicidade e dubiedade presentes em *A Favorita*, esboçamos uma tabela que poderá receber posteriores contribuições. Escolhemos algumas personagens que consideramos manifestar as ambigüidades mais evidentes. Consultar Mungioli e Jakubaszko (2009), para ver mais duplicidades.

Personagem Ambigüidades vividas pelas personagens nos diversos espaços que circulam: espaço doméstico – espaço público – espaço íntimo

Flora	Sem máscaras, no espaço doméstico a vilã desfila toda a sua maldade, mostrando ao telespectador seus planos e a psicopata que se tornou, incapaz de um gesto de bondade ou empatia. No espaço público Flora era uma criatura doce, humilde, inteligente e prestativa. Era a grande vítima, que havia pagado por um crime não cometido. No íntimo era alguém carente, dominada pela idéia de vingança e pelo par de opostos amor X ódio. Apenas as presidiárias, Silveirinha, Dodi, Cilene e Donatela sabiam da verdade sobre Flora.
-------	---

¹⁸ Cf. com notícia publicada na *Folha Online*, de 16.01.2009, intitulada: Ibope do último capítulo de “A Favorita” decepciona, segundo prévia. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u491148.shtml>, acesso em 16.01.2009.

¹⁹ Cf. notícia publicada em 16/01/2009 na *Folha OnLine*: Penúltimo capítulo de “A Favorita” marca novo recorde para a trama, disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u490869.shtml>, acesso em 16/01/2009.

-
- Donatela** Arrogante, mandona, temperamental e voluntariosa, ela é vaidosa e impetuosa. Mas também amorosa com aqueles que ama, como Lara e Gonçalo, mais tarde Zé Bob e Halley. Perdoa a amiga Cilene por ter mudado o testemunho. Sua caracterização cênica (figurinos, decoração, hábitos), sempre com algum excesso, a faz parecer a típica emergente. Sempre envolvida em festas beneficentes, fazia questão de desfilar nas colunas sociais. No íntimo sua intenção era sempre a de proteger a filha e a própria vida daquela vilã perigosa que ela bem conhecia. Por seus rompantes e ataques a Flora quando recém libertada, as desconfianças sobre a verdadeira assassina recaíam sobre Donatela.
-
- Irene** No íntimo, vivia com a dúvida de ter sido a nora, Donatela, a assassina de seu filho, e por isso acaba sendo manipulada por Flora e ajudando-a a “desmascarar” Donatela. Irene também, ora e outra, alimentava uma nostalgia do tempo que namorava Copolla, amigo que Gonçalo afastou depois de conquistar Irene. A partir desse sentimento interfere constantemente na vida amorosa da neta, que se dividia entre o amor do neto de Copolla, Cassiano, e Halley. Irene sem saber, julgava o próprio neto de interesseiro e armava situações para unir Lara e Cassiano como se isso fosse compensar o seu amor de juventude perdido. No final da novela, já viúva, cede à antiga paixão e ao pedido de casamento de Copolla. Irene parecia forte, mas era frágil; parecia generosa, mas sua intenção não era bem ajudar, mas afastar aqueles de quem tinha preconceitos e que, ao final, se vê pedindo perdão por tê-los recriminado e prejudicado, ainda que sem querer.
-
- Halley** No início da trama Halley vivia dando pequenos golpes, mentia para a mãe que estudava no colégio militar e gastava o dinheiro da mensalidade para si. Imaturo, não tinha relação de proximidade com o pai, que na verdade não era seu pai, mas seu seqüestrador. Ele também não era filho de Cilene, como pensava, mas de Donatela. Ele era pobre, mas na verdade era o verdadeiro herdeiro dos Fontini. Paquerava e namorava as meninas que trabalhavam na casa de prostituição comandada pela mãe adotiva. Para entrar na roda da alta sociedade passou-se por um milionário recluso e precisou fingir-se de gay. Encantou Orlandinho e envolveu-se com Céu, uma retirante ambiciosa, engravidando-a. Na duplicidade, ao final, será pai junto com Orlandinho que se casa com Céu. Halley termina com Lara.
-
- Orlandinho** Orlandinho era heterossexual que pensava que era gay, ou era um homossexual que passou a acreditar que era heterossexual. A confusão se estabelece quando quer assumir para o espaço doméstico o que já havia assumido no espaço público. Para a família, com a intenção de não perder as benesses de filho rico, era hetero; para a sociedade jovem, para Halley, era gay. Seu pai o leva à casa de Cilene para contratar os serviços de Céu que nunca havia trabalhado no ramo. Os dois ficaram vendo televisão. Quando Céu engravida de Halley, Orlandinho vê uma chance de se manter perto do amado, então se casa com ela e assume a paternidade. Com a convivência descobre que está atraído pela mulher e passa a ser um marido exemplar.
-

Romildo Rosa	O político corrupto e capaz de traficar armas era, em casa, um homem sensível e amoroso que fazia de tudo para agradar a sua família. Sua decepção era o fato de acreditar que fazia de tudo para proteger os filhos que só o agrediam e sentiam vergonha por ele. Assim como seu grande amor, Salete, que o rejeitava pela condição de corrupto. A personalidade complexa possibilitou que ele se regenerasse quando sua filha fosse atingida por uma bala perdida. De forma incongruente com a que assistimos na realidade, Romildo entregou-se à polícia e foi preso; mas ganhou de verdade o amor de sua família, que era a sua maior motivação para o crime.
Lara	A grande vítima da novela, Lara vivia a angústia e a dúvida constantes entre duas verdades, entre duas mulheres (mães), entre a avó e o avô, entre dois homens, Halley e Cassiano. Seu dinheiro, que devia ser uma fonte de felicidade, era, na verdade, a fonte da discórdia e causa da perseguição que sofria. Pensava que era filha de Marcelo, mas era filha de Dodi. Na cena do último capítulo, é ela quem aponta a arma para a mãe biológica para salvar a adotiva. E Flora não dispensa a oportunidade de plantar mais uma dubiedade na filha: “atira, você é uma assassina, assim como eu”. Vemos a personagem em dúvida, controlando-se para não obedecer à ordem da mãe, em dúvida do chamado da natureza. Mas ela escolhe certo e com o tiro na perna apenas impede a fuga da vilã, ou mais um assassinato.

2.2.2. A atmosfera do medo

Uma das estratégias de marketing da novela foi publicar nos jornais um informativo publicitário de uma página d’*O Paulistano* - o Jornal da ficção em que trabalhava outro personagem central, *Zé Bob* -, rememorando, em linguagem jornalística, o caso do assassinato de *Marcelo*, quando da soltura de *Flora*; contando sobre a mudança dos depoimentos de *Cilene* e *Salvatore*; o assassinato de *Salvatore*; a prisão de *Donatela*, entre outros.



O leitor do jornal que não assistia à telenovela não entendia bem do que se tratava: é mais um assassinato passional? Isso aconteceu mesmo? É ficção ou realidade? Seria um novo jornal na praça? Já o leitor que é também espectador de *A Favorita* percebe a aproximação da ficção com a realidade; é como se ele estivesse acompanhando de perto um desses casos das páginas policiais recentes do tipo Suzane Von Richthofen, Isabela Nardoni ou Eloá, que tomam dias e dias nas páginas de jornal e bastante espaço nos telejornais, e de tanto que se estendem – e dão ibope – são, por muitos, comparadas a verdadeiras “novelas”. Na telenovela, o autor transforma as notícias em tom informativo, dos jornais, numa composição afetiva que nos aproxima da intimidade do drama vivido pelas vítimas e das razões secretas da vilania que os jornais não atingem.

A Favorita privilegiou em sua trama o clima de suspense, mais do que o de romance, ou o de drama, como é o usual para telenovela, e como a própria história permitiria que se fizesse. A música de fundo, a iluminação sombria, os contrastes de

vermelho e preto como já estavam sugeridos na abertura²⁰, muitos tons de cinza – os contrastes de branco e preto que lembram os filmes *noir*, as aproximações em close tentando penetrar o íntimo das personagens ao mesmo tempo em que incita medo nos espectadores, predominavam e compunham cenas bastante apreensivas. Inicialmente, a dúvida e o suspense em relação à autoria do crime. Depois, o espectador presencia a crueldade da vilã protagonista que chega a ponto de assassinar a sangue frio qualquer um que se interponha em seu caminho, de seqüestrar – e ser seqüestrada junto com - a própria filha, não descartando a hipótese de matá-la futuramente. E não apenas *Flora*, mas também o mistério em torno do sombrio *Silveirinha* e do ex-marido de ambas, *Dodi*, que não se furtavam a ações de maldade e que nunca se podia saber ao certo de que lado estavam. Em outro pólo, uma menina indefesa, *Lara*, filha de uma assassina, criada pela viúva do pai, vê-se sendo conduzida ora para um lado ora para outro, na angústia de não saber em quem acreditar, em quem confiar. Na mãe biológica ou na mãe de criação?

O autor, então, traz à superfície o sentimento difícil de lidar que é assumir a dúvida, assumir que temos sempre um ponto de vista fragmentado, o que prejudica sempre qualquer julgamento; assumir que a falta de certezas é o princípio que governa a vida. Assumir a ubiqüidade do medo, e que “o incompreensível virou rotina”²¹. Segundo Bauman, vivemos uma era de terrores:

O que mais amedronta é a ubiqüidade dos medos; eles podem vazar de qualquer canto ou fresta de nossos lares e de nosso planeta. Das ruas escuras ou das telas luminosas dos televisores. De nossos quartos e de nossas cozinhas. De nossos locais de trabalho e do metrô que tomamos para ir e voltar. De pessoas que encontramos e de pessoas que não conseguimos perceber. De algo que ingerimos e de algo com o qual nossos corpos entraram em contato. (BAUMAN, 2008:23).

²⁰ O tango eletrônico do grupo Bajofondo Tango Club foi uma escolha acertada para a abertura da novela, que também recebeu diversos elogios. O tango, o preto e o vermelho sugerem paixão, amor, tensão, desejo, perigo, suspense... As linhas retas sempre dividindo dois lados, uma dúvida, uma dualidade que as personagens vão viver. O preto com contorno vermelho, o vermelho com contorno preto. As aparências enganam. Também a abertura traz a sinopse da história em sua movimentação quadro a quadro: duas crianças; uma dupla caipira feminina, uma cidade industrial, um homem; um homem entre duas mulheres cara a cara; uma mulher com uma criança; uma mão, uma arma, um disparo – a bala saindo da arma –; o homem morto; a criança sendo tirada da mulher que vai para trás das grades enquanto a outra brinca com a criança; passa o tempo, a criança parece crescer e, agora, fica entre duas mulheres que aparecem ao fundo. A câmera aproxima-se da cabeça da jovem e no close máximo tela se divide, aparecendo o nome *A Favorita*. Ver abertura: <http://www.youtube.com/watch?v=6BZXcw6jSSI>.

²¹ Definição de medo do autor: “Medo é o nome que damos a nossa *incerteza*: nossa *ignorância* da ameaça e do que deve ser *feito* – do que pode e do que não pode – para fazê-la parar ou enfrentá-la, se cessá-la estiver além do nosso alcance.” (BAUMAN, 2008: p.8.)

A Favorita, em sua trama principal, fala do medo, da falta de certezas que domina o nosso tempo. A telenovela se torna uma metáfora do nosso presente, ainda que o autor não tenha esse intuito, e ainda que seja principalmente no nível das sensações, no âmbito do imaginário. Não existe uma *Flora* em nossas vidas, mas o medo que ela incita, ou deixa extravasar, é bastante familiar. Defendemos que *A Favorita* modeliza essa sensação de insegurança que toma conta das pessoas na pós-modernidade. São temores relativos às guerras e guerrilhas, às ameaças terroristas, catástrofes naturais, violência urbana, ao desemprego e ao desamparo, às doenças – contagiosas ou não -, à rejeição social e/ou amorosa – os medos de uma catástrofe pessoal. Ainda que seja um medo generalizado cuja fonte já se perdeu, seus efeitos são mais visíveis do que nunca: é a crise de confiança instalada atualmente, a ansiedade permanente, a vida vivida em estado de alerta.

A idéia, segundo o próprio autor da telenovela, João Emanuel Carneiro, de tratar do tema da “ambiguidade”, desta sensação de que não há um alguém em quem de fato podemos ter certeza se podemos confiar, repercute menos nas relações interpessoais e mais nesse vazio que toma conta da vida do sujeito pós-moderno.

O Estado é comandado por representantes eleitos pelo povo, mas que guardam os interesses do poder econômico; as instituições que deveriam proteger o cidadão e resguardar os seus direitos são incapazes de cumprir os propósitos para os quais foram criadas, e os inocentes, muitas vezes, pagam a conta no lugar dos culpados. Não é a justiça que conduz a nossa sociedade, mas os jogos de interesses políticos e financeiros que dominam a construção da realidade em que vivemos. Como um pequeno exemplo do que tem acontecido ultimamente no Brasil, durante a telenovela, a tentativa de prender o banqueiro Daniel Dantas foi frustrada. Ainda que as provas existam, elas nada podem contra os “poderes ocultos”. E quem corre risco de ser julgado e condenado é o delegado da Polícia Federal, Protógenes Queiroz, quem comandava a operação Sathiagraha que dava ordem de prisão para o banqueiro e seus cúmplices. De qualquer modo, e ainda que não haja mocinhos nessa história, por mais que suspeitemos das versões que as instituições oficiais e a imprensa nos oferecem, a sensação que temos é a de que nunca veremos esclarecidos e solucionados casos como esses e como, porque não lembrar, o da morte de P. C. Farias.

Isso sem mencionar a possibilidade de que as próprias instituições guardiãs da ordem cometam atrocidades tão grandes ou maiores que seus inimigos. Vale citar os campos de Guantánamo ou o caso do brasileiro Jean Charles de Menezes que foi

assassinado no metrô de Londres por policiais que o julgaram erroneamente como um provável homem-bomba; casos citados por Bauman (2008: 197). A história virou filme no Brasil, Jean Charles foi representado por Selton Melo.

A telenovela provavelmente trabalha com a frustração que fica na vida real, na qual a impunidade parece ser a regra. A ficção costuma trabalhar com a punição dos vilões, ou a sua regeneração, para, de alguma forma, compensar a desilusão que temos com o sistema que inventamos e mantemos.

E não é apenas no núcleo principal, mas também no núcleo do político *Romildo Rosa*, que a corrupção e a impunidade, na vida pública, fazem vigília junto com as ameaças que rondam a vida privada. Até que as sanções sejam aplicadas, durante a maior parte da história a verdade fica escondida e quem paga – ou sofre – pelos crimes é alguém inocente. Qualquer semelhança com a realidade não é mera coincidência. O mesmo incômodo que o telespectador pode sentir ao acompanhar a ficção, ao nível das emoções, é o mesmo que ele pode sentir ao acompanhar os telejornais, ou até mesmo em histórias que presencia ou escuta em seu dia-a-dia.

Quase que cotidianamente são noticiados fatos de corrupção, negligência, sequestros, crimes que ficaram impunes, assassinatos parentais e filiais, hediondos, torturas realizadas com “requintes de crueldade”, expressão que, aliás, tornou-se bastante corriqueira. O sensacionalismo que acompanha as narrativas desses casos são uma tentativa de elaborar as iniquidades de nosso mundo e, ao mesmo tempo, uma das estratégias de um mercado que corrobora para a amplificação do medo. Essas ocorrências sempre provocam indignação, horror e incompreensão. E causam medo.

Isso porque “o medo e o mal são irmãos siameses” (Idem: 74). Mas não sabemos explicar ao certo o que é o mal. É, segundo Bauman, uma questão irrespondível, pois ele é exatamente o que desafia a inteligibilidade que torna o mundo uma experiência suportável. Sabemos o que é um crime porque temos um código jurídico que foi infringido. Sabemos o que é pecado, porque há uma lista de dez mandamentos que foi violada, mas a idéia do “mal” aparece fora dos domínios do compreensível, como último recurso de explicação. Quando não sabemos mais como justificar os atos que nos provocam horror, evocamos a “maldade”, o “mal”. Sem poder conhecê-lo, os filósofos abandonaram as tentativas de explicá-lo, tornando-o um ato: “o mal é” (Idem: 75).

E até onde, e por que, o espectador consegue testemunhar (tolerar) tantos horrores?

Todos os arcabouços que possuímos e usamos para registrar e mapear histórias horripilantes a fim de torná-las compreensíveis (e portanto neutralizadas e desintoxicadas, domesticadas e domadas – “toleráveis”) se esfumam e se desintegram quando tentamos esticá-los o suficiente para acomodar o tipo de maldade que chamamos de “mal”, em razão de nossa incapacidade de decifrar o conjunto de regras que essa maldade violou. (Idem: *ibid*).

Para falar do que incomoda a nossa sociedade, a telenovela constrói estereótipos e, muitas vezes, solta a imaginação e recorre ao pouco verossímil para que o telespectador possa seguir assistindo sem que a crueldade seja insuportavelmente sentida. Nesse sentido, *A Favorita*, além de apresentar a já mencionada flagrante aproximação com o gênero jornalístico, ainda que com sua vertente sensacionalista, toma feições de fábula. E isso pode ser confirmado não só pelo roteiro, mas pela direção e atuação.

Para equilibrar o excesso de maldades a vilã ganhou uma linguagem quase pitoresca, o que inclusive a tornou simpática do público. A atriz deu declarações sobre a forma carinhosa como era abordada pelos fãs. Seu linguajar chocava a ponto de provocar risos no público ao chamar a filha de “purgantezinha” ou “vaquinha”, o pai – que provavelmente sofria de Parkinson - de “tremelique”, *Gonçalo* de “velho babão”, *Irene* de “tontíssima”, *Donatela* de “vaca”, enfim, inclusive incorporava algumas palavras de baixo calão que até então não circulavam nas novelas da Globo. Seus chiques mais a assemelhavam a uma bruxa de conto de fadas do que propriamente a uma mente criminosa; era a própria madrasta Malévola amaldiçoando a Bela Adormecida e soltando gargalhadas a cada atrocidade bem sucedida. Esses traços foram se acentuando conforme a história transcorria e as maldades iam se tornando cada vez mais “más”.

As motivações de *Flora*, explicitadas nos últimos capítulos, diziam respeito a como *Donatela* era a sua favorita. Aos poucos, a falta de amor e compreensão por parte de *Donatela*, a inveja por julgá-la mais bonita, por cantar melhor, por ter se casado com um homem rico e desejado – também pela vilã – e, a gota d’água: por desfazer a dupla sertaneja. Essas foram as justificativas de *Flora* para ter feito tudo o que fez. Nós, telespectadores não conseguimos compreender, não conseguimos explicar nem justificar. Só nos resta uma alternativa: *A Flora é má*. A vestimenta de psicopata serviu como uma luva para que as telenovelas não precisem construir primorosamente o passado de

seus vilões de modo a justificar suas ações pífidas. Aqueles que perseguem as vítimas deveriam ter profundas e, em alguns casos, até justas razões para fazê-lo. Talvez agora teremos mais um medo, mais uma preocupação cotidiana: cuidar para que os psicopatas não deixem um rastro de destruição em nossas vidas.

2.3. Entre a ficção e a realidade

Como já vimos, o acúmulo e a repetição dos *gêneros*, das situações e dos tipos, os novos *textos* compostos e elaborados produzem muito de seu sentido conforme a memória que carregam. Que sentido se produz quando o autor chama de *Dr. Salvatore* um personagem que entra na novela quando dias antes aconteceu a chegada ao Brasil do ex-banqueiro Salvatore Cacciola (17.07.08)²²? Na última cena do dia 21.07.08, um close da face de *Dodi* que diz: *Dr. Salvatore!* Na sua expressão surpresa e ironia. O riso que a cena provoca vem não só da expressão facial “malandra” de *Dodi*, mas da ligação que a cena tem com o momento que presenciamos: a histórica prisão de um banqueiro. Para a telenovela, que comumente trabalha com sanção, com a punição de vilões, o acontecimento não poderia passar em branco.

Como o assunto prisão de crimes de colarinho branco no Brasil é tradicionalmente rotulado de “acabar em pizza”, a crônica ganha um tom bem humorado.

Além dos sentidos que se produziram quando observamos *A Favorita* em paralelo com a sensação de medo que paira em nossa era, podemos encontrar ainda críticas diretas à nossa realidade moral e política. Faz isso através do núcleo de *Romildo Rosa* (Milton Gonçalves) e *Gurgel* (Mário Gomes), “falando das relações sórdidas que políticos mantêm com os “publicitários” e com a imprensa, sempre construindo uma máscara, uma aparência, uma realidade e uma imagem convenientes para esconder os crimes que praticam” (LOPES e GÓMEZ, 2009: 148).

Frases dispersas resumem o sentimento da população que assiste a escândalos, um após o outro – fabricados ou não –, que são publicados com base em informações sigilosas que, de alguma maneira, vazaram para a imprensa²³. São colocadas falas na

²² Cf. <http://www1.folha.uol.com.br/brasil/ult96u423185.shtml>.

²³ O período de 2007 a 2009 foi marcado na imprensa por uma série de informações divulgadas com base em fontes secretas e, muitas vezes, atrapalhando o sigilo necessário a investigações da Polícia Federal. São trechos de conversas telefônicas, agendas, imagens comprometedoras gravadas, etc. Qualquer jornal ou revista semanal pode servir de exemplo. Em fins de 2009 e início de 2010 se discute o

boca das personagens, como “bandido burro dança, bandido educado vai longe” (capítulo 21-08-08), ou mesmo na boca da vilã ao conversar com uma jornalista que não pôde entrar no julgamento de *Donatela*: “ah, mas sempre tem alguém que fura o esquema, que procura uma informação ali, vaza outra aqui...”, ou ainda questões como a que *Rosana* faz para *Romildo Rosa* quando acertam mais um lote do tráfico de armas: “mas vem cá, você já é um homem tão rico, pra que uns poucos milhões a mais com essas armas?” (capítulo de 08.09.08). Para a insatisfação do espectador, a questão não foi respondida.

Para a construção do político, a telenovela utilizou diversas imagens já conhecidas como clichês e alguns episódios reais. Assim, vimos malas de dinheiro, cenas de suborno, discursos demagógicos. *Romildo Rosa* doava casas inexistentes, e fazia propaganda em cima dessa mentira. Assim como se faz em diversas campanhas políticas, ele mandou publicar na imprensa reportagens que atingiam a reputação do candidato concorrente. A exemplo da tragédia do Palace 2²⁴, o prédio construído por *Romildo Rosa*, desabou. *Gurgel* foi pago por *Romildo* para ser preso em seu lugar.

Mas *Romildo Rosa* não é só defeitos. Personagem bem construído, não vive apenas no pólo do mal, tem sua porção de carisma e simpatia. Contraditório, acredita que faz o bem para sua família, filhos e futuros netos, que está garantindo a eles que não serão pobres, nem humilhados, como ele foi um dia. Ele ama profundamente os seus filhos. E também ama *Arlete*, que também o ama, mas não o aceita por ser corrupto; a cor não é empecilho em nenhum momento, o conflito foi deslocado para fora da questão racial. Ela tem um filho dele, *Damião*, mas esconde o fato de ambos até o final da história. *Damião*, que mora em *Triunfo* e é operário das Indústrias *Fontini*, conhece e odeia *Romildo Rosa* pela sua atuação política. Depois de revelado o segredo, inicia-se um longo processo de aceitação de *Romildo* por *Damião*.

Outro encontro deu-se quando *Romildo Rosa* mandou publicar matéria difamando o candidato concorrente pela imprensa (*Didu X Elias*), insinuando, através do duplo sentido da manchete, que ele seria homossexual. Poucos meses depois, na

esquema de corrupção montado em Brasília, envolvendo o governador, José Roberto Arruda, ele e outros envolvidos chegaram a ser presos. As imagens divulgadas mostram o governador colocando maços de dinheiro na parte de dentro dentro da calça. A primeira desculpa foi uma doação de panetones, já que o fato se deu perto do natal. O caso virou piada nacional e o governador foi desmoralizado publicamente.

²⁴ Segundo reportagem da Folha de S. Paulo: “No dia 22 de fevereiro de 1998, o edifício Palace 2, na Barra da Tijuca (zona sul do Rio), desabou parcialmente, causando a morte de oito pessoas e deixando 130 famílias desabrigadas. (...) O edifício havia sido erguido pela construtora Sersan, que pertencia ao então deputado federal Sérgio Naya.” O deputado foi preso em dezembro de 1999, ficou 26 dias detido e acabou sendo absolvido em maio de 2001. Ver: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u59779.shtml>.

disputa pela prefeitura de São Paulo (2008), a campanha de Marta Suplicy, ao querer fazer o eleitor se informar melhor sobre o candidato adversário, Gilberto Kassab, que fora secretário de finanças do então prefeito Celso Pitta, e lançar diversas perguntas, como, “Você sabe mesmo quem é Kassab?”, “De quem foi secretário e braço direito?”, mas, por último, pergunta ao eleitor “Ele é casado? Tem filhos?”. Segundo a imprensa, a pergunta que insinuava que ser gay é condição inferiorizante foi um tiro no pé da candidatura²⁵. De fato, todos se perguntavam, o que se pretendia com isso? Votos de quem, de que grupo? Depois do carnaval 2010, uma decisão da Justiça Eleitoral, em primeira instância, quer caçar o mandato de Kassab por irregularidades na prestação de contas da campanha eleitoral.

No final, ele assume que é corrupto, que roubou dinheiro do povo, fez tráfico de influência, pagou e recebeu propinas, andou com malas de dinheiro. E conclui: “fui vil, desonesto, bandido, entrego-me para ser punido”. Ele se entrega à polícia e é preso.

A Favorita fala também ao cotidiano do cidadão comum, dos dramas privados como a história de *Catarina*, uma mulher que consegue enfrentar o marido que a oprime e ficar livre das suas agressões, físicas e psicológicas. Na história que conta a sua emancipação, aparece *Stela*. A personagem adjuvante que lhe dá abrigo, amizade e força, é, na verdade, homossexual. Ao final, *Catarina*, às vésperas de seu segundo casamento, com *Vanderlei*, desiste do papel de esposa e dona-de-casa para realizar o sonho de conhecer Buenos Aires, e viaja com a amiga. O autor, ao não explicitar o par amoroso de *Catarina*, mostra que o prêmio mais importante que ela poderia receber não seria a aliança, mas sim a própria autonomia, a felicidade ancorada em outras bases que não o casamento.

Depois de sucessivas focalizações do tema homossexualidade realizadas pelas novelas da Rede Globo, numa clara trajetória rumo à desconstrução de estereótipos e preconceitos, João Emanuel Carneiro assume o leme num momento em que a orientação sexual de *Stela* não mais provoca espanto para a audiência, e pode até fazer uma brincadeira com o tema através da leveza e do humor com que construiu *Orlandinho* (Iran Malfitano), que se assume *gay* quando conhece *Halley* e depois volta a ser heterossexual quando passa a conviver com a esposa de fachada, *Céu*. Apesar de uma

²⁵ Ver, por exemplo: http://oglobo.globo.com/pais/eleicoes2008/mat/2008/10/13/programa_eleitoral_critizando_kassab_causa_estragos_ate_no_comite_de_marta-585926292.asp Para assistir ao vídeo da campanha clicar em: <http://www.youtube.com/watch?v=WEwungnwjOs>.

certa decepção do público *gay*, a personagem foi um sucesso. “*A Favorita* é, pois, uma narrativa que apresenta uma das muitas possibilidades de leitura da sociedade brasileira. A narrativa ficcional que se constitui a partir das histórias dos personagens se entrecruza com a narrativa não ficcional da nossa realidade” (BACCEGA et al., 2009: 175).

Essas foram as inserções que ficaram entre a ficção e a realidade que consideramos mais expressivas, e voltaremos a algumas delas mais adiante. É bom lembrar que como as fronteiras entre a ficção e a realidade são maleáveis, às vezes se embarçam, e cada espectador pode, de acordo com seus conhecimentos e sua experiência, matizar e colorir os sentidos que constrói a partir da articulação entre a telenovela e seus saberes.

Questões de interesse social presentes na telenovela

Modo de focalização	Temas	Contexto
Tematiza	Violência / Medo	Através do suspense da trama principal. Sociopatia ou psicopatia.
Tematiza	Violência contra a mulher	<i>Catarina</i> é oprimida por <i>Leo</i> .
Denuncia	Corrupção	O exercício do mandato político de <i>Romildo Rosa</i> .
Denuncia e contribui para desconstruir e faz a discussão	Preconceito homossexualidade	<i>Stela</i> sofre boicote em seu restaurante depois que <i>Leo</i> espalha para toda <i>Triunfo</i> que ela é homossexual. <i>Catarina</i> , através do discurso, consegue evitar a exclusão de <i>Stela</i> .
Evidencia	Amor na terceira idade	<i>Copola</i> , depois de anos de casamento, se separa de <i>Iolanda</i> porque ama <i>Irene</i> desde a juventude. Depois que ela fica viúva, no fim da novela, eles se casam.

Defende	Vida de caminhoneiros e vida operária. Cooperativa.	Houve uma expectativa, no início da telenovela, de que haveria alguma defesa dos operários (núcleo de <i>Triunfo</i> , liderados pelo sindicalista <i>Copola</i>) e dos caminhoneiros (<i>Cida</i>). Mas isso não aconteceu. No final, rapidamente, pela falência que <i>Flora</i> deixou as empresas <i>Fontini</i> , os funcionários da fábrica se uniram e formaram uma cooperativa, para salvar o negócio e os seus empregos.
---------	---	--

2.4. Referências bibliográficas do capítulo II

- BACCEGA, M.A.; BUDAG, F.E; HOFF, T.C.M E CASAQUI, V. (2009). Consumo, trabalho e corpo: representações em *A favorita*. In: LOPES, M.I.V. de (2009). **Ficção televisiva no Brasil: temas e perspectivas**. São Paulo: Globo, 2009.
- BAUMAN, Zygmunt (2008). **Medo líquido**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.
- LOPES, M.I.V. de (2009). **Ficção televisiva no Brasil: temas e perspectivas**. São Paulo: Globo, 2009.
- LOPES, M.I.V. de e GÓMES, G.Orozco (coords.) (2009). A ficção televisiva em países ibero-americanos: narrativas, formatos e publicidades. **Anuário OBITEL**, São Paulo: Globo, 2009.
- MUNGIOLI, Cristina P. e JAKUBAZKO, Daniela (2009). A multidimensionalidade do espaço-tempo na telenovela a favorita: entre a ambiguidade e os destempos. **Intercom, Anais**, 2009. Ver: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-3808-1.pdf>.
- SILVA, Ana Beatriz Barbosa (2008). **Mentes perigosas: o psicopata mora ao lado**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

Capítulo III

A masculinidade na ideologia do cotidiano

FEMININO E MASCULINO

Uma professora de francês estava explicando à classe que em seu idioma, ao contrário do inglês, os substantivos são designados tanto como masculinos como femininos. Casa, por exemplo, é feminino, 'la maison'. Lápis é masculino, 'le crayon'. Um estudante então perguntou: a que gênero pertence o computador?

Em vez de responder, a professora dividiu a classe em dois grupos (masculino e feminino) e pediu a eles que decidissem sozinhos se afinal o computador deveria ser um substantivo masculino ou feminino. Cada grupo teria de justificar sua escolha.

O grupo masculino decidiu que o computador deveria definitivamente ser classificado como feminino ('la computer'), porque:

- 1) Ninguém além de seu criador compreende sua lógica interna;
- 2) A linguagem que elas usam para se comunicar entre si é incompreensível para todos os demais;
- 3) Mesmo os menores erros são arquivados numa memória de longa data para possível revisão mais tarde;
- 4) Assim que você assume compromisso com uma, se vê torrando metade do salário com acessórios para ela.

O grupo feminino, entretanto, concluiu que os computadores deveriam ser masculinos ('le computer') porque:

- 1) Para fazer qualquer coisa com ele você tem de ligá-lo primeiro;
- 2) Eles têm muitos dados, mas ainda não são capazes de pensar por si mesmos;
- 3) Supostamente eles têm de ajudar a resolver problemas, mas metade do tempo eles SÃO os problemas;
- 4) Assim que você se compromete com um, percebe que se tivesse esperado um pouco mais poderia ter conseguido um modelo melhor...

As mulheres venceram!!!!

Tudo começou quando a turma da faculdade de Direito resolveu transformar uma célebre frase em camiseta e ela virou moda no Campus. A turma fez a seguinte frase:

Seu namorado não faz direito?
Vem cá que eu faço!

Aí, o pessoal de Medicina resolveu provocar:

Ele pode até fazer direito, mas ninguém
conhece seu corpo melhor que eu!

O pessoal de Administração não deixou por menos:

Não adianta conhecer o corpo, fazer direito,
se não souber administrar o que tem.

E a turma de Agronomia mandou esta:

Uns conhecem bem, outros fazem direito,
e alguns sabem administrar o que têm, mas
plantar a mandioca como nós ninguém consegue!

Depois foi a vez do pessoal de Publicidade:

De que adianta conhecer bem, fazer direito,
saber administrar e plantar a mandioca
se não puder contar pra todo mundo?

Logo veio a turma da Engenharia participar também da brincadeira:

De que adianta conhecer bem, fazer direito,
saber administrar e plantar a mandioca,
poder contar pra todo mundo, e não ter energia
e potência para fazer várias vezes o que ela gosta?

Mas a frase campeã foi realmente a da Economia:

De que adianta conhecer bem, fazer direito,
saber administrar e plantar a mandioca,
poder contar pra todo mundo, ter energia
e potência para fazer várias vezes se a mulher
gosta mesmo é de dinheiro?

3.1. Os níveis inferiores da ideologia do cotidiano

O ideal no casamento é que a mulher seja cega e o homem surdo (Sócrates)

Vamos começar, como já explicitamos, a entender nosso objeto a partir da sua relação com a visão de mundo do senso comum. Para tanto, recorreremos às palavras e expressões correntes de nossa cultura. Para Bakhtin,

(...) em todas as etapas (...) a consciência humana trabalha com a palavra, essa refração mais sutil e também mais confusa das leis socioeconômicas. Devemos estudar as reações verbalizadas em sua forma cotidiana primitiva pelos mesmos modos que o marxismo elaborou para o estudo das complexas teorias uma vez que lá e cá as leis da refração da necessidade objetiva na palavra são as mesmas. Toda enunciação verbalizada do homem é uma pequena construção ideológica. (BAKHTIN, 2001: 87-88).

Além disso, “a ideologia do cotidiano que penetra integralmente o nosso comportamento. Em certos sentidos, essa ideologia do cotidiano é mais sensível, compressiva, nervosa e móvel do que a ideologia enformada, ‘oficial’” (Idem: 88).

Recorrendo ao repertório de nossa cultura podemos encontrar diversos modelos, expectativas, conselhos, advertências, etc., de como deve – e não deve – ser um homem. São enunciados de homem para homem, de mulher para homem. São idéias preconcebidas que diferenciam características masculinas e femininas e ditam comportamento, para ambos. Mas nem sempre o que as mulheres recomendam para os homens é o que os próprios homens recomendam para seus iguais para que sejam “homens com H”.

E, via de regra, nos níveis inferiores da ideologia do cotidiano, a masculinidade e o machismo coincidem, e o masculino está em oposição ao feminino. Assim, homem que é homem não chora; não senta de pernas cruzadas; não realiza determinados ângulos com as mãos ao gesticular; não lava louça; deve flertar com as mulheres na rua; deve saber pilotar um carro em velocidade; entre muitas outras.

É desse modo, através das verbalizações que circulam no cotidiano, que podemos perceber algumas das construções ideológicas presentes na visão de mundo dos níveis inferiores da ideologia que inevitavelmente serão convertidas em atitudes, práticas e comportamentos. E consequências para a nossa sociedade.

Um pequeno exemplo que podemos mencionar agora é um fato que consideramos da maior significância: o preço dos seguros de automóveis. Homens entre 18 e 25 anos pagam mais caro que as mulheres da mesma faixa etária, assim como adultos que têm filhos nessa mesma faixa de idade paga a mais se os filhos forem do sexo masculino. Uma cotação feita por um jornal mostrou que uma mulher de 18, solteira, pagaria R\$ 2.344,16, enquanto o homem pagaria R\$ 6.381,21¹. Todos os cálculos estão respaldados por números estatísticos que falam sobre a diferença entre o comportamento de homens e mulheres no trânsito², que eles são mais infratores e mais envolvidos em acidentes. E só depois dos 25 anos, e dependendo da história do condutor, é que os seguros estudam um desconto na fatura. E não podemos colocar toda a responsabilidade em cima da testosterona, ou podemos?

Algumas práticas, de tão repetidas, de geração para geração, tornam-se, mais que “tradição”, um texto a ser reproduzido. Consideraremos, portanto, alguns hábitos como uma expressão corrente do senso comum. São as *vivências interacionais da masculinidade* que, conforme Oliveira (2004), constroem-se de certas condutas reproduzidas e de ritos que conferem a identidade desejada:

Vivências interacionais da masculinidade são experimentadas desde a infância até a velhice. Atos tão distintos e isolados como dar um murro na mesa e gritar durante uma partida de truco, engajar-se em brincadeiras ou situações violentas (brigas, troca de insultos, aplicação de castigos), flertar dizendo palavras pouco refinadas no ouvido de mulheres na rua, promover tumultos e atos de vandalismo aos bandos e em lugares públicos, estádios de futebol, assumir uma postura corporal mais rígida em situações em que se queira mostrar masculinos, reagir a desafios lançados por outros homens, desafiar outros homens, debochar e zombar de colegas por comportamentos e atitudes supostamente pouco masculinas, promover rachas, (...) vangloriar-se de conquistas sexuais (verdadeiras ou fantasiosas) junto a outros homens, (...) assumir de maneira exibicionista responsabilidades tidas como típicas de homem ou então representar papel de cavalheiro em situações específicas; todas essas atitudes, além de muitas outras, enquadram-se dentro daquilo que chamo de vivências interacionais da masculinidade. São acionadas dentro de contextos específicos, expressam simbolicamente valores, afetam e influenciam outras vivências (dos próprios e de outros agentes) e efetivam uma dupla constituição: participam do processo reiterado de configuração da identidade subjetiva, ao mesmo tempo em que re-

¹ ARIADNE, Queila. <http://www.otempo.com.br/otempo/noticias/?IdNoticia=110329> Acesso em 22.06.2009.

² Mulheres se envolvem menos em acidentes com vítimas http://www.denatran.gov.br/ultimas/20090306_mulheres_acidentes.htm.

atualizam (“vivificam”) e mantêm o horizonte simbólico que avaliza tais vivências. (OLIVEIRA, 2004: 261).

A partir da recorrência dessas vivências, o senso comum vai se apropriar de alguns de seus traços para comunicar o usual, criticar, defender, ridicularizar, legitimar, enfim, transmitir para reprodução e/ou pedir a transformação de determinados hábitos e comportamentos.

Também fazem parte do repertório dos níveis inferiores as piadas sobre as mulheres, seu lugar na cozinha, sua pouca inteligência, sua função exclusivamente sexual e reprodutiva. De outro lado, mulheres respondem com outros chistes e tiradas de humor. Lembramos que Bakhtin explica o conceito de inconsciente concebido por Freud através de seu conceito de ideologia do cotidiano, aproximando a ambos: (...) o inconsciente de Freud pode ser denominado consciência não-oficial diferentemente da consciência “oficial”. (BAKHTIN, 2001:86).

Freud, por sua vez, afirma que “os chistes não vêm recebendo tanta atenção filosófica quanto merecem, em vista do papel que desempenham em nossa vida mental (FREUD, 1996: 17). Para ele, a parte que os chistes escondem, ocultam, é mais determinante para o riso que eles provocam, do que a sua parte “cômica”, aquela porção lúdica que caracteriza a forma do enunciado. Nisso concordamos com Freud, se posso entender que ele estava querendo dizer que os fatores presumidos dos enunciados-chistes, aqueles que não estão explícitos no discurso, são a parte determinante do sentido do chiste. Como veremos aqui, as manifestações do senso comum tendem a silenciar alguns aspectos. Encontrando o que está oculto nesses enunciados, encontramos sua face ideológica.

Assim, está instaurada a guerra dos sexos, e nossa cultura produz uma grande quantidade de textos, inclusive alguns de caráter científico, para provar as diferenças entre os gêneros. No discurso dessa competição podemos encontrar o que, no âmbito do senso comum da atualidade, quer dizer ser homem, para os homens, e ser mulher, para as mulheres; e vice-versa. Nesse estrato da ideologia do cotidiano, a mulher ideal do homem parece ser uma boneca inflável³, ou aquela disposta a viver em função dele e gostar de tudo o que ele gosta, como a *Mulher invisível* cujo “único defeito era querer existir”⁴.

³ Para assistir um comercial que é uma piada: <http://www.piada.com/video.php?i=9962>.

⁴ Estou me referindo ao filme *Mulher invisível* de Cláudio Torres, com Selton Melo e Luana Piovani, 2009. <http://g1.globo.com/Noticias/Cinema/0,,MUL1181672-7086,00-MULHER+PERFEITA+NO+CINEMA+LUANA+PIOVANI+DIZ+HOMEM+IDEAL+NAO+EXISTE.html>.

Já o homem ideal da mulher não existe no mundo do humor, pois eles são todos iguais, só mudam de endereço. O que elas afirmam é querer “um companheiro que inspire admiração e confiança”⁵. Entretanto, segundo as queixas femininas, os homens ou as temem, por serem independentes e poderosas, e por isso fogem, ou as desprezam, tratando-as como objetos sexuais. Além disso, estão se sentindo sobrecarregadas com o dever de casa, dos filhos, e do trabalho, em que ainda recebem menor remuneração que o sexo oposto. Quando acaba a piada, sobra a dura realidade. No extremo estão as mulheres que sofrem com a violência doméstica. É interessante perceber que neste universo inconsciente do humor e dos estereótipos, a mulher apanha porque gosta, ou porque merece uma lição: “o marido não sabe por que bate, mas a mulher sabe por que está apanhando”.

Para a pesquisa no senso comum (níveis inferiores e superiores da ideologia do cotidiano) recorreremos a provérbios e expressões correntes no português do Brasil, contos tradicionais, canções, anúncios publicitários, livros de auto-ajuda, de psicologia, revistas, jornais, a inúmeros sites da internet, bem como algumas mensagens que recebemos no e-mail pessoal, como as que abriram este capítulo. Também consideramos os depoimentos publicados em 1º pessoa, estes aparecerão destacados em caixas de texto. Eles foram recolhidos de livros, de reportagens e de um documentário, *Nem gravata nem honra*, do “neurótico elevado”, segundo autoapresentação, Marcelo Masagão, e trilha de André Abujamra. O documentário é uma série de entrevistas sobre as diferenças de gênero com os moradores de Cunha, cidade do interior de São Paulo, conhecida por ficar no caminho para Parati.

⁵ Veja, por exemplo, a seguinte matéria da revista *época*: <http://epoca.globo.com/especiais/2004/homem/ideal.htm>.

Documentário é:

O resultado do encontro de dois neuróticos (ou mais) intermediados por uma câmera.

Cunha interior de São Paulo. (imagens da cidade).

22.508 habitantes

2.458 neuróticos leves

18.722 neuróticos normais

1.128 neuróticos elevados

3 igrejas

1 cinema (imagens do Cine São José)

Quais os filmes mais vistos em Cunha?

É geralmente são os lançamentos e principalmente dublados. A cidade, ela gosta de ação, aventura, comédia, muita comédia, e principalmente filmes do Mazaropi, né, dos trapalhões (pornô sai em pouca quantidade) Geralmente o homem gosta de muita ação, luta. E mulher gosta muito de romance, drama.

Homem: ação

Mulher: romance

De tudo o que lemos, selecionamos aqueles enunciados que apresentaram mais recorrências. Não quero dar impressão ao leitor de que estamos nos repetindo, a intenção com a redundância é encontrar as idéias e imagens recorrentes. Para organizar melhor o que encontramos, separamos os seguintes tópicos, das grandes recorrências:

3.1.1. A guerra dos sexos: homens X mulheres e mulheres x homens

3.1.2. Homens e mulheres como opostos: contrários e complementares

3.1.3. O novo homem

3.1.4. A vida de um homem comum

3.1.1. A guerra dos sexos: homens X mulheres

Um homem que não mente para uma mulher tem pouca consideração pelos seus sentimentos (Olin Miller, escritor estadunidense)

Se ela perguntar: “Você sairia com a Angelina Jolie?” Responda: “A Angelina tem beirão, prefiro os seus lábios”.⁶

As queixas mais comuns são: as mulheres são complicadas demais, sensíveis demais, exigentes demais, discutem demais a relação, ciumentas demais, falam demais, dirigem mal, são interesseiras, não são confiáveis, a maioria é infiel, são fofoqueiras e indiscretas.

As que valem são as novas e bonitas. E, principalmente, se forem de outros. A própria só se for admirada e desejada por outros homens. De qualquer modo, são úteis para cozinhar, lavar e passar. E é melhor que façam o serviço completo de cama, mesa e banho sem reclamar. Se não... Segundo Gikovate⁷, “conseguir conquistar a mulher de um ‘amigo’, conhecido ou rival corresponde a um prazer erótico de proporções incrivelmente maiores do que a simples conquista de uma mulher disponível e desacompanhada” (GIKOVATE, 1989: 178).

Vida boa é a vida de solteiro na qual se pode gastar todo tempo e dinheiro como quiser, principalmente com mulheres bonitas e realizar suas fantasias eróticas. Homem de respeito é aquele que tem seu trabalho, seu dinheiro e suas mulheres (quanto mais conquistadas, mais de posse de sua masculinidade é um homem). O famoso Casanova⁸ é o sonho de consumo da maioria dos homens. Ah, claro, e macho que é macho nunca “broxou”.

⁶ Men’s Health, Agosto 2008, Mixer Casal, p.36. Depois da dica vem a explicação: “É claro que você sairia! Você sabe disso e sua namorada também. Não caia na provocação. Acenda a chama da sua garota com um elogio. Não é mentira e ela vai se sentir desejada”. (grifo nosso).

⁷ Flávio Gikovate é um médico e psicoterapeuta famoso no Brasil, e publicou 25 livros sobre vida afetiva e sexual. Segundo a contracapa do livro **Homem: o sexo frágil?**, é o primeiro livro publicado para o grande público sobre o tema masculinidade no Brasil. Na Revista Vital, Ano 1, n.1, uma publicação da Unilever em parceria com a Editora Abril, com tiragem de 500 mil exemplares – só perde para a veja -, Gikovate, no artigo “Quando o machismo perde a vez”, afirma: “as mudanças ocorridas na família fizeram com que a ditadura paterna fosse substituída pela negociação com mães e filhos. É hora da democracia. (GIKOVATE, 2009: 75).

⁸ Giacomo Casanova (1725-1798) deixou suas memórias escritas em diversos volumes. Suas numerosas aventuras amorosas são amplamente conhecidas e romaneadas em livros e filmes. Uma boa fonte para mais informações é a Wikipédia: http://pt.wikipedia.org/wiki/Giacomo_Casanova (capturado em 8.10.09).

1706. O homem só entende o que é a felicidade depois que casa, mas aí já é tarde. (DF)
 1403. Mulher ao volante, perigo constante. (DF)
 1415. Mulher e árvore só dão galho. (RJ)
 1442. Mulher e pneu estepe é sempre bom ter de reserva. (SP)
 1453. Mulher feia é canhão, mulher bonita é avião. (RJ)
 1463. Mulher não tira Carteira de Habilitação, tira porte de arma. (RJ)
 1465. Mulher tem o direito de se esquentar no fogão e se esfriar no tanque. (PB) ⁹

Dentre os contos tradicionais recolhidos por Câmara Cascudo (1998), encontramos alguns que representam as mulheres. Em “O homem que pôs um ovo” e suas variações¹⁰, o marido quer testar a capacidade da mulher de guardar segredo e antes de dormir diz a ela que pôs um ovo. Aturdida, logo cedo, corre e conta à vizinha, que, obviamente, passa o caso adiante até que a cada conto aumenta-se um ovo, ou melhor, algumas dúzias. Quando o marido regressa do trabalho e encontra um vizinho, este vai lhe contar a novidade: sabia que um morador da rua pôs quase dez dúzias de ovos? “Diz que está muito doente e que cada ovo tem duas gemas” (CASCUDO, 1998: 246). O marido não teve dúvida e, ao chegar em casa,

Chamou a mulher, agarrou uma bengala e passou-lhe a lenha com vontade, dando uma surra de preceito, que a deixou na cama, toda doída e com panos de água e sal. Depois, o homem saiu contando como o caso começara e a mulher ficou desmoralizada. Por isso é que os antigos diziam que: *quem tiver o seu segredo, não conte a mulher casada, esta conta ao seu marido, o marido aos camaradas...* (Idem: *ibid.*)¹¹

Noel Rosa e Caetano Veloso, respectivamente, também cantam a dissimulação feminina: “Pra que mentir tanto assim se tu sabes que eu já sei que tu não gostas de mim?! Se tu sabes que eu te quero Apesar de ser traído, Pelo teu ódio sincero, Ou por teu amor fingido?!”. “A verdade é o seu dom de iludir. Como pode querer que a mulher vá viver sem mentir...”

⁹ Jornal Integração Online, Lista de provérbios e expressões brasileiras: <http://www.geocities.com/CollegePark/Lab/6681/proverbo.html>

¹⁰ *Ibid.*: 246-248.

¹¹ A anedota narrada por Antônio Alves (pescador da Praia da Areia Preta, Natal), segundo Cascudo, tem origem européia; o documento mais antigo que se conhece data de 1736.

Nem gravata nem honra

(35.40 a (...) 37.32)

Letreiro: “mentira, mentirosas, mentirinhas.”

Daia, cabeleireira: “o homem, quando ele gosta, ele chega a ser mais carinhoso do que a mulher. Agora, a mulher ela é um pouco falsa, né?, às vezes ela não gosta e faz carinho... ela consegue enganar mais...”

Pergunta: e como é que seria isso?

Daia: “é, eu acho que o homem nessa parte é mais sincero. Na parte do carinho, eu acho. Porque o homem, se ele faz carinho é porque ele está a fim de fazer carinho. Você pode ver, se um homem não está a fim de fazer carinho você não consegue chegar perto dele. Ele repele você assim, igual a um bicho. Agora, a mulher, não. A mulher, às vezes, pra ficar livre ela faz um carinho. É como se fosse um filho que diz ‘dá isso mãe, dá mãe!’ Você não agüenta o ‘dá mãe’, você pega e dá aquilo que você tem...”

Letreiro: “dá”

(...)

Daia, cabeleireira: “O casamento, eu acho, é deixar o homem pensar que ele consegue tudo, que eles podem mandar em tudo. Então a gente deixa eles pensar que é assim...”

Letreiro: Dissimular (do latim. *Dissimulare*)

1. Ocultar ou encobrir com astúcia.
2. Não dar a perceber; calar.
3. Ter reserva; não revelar os seus sentimentos. Ocultar-se.
4. “Para ser passiva é necessário muita ação.” Sigmund Freud

Alguns verbetes do dicionário feminino segundo os homens, recebido por e-mail:

- Sim = Não
- Não = Sim.
- Talvez = Não.
- Sinto muito = Vai ser como eu quero.
- Nós queremos = EU quero.
- Faça como quiser = Você vai pagar muito caro por isso.
- Precisamos conversar = Quero me queixar de você.
- Vá em frente = Não quero que você vá.
- Não estou chateada = Lógico que eu estou chateada.
- Seja romântico, apague as luzes = Estou me sentindo gorda.
- Esta cozinha é meio desajeitada = Quero uma casa nova.
- Quero cortinas novas = ... e carpete, móveis, máquina de lavar.
- Ouvi um barulho = Você está quase dormindo.
- Quanto que você me ama? = Eu fiz algo de que você não vai gostar.
- Estarei pronta em um minuto = Tire os sapatos, escolha um canal de TV e relaxe.
- Estou gorda? = Diga que eu estou bonita.
- Você precisa aprender a se comunicar = Apenas concorde comigo.
- Não estou gritando! = Sim, estou gritando porque é importante.

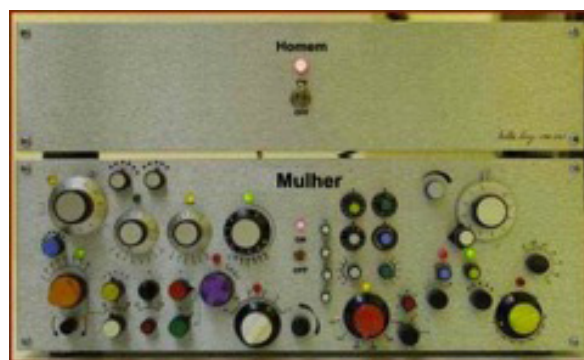
Segundo os homens, agradar as mulheres é algo muito difícil, já que elas são extremamente complexas e voluntariosas. Num PowerPoint que circulou pela rede, eram

necessários 75 itens, como, “acaricie, massageie, ria, estimule, console, proteja, seduza, ligue, perdoe, sacrifique-se, mostre-se igual, defenda-a, faça planos, faça serenata, mime, banhe-se, perfume-se, barbeie-se para ela, elogie, faça uma surpresa, seja gentil e educado, presenteie-a, entregue-se, comprometa-se, dance, olhe nos olhos, lave, passe, guarde, cozinhe, idolatrea, ajoelhe-se e, volte ao começo e faça tudo de novo...” Enquanto que para satisfazer um homem apenas dois itens seriam necessários: 1. traga uma cerveja e 2. venha pelada.

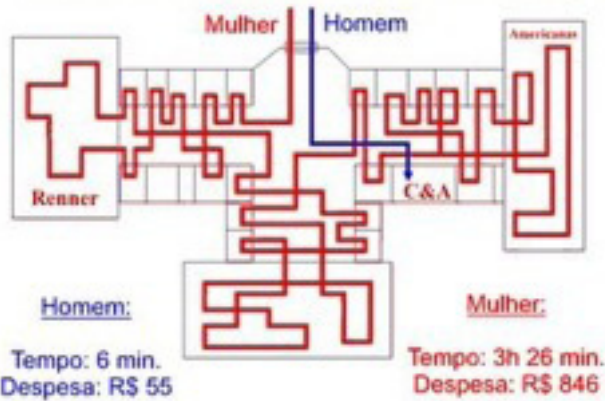
Outra comparação fala da complexidade feminina e da simplicidade masculina.

Nem Gravata nem Honra
 (36:00)
 Letreiro (com símbolo masculino)
 Mais objetivo
 Mais prático
 Mais desorganizado
 Mais cheque especial

Um e-mail circulou com o título “a mulher explicada por engenheiros”. Veja as figuras abaixo:



Missão: Ir à C&A e comprar uma calça.



DESCRIÇÃO DE MATERIAL PERIGOSO	
ELEMENTO:	Mulher
SÍMBOLO:	☹
DESCOBRIDOR:	Adão
MASSA ATÔMICA:	Áceita como 55kg, mas conhecida por variar entre 45kg e 225kg
PROPRIEDADES FÍSICAS	
1. Corpo externo normalmente coberto com camada de pó ou pintura.	
2. Ferve por nada - Coagela sem razão aparente.	
3. Encontrado em diversas escalas.	
PROPRIEDADES QUÍMICAS	
1. Reage bem a ouro, platina e outras pedras preciosas.	
2. Explode espontaneamente sem razão ou aviso.	
3. Maior corredor de moedas conhecido pelo homem.	
USO COMUM	
1. Decoração ornamental, especialmente em carrões.	
2. Pode ser um belo e efetivo agente de limpeza.	
3. Relaxador de tensões e stress físicos.	
PRECAUÇÕES	
1. Coloração torna-se verde quando colocada ao lado de uma amostra superior da mesma espécie.	
2. Possessão de mais de uma é possível, porém as amostras nunca devem entrar em contato visual.	

Mas não é apenas com a mulher que o homem tem que marcar as diferenças. Ele também deve fazer isso, sobretudo, com relação aos homossexuais. São as atitudes que homem que é homem mesmo gosta de chamar de “viadagem”. No site “perguntas cretinas.com” há uma tabela com uma série de alternativas para medir um homem na escala entre macho e bicha louca. Veja alguns exemplos¹²:

¹² <http://www.perguntascretinas.com.br/2006/10/20/tabela-de-viadagem-como-medir-um-homem-na-escala-entre-macho-e-bicha/>. Acesso em 18.06.2009.

Penteado

Não se penteia – MACHÃO

Penteia-se depois do banho – HOMEM

Penteia-se várias vezes ao dia – FRESCO

Penteia-se várias vezes ao dia e pinta cabelo – BICHA

Penteia os outros e dá conselhos de penteados – BICHA LOUCA

Esportes preferidos

Futebol, boxe, automobilismo – MACHO DE CARTEIRINHA

Tênis, boliche, voleibol – TENDÊNCIAS GAYS OCULTAS

Aeróbica, spinning – LOUCA

Os mesmos, mas usando short de lycra – EXTRA BOIOLA

Uso de cremes e bronzeadores

Não usa – MACHO

Usa um pouco no verão – SENSÍVEL

Usa bastante no verão – BICHINHA

Usa bastante o ano todo – BICHA TOTAL

Uso do espelho

Não usa – VIKING

Usa somente para fazer barba e pentear cabelo – VAIDOSO

Admira sua pele e observa seus músculos – GAY

Igual ao GAY, e ainda admira seu bumbum – LOUCA DESATADA

Admira-se com diferentes perucas, vestidos e maquiagem – TRAVESTI

Segundo Gikovate, há outras restrições:

Temos que aprender a andar sem mover os quadris para os lados. Temos que aprender a movimentar as mãos e os braços sem que formem determinados ângulos. Temos que falar de um modo firme e impositivo mesmo quando somos meigos e delicados. Não deixa de ser ridículo de pensarmos que se nossa mão se abrir ou se fechar formando um ângulo maior do que 30 graus com o antebraço isto significa que temos tendências homossexuais. Até 30 graus é heterossexual e inclinação maior que isso é ser “desmunhecado”, “bicha”! Não é o homossexual que é o afetado e sim o heterossexual que é o contido, aquele que foi criado para viver dentro de uma camisa-de-força. (GIKOVATE, 1989: 152).

Nem gravata nem honra

10.40 até 11.07

Homem falando (José, o prefeito): “eu tive muito isso, acho que alguns beijinhos e tal, até porque é uma questão de respeito, sei lá o que, eu fui criado dessa maneira, e hoje eu tenho um carinho muito grande pelos meus filhos, eles também têm comigo, me adoram, mas a gente tem uma certa distância física, então a gente se abraça, na chegada e na saída, e tal, mas a gente não tem aquele negócio, vamos dizer assim, se melando, não é?”.

Encontramos ainda, um site para os machos de hoje, “pero no mucho”, no qual há um manifesto do macho:

06/01/2009 - 10h38

Regras de Ouro do Manifesto Macho 2009

Olha, resolvi escrever neste ano de 2009 um Manifesto Macho, tipo o Manifesto Comunista, só que sem vermelho, afinal no primário aprendemos que vermelho é cor de menina, menino só deve usar azul, sendo assim, de antemão vou avisando: tem um monte de ãh, ãh, metrossexual que vai se arranhar, pois resolvi abandonar o tom conciliador de outrora e no melhor estilo punk botar pra f...

A seguir, algumas regras de ouro do Manifesto Macho 2009, para você se tornar um homem melhor:

Nenhum macho de verdade deverá depilar costas, peito ou abdômen. Macho, no máximo, faz a barba se ela for muito, mas muito esburacada mesmo.

Macho não faz luzes, simples assim, definiria até como auto-explicativo, não é mesmo?

Nenhum macho usa sunga branca, afinal isso definitivamente me parece coisa de Playa de los Muertos (México). Vai pesquisar sobre a praia e depois me conta, tá maricón?

Macho não deixa de abrir a porta do carro para mulher seja ela Alfa, Beta ou Gama, pois cavalheirismo é uma característica macha, por mais que todo roteirista de novela insista em nos considerar uns brucutus, mas cá entre nós, a maioria desses caras não entende do riscado, ok?

Nenhum macho deixará de jogar futebol, não interessa o quão perna de pau você seja, o importante é se manter em contato com outros homens e ter um tempo livre para falar mal da mulher, da sogra e até mesmo da própria mãe sem maiores consequências...

Macho que é macho não faz terapia, faz boxe, jiu-jitsu ou muay thai. Similares mais educados como judô, karatê e wushu serão aceitos. Balé, jazz e dança de salão não são artes marciais, alguma dúvida?

Nenhum macho deverá se ausentar do bar por mais de um mês e quando fora do país deverá recorrer a um similar nas paragens pelas quais está visitando e sempre experimentar da principal bebida local. Exemplo: Brasil – cachaça (a caipirinha poderá substituir a cachaça pura), Inglaterra – Guinness (nenhuma outra cerveja poderá substituí-la), França – champanhe (não estrague a sua misturando qualquer suquinho de fruta), Holanda – maconha (não venha me vender cerveja holandesa, o mais típico no local é a maconha e fim de papo), Jamaica (ver Holanda), Cuba – run (aceito também o Mojito) e assim caminha a humanidade.

Macho não bebe clorofila, será que alguém tem alguma dúvida?

Nenhum macho deverá ficar sem comer feijoada no mínimo uma vez por mês, exceção feita aos que professam a fé judaica.

Machos do mundo, uni-vos!
por **Gordo**¹³

¹³ Fonte: <http://machoperonomucho.uol.com.br/2009/01/06/regras-de-ouro-do-manifesto-macho-2009/>. Capturado em 12.08.09.

Nos comentários, os machos de plantão acrescentaram: dança não é esporte, não vale nem se a professora for “boa”. Também não podemos nos esquecer de que o lado feminino do macho é lésbico! E é bom lembrar que “homem galinha” é um elogio enquanto “mulher galinha” é uma ofensa. Homem que é homem fala palavrão e sabe beber, e outras coisas mais, mas sem se descontrolar.

Quando crianças, as brincadeiras de meninos e meninas são bem diferentes. Enquanto as meninas brincam de boneca e casinha, como que se antecipando à vida adulta, os meninos têm jogos que, na maior parte das vezes, exercitam sua força, virilidade e capacidade de competição. Assim como a elas se exige que participem da vida doméstica e dos cuidados da casa: “(...) os meninos ganham dinheiro para fazer pequenos trabalhos ocasionais, como lavar um carro ou cortar grama... Enquanto isso exige-se que as meninas participem diariamente dos afazeres domésticos, pondo a mesa, varrendo, lavando louça, mas nada recebem por isso.” (CASTAÑEDA, 2006: 248).

Segundo a autora, desde cedo as atividades femininas são desvalorizadas, criando-se uma diferente concepção de trabalho e dinheiro e dos papéis de cada gênero na vida.

Em síntese, não são necessários mais exemplos para perceber que nos níveis inferiores da ideologia a masculinidade é identificada com o machismo, e os comportamentos do homem devem estar numa relação de oposição e distância do jeito de ser das mulheres e homossexuais, que, inclusive, devem ser vistos com certo desprezo. Há sempre uma certa agressividade, o que até se expressa por meio da linguagem chula, que costuma fazer parte dessa *semiosfera*. Ainda nos níveis superiores da ideologia vamos encontrar alguns posicionamentos machistas, mas hoje já é mais comum a menção a um novo tipo de homem, mais sensível, que leva em conta seus sentimentos e emoções, ou seja, seu lado feminino. Para desespero do Gordo e seus leitores, esse novo homem poderá até acabar fazendo terapia ou entrando para algum grupo de apoio, seja para tabagismo, obesidade, alcoolistas, dependentes químicos (eles mesmos ou familiares), sobre violência doméstica ou simplesmente para discutir questões referentes à masculinidade.

A guerra dos sexos: mulheres X homens

Cartilha de Cura

As mulheres e as crianças são as primeiras que desistem de afundar navios.

(Ana Cristina César)

Já as mulheres crescem ouvindo que os homens não prestam, são todos cana-lhas, cachorros, mentirosos, que não se pode confiar num homem, sobretudo, quando o assunto é outra mulher. Após a liberação feminina, muitas se queixam de ter acumulado mais deveres do que direitos e que os homens não as ajudam com o serviço da casa e mal contribuem com o cuidado dos filhos (HANAUER, 2004). Na tensão entre ser comodamente dependente ou ter a liberdade, a mulher começa a deixar definitivamente para trás o sonho de Cinderela (DOWLING, 1987). Assim, nas manifestações discursivas das mulheres é o homem que aparece como pouco inteligente. Também são ridicularizados quanto ao pouco asseio e o descaso para com a ordem do lar. Assim, os homens parecem não crescer, ficando sempre mais imaturos do que as mulheres. As mulheres entrevistadas no documentário *Nem gravata nem honra*, e até alguns homens, afirmaram que no casamento a mulher acaba sendo uma mãe para o marido. Outras queixas comuns são o ciúmes do filhos, e o que as mulheres odeiam: ser comparadas com a sogra.

Por e-mail, o questionário de perguntas e respostas expressa bastante bem o parágrafo acima. Os comentários são da própria mensagem:

Agora é a vez das mulheres!

1. Como se chama um homem inteligente, sensível e bonito?

R.: Boato. (começou auhauhauh)

2. O que deve fazer uma mulher quando seu marido corre em ziguezague pelo jardim?

R.: Continuar a atirar. (rsrsrsrs)

3. Por que os homens não têm período de crise na idade madura?

R.: Porque nunca saem da puberdade. (Absolutamente verdade!!!)

4. Qual é o ponto comum entre os homens que freqüentam bares para solteiros?

R.: Todos eles são casados. (verdade também)

5. Como um homem chama o amor verdadeiro?

R.: Ereção.

6. Qual a semelhança entre o homem e o microondas?

R.: Aquecem em 15 segundos. (Boa...ahuuhauh)

7. Por que não existe um homem inteligente, sensível e bonito ao mesmo tempo?

R.: Porque seria mulher. (hehehe)

8. Quando um homem mostra que tem planos para o futuro?

R.: Quando ele compra 2 caixas de cerveja. (Putz, perfeita!!!)

9. Por que mulheres casadas são mais gordas do que as solteiras?

R.: A solteira chega em casa, vê o que tem na geladeira e vai pra cama, a casada vê o que tem na cama e vai pra geladeira. (Esta é ótima!!!)

10. Como se chama uma mulher que sabe onde seu marido está todas as noites?

R.: Viúva. (Dezzzzzzzzzzzzzzzzzzzz)

11. O que disse Deus depois de criar o homem?

R.: Tenho que ser capaz de fazer coisa melhor. (viu?)

12. O que disse Deus depois de criar a mulher?

R.: A prática traz a perfeição...(aeeeeeeeeee !!!!!!!)

Também há uma versão para o dicionário masculino:

- Estou com fome = Estou com fome.
- Estou com sono = Estou com sono.
- Estou cansado = Estou cansado.
- Quer ir ao cinema? = Gostaria de transar?
- Posso te levar para jantar? = Gostaria de transar?
- Posso te ligar? = Gostaria de transar?
- Concede-me esta dança? = Gostaria de transar?
- Bonito vestido! = Que decote! Gostaria de transar?
- Você parece tensa, deixe-me fazer uma massagem = Gostaria de transar?
- Estou chateado = Quer transar?
- Eu te amo = Quero transar agora.
- Eu também te amo = Agora... Vamos transar?
- Vamos conversar = Estou querendo te mostrar como sou uma pessoa profunda e talvez você queira transar comigo.
- Quer casar comigo? = Não quero que você transe com outros.
- Gostei mais desse = Pegue qualquer vestido e vamos embora pra casa pra transar.

Um outro e-mail ironizava e abria inscrições para o Novo Curso de Formação para Homens do 3º Milênio. O objetivo pedagógico “permite aos homens desenvolver a

parte do corpo da qual ignoram a existência “o cérebro””. Em quatro módulos o curso pretende, entre outros conhecimentos, ensinar:

- Aprender a viver sem a mamãe (2.000 horas)
- Minha mulher não é minha mãe (350 horas)
- Ser pai e não ter ciúmes do filho (50 horas)
- Superar a síndrome do ‘o controle remoto é meu_’ (550 horas)
- Entender que os sapatos não vão sozinhos para o armário (800 h)
- Como sobreviver a um resfriado sem agonizar (450 horas)
- A eletricidade e eu: vantagens econômicas de contar com um técnico competente para fazer reparos;
- Cozinhar e limpar a cozinha não provoca impotência nem homossexualidade (práticas em laboratório);
- Porque não é crime presentear com flores, embora já tenha se casado com ela;
- O rolo de papel higiênico: Ele nasce ao lado do vaso sanitário? (biólogos e físicos falarão sobre o tema da geração espontânea);
- Como baixar a tampa do vaso passo a passo (teleconferência);
- Os homens dirigindo, podem SIM, pedir informação sem se perderem ou correr o risco de parecerem impotentes (testemunhos);
- O detergente: doses, consumo e aplicação. Práticas para evitar acabar com a casa;
- A lavadora de roupas: esse grande mistério!!
- Diferenças fundamentais entre o cesto de roupas sujas e o chão (exercícios com musicoterapia);
- A xícara de café: ela levita, indo da mesa à pia? (exercícios Dirigidos por Mister M);
- Analisar detidamente as causas anatômicas, fisiológicas e/ou psicológicas que não permitem secar o banheiro depois do banho.

Também na visão das mulheres, segundo as manifestações discursivas dos níveis inferiores da ideologia, a masculinidade se confunde com o machismo, mas a diferença está em que, aqui, o machismo é algo a ser criticado e transformado, e não, como vimos com a visão masculina, algo a ser atingido e praticado. De uma forma geral, o que as mulheres imaginam como manifestação da masculinidade tem cada vez mais se distanciado das ações machistas. Insistimos neste ponto, pois, não podemos afirmar que apenas os homens são machistas; o machismo, como traço cultural, é também praticado e avalizado por mulheres.

De qualquer forma, as narrativas em que a mulher esbanja inteligência e esper-teza podem significar compensação, vingança: por que na maioria das piadas o marido morre? Se na vida cotidiana ainda não há equidade, se as relações de poder são díspares, no mundo do humor são as mulheres que estão por cima.

Uma mulher andava na beira de um rio quando viu um sapo preso em uns galhos pedindo socorro. Quando ela chegou perto, ele disse: Me salva que eu realizo 03 desejos, mas tudo que eu der a você, seu marido ganhará 10 vezes mais. Ela pensou um pouco, mas topou!

1º Desejo

Mulher: Quero ser mUUUito, mas mUUUito rica.

Sapo: Ok, mas lembre-se que seu marido será 10 vezes mais rico.

Mulher: Não tem importância, tudo que é meu é dele, e tudo que é dele é meu..... E ela se tornou muito rica.

2º Desejo:

Mulher: Quero ser muUUUUito, mas muuuuito bonita.

Sapo: Ok, mas a mulherada vai cair em cima do seu marido porque ele vai ser 10 vezes mais bonito que você.

Mulher: Não tem problema. E ela se tornou rica e maravilhoososa. Ele também.

Enfim, o 3º desejo:

Mulher: Quero ter um enfartezinho bem pequenininho... só um susto!....

Sapo (mudo)

Moral da história: “Nunca subestime a capacidade administrativa de uma mulher”.

Outro motivo da raiva que as mulheres têm dos homens é pelo controle do dinheiro. Aí, toca-se diretamente na questão do poder.

Mulheres fiéis...!!!

Era uma vez um homem que tinha passado toda a sua vida trabalhando e que poupava todos os centavos que ganhava. Ele era realmente muito mão-de-vaca no que tocava ao seu dinheiro.

Antes de morrer, disse à mulher:

– “Ouve-me bem! Quando eu morrer, quero que pegues todo o meu dinheiro e o coloques no caixão junto comigo. Eu quero levar todo o meu dinheiro para a minha próxima encarnação.”

Dito isto, obrigou a mulher a prometer, que, quando ele morresse, ela colocaria todo o seu dinheiro dentro do caixão junto dele.

Um dia o homem morre.

Foi colocado dentro do caixão, enquanto a mulher se mantinha sentada a seu lado, toda de preto, acompanhada pelos amigos mais chegados.

Quando terminaram a cerimônia, e antes de o padre se preparar para fechar o caixão, a mulher disse:

– “Só um minuto!”

Tinha uma caixa de sapatos com ela.

Aproximou-se e colocou-a dentro do caixão, juntamente com o corpo.

Um amigo disse-lhe:

– “Espero que não tenhas sido doida o suficiente para meteres todo aquele dinheiro dentro do caixão!”

Ela respondeu:

– “Claro que sim.

Eu prometi-lhe que colocaria aquele dinheiro junto dele foi exatamente o que fiz.”

– “Estás me dizendo que puseste todos os centavos que ele tinha dentro do caixão com ele?”

– “Claro que sim!” respondeu a mulher. “Juntei todo o seu dinheiro, depusitei-o na minha conta e passei-lhe um cheque.”

Também é comum que elas se defendam:

Eu estava andando pela rua quando fui abordada por uma mulher sem-teto, muito suja e maltrapilha, que me pediu um pouco de dinheiro para comer. Peguei minha carteira, tirei uma nota de 50 reais e perguntei:

“Se eu lhe der este dinheiro, você vai gastá-lo comprando bebida ao invés de comida?”

“Não, eu parei de beber há muitos anos”, disse-me a mulher.

“Você vai usá-lo para fazer compras ao invés de comprar comida?” perguntei.

“Não, eu não perco tempo com compras” - disse ela - “Eu preciso de todo o meu tempo para me manter viva”.

“Você vai gastá-lo num salão de beleza, ao invés de alimentar-se?” continuei perguntando.

“Você está MALUCA!” - respondeu a mulher - “Eu não tive um corte de cabelos nesses últimos 20 anos!”

“Bem” - eu disse - “Não vou dar-lhe este dinheiro. Em troca, estou convidando-a para sair para jantar comigo e com meu marido esta noite”.

A mulher ficou chocada.

“Seu marido não vai ficar furioso se você fizer isto? Eu estou muito suja e cheirando muito mal”.

Eu respondi:

“Não se preocupe, está tudo bem. É importante que ele veja como fica uma mulher quando não pode mais fazer compras, ter hora marcada com o cabeleireiro e tomar um bom vinho!”

E não podemos nos esquecer que “atrás de um grande homem há sempre uma grande mulher”. Nem só de guerras, brigas e desencontro vivem os gêneros. Há também aquela idéia de que os opostos se atraem e se complementam, ainda que com certa tensão, como veremos mais adiante.

3.2. Os níveis superiores da ideologia do cotidiano

Os livros de auto-ajuda, alguns de psicologia, revistas, suplementos de jornal, costumam trazer, além de normas e prescrições, explicações e depoimentos de indivíduos que teriam passado por alguma situação cuja experiência sirva de modelo, ou parâmetro, para os leitores que compartilham de vivências similares, ou que deverão compartilhar quanto chegarem na idade de. Esses textos os ajudam a elaborar suas experiências (passadas, presentes e futuras), a qualificá-las, interpretá-las, julgá-las. Superar problemas, medos, traumas; aprender a tomar decisões; atingir objetivos diversos, ter sucesso, felicidade, dinheiro, amor, sexo, etc., são as promessas aos seus consumidores. No mínimo, eles vão encontrar um espelho que os ajudem a ver e projetar a si mesmos e suas experiências.

Essa busca incessante, segundo Giddens (2002), faz parte da modernidade tardia: “O que fazer? Como agir? Quem ser? São perguntas centrais para quem vive nas circunstâncias da modernidade tardia – e perguntas que, num ou noutro nível, todos respondemos, seja discursivamente, seja no comportamento do dia-a-dia”. (GIDDENS, 2002: 70).

Nesse contexto entram a terapia e a autoterapia, e ambas estão fundadas na auto-observação contínua. Segundo o manual de auto-ajuda que ele analisa – *Autoterapia: um guia para tornar-se seu próprio terapeuta*, de Janette Rainwater (GIDDENS, 2002: 70) –, ocorre um processo de crescimento em que a construção de uma autobiografia leva a uma trajetória de vida compatível aos desejos do indivíduo, já que o ajuda a pensar e planejar para a frente. E isso só pode acontecer se a pessoa estiver “bem resolvida” com suas experiências passadas.

A técnica aconselhada pelo manual é descrita por Giddens: a manutenção de um diário no qual o registro autobiográfico age como um conciliador do passado.

A autobiografia é uma intervenção corretiva no passado, e não uma mera crônica de eventos passados. Um de seus aspectos, por exemplo, é “acalantar a criança que fomos”. Pensando para trás sobre uma fase difícil ou traumática da infância, o indivíduo fala com a criança que foi, confortando-a, e apoiando-a e aconselhando-a. Dessa maneira, diz Rainwater, (...) “o propósito básico de escrever material autobiográfico é ajudar a ajustar as contas com o passado”. (Idem:ibid).

Nesse processo, o indivíduo deve tentar anotar tudo com o máximo de proximidade de seus sentimentos naquele momento e, depois, reescrever tudo como ele gostaria

que tivesse ocorrido. A técnica de se expressar através da escrita parece ser bastante comum entre esse tipo de literatura, e bastante típica da pós-modernidade que leva o sujeito a buscar a elaborar uma *narrativa do eu*.

Um dos livros mais conhecidos, e mais vendidos, sobre as relações homem-mulher é *Homens são de Marte, mulheres são de Vênus: um guia prático para você melhorar a comunicação e conseguir o que você quer nos seus relacionamentos*, de John Gray (1995). Nele, o psicólogo Ph.d. também recomenda a chamada “técnica da carta de amor”, mas que, na verdade, não restringe o destinatário, quer dizer, ela pode ser escrita para qualquer pessoa e não apenas para o par amoroso; inclusive pode ser endereçada a si mesmo. Seu conteúdo consiste em expressar os 5 seguintes sentimentos, necessariamente nessa ordem: raiva, tristeza, medo, arrependimento e amor. Primeiro o desabafo, depois a compreensão e o amor, que devem ser os últimos para prevalecerem sobre os outros. O autor fornece diversos exemplos de cartas escritas – inclusive exemplos baseados em histórias de pacientes seus - e de como responder a essas cartas. Para ele, é uma forma eficaz de curar sentimentos negativos. Quando não é possível conversar, a carta seria a melhor opção para reconciliações já que, enfim, a comunicação seria efetivada com eficácia.

Outro recurso bastante recomendado é a participação em grupos de apoio. No livro *Por que os homens são assim?*, de Steve Biddulph (2003), o autor defende a idéia de que os homens devam passar por uma transformação intensa – falaremos disso mais adiante, quando o assunto for o “novo homem”. O processo que teve início com a revolução sexual e o feminismo deve ser levado adiante pelos próprios homens porque

Homem saudável é raridade. Algo grandioso como o movimento feminino ou a mobilização pelos direitos civis tem de acontecer para ajudar os homens a mudarem, a serem mais livres, mais abertos, mais conectados, mais inteiros. A questão é: como redimir os homens, recuperar-lhes a saúde e a felicidade? Como transformar garotinhos em adultos seguros, equilibrados, plenos de amor e auto-estima? (BILDDULPH, 2003:09).

Para atingir a mudança, pertencer a uma rede de pessoas, a uma comunidade masculina unida pelos mesmos objetivos é fundamental. O autor aconselha aos homens a formarem grupos de amigos para conversar sobre suas vidas, seus sentimentos, suas dificuldades, e, assim, poder melhorar como pais, filhos, maridos, profissionais, como pessoas. É interessante observar que é recorrente a informação de que é da cultura das

mulheres o hábito da conversa (GRAY, 1995) alguns até tentam embasar seus argumentos com provas científicas para defender que as mulheres têm centros cerebrais de linguagem mais desenvolvidos que o dos homens, mencionando pesquisas que medem/estimam a quantidade de palavras proferidas diariamente por ambos os sexos¹⁴ (PEASE & PEASE, 2000; RIBEIRO, 2005). De acordo com Gray, “A maioria das mulheres (...) sabe instintivamente o quanto ouvir é importante. Esperar que um homem saiba disso sem algum treinamento é esperar que ele seja como uma mulher” (GRAY, 1995: 115). O livro de Biddulph, portanto, está propondo que os homens sigam o exemplo das mulheres, que ele sejam mais “femininos”; que eles sejam “treinados” para a comunicação.

É interessante observar que, como afirma Bakhtin, “não é a atividade mental que organiza a expressão, mas, ao contrário, é a expressão que organiza a atividade mental, que a modela e determina sua orientação” (BAKHTIN, 1992: 112). O discurso alheio, e depois o próprio, seguindo-se determinada fórmula de composição, contribui para ampliar o grau de clareza da consciência, ou, como poderíamos descrever nos termos de Giddens, edifica o processo reflexivo do sujeito. E se a consciência é intersubjetiva e está ancorada na linguagem, então, podemos considerar que a partir de depoimentos de individualidades encontram-se também os processos coletivos, vividos por um grande número de pessoas, às vezes por mais de três gerações. São os quadros de memória coletiva a que se refere Halbwachs (1990), em que cada geração carrega pontos de referência comuns, práticas e experiências também comuns.

Assim, acreditamos que seja importante considerar os depoimentos, ou testemunhos, individuais, já que suas experiências mostram os dilemas e as inquietações vividas pelos homens da atualidade. Mostram quais práticas estão em uso/ desuso/ transformação, e as soluções propostas para os problemas apresentados. Também podemos captar interesses/ valores que agem por trás, ou subjacentes, ao discurso proferido.

¹⁴ Em Pease, a mulher usa por dia cerca de 6000 a 8000 palavras, mais de 2 a 3 mil sons vocais, de 8 a 10 mil gestos e sinais da linguagem corporal e não-verbal; enquanto os homens gastam de 4 a 6 mil palavras por dia, mil a 2 mil sons vocais e 2 a 3 mil para não-verbais. Em termos totais: 20 mil para as mulheres contra 7 mil para homens.

Nem gravata nem honra

18.40 a 19.48

Homem no bar/venda: “não tem diferença, é tudo igual hoje. Tá com 21, não é? Homem virou mulher e mulher virou homem (risos...). E a mulher hoje ela manda e desmanda, não é? Nem todos os homens aceitam o machismo da mulher. O certo da mulher é ser feminino, mas tá misturado, tá tudo errado. Mulher é macho também, e o homem virou mulher...”

Outro homem falando (José Augusto, gerente do banco – Bco. Brasil):
 “Eu fui criado num regime paternalista puro, minha infância, juventude, adolescência, eu participei da revolução dos sexos (?) aquela revolução cultural e de comportamento, da década de 1960, então... e depois tive que abrir mão de uma série de vantagens e de privilégios de uma educação paternalista e de passar a dividir...”

20.24 a 21.18

Wagner, publicitário: “eu acho, que nesses últimos 10 anos, é que realmente a mulher tomou consciência do seu poder e vai complicar (ininteligível: a vida da gente?), porque a diferença é muito grande... a mulher é muito mais sensível a tudo... vamos dizer assim, a parte operacional da coisa... quanto a emocional, não é? O homem é muita emoção, é muita pele, não é?, então às vezes ele não raciocina muito, ele tem de chegar primeiro, ele tem de fazer as coisas antes, ele tem de ser o melhor...”

Essas individualidades que expõem suas experiências acabam funcionando como modelos. E, do mesmo modo como “funcionam” esses modelos, acreditamos, “funcionam” algumas personagens das telenovelas. As suas histórias *modelizam* experiências de masculinidade. Para não ficarmos com uma impressão de que essas narrativas de livros e revistas tornam o trabalho “muito abstrato” – ou muito apegado à opinião publicada –, é que recorreremos à utilização dos depoimentos e à entrevista com um informante, para poder trazer um termo de comparação.

Com o que colocamos acima, e anteriormente na introdução, acreditamos ter justificado a pertinência da participação dos livros chamados de auto-ajuda nesta tese. E não nos “admira que os ‘relacionamentos’ estejam entre os principais motores do atual “boom do aconselhamento” (BAUMAN, 2004: 09). Consultamos, portanto, livros sobre relacionamentos, sobre homens, sobre diferenças entre homens e mulheres. Vamos perceber que vão reaparecer, agora, algumas informações encontradas para os níveis inferiores do cotidiano, mas de forma uma pouco mais elaborada. E isso faz sentido,

de vez que este nível discursivo já é um pouco mais enformado que o anterior. Vão aparecer também novas informações e relações de sentido.

De início é interessante notar que há sempre um foco, uma ênfase, nas diferenças entre os gêneros. O livro *Homens são de Marte, mulheres são de Vênus* (GRAY, 1995), que se assume como um “manual para relacionamentos amorosos nos anos 90”, por exemplo, tem como objetivo revelar estratégias e dar dicas de comunicação que ajudem a reduzir os conflitos nas relações amorosas. São técnicas práticas, basicamente de linguagem/ diálogo e pequenas ações, que os leitores podem aplicar em seu cotidiano. Como consequência, o resultado esperado deve ser a diminuição da frustração, do desapontamento e a geração de compreensão e satisfação com o sexo oposto, a felicidade, portanto. Para chegar nisso, é preciso conhecer os anseios, as expectativas, e a maneira de se comunicar do outro, então o autor imagina que as mulheres são de Vênus e os homens de Marte:

(...) homens e mulheres diferem em todas as áreas de suas vidas. Não somente (...) se comunicam diferentemente, mas pensam, sentem, percebem, reagem, respondem, amam, precisam, e aprendem diferentemente. Eles quase parecem ser de planetas diferentes, falando línguas diferentes e necessitando de diferentes nutrientes. (GRAY, 1995: 15).

O autor se exime do debate natureza X cultura e afirma que não quer saber ou discutir as origens e os porquês das diferenças, que apenas quer partir do dado de que elas existem para que se possam desfazer desentendimentos. Com isso deve-se esperar “que a frequência de divórcios diminua e o número de casamentos felizes aumente. Nossas crianças merecem um mundo melhor”. (GRAY, 1995: 18).¹⁵

Segundo a sua experiência profissional, a queixa mais recorrente entre as mulheres é a de que os homens não sabem ouvir, enquanto a dos homens é a de que as mulheres estão sempre tentando mudá-los. Explica que a comunicação marciana tem o vício de oferecer soluções prontas às mulheres quando elas querem apenas desabafar e receber atenção, enquanto a mulher pensa estar gerando conforto para o homem que se sente controlado com o excesso de zelo. Dar ajuda, sem ser solicitada, para o marciano, é um atestado de fraqueza que a mulher passa para o companheiro. Já podemos ver nesse pedaço, algumas manifestações dos níveis inferiores como: mulher fala demais,

¹⁵ Será a contramão das novelas? Um estudo do BID (Banco Interamericano de desenvolvimento) afirma que as novelas da globo podem ter influência no aumento de divórcios no Brasil, ver: http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2009/01/090130_noveladivorciobrasil_np_tc2.shtml (Capturado em 15.03.09).

o homem não sabe se comunicar, entre outras. Um pouco mais bem elaborado, também surge um “dicionário fraseológico marciano / venusiano” nos níveis superiores.

Basicamente, a descrição de ambos é a seguinte: os homens valorizam poder, competência, eficiência, autonomia e realização¹⁶. Fazem muitas coisas para provar (a si mesmo e aos outros), e desenvolver, suas habilidades – isso aumenta seu poder. O senso de si mesmo dele depende da sua habilidade em alcançar resultados. As mulheres, por sua vez, valorizam: amor, comunicação, beleza, relacionamentos. Elas dedicam muito tempo em ajudar e acalantar as amigas. Experimentam satisfação ao se relacionar e compartilhar de tudo. Seu senso de si mesma depende dos seus sentimentos e da qualidade de suas relações.

Para simplificar a descrição, reuni numa tabela as características e queixas de ambos os sexos encontradas em Gray (1995), juntamente com os seus conselhos:

Como são os homens	Como são as mulheres	Gênios em conflito	O que fazer
Orgulham-se de fazer as coisas por si sós. Pedir ajuda quando ele pode fazer sozinho é um sinal de fraqueza. Receber um conselho não solicitado é o mesmo que receber uma crítica, uma ofensa, um atestado de falta de confiança, como se ele não tivesse habilidade suficiente.	Já as venusianas sempre oferecem ajuda umas as outras, e acham natural ajudar os homens sem que eles peçam. Elas interpretam como sinal de grande amor quando uma ajuda não requisitada é oferecida a ela. Como comprovar competência não tem a menor importância para as mulheres, oferecer ajuda não é ofensivo.	Como eles odeiam que as mulheres lhes digam o que fazer, dar um conselho não solicitado é dizer a ele que ele não é competente. Eles acham que ela está tentando mudá-lo. “Quando uma mulher tenta melhorar um homem, ele sente como se ela tivesse tentando consertá-lo. Ele recebe a mensagem de que está ‘enguiçado’. Ela não se dá conta que de que suas tentativas atenciosas de ajudá-lo podem humilhá-lo. Ela pensa, erroneamente, que só o está ajudando a crescer.” (Gray, 1995: 30)	A situação que ilustra o conflito foi vivida por Tom e Mary. No caminho para um festa, Tom dirigia, e estava claro que estavam perdidos. A sugestão que Mary deu de pararem e telefonarem aborreceu Tom. Mas ele não deixou isso claro. Ela não entendeu que deveria ter deixado que ele resolvesse sozinho. Dar o conselho foi dizer que não confiava na capacidade dele resolver o problema. Melhor desistir de dar conselhos. ⁱ

¹⁶ “Tudo em Marte é um reflexo desses valores. Até suas roupas são desenhadas para refletir sua habilidade e competência. Policiais, soldados, homens de negócios, cientistas, técnicos e chefes, todos usam uniformes ou pelo menos chapéus para refletir sua competência e poder.” (GRAY, 1995: 26).

Como são os homens	Como são as mulheres	Gênios em conflito	O que fazer
<p>Não se sente confortável em conversar, expor sentimentos. Quando preocupados, ao invés de se expressarem, os homens se distanciam. E quando eles vão para suas cavernas as mulheres acham que há algo muito errado. Mas é a maneira como eles lidam com o estresse ou pensam em soluções. Também quando numa relação eles precisam regular o quanto se aproximam.</p>	<p>Conversar e relacionar-se é fonte de imensa satisfação. Dividir sentimentos é mais importante que atingir metas. Conversar sobre os problemas serve para aproximação, intimidade, e não necessariamente para obter soluções. As mulheres falam mesmo, é da sua “natureza”ⁱⁱ. A mulher fica insegura com o silêncio do homem.</p>	<p>Quando a mulher se abre e desabafa, ele entende que ela está pedindo um conselho, uma solução, e a oferece. Ele quer ser útil, mas ela se aborrece porque ao invés de ouvi-la ele está acabando logo com o assunto, aí ele acha que ela está rejeitando sua solução e se sente inútil, fracassado. Os dois ficam desapontados. Quando a mulher força a entrada na caverna ela se machuca. Quando ele não sabe ouvir, acaba se sentindo culpado pelo aborrecimento dela.</p>	<p>Às vezes a mulher quer apenas desabafar, se o homem lhe entrega soluções, agora é ele quem está tentando mudar os sentimentos dela. Coisas que eles dizem como “você não deveria se preocupar tanto” ou “não é nada tão importante assim”ⁱⁱⁱ invalidam o que ela está dizendo. Validar o que ela diz é muito importante. E ela deve deixá-lo sair sozinho da caverna. Tentar ajudá-lo é pior, com certeza.</p>
<p>Os homens são como elásticos. “Quando um homem ama uma mulher, periodicamente ele precisa se afastar antes de poder se aproximar” (idem: 105). O afastamento serve para que ele satisfaça sua necessidade de independência e autonomia. Daí ele sentirá novamente a necessidade de amor e intimidade. Se ele não tiver o afastamento “se perde de si mesmo” (idem: 110).</p>	<p>As mulheres são como ondas. Sua auto-estima sobe e desce conforme o quanto ela se sente amada. Na subida, tem muito amor para dar; na descida precisa receber muito amor. Na baixa ela precisa falar bastante, ser ouvida e entendida. Se ela se sentir amada começa a se sentir melhor e inicia a subida novamente. Se ela resiste é porque precisa ir mais fundo, então precisará ser ouvida com carinho e empatia.</p>	<p>Se ele está em movimento de afastamento e ela força a conversa, ele se afastará ainda mais. Daí ela ficará mais insegura e mais frustrada. Conclui que ele não quer conversar, que ele não se importa com ela. Se ela está na descida da onda e ele se afasta, ela interpreta como falta de apoio e se sente pior e ressentida com o companheiro. Quando ela está no poço e ele na caverna é conflito na certa.</p>	<p>A mulher precisa compreender o ciclo masculino para evitar problemas desnecessários. É um: “impulso instintivo” (idem: 110). Ela tem de dar espaço para seus afastamentos. O homem precisa entender o ciclo feminino e dar apoio a ela quando perceber sua descida na onda. Ele tem que entender que quando a onda dela estourar a culpa não é dele: explicar para ela que ela não devia estar magoada só piora as coisas.</p>

ⁱ Há muitas intervenções femininas que os homens sentem como tentativa de controle: “Há uma vaga ali, vire o carro; Você deveria ligar para o encanador, ele saberá o que fazer; Você deveria passar mais tempo com as crianças, elas sentem falta de você; Seu escritório está uma bagunça, como você consegue pensar aqui? Vai arrumá-lo quando?; Essas batatas fritas estão muito gordurosas, não vão fazer bem para o seu coração”, entre outras.

ⁱⁱ O autor se exime da discussão sobre causas, mas utiliza muito as expressões: da natureza, natural, impulso instintivo, instintivamente, etc.

ⁱⁱⁱ Outras, de 23: “Por que você simplesmente não faz isto; Mas nós conversamos sim; Então o que você está querendo dizer? Se você não está feliz nós simplesmente devemos nos divorciar; Dá pra ir direto ao assunto”, entre outras.

Ele precisa de:	Ela precisa de:	Ela arruma confusão	Ele arruma confusão
Confiança	Carinho	quando: tenta mudá-	quando: não ouve a
Aceitação	Compreensão	lo; controlá-lo; não	companheira; inter-
Apreço	Respeitosamente	reconhece o que ele	preta literalmente o
Admiração	Devoção	faz por ela; expressa	que ela diz; ouve, mas
Aprovação	Validação	desaprovação; crítica;	fica aborrecido ou
Encorajamento	Reafirmação	lhe corrige o	com raiva por ter que
		comportamento.	ouvi-la; não valida
			seus sentimentos.

O autor descreve o comportamento de ambos, explica e justifica o modo de ser de cada um, mostra onde as diferenças entram em conflito e desfila uma série de conselhos, dicas e técnicas para harmonizar a vida do casal. Quando mostra como evitar discussões, afirma que os casais discutem basicamente sobre dinheiro, sexo, decisões, horários, valores, educação dos filhos e responsabilidades domésticas. Em “anatomia de uma discussão” ele elenca as “falas” que entre ambos se iniciam as discussões e ensina como expressar as diferenças sem discutir.

Os temas abordados são: quando ele chega tarde em casa, quando ele esquece alguma solicitação da mulher, quando ele retorna da caverna, quando ele a desaponta, quando ele não respeita os sentimentos dela e a machuca, quando ele está com pressa e ela não gosta; quando ele se sente invalidado numa conversa. São aquelas situações cotidianas que todos conhecemos, por filmes, novelas ou experiência própria. São as perguntas retóricas das mulheres “por que você não ligou?”, “o que você quer que eu pense?”, “Como é que eu vou saber o que está acontecendo dentro de você?”, “Quando é que você vai aprender?”, “Como você pode me tratar assim?”.

As respostas masculinas são: “você está ficando louca”, “Não foi isso que eu disse”, “sempre foi desse jeito”, “mas eu não sabia o que você quis dizer”.

Depois, Gray ensina as pequenas coisas que fazem diferença e o resultado é marcar pontos positivos com o sexo oposto, e cada um faz a contagem de modo diferente. São 101 maneiras de marcar pontos com uma mulher para 26 tópicos de como as mulheres podem marcar muitos pontos. Em poucos momentos o autor menciona a cultura: “Os homens realmente não sabem como reagir aos sentimentos de uma mulher. Na maioria dos casos nossa cultura não ensina aos homens o que uma mulher precisa.” (GRAY, 1995: 236).

Segundo ele, são as “cartas-respostas” (carta de amor) o melhor modo de ensinar um homem a entender os sentimentos e as necessidades de uma mulher.

Se um homem viu e escutou seu pai responder com palavras amáveis aos sentimentos negativos de sua mãe, então ele terá uma idéia melhor do que fazer. Nestas circunstâncias ele não sabe porque não foi ensinado. Cartas-respostas são a melhor maneira de ensinar um homem sobre as necessidades de uma mulher. Vagarosamente, mas com certeza, ele vai aprender.

Neste ponto é interessante comentar que a quase totalidade das manifestações discursivas da ideologia do cotidiano prefere escapar da discussão do “cultural” – o que implicaria um compromisso de mudança – e repousar nas explicações biologistas, no pseudodiscurso científico que acaba legitimando as diferenças de modo a torná-las imutáveis porque provenientes da “natureza”. Se a determinação genética funciona para algumas características, certamente ela não será válida para todas as ações machistas. São livros, reportagens da imprensa escrita e eletrônica, testes para descobrir a predominância do feminino ou do masculino no funcionamento cerebral de uma pessoa. O interessante é que ao topar com um desses testes depois de ter lido exaustivamente sobre a questão de gênero é possível perceber qual alternativa corresponde ao que se entende por masculino e por feminino. Não há argumento plausível que consiga embasar as definições de cada um dos exemplos como resultantes de características naturais e não culturais. Perguntas como se a pessoa consegue cantar sem acompanhamento e sem perder afinação; ou se quando criança era importante vencer ou subir no mais alto das árvores. Para não tornar o texto cansativo colocamos um link do teste publicado pela revista *Época* em nota de rodapé¹⁷ e prosseguimos com as leituras.

Em *Por que os homens fazem sexo e as mulheres fazem amor: uma visão científica (e bem-humorada) de nossas diferenças* também há um “teste da estrutura do cérebro” (PEASE & PEASE, 2000: 49-59) que vai desde o “cérebro supermasculino”, de 0 a 140 pontos, passando pela “interseção”, que fica entre os 140 e 180 pontos, chegando ao “cérebro superfeminino” que se localiza entre 180 a 330 pontos. Este teste é um pouco mais bem formulado que o anterior¹⁸, mas nem por isso fica livre de estereótipos e preconceitos: se um homem obtiver pontuação acima de 180 (o limite da interseção) “tem maiores chances de ser gay” (PEASE & PEASE, 2000: 58). Quer

¹⁷ Qual o sexo do seu cérebro? Cf.: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI65446-15224,00-QUAL+E+O+SEXO+DO+SEU+CEREBRO.html> (Capturado em: 24.04.09).

¹⁸ Esta é uma das poucas vezes que os autores fornecem o nome do pesquisador, embora não indiquem a referência da pesquisa. A avaliação teria sido proposta pela geneticista Anne Moir.

dizer: se a pontuação de um homem ultrapassar a marca dos 180 e invadir o campo do cérebro feminino sua masculinidade será colocada em questão. Bom, não se pode assegurar a eficácia do teste, mas se algum homem tiver qualquer dúvida quanto à sua masculinidade pode fazer o teste e descobrir: será esta a utilidade desde teste?¹⁹ Mais adiante afirmam: “infelizmente, corpo masculino e valores femininos só costumam ser encontrados juntos em gays”. Quer dizer: infelizmente, os homens estão proibidos pela cultura de pensar (e agir) um pouco mais parecido com as mulheres.

Nem gravata nem honra

(1:00'00")

Dino (Homossexual assumido de Cunha): “É um todo homossexual mesmo, não tem como vc definir, uma parte que é masculino, uma parte que é feminino... (Mãe diz: mas isso precisa cortá...)”

Letreiro “Homens ação, mulheres romance”, e vão aparecendo letreiros superpostos, Drama épico: drama, épico, aventura, comédia, música, terror, policial, pornô, ficção, infantil, guerra...

Dino: Eu sempre pratiquei muito esporte, eu gosto de jogar voleibol, handball, basquetebol, de contato físico, sabe?, ...de brigar, lutar, disputar a bola, que é do lado bem de nós (??), que as mulheres também fazem, claro, mas que é uma coisa mais latente do homem. E feminino? Deixa eu ver (pensa, pausa) dançar, uai...

Mãe do Dino, “Dançar!, é... Aliás, dança muito bem, é professor de dança de salão... então, tem que dançar, né?, mostrar o que sabe.

Dino: “Ah, não sei, acho que não tenho muita coisa do feminino, não, é muita neurose...”

Letreiro: “Neurose (De neuro + ose)

1 Perturbação mental que não compromete as funções essenciais da personalidade...”

E quais são, para o teste, as aptidões e características dos homens, claro, em contraste com as mulheres?

O teste avalia competências como: habilidade espacial, cálculo, raciocínio e racionalidade, entre outras:

1. Habilidade de orientação espacial x falta habilidade or. espacial.
2. Cérebro especializado x multitarefa
3. Generalista x atenção aos detalhes
4. destreza e segurança na direção

¹⁹ Segundo Gikovate (1989: 110) todo homem, em algum momento de sua vida, se pergunta se é *gay*.

5. Afinação (escutar), memória do som (no homem menor)
6. Capacidade de pensar em soluções
7. Recorrer à argumentação racional – e não ao sentimento
8. Pouca habilidade com a leitura do não-verbal
9. Maior racionalidade em compras
10. Menos prazer em interações interpessoais e conversas do que atividades solitárias.

Um homem tem que saber olhar um mapa, ou uma planta, e enxergar em três dimensões sem ter que virá-lo para ficar de frente para a direção a ser tomada. Um homem não pode ser multitarefa, tem de falar *objetiva e claramente* de forma *direta e simples* com seu interlocutor. Tem de saber para onde fica o Norte. Dirigir, no mínimo, bem. As alternativas “C” descrevem como é (deve ser?) um homem. “Analisa fatos, dados e estatísticas”; quando num shopping verifica as etiquetas e compara os preços; ia mal nos testes de ortografia e provas de redação na escola; não gosta de dançar (“em festas ou aulas de dança (...) tem dificuldade em seguir o ritmo”; tem que ser “muito bom”, ou pelo menos razoável, em imitar e reconhecer “vozes de animais”; ao fim de um longo dia costuma preferir “ler ou assistir à televisão, em silêncio”; entre outras. O resultado das respostas em maioria ou totalidade C gera o cérebro supermasculino, então ele tem direito a responder a algumas alternativas “B”, mas a poucas “A”, que serão cada uma multiplicada por 15 (nas próprias mulheres esse número é multiplicado por 10). Nelas estão as coisas que um homem não deve fazer como “comprar por impulso, principalmente as ofertas”, usar a intuição, etc., sempre o oposto do colocado acima como comportamento esperado. O leitor imagina um homem que “tem dificuldade e pede ajuda com freqüência (...) quando consulta um mapa ou planta da cidade” ?

Achamos alguns pressupostos que nos falam também sobre o que fazem os homens. Vejamos o que diz a contra-capá do livro (PEASE, 2000) que promete: “você vai saber, entre outras coisas: (...)”. Na coluna ao lado colocamos o que está pressuposto na enunciação:

Por que [<i>sic.</i>] as mulheres se deses- peram com o silêncio dos homens	Os homens costumam ficar em silêncio em horas-chave, ficam sem reação
Por que os homens não devem men- tir para as mulheres	Os homens costumam mentir para as mulheres
Por que as mulheres são mais fiéis do que os homens	Os homens costumam ser infiéis
Por que, quando estressados, os homens se calam e as mulheres falam tanto	De novo: os homens costumam se calar. As mulheres falam muito

E o leitor (ou melhor, a leitora) vai saber entre outras coisas porque as coisas são assim, para que as coisas possam continuar sendo assim. Será que as leitoras notam a tentativa constante de subestimar a mulher? Isso acontece quando se mencionam as supostas limitações cérebro feminino enquanto que as supostas limitações masculinas os livram de sobrecargas (não “podem” ser multitarefa, por exemplo) – como as “qualidades” do cérebro feminino as permitem acumular tarefas. E é exatamente disso que as mulheres mais reclamam dos homens: eles ficam em silêncio; eles chegam em casa depois do trabalho, vão para a frente da televisão e não querem saber de ajudar no que é preciso, ou sequer conversar. Mas, então, o que se pode fazer? Os adeptos do biologismo dos Peases parecem acreditar que nada se pode fazer quanto a isto, o melhor é aceitar que isso seja uma limitação do cérebro masculino.

Os Peases também afirmam que homens e mulheres falam línguas diferentes. As mulheres são emocionais e os homens literais. Eles também dão dicas de comunicação. Ensinam, por exemplo como não discutir no carro quando o homem está dirigindo, se perde e não quer parar para pedir informação e sua mulher não se conforma²⁰. Mulheres buscam relacionamento e cooperação; homens status e poder. Quando fala sobre uma pesquisa que buscava perceber valores de gênero, afirma que a “estrutura do cérebro ditou as preferências” (PEASE, 2000: 93).

²⁰ Essa situação também foi citada por Gray e mencionada nesta tese. Eles explicam que para o homem dirigir é exercitar/ provar sua habilidade enquanto que para a mulher é ir de um ponto A a um ponto B, elas não têm necessidade de provar sua competência/ habilidade. E essa situação de conflito, na verdade, é uma das mais citadas e representadas, não apenas em livros e conversas cotidianas, mas estão também em comerciais, filmes, novelas, seriados, etc.

As diferenças separam quando a mulher, por demonstrar insatisfação ou infelicidade, faz com que o homem se sinta culpado. Se ele declarar “ela nunca está satisfeita” é porque está se sentindo culpado e acabará procurando por outra. Também afirma que os homens “escondem as emoções” e bancam o durão:

(...) o homem é por natureza desconfiado, competitivo, fechado, defensivo, um solitário que esconde as emoções para manter o controle. Demonstrar emoção é perder o controle”. O condicionamento social reforça esse comportamento quando ensina “seja homem”, “faz cara de mau” e “homem não chora” (idem: 97).

As mulheres são como radar: percebem mais que os homens como os outros se sentem, se estão aborrecidos ou magoados, sem que se diga nada. Isso acontece porque as mulheres têm habilidades sensoriais mais aguçadas. Para que o homem perceba que algo vai mal é preciso um ataque de lágrimas ou acessos de fúria. A explicação tem respaldo da evolução: “para garantir a sobrevivência da família, as guardiãs da cria precisavam estar alertas para pequenas mudanças no comportamento de sua prole que poderiam indicar dor, fome, doença agressividade ou tristeza” (Idem: 20). Como os homens nunca estavam por perto, pois precisavam caçar não aprenderam a interpretar os sinais não-verbais e desenvolveram menos que elas as variadas formas de comunicação interpessoal. Por isso a mulher tem o “sexto-sentido”, ou “lê nas entrelinhas”. Já o homem é um “insensível”. O homem é agressivo e trabalha duro. Reafirma que a habilidade espacial, dada pela testosterona “é um dos mais fortes atributos masculinos.” (idem: 112). Mulheres têm uma visão periférica, ou seja, seu campo visual é mais amplo, enquanto os homens têm uma visão do “tipo túnel”, de um campo visual mais estreito e longo. Interessante o que isso justificaria para o autor. Primeiro, que esta característica, somada a capacidade de orientação espacial masculina, faz com que seja melhor, numa viagem longa, “a mulher dirigir durante o dia e o homem durante a noite” (Idem: 20). Além disso, justifica porque os homens são muitas vezes acusados de “devorar com os olhos” o sexo oposto:

O campo visual mais amplo é a causa de a mulher raramente ser surpreendida observando um homem. Ao contrário, é difícil encontrar um homem que nunca tenha sido acusado de “devorar com os olhos” o sexo oposto. Pesquisas na área sexual realizadas em vários países concluem que as mulheres observam os corpos masculinos tanto quanto os homens observam os delas – talvez até mais. No entanto, com sua visão periférica superior, raramente são flagradas.

A mulher também escutaria melhor porque seria programada para ouvir choro de nenê no meio da noite enquanto o pai pode não perceber e continuar dormindo. Se bem que sons agudos, porque sons associados a movimento – seja lá o que isso quer dizer – eles ouvem melhor. Isso porque é ele quem defendia a prole de um possível ataque. Ela tem maior sensibilidade ao toque, presta maior atenção aos detalhes, e testes comprovam que elas são “três por cento mais inteligentes do que os homens” (idem: 40). As mulheres são multitarefa e os homens só conseguem fazer “uma coisa de cada vez”. Isso porque o cérebro feminino faz muitas conexões neurais entre hemisférios do que os homens, que apresenta um cérebro configurado para uma atividade específica. Numa pesquisa citada confirmou-se que no ato da fala a mulher usa os dois hemisférios do cérebro, enquanto o homem usa apenas o esquerdo.

O casal Allan e Barbara Pease constrói diversos argumentos para provar a origem biológica hereditária das nossas diferenças. Eles partem do princípio de que “homens e mulheres evoluíram de modos diferentes porque tinha de ser assim” (PEASE & PEASE, 2000: 12), são “aptidões naturais dos cérebros” (idem: 63):

Os homens caçavam, as mulheres ficavam com o grupo. Os homens protegiam, as mulheres cuidavam. Como resultado, seus corpos e cérebros tomaram rumos diversos no processo de evolução e se transformaram para se adaptarem melhor às suas funções específicas. Os homens se tornaram mais altos e mais fortes que a maioria das mulheres, e seus cérebros se desenvolveram para cumprir as tarefas que lhes cabiam. As mulheres ficavam satisfeitas de ver seus homens saírem para trabalhar enquanto elas mantinham o fogo aceso na caverna. (...) Assim, por milhares de anos, as estruturas dos cérebros de homens e mulheres foram se formando de maneiras diferentes. (PEASE & PEASE, 2000: 12).

A visão bem-humorada, na verdade, é uma imprecisão e um descuido com a linguagem que jamais veríamos num trabalho científico. Abundam expressões vagas como “as pesquisas comprovam”²¹; “os números mostram”; “os cientistas afirmam”; e por mais que o processo evolutivo tenha sido diferente e os corpos e cérebros também diferentes, as inferências que se seguem não correspondem, e a idéia de que “os circuitos cerebrais e os hormônios determinam nosso comportamento e modo de pensar” (PEASE & PEASE, 2000: 13), sem nunca relativizar ou incluir a idéia de cultura torna suas ex-

²¹ O livro não traz bibliografia, nem oferece fonte de pesquisa: “quando afirmamos que as estruturas físicas e mentais de homens e mulheres são diferentes, estamos nos baseando em pesquisas de renomados paleontólogos, etnólogos, psicólogos, biólogos e neurocientistas” (PEASE, 2000: 14), mas não fornece os nomes ou bibliografia.

plicações de uma forma tão determinista como nenhuma ciência mais na atualidade ousa proclamar. O modo como o autor se refere a “pesquisas em vários países” como se “vários países” pudesse cobrir as diferenças culturais.

Para dar a credibilidade científica, recorrem freqüentemente ao processo evolutivo da espécie para explicar as características – a até conflitos - atuais. E a grande parte das vezes as afirmações não são cabíveis. Por exemplo:

Depois de comer os homens se sentavam em volta do fogo, contavam histórias, faziam brincadeiras e riam. Era uma versão pré-histórica da contínua troca de canais com o controle remoto ou da total concentração na leitura do jornal. Estavam exaustos depois de tanto esforço e precisavam se recuperar para caçar novamente no dia seguinte. As mulheres continuariam a cuidar das crianças e garantir o descanso e a alimentação dos homens. Cada um apreciava o que o outro fazia – eles não eram considerados preguiçosos e nem elas se sentiam como criadas oprimidas. (PEASE & PEASE, 2000: 13).

Eu não diria bem-humorado, mas diria muito engraçado: “Cada um apreciava o que o outro fazia – eles não eram considerados preguiçosos e nem elas se sentiam como criadas oprimidas”. Como os cientistas descobriram isso eu não sei, mesmo assim o texto está repleto de suposições desse tipo como se fossem descobertas científicas. E não somente com relação ao passado:

O olho é uma extensão do cérebro situada ao lado de fora do crânio. A retina e a parte de trás do globo ocular contém cerca de 130 milhões de células em forma de bastão, chamadas “fotoreceptoras”, para processar o branco e o preto, enquanto outros sete milhões de células em forma de cone processam as cores. O cromossomo X é o responsável por essas células. Como possui dois cromossomos X, a mulher tem uma variedade de cones maior que o homem, e isso se reflete na maneira detalhada como descreve as cores. O homem nomeia as cores com palavras simples, como vermelho, azul e verde. A mulher fala de cinza-grafite, verd-água, azul-turquesa, cor de malva e verde-maçã.

Essa é outra parte muito engraçada... O que os autores diriam do amarelo de Van Gogh? O que diriam dos pintores que fabricavam seus próprios pigmentos, cada um num tom? A nomeação das cores nada tem a ver com o gênero, senão com a própria evolução da língua.²²

²² Para alguns exemplos ver: <http://blog.riguardare.com.br/2009/07/12/a-origem-dos-nomes-das-cores/>

Não quero me alongar muito neste livro, mas é que nele estão verdadeiras pérolas da ideologia do cotidiano. A necessidade de forjar “provas científicas” fica explicada quando lemos trechos como o seguinte:

Nunca diga para uma mulher “vire para o norte” ou “siga na direção oeste por cinco minutos”, porque isso exige sentido de orientação. Prefira as instruções que envolvam pontos de referência, como “passando o Mc Donald’s, siga até o (...) letreiro do Banco Atual”. Ela vai se orientar bem, usando sua visão periférica.(...)

Se quer conquistar uma compradora para uma casa, prepare a maquete ou mostre as imagens na tela do computador. Com esse tipo de informação, ela nunca mais vai se sentir idiota frente a uma planta. Planta é coisa para homem.(...)

Então, mulheres, o que fazer?

O que as mulheres podem concluir de tudo isso? Que o importante é, em vez de querer competir no campo em que os homens têm maior capacidade, optar por carreiras e ocupações em que podem exercer as aptidões naturais que estão de acordo com a orientação de sua estrutura cerebral. (PEASE, 2000: 86, grifos meus).

O argumento para explicar é o de que as profissões como administração, história, pedagogia, que demandam o mesmo dos hemisférios cerebrais seriam exercidas tanto por homens quanto por mulheres, “mas naquelas onde a habilidade de raciocínio espacial é necessária, os homens dominam”. São as que necessitam cálculos, como as engenharias, a física e a química. Lá pelas tantas reclama:

Pode surgir quem afirme que tudo isso é resultado da tirania machista, mas olhe em volta: em nosso mundo que progrediu na oferta de oportunidades, são muito raras as mulheres que superam os homens em habilidades que dependam das relações espaciais. Por quê? A principal razão está na estrutura de seu cérebro, que é um fator fortíssimo na determinação de seus interesses. [mais que a cultura?]

As mulheres se destacam em áreas onde é preciso mais raciocínio abstrato, como as artes, o ensino, os recursos humanos e a literatura. Enquanto os homens jogam xadrez, as mulheres dançam e cuidam da decoração. (Idem, *ibid.*)

Nesse mesmo momento, a ciência não vale mais nada. Como eles podem ignorar sobre o funcionamento do cérebro humano a sua plasticidade que se traduz em capacidade incrível de aprender, realizar conexões, etc.... A estrutura do cérebro é plástica e não fixa²³. Eles estão propondo que a mulher que sinta interesse pelas áreas de mais

²³ Cf. DAMÁSIO, 1996.

habilidade raciocínio espacial esqueçam sua inclinação porque isso não é naturalmente certo. É voltar aos níveis inferiores e fazer piadas sobre como as mulheres dirigem mal e acreditar que elas sejam verdade. Olhe em volta: nosso mundo progrediu na oferta de oportunidades, mas ainda não tantas oportunidades assim para as mulheres. E algumas delas já se interessam sim por pilotar avião, por exemplo²⁴.

Os “hormônios nos governam” (Idem: 103) e a paixão e o desejo sexual seriam um resultado da ação desses hormônios: “você, suas alegrias, tristezas, ambições, decisões, seu senso de identidade, o amor – tudo isso não é mais que a atuação de um enorme conjunto de células nervosas.” (idem: 105). Os autores descrevem a química da mulher e do homem. A agressividade masculina acontece devido à ação da testosterona. Este “é o hormônio do sucesso, da realização e da competitividade e, em mãos (ou testículos) erradas, torna ainda mais machos os homens potencialmente perigosos.” (idem: 110)

A população com 12 anos ou mais de estudo praticamente dobrou entre 1995 e 2005, e a frequência ao ensino superior quase triplicou. Esse aumento ocorreu particularmente na população feminina, que atualmente é maioria nas universidades, bem como representa 56,1% da população com 12 anos ou mais de estudo.

Enquanto a população ocupada masculina com 12 anos ou mais de estudo estava distribuída na indústria (15,8%), no comércio e reparação (15,6%), em educação, saúde e serviços sociais (16,8%) e em outras atividades (22,3%), no caso das mulheres com esse nível de escolaridade, 44,9% estão no grupamento de educação, saúde e serviços sociais. Em resumo, as mulheres estão predominantemente no setor de serviços, em áreas que poderiam ser consideradas extensões das atribuições familiares e domésticas.

É importante destacar que, entre 2004 e 2005, houve um ligeiro aumento de 0,4 ponto percentual na proporção de mulheres na categoria de dirigentes em geral. Os maiores percentuais de mulheres nessa categoria estavam em Brasília (8,0%) e na região metropolitana de Curitiba (7,8%).

(Fonte: http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=774)

²⁴ De acordo com a pesquisa sobre as mulheres pioneiras na aviação brasileira de Bequim (2007), as mulheres tiveram que romper com muitas barreiras burocráticas e legais, além das culturais, para conseguirem a licença para prestar os concursos de aviação. Em 2006, a primeira turma de 11 mulheres se formou. Em 2007 havia 18 alunas matriculadas.

O CASO DA LOUÇA VOADORA

Barbara Pease, autora deste livro, não sabia do alto teor de testosterona contido na pílula anticoncepcional que estava tomando. Seu marido, Allan, logo aprendeu a difícil arte de se desviar de pratos e outros objetos voadores durante a fase da TPM de Barbara e redescobriu seu talento para corridas de curta distância. O interessante é que a capacidade – ou incapacidade – de estacionar o carro junto ao meio-fio deixou de provocar discussões entre o casal, porque melhorou muito com a medicação.

Um exame de sangue apontou excesso de testosterona, e ela mudou para outro tipo de pílula. Em um mês cessaram as mudanças de humor, mas Allan tinha a impressão de estar casado com uma bibliotecária que se preparava para ser freira. Nova troca de remédio, desta vez o elevado nível de testosterona até um ponto seguro. Seguro para ela, para o casamento e a louça do casal. (*in*: PEASE & PEASE, 2000: 110).

Mas, num determinado momento, o próprio autor não percebe o quanto de cultural está evidenciado na pesquisa que cita:

Estudos feitos com atletas concluíram que seu nível de testosterona era consideravelmente mais alto ao fim da prova do que antes dela, demonstrando como a competição pode aumentar o nível de agressividade. Equipes esportivas da Nova Zelândia frequentemente executam *haka*, a dança de guerra dos maoris, antes de começar a partida. Fazem isso com dois objetivos: assustar a equipe contrária e aumentar o nível de testosterona nos atletas. A função das torcidas é a mesma: elevar o nível desse hormônio em jogadores e torcedores. Estudos confirmam que os mais altos índices de violência coletiva ocorrem em partidas em que a torcida é mais acirrada.

Sim, tanto que atualmente há uma lei que regula a venda de bilhetes nos estádios brasileiros, obrigando que a torcida adversária/visitante só pode ocupar uma ínfima parte dos espaços destinados à torcida. Claro que os hormônios exercem influência sobre nossos humores, emoções e estados de espírito; claro que há diversas diferenças entre homens e mulheres, inclusive hormonais; mas está claro também que não somos títeres de nossa bio-físico-química; que ela se altera e transforma em muito de acordo com o contexto sociocultural em que nos desenvolvemos e com as situações que vivenciamos.

As ciências sociais e humanas conseguem facilmente argumentar, inclusive com apoio de dados estatísticos, contra o determinismo biológico, afirmando a importância da cultura nos processos individuais e de gênero, mas falaremos disso mais adiante no capítulo sobre o discurso oficial. Por isso recorreremos aqui a um acadêmico da biologia para mostrar que a educação – entendida em sentido amplo - e a cultura ou ambiente

social de determinado grupo ou indivíduo é o que principalmente rege as práticas e comportamentos. O primatólogo Frans de Waal, quando nos apresenta aos bonobos e os compara com os chimpanzés, e muitas vezes com os humanos, em diversos momentos explicita a importância das variáveis culturais:

(...) a palavra instinto não me soou bem. Já nem sei mais o que isso significa, pois é impossível encontrar comportamento inato puro. Como os humanos, outros primatas desenvolvem-se lentamente, têm anos para ser influenciados pelo meio em que crescem, inclusive pela estrutura social. (...) Não admira que os primatólogos falem cada vez mais em variabilidade “cultural” (WAAL, 2008: 185).

Atualmente, é questão de crença propagar que os homens, ou as mulheres, devido à sua estrutura cerebral, estejam “programados” para determinadas práticas, como fizeram os Pease, afirmando que a mulher está programada para a monogamia e o homem para a poligamia. Waal, usando o exemplo do cinto de castidade, conclui que:

A fêmea da nossa espécie é apenas moderadamente fiel. Se a fidelidade fosse o objetivo da natureza, o apetite sexual feminino seria limitado ao período fértil, e essa fase seria perceptível externamente. Em vez disso, a natureza criou uma sexualidade feminina que é quase impossível de controlar. O argumento comum de que os homens são naturalmente polígamos e as mulheres naturalmente monógamas é tão cheio de furos quanto um queijo suíço. (Idem: 142).

Junqueira (2002), quando escreve sobre os Kamaiurá, para citar apenas um exemplo, conta que: “de modo geral, a vida sexual é bastante livre, ativa, e praticamente todas as pessoas têm parceiros extraconjugais.” (JUNQUEIRA, 2002: 48). Já entre os Cinta Larga existe a reprodução de um comportamento entre os homens que acabam de ser pais: eles sempre se queixam de que não são os pais verdadeiros da criança que acabou de nascer. Isso porque corre a crença de que um filho em gestação precisa de sucessivas relações sexuais para que a criança seja paulatinamente formada até poder nascer perfeita e saudável. “Como os Cinta larga são muito namoradores, ao primeiro cochilo do marido, a mulher permite a outro homem contribuir para a formação da criança que está em seu ventre (...) em nome da reprodução os amantes se entregam à satisfação sexual.” (JUNQUEIRA, 2002: 86).

Grande parte dos livros de auto-ajuda e das reportagens de mídia que consultamos e lemos/ assistimos pendem para a naturalização dos comportamentos para explicar

as diferenças entre homens e mulheres. O esforço para naturalizar práticas de homens e mulheres de cunho cultural, ao fim e ao cabo, serve como ideologia que prima por eternizar o domínio do macho. Se é algo que a natureza determina, o que se pode fazer contra o que é inato?

Existem poucos exemplos de comportamentos humanos que sejam universais e se desenvolvam cedo na vida – os dois melhores critérios para definir o que é inato. Toda criança normal ri e chora, portanto rir e chorar parecem enquadrar-se na definição. Mas a grande maioria dos comportamentos humanos não se encaixa. (DE WAAL, 2007: 149). A natureza humana pura é como o Santo Graal: eternamente procurada, mas nunca encontrada. (idem: 126)

Os Pease afirmam que o homem mantém com o sexo uma relação “entusiástica e impulsiva” porque na base de sua ação está uma nobre motivação da natureza: assegurar a continuidade da espécie espalhando suas sementes. Sem dar detalhes da pesquisa que cita, nem nomes nem datas, afirma que um estudo desenvolvido pelo Kinsey Institute “demonstrou que 37 por cento dos homens pensam em sexo a cada 30 minutos. Somente 11 por cento das mulheres apresentam a mesma frequência. O nível constantemente alto de testosterona é o responsável: o homem está sempre interessado e pronto para o sexo.” (Idem: 129). Ou será que tudo em volta do homem o faz lembrar de sexo sexo sexo e esse entorno mantém seu nível de testosterona mais elevado? A conclusão que chega na testosterona parece ser do casal e não do Kinsey Institute. Se os Maoris estimulam a produção de testosterona antes da competição (jogo ou guerra) para ter maiores chances de derrotar o inimigo, é porque é preciso um estímulo para o aumento de suas taxas. Assim, não seria a mesma coisa com o sexo? Ao passar a acompanhar as revistas masculinas percebemos que entre as reportagens de assuntos variados interpõem-se fotografias provocantes. Qual seria a lógica dessa forma de exposição adotada por todas? A que parecia ser talvez uma exceção, a *Men's Health*, que não traz mulheres na capa, no interior, há sempre o assunto sexo, fora as 4 ou 5 matérias que se dedicam exclusivamente ao assunto, sempre com dicas para o leitor aplicar com sua parceira. Nestas temos as fotografias provocantes, embora não tenhamos ensaios de nu artístico. As constantes lembranças são ou não são estímulos para o aumento da testosterona?

Mas voltemos ao assunto da naturalização das práticas de homens e mulheres. Os Peases também afirmam que a homossexualidade é uma orientação genética. Mas,

ao mesmo tempo em que citam as pesquisas Kinsey, como acima citado, eles deixam de considerar o *continuum* regular que caracteriza as preferências humanas:

O pioneiro americano das pesquisas sobre sexo Alfred Kinsey situou as preferências humanas em um *continuum* regular, opinando que o mundo não se divide em ovelhas e bodes e que nossas habituais distinções não são obra da natureza, mas da sociedade.

A idéia de Kinsey é corroborada por estudos comparativos de culturas, os quais indicam imensa variação nas atitudes relacionadas com o sexo. A homossexualidade, em algumas culturas, é livremente expressa, e até incentivada. Nesse sentido os gregos antigos são logo lembrados, mas podemos citar também a tribo aranda, da Austrália, onde um homem adulto vive sexualmente com um menino até que o primeiro esteja pronto para se casar com uma mulher. Ali também as mulheres massageiam o clitóris de outras por prazer. Para os kerakis, da Nova Guiné, as relações sexuais com homens são parte dos ritos de puberdade de todo menino, e existem outras culturas nas quais os meninos praticam a felação em homens mais velhos para ingerir esperma, que supostamente lhes dá força viril. Essas culturas contrastam com outras que cercam a homossexualidade de medos e tabus, especialmente para os homens, que a disfarçam ressaltando a sua heterossexualidade. Nenhum homem heterossexual quer ser tomado por homossexual. (...) apesar dos rumores sobre “genes gays”, até agora não há provas de que exista uma diferença genética sistemática entre homossexuais e heterossexuais. (WAAL, 2007: 124-125).

Do mesmo modo, Margareth Mead descreve culturas nas quais as diferenças entre homens e mulheres não correspondem às diferenças existentes em nossas culturas. Entre os povos do pacífico que estudou, a cultura que chama atenção é a dos Tchambuli do Lago, na qual são os homens que utilizam adornos, “enquanto as mulheres são calvas, não usam adorno e estão realmente ocupadas com seus afazeres” (MEAD, 1971: 89). As mulheres Tchambuli são

(...) altivas, sem enfeites, diligentes e industriosas, pescam e vão ao mercado enquanto os homens, decorados e adornados, esculpem, pintam, praticam passos de dança, tendo a sua tradição de caça de cabeças sido substituída pela prática mais simples de comprar vítimas para comprovar-lhes a masculinidade. (Idem, 59).

Como os homens desses povos responderiam aos testes sobre o “gênero do cérebro”? Só pelas características mencionadas podemos calcular que marcariam alternativas A o bastante para afirmar que são *gays*. Se pensarmos que muitos desses testes foram aplicados sob a chancela de científicos, veremos como estão ainda presentes alguns preconceitos em algumas teorias científicas. A advertência dos Peases - “Atenção mulheres: cuidado com homens canhotos, carecas, de barba cerrada, que lidam com contabilidade, lêem

mapas e espirram ao mesmo tempo” (PEASE, 2000:109) -, embora não explicitada, sugere um possível perfil *gay*, mas sem explicar muito (menos testosterona, cérebro multifunção?), do qual a mulher deve se precaver; a associação nos lembra da velha e totalmente rejeitada antropologia criminal que pretendia encontrar o fenótipo do criminoso²⁵.

Mas por aqui começamos a invadir o capítulo do discurso oficial, então voltamos. É importante lembrar, neste ponto, como já observamos, nos níveis inferiores a masculinidade se identifica com o machismo, enquanto, aqui, nos níveis superiores, pudemos encontrar um machismo mais velado, mas ainda presente. Jamais se poderia na ideologia do cotidiano falar em masculinidade do homem homossexual. Masculinidade é para heterossexuais; é para ensinar a ser homem, e não *gay*.

Não é possível ir esmiuçando o senso comum e não ir desconstruindo suas crenças e preconceitos. Até porque, parece que muitas dessas manifestações tentam comprovar o que os níveis inferiores afirmam. Desde de afirmações do tipo “mulheres têm sexto-sentido”, passando por prescrições de comportamento da masculinidade, chegando à manipulação da mulher. Se não é mais possível usar a força, que o controle possa ser efetivado por outras vias, como a da argumentação e do convencimento, da prova científica. Esta legítima, sobretudo, o controlador. É possível ver através dos exemplos que levantamos, um homem preocupado com o espaço que a mulher está tomando para si, um homem que tenta justificar atitudes que não quer mudar, mas que se exige dele que mude, um homem que coloca para si (seu grupo) duras normas de convívio, obrigações e repressões, um homem que oscila entre a transgressão e a culpa. A recorrência de determinados termos e expressões – como culpa, por exemplo - nos dá a idéia de que o homem se sente culpado, controlado. Gray (1995), por exemplo, quer ensinar aos homens comunicarem-se, a abrirem-se. Assim como Billdulph (2003). E não a mentir. E a falta do feminino no homem parece estar se tornando um defeito, um entrave para a harmonia entre os sexos e a felicidade tanto familiar quanto individual.

²⁵ Cf. FAUSTO, 2009.

3.2.1. Homens e mulheres como opostos: contrários e complementares

**Se as mulheres não existissem, todo o dinheiro do mundo não faria sentido (Aristóteles Onassis)
Os homens distinguem-se pelo que fazem, as mulheres pelo que levam os homens a fazer. (Carlos Drummond de Andrade)**

Vamos colocar num quadro algumas idéias para lembrar alguns pares de opostos que são comumente utilizados para fazer correspondências entre o que se costuma chamar de princípios, ou essência, masculino e feminino em nossa sociedade. Ora os opostos se complementam, ora se antagonizam:

Masculino	Feminino
Yang	Yin
Ativo	Passivo, receptivo
Céu, Ar (Urano)	Terra (Gaia)
Forte	Frágil
Direto	Indireto, sub
Linhas Retas	Linhas Curvas
Simples	Complexo
Razão	Emoção
História, pensamento linear	Memória, pensamento cíclico
Verdadeiro	Falso
Sol	Lua
Claro	Escuro, obscuro
Espada	Bainha

Exterior	Interior
Rua	Casa
Firme	Maleável

“No princípio era o caos”, diz a mitologia grega. Depois desse estado anterior no qual tudo é probabilidade e tudo é possível, a primeira ordenação a se dar é o desejo da terra de diferenciar-se do céu. Assim, *Gaia* inventa *Urano* e se faz a primeira distinção entre o céu de *Urano* e a terra de *Gaia*. Para os gregos, as duas primeiras identidades masculina e feminina nascem do feminino. Ao contrário, o outro berço da civilização ocidental, a judaico-cristã, coloca a figura do feminino subjugada a do masculino. A primeira mulher, *Lilith*, foi um fracasso, e a segunda, *Eva*, só um pouco menos “perigosa”, surge da costela de Adão. No fim, é responsabilizada pela queda do paraíso, o que gera a “invenção” do livre arbítrio e da morte. Embora os gregos contassem seus mitos de forma a apresentar um equilíbrio entre feminino e masculino, as mulheres de Atenas não eram menos subjugadas que as outras; sua função era basicamente ser reprodutora, e ela não participava da vida movimentada e prestigiosa da ágora²⁶.

Em diversos mitos, a relação de opostos complementares se constrói a partir da dominação do homem sobre a mulher. Balandier (1976), ao estudar os povos africanos, encontra em Mali, entre os Bambara, o mito de um casal inicial que participa da criação. O elemento macho, *Pemba*, e o elemento fêmea, *Muso Koroni*, formam o casal que, ao entrar em conflito, fracassam: “a personagem-mulher rompe a união, recusa-se a cooperar na empresa da criação, vagueia pelo universo, provocando nele a desordem e ali introduzindo o mal, a desgraça e a morte” (BALANDIER, 1976: 22). As rixas e os desacordos do casal são a fonte e a causa das desordens cósmicas. Uma terceira entidade, *Faro*, que concentra em si ambos os princípios, é quem terá sucesso na conclusão da criação, e o caos cede lugar à ordem que se instaura. “Esta união das diferenças constitui a própria natureza do ser humano, tal como foi produzido pela ação criadora de *Faro*. O homem é definido como portador de ‘duas almas gêmeas e de sexo diferente’, ser ‘ao mesmo tempo macho e fêmea em seu corpo e em seus princípios espirituais.’” (Idem: *ibid*). A separação dos sexos nos

²⁶ Julgamos que ambas as tradições são bastante conhecidas, por isso, optamos por mencioná-las, mas preferimos outros exemplos.

humanos deu-se com as primeiras circuncisões e as primeiras excisões que, respectivamente, retiraram a virilidade e retiraram o feminino. O casamento entre ambas foi, novamente, uma ação civilizadora de *Faro*.

O autor evidencia a definição ambígua e negativa do feminino e da mulher; a narração mitológica dos Bambara, através de *Muso Koroni*, identifica feminino com desordem, caos, rebelião, movimento; “ela evoca ou conota a terra impura, a noite, a feitiçaria e a cumplicidade com as ‘forças das trevas’.” (Idem: 23). Enfim, o ser da mulher é “mau”. E essa interpretação, na verdade, não é original:

O sexismo, depreciativo da feminilidade, é largamente difundido. Reencontra-se entre os Malinke e a maioria dos povos do Sudão ocidental, assim como em vastas regiões do continente negro. É constatado fora da África, manifesto desde o momento em que o dualismo reja os modos de pensamento e as relações sociais primárias. A ideologia da China tradicional concedeu-lhe um grande lugar, consignado (com excesso) por R. Lowie em suas considerações relativas à homens-mulheres: “A metafísica chinesa assimila o princípio feminino universal ao mal, e, nesse povo, o estatuto legal da mulher é de abjeta inferioridade”²⁷. (idem: 24)

De fato, ao ler o *I Ching, o livro das mutações* (WILHELM, 1997), podemos constatar as associações consumadas ao que ele chama de princípio feminino: obscuro, maleável, receptivo, abnegado, fraco, negativo, nebuloso, sombrio, e perigoso ou que provoca o movimento, quando se predominam as linhas fracas; enquanto isso, o masculino é forte, firme, luminoso, jovial, penetrante, positivo.

O oráculo é composto por 8 imagens, chamadas trigramas, que se desdobram em combinações que vão gerar os 64 hexagramas. As duas linhas primordiais, yin e yang, respectivamente, feminino e masculino, são a origem de todo o possível. Embora o tradutor afirme que positivo ou negativo não levam a conotação de bom ou mau, podemos nos apoiar nos outros qualificativos e na representação da mulher e do homem que surge nos hexagramas. A mulher está sempre numa relação de obediência para com o homem. Quando não, é o “infortúnio” que está batendo à porta do consulente. Claro que a vida é a sucessão de mudanças, do transitório, e que pode ser dividida em períodos sombrios e períodos luminosos. O Tao é a idéia e o símbolo que concentra em si os dois princípios. Entretanto, como afirma Balandier, quando o pensamento é regido pela dualidade, o feminino fica acaba ficando submisso ao masculino na maior parte

²⁷ O livro de Lowie citado é *Traité de sociologie primitive*, Paris, 1935. Não vamos incluir a obra nas referências bibliográficas de vez que ela não está sendo utilizada neste trabalho.

das vezes. Segundo ele: “Ao longo da história das sociedades humanas a mulher aparece como instrumento de uso generalizado. Como reprodutora física do grupo; é a função mais evidente e que determina o estrito controle exercido pela coletividade a fim de assegurar a sua perpetuação ou seu aumento de efetivos” (BALANDIER, 1976: 62). Ou então, num outro momento: “a relação homens e mulheres é o alicerce mais profundo de todas as relações desiguais.” (idem: *ibid*). As representações do feminino estão marcadas pela ambivalência da “metade necessária” e da “metade perigosa”.

Bourdieu também fala do assunto quando estuda os cabila. Segundo ele:

As divisões constitutivas da ordem social e, mais precisamente, as relações sociais de dominação e de exploração que estão instituídas entre os gêneros se inscrevem, assim, progressivamente em duas classes de *habitus* diferentes, sob a forma de *hexis* corporais opostos e complementares e de princípios de visão e de divisão, que levam a classificar todas as coisas do mundo e todas as práticas segundo distinções redutíveis à oposições entre o masculino e o feminino. (BOURDIEU, 2007: 41).

Quando Balandier menciona o mito da criação dos Fon do Daomei, uma outra entidade andrógena, *Mawu-Lisa*, faz a síntese dos contrários. O autor apresenta-nos o seguinte quadro:

<i>Mawu</i>	○	lua	noite	frio	direita	fertilidade	< >	maternidade	generosidade	repouso
<i>Lisa</i>	△	sol	dia	calor	esquerda	poder	< >	guerra	força bruta	trabalho

Entre os Fon, “a cultura, principalmente nos seus aspectos materiais, é colocada sob o signo da masculinidade. (...) Os Fon fizeram da obrigação da associação das “partes” masculina e feminina o problema dominante de sua sociedade e de sua cultura.” (BALANDIER, 1976: 26).

Segundo o raciocínio do autor, o que está em jogo é uma operação para transformar a diferença – alteridade que gera oposição e desordem - em cooperação para ordem. A dubiedade revela, na verdade, “a ambivalência das relações e das estruturas pelas quais essa operação tenta realizar-se”. (idem: *ibid*).

Para os Lugbara da Uganda e do Zaire, Balandier (1976: 29) formula o seguinte quadro para a classificação dicotômica e correspondências:

Homens	Mulheres
Espaço habitado (“dentro” de)	Mata circundante (“fora” de)
Tempo e espaço genealógicos	Tempo e espaços míticos
Valores ligados à parentela e às linhagens	Fraca injunção da parentela e das linhagens
“Pessoas” com plena responsabilidade social	Seres a-sociais e clientes, assimilados às “coisas”.
Ligação aos antepassados e aos espíritos	Feitiçaria e magia de agressão. Adivinhação
Oráculos	Dicotomia

Esta distribuição das representações, dos símbolos, dos seres e das práticas revela a ideologia associada às relações entre os sexos, senão a maneira pela qual estas são realizadas. A mulher está situada ao lado da natureza “selvagem” e não da paisagem humanizada, do tempo e do espaço anteriores ao homem, das “coisas” e das “pessoas”, das alianças (...). A repartição parece ainda mais significativa quando todos os elementos femininos são concebidos em termos de inversão em relação aos seus homólogos da coluna “masculina”, e quando esse procedimento de inversão serve para designar o que é mau, tudo o que contribui para modificar, enfraquecer ou destruir os suportes da ordem lugbara. (Balandier: 1976: 29).

Em síntese, os povos africanos estudados por Balandier trazem em seus mitos a mulher sempre representa uma força que pode sair ao controle, que está além da compreensão dos homens, que carrega atributos perigosos, age de modo corrosivo e agride a ordem social. Elas estão sempre relacionadas à mudança e eles à manutenção das tradições. Para alguns povos, a complementaridade não mais consegue esconder, ou mascarar, o antagonismo que os opostos carregam. Enfim, a complementaridade é tensa porque a mulher é a “metade perigosa”. O inventário mostra que a “mulher está situada à margem dos conhecimentos, das relações e das práticas mais valorizadas, colocada ao lado dos utensílios e das coisas, das atividades depreciadas e dos comportamentos de dependência” (BALANDIER, 1976:37). Por isso também está sempre numa relação de inferioridade em comparação ao homem. Para ele, as referências míticas podem servir como arquétipos que “remontam ao tempo das origens, tentando expressar a essência da sociedade e da cultura.” (idem:43).

Poderíamos continuar a levantar exemplos, intermináveis, mas o que importa aqui é perceber que é primordial e exemplar o relacionamento masculino/feminino. Entre os povos do Brasil, nos Kamaiurá, assim como entre os Cabila estudados por Bourdieu (2007), e os africanos mencionados por Balandier, fica a cargo das mulheres as atividades consideradas desprestigiadas enquanto que para os homens estão as atividades que geram prestígio e *status*. Esses exemplos mostram como a divisão sexual do trabalho expressa como se produz e reproduz a relação de dominação entre o masculino e o feminino. Entre os Kamaiurá:

O marido não é nenhum tirano, mas a divisão do trabalho encerra a mulher num espaço acanhado. Enquanto o homem tem possibilidade de acumular novas experiências e aprofundar seu conhecimento do mundo, a vida da mulher transcorre num circuito fechado de repetições, distante do poder sem acesso às atividades que conferem maior prestígio. (JUNQUEIRA, 2002: 32-33).

Entre os Cinta Larga, outro povo estudado pela autora, a mulher também fica com as atividades de menor prestígio. O fato, na verdade, parece ser uma constante entre os povos indígenas:

É Meillassoux quem mais uma vez capta com agudeza o destino da mulher em sociedades indígenas de modo geral: “inferiorizadas pela sua vulnerabilidade social, as mulheres são postas para trabalhar sob a proteção masculina, entregues às tarefas mais ingratas, mais fastidiosas, sobretudo menos recompensadoras, da agricultura e da cozinha”. Além disso, são excluídas: “das atividades de caça ou de guerra nas quais se baseiam os valores da sociedade”²⁸. (IDEM: 95).

Do mesmo modo Bourdieu (2007) afirma que:

Cabe aos homens, situados do lado do exterior, do oficial, do público, do direito, do seco, do alto, do descontínuo, realizar todos os atos ao mesmo tempo breves e, perigosos e espetaculares, como matar o boi, a lavoura ou a colheita, sem falar do homicídio e da guerra, que marcam rupturas no curso ordinário da vida. As mulheres, pelo contrário, estando situadas do lado do úmido, do baixo, do curvo e do contínuo, vêm-se ser-lhes atribuídos todos os trabalhos domésticos, ou seja, privados e escondidos, ou até mesmo invisíveis e vergonhosos, como o cuidado das crianças e dos animais, bem como todos os trabalhos exteriores que lhes são destinados pela razão mítica, isto é, os que levam a lidar com a água, a erva, o verde (como arrancar ervas daninhas ou fazer jardinagem), com

²⁸ A obra citada de Claude Meillassoux é anotada como sendo de 1976, p. 56, mas na bibliografia a data é 1977. O título: *Mulheres, Celeiros & Capitais*. Porto: Edições Afrontamento.

o leite, com a madeira e, sobretudo, os mais sujos, os mais monótonos e mais humildes. (BOURDIEU, 2007: 41).

Quando Junqueira conta 6 histórias jocosas sobre as mulheres que correm entre os Kamaiurá, narrativas que evidenciam como as mulheres são desrespeitadas pelos homens, a autora se pergunta: “seriam esses mitos e relatos uma forma encontrada pelos homens de exercer controle psicológico sobre a mulher?” (JUNQUEIRA, 2002: 47).

Os opostos se atraem e se complementam

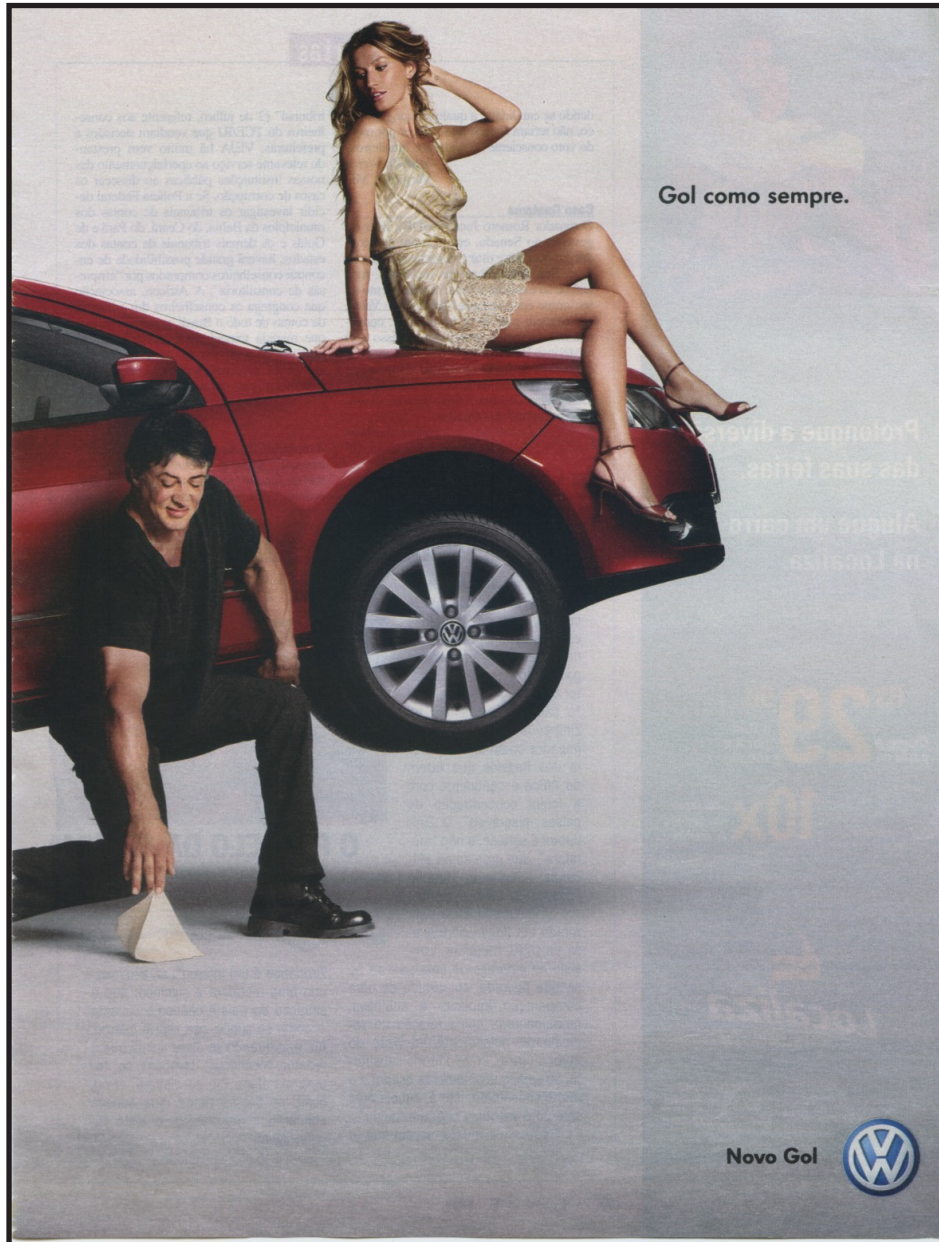
A diferença tem seu lado positivo, e o senso comum também faz apologia às qualidades de ambos os gêneros e encontra a harmonia entre os opostos que se complementam e, por isso, atraem-se mutuamente.

Nem gravata nem honra

Daia, cabeleireira: “Tem muito a ver com aquilo que eles me ensinaram. E eram pessoas muito simples. Mas muito simples, mas muito sábios, não é? E eu acho que ouvi muito o que eles me ensinaram, sabe? E a minha mãe sempre falava que a mulher também pode fazer coisas. Eu nunca vi minha mãe submissa, na verdade, eu vi meu pai apaixonado por ela, sempre, tanto que morreram juntos. E eles eram apaixonados, um pelo outro. Imagina, um italiano casado com uma mulata. Nossa, ela teve que vencer tantas barreiras, meu avô era preconceituoso, foi difícil pra ela, mas ela era tão linda, tão maravilhosa, e eu acho que essa força que ela tinha ela deixou muito comigo, muito... no olhar, nas palavras, nas atitudes...”

A publicidade também é um espelho ideal para observação dos estereótipos do masculino e feminino. A associação carros e mulheres bonitas; cerveja e mulheres bonitas; o uso de desodorantes e as mulheres bonitas atrás do homem másculo, em alguma medida reproduzem mitos e histórias de deuses e deusas da beleza e da luxúria.

Enquanto *A Favorita* era exibida, um comercial da WW, brincava com a força do homem, representada por Stalone, e a graciosidade e sensualidade femininas, representada por Gisele Bündchen. Encenando o “cavalheirismo” de apanhar o lenço que a mulher deixa cair: ela está sentada no capô do carro e ele levanta o automóvel para alcançar o objeto no chão. A mercadoria representa a harmonia entre a modernidade, pela tecnologia de ponta, e a tradição, pelo ideal do gentleman expresso na cena.



As mulheres sofrem muito pelos homens. Nas novelas, por exemplo, as heroínas estão sempre com lágrimas nos olhos, sempre esperando o momento da união com seu amado. Apesar da previsibilidade da mulher há algo de misterioso nela: “ela é um livro místico e somente a alguns a que tal graça se consente é dado lê-la” (Augusto de Campos). Os homens também sofrem, e choram, pelas mulheres.

Mulher
(Claudio Mesquita e Sady Cabral)

Não sei
Que intensa magia
Teu corpo irradia
Que me deixa louco assim
Mulher
Não sei
Teus olhos castanhos
Profundos, estranhos
Que mistério ocultarão
Mulher
Não sei dizer
Mulher
Só sei que sem alma
Roubaste-me a calma
E a teus pés eu fico a implorar
O teu amor tem um gosto amargo
E eu fico sempre a chorar nesta dor
Por teu amor
Por teu amor

Há muitas e famosas grandes histórias de amor eternizadas, tanto reais como ficcionais. Quem não conhece Romeu e Julieta, Abelardo e Heloísa, Dom Quixote e Dulcinéia, Dante e Beatriz?

Podemos reparar que os casais mencionados estão entre a época medieval e o renascimento. Se nos transportamos para esse tempo, veremos que, na arte, a mulher está como que num pedestal, idolatrada pelo homem. Podemos dizer desse amor que ele se denomine platônico. O amor platônico é aquele identificado ao bem, a mulher – objeto possibilitador do amor – é inatingível, portanto o amor é idealizado e para manter-se puro não deve ser consumado. Para os poetas dessa estirpe, a mulher se torna praticamente uma semideusa e passa a pertencer a um imaginário mítico. Camões, por exemplo, em sua lírica expressa esse amor. Utilizamos neste momento um exemplo oriundo do discurso oficial (literatura) somente para esclarecer a noção de amor a que estamos nos referindo.

Como exalta Cidade (1952), a mulher amada deve ter a beleza de Vênus, o saber de Minerva, a castidade de Diana e ser merecedora das metáforas da natureza. A mulher é então associada à religião, e tornando-a um objeto de culto, tornando esse amor sagrado, o poeta conciliaria o pensamento divino e o corpo terrestre, espirituali-

zando o desejo e resolvendo a contradição de seu ideal moral. O amor entre o homem e a mulher precisa ser compatível com o modelo neoplatônico do amor. É preciso que o amor purifique, que seja então a mulher espelho da alma do poeta. Cidade comenta ainda sobre a Elegia *Aquele do Amor descomedido*, onde o poeta deixa claro que o amor deve ser mais forte e maior do que a morte, e se assim o é, não é digno de um mortal, pode ser sentido apenas pela alma para que seja verdadeiro, puro e purificador, enfim, perfeito e imortal. Assim, também no soneto *Transforma-se o amador na cousa amada*, o poeta consegue atingir a imortalidade através da amada, transformando-se nela, “o amante vive no ser amado, transforma-se no ser amado, e, portanto, porque morre de amor em si mesmo, não morre, porque vive na mulher amada.” (AGUIAR E SILVA, 1994: 220).

Podemos entender então, que o verdadeiro desejo do poeta é alcançar a experiência amorosa imortal, e não consumir um amor com o sexo oposto. O poeta entrega-se não a figura feminina, mas ao desejo, que é agora, sua pulsão de vida. Como no soneto *Pede um desejo intenso que vos veja*, a dama é “uma imagem que está escrita na alma, é principalmente na ausência que ela se torna evidente à contemplação interior” (SARAIVA, 1959: 73). Sim, a contemplação é interior, a mulher não será “mais que uma reminiscência espiritual” (MARTINS, 1913: 71), o desejo maior do eu lírico é a aspiração ao plano ideal, mas a resolução não se faz tão simples, o poeta ainda quer a presença física da amada. Assim, a ausência da amada é sofrimento, a separação, a saudade, a mulher que é inatingível, a morte, tudo isso é sofrimento e melancolia. Mas, paradoxalmente, o sofrimento da não concretização do amor é exatamente o elemento purificador da alma do poeta. Todas as condições que possibilitem a distância entre o eu lírico e a amada são, ainda que penosas, bem-vindas e necessárias para o objetivo supremo do amor neoplatônico.

É exatamente pelo nível profundo em que se dá o dilema do poeta, que faz da Obra de Camões, como afirma Antônio Sérgio, uma “teoria metafísica e religiosa da experiência sentimental do poeta” (apud CIDADE, 1952: 200).

O amor camoniano é platônico, mas é também maneirista. É muitas vezes encontrado em Camões, o amor associado ao princípio do mal, que leva a loucura, como fonte de agitação, instrumento da destruição da razão e do intelecto. Tal associação é uma contradição com a concepção do amor neoplatônico. A vergonha, assolamento e destruição, labirinto, mágoas e misérias, ira, estão associadas ao amor respectivamente nos sonetos: *Oh! Quão caro me custa entender-te; Grão tempo há já que soube da*

ventura; Amor, co a esperança já perdida; Este meu breve e vão discurso humano. Há um Camões que acredita ser a razão, pupila da filosofia platônica, subjugada pelo amor associado às forças maléficas da Fortuna, acaso, destino, fado e tempo:

Abundam na obra lírica de Camões as caracterizações ou qualificações disfóricas do amor (...) ao amor são atribuídos caracteres e predicados conflitantes e inconciliáveis com as doutrinas neoplatônicas: (...) *Amor fero, cruel, moço cego e cego moço, em amor não há senão enganos, o cego amor e amor cego, manhoso, o vingativo amor, (...), tirânico amor, o falso amor, etc.*” (AGUIAR E SILVA, 1994: 172).

O autor atribui ainda, tais associações ao maneirismo presente em Camões. Temos então, um Camões dividido entre o sonho do amor platônico e a sua própria experiência que contradiz seu ideal de amor:

Não é Amor amor, se não vier
com doudices, desonras, dissensões,
pazes, guerras, prazer e desprazer,
perigos, línguas más, murmurações,
ciúmes, arruídos, competências,
temores, mortes nojos, perdições.
Estas são verdadeiras experiências
de quem põe o desejo onde não deve,
de quem engana alheias inocências.
Mas isto tem Amor, que não se escreve
senão onde é ilícito e custoso;
e onde é mor o perigo mais se atreve.

Em outras épocas vemos consumarem-se o amor entre casais, e estes mais maneiristas que platônicos: *Adão e Eva*; Cleópatra e Marco Antônio; *Bentinho e Capitu*, John Lennon e Yoko Ono. Seja como for, apesar das diferenças, apesar da tensão, apesar das “doudices”, o amor é possível.

3.2.2. O novo homem do senso comum

E quem é esse novo homem? Por que ele aparece? O feminismo das décadas de 60 e 70 é a referência que temos para uma mudança requerida. É certo que durante os milênios os povos e civilizações viveram de modos diferentes, com valores e práticas diversas, mas escolhemos tomar como ponto de mutação a revolução sexual.

Já virou lugar comum na literatura internacional das Ciências Sociais reconhecer que o movimento feminista do pós-60 teve impacto avassalador sobre as formas através das quais as sociedades contemporâneas se pensam e se questionam. Hoje, parece impossível pensar democracia, cidadania, desigualdades sociais, mudanças na organização da família, formas do trabalho, entre outras tantas dimensões da vida social, sem ter como referência a constituição de um novo sujeito social, as mulheres, e uma forma de dominação, a de gênero, constituídos pelo discurso feminista. (MORAES e SORJ, 2009: 11).

Para tornar a pesquisa realizável optamos pelo pequeno universo dos paulistanos da contemporaneidade porque a nossa ficção *A Favorita* se passa em São Paulo. As queixas e a revolução no comportamento das mulheres das décadas de 60 e 70 e o processo que se provoca nos homens como resposta a essas enunciações vem se intensificando desde a década de 80. Para dar um exemplo, veja o depoimento de Gikovate sobre o assunto:

Reafirmo minhas esperanças e otimismo. Acredito que não devemos interromper este processo emancipatório generalizado que se iniciou no fim dos anos 60. Apesar das turbulências inevitáveis pelas quais estamos passando, está em pleno curso uma revolução nas nossas vivências interiores que determinarão resultados frutíferos para o modo de vida de nossos descendentes. Não acho que caibam atitudes covardes e conservadoras. Temos que olhar de frente aos nossos conflitos e nossas contradições, tanto como indivíduos quanto como sociedades. Temos que nos conhecer melhor e também temos que tratar de compreender nossos semelhantes. Temos que dar um fim nos nossos preconceitos de todo o tipo e temos que tratar de substituí-los por conceitos lógicos, adaptados às novas realidades que nós mesmos construímos. (GIKOVATE, 1989: 158-159)

Mas, na verdade, assim como se inspirou o movimento feminista, existiram alguns marcos anteriores que podem ser considerados germes dessa revolução. Em termos de Brasil estamos falando de aquisições de direitos: como o do voto (1932), do divórcio (1977), e da vida após o divórcio – embora ela ainda não exista nos setores mais conservadores das religiões, por exemplo. As mulheres conquistaram direito à pensão alimentícia, ao trabalho, à ampliação da licença à maternidade, entre as mais importantes. Quando pensamos nessas vitórias, pensamos também em algumas mulheres precursoras do feminismo, das chamadas primeira e segunda ondas feministas²⁹, como Bertha Lutz, Patrícia Galvão (Pagu), Leila Diniz, Chiquinha Gonzaga, Rose Marie Muraro, entre outras.

²⁹ Ver: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Feminismo>.

Ainda que se diga sobre o poder das mulheres (ficcionalis e reais) em manipular, em comandar desde sempre impérios, povos e nações, inclusive de forma terrível e cruel (*Lilith, A rainha de Copas*, todas as madrastas dos contos de fadas, e as reais como Cleópatra, as rainhas Mary e Elisabeth I do Reino Unido, Erzebet Bathory, para ficar em poucos exemplos), todas essas mulheres são poderosas e consideradas voluntariosas. De qualquer modo, pode-se dizer que a mulher esteve subjugada ao homem, à força bruta do homem. Não apenas ela, mas toda a lógica de funcionamento, pelo menos, da nossa civilização ocidental. As guerras, as viagens, as trocas e comércios, as tecnologias para o cotidiano, o domínio do espaço e da natureza: tudo isso inventado, orquestrado pelo homem, dominado pelo homem, subjugado por ele em primeiro lugar. O melhor e o pior. Não apenas as vitórias e grandes invenções que impulsionam a “evolução”, os constantes processos de mudanças decorrentes das novas tecnologias. É claro que inúmeras criações fantásticas e maravilhosas dos homens também foram em grande parte inspiradas pelas mulheres.

Entretanto, esse homem orgulhoso de seus feitos e conquistas não consegue se sentir igual, precisa se sentir superior. Essa, acredito, foi a grande mudança requerida pelas feministas. Digamos que o novo homem seja aquele que, dentre outras características, não tem essa necessidade. Ele também não precisa seguir a cartilha de masculinidade que a sociedade lhe impinge. Então aparecem diversas masculinidades e algumas práticas entram em conflito com as práticas anteriores.

Para entender melhor o novo homem e suas novas práticas vamos usar um exemplo que parece ilustrar bem quem era o homem antes dessa transformação requerida.

Para falar do novo é preciso esclarecer o que, ou quais práticas, foram substituídas, tornaram-se ultrapassadas. Escolhemos um exemplo que nos sirva como ponto de mutação. Para ser esse modelo, ninguém melhor do que *Beto Rockefeller* (Luiz Gustavo), personagem título da telenovela de Bráulio Pedroso, direção de Lima Duarte, que é considerada divisora de águas na história da telenovela brasileira, exibida, como já mencionamos, em 1968-69 pela TV Tupi. A novela foi um grande sucesso e leva como título e como protagonista um homem, e não uma mulher ou um casal como é típico do gênero. O exemplo escolhido também se justifica porque ele nos dará uma base de comparação próxima, contemporânea, da masculinidade na telenovela brasileira ao mesmo tempo em que fala da masculinidade nesse período de revolução sexual quando ainda

eram bastante visíveis as práticas de gênero das gerações anteriores, pelo menos duas ou três, que não viveram sob o impacto do feminismo e da revolução sexual. E, claro, como na *Favorita*, a história se passa na cidade de São Paulo. São 40 anos de distância entre 68/69 e 2008/2009, esse tempo praticamente cobre a existência da telenovela brasileira.

Nosso informante, Afonso Junqueira Franco de Melo, administrador de empresa, 54 anos, também é paulistano e conviveu com a cidade durante todo esse período. Quando ele assistiu a *Beto Rockfeller*, tinha 14/15 anos. Ele foi escolhido porque assistiu à telenovela e recebeu dela diversas referências de masculinidade e da idade adulta. Ao tornar-se adulto, as práticas já estavam bastante mudadas. Será que ele se lembra? Será que ele reproduziu alguma prática por causa da telenovela? Será que aquilo que ele lembra corresponde ao que se deu na telenovela? Será que ele imitava o *Beto*? Vamos reproduzir as suas falas nas caixas de texto durante a seção. Mas e *Beto Rockfeller*, o que a personagem nos diz de sua época e da época atual?

Como exemplo talvez seja apropriado distanciar-se um pouco no tempo e lembrar da telenovela que foi, sem dúvida, um marco para a história televisiva: *Beto Rockfeller*. Em pleno ano de 1968 e com toda a significação que essa data carrega, no Brasil e no mundo, e que cremos ser dispensável reproduzir aqui em palavras, surge uma história capaz de registrar o momento, totalmente diferente do que se fazia até então. Quando estudei algumas cenas dessa telenovela estava preocupada com as marcas da contracultura impressas na telenovela (JAKUBASZKO: 2002), mas, agora, voltamos o olhar para a construção de uma identidade masculina. E não apenas na telenovela, mas no filme homônimo, que surgiu após o sucesso estrondoso da personagem, e as suas características de sedutor, conquistador e malandro são amplificadas. Tivemos oportunidade de assisti-lo em abril de 2009 pelo Canal Brasil.

Antes de contextualizar, vale a pena ressaltar que a história da telenovela leva o nome de seu personagem principal, um homem, e não conta, como seria o habitual, a história de um casal que supera diversos obstáculos para conseguir sua união. *Beto* tinha duas namoradas e algumas paqueras, mas era solitário, e sozinho termina o final não muito feliz daquele que já se descobrira, não era um Rockfeller de verdade. Podemos interpretar, portanto, que a história narra a trajetória de um homem. Mas o que era ser um homem no Brasil, mais especificamente na cidade de São Paulo, de 1968, em plena revolução sexual?

A telenovela e o filme nos dão alguns signos principais, mas antes vamos ao resumo da trama. *Beto*, interpretado por Luiz Gustavo, era um rapaz sonhador, que trabalhava numa loja de sapatos na popular Teodoro Sampaio, e que adotou o sobrenome de uma família norte-americana milionária para frequentar as altas rodas da sociedade paulistana. Ele tinha uma namorada grã-fina, *Lu* (Débora Duarte), e uma trabalhadora, como ele, *Cida* (Ana Rosa).

A história parece banal, mas quando analisada em diálogo com o período socio-cultural ganha em profundidade e em reflexão sobre o próprio contexto. Segundo Ortiz,

O parentesco desses filmes (*Macunaíma*, *O bandido da luz vermelha* e outros da jovem guarda) com o movimento tropicalista é imediato, pois aí também se busca uma síntese dos cacos culturais de uma sociedade em mutação. Anti-herói, cotidiano urbano, músicas de sucesso direcionadas para o público jovem, os mesmos traços que encontramos em *Beto Rockfeller*, conectando a telenovela ao ambiente cultural do momento. Mesmo que distante das sofisticações do Cinema Novo e Marginal, ou do Tropicalismo, o que se pode notar é que até mesmo este gênero recorre e se vincula ao processo cultural como um todo. (ORTZ, 1989: 80).

Depois que a verdadeira identidade de *Beto* é revelada ele diz que fizeram um drama do que seria uma comédia e desabafa para *Renata* (Bete Mendes), uma paquera que já sabia de tudo porque o vira de joelhos atendendo a um cliente na loja de sapatos:

no mundo em que se vive, se for preciso mentir, roubar para conseguir o que se quer, assim será, pois passar a vida toda de joelhos não dá, tem que reivindicar, lutar. A vida é um jogo, uma roleta constante, é uma guerrilha, cê leva um tiro de repente e não sabe nem de onde veio. Não sei se mentindo, roubando, mas é preciso fazer algo para conseguir o que se quer, passar a vida de joelhos é que não dá pé.

Beto Rockfeller sintetiza a sensação pessimista que rondava a época da ditadura, o sentimento que não há saída possível, de que não há lugar para aqueles que não estavam de acordo com as regras ditadas pelo poder estabelecido. Ele ficava entre uma classe trabalhadora alienada de seus direitos e uma elite frívola, banhada por uísque importado, festas, clubes, motos e bens refinados de consumo. A figura de um “malandro esperto” servia mais para denunciar a falta de espaço do que para criticar uma a, ou, i-moralidade. O herói, ainda que anti-herói, de telenovela não poderia pegar em armas, então, entre a luta armada *Beto* preferiu a luta dos interesses individuais a investir na luta exclusiva pela sobrevivência. Nesse caso, a história mostra uma sociedade tacanha,

que não oferece espaço, senão o da marginalização, para quem não está de acordo com as “regras” do jogo estabelecidas pelo poder hegemônico.

O mundo dessa ficção estava consoante com as críticas formuladas pela contracultura. Mas agora estamos direcionando o foco para outro aspecto desse mesmo momento: a construção dos sentidos da masculinidade. Elegemos uma cena para comentar: um pesadelo do protagonista.

Beto encontrava-se numa situação angustiante. Havia aceito um desafio: deveria participar de um racha de motocicleta cujo prêmio era o de cinco milhões. Quantia que ele nem poderia pensar em pagar, caso perdesse a aposta. *Renata*, amiga que já sabia da condição do rapaz, descobre que o desafiante teria sido campeão de motociclismo e corre até a casa de *Lu* (Débora Duarte) para contar-lhes a cilada. Tanto *Renata* quanto a mãe de *Lu* aconselham *Beto* a desistir da corrida. *Lu* não admite, diz que jamais se casaria com um covarde. *Beto* não tem outra saída senão manter o acordo. Ao fim desta cena, a câmera num forte movimento circular dirige-se para a cena seguinte: o pesadelo de *Beto*. A sequência utiliza simbolismos do universo onírico e parece aproveitar um clima surreal como o encontrado nos filmes de Bañuel. A cena é bastante longa e arrojada para uma telenovela, principalmente em comparação àquela que vinha se fazendo até então. O telespectador consegue perceber a angústia e o medo do personagem que antevê a derrota.

Primeiro, ele se vê numa laje, com seus conhecidos em volta como se estivessem vestidos para um velório. Ele se movimenta num triciclo infantil e o barulho de seus pedais se sobressai da música estranha que toca no fundo. Para competir com o triciclo, uma motocicleta e seu condutor, que ri de *Beto*. Ele pedala pedala pedala e quase não sai do lugar. Pensando ter acordado, ele entra em casa e acende a luz. Quando vê seu pai com uma corda no pescoço sendo enforcado, e sua mãe, a mãe de *Lu*, com expressões faciais que denotam a desaprovação. Podemos fazer a leitura labial e ver que *Lu* repete sem parar a palavra covarde. Fugindo para seu quarto, ele se depara com uma corda. Ele deve se enforcar. Aqui constatamos que ele precisa provar a si mesmo e aos outros a sua habilidade, a sua competência. Se ele ou desistir ou perder, seu castigo “merecido” é a morte. Mas essa punição parece ainda não ser o bastante já que a cena é cortada para em seguida focalizar *Beto* em sua cama e em cima dele uma motocicleta cujo pneu fica rodando a cinco centímetros da face do anti-herói. Só então ele acorda gritando.

No final do sonho, no quarto de *Beto* vemos o pôster de Marlon Brandon, posando numa moto para o filme “O Selvagem”. Além de documentar o momento, aproveitar modos de composição de cena e cortes de edição, a telenovela começava a estabelecer um diálogo com o cinema e suas histórias. Como avaliou nosso entrevistado, o sonho, em tudo, sugere o fracasso e o medo do fracasso.

No fim, antes de se casar com *Lu*, o pai da moça exige que ele assine um documento de separação de bens. Ele não aceita e depois se revela a verdadeira condição social de *Beto*. Ele resolve mudar de cidade. *Renata* tenta persuadi-lo a ficar declarando-se para ele e revelando que ela já sabia de tudo. Segue-se então uma bela cena (anexo em CD: *Beto Rockfeller – Cenas escolhidas*) na qual fica a sugestão de que ela se entrega a ele, e de que seria essa a sua primeira vez. Interessante notar que se *Beto* pode hoje ser considerado ultrapassado, no momento ele trazia grandes novidades para a masculinidade de seu tempo. Até esta época em que a virgindade das moças era absolutamente valorizada, um homem, aceitar deitar-se com uma mulher de família antes do casamento não era visto com bons olhos.

Nosso herói, então, parte sozinho para o Rio de Janeiro para tentar a sorte outra vez. A cena final da novela, é ele partindo, andando só, e no seu pensamento dialoga com a irmã, refletindo sobre tudo o que lhe aconteceu, ao som de Danúbio Azul.

O filme que surgiu após o sucesso da novela explora ainda melhor a construção de uma masculinidade sonhada pelos homens. Ainda que *Beto* seja um anti-herói, o que ele faz o torna simpático; ainda que os homens da época não pudessem confessar, *Beto* era o máximo. No filme, *Beto* conquista a filha, a mãe e a madrasta. Além de outras que se desmancham por ele, mas ele nem nota. Para conquistar sua gata, *Beto* consegue convencer o amigo (Plínio Marcos) mecânico a emprestar-lhe o carro de um bacana que estava na oficina para conserto. Depois viaja até o Guarujá, lugar de grande refinamento e prestígio na época, e do Guarujá para a ilha particular onde estava a festa que ele deveria participar. Trapalhadas a parte, e apesar do final em que de novo ele é desmascarado, *Beto* realiza as suas fantasias e faz sucesso entre as pessoas e, principalmente, entre as mulheres. Na escala, os valores principais são mulheres, dinheiro, carros, amigos “bacanas”, divertir-se.

Assim, de acordo com nosso modelo, as práticas que estamos percebendo ser ultrapassadas são: bancar o Don Juan, exhibir-se, entrar em competição com outros homens, mentir a condição social, afirmar-se através de carros e bens de consumo.

Então vamos à entrevista com nosso informante. Afonso Junqueira Franco de Melo, 55 anos, é divorciado e tem um casal de filhos. No momento está namorando. Quando assistiu à novela ele tinha 14/15 anos. Ele não se lembrava inteiramente da história; lembrando-se de que ele tinha duas namoradas, “uma pobrezinha e uma de grana”. Achou que *Beto* tinha terminado a novela com *Cida*: “no final acho que a novela foi moralista, ficou com a outra que era pobrezinha. É o que eu me lembro vagamente”. No final da entrevista, quando revelei que ele havia ficado sozinho e estava de partida para o Rio de Janeiro, Afonso ficou realmente surpreso.

Quanto a *Beto*, ele se lembra que o protagonista

(...) usava uma roupas mais justinhas, que eu acho que eram da época. Ele era um malandro, mas era uma coisa que ainda não rolava muito na sociedade. Foi meio que um rompimento passar na novela o que era um malandro. Eu via com admiração, eu admirava a personagem; eu tinha 14 para 15 anos, é uma fase que você quer eleger ídolos, então eu não perdia a novela. E eu não tinha o hábito de ver novela, foi a primeira, se eu vi outras antes não me lembro.

Ela me marcou porque tinha um misto de modelo de malandragem, para quem não tinha isso, não passava na TV, isso, você não tinha modelos assim. Tinha alguns amigos, mas o *Beto* não era aquela coisa estereotipada, dava para ver, dava até para copiar, umas coisas assim.

Quando perguntei o que era masculinidade, ele ficou pensativo. Admitiu que nunca havia refletido sobre isso. Sobre o feminino sim, mas sobre a masculinidade não.

Acho que tenho algumas palavras que podem definir, mas mais feminilidade do que masculinidade. Eu reparo mais nas mulheres, quando eu acho uma mulher feminina e quando eu não acho. Agora... masculinidade... talvez eu não seja o padrão, talvez porque eu tenho uma masculinidade meio feminina.

[eu perguntei: quais são esses traços mais femininos?] Mais sensibilidade. Percebo muitos detalhes que são mais associados às mulheres. As conversas mais convencionais que o homem tem eu não curto muito, ficar falando de futebol. Eu me lembro que em várias rodas que eu fui, lugares mais tradicionais, eu me identificava de conversar mais com as mulheres do que com os homens. Porque eu gosto de planta. É feminino, né. Eu gosto de uma série de coisas ... eu não sei, sensibilidade, até com *gays* eu gostava de conversar muito, tendem a ser mais inteligentes, mais cultos; é mais gostoso do que conversar com um homem padrão masculino, fala só de mulher o papo todo, Cê sabe, futebol, mulher e...

[pergunto se ele acha que mudou alguma coisa do tempo de *Beto* pra hoje] a sociedade já foi mais machista, hoje está mudando, mas por pura conveniência. Os homens sabem que não é unanimidade entre as mulheres esse cara musculoso, cara grosso, acho que esse padrão já teve mais forte, que nem o *Beto Rockefeller*, né. Ele fazia o papel, que eu me lembro, fazia o papel de durão, de macho mais para o viril, corpo, muito corpo.

Aqui é preciso notar que as falas de Afonso confirmam que há um padrão antigo, que há a necessidade de um homem menos machista. Entretanto, ele parece ter visto algo que se intensificaria, mesmo com a suavização do machismo, que é a questão “corpo, muito corpo”. Se assistirmos, por exemplo, o seriado de *Batman* das décadas 70-60, e observarmos o corpo de *Batman* e *Robin* – também a primeira versão para o cinema de Super Homem, veremos que eles não exibem os corpos musculosos que os heróis de hoje ostentam. De um lado a força do homem foi amansada, e, quem sabe até por isso, os corpos masculinos foram se masculinizando cada vez mais.

Depois perguntei na época em que ele assistiu à novela, *Beto* era um modelo para ele, e se hoje, ele se ainda identifica com o antigo modelo. Para ele, o “andar” é o melhor indicativo para expressar feminilidade ou masculinidade.

(...) Assim, um padrão corporal mais rude? Acho que sim, não que eu tenha tentado seguir, porque eu não conseguiria mesmo, mas eu sabia que era um modelo, eu via o cara andando. Lembro que tinha um cara na minha rua que tinha um andar mais impostado. Eu lembro que eu associava isso, que as meninas iam ficar olhando muito pra ele, reparar muito nele. A minha leitura, olha o que eu fazia, a minha leitura, pegava emprestada a leitura delas.

O modelo é antigo, está ultrapassado sim. Eu acho que já passou por essa coisa assim do esperto, do malandro que era muito querido, muito samba fala disso também, depois eu acho que passou pra aquele: acho que teve duas mudanças de modelo, pelo o que vi. Passou a se procurar um homem provedor, que ainda que não tivesse todos os atributos da masculinidade, garantisse o provimento. Eu acho que já foi mais forte isso. E hoje eu acho que o modelo está saindo mais pro sensível, pra usar a palavra que tá na moda agora, mais orgânico. É, que vê as coisas que as mulheres gostam também, dividem mais os afazeres, não seja necessariamente o provedor. Acho que a divisão de quem provê a casa já tirou um pouco a carga que eu acho que já teve o provedor. Quando eu via meu pai, durante um bom tempo eu o via como um provedor. A escolha das profissões, quando eu escolhi a minha e durante um bom tempo depois, era em função de ganhar grana, não de ser feliz e não de se identificar com o que gosta. (...) O homem tinha que ser o provedor, acho que isso mudou muito, hoje eu vejo mulher provendo homem que não tem grana, mas que seja homem companheiro, essa coisa mais orgânica, mais completa.

Quanto às brincadeiras de criança e juventude, Afonso conta que aprontou bastante. Já fez bomba caseira, subia em árvores para deixar latinhas com água para cair em cima das pessoas que passassem em baixo, fazia guerras de mamonas, “sacaneava os outros na rua”, jogava pedrinhas – até ovos - nos pés dos transeuntes para treinar a pontaria, experiência semelhante a de *Zeca* (Duda Nagle), de *Caminho das Índias*, de quem falaremos no capítulo cinco.

O entrevistado conta ainda sobre a importância da moda na época, dos romances que foram impedidos, um por diferença de classe, outro por “raça” – a família alemã não admitia um brasileiro na família. Quem quiser ouvir, pode encontrar a entrevista na íntegra nos anexos do CD que acompanha esta tese.

Por fim, vale ressaltar que Afonso enfatizou a diversidade maior dos casais hoje em dia. Como vemos, na opinião de nosso informante, há uma demanda – que vem das mulheres - de homens mais companheiros, mais sensíveis. O modelo de *Beto* é antigo e está ultrapassado, embora tenha se intensificado o processo da experiência através do “corpo” (GIDDENS, 2002).

Ao acompanhar agora as manifestações que se dirigem a esse novo homem vamos perceber melhor quem é ele e quais são as práticas em voga atualmente.

Super Homem, a canção

(Gilberto Gil)

Um dia vivi a ilusão de que ser homem bastaria
Que o mundo masculino tudo me daria
Do que eu quisesses ter

Que nada, minha porção mulher que até então se resguardara
É a porção melhor que trago em mim agora
É o que me faz viver
Quem dera pudesse todo homem compreender, ó mãe, quem dera
Ser o verão no apogeu da primavera
E só por ela ser

Quem sabe o super-homem venha nos restituir a glória
Mudando como um deus o curso da história
Por causa da mulher

Masculino e Feminino

(Baby Consuelo, Didi Gomes e Pepeu Gomes)

Ôu! Ôu!

Ser um homem feminino
Não fere o meu lado masculino
Se Deus é menina e menino
Sou Masculino e Feminino...

Olhei tudo que aprendi
E um belo dia eu vi...
Que ser um homem feminino
Não fere o meu lado masculino
Se Deus é menina e menino
Sou Masculino e Feminino...

Olhei tudo que aprendi
E um belo dia eu vi

E vem de lá!
O meu sentimento de ser

Meu coração!
Mensageiro vem me dizer

Salve, salve a alegria
A pureza e a fantasia
Salve, salve a alegria
A pureza e a fantasia...

Olhei tudo que aprendi
E um belo dia eu vi
Uh! Uh! Uh! Uh...

Que ser um homem feminino
Não fere o meu lado masculino
Se Deus é menina e menino
Sou Masculino e Feminino...

Vou assim todo o tempo
Vivendo e aprendendo
Ôu!...

E vem de lá!
o meu sentimento de ser

Meu coração!
Mensageiro vem me dizer
Meu coração!

Devido ao conflito entre diferentes práticas sociais de masculinidade e o fato de que “o pilar da nossa [masculina] estrutura emocional, ou seja, a família patriarcal, está abalado há cerca de 20 anos” (GIKOVATE, 1989: 40) costuma-se falar de uma “crise da masculinidade”. Goldemberg, quando colecionou matérias de jornais e revistas ressaltou que “Um dos temas que mais tem atraído a atenção deste mercado [editorial] é a chamada “crise de identidade do homem brasileiro”, merecendo não só a publicação de inúmeros livros, como também matérias em jornais e revistas de grande circulação.” (2003: 169).

Segundo uma das matérias, os índices de delinquência crescem devido à ausência paterna crescente no país (segundo a pesquisa 48% dos internos da Febem tinham sido abandonados pelo pai). Entretanto, a ausência paterna parece ter se dado pela entrada da mulher no mercado de trabalho, que tirou a “a condição de provedor exclusivo da casa” e por isso, ou ele compensa trabalhando mais, ou se afasta da família, ou fica desempregado, o que gera estresse e depressão e por isso, mais uma vez, ausência. Então, tudo isso, no fim, parece ocorrer por causa da mulher:

O leitor de tal matéria rapidamente conclui que a culpa é das mulheres que trabalham, criando uma confusão no homem e na família e, portanto, incentivando a delinquência juvenil. Esta matéria repete, descaradamente, os mesmos argumentos dos que eram contra o voto feminino e o trabalho da mulher fora do lar há quase um século. O código civil brasileiro, de 1917, reservava à mulher casada um estatuto de total submissão à autoridade do marido, que lhe proibia ter conta bancária em seu próprio nome ou qualquer vínculo de emprego sem autorização do marido. O direito ao voto feminino, conquistado em 1932 no Brasil, teve opositores que diziam que “a única missão da mulher deveria consistir em ser o anjo tutelar da família” (Toscano e Goldengerg, 1992). (GOLDENBERG, 2003: 170)

A emancipação econômica da mulher permite que ela esteja em condições de igualdade para com os homens. Então ela se torna culpada da crise masculina. O novo homem pode não se importar com isso.

Nessas matérias, para ser um homem, os pré-requisitos são: ter autonomia, ser sexualmente ativo e ter autoridade e poder nos meios que circula, na família e no trabalho. Segundo título de matéria do jornal O Globo, “homens ficam inseguros diante de mulheres ativas” (idem: 172), a mulher que é “ativa sexualmente incomoda, causa insegurança e até medo. Significa, para os homens, que estão numa posição mais passiva e, assim, se sentem dominados, subjugados. Nunca vimos tantos casos de impotência (...)”.(idem: 172).

Segundo a autora, e conforme veremos com mais atenção na seção discurso oficial, existe um modelo tradicional da masculinidade que ainda tem muita força. Ela encontrou esse resultado não apenas nos textos de mídia, mas, sobretudo, nas entrevistas que realizou com cerca de 1300 homens e mulheres entre 20 a 50 anos. Dentre as reportagens, destaca uma outra do jornal O Globo, de 31-01-99: “O verão dos espadas”. A nova gíria, ainda que recuperada dos *playboys* elegantes da década de 50, quer discutir a idéia de masculinidade na década de 90. É uma volta a valorização da força, virilidade e o *status* num momento em que está bastante desgastada e ultrapassada a idéia do macho.

No fim da década de 90 e início de 00, chegaram a sair algumas matérias de mulheres elogiando a masculinidade *gay*, ou mesmo que se declaravam apaixonadas por *gays*. As características levantadas foram: sensibilidade, ausência de machismo, preocupação com a aparência, bons ouvintes e mais compreensivos, mais carinhosos e educados (até na hora do sexo), dançam bem, entre outras. A *Revista Uma* de janeiro de 2001 publicou a matéria: “será que ele é?”, segundo a qual os *gays* se encaixam da definição de príncipe encantado. Já a *IstoÉ* de 01.11.00, traz na capa a ambigüidade: “Novo homem X eterno machão: o durão está sendo desbancado por um tipo mais sensível e romântico. Mas o parceiro ideal talvez seja aquele que una os dois perfis” (idem: 176).

Seguindo os tipos masculinos a autora cita os seguintes modelos de masculinidade encontrados na mídia: homem-espada; homem-gay; homem-sensível; homem-feminino; homem-objeto (aquele não é levado a sério pelas mulheres que só querem desfrutar de sexo com ele); homem-valda (é aquele que todos desconfiam que é gay, mas é pegador, porque a valda é aquela pastilha que é arde e refresca ao mesmo tempo). Podemos incluir, aqui, o homem-pegador: aquele que conquista todas as mulheres que deseja, uma versão revisitada do garanhão ou Casanova.

Também podemos facilmente localizar na mídia os chamados homens: metrossexuais, retrossexuais, übersexuais.

O metrossexual, dentre esses tipos é o mais conhecido e mais mencionado, talvez por causa do famoso David Beckham, ex-jogador da seleção inglesa de futebol, identificado como tal. Segundo o jornalista inglês Mark Simpson que cunhou o termo, é o tipo vaidoso, que “se cuida”, preocupa-se muito com a aparência, às vezes é um pouco feminino, mas não é homossexual. Recentemente os homens entraram como consumi-

dores de linhas diversas de cosméticos e outros produtos fortemente identificados com o exercício da feminilidade. Podemos dizer, diferentemente do que se diz nos níveis inferiores da ideologia do cotidiano, que homens heterossexuais, atualmente, já podem fazer luzes nos cabelos, depilação, usar cosméticos, entre outras práticas, sem medo de serem rotulados de “maricas”.

Depilação a laser masculina,
“Promoções na Deep Laser” :

Depilação a Laser Masculina

Axila: **R\$ 75,00**

Barba: **R\$ 150,00**

1/2 Braço: **R\$ 140,00**

Braço Completo: **R\$ 180,00**

Glúteo: **R\$ 160,00**

Virilha Íntima: **R\$ 150,00**

1/2 Perna: **R\$ 160,00**

Perna Completa : **R\$ 300,00**

Costas Completa : **R\$ 300,00**

Tórax Completo : **R\$ 300,00**

Fazer as unhas da mão e do pé, aparar os pêlos e até submeter-se a depilações com cera estão entre as novas atividades masculinas. E, nessas horas, quanto mais discrição, melhor. Por isso, diversos institutos têm criado espaços exclusivos para eles. “O homem quer se sentir à vontade”, observa o francês Laurent Cocq, diretor do salão Franck Provost, em São Paulo, que tem uma área reservada para os clientes. Cocq também já notou os novos perfis masculinos. Segundo ele, o executivo pai de família não solicita tantos serviços e o metrossexual pode pedir até depilação total. O vendedor Paulo Cool Jr., 23 anos, já passou por experiência parecida. Uma vez utilizou um aparelho depilatório de uma amiga para deixar o peito livre de pêlos. Já no cotidiano, procura fazer a barba com cera, quando tem tempo. “Minha pele é sensível e encrava se uso lâmina”, diz. Cool reconhece que sua vaidade causa espanto. “Mas não ligo para isso. Eu me considero um novo homem. Entendo as sutilezas femininas. E estou bem com minha namorada.”

VANNUCHI, Camilo e CASTELLÓN, Lena. Quem é o novo homem? Istoé online, 20.09.2006. http://www.terra.com.br/istoe/comportamento/1926_quem_e_o_novo_homem.htm acesso em: 04.10.2006.

Castañeda menciona os “*looks varonis*”, ou seja, as novas imagens de virilidade da atualidade:

Surgiram outros requisitos para alcançar o *look* do êxito varonil, os quais se aproximaram dos ideais tradicionais da feminilidade: os homens de hoje devem ser magros, vestir roupas e acessórios de marca, usar acessórios de prestígio e ter um corte de cabelo da moda. (...) Além disso, sabemos que um número crescente de homens usa produtos cosméticos (cremes, xampus, produtos para tratamento capilar e tinturas de cabelo), que antes eram totalmente incompatíveis com a auto-imagem masculina. (CASTAÑEDA, 2006: 248)

A autora menciona ainda um distúrbio masculino equivalente à anorexia feminina, a dismorfia muscular, distúrbio psicológico no qual os homens passam a ter uma preocupação exagerada com o corpo, ansiando desenvolver músculos iguais a um levantador de pesos.

No campo da normalidade, verifica-se uma tendência feminilizante na moda masculina, com maior liberdade de cores – antes havia cores consideradas exclusivamente femininas –, modelos e combinações, inclusive inspiradas na moda *gay* dos anos 70. Alguns segmentos machistas reagiram por não querer parecer efeminado e surgiu, segundo Castañeda, o *look* hipermasculino: a barba por fazer, o cabelo curtíssimo, sapatos e acessórios atléticos, “para enfatizar uma forma de virilidade mais rude e mais ‘natural’.” (CASTAÑEDA, 2006: 247). Ironicamente, ela ressalta que os homossexuais também seguiram o mesmo *look* hipermasculino: o cabelo curto, a roupa de couro, o corpo musculoso.

Apareceu ainda uma versão *light* da virilidade, segundo ela, nas últimas décadas:

Graças a uma evolução cultural que valoriza a comunicação e um certo igualitarismo nas relações humanas. Observamos essa tendência principalmente em homens mais jovens, que expressam mais as emoções, são mais respeitosos e buscam uma intimidade maior nas relações pessoais. Quando se casam, tendem a participar muito mais das tarefas domésticas, sobretudo da criação dos filhos, e a priorizar a vida familiar. Ao menos aparentemente, são menos autoritários e demonstram tratar as mulheres de modo mais igualitário. (CASTAÑEDA, 2006: 248).

Esse homem pode ser ou não metrosssexual, mas com certeza é um tipo novo de masculinidade:

Esse novo tipo de masculinidade, (...) representa um enorme problema para os esquemas tradicionais do machismo. Trata-se de homens que cultivam o lado “feminino” de sua personalidade e desfrutam a companhia das mulheres, mas que não são homossexuais. Isso não significa, contudo,

que tenham renunciado às prerrogativas e ao poder que o simples fato de serem homens lhes garante. (CASTAÑEDA, 2006: 248).

O retrosssexual é justamente esse tipo de homem que se hipermasculinizou para reagir às tendências feminilizantes. Os retrosssexuais usarão o *look* hipermasculino e terão atividades específicas para expor e provar a sua virilidade. Quer a volta de suas mulheres para dentro do lar. Benício Del Toro e Russel Crowe parecem ser seus expoentes. Depois de serem identificados como o homem das cavernas da atualidade, o übersexual (über do alemão “super”) tenta conciliar virilidade com cuidado da aparência:

Aplaudidos em um primeiro momento, os retrosssexuais acabaram tachados de ogros e abriram caminho para o übersexual. Em alemão, über significa super. Como em um filme de ficção científica, o rótulo passou a identificar uma espécie ultra-evoluída, que usa gel e perfume – mas é incapaz de procurar um podólogo–, compreende as mulheres e as respeita – só que faz questão de tomar cerveja com os amigos, sem abandonar as discussões sobre esporte.³⁰

Entretanto, os homens parecem não se identificar com esses tipos:

Conduzida para descobrir se a maioria dos homens se identifica nos perfis metrosssexual e retrosssexual, a pesquisa da Leo Burnett descobriu que 60% não se reconhecem nesses tipos. “Ao se pautar por esses extremos, os veículos de comunicação e a propaganda não têm conseguido atingir o público masculino”, afirma Marlene Bregman, vice-presidente de negócios corporativos do grupo no Brasil. Para ela, as campanhas ridicularizam o homem ao apresentá-lo como vaidoso demais ou objeto dispensável. “É preciso remasculinizar o homem. Quando anunciamos um *spa*, por exemplo, temos de saber que eles não querem o mesmo que as mulheres. Elas desejam ser paparicadas e eles querem um *pit stop*”, conclui.³¹

É claro que a mídia o cinema e a publicidade tiveram (e ainda têm) seu quinhão de participação na maneira como os meninos constroem sua auto-imagem e projetam seus planos e estilo de vida. Entretanto, ao que parece, a publicidade, e quem sabe alguma parte das ficções, não está conseguindo representar a masculinidade de modo a atingir seu público alvo. A provável razão para isso é a mencionada transformação pela qual as masculinidades vêm atravessando. Se a publicidade trabalha com estereótipos,

³⁰ VANNUCHI, Camilo e CASTELLÓN, Lena. Quem é o novo homem? Istoé online, 20.09.2006. http://www.terra.com.br/istoe/1926/comportamento/1926_quem_e_o_novo_homem.htm acesso em: 04.10.2006.

³¹ VANNUCHI, Camilo e CASTELLÓN, Lena. *Op. cit.*

os que ela constrói ou empresta do passado não correspondem ao cotidiano vivido atualmente. Biddulph oferece o seguinte conselho ao seu leitor(a):

Certos tipos de propaganda e vídeos degradam homens e mulheres, tanto quanto a pornografia que explora (ao contrário do erotismo que respeita) e a prostituição. Tudo isso passa a idéia de que só estamos à procura de emoções baratas e que as mulheres não têm mais nada a oferecer. Não se deixe enganar. (...) As mulheres não excitam você. Você é que se excita com elas. Sabendo disto, você tem escolha. (BIDDULPH, 2003:53).

De fato, ao passar a ler as revistas masculinas começo a me questionar sobre a expressão comum nos níveis inferiores que propaga – ou prescreve? - que “os homens só pensam naquilo”. Provavelmente, um homem que não pensa tanto em sexo pode muito bem achar que há algo de errado consigo próprio.

Em Biddulph (2006: 75-77) encontramos, ainda, outros tipos de homens:

- O homem que queria ser rei: é o que chega em casa cansado após o trabalho e quer ser servido pela mulher e os filhos. A família tem de pisar em ovos para não incomodá-lo. Presente nas casas em que se diz muito “espera só até seu pai chegar em casa”.
- O pai crítico: é aquele que se importa com pequenos detalhes e age com críticas humilhantes, totalmente negativas, como “você não sabe fazer melhor que isso?”, “Você não faz nada direito mesmo”, “seu estúpido, olha o que você fez!”.
- O pai passivo: é o que delega todos os poderes e responsabilidades à mulher e aos filhos. O autor cita o personagem *Homer Simpson* para exemplificar o tipo: “incapaz de encarar as dificuldades, recolhia-se ao jornal, à televisão, ao álcool, ou ao banco do jardim. Os filhos cresceram com raiva dele pelo que ele não era.” (idem: 76).
- O pai ausente: estava constantemente fora de casa, sempre no trabalho, cuidando da carreira. Podia até dar tudo o que os filhos queriam e ser bastante gentil, mas de fato não participava do cotidiano da família.
- O homem *creep*: significa “pessoa repulsiva”, este tipo de homem tem dificuldades em sua vida sexual. Tem baixa-estima e dificuldade para manter

amizades. Assim a mulher se torna para ele um objeto a ser explorado. O prazer erótico se transforma em busca por poder e culpa.

- O homem escravizado: aquele que se perde nas expectativas que a sociedade e a família lhe impõem e passa a viver em função dos outros, esquecendo a própria individualidade. Seu símbolo é a gravata. Segundo o autor ela é a “argola do escravo”, ela significaria que “no ambiente profissional (...) eu estou disposto a agüentar esse desconforto” (idem: 108). Para ele, assim como as mulheres queimaram sutiãs, os homens deveriam queimar as gravatas.

Para estes homens o autor oferece, dentre outros, conselhos que são, na verdade, dicas de novas práticas, o grifo é meu:

- Afaste da sua mente os velhos modelos de pai:
 - O rei arrogante
 - O juiz
 - O passivo
 - O ausente
- Reconheça que o menino precisa do pai por perto, várias horas por dia. Faça coisas junto com seu filho.(...)
- Participe da gravidez (...)
- Caso se separe da mulher, não desapareça da vida dos filhos (...)

(Fonte: Biddulph, 2006: 97)

Segundo o autor, um dos grandes problemas da nossa sociedade atual é a ausência paterna. Mas o nó parece se ampliar ao invés de diminuir. A possibilidade de exercer novas práticas de masculinidade, incluídas aí as de paternidade, não significa que nestas últimas as mudanças sejam para melhor. Se por um lado os pais participam mais, por outro há também um maior número de filhos abandonados. No Brasil, o número de mães solteiras é crescente (35%) e corresponde a cerca de 1/3 das mães que não eram casadas nem viviam com companheiros, assim como aumenta o número

de famílias chefiadas por mulheres ³². No censo de 2006 também se verificou que as mulheres gastam em média 25,2 horas semanais com afazeres domésticos contra 9,2 horas dos homens.

A reportagem da *IstoÉ* menciona ainda dois outros tipos de homem: o *power-seeker* e o neopatriarca. Enquanto para o primeiro o poder e a carreira são as suas apostas para a felicidade, para o segundo nada melhor que se dedicar à vida familiar. Pablo Noel, 41 anos, pai de Ana, 3 anos, já recusou proposta de emprego no exterior para não ter que ficar longe da filha. Na reportagem, o psicanalista Sócrates Nolasco (UFRJ) diz acreditar que o “exercício da paternidade – [seja] um dos pilares de sustentação do perfil neopatriarca – o mais revolucionário elemento da nova masculinidade. Segundo ele, no Rio de Janeiro, um a cada cinco pedidos judiciais de guarda dos filhos é feito pelo pai, coisa impensável 15 anos atrás.” ³³.

O “homem alfa” seria um outro nome para o *power-seeker* :

(...) o “homem alfa”, um conceito proposto pela dupla americana Kate Luderman e Eddie Erlandson no livro *The alpha male syndrome* (A síndrome do homem alfa), que será lançado no próximo mês nos Estados Unidos. São indivíduos tão plenos de testosterona e vontade de subir na vida que marcam os lugares por onde passaram. “Eles costumam tratar os familiares como colegas de trabalho, sem dar a devida atenção à mulher e às crianças. São responsáveis pelas grandes chacoalhadas que acontecem no mundo do trabalho e representam 70% dos executivos sêniores”, declara Erlandson. Um exemplo desse gênero é Michael Dell, fundador e presidente da multinacional fabricante de computadores que leva o seu sobrenome e, segundo a revista *Forbes*, dono da quarta maior fortuna dos Estados Unidos e da 11ª do planeta. Dell navega sobre um patrimônio pessoal de R\$ 28 bilhões e se reconhece como um homem alfa. (VANNUCHI e CASTELLÓN: *IstoÉ* Online)

É interessante notar que, segundo Biddulph, o homem que consegue a “masculinidade” tem que passar por sete etapas: [1] acertar os ponteiros com o pai; [2] encontrar o que existe de sagrado na sexualidade; [3] relacionar-se de igual para igual com a parceira; [4] participar ativamente da vida das crianças; [5] aprender a ter verdadeiros

³² Ver: IBGE: http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=774 e <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/07032002mulher.shtm> Crescer: <http://revistacrescer.globo.com/Revista/Crescer/0,,EMI817-10520,00.html> site PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento) <http://www.pnud.org.br/cidadania/reportagens/index.php?id01=2473&lay=cid>

³³ VANNUCHI, Camilo e CASTELLÓN, Lena. Quem é o novo homem? *Istoé* online, 20.09.2006. http://www.terra.com.br/istoe/1926/comportamento/1926_quem_e_o_novo_homem.htm acesso em: 04.10.2006.

amigos do sexo masculino; [6] encontrar um trabalho que se possa pôr a alma; [7] libertar o espírito independente.

Não acreditamos ser preciso explicar cada um deles, então citamos um trecho que julgamos ser pertinente: “No casamento moderno, homens bonzinhos são chatos, e os grosseiros afastam as mulheres que têm amor próprio. O homem de hoje tem que saber comunicar seus sentimentos e perceber os da parceira.” (BIDDULPH, 2006: 21). Para esclarecer a sétima etapa, já que pelo título não é possível entendê-la: “A estabilidade interior não é vem de realizações ou conquistas. Você precisará de uma base espiritual para sua vida interior (...) à medida que você for envelhecendo, ela será a sua fonte de força e harmonia.” (idem: 22).

A revista *Men's Health*

Na revista *Men's Health* encontramos diversas declarações do que é ser um novo homem e como se faz para ser este novo homem. Durante todo o período d' *A Favorita* acompanhamos as revistas masculinas nas bancas de revista. Esta é a única se coloca, sempre, para um novo homem. Na impossibilidade de incluir neste *corpus* todas as edições, escolhemos uma que julgamos ser mais representativa, a de junho de 2008.

A *Men's Health* é uma revista internacional, publicada em mais de 40 países. No Brasil é levada às bancas de jornais pela Editora Abril desde abril de 2006. Seu público alvo é o masculino que tem entre cerca de 18 a 34 anos. Os aproximados 18 milhões de leitores que tem no mundo a coloca na posição de ser “a maior revista masculina do mundo”. Segundo sua própria definição, ela é “o instrumento fundamental para o homem que busca qualidade de vida e equilíbrio entre trabalho e vida pessoal. *Men's Health* é uma revista de estilo de vida, que trata de forma prática e objetiva dos temas para o bem estar do homem moderno como: saúde, fitness, nutrição, relacionamento, sexo, estilo e carreira”³⁴.

Ela nos interessa sobretudo porque é uma revista de comportamento. E, já que ela prescreve, ela também qualifica e julga as práticas que ela recomenda ou as que ela critica. Ela é publicada de modo a propor uma revista masculina diferente das que o mercado oferece, ela não exhibe o nu feminino na capa como estratégia de venda. Ela também não apresenta o ensaio que não estaria prometido na capa. E se dirige diretamente ao “novo homem”. Seus editoriais estão sempre dialogando com as práticas de masculinidade de modo a tentar convencer seu leitor a adotar novos hábitos, como o

³⁴ Ver: <http://www.assineabril.com.br/assinar/revista-mens-health/> capturado em 20.10.2008.

de usar cremes, depilar-se, cuidar melhor da saúde, entre outros ensinamentos, dicas, receitas de cozinha, tudo para que o seu leitor possa ser um homem cada vez melhor.

Resolvemos investigar a revista e talvez escolhê-la para nossas investigações em outubro de 2007, após ler o editorial “Vaidade é coisa séria”, cujo olho informa: “o homem brasileiro está numa nova era”.

Segundo o texto: “O sucesso das Men’s Health, uma revista inteligente, que deixa o machismo para quem não está bem seguro de sua masculinidade, é a prova de que o homem brasileiro está numa nova era. Mais leve, mais focado em si, mais ambicioso e menos brucutu.”

Podemos “traduzir” a última frase. Na era anterior à ‘nova era’ o homem era, segundo se pressupõe da última frase, um pouco pesado, menos focado em si, um pouco acomodado (pouco ambicioso) e com comportamento mais próximo ao de um homem das cavernas. O texto quer argumentar em favor do uso de cremes e filtros solares. Ser comparado a homem das cavernas de certo é uma boa tentativa de manipular o interlocutor através da provocação, como quem diz: “se você não usa cremes está ultrapassado” e provavelmente o enunciador acredita que muitos se importam de tornar isso evidente. O final reitera esse pensamento: “vai pegar essa onda ou tomar um caldo da história?” Fazendo referência a outro argumento utilizado, o argumento de autoridade construído a partir da imagem do surfista que, segundo consta na ideologia do cotidiano, é o tipo de homem que as mulheres desejam.

Mas não é uma manipulação com intenção única exclusiva de abrir novos mercados de consumo e criar necessidades e novos nichos de consumidores, é também um convite à reflexão: por que existe uma resistência contra um hábito que protege e traz benefícios? De qualquer modo esse é o argumento (o da saúde) mais escondido, é o que vem a mais, é o brinde. O conectivo ‘sem contar’ é o que evidencia a vantagem a mais: “Sem contar que (...) você dá uma rasteira no câncer de pele, na acne”.

E usar cremes é legal porque revela o quanto o novo hábito é sinal de inteligência, qualidade típica masculina: “É claro que nós, homens, não entramos nessa por acaso”. Sim, evidente, nós inteligentes, não entramos na onda por acaso, mas por inteligência. As vírgulas que abraçam a palavra homem cedem uma *entonação* que expressa orgulho, contentamento. O interlocutor facilmente completa o sentido do enunciado.

O que está associado com o ficar ultrapassado é o machismo. Para oferecer uma referência sobre que tipo de machismo está se falando e para explicar a resistência ao uso de cremes, o editor escreve: “No Brasil, país historicamente receptivo a novidades, as mudanças comportamentais sempre se instalam rapidinho. Antes batiam no nosso machismo latino e levavam um tempão para se popularizar. Foram anos até que os cremes dos rostos dos surfistas ganhassem as bochechas torradas dos nossos tios”. Então a mudança já se iniciou na geração anterior (do tio), e quem ainda não aderiu ao novo hábito é mesmo um antiquado.

Em suma, o homem brasileiro não seria mais um brucutu porque usa cremes e não têm uma reação típica do homem latino machista dizendo: “passar creme é coisa de mulher”. O homem da nova era se cuida e a vaidade não é excentricidade tipicamente feminina, é “coisa séria”.

Foi depois de analisar o texto acima que identificamos a revista como referência para o comportamento de um novo homem. Inclusive a mulher vai receber uma nova imagem no mundo masculino. Ela não é mais aquele objeto inventado para dar prazer ao homem, que podia dispor dela como bem (ou mal) o desejasse. Por estas propostas que a revista explicita é que resolvemos incluí-la em nossa pesquisa do *ambiente social*.

A revista veicula 3 seções fixas que nos interessam para coletar os depoimentos em primeira pessoa. Nos anexos em CD, o leitor pode conferi-las:

1. “Gil, o garçom” que apresenta e responde às dúvidas e dilemas do homem na atualidade (“tire suas dúvidas sobre mulheres, empregos e outras coisas que dão trabalho”);
2. “Pergunte à vizinha”, mulher que responde o que os homens querem saber sobre as mulheres (“a verdade nua e crua sobre as mulheres, por nossa adorável colega”);
3. “Entrevistas”, quando a revista fala sobre um homem que considera exemplo, digamos que são os homens com H da Men’s Health.

Para além da revista, seus anunciantes também nos mostram signos de masculinidade. São propagandas, muita vezes com imagens picantes e outras tantas com imagens clichês, que vendem carros, perfumes, relógios, roupas, barbeadores, artigos esportivos, preservativos, aparelhos eletrônicos e até outras revistas masculinas como a Playboy e a Vip.

Carta do Editor

Por Airton Seligman

REVISÃO RÁPIDA

5 situações para você conhecer a si próprio



UM RELACIONAMENTO RECORRENTE

Frustrações repetidas podem indicar necessidade de ajuda. **PÁG. 40**



UMA NOITE DE SEXO

Se você vai "longe" para ter uma tarde, seu corpo e sua cabeça estão legais. **PÁG. 91**



UMA REUNIÃO DE TRABALHO

Ouvir os colegas pode ensinar muito e evita que você sabote a própria carreira. **PÁG. 106**



UMA FALTA À ACADÊMIA

Se ao pular um treino você entra em depressão, pode estar viciado na malhação. **PÁG. 116**



UMA TARDE LIVRE

Pense como as crianças: diversão é tão importante quanto a obrigação. É ponto final. **PÁG. 124**

Vaidade é coisa séria

QUANDO EU ERA GAROTO, PASSAVA HORAS TOSTANDO NO SOL SEM A MENOR PROTEÇÃO. Poucos anos depois, na mesma praia, via muita gente com cremes brancos nas bochechas e no nariz, andando numa boia, como se caminhar na areia no domingão de manhã com cara de animador de festa infantil fosse a coisa mais normal do mundo. A maioria era surfista. O verão brasileiro, por suas características liberais e senegalesas, talvez seja a força que mais empurra o homem daqui a cuidar de si. Pelo menos itens como protetor solar e hidratante já têm lugar cativo na mochila de qualquer cara que vá à praia. No entanto, os mais vaidosos e os mais atentos em saúde, como aqueles surfistas dos anos 80, já não se restringem em passar cremes mais elaborados. É para esses que a indústria vem desenvolvendo centenas de produtos para cuidados pessoais, gastando milhões em pesquisa e abrindo um mercado que até há pouco era só para mulheres.

Claro que nós, homens, não entramos nessa por acaso. A globalização trouxe mais competição e as empresas sentiram necessidade de buscar novos caminhos. Tá, viva a globalização. Surfe essa onda, brother. Como mostram as pesquisas, investir na vaidade dá retorno garantido. Com uma aparência legal, você vence mais rápido no mar revolto do mundo corporativo e conquista mais mulheres. Sem contar que, ao passar um creme bacana, um gel especial ou um simples protetor, você dá uma rasteira no câncer de pele, na acne etc.



No Brasil, país historicamente receptivo a novidades, as mudanças comportamentais geralmente se instalam rapidinho. Artes, batiam no nosso machismo latino e levavam um tempo para se popularizar. Foram anos até que os cremes dos rostos dos surfistas ganhassem as bochechas tostadas dos nossos tios. Hoje, a coisa mudou. O sucesso da *Men's Health*, uma revista inteligente, que deixa o machismo para quem não está bem seguro de sua masculinidade, é a prova de que o homem brasileiro está numa nova era. Mais leve, mais focado em si, mais ambicioso e menos bruto. É por isso que estamos publicando o primeiro grande especial da

O HOMEM BRASILEIRO ESTÁ NUMA NOVA ERA

imprensa brasileira sobre trato na aparência para homens. Vá até a página 122 e curta nosso Especial *Cuidados Pessoais*, com duas dezenas de páginas de informações e produtos sobre barba, cabelo, pele e perfumes. Vaidade para nós é uma coisa séria. A ponto de a gente advertir sobre o exagero (veja matéria sobre vigorexia na pág. 108). Para nós, vaidade na medida certa não é pecado nenhum: ela derriba o envelhecimento precoce e abre caminho para uma vida com qualidade e sucesso. Vai pegar essa onda ou tornar um caldo da história?

AS

6 CAMINHOS LEGAIS PARA REFLETIR SOBRE A APARÊNCIA

"Dizer que a beleza não passa de camada superficial de pele é um nome que cansa. Quem quer um adorável pláncrasa?" **JAN KIRBY**

"Os homens se diferenciam pelo que mostram, e se parecem pelo que escondem." **PAUL VALÉRY**

"A mente começa no corpo." **PAULO LEMOSFILHO**

"Os anos deixam rugas na pele, mas a falta de entusiasmo deixa rugas na alma." **MICHAEL LYMBERG**

"Roupa e boas maneiras não fazem o homem, mas, quando ele está feito, muito melhoram sua aparência." **ARTHUR KIRBY**

"Depois do rosto, as mãos são as partes do corpo humano que mais obviamente expressam a emoção." **HENRY MOORE**

Um programa de ficção da TV a cabo Fox, o *The Office*, anuncia com frases direcionadas aos leitores como "todo homem tem o direito de fazer piadinhas no escritório".

Da edição escolhida de *MH* apresentamos a capa; o editorial, a coluna Gil o garçom; a coluna pergunte à vizinha; duas propagandas com imagens clichês – uma

de perfume, a outra de roupas -; na seção relacionamento a matéria que explica o comentário da capa “livre-se disso: namorada mala” com o título “a fila anda”; assim como o “livre-se disso: pêlos em excesso” em “o planeta dos macacos”; e por fim “de vento em popa” que explica aos homens o que lhes acontece em cada faixa etária de sua vida. Ver figuras e anexos.

Não faremos uma análise minuciosa dos textos; nossa proposta é retirar alguns signos, expressões e imagens recorrentes conforme estivemos fazendo até agora para as representações de masculinidade do senso comum. Então vamos aos textos.

O editorial “Conserte seu amigo mala”, sugere, no olho, para o leitor: “faça ele abrir a *MH* e malhar o cérebro. O resto vem na boa”. O editor revela:

Tenho um amigo que sempre me provoca quando falamos da *Men's Health*. Bem, o cara é um mala. Quando lançamos a revista, há dois anos [2007], ‘o problema’ dele era a capa. Hoje, já se acostumou à imagem de homens em vez de mulheres. “Tá legal, não tirou pedaço”, diz. Depois foi o destaque dado aos treinos de condicionamento físico. (...) Mais tarde encanou com nossas dicas de higiene e beleza – “Peraí, meu, chapa passar creminho é demais!”.

Já ouvi mesmo de alguns amigos frases do tipo “mas a *MH* é revista de homossexual”.

É interessante notar que ela também é lida por homossexuais. Há inclusive algumas comunidades formadas no Orkut (uma rede social da internet) a partir das matérias das revistas: são os leitores comentando os temas de pauta. Segundo RAMOS (2009:1), até março de 2009 eram 20, sendo que a maior já contava com 18.934 membros. Em sua apresentação, a revista explica: “A Revista do homem que se cuida e da mulher que cuida do seu homem. Mude seu corpo. Mude sua vida. Espaço dedicado aos leitores da edição brasileira da *Men's Health*. Dúvidas, comentários, opiniões e críticas serão bem vindas!”³⁵.

Ramos, ao estudar “a construção de uma imagem de si entre os leitores da revista”, fala das tensões em torno da oposição heterossexual/homossexual na autodefinição desses leitores. Segundo ele:

Nesse sentido, é particularmente interessante observar o modo como parcela dos membros das comunidades de leitores lidam com o fato de que, apesar de ser uma publicação dirigida explicitamente para um público heterossexual, a *Men's Health* conta em seu público leitor com um

³⁵ Segundo a fonte do autor: <http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=40461595> acessado em 10/01/2009.

Carta do Editor
Por Airton Seligman

REVISÃO RÁPIDA

5 táticas para você curtir o inverno sem tremer na base



INVISTA NUM EDREDOM
Torne sua cama aconchegante e leve a consigo levar a garota para lá mais rápido. **PÁG. 66**



INOVE NA HAPPY HOUR
Peça um caldinho de feijão. Você garante mais tempo no bar e menos ressaca. **PÁG. 63**



MALHE NA HORA CERTA
Evite os exercícios das 10h às 15h. Dessa forma, você rende mais e se cansa menos. **PÁG. 93**



NÃO DEIXE A ASMA ATACAR
Estenda uma toalha molhada no quarto e previna-se contra problemas respiratórios. **PÁG. 99**



SE ESQUENTE COM ESTILO
As novas jaquetas COM CAPUZ de moleton protegem e marcam sua presença. **PÁG. 123**

Conserte seu amigo mala



TENHO UM AMIGO QUE SEMPRE PROVOCA QUANDO FALAMOS DA MEN'S HEALTH. Bem, o cara é um mala. Quando lançamos a revista, há dois anos, "o problema" dele era a capa. Hoje, já se acostumou à imagem de homens em vez de mulheres. "Tá legal, não tirou pedaço", diz. Depois foi o destaque dado aos treinos de condicionamento físico. Para ele, havia "coisa mais importante a fazer nas horas vagas", como ir ao cinema, ler um livro... "Prefiro malhar o cérebro", dizia. Mais tarde, encanou com nossas dicas de higiene e beleza - "Peraí, meu chapa, passar creme é demais!". Meu amigo é um mala, mas amigos a gente tem de agüentar. E fazer tudo para ajudá-los.

O interessante é que ele nunca deixou de ler *Men's Health*. Talvez por que todos nossos brothers comens assinaram a revista logo de cara. Hoje, de próprio assiante, 20 quilos mais magro e com a acne sob controle, me sacudia de outra forma: "Fala sério, vocês realmente acreditam que aquele treino funciona?". E usa a mesma pergunta para pôr em xeque nossas dicas de sexo, as lições de nutrição, e até, quem diria, a eficiência dos "creminhos".

Cito meu chapa para comentar como a *Men's Health* tem mudado a vida de muito sujeito. Temos recebido centenas de e-mails (e publicado alguns) contando como nossas dicas de bem-estar têm levado os leitores a viver melhor.

FAÇA ELE ABRIR A MH E MALHAR O CÉREBRO. O RESTO VEM NA BOA

A trajetória do meu amigo - da rejeição à aceitação da revista, e da aceitação ao envolvimento total - não é diferente da de muita gente que se tornou nosso leitor fiel. O fato de ele ter apontado as baterias de sua chatice contra a excelência de nosso conteúdo é ótimo. É isso que a gente quer dele. E de você, dos seus amigos, de seu pai... Teste nossas dicas e cheque os resultados. Estamos preparados para dar a melhor informação sobre o universo masculino que você pode ter.

Temos 25 especialistas do mais alto nível no nosso conselho consultivo (pág. 12) - médicos, psicanalistas, nutricionistas e muitos outros -, que nos ajudam a embasar a informação que você lê e usa. Temos cinco colonistas de fitness, nutrição, beleza e tecnologia que estão entre os melhores do Brasil. Contamos com o maior banco de dados sobre saúde masculina do planeta (os arquivos da Editora Rodale, nos EUA, e da nossa Editora Abril). Consultamos centenas de centros de pesquisa e universidades no Brasil e no mundo para trazer as últimas novidades para seu bem-estar. Então, meu caro, se você tiver um amigo reacionário, resistente a novidades, como o meu, faça-o realmente abrir a revista e malhar o cérebro. Antes de ele encher o seu saco, cobre logo a aplicação de nossas dicas e peça para comentar os resultados. A gente garante que ele vai virar um cara legal.

AS

5 FORMAS LEGAIS DE ENCARAR O DIA DOS NAMORADOS

<p>Não chore por alguém que deixou você. O próximo pode se apaixonar pelo seu sorriso. MIKE WEST</p>	<p>O tipo de relacionamento mais fácil para mim é aquele com 10 mil pessoas. O mais difícil é com uma. JOAN BAIZ</p>
<p>Você não se sente solitário se gosta da pessoa com quem está a sós. WAYNE W. DYER</p>	<p>Quando eu namoro um cara, penso: "Ele é o homem com quem eu quero que meus filhos passem os fins de semana?" RETA RUDNER</p>
<p>Para dizer "eu amo você", você primeiro precisa aprender a dizer "eu". ALYN SAND</p>	

MEN'S HEALTH / JUNHO 2008 / menshealth.com.br

grande contingente de homossexuais. E mais do que isso, com o fato de que a escolha pela exposição na capa e nas páginas centrais de corpos masculinos *trabalhados* pela ginástica e pela alimentação constitui a revista com um objeto portador do *perigo* simbólico da homossexualidade que ameaça a performance da masculinidade heterossexual. (idem:2)

Apesar da pluralidade existente do modo de viver a masculinidade, um mesmo interesse reúne homens tão diferentes: um certo estilo de masculinidade, na qual a imagem de si é principalmente construída através do corpo.

Interessante notar como se aproximaram realmente em certas práticas os modos de ser heterossexuais e homossexuais, conforme comentamos anteriormente. Mesmo assim, como é próprio da ideologia do cotidiano os homens se provocam uns aos outros colocando em dúvida a sua masculinidade. O próprio editor confessa ter sido alvo desse tipo de brincadeira. Para rebater, a revista apela mais uma vez para o argumento da inteligência (“abrir a *MH* e malhar o cérebro”), e, agora, além de criticar os modos antiquados, chama o homem resistente a mudanças de “chato”, além de ultrapassado. Depois de desfilarem a “competência” da revista – cinco consultores de *fitness*, nutricionistas, psicanalistas, médicos, banco de dados – e provar que estão preparados para “dar a melhor informação sobre o universo masculino”, lança um último argumento para convencer o seu leitor:

Consultamos centenas de centros de pesquisa e universidades no Brasil e no mundo para trazer as últimas novidades para seu bem-estar. Então, meu caro, se você tiver um amigo reacionário, resistente a novidades, como o meu, faça-o realmente abrir a revista e malhar o cérebro. Antes dele encher o seu saco cobre logo a aplicação de nossas dicas e peça para comentar os resultados. A gente garante que ele vai virar um cara legal.

O amigo crítico do editor, apesar das críticas, é assinante e lê todo mês as revistas; depois disso resolvera seus problemas com acnes e emagrecera 20 quilos. Como podemos ver, a revista está mais uma vez dialogando com os homens de modo a convencê-los a mudar de hábitos, a entrar numa nova era. Quando diz livre-se dos pêlos em excesso, está convocando os homens a deixar de ver a quantidade de pêlos do corpo como um sinal de virilidade.

Outra reportagem dessa edição, “A fila anda” aconselha: “Não empurre o fim com a barriga, saiba como dar um pé na bunda com classe e dignidade. Você pode...”

Para tanto, há algumas atitudes que o homem não deve tomar. “Não Faça”: dar desculpas esfarrapadas (cada dia a desculpa de um outro compromisso só para não encontrá-la); incorporar o cafajeste (deixar pistas de uma traição, por exemplo, para provocar briga e fim de caso), dar a derradeira (terminar depois de uma boa transa),

tomar chá de sumiço (não ligar e não responder aos recados), dizer “não é você, sou eu” (é muito chavão); dizer “você não me entende”; pedir um tempo ou ficar chato.

Ao todo são nove maneiras comumente usadas para ele dar a entender que quer o fim do relacionamento. A expressão ‘não faça’ nos permite pressupor que estas atitudes sejam práticas usuais. Ao que parece, os homens teriam certa dificuldade em pôr um ponto final em suas histórias de amor e em consequência disso espalhariam pistas para suas parceiras que acabam confusas e sofrem com essas atitudes. As mulheres têm a sensação de estar sendo “enroladas”.

Nos pressupostos de “dar a derradeira”, há descrições do modo de ser feminino: “Vocês homens, conseguem separar, sim, uma coisa da outra. As mulheres romantizam tudo. Para elas se há tesão há amor, então é crueldade querer guardar de lembrança a última transa. Exatamente o que ela vai querer esquecer”.

“Cinco anos de namoro, ele some por uma semana e quando aparece me pede um tempo. Não aceitei e terminei. E descobri que ele já estava com outra. Ele poderia ter simplesmente ter dito que não queria mais.”

Carla Colmanetti (administradora de empresas)

Fonte: Men’s Health, junho 2008, p.87.

O artigo é escrito por uma mulher e por ter sido publicado nessa revista nos mostra que o leitor ideal – homem ideal – é aquele que faz “a coisa certa”, como: ser sincero, diplomático (contrário de grosseiro e rude), terminar cara a cara, sabendo escolher o momento certo.

Nas páginas 86 e 87 da revista, estão imagens de uma mulher enfurecida. Na primeira, um bonequinho de “vodu”. Alfinetes com ponta de pérola, tem também broche e estrela de cinco pontas. Uma foto rasgada em duas metades: uma pra ela outra pra ele. Legenda: “não pise na bola: nada pior que uma mulher com raiva”.

O bonequinho de vodu é uma imagem amplamente difundida e carrega diversos sentidos e associações. África, caribe, macumba, magia negra. É das mais banalizadas e ridicularizadas. Hoje usada principalmente para contextos e gêneros de humor. O vodu também foi muito usado pelos filmes de Hollywood.



MH | RELACIONAMENTO

A fila anda

Não empurre o fim com a barriga, saiba dar um pé na bunda com classe e dignidade. Você pode...

Por Mariliz Pereira Jorge

"Qualquer coisa que uma mulher faça que não seja sumir, não vale", me disse o advogado André Galvão. "É um saco ter que dizer que não dá mais. Nem sempre elas aceitam sua decisão. Então, prefiro ir me afastando e ver se ela desencana, se me esquece." Sim, nós sabemos que vocês preferem que a gente caia no buraco do metrô ou que seja abduzida por um ET. Mas se vocês conseguem dar conta de ir à luta e usar todos os controles remotos, sem ler os manuais, não deveria ser tão difícil dizer com todas as letras: deus! Dá trabalho? Claro! Talvez você tenha que se esforçar mais para mandá-la passear do que quando queria levá-la para a cama. E ainda tenha que agüentar todos os chororôs, as chantagens e ficar com a pecha de filho-da-p... "Os homens têm dificuldade de terminar

84 MEN'S HEALTH | JUNHO 2007 | www.mh.com.br



qualquer relacionamento porque têm a intuitiva certeza de que vão ser considerados uns filhos de mães de passado duvidoso. E temem isso. E têm razão. Nunca vi uma mulher que dissesse "Ele teve todos os motivos para romper", diz o psicanalista Francisco Daudt, autor de *O Amor Companheiro* (Ed. Sextante, 160 págs.).

A dura realidade é que ninguém que toma um pé na bunda vai admitir que o outro

tinha razões para fazer isso. Mesmo que sua garota o tenha traído ou que vivesse em TPM 365 dias por ano, ela não vai ficar feliz se você cair fora. Então, meu caro, com ou sem motivos claros, se você não está feliz, dê um basta a essa situação sem ficar enrolando.

"É inconsciente, mas acontece. Para o homem interessa ter um relacionamento sem compromisso. Tudo o que

tem a perder é um monte de espermatozóides", analisa o psicólogo Ailton Amélio da Silva, autor do livro *Para Viver Um Grande Amor* (Ed. Gente, 168 págs.). Por isso ele topa ficar com uma mulher que no fundo não namoraria nem casaria. E ele sabe disso o tempo todo. Levar de qualquer jeito é mais cômodo do que terminar. "Você talvez ouça que não é pelo fato de ter se separado, mas pela

forma como se separou. Não se iluda. O problema dela é com o fato. Não há boa saída, pode desistir. Só existe saída, e ponto", diz Daudt. Então se quer diminuir as chances de ser mal-classificado, tente fazer a coisa de forma simples. Não suma e não invente desculpas. Vá direto ao ponto. E anote aí: além dos espermatozóides, você está perdendo tempo e a possibilidade de encontrar alguém para ser feliz. >>



NÃO FAÇA

SEM MEIAS-PALAVRAS OU ESTRATÉGIAS FURADAS. SE CHEGOU À CONCLUSÃO DE QUE ELA NÃO É A GAROTA QUE VOCÊ QUER, VÁ DIRETO AO PONTO. VEJA O QUE NÃO FAZER PARA SEU BEM – E PARA O DELA TAMBÉM

DAR DESCULPAS ESFARRAPADAS

Na segunda, você inventa uma happy com os caras do trabalho; na terça, jantar na casa de sua mãe (sem convidá-la); na quarta, vai assistir ao futebol com os amigos; na quinta, reunião da turma do colégio; na sexta, vai dormir cedo para acordar cedo no sábado... Para ir jogar tênis no clube, antes da feijoada à tarde com os amigos... Aqueles com quem você assistiu ao futebol na quarta. Não, ela não é trouxa e já deve ter se tocado. Mas, se ela não é trouxa, por que você precisa bancar o idiota e não diz que essa história já era?

INCORPORAR O CAFAJESTE

Trair e deixar pistas da escorregada de propósito para provocar briga e o fim do namoro é golpe baixo. Mesmo que você não esteja mais se importando em esconder que ela não é mais titular, fazer a substituição sem ter dado o cartão vermelho é coisa de perna-de-pau. E, na boa, ela pode nem mesmo se importar e também estar jogando num campo adversário. Sinal dos

tempos. "Socialmente sempre foi mais aceito que os homens tivessem outras relações. Hoje a mulher perdoo não só por isso, mas porque tem tantas relações extraconjugais quanto os homens", diz a psicanalista e sexóloga Regina Navarro Lins, autora de *A Cama no Varanda* (Ed. Best Seller, 434 págs.). Ou seja, mesmo que você não queira, ela pode continuar se considerando sua namorada.

DAR A DERRADEIRA

Se você já resolveu que não quer mais, nem pense em terminar na cama, no sofá ou na bancada do banheiro. Nada pior do que levar o cartão vermelho depois de ter marcado um golão. Se o sexo continua bom, ela vai achar que o relacionamento também. Vocês, homens, conseguem separar, sim, uma coisa da outra. As mulheres romantizam tudo. Para elas, se há tensão, há amor. Então, é crueldade querer guardar de lembrança a última transa. Exatamente o que ela vai querer esquecer.

NAUFRAGAR EM COMPROMISSOS

Afundar no trabalho não é um jeito muito eficaz de tentar dizer que as coisas não vão bem. Assim como você, a sua garota pode também ter uma vida cheia de compromissos e não vai captar a mensagem de que você prefere fazer hora extra a estar com ela. E não é justo deixar a coitada de castigo no sofá no fim de semana lhe fazendo companhia porque você está esgotado, estressado e mal-humorado – pela própria falta de atitude. Não perca seu precioso tempo nem o dela.

TOMAR CHÁ DE SURIÇO

Ligar menos, não responder os e-mails, ignorar o chamado no MSN, sumir nos finais de semana, não atender o celular... Você pode até querer que ela entenda o recado – com o perdão da brincadeira – de que você não está mais nem aí, literalmente. Mas, se quer mesmo terminar, não haja como um moleque. É uma estratégia para ver quanto o elástico estica sem apertar a garganta dele.

DIZER: "NÃO É VOCE, SOU EU"

Esse papo de que "você é linda, inteligente, perfeita, o problema sou eu" é conversa para boi dormir. Na boa, se você está mal no trabalho, a grama está curta e o time está perdendo, por que mesmo vai querer também dispensar essa garota? Sim, você pode elogiar, mas assuma que, apesar de ela ser tão fantástica – sim, nós já sabemos que você não se importa mais –, você não quer mais continuar essa história. "É um chavão insuportável que não vai resolver absolutamente nada", diz o psicanalista Francisco Daudt. "Pior, é um jeito de assumir sua condição de filho-da-p., antecipadamente."

DIZER: "VOCÊ NÃO ME ENTENDE"

Bem, agora a culpada é ela? Você faz tudo virar um drama, que vira uma discussão, que pode acabar com ela se enchendo... Bingo! Pode ser exatamente o seu objetivo. Mas você acha mesmo justo fazer com que ela se sinta culpada por uma coisa que você já sabe que não quer mais? Tenha coragem e tome atitude.

“ Cinco anos de namoro, ele some por uma semana e quando aparece me pede um tempo. Não aceitei e terminei. E descobri que já estava com outra. Ele poderia simplesmente ter dito que não queria mais. ”

CARLA COLMANETTI,
administradora de empresas



PEDIR UM TEMPO

Se quer mandar o recado de que o gato subiu no telhado, esqueça. As mulheres, principalmente em se tratando de amor, só entendem e enxergam o que querem. E, se não tem certeza se quer terminar, converse e tente salvar a relação. Mas, se está usando isso como estratégia para ver se ela se manca e toma uma atitude, pode esperar sentado. “É um eufemismo para dizer que não quer mais. Mas tudo que é ambíguo não funciona. A mulher fica em dúvida e analisa cada palavra, cada gesto e interpreta como quer”, diz Amélio.

FICAR CHATO

Reclama que os amigos dela são infantis, que a minissaia está indecente, que a mãe dela é uma intrometida, que ela está com celulite, fala (bem) da ex-namorada, fica horas jogando videogame... Bem, VOCÊ merece um pé na bunda. Mas, cá entre nós, não é mais fácil apenas dizer “não quero mais”?

FAÇA A COISA CERTA

ESCOLHA A HORA E AS PALAVRAS CERTAS, MAS NÃO ESPERE NEM MAIS UM DIA PARA TERMINAR ESSE RELACIONAMENTO

SEJA SINCERO...

Diga: “Não quero mais” ou “Não está dando certo” ou “O amor acabou”. Não ponha a culpa no trabalho, na fome mundial ou no time que foi parar na série B. Qualquer coisa que você diga que não tenha a ver exclusivamente com seus sentimentos e planos em relação a ela vai deixar margem para que a garota pense que é uma fase e que vai passar. Sim, passou: passou o amor. Seja simples e direto. “O que quer que você diga, não é o que ela quer ouvir. Então, economize”, diz Francisco Daudt.

...E DIPLOMÁTICO

Não precisa agir como um ogro. O amor acabou, mas vocês já se divertiram um bocadinho juntos. A não ser que ela tenha pisado feio na bola - transou com seu melhor amigo, por exemplo -, seja carinhoso nessa última conversa. Diga o quanto foi bom enquanto vocês estavam juntos e que infelizmente as coisas já não são mais como no início. Não precisa dizer “eu nunca te amei” ou “não

sinto mais tesão”. “Seja eficaz, sem causar danos desnecessários”, aconselha Ailton Amélio.

TENHA CERTEZA DO QUE QUER

O relacionamento esfriou, caiu na mesmice, o tesão diminuiu? Bem, acontece nas melhores famílias. Mas o quanto isso é culpa dela e qual a sua parcela em não fazer nada para chacoalhar essa história? “O problema é que os casais deixam a coisa chegar ao ponto extremo de não se suportarem mais, quando já não dá mais tempo de reformular a relação. Ninguém é obrigado a ir ao cinema todo sábado. Muitas vezes não há nada de errado com a pessoa, mas com o relacionamento, e aí não adianta mudar de parceiro”, diz a psicanalista e sexóloga Regina Navarro Lins.

TERMINE CARA A CARA

Mesmo que vocês tenham se conhecido virtualmente, é o cúmulo da covardia terminar por telefone, e-mail, SMS ou

MSN. Encare o problema - no caso a ainda namorada. Não interessa se a garota mora no mesmo bairro, do outro lado da cidade, do outro lado do país ou do outro lado do mundo. Sim, dá trabalho!

ESCOLHA O MOMENTO CERTO

Quase sempre o homem empurra tanto o final com a amiga que a bomba acaba explodindo perto de ocasiões especiais, quando é natural que haja uma maior aproximação. Se a relação vai mal, é nessa hora que fica evidente o descompasso. “Vai além das forças de qualquer um fazer de conta que está tudo bem”, diz Ailton Amélio. Então não vale colocar o ponto final no aniversário, no Dia dos Namorados, Natal, Ano-Novo... Uma relação não termina de uma hora para outra. Se quer terminar, fique de olho no calendário. “Perto de datas como essas fica difícil dissimular, ser romântico, comprar presente. E deixar para depois é ainda mais desonesto”, diz o especialista Ailton Amélio. >>

Rosas e margaridas não vão aliviar o drama dela...





Uma hora passa...

“Prefiro que terminem comigo. O homem toma o pé, cai, levanta e parte para a próxima. A mulher fica mais tempo na lona. E ver mulher chorar dói.”

PAULO EDUARDO RIBEIRO, empresário



NÃO CAIA EM ARMADILHAS

TUDO RESOLVIDO? MAIS OU MENOS. VOCÊ PODE TER UM CERTO TRABALHO, SE SUA EX ESTIVER CONVENCIDA DE QUE VOCÊ SE PRECIPITOU E QUE VAI MUDAR DE IDÉIA. FIQUE ESPERTO E NÃO ENTRE NESSAS FURADAS

A SUICIDA

É verdade que tem gente que fica tão triste que acha que vai morrer, mas passa. Se a sua namorada não tinha problemas emocionais, como depressão, ela vai encharcar o travesseiro durante um bom tempo, perder alguns quilos, se sentir rejeitada, mas depois de umas semaninhas vai renascer como uma fênix das cinzas e logo vai estar mais bonita do que nunca dando mole por aí.

A CHORONA

Mulheres choram até no final do Jorôf Nacional. É claro que ela vai chorar e você não precisa ficar insensível. Mas tudo tem limite. Uma semana de choramingos é o que você tem que agüentar. Mais do que isso, acaba virando refém e vai se ver atendendo telefonemas dela no meio do trabalho, no bar, na balada ou na cama de outra. Até que não agüente de remorso e volta correndo. Nem você nem ela — a chorona — precisam de uma relação baseada em pena.

A GREVISTA

Pense assim: bom para ela que vai ficar mais magra, amarelar outro namorado e largar do seu pé rápido. Tristeza pode mandar a

fome embora e ela nem deve estar fazendo muito esforço para ficar longe do chocolate. Há registros de gente que ficou 200 dias sem comer. Não vai demorar nem a metade do tempo para ela esquecer você. Se ela levar essa história a sério, ligue para os amigos ou para a família dela, mande uma ambulância, mas não entre nesse jogo.

A CHANTAGISTA

Ela pode dizer que está doente ou ameaçar contar ao seu chefe que você passou o dia vendo sessão da tarde quando disse que tinha tido uma infecção intestinal. Ou pior, falar que você é ruim de cama ou que é desprovido de dotes. Não ceda. Ela pode até ir adiante, mas vai desistir mais cedo ou mais tarde quando perceber que você está mesmo decidido. “Se você ceder, vai se arrepender, terminar de novo e ela vai fazer cada vez mais e pior. Não vale a pena”, alerta o psicanalista Ailton Amêlio.

A MUY AMIGA

Se os seus amigos se tornaram amigos dela, não dá para pedir que todo mundo dê um grito. Vai depender mais de você. Mude de ambiente. Dê um tempo dos bares e restaurantes que costumava

frequentar, troque de academia, prefira sair com o pessoal do trabalho. Com o tempo, ela vai perceber que alguns programas, alguns lugares e algumas pessoas não fazem mais sentido se o namoro acabou.

A MULHER-CARRAPATO

Ela detestava aquele boteco sexuevto onde você almoça todos os sábados com os amigos. Agora não sai de lá com as companhas. Descubra todas as festas que você vai, vasculha seu Orkut, manda torpedos, te chama no MSN. Que carraçof! Isso se ela não transformar sua vida num caos. “Shakespeare disse: ‘O inferno não conhece a ira igual a de uma mulher desprezada’”, diz Francisco Daudt. Bem, nesse caso, radicalize. Se não foi por bem, que seja por mal. Bloqueie a fofa em todos os canais online e ignore, na medida do possível, a presença dela quando vocês dois toparem por aí. Com sorte, ela logo pára de inferrizar sua vida.

A INFORMANTE

Você devia erguer as mãos para o céu se sua mãe e a ex se davam bem. Ao menos tem certeza de que não é por essa razão que

o relacionamento foi por água abaixo. Não precisa exigir que elas não se falem mais. O que precisa ficar claro para sua mãe é que, sim, a “Juliana” é ótima pessoa, mas não serve para você. E que ela não tem o direito de ficar dando informações sobre sua vida, onde anda ou com quem sai. O mesmo recado vale para a fofa.

A ANFITRIÁ

Vida nova, baladas novas, garotas novas, tudo novo. E, então, você se vê indo para casa às 3 da manhã sozinho, com a cabeça cheia de bebida e bate aquela saudade. Natural. Não é à toa que vocês estavam juntos. E, maldito celular, você liga — ou ela liga —, e lá vão vocês acabar com essa carência. Não se engane. Na manhã seguinte tudo continua igual, os mesmos problemas ou insatisfações que levaram ao fim. Ceder a esse tipo de tentação é como deixar para começar a dieta na segunda. A única pessoa a quem você está enganando é você mesmo. “Faz muito mal ao ex-parceiro, mas é uma ferida que já podia estar cicatrizando porque reaceide a esperança e você vai ter que lidar com o problema de novo”, diz Ailton Amêlio.

Na segunda, a imagem da mulher “surtada”: como quem grita e quebra as flores. A legenda: “rosas e margaridas não vão aliviar o drama dela...”

Na foto da página 88: uma mulher aos pés de um homem. A imagem da mulher rastejante, com a legenda (uma hora passa) introduz os tipos de mulheres: a suicida, chorona, grevista, chantagista, muy amiga, informante, mulher-carrapato e anfitriã. Se os homens são “sacanas” na hora de terminar tudo, as mulheres dão trabalho para conceder o fim. As fotos, mais que o texto, apresentam ainda ambigüidades com relação ao modo como se representa a mulher. A representação de um novo homem exige igualmente, até como uma característica “nova”, uma representação menos coisificada da mulher.

Talvez seja essa a tentativa de outra matéria: “Banquete caseiro”, “acredite: a melhor fase sexual de sua vida começa quando você sobe ao altar”. O autor tenta destruir 4 mitos; de novo lemos as crenças, agora não mais nos pressupostos, mas no que está posto: (1) amar significa estar louco de paixão; (2) casamento é se anular; (3) vocês precisam ter muito em comum; (4) ela tem que ser perfeita. Segundo informa: “homens casados fazem mais sexo, segundo estudos. Se é seu objetivo, o casamento é a melhor aposta”.

Interessante observar que, conforme vemos nas duas últimas matérias, a revista não encoraja o leitor a exercer a infidelidade, ao contrário, a tendência é estimular a vida a dois de forma sincera. A observação é pertinente de vez que colocamos *Beto* como o modelo de masculinidade ultrapassado, no qual os homens deviam manter mais de uma relação ao mesmo tempo, sem que pelo menos uma soubesse da existência da outra.

Chamamos de ultrapassada, pois cremos que tal prática é machista, já que consideram as mulheres como objetos que podem dispor como bem desejarem. Enfim, cremos ter demonstrado até aqui quais são as características e práticas que definem os novos tipos de masculinidade. Agora vamos acompanhar a vida de um homem comum, suas principais experiências e inquietações.

3.2.3. A vida de um homem comum

Acreditamos que ser homem é uma questão de tamanho e idade, apenas. O resultado deste modo de pensar está em toda a parte: garotos em corpos de homens. (BIDDULPH)

A sociedade pode ser vista por um ângulo bastante curioso e útil para descrições sintéticas: como um conjunto de compartimentos que as pessoas ocupam no decorrer da vida. Cada etapa percorrida corresponde a um compartimento, como as situações determinadas pela biologia: nascimento, infância, puberdade, maturidade, velhice e morte. Ou ainda situações de outro tipo: ser solteiro, casado, viúvo, ter ou não filhos, tornar-se chefe etc. Cada sociedade define os compartimentos que julga relevantes e seguramente em todas elas há sempre marcações que registram as diferentes situações experimentadas por seus membros. Pode ocorrer que uma sociedade não dê importância a algumas etapas do ciclo biológico ou da trajetória social, mas em nenhuma delas a vida flui sem que se registre qualquer tipo de passagem e marcação. (JUNQUEIRA)

É bom que se diga que a construção da identidade masculina é permanente, de qualquer modo, vamos colocar em etapas algumas das experiências cruciais da maioria dos homens de nossa sociedade contemporânea. É possível que algumas práticas aqui referidas já estejam em desuso, mas devem ser mencionadas por pertencerem à época de nosso modelo *Beto Rockefeller*.

Gikovate (1989) quer descrever a imagem da mulher que a mente masculina reflete e quer também nos mostrar as angústias, os conflitos e a fragilidade masculina. Segundo ele, tudo o que o homem tem como motivação buscar não é a dominação do sexo oposto, mas sim a admiração e aprovação feminina, da mãe, das amigas, da namorada, da esposa: “É a partir daí [do processo evolutivo] que penso que os homens ficaram essencialmente submetidos à aprovação feminina e nunca mais puderam sequer pretender se definir de outra forma que não através do aplauso das mulheres.” (GIKOVATE, 1989: 24-25).

Biddulph acredita que os homens se enganam a si mesmos quando, ao invés de viver a vida, adotam um grande papel e mantêm as aparências fingindo estar tudo bem: “pergunte a um homem como se sente realmente ou quais são suas idéias, e a primeira coisa que ele pensa é ‘o que esperam que eu diga?’” (BIDDULPH, 2006: 6).

O resultado é que o processo cultural de formação dos homens os levam a encobrir os sentimentos, a viver o que os outros esperam deles e assim acabam sem descobrir quem são e o que realmente querem e sentem. A hipótese de Biddulph é a de que os homens não convivem entre si em diferentes gerações e, portanto, não se aprendem a dialogar, a compartilhar, e perdem de saber as fases e dificuldades de vida conforme se vai envelhecendo.

Tanto Gikovate quanto Biddulph querem que os homens exponham seus conflitos e suas fragilidades para que possam ser mais felizes e fazer suas famílias mais felizes. Quando o homem sofre, ele faz sofrer: violência contra a mulher, abuso de crianças, agressões nas escolas, uso de drogas, crimes... as estatísticas são lideradas pelos homens, inclusive as de suicídios. “Algo grandioso como o movimento feminino ou a mobilização pelos direitos civis tem que acontecer para ajudar os homens a mudarem, a serem mais livres, mais abertos, mais conectados, mais inteiros”. (BIDDULPH, 2006: 9)

De acordo com ambos os autores vamos resumir o que eles descrevem como sendo situações e características típicas de cada uma das etapas da vida de um homem.

Infância e puberdade

De um modo geral, Biddulph coloca como os maiores inimigos do homem o isolamento, a competição compulsiva e a timidez emocional a vida inteira. Tudo isso começa na infância porque os homens em quem os garotos poderiam se espelhar estão ausentes de suas vidas. O resultado é a construção de uma imagem de masculinidade baseada em revistas, filmes e programas de televisão, problemática porque sem profundidade. Claro que a fachada criada com a imitação não dará certo em nenhuma esfera da vida:

Com as meninas é diferente: elas podem aprender a ser mulheres com a mãe e as amigas dela. Os meninos não têm com quem aprender. Envolvida na conversa das mulheres, a garota torna-se mais segura e articulada. O garoto tem de construir sua masculinidade usando a imaginação, o que vê nos filmes e o que observa dos colegas. (BIDDULPH, 2006: 79)

O autor ressalta, portanto, a importância da figura paterna na vida do menino. Infelizmente, segundo informa, provavelmente em sua pátria, Austrália, de um terço dos casais que se separam o pai corta o contato com o filho.

E se os homens adultos não estão presentes na vida dos meninos, os garotos mais velhos também não. Ao contrário, em nossa cultura, ao invés de aprenderem a cuidar dos menores, eles se tornam rivais, competidores, sobretudo com relação ao afeto dos adultos. O menino na escola tem que estar sempre pronto para brigar, para defender seu território. E quem não encarar a briga é acusado de não ser homem. Na verdade, as piadinhas continuam vida a fora. “Quase todas as ‘brincadeiras’ entre os meninos têm a ver com sua competência para as funções sexuais masculinas”. (GIKOVATE, 1989: 97).

Paira, ainda, na puberdade, o medo de ser *gay*, de ser diferente da norma: “O garoto pensa: ‘se eu não for machão, posso ser visto como gay’. As crianças podem começar a exibir esse medo mesmo antes de saber o que significa ser gay; só sabem que é algo que não devem ser.” (idem: 121).

Gikovate e Biddulph relatam experiências similares:

Nos últimos anos da infância os meninos (...) têm pavor da homossexualidade e se sentem viris quando se sobrepõem aos outros meninos. É curioso que ser homossexual nesta idade [9-13] não significa ter interesse em trocar carícias com pessoas do mesmo sexo. Significa ficar por baixo, ser o perdedor na disputa. Significa ser o mais fraco e ser humilhado pelo mais forte. Assim, o menino mais forte, que seja capaz de derrubar o outro mais fraco, abaixar o seu calção e roçar o seu pênis na bunda do que está por baixo é macho. Aquele que se subjugou é “bicha”. Ou seja, ser homossexual é ser o perdedor na disputa. (GIKOVATE, 1989: 91).

Quando Gikovate descreve o estranhamento da criança com relação à diferença do sexo, quer dizer, aprende quando é homem pela presença do pênis e quando é mulher pela ausência, afirma:

A perplexidade do menino é grande. Por que tantas diferenças? Só por causa do pênis? Afinal de contas as diferenças físicas entre os homens e as mulheres não justificam tão drástica diferenciação de papéis, de atividades e de atitudes. E esta diferenciação é imposta às crianças desde muito cedo. O menino terá que seguir os passos do seu pai; como brinquedos ganhará carros, bola e outras “coisas” masculinas. A menina vai ganhar boneca, roupas coloridas, etc. Se o menino não demonstrar clara disposição de se identificar com todas estas “coisas” masculinas e, ao contrário, demonstrar mais interesse por tarefas ou divertimentos femininos, será imediatamente encaminhado a um psicólogo. (idem: 55).

Se o menino tem uma irmã, logo vai notar a diferença de tratamento. É um padrão, não uma regra: menino tem que resistir mais a dor, falar duro, se for provocado deve partir para a briga, não pode demonstrar muito medo de pessoas, nem de ani-

mais, nem de fantasmas. “Afinal, os homens são uma classe de criaturas superior e devem se comportar como tal. E quem é que quer ser superior aos 4 anos de idade?” (Idem: 57). Os meninos não entendem a razão para tal comportamento.

A infância, em torno dos 5-6 anos é também o período do complexo de Édipo, do surgimento dos sentimentos de culpa na criança, e cada uma prosseguirá numa história diferente, conforme se mostrar mais generosa ou mais egoísta. De qualquer modo a maioria parece conseguir fazer a dolorosa ruptura amorosa com a mãe. A partir dessa resolução é que o menino começa a se identificar fortemente com o pai, quer imitá-lo e agradá-lo. O pai se torna um herói, o “melhor” pai do mundo; é o “meu” pai, diz de boca cheia um menino quando quer disputar com outro qual pai é mais legal.

É quando o fantasma da homossexualidade começa também a perseguir o menino e quando começa o exibicionismo. Pode mostrar o pênis, ou entrar em disputas, inclusive físicas. Se ele vence passa a ser admirado. E isso é um estímulo para novas brigas. Aqui o menino começa também a falar muitos palavrões.

E entre os 9 e 13 anos, como já dissemos, a característica principal da masculinidade é a competência para lidar com situações de agressividade, fundamentais da virilidade.

Adolescência

O fim da puberdade e início da adolescência é marcado pelo período em que os meninos, antes de começar a vida sexual começam a prática da masturbação. São os primeiros sinais de uma vida sexual adulta. Segundo Biddulph é um acontecimento muito importante porque irá influenciar diretamente na sexualidade do futuro homem. É importante que ela aconteça sem culpas e nem vergonhas para começar uma vida sexual saudável. Ele atenta para o uso de revistas pornôns, que podem provocar uma experiência frustrada aos primeiros contatos, naturalmente constrangedores, com garotas de “verdade”, já que elas ficarão em oposição àquela “perfeição submissa e provocante da imagem em papel brilhante” (BIDDULPH, 2006: 51).

Na adolescência, a presença do pai continua sendo fundamental. Segundo Biddulph, os garotos que não têm a figura paterna têm muito mais chances de se envolver com drogas e gangues. É justamente nessa fase que eles se agrupam em turmas ou

ganguês, praticam rachas, envolvem-se em problemas. A idéia que se tem que provar que é homem ainda permanece. O autor nota que, para uma mulher, a idéia de ter que provar ser mulher é absolutamente ridícula.

O ímpeto exacerbadamente competitivo é questionado e até abandonado por homens que experimentaram livremente o amor e o apoio de outros homens. Mas é difícil abandonar o padrão de pensar que os outros homens são rivais. O autor afirma: “A sociedade tem colocado o homem numa situação difícil, em especial ultimamente, pedindo-lhe que seja mais companheiro e sensível. No entanto, ele é preparado para a possibilidade de ser mandado à guerra.” (Idem: 126-127). Para ele, só depois que houver essa cooperação e amizade entre os homens é que se poderá existir um homem realmente diferente.

Para tornar-se homem, seria necessário uma espécie de “rito de passagem”. Nossa sociedade atualmente não têm uma tradição específica como muitos povos indígenas mantêm até hoje. Vivemos situações importantes como a retirada da carteira de motorista, a chegada à maioridade ao fazer 18 anos, o primeiro emprego ou a formatura. Segundo Biddulph, alguma coisa no homem anseia passar por perigos, correr riscos, ir até o limite, muitas vezes, da morte. Segundo o autor, seria bom passar por algumas experiências como se fossem ritos de passagem.

Na adolescência a voz dos garotos já está mais grossa e as garotas passam a ser um dos assuntos centrais das conversas entre os jovens. As disputas, agora, são menos brigas físicas, e mais os sinais externos da competência sexual. Competem inclusive quem ejacula mais vezes num determinado tempo, ou qual jato vai mais longe. Outras vezes vão se sentir deslocados, sozinhos no mundo, e se trancam em seus quartos, provavelmente para lidar com suas inseguranças. Cresce a vontade e a determinação de se destacar, perante as mulheres, perante o trabalho, perante a vida. Tomam parte bastante importante desta fase os devaneios, e cada um terá fantasias de acordo com suas aspirações: desejos sexuais, românticos, de heroísmo, sucesso profissional, etc.

A maioridade e a vida de solteiro

Nessa fase, digamos entre os 20-28 anos, o homem passa a cuidar do corpo, da aparência máscula, diz-se que para atrair o maior número possível de fêmeas. O papel da mulher nesta fase parece ser o de divertir e satisfazer as fantasias masculinas. A mulher desta fase é, sobretudo, a “gostosa”, embora,

Dentro do raciocínio “machista” no qual fomos criados, não há razão no mundo que possa justificar tamanha vergonha [a de perder a ereção]; o homem tem que ser capaz de desempenhar sempre, em qualquer tipo de condição objetiva e com qualquer tipo de mulher. (GIKOVATE, 1989:185).

Quando chega aqui já aprendeu a diferenciar sexo de amor. Gikovate diz que os homens nessa fase vão se aprimorar naquilo que vai trazer a admiração das mulheres. Entretanto, as coisas não são tão fáceis. Segundo ele, os homens acreditam que sofreram muito e agüentaram muitas coisas para chegar a ter a admiração feminina. Assim, quando houver os primeiros namoros sérios, o rapaz já carrega algum ressentimento ou mágoa em relação à mulher. É como se a situação favorecesse a elas e não a eles. Se ele se sentir por baixo perto dela, a inveja será inevitável. Disso resulta que “todo machismo é expressão da inveja, é parte do desejo de oprimir a mulher para subtrair dela a sua condição de superior.” (idem: 115). Tudo parece ser mais fácil e mais permitido à mulher. Ao mesmo tempo que eles sentirão admiração pelas mulheres, sentirão raiva delas. Nesta fase surgem as inseguranças com o sexo oposto e a vontade de ter uma companheira. Digamos que a maioria resolve se casar, uns mais cedo, outros mais tarde. De qualquer modo, as suas experiências nesta etapa estarão fortemente atreladas ao sucesso ou fracasso das etapas anteriores. Mais inseguro ele será se tiver fracassado e “ficado por baixo” e mais seguro se tiver sido “bom de briga”. Há o risco inclusive que a mulher seja vista como mero objeto para satisfação de seus desejos e impulsos eróticos:

Na realidade, não tem nenhuma consideração pelas mulheres como seres humanos. Elas são apenas interessantes pelo fato de provocarem o desejo sexual e, logo que este se extingue, quer mais é que elas se danem. Acreditou no discurso oficial de que as mulheres são seres inferiores e se irritou muito ao perceber, com a puberdade, quão forte era o poder delas pelo fato de serem atraentes. Desenvolveu as técnicas para neutralizar a superioridade feminina e para vencê-las nesta guerra dos sexos. Quanto mais elas ficam magoadas, mais contente ele fica. (...) Agora quem ficará humilhada é a mulher e esta é a sua vingança. (GIKOVATE, 1989: 167-168).

São basicamente três tipos de homens que surgem após as experiências vividas na infância e na adolescência: os que conseguiram se formar bem de acordo com o padrão exigido pela cultura – que o autor vai chamar de “nosso homem padrão” ou de “o egoísta”, o “narcisista”, “o machista”; há um tipo de homem que não se saiu tão bem assim, mas ainda encontra apoios para a sua masculinidade – que ele vai chamar

de “generoso”, “sensível”, “tímido”, “mais delicado”; e por fim, os que desistem de “ser homens normais e se encaminham na direção homossexual” (idem: 163).

O homem padrão faz de tudo para cativar a mulher; mente, se promove, promete amor eterno, etc.; quando consegue envolvê-la se sente realizado; se ela sofre por causa dele, se sentirá o máximo, além de que fazer o “inimigo” sofrer é uma grande vitória. (idem: 175).

Os homens mais delicados não se conformam com o fato de tantas mulheres atraentes preferirem os “bandidos” ao invés dos “mocinhos”. (...) Esse homem padrão que já o humilhou [ao generoso] quando criança e durante a adolescência, contra o qual desenvolveu certas hostilidades, continua a humilhá-lo agora porque é capaz de agir com as mulheres de uma forma que ele não consegue. (idem: 177).

A vida de casado e a paternidade

Agora ele cresceu, é responsável, achou uma companheira porque seus valores mudaram, pelo menos um pouco, e ele começou a apreciar outras características femininas além da beleza. Agora ele também quer ter filhos. Mas, de vez em quando, cede ao hábito de flertar com outras mulheres. Mas logo se emenda.

Segundo Gikovate, o homem sempre se sente rejeitado, ou pelo menos esquecido, pela mulher que acaba de ganhar seu filho. O ciúme é comum, “do ponto de vista prático, se sente traído” (1989: 45). E quando ganhou a notícia da gravidez, sua primeira reação é sentir alguma perda de liberdade. Às vezes até se afastam da mulher.

O papel da mulher: a mulher sempre na vida doméstica, privada, cuidando da casa, dos filhos, da vida sentimental da família. Deve, ainda, se cuidar para que o marido não perca o interesse e, por culpa dela, torne-se infiel.

O homem tem o problema de achar que tem de ser um provedor. Desde a revolução sexual passou a ser importante atributo de masculinidade a capacidade do homem dar prazer sexual à mulher.

Em suma, o que se discute quando o assunto é a sexualidade masculina são os seguintes aspectos: impotência, ejaculação precoce, homossexualidade, satisfação da parceira, número de parceiras sexuais, e alguns desvios e perversões sexuais.

O autor aborda a vida de casados e a vida sexual dos homens egoísta e generoso, em combinação com mulheres também egoístas e generosas.

O tipo narcisista, provavelmente, é um sucesso e seus êxitos o farão considerar-se um bom marido e bom pai, sobretudo por ser o sustento da família. Pode ser que sejam freqüentes as explosões de raiva e agressões à esposa. O cotidiano estabilizado gera certa monotonia e as outras mulheres começam a interessá-lo. Se ele encontra alguém mas não cogita a possibilidade de separar-se, e sua mulher começa a dar sinais de insatisfação, pode chegar a pedir a separação. A surpresa deste homem egoísta será tanta, já que ele não havia percebido que seu casamento vinha com problemas, para ele estava tudo bem. Ao tentar reverter a situação pode se tornar melodramático ou até violento. Reconhece que esteve distante da família, que privilegiou a carreira e promete que tudo vai ser diferente. Se não tiver outro jeito, nosso narcisista se divorcia. Recomeçam os flertes, retomam-se os números da caderneta de telefones: ele faz de tudo para não ficar só consigo mesmo. Depois de um tempo nessa nova vida de solteiro, ele acaba enjoando e consegue uma companheira novamente.

Além desse “homem machão típico”, no outro extremo está o “homem delicado e pouco agressivo”. Esse generoso é aquele que foi humilhado na infância e que por isso fica sempre com alguma sensação de inferioridade. Por isso, ele será sempre inibido, bem comportado, mostrando seguir sempre os padrões vigentes. Sobretudo as mulheres, ele as admira como se fossem seres superiores, sempre belas e sensuais. “Nestes homens, a associação da sexualidade à agressividade é bastante menos intensa” (idem: 214). Prefere, ainda, as moças mais extrovertidas, aquelas que adoram provocar o desejo nos homens, e que saibam que o ponto fraco dos generosos é despertar seu sentimento de culpa. Se ele se casa com a mulher de perfil egoísta, depois de tantas chantagens emocionais e jogos de poder e opressão, poderá se envolver com outra e de vítima passa a ser vilão: os outros acreditam que ele abandonou a família, mas não sabem que ele era o doador da relação, aquele que supria as necessidades e sofria. Se ele encontra a mulher que acredita ser a ideal, sentirá como os trovadores e os poetas a paixão sublime por sua deusa.

Nesta fase, ainda, que o trabalho se torna central na vida do homem e grande definidor de sua masculinidade. E, segundo o autor, seriam as mulheres que de acordo com seus critérios de admiração definiriam as atividades a serem tidas como nobres. Mas adverte o leitor: não confunda “impressionar as mulheres” com “agradar as mulheres”.

A meia-idade e a velhice

Nesta fase as questões de infância, juventude e vida adulta costumam estar resolvidas, entretanto, há novos desafios a enfrentar. Os problemas se tornariam mais de ordem “filosófica”, portanto, comuns a homens e mulheres: tornar-se avô, aposentar-se, ganhar limites físicos, o medo das doenças, o medo da morte. Para os homens, a aposentadoria é muitas vezes, mais que para as mulheres, uma fonte de tristeza e depressão. Também se amplifica, para os homens, o medo da impotência. Segundo o autor, o verdadeiro sexo frágil é o homem e não a mulher, sobretudo quando a questão é a “inibição sexual”:

Basta que se conduza a questão para longe dos preconceitos machistas tradicionais e para longe da postura catastrófica que os homens costumam ter quando se sentem com problemas na área da sexualidade. Esta atitude reflete apenas a fragilidade masculina quanto a este aspecto da vida; é o “tendão de Aquiles” de quase todos os homens, de modo que qualquer problema neste setor é capaz de desmontar toda a estrutura da personalidade deles. Serve apenas para mostrar que, do ponto de vista sexual, o sexo frágil é o masculino. (idem: 187).

O autor, assim como fez anteriormente traça os roteiros possíveis para o egoísta e para o generoso. De qualquer modo, se se instalar uma crise por conta das habilidades perdidas, a tendência de ambos é para a depressão. Ao mesmo tempo em que ressentem as coisas não realizadas, temem não ter mais idade para realizações. Muito nefasto é que o homem tenha sua vaidade atingida. Mesmo assim, há possibilidades de novos romances, para os divorciados ou viúvos. O importante é buscar novos desafios para ir seguindo a vida com prazer. Em suma, as características importantes nesta fase são: o prestígio, a vaidade, as realizações e êxitos e o entendimento de que um novo objetivo deve ser alcançado: a paz de espírito.

Biddulph propõe a união dos homens num movimento masculino, processo que trará como resultado a modificação da vida, das práticas, da felicidade para o homem. O fim do livro mais parece um manifesto cheio de desejos a realizar. E fechamos o assunto senso comum com alguns pedaços dele (os *itálicos* são do original, os **grifos** são meus, para ressaltar o pressuposto da enunciação):

No futuro, o homem vai...

Trabalhar menos, brincar mais. Ganhar menos, gastar menos. Cuidar mais dos filhos, ficar casado por mais tempo. Viver mais. Ser de convívio mais fácil.

E também vai...

Ter mais amigos e ser mais íntimo deles. Assistir menos a transmissões esportivas e praticar mais esporte. Assumir um interesse a longo prazo pela vida ao ar livre; ter momentos de solidão, tranquilidade e experimentação. Dedicar-se ao ativismo ecológico, quase como uma religião.

Como amante, ele vai...

Ser melhor na cama, sentir o corpo mais vivo, ser mais confiante, menos carente, mais amigável e menos apressado.

Como pai, ele vai...

Envolver-se mais, ser mais positivo e adotar uma posição firme, mas sem críticas, nem intimidação.

Como consumidor, ele vai...

Vestir roupas mais confortáveis e coloridas. Usar trajes e acessórios criativos e artesanais, mas nitidamente masculinos. (O terno e a gravata vão desaparecer. Assim como a cartola e a sobrecasaca vão se tornar curiosidades históricas.) (...)

Aprender a tocar instrumentos musicais (...)

O culto à juventude vai desaparecer, e o jovem será visto como ele é adorável, mas imaturo e nem um pouco digno de inveja. (...)

As pessoas que servirão de modelo terão cinquenta anos ou mais, em especial homens e mulheres afetuosos e sem pressa, embora ainda perspicazes e incisivos, dignos de crédito e cheios de senso de humor. (...)

Em uma espécie de escolha ritual, muitos homens vão passar seu quadragésimo ano de vida longe do trabalho, tentando alcançar outros objetivos. A partir daí, vão se decidir se continuam na carreira, ou mudam.

A maioria dos homens vai passar alguns dias do ano, por volta da data de aniversário, em total solidão. (...)

Os homens se organizarão e trabalharão, com as mulheres, junto à comunidade, desenvolvendo diferentes organizações de ativismo político e defesa do meio ambiente que tratarão de assuntos locais e globais (...).

Eles vão alterar a fisionomia das escolas, reescrever a própria natureza da infância, diminuir a influência dos conselhos locais sobre os interesses comerciais, abolir os partidos políticos tradicionais e trabalhar em parceria com países em desenvolvimento e povos nativos, buscando aprender com eles a viver, a amar e salvar o planeta.

Em certo sentido você não vai ter que se decidir a “entrar” para o movimento masculino, porque todos os homens já estarão incluídos nele.

Tudo isso vai ser tão natural quanto respirar.



3.3. Referências bibliográficas do capítulo III

- AGUIAR E SILVA (1994). *Camões: Labirintos e Fascínios*. Lisboa: Cotovia, 1994
- BAKHTIN, Mikhail (2001). *O Freudismo*. São Paulo: ed. Perspectiva, 2001.
- BALANDIER, George (1976). *Antropológicas*. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1976.
- BAUMAN, Z. *Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.
- BEQUIM, Cristiane Aparecida (2007). *Mulher e piloto: o caso das pioneiras da aviação militar brasileira*. In: <http://www.arqanalagoa.ufscar.br/abed/Integra/Cristiane%20Baquim%2002-08-07.pdf>
- BOURDIEU, Pierre (2007). *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- CAMÕES, L.de (1982). *Lírica*. São Paulo: EDUSP, 1982
- CASCUDO, Câmara (1998). *Contos tradicionais do Brasil*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1998.
- CIDADE, Hernani (1952). *Luís de Camões. O Lírico*. Lisboa: Livraria Bertrand, 1952.
- DAMÁSIO, A.R. (1996). *O erro de Descartes. Emoção, razão e cérebro humano*. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.
- FAUSTO, Boris(2009). *O crime do restaurante chinês*. São Paulo: Cia. Das Letras, 2009.

- GIDDENS, A. (2002). **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.
- HALBWACHS, M. (1990). **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
- JAKUBASZKO, Daniela (2002). Beto Rockfeller: marcas da contracultura na telenovela brasileira. **Intercom, Anais 2002**. Ver: http://intercom.org.br/papers/nacionais/2002/Congresso2002_Anais/2002_NP14JAKUBASZKO.pdf
- JUNQUEIRA, Carmen (2002). **Sexo e desigualdade entre os Kamaiurá e os Cinta Larga**. São Paulo: Olho d'Água, 2002.
- MARTINS, C. (1913). **Camões: temas e motivos da obra lírica**. BH.: EDUSP, 1913.
- MEAD, Margareth (1971). **Macho e fêmea**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1971.
- MORIN, Edgar (1973). **O paradigma perdido**. Publicações Europa-América: Lisboa, 1973.
- MORAES, Aparecida F. e SORJ, Bila (2009). **Gênero, violência e direitos na sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.
- OLIVEIRA, Pedro Paulo (2004). **A construção social da masculinidade**. Belo Horizonte: Editora UFMG e IUPERJ, 2004.
- ORTIZ, R. BORELLI, S.H.S. RAMOS, J.M.O. (1989). **Telenovela: história e produção**. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- RAMOS, Jair de Souza. Cuidado de si e sociabilidade masculina numa comunidade de leitores da revista Men's Health (2009). **ANPOCS** (Associação nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais), GT 36 (Sexualidade, corpo e gênero), 33º Encontro Anual, 2009.
- SARAIVA, A.J. **Luís de Camões**. Estudo e antologia. PV. Publicações, 1959.
- WAAL, Frans (2007). **Eu, primata**. Por que somos como somos. São Paulo: Cia. das Letras, 2007.

Livros e artigos de auto-ajuda e psicologia:

- BIDDULPH, Steve (2003). **Por que os homens são assim?** São Paulo: Fundamento Educacional, 2003.
- CASTAÑEDA, Marina (2006). **O machismo invisível**. São Paulo: A Girafa Editora, 2006.
- DOWLING, Colette (1987). **Complexo de Cinderela**. São Paulo: Melhoramentos, 1987.
- FREUD, Sigmund (1996). **Os chistes e sua relação com o inconsciente (1905)**. Obras completas, edição *standard* brasileira, Vol.III, Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- GIKOVATE, Flávio (1989). **Homem: o sexo-frágil?** São Paulo, MG Editores Associados, 1989.
- _____ (2009). Quando o machismo perde a vez. **Revista Vital**, Ano 1, n.1, São Paulo: Editora Abril, dez 2009.

GRAY, John (1995). **Homens são de Marte, mulheres são de Vênus**: um guia prático para você melhorar a comunicação e conseguir o que você quer nos seus relacionamentos. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

HANAUER, Cathi (org.) (2004). **Mulheres em Fúria**. Sexo, trabalho, solidão, maternidade e casamento. São Paulo: Ed. Landscape, 2004.

PEASE, Allan & PEASE, Bárbara (2000). **Por que os homens fazem sexo e as mulheres fazem amor?** Uma visão científica (e bem-humorada) de nossas diferenças. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

RIBEIRO, Lair (2005). **Homens & Mulheres**. Belo Horizonte: Editora leitura, 2005.

WILHELM, Richard (1997). **I Ching. O livro das mutações**. São Paulo: Pensamento, 1997.

Capítulo IV

A masculinidade no Discurso Oficial

4.1 Os Estudos de Gênero

Como se sabe, a teoria do homem que ainda hoje reina, baseia-se não só na separação, mas também na oposição, entre as noções de homem e de animal, de cultura e de natureza, e tudo aquilo que não se ajusta a este paradigma é considerado “biologismo”, “evolucionismo”. (MORIN)

A literatura antropológica mostra como o universo social e cultural define campos específicos de atuação e representação dos sexos. A começar pela divisão do trabalho e perpassando a vida familiar, artística e cerimonial, homens e mulheres têm o comportamento e a identidade moldados de forma diferente, sempre guardando diversidades básicas em cada conjunto de arranjos culturais. Boa parte dos estudos, entretanto, focaliza com maior destaque o desempenho social masculino, reservando pouco espaço à relação entre os sexos e à figura feminina. De modo geral, a vida das mulheres aparece circunscrita aos limites dos afazeres domésticos, numa existência sem muita expressão, empobrecida pela rotina, em oposição aos homens que dominam e controlam o processo social, direcionando seus esforços à realização pública. A pergunta que nos ocorre é: seria a ênfase no desempenho do homem decorrente de seu efetivo predomínio nas sociedades de tecnologia simples e uso abundante da força muscular, ou seria apenas o resultado de uma maneira peculiar de interrogar a realidade? (JUNQUEIRA)

Talvez a antropologia indígena tenha incorrido no erro de transpor para o estudo das sociedades indígenas a dominância masculina típica, na verdade, da nossa sociedade ocidental. Talvez o ponto de vista feminino na realidade divirja do modo como se costuma representar as mulheres na história. Ou não. Esta pesquisa com certeza não é o espaço adequado para defender essa tese, mas podemos, pelo menos, quem sabe, fazer o exercício de relativizar tal consenso. Se pensarmos, por exemplo, na obra *Brumas de Avalon*, de Marion Zimmer Bradley, veremos que ela nos apresenta uma visão diferente da história do Rei Arthur. Segundo a nova versão, contada sob a perspectiva feminina, as mulheres foram muito mais participantes e ativas do que se pode ouvir contar nas versões mais tradicionais. Tanto quanto os homens, elas definiram e determinaram os rumos das gerações posteriores. E podemos pensar também que não foi por acaso que este *bestseller* vai surgir somente em meados da década de 80.

Acredito que podemos falar na dominação do masculino na nossa cultura ocidental. E podemos falar também da luta pelo fim dessa dominação. Da década de setenta para hoje, mudanças intensas ocorreram nas relações de gênero, na história da intimidade, da vida privada e, por consequência, da vida pública.

Segundo Giddens,

Processos revolucionários já estão ocorrendo na infra-estrutura da vida pessoal. A transformação da intimidade reclama por mudança psíquica e também por mudança social, e essa mudança, partindo “de dentro pra fora”, poderia potencialmente se ramificar através de outras instituições, mais públicas.(...) A promoção da democracia no domínio público foi, de início, primordialmente um projeto masculino – do qual as mulheres afinal conseguiram participar, sobretudo através da sua própria luta. A democratização da vida pessoal é um processo menos visível, em parte justamente por não ocorrer na área pública, mas suas implicações são também muito profundas. É um processo em que, de longe, as mulheres desempenharam papel principal, ainda que no fim, os benefícios alcançados, assim como na esfera pública estejam abertos a todos. (GIDDENS, 1993: 200-201).

Será a partir das décadas de 70 e 80 que se inicia uma transformação radical das representações do feminino de uma forma geral. Em nossa dissertação de mestrado enfatizamos que as narrativas das telenovelas da década de 80, por exemplo, significaram um apoio incrível na mudança de práticas, na quebra de preconceitos e estereótipos, como já explicitamos anteriormente (JAKUBASZKO, 2003), provocando uma modernização, ou melhor, uma democratização nas esferas pública e privada. Evidente, desse modo, que também acabará sendo inevitável a alteração das representações da masculinidade. E ainda, da homossexualidade. Como afirmou Giddens, os benefícios estão abertos para todos.

Segundo Bourdieu, “a maior mudança está, sem dúvida, no fato de que a dominação masculina não se impõe mais com a evidência de algo que é indiscutível” (2007: 106), principalmente porque surgem os estudos de gênero, impulsionados, principalmente, pela obra clássica *O segundo sexo* de Simone de Beauvoir, de 1949. Os textos consultados são unânimes em localizar o início dessa tradição de estudos nesse clássico. Nele, a autora disseminou a idéia de que não se nasce mulher, mas que se aprende a ser mulher, questionando igualmente a supremacia “natural” do homem.

Inicialmente, os estudos voltaram-se para a questão da mulher e, em seguida, para a condição da homossexualidade. Mais tardiamente (década 80), é que preocupações

com a masculinidade se formaram. Até hoje, a maior parte delas costuma questionar os padrões de masculinidade que acabam legitimando, por exemplo, a violência doméstica. O livro *La masculinidad a debate*, por exemplo, coloca como objetivo ajudar a erradicar o falocentrismo e a desigualdade de gênero. Como vimos anteriormente no regime do senso comum, Biddulph (2003) também queria a mudança dos padrões de masculinidade através do “movimento dos homens”. Nesse ponto, concordam. Segundo os editores de *La masculinidad a debate*”, o que se quer é “encontrar as palavras para nomear a masculinidade e observá-la, não como um conceito monolítico e inamovível, mas como um construto de gênero que pode ser modificado”¹ (CARABÍ y ARMENGOL, 2008: 9). E isso significa que é preciso retirar desse construto o paradigma da normalidade, da naturalização, tirando também sua pretensa validade universal, para torná-lo mais democrático, fazendo do mundo um lugar mais justo para homens e mulheres. Não encontrei ao nível do discurso oficial, assim como encontramos na ideologia do cotidiano, uma tentativa de naturalizar as diferenças de gênero, mas, ao contrário, aqui se fixam, de modo bem mais fundamentado, as tímidas tentativas, mas também insinuadas no senso comum, de recomendar mudanças para o comportamento masculino, assumindo-o como questão cultural.

Como afirmamos anteriormente, as ciências humanas, e também com base nos estudos de etologia, destroem facilmente o argumento de uma naturalização dos comportamentos. “(...) é evidente que o homem não é constituído por 2 camadas sobrepostas, uma bionatural e outra psicossocial, é evidente que não transpôs nenhuma muralha da China que separam a sua parte humana da sua parte animal; é evidente que cada homem é uma totalidade biopsicossociológica”. (MORIN, 1973: 18).

Ultrapassada a barreira da naturalização dos comportamentos de gênero, inicia-se a batalha, em ambos os níveis discursivos, para a construção de outros tipos de masculinidade. Enquanto uns se aferram nas modalidades antigas, novas formas de exercício de masculinidade estão em desenvolvimento. Para Carabí e Armengol, uma mudança para uma masculinidade não dominante quer dizer “una masculinidad no sexista, no racista y no homófoba” (CARABÍ y ARMENGOL, 2008: 9), que passe pelo

¹ No original: “resulta imperativo encontrar las palabras para nombrar la masculinidad y observarla, no como um concepto monilítico e inamovible, sino como um constructo de género que puede ser modificado.” E eles continuam: “Esto significa desproveerla de su paradigma de normalidad, desuniversalizala y democratizarla para que todos, varones e mujeres, encontremos en ella nuevas señas de identidad que permitan pensar em formas alternativas de ser hombre más justas e equitativas.”

exercício da autocrítica e pelo diálogo com aqueles que trabalham pela reconstrução do conhecimento. Segundo os autores, felizmente alguns homens já vivem esse processo e estão mudando práticas e valores, por exemplo, como aqueles relacionados à paternidade, à amizade entre homens e com as mulheres. Estão também conscientes do valor dos sentimentos e das emoções que tanto foram tradicionalmente reprimidas pelas normas patriarcais. Felizmente, ainda, prestam apoio aos movimentos a favor da igualdade de gênero e contra a violência doméstica: “Estos “nuevos” varones están iniciando un movimiento importantísimo que aporta nuevas pautas de conducta masculina y, por ello, de relaciones de género.” (idem: *ibid*).

Como vemos, a idéia de um “novo” homem não é exclusiva do senso comum. O anseio pela transformação da masculinidade está presente também no registro do discurso oficial. Talvez até de modo mais radical, os estudos de gênero pregam uma mudança urgente nos moldes da masculinidade patriarcal. Segundo Kimmel (2008: 15), os estudos de masculinidade surgiram como uma resposta positiva ao movimento feminista, embora se possa dizer que todos os estudos de literatura, política, história, etc., fossem investigações de homens, isso pelo fato de as mulheres terem sido praticamente excluídas dos processos sociais. Mas foi, então, no princípio dos anos oitenta que se começou a falar da masculinidade como um fator, como um conceito.

Segundo Dinshaw (2008), os estudos de masculinidade, na verdade, são parte dos estudos de gênero. Isso porque a grande revolução dos estudos de gênero foi fazer com que as normas sempre colocadas pelos machos brancos e heteros fossem questionadas e convertidas em objeto de análise. Desse modo, a autora prefere usar “estudos de gênero” ao invés de “estudos de masculinidade”.

Além do sexismo e da homofobia, outro traço que se quer modificar da masculinidade chamada hegemônica, é a sua relação com a guerra: “creio que existe uma conexão entre a guerra, o conflito e a masculinidade como código hegemônico. (...) Parece que existe um vínculo bastante claro entre a masculinidade e o mundo militar, a guerra.” (GILMORE, 2008: 33)².

O autor lembra que existem culturas pacíficas, mas de forma geral é o que acontece na maior parte das culturas. Também as provas de masculinidade diferem conforme a cultura, e podem estar mais ou menos relacionadas ao sexo ou à coragem,

² Do original: “Creo que existe una conexión entre la guerra, el conflicto y la masculinidad como código hegemónico. (...) Parece que existe un vínculo bastante claro entre la masculinidad y el mundo militar, la guerra”.

por exemplo. A importância dos ritos de passagem, também mencionada por Biddulph (2003), e a dúvida quanto à masculinidade, são agora explicadas:

Por que são necessários esses ritos de passagem? Parece que os homens se sentem inseguros. Creio que existe uma insegurança generalizada sobre o gênero masculino, mais que nas mulheres. Uma possível causa desta insegurança pode ser a de que não existe nenhum indicador rigoroso da masculinidade para o varão. A aquisição da masculinidade é um processo lento e gradual; por ele as sociedades promovem provas nas quais os jovens devem demonstrar que são homens. Diria que se trata de um profundo problema psicológico para os varões, inclusive hoje em dia. (GILMORE, 2008: 36).³

Além de ter que provar perante outros homens a sua masculinidade, as mulheres são usadas também para esse fim. Os varões necessitam ainda de competir com outros homens. Segundo o antropólogo, o trabalho define o homem. Em algumas sociedades, como a dos Estados Unidos, também o fazem o dinheiro e o poder. Os machistas, segundo ele, são uma ameaça quando não conseguem atingir a masculinidade que projetam alcançar. Quando um homem se sente inferior acaba culpando a mulher, principalmente nas sociedades em que a honra é muito importante. Estando ele na posição de vantagem é bem provável que use a violência como forma de compensação. A frustração sexual está registrada como a causa primordial da violência contra as mulheres na Espanha e nos Estados Unidos. A mulher que deseja se separar, ou que recusa sexualmente um homem, provoca nele o sentimento de rejeição e fere diretamente a sua masculinidade. Elas atingem no homem o sentimento arraigado daquilo que lhes pertence, do que é “seu”.

Quanto à construção do menino até a sua identidade de homem, em sua formação, tem que fazer uma transição: a desidentificação com a mãe para identificar-se com o pai, por ser do mesmo sexo. Nesse período crítico estão as questões: por que a masculinidade tem que ser uma prova? Por que o fato de ter um pênis não é suficiente para ser um homem de verdade? É preciso “fazer” algo. (idem: 39).

³ Do original: “Por qué son necesarios estos ritos de pasaje? Parece que los hombres se sienten inseguros. Creo que existe una inseguridad generalizada sobre el género masculino, más que las mujeres. Una posible causa de esta inseguridad puede ser que no existe ningún indicador riguroso de la masculinidad para el varon. La adquisición de la masculinidad es un proceso lento y gradual; por ello las sociedades proporcionan pruebas em las que el joven debe demostrar que es un hombre. Diría que se trata de un profundo problema psicológico para los varones, incluso hoy em dia.”

“El presidente George Bush parece ser muy representativo de la masculinidad dominante?”

Recuerde que George Bush proviene de una familia patricia de Connecticut. La imagen que su padre tenía del caballero patricio de Nueva Inglaterra es una imagen amarenada, feminizada en Estados Unidos. Tuvo que luchar contra ello para ser elegido. El joven Bush se crió en Texas, un estado con claro culto a la masculinidad que es opuesto al de Connecticut, pero Bush lleva consigo ese bagaje. Creo que el joven Bush tenía que demostrar lo hombre, lo viril que era para el público de Texas y del suroeste de estados Unidos. En otras palabras, tenía que desvincularse de la imagen de Connecticut. Connecticut está asociado con la aristocracia terrateniente (...). Es una imagen elitista que en Estado Unidos está feminizada. La imagen masculina es la del vaquero, que se realciona con la manera en que se desarrolló el país y con Texas. Bush se encuentra atrapado entre las dos, está atado y demostrando su masculinidad más que Lieberman* o Al Gore, por ejemplo. Creo que es un problema para él y que en parte explica su firme postura en política internacional con Saddam Hussein. Saddam Hussein era un reto, un desafío que tenía que ser vencido. (GILMORE, 2008: 38-39).

* Joseph Lieberman, senador por Connecticut, era el candidato de Al Gore para la vicepresidencia de los Estados Unidos en la campaña presidencial de 2000.” (GILMORE, 2008: 38-39)

Quanto à questão, também presente nos níveis da ideologia do cotidiano, se a masculinidade se define em relação à feminilidade, Krin Gabbard afirma que sim: “Sim, não é monolítica. Se se analisa a masculinidade psicanaliticamente, é indiscutível que, a pesar das suas diferenças, os homens se definem a si mesmos, primordialmente, através das suas relações com as mulheres. Creio que é algo inquestionável”⁴ (GABBARD, 2008: 49). É certo que os homens precisam das mulheres para se autodefinir. Sua pesquisa sobre os homens no cinema lhe permite afirmar, para o caso dos Estados Unidos, que os homens aprendem a ser homens ao assistir os filmes de cinema, através dos quais se podem formar valores, ou noções, de virilidade, muitas vezes inquestionáveis. O autor menciona o livro *Nascido a 4 de julho* e sua adaptação para o cinema, em que foi protagonizado por Tom Cruise, e que mantém, num certo diálogo, uma relação de intertextualidade com o filme *Arenas sangrentas* protagonizado por John Wayne, com o objetivo de glorificar o papel do guerreiro e mostrar uma visão idealizada da guerra. Segundo Gabbard, foi dessa forma que muitos garotos foram à guerra pensando que a sua realidade seria como a do filme de Wayne. A comparação também serve para provar que não houve nenhuma mudança importante no que ele chama de cinema bélico.

⁴ Do original: “si, no es monolitica. Si se analiza la masculinidad psicanaliticamente, es indiscutible que, a pesar de sus diferencia, los hobses se definen a sí mismos primordialmente a través de sus relaciones con las mujeres. Creo que es algo incuestionable.”

Por outro lado, os filmes de Stanley Kubrick tem mostrado a loucura aterrorizante das guerras e questionado a sua serventia para nossas noções compartilhadas sobre masculinidade. Claro que, em seguida, o assunto desta entrevista envereda para a guerra no Iraque. Bush é visto como uma figura que de algum modo conseguiu se colocar como o Grande Pai que acaba sendo obedecido, funcionando de forma semelhante ao papel do superego. E, embora nunca tenha ido a uma guerra, transmite uma sensação de segurança, e é visto como “Presidente guerreiro”.

Gabbard também fala da sensação de vergonha e ansiedade, das inquietações e preocupações de muitos homens no que diz respeito à sua masculinidade. Por isso a masculinidade débil do filme *Buffalo Soldiers* de Kubrick não agrada ao grande público, que gosta de identificar-se com os corajosos, e não com os corruptos. Podemos dizer, que a mesma lógica dirige a escolha dos modelos políticos. E é muito provável, que a necessidade de uma figura masculina forte esteja relacionada com a sensação crescente de uma masculinidade vulnerável, que se deu, sobretudo, depois do movimento de liberação feminina.

O pesquisador não tem esperanças de que um dia Hollywood proporcione um cinema com novos modelos de masculinidade, como faz, por exemplo, Pedro Almodóvar no cine espanhol. As tentativas que identifica nas personagens de Jonny Deep e Keanu Rivers ainda são bastante tímidas. A comparação entre Estados Unidos e Europa acha muitas diferenças. Devido aos mitos e crenças de ambos, que diferem entre si, os Estados Unidos apresentam uma relação muito mais forte com a violência e as armas. Acredito que podemos firmar que, no Brasil, apresentamos as duas tendências, qual delas vai depender do grupo social a que nos referirmos. Gabbard afirma que:

Desde luego, somos una nación mucho más violenta y ciertamente hay más personas que disparan las unas contra las otras. Creo que la idea de que las armas son una parte importante de nuestra masculinidad de nuevo se relaciona con nuestros mitos de la frontera, nuestros mitos de tierras inexploradas. Para hacerte camino en las tierras salvajes, necesitas una arma. Y, desafortunadamente, creo que queda muy claro que tiene que ver con la ansiedad de la castración. Los hombres se agarran a sus armas porque se las pierden, se sentirán castrados. Resulta muy difícil educar a los hombres. Creo que la violencia en Estados Unidos es el resultado de la propia cultura del país que satisface la ansiedad de castración de los hombres. La nación parece dispuesta a soportar la gran violencia resultante de la proliferación de armas sabiendo que esta es la manera en que debemos cumplir con nuestro destino. Y ningún político tiene el coraje de llevar a cabo programas que controlen de forma radical la tenencia de armas.

Obviamente, admiro muchísimo a los europeos porque han conseguido mantener las armas bajo control, y creo que es vuestro éxito. Pero aquí hay un temor constante. (GABBARD, 2008: 63).

Como será que sentem e lidam com as armas e a masculinidade os policiais, traficantes e favelados do Rio de Janeiro e das periferias de São Paulo? Além das grandes capitais, por que também não lembrar os conflitos de nossas fronteiras e terras das regiões norte e centro-oeste, entre fazendeiros, sem-terras, indígenas, atividades ilegais (madeira, garimpo, queimada para pasto/monocultura, tráfico de armas, drogas e jóias, fronteira com a Colômbia e as FARC, interesses de Estado, de políticos locais, de grandes multinacionais, de ambientalistas).

Aparece também, na esfera do discurso oficial, o pensamento de que, diferentemente do que propunham os estudos feministas, de que o homem se define em relação à mulher, o homem se define mais a partir da relação com outros homens do que com relação às mulheres. (LEVERENS, 2008).

O que os preocupa é sua honra, sua vergonha social. Desde quando se sentiam desafiados e desrespeitados e se procedia ao duelo, até as atuais brigas em alguns bairros urbanos, pelo mesmo motivo de se sentirem atingidos em sua identidade de “macho”, de se sentirem humilhados publicamente. A idéia é a de que para que os homens respeitem a si mesmos eles precisam obter o respeito dos homens com quem se relacionam.

E, segundo o crítico literário David Leverens em seu artigo *Varones de Novela* (2008), o problema da masculinidade de muitos homens estadunidenses, sobretudo dos grandes homens de negócios, é que eles acreditam estarem num campo de batalha, sempre competindo e desejando mais êxito e mais poder. O resultado disso é que os homens não querem discutir a masculinidade já que isso faria uma exposição das suas fragilidades e vulnerabilidades, características que eles não querem assumir que existam.

Leverens afirma que toda a reação de Bush e dos estadunidenses após os ataques de 11 de setembro de 2001 tem tudo a ver com o imaginário da masculinidade da nação e dos temores dos homens de serem humilhados. O mesmo com a guerra do Vietnam.

“(…) una de las razones que me llevó a escribir el libro sobre masculinidades es de carácter mucho más personal. Por aquel entonces, estaba muy involucrado en la crianza de mis hijos. Teníamos cuatro hijos, dos de ellos a punto de ir a la universidad, pero los otros dos aún eran muy pequeños y mi esposa acababa de comenzar su carrera como abogada. Yo era titular en la universidad, lo que me permitía pasar bastante tiempo en casa en días laborales y cuidaba a los dos pequeños. Y no me sentía hombre. No hacía lo que un hombre debía hacer, es decir, estar fuera de casa, escribir artículos, etc. Continuaba dando clases pero lo que realmente echaba en falta era escribir. Y, en un momento dado, cuando estaba enseñando *La letra escarlata* de Nathaniel Hawthorne*, me enfurecí contra el reverendo Arthur Dimmesdale porque este, al no reconocer la paternidad de Pearl, eludía la crianza de su hija. Hester, la madre, era quien se responsabilizaba del cuidado de la niña y, de este modo, Dimmesdale podía estar en su habitación sentado todo el día escribiendo sus excelentes sermones. A pesar de todo esto, quiero indicar que, durante esos años, senti muchísimo más amor por lo que estaba haciendo que resentimiento. Me di cuenta de que la paternidad me estaba cambiando y me alejaba del modo en que la masculinidad me había conformado, especialmente cuando trabajaba de manera competitiva en el ámbito público. Creo que esto caló hondo en mí de maneras diferentes y logré valorar mucho más la intimidad y amar a mis hijos.

* Nathaniel Hawthorne (1804-1864) está considerado como uno de los escritores más significativos de los Estados Unidos, sobre todo por la novela *La Letra Escarlata* (1850). La heroína de dicha obra, Hester Prynne, se enfrenta a una comunidad que la considera inferior por tener una hija fuera del matrimonio. El padre de la criatura resulta ser el respetado clérigo Arthur Dimmesdale. La novela demuestra la hipocresía de este hombre frente a la mujer, condenada socialmente, que se revela como moralmente superior a todos los que la rodean.” (LEVERENZ, 2008: 70-71).

Não podemos deixar de abrir um parêntese e fazer um comentário sobre o argumento da novela *A Letra Escarlata* escrito por Leverenz em seu depoimento pessoal no artigo em questão. Conforme notamos em artigo anterior (JAKUBASZKO e MOTTER: 2007), a novela literária é o gênero pedagógico por excelência. Pelo o que vimos, a obra construiu sua heroína de modo a defender uma conduta que poderia ser julgada como desviante: a novela protegeu o ponto de vista da mulher e colocou o homem como vilão, condenando suas atitudes de poder frente à vítima feminina. Ainda que hoje possa parecer óbvio que o reverendo é o vilão dessa história, em 1850, não cremos que *Hester* fosse aceita, na realidade, como vítima. A telenovela, como herdeira da novela literária, também tenta progressivamente romper alguns preconceitos, conforme já apontamos no primeiro capítulo desta tese.

De acordo com Dinshaw (2008), uma das mais importantes finalidades dos estudos femininos e masculinos, é desconstruir as oposições espaço público e espaço privado como se fossem, respectivamente, territórios masculino e feminino. Acabar com

estas oposições é integrar os homens na vida doméstica e as mulheres na vida pública, com igualdade de condições no mercado de trabalho.

De acordo com Olavarría (2003), algumas questões centrais podem ser observadas como uma conseqüência de processos sociais que moldaram a forma como se relacionam, hoje, homens e mulheres. Entre elas estão: vida familiar e trabalho; políticas sobre os corpos e tendências demográficas; na intimidade e na experiência subjetiva; e, por fim, nas instituições.

1. Identidades, subjetividade e masculinidades. Esta linha se preocupa em observar como os homens constroem sua masculinidade e como ela está associada especialmente com a sexualidade, a reprodução, o trabalho, a paternidade e com a violência, procurando saber se há um modelo dominante de masculinidade. Quer também observar quais são as contradições e os conflitos que os homens enfrentam na vida cotidiana em relação a mulheres e a outros homens. Claro que a constituição dessas subjetividades não se define fora do contexto sociocultural e histórico em que se inserem os homens e, portanto, há uma construção que se reproduz socialmente. Nesse âmbito observam-se normas, códigos e padrões; definem-se atributos que nos permitem colocar parâmetros às ações masculinas de modo a assegurar a sua “permanência” nos limites do mundo dos homens. Extrapolar esses limites é expor-se ao ridículo frente aos outros homens e às mulheres. Esses atributos são “adquiridos” conforme o varão se submete a “provas”, como experiências iniciáticas. São eles também que, além de diferenciar a “qualidade” da masculinidade do homem em questão, vão nos mostrar os valores e mandatos sociais que sustentam essas qualidades como sendo aquelas internalizadas e constituintes das identidades masculinas, apontando também para a sociedade o que se espera dos homens e das mulheres. Os homens cuidam para não quebrar as regras e arriscar sua condição de varão – macho. São esses atributos e mandatos mais amplamente aceitos que expressam o que seja a masculinidade dominante. Passar pelas provas permite a ele reconhecer-se e ser reconhecido como homem.

E como devem ser os homens? Ou, pelo menos, como são educados para que cheguem a ser? Sensíveis ou controlados emocionalmente? Ser valentes ou demonstrar seu medo? Tomar decisões com base na razão ou contemplar emoção e afetividade? Devem estar prontos fisicamente se por acaso for necessário um combate com outro

homem? Devem competir com outros homens? Onde devem estar? Em casa ou na rua? É preciso ser heterossexual ativo para ser homem? É preciso trabalhar? Ser pai?

2. A sexualidade e a política sobre os corpos. Se é possível afirmar que a sexualidade seja um conjunto de práticas e experiências resultante de processos sociais, culturais e históricos, que permitem a construção e interpretação do corpo e dos desejos que dão sentido às subjetividades e às vivências de homens e mulheres, então pode-se chegar a conclusão de que há atualmente uma diversidade de formas pelas quais se adquire e vive a sexualidade.

O corpo enquanto uma construção social que porta significados sofre ação – é afetado – de um poder social que praticamente impõe um tipo de corpo para representar a masculinidade ideal. E a feminilidade também, claro. E não somente o aspecto que esse corpo deve ter, mas como se relacionar com ele: meninas e meninos aprendem a lidar de maneiras diferentes com reações hormonais distintas. Cada qual conhece seu corpo de acordo com os ensinamentos das práticas culturais.

Segundo Olavarría (2003), uma das mais usuais interpretações sobre a sexualidade dos homens é a afirmação que fazem de que eles, assim como todos os animais, obedecem a instintos sexuais que buscam, na verdade, cumprir o mandato da reprodução. De acordo com depoimentos, o desejo sexual é fruto desse instinto irrefreável e incontrolável da natureza e todo homem deve possuí-lo. Ele começa a se fazer presente na puberdade e adolescência. A mulher é o objeto de desejo que satisfaz essa necessidade. E então o desejo sexual dos garotos, centrado no pênis e na penetração, se desenvolve num ciclo de necessidade, conquista e satisfação. Esse ponto de vista os faz conquistar e penetrar muitas mulheres. Os faz também, muitas vezes, perder o controle de si mesmos para satisfazer-se e algumas vezes não se sentem responsáveis por quaisquer conseqüências que advenham de atos impensados. Tal conduta leva a uma freqüente separação e distinção da experiência do sexo e a do amor. Hoje, pelo menos no Brasil, já é possível falar de mudanças, mas até pouco tempo distinguia-se entre aquela mulher que se casa (e a quem se dedica amor) daquela com quem se deve apenas divertir-se. Também essa cisão justifica ciúmes daquela ocupa o lugar de amada, respeitada. Justifica os sentimentos de posse e de violência muitas vezes. Por muito tempo também – e acredito que ainda hoje em muitos círculos de sociabilidade – a homossexualidade foi considerada um desenvolvimento

anormal da sexualidade, quando não uma doença. Nessa visão sexista e homofóbica os homens são mais importantes do que as mulheres e superiores aos homossexuais, vistos como pervertidos. Essa visão atribui poder aos homens e legitima ações violentas. Todo esse sistema de crenças e valores afeta diretamente as relações pessoais, entre amigos e casais, nos núcleos familiares, estabelece hierarquias, além de ter fundamental importância na construção das identidades e relações de gênero.

3. O trabalho, a vida familiar e a paternidade. Esta linha de estudo procura observar as transformações da vida cotidiana familiar e do mercado de trabalho a partir das transformações nas relações de gênero desencadeadas na década de 70. Segundo o autor, antes do advento da pílula, a sexualidade dos casais estava marcada pela função reprodutiva, e na qual os homens é que tinham controle sobre a situação da gestação, às mulheres cabiam somente obedecer e cumprir seus deveres.

As relações de gênero estavam baseadas na interpretação e construção que se fez dos corpos de homens e de mulheres desde o enciclopedismo e da revolução francesa, e que teve grande influência na região. Corpos de mulheres foram definidos como passivos, contrapostos aos dos homens, ativos, muitas vezes incontroláveis. Justificativas dessa ordem para os corpos e as relações de gênero se deram, de certa forma, no âmbito da ciência, especialmente a medicina, que justificou o que antes faziam a teologia e a moral. A maioria dos médicos acreditava que os métodos seguros e imparciais da ciência provavam que as mulheres não eram capazes de fazer o que faziam os homens e vice-versa.⁵ (OLAVARRÍA, 2003: 92-93).

Se antes era possível falar numa família de núcleo patriarcal na qual a figura do pai era a autoridade máxima e por isso responsável por prover e controlar a vida cotidiana da família, agora não se pode sustentar que essa continua sendo um tipo paradigmático de vida familiar.

O reconhecimento de diferentes realidades da vida íntima e familiar provocou as mudanças nos códigos civis e instaurou novos códigos de família. Pergunta-se hoje sobre a interferência e o papel do Estado na vida familiar e sobre os efeitos de todas essas transformações no mercado de trabalho atual. Outro fator importante foi o aumento do acesso ao ensino secundário e superior.

⁵ Do Original: “Las relaciones de género estaban asimismo baseadas en la interpretación e construcción que se hizo del cuerpo de hombres e mujeres desde el enciclopedismo y la revolución francesa y que tuvo gran influencia en la región. Cuerpo de mujeres definidos como pasivos, contrapuestos a los varones, activos e muchas veces incontrolables. Las justificaciones de ese orden de los cuerpos e de las relaciones de género las dio en cierta forma la ciencia, especialmente la medicina, que justifico lo que antes hacia la teología y la moral. La mayoría de los médicos creyó que los métodos seguros e imparciales de la ciencia probaban que las mujeres no eran capaces de hacer lo que hacían los hombres y viceversa”.

Outra linha que identificamos em nossa pesquisa é a chamada de Estudos *Queer*, que se dedicam à questão da homossexualidade. Há ainda outra corrente, que estuda raça e masculinidade. Eng (2008), por exemplo, citando o caso dos Estados Unidos, mas que cremos ser válido também para o Brasil, afirma ser complicado para os homens que não são brancos, crescerem formando seus conceitos com as representações criadas basicamente por Hollywood e pela televisão. Estamos falando de imagens ideais que todos interiorizamos. Para ele é necessário pensar como se formam, se interiorizam e se naturalizam os valores da raça branca, de classe e de gênero, a fim de encontrar estratégias de revisar e questionar tais valores. Nesse sentido, o autor considera positivo o crescimento de Bollywood e do cinema de Hong Kong que acabam oferecendo uma série de outras representações. Segundo ele,

Explorar a noção de etnicidade supõe um grande alvo para a masculinidade hegemônica dado que a raça questiona o conceito de universalismo e particularismo. O sujeito “universal”, o varão branco e heterossexual, já está particularizado de certo modo, mas a noção de raça nos leva a refletir mais além de qualquer presunção universalista. O étnico, assim como os estudos da mulher, desafia o hegemônico.⁶ (ENG, 2008: 96).

Eng analisa, além da questão afro-americana, a situação da imigração chinesa e a formação de *Chinatown*. A discriminação de gênero fez com que o Governo dos Estados Unidos proibissem a imigração de mulheres chinesas em 1875, isso antes da legislação específica sobre imigração que se realizou em 1882. Dessa forma, para controlar a entrada de asiáticos, e de mão de obra barata, foram muito poucas mulheres chinesas que adentraram aos Estados Unidos. O resultado disso foi a formação de comunidades constituídas exclusivamente de homens, e essa realidade gerou uma visão *queer* da domesticidade asiático-americana. De fato, alguns homens assumiram a função e os papéis da mulher. Tudo isso fez com que se gerassem diversos estereótipos em torno dos asiáticos-americanos como afeminados e emasculados que permanecem até os dias atuais, apesar mesmo de algumas representações alternativas que se criaram, como as dos filmes de artes marciais. De forma semelhante, Jones (2008) faz com as representações

⁶ Do original: “Explorar la noción de etnicidad supone un gran reto para la masculinidad hegemónica dado que la raza cuestiona el concepto de universalismo y particularismo. El sujeto “universal”, el varón blanco y heterossexual, ya está particularizado em cierto modo, pero la noción de raza nos lleva a reflexionar más allá de cualquier presunción universalista. Lo étnico, al igual que los estudios de la mujer, desafia lo hegemónico.”.

e estereótipos presentes na Espanha e Europa do homem árabe; o objetivo é propor uma discussão sobre a construção e reprodução das identidades masculinas do Islã.

“Àngels Carabí: *Según James Baldwin y Frantz Fanon**, las limitaciones y represiones sexuales del hombre blanco hacen que este proyecte sus deseos distorsionados en los hombres negros y que cree una imagen del varón negro hipermasculina; todo ello fruto de su propia fantasía.

K.G.: Si, el hombre blanco convierte al hombre negro en el monstruo fálico. Y parece ser que este fue el motivo de tantos casos de castración durante la época de los linchamientos. Cuando los hombres negros eran linchados, generalmente se les castraba. Es obvio que eran vistos como predadores sexuales, como monstruos cuando, de hecho, se trataba de las fantasías de los hombres blancos proyectando sus propios deseos en el hombre negro. Para mi, el mejor ejemplo de esto es *El nacimiento de una nación* (1915) la película crucial de los primeros años del cine estadounidense, la primera épica. En esa película un hombre negro persigue a una dulce jovencita blanca y ella está tan aterrorizada que salta por un barranco y muere. Con su acto la joven evita un destino peor que la muerte, que es ser violada por un negro. Este, claro está, es perseguido y asesinado por el Ku Klux Klan. Pues bien, lo interesante es que el hombre negro está interpretado por un hombre blanco maquillado. De modo que la película en realidad trata de la fantasía del hombre blanco de ocupar el cuerpo del hombre negro, así como su (hiper)sexualidad, un atributo codiciado por el hombre blanco pero que le está vedado por su propia cultura.

* James Baldwin (1924-1987), escritor afroamericano conocido por sus obras de temática homosexual y sobre la lucha por los derechos civiles. (...) Frantz Fanon (1925-1961), psiquiatra e escritor, nació en la colonia francesa de Martinica. Es especialmente conocido por su obra *Piel negra, máscara blanca* (1952), en la que analiza el impacto y los efectos del colonialismo sobre las personas colonizadas, y por *Los condenados de la tierra* (1961). Está considerado como un autor y pensador esencial dentro de los estudios postcoloniales. (GABBARD, 2008: 55-56).”

4.2. As leis e políticas públicas

Nesta seção abordaremos o discurso oficial nas manifestações da lei e das políticas públicas. Não haveria assunto mais evidente que a violência contra a mulher.

Maria da Penha, farmacêutica e professora, tinha 35 anos, 15 de casada, e três filhas, quando seu marido Herrera, professor universitário, em 1983, disparou uma bala que atingiu sua coluna. Para disfarçar, o marido chamou os vizinhos e os fez acreditar que assaltantes que entraram na casa tinham atirado. Maria da Penha ficou paraplégica. Depois de alguns anos, ele, novamente, atentou contra a vida da mulher: empurrou a

esposa da cadeira de rodas para o chuveiro junto com fios de um aparelho eletrodoméstico na tentativa de eletrocutá-la. Por quê?

Ele recebeu duas condenações, entre 1991 e 1996, mas não ficou preso em nenhuma das duas. A impunidade e a morosidade levaram Maria da Penha a recorrer das decisões, em 1998, à Corte Internacional (Centro para a Justiça e o Direito Internacional – Cejil – e ao Comitê Latino-Americano e do Caribe para a Defesa dos Direitos da Mulher – Cladem – e ambos levaram a defesa para a Comissão Interamericana de Direitos Humanos da Organização dos Estados Americanos – OEA –, que de forma inédita acatou um processo de crime de violência doméstica) e processou o Estado brasileiro que ainda não previa punição, além da doação de algumas cestas básicas, para o crime da violência doméstica, mesmo sendo signatário das Convenções internacionais⁷ para prevenir, punir e erradicar a violência doméstica.

Em 2001, dezoito anos depois da tentativa de homicídio, a OEA responsabilizou o Estado brasileiro por omissão e negligência em relação à “violência conjugal”, e recomendou que medidas fossem tomadas e políticas públicas que inibissem as agressões domésticas contra mulheres fossem criadas. (...) Somente em 2002, em decorrência das pressões exercidas pela Comissão Interamericana de Direitos Humanos, o processo foi encerrado e o ex-marido de Maria da Penha foi preso, permanecendo dois anos na prisão. O caso Maria da Penha foi o primeiro caso de aplicação da Convenção de Belém do Pará, e a utilização deste instrumento internacional de proteção aos direitos humanos das mulheres e o encaminhamento do caso à Comissão de Direitos Humanos da OEA, sobre o cumprimento da decisão pelo Estado brasileiro, foram decisivos para que o processo fosse concluído no âmbito nacional e, posteriormente, para que o acusado fosse preso. (ROMEIRO, 2009: 64).

Com conclusão bem-sucedida do processo, o Congresso Nacional, sobretudo a partir da atuação das Mulheres do Parlamento e de ONGs feministas⁸, conseguiu, entre outras vitórias para as mulheres, por exemplo, aprovar a Lei Maria da Penha (11.340/06) em 2006⁹, com a criação de varas e Juizados de Violência Doméstica e Familiar Contra a Mulher, e a ampliar a licença à maternidade.

⁷ Sobretudo as Convenções de Viena (1993), Beijing (1995) e Belém do Pará (1994).

⁸ O Consórcio feminista que liderou a proposta da nova lei estava composto pelas seguintes organizações (ROMEIRO, 2009: 61): CEPIA (Cidadania, Estudo, Pesquisa, Informação e Ação); CFEMEA (Centro Feminista de Estudos e Assessoria); CLADEM (Comitê Latino-Americano e do Caribe para a Defesa dos Direitos da Mulher); THEMIS (Assessoria Jurídica e Estudos de Gênero); ADVOCACI (Advocacia Cidadã pelos Direitos Humanos). AGENDE (Ações em Gênero, Cidadania e Desenvolvimento).

⁹ Na verdade, o processo foi bem mais complexo, resultado de um grande conjunto de fatores. Para resumir: depois de criados os JECRIMs (Juizados Especiais Criminais) para atender às vítimas de violência doméstica em substituição às Delegacias da Mulher, ação que visava a desburocratização dos

O que a lei fez foi criminalizar a violência doméstica, colocando o suposto problema doméstico como questão de interesse público, considerando, diferentemente da lei anterior, que o crime não é de menor potencial ofensivo. A tal ponto que, após uma queixa registrada, a mulher não pode voltar atrás e retirar a proposição. Ela só poderá fazer isso em frente ao Juiz. Mais radical ainda, e que até gera polêmicas, um agressor pode sofrer uma queixa e inquérito policial a partir de denúncia ou flagrante, sem a necessidade da autorização da vítima, e também mesmo contra vontade desta.

Nesse período também foram criadas ONGs para a defesa da mulher e instituições diversas de apoio, bem como foram preparadas as delegacias da mulher para atender e orientar as vítimas de violência doméstica.

Maria da Penha, depois de 7 anos, ganhou a ação do Estado brasileiro e do Ceará, que foi condenado a pagar uma indenização de 60 mil reais. O dinheiro, em absoluto, não compensa as suas perdas, mas a lei que leva seu nome por determinação da Corte Internacional ao Estado brasileiro, com certeza, devolveu a sua dignidade. Hoje, Maria da Penha é o nome da organização que instrui e ajuda mulheres em situação de violência. A própria Maria da Penha atua energeticamente para melhorar a vida de mulheres sofredoras como ela.

Atualmente, de 2006 até hoje, o Distrito Federal apresenta a seguinte situação¹⁰:

Quantidade de processos em tramitação: 150.532
 Número de Ações Penais: 41.957
 Número de Ações Cíveis: 19.803
 Número de Medidas protetivas concedidas: 19.400
 Quantidade de Audiências realizadas para deferimento de medidas protetivas de urgência: 60.975
 Número de prisões em flagrante: 11.175

processos criminais e judiciais, as feministas se organizaram para denunciar que, na prática, essa nova lei (9.099/95) descriminalizava a violência doméstica, banalizando o assunto e sendo ineficaz em suas ações. Só em 2004 a bancada feminina do Congresso conseguiu aprovar a SPM (Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres) que propôs a alteração dos procedimentos dos JECRIMS. Além da atuação das feministas nos Juizados Especiais, entre outras, destacam-se o Consórcio Feminista e as Mulheres do Parlamento, sempre guiadas e apoiadas pelas Convenções Internacionais e outros eventos. Para mais detalhes ver ROMEIRO, 2009.

¹⁰ Os dados são do site <<http://www.leimariadapenha.com>> , mas é preciso se cadastrar para receber os dados. Segundo a página, a fonte dos dados Dados informados de Julho a Novembro de 2008, publicado na III Jornada Lei Maria da Penha, apresentação da conselheira Andréa Pachá / Agência CNJ de Notícias.

Novos Dados disponibilizados hoje, 06/08/2009 pela Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres - SPM:

Central de Atendimento à Mulher

A Central de Atendimento à Mulher – **Ligue 180** -, da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, registrou, de janeiro a junho deste ano, 161.774 atendimentos – um aumento de 32,36% em relação ao mesmo período de 2008, quando houve 122.222 atendimentos. Em números absolutos, o estado de São Paulo é o líder do ranking nacional com um terço dos atendimentos (54.137), que é seguido pelo Rio de Janeiro, com 12,28% (19.867). Em terceiro lugar está Minas Gerais com 6,83% (11.056).

Tabela do ranking nacional

UF	Nº ABS	COLOCAÇÃO	UF	Nº ABS	COLOCAÇÃO
SP	54.137	1º	CE	1.977	15º
RJ	19.867	2º	MA	1.957	16º
MG	11.056	3º	MS	1.719	17º
BA	9.887	4º	PB	1.604	18º
PR	9.116	5º	MT	1.534	19º
RS	8.715	6º	PI	1.063	20º
DF	5.961	7º	SE	926	21º
GO	5.445	8º	TO	897	22º
PA	4.929	9º	RO	494	23º
ES	4.293	10º	AP	413	24º
PE	3.983	11º	AM	265	25º
RN	2.306	12º	AC	153	26º
SC	2.281	13º	RR	104	27º
AL	2.035	14º	Não inf	4.657	

Parte significativa do total de atendimentos (47,37%) deve-se à busca por informações sobre a Lei Maria da Penha que registrou, no primeiro semestre deste ano, 76.638 atendimentos contra 49.416, no primeiro semestre de 2008. O crescimento corresponde, de um semestre para o outro, a 55,09%.

Tipos de violência - Dos **17.231** relatos de violência:

93% são relacionados à violência doméstica e familiar, sendo que em 67% desse, os agressores são, na sua maioria, os próprios companheiros.

9.283 do total desses relatos foram de violência física;

5.734 violência psicológica;

1.446 violência moral;

256 de violência sexual;

54 de cárcere privado;

17 de tráfico de mulheres; e 60 outros.

Na maioria das denúncias/re relatos de violência registrados no **Ligue 180**, as usuárias do serviço declaram sofrer agressões diariamente (69,28%).

No primeiro semestre de 2009, houve 811 relatos de violência, classificadas como dano emocional ou diminuição da auto-estima. A categoria foi inserida no sistema a partir de março deste ano para dar visibilidade a uma demanda recorrente, que apesar de não estar tipificada no código penal como crime, está muito presente no discurso das mulheres que utilizam os serviços da Central.

Também na Inglaterra, observamos a inclusão de uma lei que protege as mulheres da violência doméstica. O filme *Provoked – desejo de liberdade*¹¹, mostra a história de uma imigrante *punjabi*, Kiranijit Ahluwalia, Kiran, que foi presa após matar o marido agressor. Ela sofria há 10 anos com as agressões do marido. Na delegacia, o investigador a tratava como “paquistanesa fingida”.

Na prisão, a maior parte das mulheres estava presa por motivos outros que não a violência social¹². Uma de suas amigas, Ronnie, também condenada por matar o marido, era irmã de um *Lord* da Câmara inglesa. Por ela ele nada podia fazer, mas a seu pedido ajudou a imigrante conseguindo bons advogados e chamando atenção da mídia para angariar apoio público. Essa é a história da mulher que nomeia a lei contra a violência doméstica na Inglaterra. Kiran incendiou o marido em 09.05.89. Em 1992 seu apelo foi concedido e ela conseguiu diminuir a sua pena. Em 2001, Kiran recebeu de Cherie Booth, esposa do então primeiro ministro Tony Blair, o prêmio de Mulher asiática modelo por sua coragem.

Depois de assistir ao filme, duas reflexões são pertinentes a esta tese:

1. Depois da construção de uma civilização intensa e refinada como a que vivemos hoje, a posição da mulher na sociedade ainda guarda forte dependência e desvantagem em comparação ao homem. Na relação de poder entre os gêneros, a mulher se situa numa posição de inferioridade. Chama atenção, mais uma vez, a oposição entre avanço civilizatório e desigualdade na relação entre homens e mulheres;
2. No caso da Inglaterra ficou evidente o quanto as sociedades podem camuflar suas diferenças e desigualdades de gênero. Foi preciso que um caso extremo ocorresse com uma imigrante para que se encarasse a questão da violência doméstica no país. A impressão é a de que o filme faz a denúncia de como a sociedade inglesa esconde de si própria a existência de crimes domésticos entre seus cidadãos, como se ingleses não fossem capazes de agressões. O

¹¹ Filme de Jag Mundhra com Aishwarya (*Kiranijit Ahluwalia*) Ray, Miranda Richardson (*Ronnie*) e Naveen Andrews (*Deepak*). *A true story*, baseada no livro *Circle of light of Rahila Gupta e Kiranijit Ahluwalia*. Ocean Pictures, s/d.

¹² Interessante notar que, segundo a apresentação da Argentina no Encontro Obitel Internacional (RJ,2008) a série argentina “Mulheres Assassinas” foi um grande sucesso entre as 10 mais de 2007 e estava em processo de negociação de exportação para outros países como Chile e México. As histórias dessas mulheres são completamente diferentes das histórias dos homens que vão para a prisão. Cf. LOPES e VILCHES, 2008.

caso que foi o maior exemplo do país, que levou ao processo de aprovação de uma lei muito importante, não se passa com um casal inglês, mas com um casal de imigrantes, como que sugerindo que esse é um problema de imigrantes. Claro que não é.

“A minha cultura é como o meu sangue fluindo por cada veia do meu corpo. É a cultura na qual nasci que vê a mulher como a virtude da casa. Para sustentar essa falsa virtude, *izzat*, ela é ensinada a tolerar vários tipos de opressão e de dor em silêncio. Uma mulher é um brinquedo que se quebra quando querem, que consertam quando querem. Por 10 anos levei uma vida de surras e degradação. E ninguém percebia. Saí da cadeia do meu marido e entrei na cadeia da lei. Foi aqui, finalmente, que encontrei uma espécie de liberdade.”

“Na vida, não há honra no sofrimento em silêncio, não há afeto e conforto numa relação de abuso. É nossa responsabilidade como mães ensinar nossos filhos a tratar as mulheres com amor e respeito, não com violência e raiva. Só assim o sofrimento acabará. Minha história é uma parte do quadro. Posso não ser importante, mas essa questão é. Por favor, não se esqueçam de que há muitas mulheres precisando da sua ajuda.”

“Rainha x Ahluwalia tornou-se um caso monumental que mudou a natureza da lei britânica para sempre, pois aceita a síndrome da mulher espancada como um estado mental jurídico de acordo com as rés que sofreram abuso físico contínuo das mãos do cônjuge.”

Fonte: Depoimentos reais de Kiran e última cena do filme *Provoked*- desejo de liberdade.

Nesse ponto é importante esclarecer que a lei, ao menos no caso brasileiro, não diz respeito apenas a agressões conjugais, mas também defende a mulher de outras formas de violência, inclusive com relação a filhos, por exemplo, dependentes de drogas, neto que agride a avó, empregador que agride a empregada doméstica e assim por diante. De qualquer forma,

Ainda é cedo para avaliar o impacto efetivo da Lei Maria da Penha na resolução dos conflitos de caráter conjugal, apesar da preocupação de ONGs ligadas aos direitos das mulheres em monitorar esse processo em muitas regiões do país. No entanto, sua aprovação traz à tona mais uma vez a importância dos movimentos sociais brasileiros no estabelecimento de políticas públicas mais democráticas e igualitárias no país. (ROMEIRO, 2009: 71).

E por que não dizer que a telenovela participa desse processo? Nas telenovelas, de alguma forma, a mulher recebe apoio e conforto. Como já vimos, na década de 80, as telenovelas contribuíram para a emancipação feminina (JAKUBASZKO, 2004). Muitas eram vítimas dos vilões que encarnavam os preconceitos da sociedade. Assim vimos se dissolverem os preconceitos com as mães solteiras, com as desquitadas, com a mulher que trabalha e busca sua independência. Apesar disso, somente em 2003 vimos uma narrativa sobre a violência doméstica. Assistimos ao drama de *Raquel* (Helena Rinaldi) na telenovela de Manoel Carlos, *Mulheres Apaixonadas* (TV Globo, 2003), e seu marido agressor *Marcos* (Daniel Stulbach). Novela que, inclusive, estava passando no *Vale a pena ver de novo* durante a exibição de *A Favorita*. Interessante notar que, assim como no caso da Inglaterra, foi preciso encarar a questão de modo a camuflar o fato de que a violência se dá em todas as classes sociais, em quaisquer dos níveis de escolaridade. O marido de *Raquel* não era um cidadão comum, era um psicopata. Provavelmente isso é uma estratégia para não afastar a audiência, já que é menos chocante a violência do psicopata do que a violência praticada por alguém com qualidades admiráveis, alguém que carregue humanidade, alguém que pode ser um amigo, ou conhecido do telespectador. Do mesmo modo, como veremos com *Catarina*, em *A Favorita*, pois, *Leo*, seu marido, está construído de forma a não apresentar uma qualidade sequer. Esse vilão puro, que dificilmente existirá na realidade, assusta menos, causa menos repúdio da história do que causaria um personagem mais complexo, menos plano.

Mas voltemos ao assunto “políticas públicas”. Há hoje algumas políticas públicas e ações da sociedade civil organizada voltadas para a masculinidade. Uma delas é do Ministério da Saúde, a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem (Brasília, agosto de 2008)¹³, que visa promover campanhas e ações de sensibilização do público masculino com relação à saúde preventiva. Seu objetivo é também melhorar as condições de atendimento e de saúde do homem, diminuindo a mortalidade e enfrentando de modo racional dos fatores de risco dessa população, entre outros. Pelo que consta, as mulheres têm mais o hábito de recorrer à medicina preventiva, fazendo diversos exames anualmente, do que os homens, que só vão ao médico se estiverem realmente doentes, e às vezes gravemente. Segundo o documento, eles também são mais vulneráveis a doenças e têm uma expectativa de vida mais baixa do que as mu-

¹³ Ver o documento: <http://dtr2001.saude.gov.br/sas/PORTARIAS/Port2008/PT-09-CONS.pdf> (capturado em 10.12.09)

lheres (7,6% em média). Segundo o documento não há solução a longo prazo para esse problema que é o machismo:

Grande parte da não-adesão às medidas de ação integral, por parte do homem, decorre das variáveis culturais. Os estereótipos de gênero, enraizados há séculos em nossa cultura patriarcal, potencializam práticas baseadas em crenças e valores do que é ser masculino. A doença é considerada como um sinal de fragilidade que os homens não reconhecem como inerentes à sua própria condição biológica. O homem julga-se invulnerável, o que acaba por contribuir que ele cuide menos de si mesmo e se exponha mais às situações de risco (...). Os homens têm dificuldade em reconhecer suas necessidades, cultivando pensamento mágico que rejeita a possibilidade de adoecer. Ainda, os serviços e as estratégias de comunicação privilegiam as ações de saúde para a criança, o adolescente, a mulher e o idoso.¹⁴

O documento oficial também oferece a sua definição de masculinidade, na página sete:

A Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem deve considerar a heterogeneidade de ser homem. As masculinidades são construídas historicamente e socioculturalmente, sendo a significação da masculinidade um processo em permanente construção e transformação.

Outros dados interessantes que a Política Nacional apresenta são: cerca de 75% das enfermidades que acometem os homens estão concentradas em 5 grandes áreas: cardiologia, urologia, saúde mental, gastroenterologia e pneumologia.

Outro tema de interesse da Política Nacional é a violência. Isso porque os homens são mais vulneráveis a ela seja como agressor ou como vítima, sobretudo na adolescência e juventude. Segundo o documento, o processo de socialização tem grande responsabilidade no envolvimento de rapazes em situações de violência, exposição a riscos, como uso abusivo de álcool, drogas, e contato com armas de fogo. O uso excessivo de álcool é responsável por 3,2% de todas as mortes e 4% dos anos perdidos de vida útil.

Na América Latina, o álcool é responsável por 16% e esse número é 4 vezes maior do que a média mundial, o que torna o assunto bastante preocupante e de grande interesse da saúde pública. Um pesquisa de 2007 da Unifesp (I Levantamento Nacional sobre os padrões de consumo de álcool na população brasileira) concluiu que são 19,5% dos homens dependentes do álcool para 6,9% de mulheres que apresentam dependência.

¹⁴ Idem: 6.

O problema gera cerca de 6 milhões de pessoas excluídas pelo alcoolismo. São 20% das internações dos homens provocadas por consumo de álcool.

De toda a população brasileira, os adolescentes homens de baixa renda e baixa escolaridade, moradores de periferia, principalmente afro-descendentes, são o maior grupo de risco para mortalidade por homicídio.

“Em Cunha, o homem morre do coração, a mulher de velhice” (Pepino, da funerária)
 “Em Cunha, a mulher vota no candidato do marido”(José, o Prefeito)
 “É muito difícil você pegar uma mulher embriagada no volante”(Juramir, o delegado)
 “A honra atrai três tipos de coisa: hospital, cadeia e cemitério”(Paulo Henrique, presidiário)
 “100% dos crimes de Cunha são cometidos por homens”(Juramir, o delegado)
 “A natureza do homem é terrível para o sexo”(Paulo, agricultor)
 “80% dos calmantes são consumidos pelas mulheres”(Luiz, o farmacêutico)

A Política Nacional também pretende afirmar o direito dos homens em decidir com as mulheres o planejamento reprodutivo, o direito à paternidade, que não deve ser visto apenas como obrigação legal. Aborda ainda as causas e os índices de mortalidade. O relatório é feito com base numa farta bibliografia sobre o tema “masculinidade e saúde”.

Na pesquisa que realizamos, com exceção das políticas de saúde mencionadas acima, encontramos os homens incluídos nas políticas públicas sempre e somente no sentido de questionar a sua participação no processo de conquista da igualdade de gêneros¹⁵. Isso faz sentido na medida em que eles são o poder hegemônico a ser interpelado pelas minorias. Assim, o que existe hoje é uma Secretaria Especial de Política para as Mulheres (doravante SPM) da Presidência da República, criada no Governo de Luiz Inácio Lula da Silva, sob o ministério de Nilcéia Freire. O Sistema Nacional de Informações de Gênero (SNIG- Br)¹⁶ recolhe e analisa indicadores de gênero com a finalidade de subsidiar as políticas públicas. Também tramita no Congresso, uma lei que pune ações discriminatórias devido ao preconceito de orientação sexual.

¹⁵ Conferir exemplos: <http://www.observatoriodegenero.gov.br/menu/noticias/homens-masculinidades-e-politicas-publicas/> .

¹⁶ Veja o documento no link: http://200.130.7.5/snig/informacao/snig_indicadores.pdf (capturado em 10.12.09).

Segundo o documento do SNIG, o grande marco de conquista das mulheres na proposição das políticas de igualdade de gênero foi a IV Conferência Mundial de Pequim. Alguns indicadores como o *gender parity index* foram criados com o objetivo de monitorar o desenvolvimento social e humano de homens e mulheres no âmbito do trabalho, da educação, da reprodução, da violência, entre outros. Este primeiro módulo do SNIG trabalha com as informações censitárias de 1991 a 2000. O recorte de cor e raça mostrou que no Brasil, “as mulheres negras apresentam condições de vida e trabalho piores que as mulheres brancas” (SNIG-Br: 8). Perceberam ainda, que nas famílias de baixa renda há carências de recursos que chegam a comprometer o desenvolvimento das crianças. As políticas de universalização do ensino e de erradicação do analfabetismo foram positivas para as mulheres, igualando as taxas de analfabetismo das mulheres às dos homens (cerca de 13%). Na escola, os meninos apresentam taxas mais altas de evasão e repetência. Entretanto, “Apesar da maior escolaridade, as mulheres recebem significativamente menos que os homens e estão concentradas em ocupações pouco qualificadas e de menor ‘prestígio’ social”. (idem: 10). São atividades consideradas como uma extensão das atividades da vida doméstica.

Os indicadores mostram um avanço no que diz respeito à inserção da mulher no mercado de trabalho, mas revela também pouco avanço na diminuição das desigualdades de gênero e de cor e raça. As atividades de baixa qualificação, de pouca formalização no mercado de trabalho e de remuneração precária são ocupadas majoritariamente por mulheres negras. Também com relação à educação, na comparação entre o analfabetismo, a taxa entre as mulheres pretas e pardas é de 18,5% enquanto que para as brancas é de 8,6%. Em diversos momentos o documento ressalta que as mulheres negras e pardas sofrem de dupla discriminação e que as desigualdades de cor são maiores que as de sexo.

Na pesquisa de domicílios chefiados por mulheres, verificou-se um aumento significativo de 37% de 91 a 2000. Existem mais famílias chefiadas por mulheres negras e pardas do que por mulheres brancas. Das famílias chefiadas por homens, a contribuição média da mulher no orçamento doméstico aumentou de 24,1% em 91 para 37,7% em 2000, em comparação com os dois censos anteriores.

Com relação aos fluxos migratórios, houve uma significativa diminuição de imigrantes do nordeste para o sudeste, por exemplo. O dado que se faz notar é que, dentre os migrantes, as mulheres estão em maior número.

A SPM mantém 6 programas em andamento atualmente: programa de enfrentamento à feminização das DSTs e Aids; programa pró-igualdade de gênero; programa mulher e ciência; programa gênero e diversidade na escola; programa mulheres construindo autonomia na construção civil; programa trabalho, artesanato, turismo e autonomia das mulheres.

Existe também o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher – CNDM, que foi criado em 1985, vinculado ao Ministério da Justiça, para promover políticas de eliminação da discriminação contra a mulher e para que a sua participação nas atividades políticas, econômicas e culturais do país ficasse assegurada. De 1985 a 2005, suas funções e atribuições estiveram em constante alteração. No atual governo, passou a integrar a estrutura da Secretaria Especial de Políticas para Mulheres da Presidência da República. Uma das atribuições do CNDM é apoiar a Secretaria na articulação com instituições da administração pública federal e com a sociedade civil ¹⁷.

Notamos, ainda, que as últimas mudanças no código civil brasileiro permitem não apenas que mulheres tenham o direito de reivindicar pensão: os homens em situação de desvantagem econômica perante a cônjuge também podem requerer benefícios financeiros. A igualdade entre os sexos tão solicitada pelas mulheres também devolve aos homens algumas condições de igualdade positiva para eles quando a mulher estiver em posição de vantagem financeira na relação.

Das ações da sociedade civil, encontramos o Instituto Papai (papai.org.br), organização sediada em Pernambuco, que incentiva políticas públicas de gênero. Na apresentação, na faixa de cabeçalho está escrito: “o feminismo nos ensina que o privado é público e, portanto, político” ¹⁸. Vamos ver o que a instituição declara em seu histórico na Internet:

Consideramos que a institucionalização do PAPAÍ é fruto das conquistas dos movimentos sociais que se estabeleceram historicamente a partir da década de 1960, particularmente os movimentos de mulheres, feminista e os em defesa dos direitos sexuais, principalmente de gays e lésbicas. Esses movimentos exigiram uma revisão de valores, normas culturais e processos institucionais, resultando numa crise da ordem de gênero e da sexualidade e na necessidade de desconstrução do machismo. Tal perspectiva ganhou maior visibilidade durante a IV Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento, realizada em 1994, no Cairo, e durante a IV Conferência Mundial sobre a Mulher, realizada em 1995,

¹⁷ Para um histórico do CNDM ver: http://www.presidencia.gov.br/estrutura_presidencia/sepm/conselho/historico/ (capturado em 10.12.09).

¹⁸ Ver: <http://www.papai.org.br/index.php?goto=quemsomos.php> (capturado em 10.12.09).

em Beijing. Nesses dois fóruns de discussão, afirmou-se como diretriz a busca de uma maior participação jovem e masculina na promoção dos direitos sexuais e reprodutivos.

Nossa instituição foi fundada em janeiro de 1997. À época, a principal iniciativa era o Programa de Apoio ao Pai Adolescente e Jovem, cuja matriz política e conceitual era a intersecção gênero e idade. A partir disto, propusemos reflexões sobre a invisibilidade da experiência masculina no contexto da vida reprodutiva e no cuidado infantil. Esta iniciativa, pioneira na América Latina, teve por base o modelo dos núcleos acadêmicos de estudos sobre a mulher e relações de gênero, que se estruturaram no Brasil especialmente na década de 1980, na interface entre a produção acadêmica de gênero e a militância feminista. Hoje, diversos campos de saber defendem que o envolvimento dos homens no contexto da saúde reprodutiva/saúde integral pode contribuir para gerar melhores condições de vida para os homens, para as mulheres e para as crianças. Porém, a nosso ver, não basta a participação e o envolvimento dos homens. É necessária uma leitura crítica, à luz do feminismo, sobre os processos de institucionalização que são construídos a partir de (e constroem) a desigualdade de gênero. Neste sentido, ao longo dos anos, o Instituto PAPAI ampliou suas ações, constituindo uma equipe que vem produzindo conhecimentos, estabelecendo parcerias, integrando redes, articulações; concretizando produtos e processos. Atuando no campo da saúde pública, nos diversos contextos de socialização, educação e em instâncias de controle social, temos trabalhado com vistas a romper barreiras individuais, simbólicas, culturais e institucionais que criam obstáculos a uma maior participação masculina no contexto dos direitos sexuais e reprodutivos e impedem uma transformação simbólica, política e prática mais profunda.¹⁹

A missão e os objetivos do Instituto Papai são os de promover a igualdade de direitos e fomentar políticas públicas orientadas pela perspectiva feminina. Pretende também superar todas as formas de violência, sobretudo as de gênero, contra homossexuais e de cor e raça. Para tanto, atua principalmente junto à população de baixa renda, educando através de campanhas, cursos de capacitação, eventos, consultoria e formação política de grupos de homens jovens. O instituto ainda realiza pesquisas nas áreas de saúde, sexualidade e reprodução, também com “enfoque feminista e de gênero”. Desde 2006 a organização vem ganhando prêmios importantes.

Uma de suas campanhas é a Campanha do Laço Branco - Homens pelo fim da violência contra a mulher, de alcance internacional. Vale reproduzir aqui seus objetivos, atividades e histórico, que pode ser conferidos no link http://www.papai.org.br/index.php?goto=campanhas_2.php&cod=16 (capturado em 10.12.09).

¹⁹ Conferir: <http://www.papai.org.br/index.php?goto=historico.php>

Objetivos:

A Campanha Brasileira do Laço Branco tem como objetivo sensibilizar, envolver e mobilizar os homens no engajamento pelo fim da violência contra a mulher. Suas atividades são desenvolvidas em consonância com as ações dos movimentos organizados de mulheres e de outras representações sociais que buscam promover a equidade de gênero, através de ações em saúde, educação, trabalho, ação social, justiça, segurança pública e direitos humanos. **Site:** www.lacobranco.org.br.

Atividades

A Campanha do Laço Branco realiza diferentes atividades para envolver os homens nas ações pelo fim da violência sexista, para isso utiliza estratégias de comunicação em rede e sensibilizações comunitárias, sobretudo com jovens do sexo masculino.

A Campanha concentra um conjunto de ações especialmente entre os dias 25 de novembro (Dia Internacional de Erradicação da Violência contra a Mulher) e 6 de dezembro (Dia Nacional de Mobilização dos Homens pelo fim da Violência contra as Mulheres), em que realiza:

- Distribuição de laços brancos, camisetas e folhetos informativos.
- Realização de eventos públicos, caminhadas, debates, oficinas temáticas sobre o envolvimento dos homens no fim da violência contra a mulher;
- Coleta de assinaturas e termos de adesão à campanha, etc.

As atividades da Campanha do Laço Branco são desenvolvidas em parceria com diferentes instituições, particularmente organizações do Movimento de Mulheres.

Histórico

No dia 6 de dezembro de 1989, um rapaz de 25 anos (Marc Lepine) invadiu uma sala de aula da Escola Politécnica, na cidade de Montreal, Canadá. Ele ordenou que os homens (aproximadamente 48) se retirassem da sala, permanecendo somente as mulheres. Gritando: “você são todas feministas!?”, esse homem começou a atirar enfurecidamente e assassinou 14 mulheres, à queima roupa. Em seguida, suicidou-se. O rapaz deixou uma carta na qual afirmava que havia feito aquilo porque não suportava a idéia de ver mulheres estudando engenharia, um curso tradicionalmente dirigido ao público masculino.

O crime mobilizou a opinião pública de todo o país, gerando amplo debate sobre as desigualdades entre homens e mulheres e a violência gerada por esse desequilíbrio social. Assim, um grupo de homens do Canadá decidiu se organizar para dizer que existem homens que cometem a violência contra a mulher, mas existem também aqueles que repudiam essa atitude. Eles elegeram o laço branco como símbolo e adotaram como lema: jamais cometer um ato violento contra as mulheres e não fechar os olhos frente a essa violência.

Foi então lançada a primeira Campanha do Laço Branco (White Ribbon Campaign): homens pelo fim da violência contra a mulher. A Campanha concentra um conjunto de ações e manifestações públicas em favor dos direitos das mulheres e pelo fim da violência entre os dias 25 de novembro (Dia Internacional de Erradicação da Violência contra a Mulher) e 6 de dezembro (data escolhida para lembrar que a morte daquelas mulheres de Montreal e o machismo).

Nas duas últimas décadas, a Campanha já foi implementada em diferentes países: na Ásia (Índia, Japão e Vietnã), Europa (Noruega, Suécia,

Finlândia, Dinamarca, Espanha, Bélgica, Alemanha, Inglaterra e Portugal), África (Namíbia, Quênia, África do Sul e Marrocos), Oriente Médio (Israel), Austrália e Estados Unidos. No Brasil, o lançamento oficial da Campanha foi realizado em 2001.

Em 2007, a Campanha, em Pernambuco, contou com o tema “Quando ela diz não, quer dizer não mesmo!” e objetivou envolver os homens no enfrentamento da violência sexual contra as mulheres. No mês de novembro, homens jovens, entre 15 e 24 anos, integrantes da Campanha, distribuíram calendários, cartazes, panfletos, e fitinhas do Laço Branco (símbolo da Campanha) em Unidades de Saúde, escolas, bares, lanchonetes, locadoras, academias, associação de moradores, farmácias, mercadinhos do bairro da Várzea, Região Metropolitana do Recife. Os garotos alertaram a população masculina sobre a legislação atual que criminaliza as diferentes formas de violência contra a mulher, chamando a atenção para condutas consideradas “inofensivas” que podem abrir espaço para violências mais graves.

No Dia Nacional de Mobilização dos Homens pelo fim da Violência contra as Mulheres, será realizado, 06 de dezembro, foi realizado um ato público no Mercado de São José para divulgar a Lei Maria da Penha junto ao público masculino. A atividade engajou os homens em ações pelo fim da violência contra as mulheres. Na ocasião, foram entregues cartazes, panfletos e fitinhas do Laço Branco para transeuntes e comerciantes da localidade, sobretudo homens e jovens do sexo masculino. Na página eletrônica da Campanha do Laço Branco na Internet é possível obter mais informações sobre as ações da Campanha no Brasil.

Parceria

Rede de Homens pela Equidade de Gênero - RHEG (Instituto NOOS de Pesquisa Sistêmicas e Desenvolvimentos de Redes Sociais, Instituto PAPAÍ, Instituto ProMundo e Pró-Mulher, Família e Cidadania); Núcleo de Pesquisas em Gênero e Masculinidades da Universidade Federal de Pernambuco (Gema/UFPE)

Apoio

- Cida - Agência Canadense de Desenvolvimento Internacional (Cooperação Brasil-Canadá)
- Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)
- Dfid - Department for International Development; WCF - World Childhood Foundation.

O Instituto promove ainda o Seminário Nacional Homens, Gênero e Políticas Públicas. Também desenvolve a campanha “Machismo não combina com saúde”.

Como esta tese se dedica à masculinidade, não julgamos ser necessário rememorar, por exemplo, porque se instituiu o 8 de março como dia Internacional da Mulher, ou elencar os movimentos brasileiros e grupos sociais e acadêmicos, como o instituto Pagu, já que podemos localizá-los como marcos do feminismo e não do movimento

masculino, embora, claro, tenham sido de importância central em todos os processos de transformação a que temos nos referido até agora.

4.3. A noção de masculinidade hegemônica

A masculinidade é um conjunto de significados sempre em transformação, que construímos através de nossas relações com nós mesmos, com os outros e com nosso mundo. A virilidade não é estática nem atemporal; é histórica; não é a manifestação de uma essência interior; é construída socialmente; não nos sobe à consciência pela via dos nossos componentes biológicos; é criada na cultura. A virilidade significa coisas diferentes em diferentes épocas para diferentes pessoas. Temos chegado a conhecer o que significa ser um homem em nossa cultura ao situar nossas definições em oposição a um conjunto de outros, minorias raciais, minorias sexuais e, sobretudo, a mulheres. (Kimmel)²⁰

A masculinidade também se reconhece num processo, sem que percebamos que pertence a uma ordem social na qual os corpos, as ações, emoções e sentimentos também têm um sexo definido socialmente. E como a masculinidade é um indicativo de poder, ela exige que sempre se prove esse poder para demonstrar que é homem. A masculinidade também se vincula diretamente à forma dos corpos.

A hegemonia é um conceito que também se aplica ao campo de gênero. Segundo Kimmel, a masculinidade hegemônica é a de “um homem no poder, um homem com poder e um homem de poder” (VALCUENDE, 2003: 15). Então, um homem deve sempre manter-se na defensiva para preservar a sua imagem, e isso vai depender também de sua mulher e filhos, uma vez que estes adquirem valor, capital, perante outros homens. Mas claro que o modelo hegemônico é um ideal inatingível.

²⁰ Do original: “La masculinidade es un conjunto de significados siempre cambiantes, que construimos a través de nuestras relaciones con nosotros mismos, con los otros, y con nuestro mundo. La virilidad no es estática ni atemporal; es histórica; no es la manifestación de una esencia interior; es construida socialmente; no nos sube a la conciencia desde nuestros componentes biológicos; es creada en la cultura. La virilidad significa cosas diferentes en diferentes épocas para diferentes personas. Hemos llegado a conocer lo que significa ser un hombre en nuestra cultura al ubicar nuestras definiciones en oposición a un conjunto de otros, minorias raciales, minorias sexuales y, sobre todo, las mujeres.”.

A necessidade constante que os homens têm de se afirmarem publicamente é o que os faz obter a admiração das mulheres e o que dá sentido à sua masculinidade. Em última instância, esse poder será exercido para dominar as mulheres, os outros homens, inclusive de forma violenta se acharem necessário. E, nesse processo, em nome do autocontrole e do domínio sobre aqueles que os rodeiam, os homens acabam se impedindo de viver uma série de emoções, de sentir determinadas necessidades e se privam de cuidar e ser cuidados, de experimentar a empatia, a compaixão e amizade profunda, etc. Os grupos de rapazes, num mecanismo para assegurar a reprodução da masculinidade hegemônica, acabam agindo como uma “polícia de gênero”, e não permitem que seus “amigos” se portem como “efeminados”. Assim, o homem que perde seu trabalho, se sente menos homem; o homem que não manda em casa se sente menos homem, o homem que mantém relações sexuais com outros homem é menos homem que os outros; o homem que expressa seus sentimentos... E assim por diante, sobretudo até três décadas passadas. “Aquele que não cumprir todas as exigências para a conquista do ‘título’ de ‘homem com H maiúsculo’, tinha sua masculinidade posta em dúvida.” (RAMOS, 2000: 46).

Vale dizer mais uma vez que o modelo hegemônico é reproduzido tanto por homens quanto por mulheres quando elas assumem um papel passivo, instrumental e secundário. Tanto que as mulheres que tem algum poder são consideradas “masculinizadas”. E não é à toa que o lugar das mulheres e dos homossexuais é o privado, espaço em que podem confinar ou ocultar ações e fatos.

É claro que se pode argumentar que o modelo hegemônico corresponde a um pequeno número de homens. É preciso trabalhar definições alternativas, de outros tipos de masculinidade. Usando o conhecimento do cotidiano, é possível encontrar inúmeras formas de exercício da masculinidade que não se enquadram no modo de ser hegemônico. Dessa forma, cabe a pergunta: até que ponto podemos falar de uma masculinidade hegemônica? Para alguns homens, atualmente, o modelo hegemônico é o modelo a não ser seguido. Por isso optamos por usar o plural “masculinidades”, para incluir as diversas e diferentes formas ser homem, no passado e no presente, já que estamos falando de uma categoria construída social e historicamente. Entre a representação ideal e o cotidiano se oculta a diversidade. “Quiçá, a forma de subverter a noção de masculinidade é começar reconhecendo que, efetivamente, um boa parte dos homens somos “menos mascu-

linos”, não é que sejamos masculinos de outra forma. Em todo caso, parece necessário propor novos caminhos para superar velhos esquemas.” (VALCUENDE, 2003: 21)²¹.

Hoje, o que está acontecendo, é que estão ficando borradas as fronteiras entre os atributos femininos e masculinos, e esse “intercâmbio de atributos” entre os gêneros origina “homens femininos” e “mulheres masculinas” e que isso

nada mais é do que uma forma de (re)ordenar, tornar inteligível o que parece confuso. Quando não se pode mais falar de um único modelo hegemônico de ser homem e de ser mulher, do qual uma simples classificação binária (masculino versus feminino) dava conta, essa parece ser uma boa “técnica” para “restaurar” a classificação de gênero, mesmo às avessas. (RAMOS, 2000: 59).

Goldenberg (2006) também concluiu que, se há uma crise de masculinidade, ela de dá com relação às representações hegemônicas.

Na pesquisa que realizou com homens heterossexuais moradores da região sul da cidade do Rio de Janeiro, entre 30 e 57 anos, viu que seus prognósticos não estavam de acordo com a realidade. Ela acreditava que eles relatariam vasta experiências com mulheres e isso não aconteceu. Eles também não se sentiam representados pelas imagens hegemônicas da masculinidade, embora projetassem em seus amigos os traços dessa representação, sobretudo com relação à sexualidade, e isso lhes fosse bastante significativo e funcionasse como referência para eles:

Todos os pesquisados afirmaram que tiveram um número de mulheres muito inferior ao normal em seu círculo de amigos. (...) Os depoimentos dos pesquisados são significativos para pensar sobre o papel dos amigos nas representações masculinas sobre sexualidade. Os amigos simbolizam a pressão cultural com respeito à masculinidade, à virilidade, a determinado modelo de ser homem estreitamente vinculado ao comportamento sexual. Todos se percebem distantes de modelo de masculinidade representado pelos amigos. Um modelo paradoxalmente próximo e impossível de ser imitado. Assim, se pensarmos na idéia de “imitação prestigiosa” (Marcel Mauss, Sociologia e antropologia, 1974), de que os indivíduos imitam atos e comportamentos que têm êxito ou sucesso em suas culturas, na sociedade brasileira o homem a ser imitado é aquele que transa com centenas de mulheres. A associação entre masculinidade e quantidade de mulheres é muito presente entre os pesquisados, apesar de estudos, realizados em diferentes países, mostrarem que o número de parceiras

²¹ Do original: “Quizás la forma de subvertir la noción de masculinidad es comenzar reconociendo que, efectivamente, una buena parte de los hombres somos “menos masculinos”, no es que seamos masculinos de otra forma. Em todo caso, parece necesario plantear nuevos caminos que intentem superar viejos esquemas.”

sexuais que os homens têm durante suas vidas não chega, em média, a uma dúzia²². (GOLDEMBERG, 2006: 177-178).

É importante dizer que, embora novos modelos estejam surgindo, o modelo hegemônico ainda tem força e os efeitos da dominação masculina ainda são sentidos pela população mundial. “Um recente estudo da Organização das Nações Unidas mostrou que, no ritmo atual, somente daqui há quatrocentos anos homens e mulheres serão iguais no mundo do trabalho” (GOLDENBERG, 2000: 113).

No último capítulo tentaremos traçar alguns perfis alternativos quando estudarmos os personagens *Orlandinho* e *Augusto César* de *A Favorita*.

4.4 A dominação masculina

Como pudemos observar até aqui, há recorrências tanto entre os níveis inferiores e superiores da ideologia do cotidiano quanto entre eles e a esfera do discurso oficial. A diferença é a forma de elaboração característica de cada gênero discursivo. Em síntese, acompanhamos as representações das masculinidades e a análise de diversas representações.

Com tudo o que vimos até agora, podemos afirmar que existe o conceito de uma masculinidade hegemônica, assim como existe também a idéia corrente de que esta masculinidade hegemônica vive um período de crises e transformações que vêm se intensificando desde meados do século XX. Apesar disso, como propuseram Pease & Pease (2000),

Os homens continuam a dominar o espaço público e a área de poder (sobretudo econômico, sobre a produção), ao passo que as mulheres ficam destinadas (predominantemente) ao espaço privado (doméstico, lugar da reprodução), em que se perpetua a lógica da economia de bens simbólicos, ou a essas espécies de extensões deste espaço, que são os serviços sociais (sobretudo hospitalares) e educativos, ou ainda aos universos da produção simbólica (áreas literária e artística, jornalismo, etc.). (BOURDIEU, 2007: 112).

²² A nota é do original: “O Global Sex Survey, realizado em 2004, com mais de 350 mil pessoas de 41 países, mostrou que as pessoas ao redor do mundo têm, em média, 10,5 parceiros sexuais ao longo de suas vidas. Mais de um quarto (27%) tiveram apenas um parceiro, enquanto 21% tiveram sexo com mais de 10 pessoas. Homens têm mais parceiras sexuais em suas vidas (12,4%) do que as mulheres (7,2%). Os chineses tiveram mais parceiros sexuais (19,3) do que os brasileiros (15,2), que estão em segundo lugar nessa “competição”. www.durex.com”.

Sendo assim, ainda podemos falar em uma dominação masculina, em uma desigualdade de gênero – que pudemos ver expressa desde as piadas – e num uso do poder de forma a trazer conseqüências diversas – tanto fantásticas quanto desastrosas – e de forma a nem sempre observar essas conseqüências. Se não podemos nem universalizar e, menos ainda, naturalizar as diferenças entre homens e mulheres, podemos usar esse conhecimento para favorecer as relações sociais e humanas. O machismo é das características mais nocivas da cultura. E a estratégia de naturalizar as diferenças é a mais encontrada para perpetuar a dominância masculina.

Vimos também que, ainda que possam existir exceções, a maioria das culturas fundamenta sua ordem social e cultural a partir das necessidades e do poder masculinos. A análise sobre os Cabila de Bourdieu (2007) traz semelhanças e reflexões para nossa própria sociedade. Segundo ele, entre os Cabila:

A divisão entre os sexos parece estar “na ordem das coisas”, como se diz por vezes para falar do que é normal, natural, a ponto de ser inevitável: ela está presente, ao mesmo tempo, em estado objetivado nas coisas (...), em todo o mundo social e, em estado incorporado, nos corpos e nos *habitus* dos agentes, funcionando como sistemas de esquemas de percepção, de pensamento e de ação. (...) A força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificação. (...) O mundo social constrói o corpo como realidade sexuada e como depositário de princípios de visão e de divisão sexualizante. (BOURDIEU, 2007: 17-18).

É a diferença sexual, anatômica, a justificativa natural que aparece nos mitos para a diferença entre os gêneros que, na verdade, é socialmente construída; sobretudo a diferença no que diz respeito à divisão do trabalho e a realidade da ordem social. Também estão incluídos os rituais coletivos e privados, a divisão dos bens materiais e simbólicos, as atividades e lugares exclusivos dos homens, que ficam responsáveis pela execução das tarefas mais nobres, deixando as de menor prestígio para as mulheres, enfim, as práticas e os preconceitos colocam a mulher sempre numa condição inferior ao homem. Inclusive o ato sexual pode estar inscrito na relação de dominação, quando estiver construído através do princípio daquela divisão entre ativo (masculino) e passivo (feminino). E “até mesmo nas sociedades euro-americanas de hoje”,

Uma sociologia política do ato sexual faria ver que, como sempre se dá em uma relação de dominação, as práticas e representações dos dois sexos não são, de maneira alguma, simétricas. Não só porque as mo-

ças e os rapazes têm pontos de vista muito diferentes sobre a relação amorosa, na maior parte das vezes pensada pelos homens com a lógica da conquista (sobretudo nas conversas entre amigos, que dão bastantes espaço a um contar vantagens a respeito das conquistas femininas), mas também porque o ato sexual em si é concebido pelos homens como uma forma de dominação, de apropriação, de “posse”. Daí a distância entre as expectativas prováveis dos homens e das mulheres em matéria de sexualidade – e os mal-entendidos que deles resultam, ligados a más interpretações de “sinais”, às vezes deliberadamente ambíguos ou enganadores. À diferença das mulheres, que estão socialmente preparadas para viver a sexualidade como uma experiência íntima e fortemente carregada de afetividade, que não inclui necessariamente a penetração, mas que pode incluir um amplo leque de atividades (falar, tocar, acariciar, abraçar, etc.), os rapazes tendem a “compartimentar” a sexualidade, concebida como um ato agressivo, e sobretudo físico, de conquista orientada para a penetração e o orgasmo. (BOURDIEU, 2007: 29-30).

É interessante voltar a notar as recorrências entre os níveis discursivos. Em contextos diferentes, com objetivos diferentes, várias das inquietações e características levantadas nos textos de Gray (1995), Gikovate (1989) e Biddulph (2003), ou mesmo nos dos Pease (2000), aparecem explicadas e analisadas nos textos de Bourdieu, Balandier e dos estudos de Gênero. Por que há uma diferença nos comportamentos de homens e mulheres? Por que essas diferenças implicam em desigualdades? Bourdieu explica: “A força particular da sociodicéia masculina lhe vem do fato de ela acumular e condensar duas operações: ela [a visão androcêntrica] legitima uma relação de dominação inscrevendo-a em uma natureza biológica que é, ela própria, uma construção social naturalizada.” (Idem: 33)

É importante esclarecer que, segundo Bourdieu, não podemos incorrer no erro de achar que a estrutura de dominação masculina é uma invariante ou é eterna; elas não são a-históricas, ao contrário, são fruto de um trabalho ininterrupto da reprodução social, sendo histórica, portanto.

Segundo o autor, a lógica da dominação masculina e da submissão feminina é uma força simbólica paradoxal. É paradoxal porque essa relação se dá simultaneamente de forma espontânea e de forma extorquida, e sua eficácia está duradouramente inscrita nos corpos e nas coisas. Também porque existe uma cumplicidade que faz com que o dominado acabe adotando para si próprios o ponto de vista dos dominantes. O fundamento da violência simbólica está nas “disposições modeladas pelas estruturas de dominação que as produzem” (Idem: 54), e não nas consciências, segundo ele, mistificadas. Sim, aqui podemos arriscar a afirmação de que a visão androcêntrica é, por que não, um sistema *modelizante*. Podemos dizer que as masculinidades são *modelizadas*

por uma visão androcêntrica da realidade. E como poderíamos entender melhor o que seja essa visão andricêntrica?

A dominação masculina encontra, assim, reunidas todas as condições de seu pleno exercício. A primazia universalmente concedida aos homens se afirma na objetividade de estruturas sociais e de atividades produtivas e reprodutivas, baseadas em uma divisão sexual do trabalho de produção e de reprodução biológica e social, que confere aos homens a melhor parte, bem como nos esquemas imanentes a todos os *habitus*: moldados por tais condições, portanto objetivamente concordes, eles funcionam como matrizes das percepções, dos pensamentos e das ações de todos os membros da sociedade, como transcendentais históricos que, sendo universalmente partilhados, impõem-se a cada agente como transcendentais. Por conseguinte, a representação androcêntrica da reprodução biológica e da reprodução social se vê investida da objetividade do senso comum, visto como senso prático, dóxico, sobre o sentido das práticas. E as próprias mulheres aplicam a toda a realidade e, particularmente, às relações de poder em que se vêem envolvidas esquemas de pensamento que são produto da incorporação dessas relações de poder e que se expressam nas oposições fundamentais da ordem simbólica. Por conseguinte, seus atos de conhecimento são, exatamente por isso, atos de reconhecimento prático, de adesão dóxica, crença que não tem que se pensar e afirmar como tal e que “faz”, de certo modo, a violência simbólica que ela sofre. (Idem: 45).

Em síntese, a masculinidade se define em relação aos outros homens, e em relação de oposição com a mulher. O que é próprio do feminino indica os limites da fronteira da masculinidade. Aí se identifica o que é proibido e inaceitável na conduta dos homens. Do mesmo modo que entre os Cabila “se as mulheres, submetidas a um trabalho de socialização que tende a diminuí-las, a negá-las, fazem a aprendizagem das virtudes negativas da abnegação, da resignação e do silêncio, os homens também estão prisioneiros e, sem se aperceberem, vítimas, da representação social” (BOURDIEU, 2007: 63), entre nós os homens ainda estão prisioneiros de um modelo hegemônico. As exigências sociais provocam contentamento e satisfação para uns e desconforto e incômodo para os que não querem ou conseguem enquadrar-se na experiência socialmente legitimada. Relacionar-se com o hegemônico de modo a dizer “os homens são assim” é uma maneira de transformar em “natural” o que é próprio da cultura; é uma forma de achar que a natureza – e não a cultura – outorga tais atributos, tais signos visíveis da masculinidade.

Não questionar tais princípios é abrir a possibilidade de dominação. Muitas vezes em nome, por exemplo, da “responsabilidade” ou da “moral” o homem se esconde atrás de seus atributos “naturais” e justifica, inclusive, atos de violência. É uma contradição

que se evidencia quando os homens tomam determinadas atitudes que são ilegais, mas ao mesmo tempo como que legítimas no âmbito das provas de masculinidade. Pensemos, por exemplo, em condutas freqüentes entre adolescentes: rachas de automóveis, teste de limites com bebidas, drogas, brigas, disputas por mulheres, a prática de enganar mulheres, agredir homossexuais e prostitutas, enfim, para saber até onde resiste “a masculinidade” do sujeito. Fazer uso da violência para que não se imponham sobre ele, ou para impor-se sobre outros. Ou, então, as diversas formas de violência praticadas em nome de uma visão androcêntrica, sob o aval da Lei e da Justiça, que prejudicam grupos, povos, nações, gerações.

A noção de virilidade formulada por Bourdieu a partir dos Cabila nos parece bastante adequada também para nossa sociedade: “A virilidade, como se vê, é uma noção eminentemente *relacional*, construída diante dos outros homens, para os outros homens e contra a feminilidade, por uma espécie de *medo* do feminino, e construída, primeiramente, dentro de si mesmo.” (BOURDIEU, 2007: 67).

Com relação à nossa sociedade, o trabalho a fazer, segundo o autor, é *o trabalho histórico de des-historicização*. Lembrando, de maneira muito breve, a condição das mulheres e as relações de gênero em diferentes épocas, garante que o trabalho de reprodução da ordem masculina esteve a cargo, além da família, da Igreja, do Estado e da Escola. E são muitos exemplos: a domesticação dos corpos; a inculcação da moral paternalista e a idéia da inferioridade da mulher; a subordinação da mulher e a maneira como se deu sua entrada no mercado de trabalho; a disposição dos primeiros códigos civis e o papel que a mulher tinha no casamento perante o Estado, o que se configura como um *patriarcado público*; enfim, todo o discurso oficial sobre o segundo sexo, com todos os princípios fundamentais da visão androcêntrica respeitados. Entretanto, tudo isso é produto da história:

Em suma, ao trazer à luz as invariantes trans-históricas da relação entre os “gêneros”, a história se obriga a tomar como objeto o trabalho histórico de des-historicização que as produziu e reproduziu continuamente, isto é, o trabalho constante de *diferenciação* a que homens e mulheres não cessam de estar submetidos e que os leva a distinguir-se masculinizando-se. Ela deveria empenhar-se particularmente em descrever e analisar a (re)construção social, sempre recomeçada, dos princípios de visão e da divisão dos “gêneros” e, mais amplamente, das diferentes categorias de práticas sexuais (sobretudo heterossexuais e homossexuais), sendo a própria heterossexualidade construída socialmente e socialmente constituída como padrão universal de toda prática sexual “normal”, isto é, distanciada

da ignomínia da “contranatureza”²³. Uma verdadeira compreensão das mudanças sobrevindas, não só na condição das mulheres, como também nas relações entre os sexos, não pode ser esperada, paradoxalmente, a não ser de uma análise das transformações dos mecanismos e das instituições encarregadas de garantir a perpetuação da ordem dos gêneros. (BOURDIEU, 2007: 102-103).

Segundo o autor, somente uma ação política que tenha em conta todos os efeitos da ordem masculina, mantida tanto por homens quanto por mulheres, que mexa nas estruturas das grandes instituições, nas quais a ordem social é principalmente baseada na dominação masculina, a longo prazo, poderá “contribuir para o desaparecimento progressivo da dominação masculina” (idem: 139). Lembramos mais uma vez iniciativas como a do Instituto Papai que de forma inovadora propõe uma nova ordem.

Quem sabe Reihan Salam²⁴ (2009) esteja certo e uma transferência de poder está ocorrendo? Segundo ele,

Podemos dizer agora, sem medo de errar, que o legado mais duradouro da atual crise financeira não será o fim de Wall Street. Não será o fim das finanças, e não será também o fim do capitalismo. Essas idéias e instituições sobreviverão. O que não sobreviverá é o macho. A escolha que os homens terão de fazer – aceitar ou lutar contra esse fato da história – terá conseqüências devastadoras para toda a humanidade, tanto para as mulheres quanto para os homens.

E eu pergunto: será?

²³ A nota é do autor: “sabemos, sobretudo graças ao livro de George Chauncey, *Gay New York*, que o advento da oposição entre homossexuais e heterossexuais é algo muito recente e que foi sem dúvida só depois da Segunda Guerra Mundial que a heterossexualidade ou a homossexualidade se impôs como escolha exclusiva. Até então inúmeros eram os que passavam de um parceiro masculino a uma parceria feminina, podendo homens ditos “normais” deitar com um “efeminado” com a condição de se limitar ao lado dito “masculino” da relação. Os “invertidos”, ou seja, os homens que desejavam homens, adotavam maneiras e trajes efeminados, que começaram a regredir quando a distinção entre homossexuais e heterossexuais se afirmou mais claramente.”

²⁴ Reihan Salam é escritor e jornalista bangaladesh americano. Para saber mais sobre ele consultar: http://www.newamerica.net/people/reihan_salam e http://translate.google.com/translate?hl=pt-BR&sl=en&u=http://en.wikipedia.org/wiki/Reihan_Salam&ei=KpwiS8XyKs6MuAeyot2-Cg&sa=X&oi=translate&ct=result&resnum=1&ved=0CAkQ7gEwAA&prev=/search%3Fq%3DReihan%2BSalam%26hl%3Dpt-BR

4.5 Referências Bibliográficas

- BALANDIER, George (1976). **Antropológicas**. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1976.
- BOURDIEU, Pierre (2007), **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- CARABÍ, Àngels y Josep M. ARMENGOL (eds.) (2008). **La masculinidad a debate**. Barcelona: Icaria Editorial, 2008.
- DINSHAW, Carolyn (2008). Perspectivas queer. *In*: CARABÍ, Àngels y Josep M. ARMENGOL (eds.). **La masculinidad a debate**. Barcelona: Icaria Editorial, 2008.
- ENG, David L. Raza e Masculinidad (2008). *In*: CARABÍ, Àngels y Josep M. ARMENGOL (eds.). **La masculinidad a debate**. Barcelona: Icaria Editorial, 2008.
- GIDDENS, A. (1993). **As transformações da intimidade**. Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.
- GILMORE, David (2008). Culturas de la masculinidad. Entrevista com o antropólogo *in*: CARABÍ, Àngels y Josep M. ARMENGOL (eds.). **La masculinidad a debate**. Barcelona: Icaria Editorial, 2008.
- GOLDENBERG, Mirian (2000). **Os Novos Desejos**. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- GOLDENBERG, Mirian (2000). De Amélias a operárias: um ensaio sobre os conflitos femininos no mercado de trabalho e nas relações de gênero. *In*: GOLDENBERG, Mirian. **Os Novos Desejos**. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- GOLDENBERG, Mirian (2006). **Infel. Notas de uma antropóloga**. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- JAKUBASZKO, Daniela (2004). **Telenovela e experiência cotidiana: interação social e mudança**. Dissertação de Mestrado em Ciências da Comunicação apresentada à Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, ECA-USP, São Paulo, 2004. 203p.
- JUNQUEIRA, Carmen (2002). **Sexo e desigualdade entre os Kamaiurá e os Cinta Larga**. São Paulo: Olho d'Água, 2002.
- KIMMEL, Michael (2008). Los estúdios de la masculinidad: una introducción. Entrevista com o sociólogo *in*: CARABÍ, Àngels y Josep M. ARMENGOL (eds.). **La masculinidad a debate**. Barcelona: Icaria Editorial, 2008.
- LEVERENZ, David (2008). Varones de Novela. *In*: CARABÍ, Àngels y Josep M. ARMENGOL (eds.). **La masculinidad a debate**. Barcelona: Icaria Editorial, 2008.
- LOPES, M.IV.de e VILCHES, L. (orgs.) (2008). Mercados globais, histórias nacionais. **Anuário Obitel**. São Paulo: Globo, 2008.
- MORIN, Edgar (1973). **O paradigma perdido: a natureza humana**. Edições Europa-América: Lisboa, 1973.

- MOTTER, Maria Lourdes e JAKUBASZKO, Daniela. (2007). Telenovela e realidade social: algumas possibilidades dialógicas. **Revista Comunicação & Educação** – Ano XII – N.1 – jan./abr. 2007. p. 55-64.
- OLAVARRÍA, José (2003). **Los estudios sobre masculinidades em América Latina**. Um ponto de vista. Anuário Social y Político de América Latina y el Caribe, Año 6, 2003, p-91-98. Endereço eletrônico: <http://www.scribd.com/doc/20166517/Los-Estudios-Sobre-Masculinidad-en-America-Latina-Jose-Olavarria> (capturado em 08.12.09).
- RAMOS, Marcelo Silva (2000). Um olhar sobre o masculino. Reflexões sobre os papéis e representações sociais do homem na atualidade. *In*: GOLDENBERG, Mirian. **Os Novos Desejos**. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- ROMEIRO, Julieta. A Lei Maria da Penha e os desafios da institucionalização da “violência conjugal” no Brasil. *In*: MORAES, Aparecida F. e SORJ, Bila. **Gênero, violência e direitos na sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.
- VALCUENDE, José Maria (2003). A modo de introducción: uma aproximación a las masculinidades. *In*: VALCUENDE, José Maria y LÓPEZ, Juan Blanco (2003). **Hombres. La construcción cultural de las masculinidades**. Madrid: Talasa Ediciones, 2003.

Livros de auto-ajuda e psicologia

- BIDDULPH, Steve (2003). **Por que os homens são assim?** São Paulo: Fundamento Educacional, 2003.
- GIKOVATE, Flávio (1989). **Homem: o sexo-frágil?** São Paulo, MG Editores Associados, 1989.
- GRAY, John (1995). **Homens são de Marte, mulheres são de Vênus: um guia prático para você melhorar a comunicação e conseguir o que você quer nos seus relacionamentos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.
- PEASE, Allan & PEASE, Bárbara (2000). **Por que os homens fazem sexo e as mulheres fazem amor?** Uma visão científica (e bem-humorada) de nossas diferenças. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

Capítulo V

As masculinidades presentes em *A Favorita*

5.1 *Augusto César*: o homem pigmaleão

Então o escultor Pigmaleão ajoelhou-se e pediu: “Vós, ó deuses, suplico-vos que por esposa me deis” – não se atreveu a dizer minha virgem de marfim – “uma donzela que se pareça com minha virgem de marfim”. (Mitologia Grega)

O escultor Pigmaleão julgava as mulheres imperfeitas, por isso não gostava delas e decidira nunca se casar. Para amenizar a solidão esculpiu uma donzela de marfim que lhe parecia perfeita e, de tanto admirá-la, apaixonou-se por ela. Passava horas olhando para ela, comprava-lhe roupas, jóias, flores... tudo de mais caro e mais precioso. Às vezes beijava o frio de seus lábios imóveis. Conta a história que teria continuado a viver esse amor silencioso não fosse pela generosa intervenção de Vênus.

Numa festa, Pigmaleão rogou aos deuses em sacrifício que lhe dessem uma esposa “parecida”, o mais possível, com a sua amada obra. Ele não reparou que o fogo de seu altar subira mais alto que todos os outros em sinal de que os deuses atenderiam seu pedido, e voltou para casa aborrecido. Foi então, que depois de muito admirar sua perfeita escultura, ao aproximar-se dela e beijar-lhe os lábios, reparou a boca macia e ardente. Com o beijo, a donzela de marfim tornou-se uma mulher real, que, claro, enamorou-se de seu criador. Vênus abençoou ainda o casal com o dom da fertilidade e foram eles pais de Pafo.

Alguns milênios depois, *Augusto César*, famoso cantor e compositor, apaixonou-se por *Rosana*. Não apenas ele, mas *Elias* também. Do triângulo nasceu *Shiva Lénin* e, por súplica de *Rosana*, ficariam sem saber qual dos dois seria o pai biológico do menino. Um dia, *Rosana* foge com outro homem. Desconsolado, *Augusto César* passa a acreditar que ela teria sido abduzida por extraterrestres. Ele, então, se isola da sociedade, vai viver uma vida alternativa num sítio, e passa seus dias a plantar, meditar e a juntar-se com grupos de pessoas que tentam contatos com alienígenas. Consome alimentos como missô, suco de clorofila, sopa de bardana, coisas desse tipo.

Quando começa a novela, *Shiva* já conta com cerca de 16/17 anos, gosta de ambos os pais, mas mora com *Augusto César* devido à preocupação que tem com a loucura do pai, que vai ficando cada vez mais evidente. É que, assim como Pigmaleão, o cantor espera que seu ideal se transforme em realidade. Ele espera que ela seja de-

volvida para ele depois que cumprir sua bela missão junto aos ETs. Ele conversa com ela, como se ela pudesse ouvi-lo, travando enormes diálogos. Há sempre um prato para ela na hora da refeição. No aniversário dela (09.08.08) fez bolo de cereais e a convidou para dançar. Dançando com ela, dizia coisas que as mulheres normalmente gostariam de ouvir: “eu sonho com você todas os dias, não vejo a hora de você voltar pra nossa casa, nosso filho. Ah, o seu presente! Não, não, agora não, vamos continuar dançando, namorando, matando as saudades”.

Nem uma espécie de semideusa como Juliana Paes, no papel da jornalista *Maira*, consegue encantar *Augusto César*. Ele foge dela como o diabo da cruz e só depois de muita insistência dela, e de *Shiva*, aceita tentar um relacionamento com a moça. Para seduzi-lo, ela entra em sua casa, com a ajuda do filho, despe-se e deita nua na cama. Assim, nem esse Quixote obcecado por sua Dulcinéia conseguiu resistir.

E tudo em *Augusto César* é expressão de sua alienação. Deixou de lado a carreira de cantor e foi viver na sua “casa de campo” para “compor muitos *rocks* rurais”¹. Conforme a narrativa vai avançando, a sua loucura vai aumentando. No capítulo do dia 14 de agosto, ele acha que *Rosana* voltou, e passa a falar com ela, quer dizer sozinho, o tempo todo. No dia 26, *Augusto César* vai cantar no programa do Faustão, mas sai do palco no meio da música (Objeto não identificado, de Caetano Veloso, mas na ficção é dele). A sua música tema, na ficção também composta por ele no passado, é “fala”, de João Ricardo e Luli, dos Secos e Molhados: “eu não sei dizer, nada por dizer, então eu escuto. Se você disser, tudo o que quiser, então eu escuto. Fala ... Se eu não entender, não vou responder, então eu escuto. Fala... Eu só vou falar, na hora de falar, então eu escuto. Fala...”

Na revista *Minha Novela*, foi chamado de “ex-astro de rock, celibatário, natureza e Dom Quixote hippie”, “de outro mundo” na *Tevê Brasil* e na *Conta Mais* de “louco”. O próprio Zé Mayer o chama de “lelé”, “maluco”, “radical”, numa entrevista concedida ao site oficial²:

¹ Canção ícone da geração *hippie* no Brasil e atuais pessoas com estilo de vida alternativo, de Zé Rodrix e Tavito, cantada por Elis Regina: Eu quero uma casa no campo/Onde eu possa compor muitos *rocks* rurais/E tenha somente a certeza/Dos amigos do peito e nada mais/Eu quero uma casa no campo/Onde eu possa ficar no tamanho da paz/E tenha somente a certeza/Dos limites do corpo e nada mais/Eu quero carneiros e cabras pastando solenes no meu jardim/Eu quero o silêncio das línguas cansadas/Eu quero a esperança de óculos/Meu filho de cuca legal/Eu quero plantar e colher com a mão/A pimenta e o sal/Eu quero uma casa no campo/Do tamanho ideal, pau-a-pique e sapé/Onde eu possa plantar meus amigos/Meus discos e livros/E nada mais.

² Ver: <http://afavorita.globo.com/Novela/Afavorita/Revista/0,,AA1687012-15502,00.html> (capturado em 10.09.08).

Acho o Augusto César maluco. E ele é diferente do que eu costumo viver na televisão. Costumo fazer homens fortes, articulados, donos de si. E aqui eu faço esse lelé seqüelado (risos). (...). O Augusto César é meio maluco, né...está sempre me dando trabalho. O autor me coloca em situações complicadas: eu fujo de mulheres, caio de árvores, me jogo em rios gelados, me flagelo como um muçulmano arrependido (risos). O que mais ele vai me aprontar? (...)Eu não gosto de radicalismo. Acho que no mundo de hoje, que se refaz a cada dia, os comportamentos e a tecnologia mudam muito rapidamente. A gente tem que ser bastante eclético e não radical. O Augusto é ortodoxo no seu exagero, embora às vezes ele mostre momentos de fragilidade.

Não Identificado

Composição: Caetano Veloso

Eu vou fazer uma canção pra ela
 Uma canção singela, brasileira
 Para lançar depois do carnaval
 Eu vou fazer um iê-iê-iê romântico
 Um anticomputador sentimental
 Eu vou fazer uma canção de amor
 Para gravar um disco voador
 Uma canção dizendo tudo a ela
 Que ainda estou sozinho, apaixonado
 Para lançar no espaço sideral
 Minha paixão há de brilhar na noite
 No céu de uma cidade do interior
 Como um objeto não identificado

A apresentação da emissora diz que ele ganhou fama de “doido”, mas é “bonito, atraente, romântico”.

AUGUSTO CÉSAR (José Mayer): É um homem bonito, atraente, romântico e delirante. É ufólogo atuante e realiza encontros para meditação. Ganhou fama de doido quando resolveu largar o rock para se tornar um eremita à espera de um disco voador. Acredita que a mulher Rosana Costa foi abduzida por alienígenas há 13 anos e ainda vai retornar ao planeta para viver junto dele e do meio-filho, Shiva Lênin. Augusto César divide a paternidade de Shiva Lênin com Elias, já que, em respeito à vontade da mulher desaparecida, não foi feito o exame de DNA na criança. (do site oficial).

vida de artista
A FAVORITA



Um homem da TERRA

José Mayer se diverte com o misticismo de Augusto César, seu personagem em *A Favorita*, com quem diz se identificar

10 • MINHA NOVELA 11.07.08 www.minhanovela.com.br



“**E**u estou numa idade de fazer as coisas com parcimônia, com moderação, com desfrute e prazer.” É difícil até acreditar, mas... A declaração é do ator José Mayer, 59 anos, famoso pelos seus papéis de ganhão na TV. A frase acima veio como resposta à pergunta se ele pretendia acumular algum outro projeto com a novela *A Favorita*, na qual vive Augusto César. “Não acumulo mais, não”, complementou. A fase, digamos assim, de calma coincide com o perfil de seu personagem: um ex-astro do rock, celibatário e natureba. Ou seja, muito distante do que o público se acostumou a ver.

Apesar da mudança na ficção, José Mayer tem mais a ver com o Augusto César do que imagina a nossa vã filosofia. Com exceção do celibato – o veterano é casado, há 33 anos, com a atriz Vera Fajardo –, o ator tem um estilo paca-to semelhante ao ex-roqueiro. Assim como este, Mayer gosta tanto de natureza, que pratica a jardinagem como hobby. “Tenho uma grande ligação com a terra. Não é só por origem (ele é mineiro) e histórico familiar. Tenho, de fato, essa prática”, diz o ator, que mantém um sítio próximo ao Rio de Janeiro.

Mayer não chega a ser natureba como seu personagem, mas também não come qualquer coisa. Tudo em prol da saúde e, por que não?, da boa forma. “Tenho vigilância. Começa pela alimentação, passa pela ginástica, um pouco de natação, jardinagem sempre e um pouco de genética também (risos)”, brinca, com o jeito sedutor que resiste ao tempo.

Espécie de ave, também conhecida como Japira, encontrada no Brasil, Argentina, Bolívia, Colômbia, Equador, Guiana Francesa, Paraguai, Peru, Suriname, Venezuela.

Baseado no livro homônimo de Martha Medeiros, o filme será estrelado por Lília Cabral, que levou o romance aos palcos e ficou em cartaz durante três anos. Na telona, dirigida por José Alvarenga, a atriz volta a viver a mulher de 40 anos que, sem saber bem o motivo, procura um analista.

Personagem principal de *Dom Quixote de La Mancha*, de Miguel de Cervantes. A obra conta as viagens do protagonista, com seu fiel escudeiro, Sancho Pança, depois que o primeiro enlouquece pela leitura de romances de cavalaria e resolve imitar seus heróis.

DOM QUIXOTE HIPPIE

A identificação com o personagem é tanta, que o ator não liga nem para a aparência desleixada de Augusto César. Ao contrário. Ele até faz piada com os cabelos desganhados que exhibe atualmente. “Estou fazendo luzes ao contrário, uma espécie de cirurgia plástica capilar. E tentando organizá-lo com as mãos. Está bom? (risos)”, pergunta, divertido, à reporter. Ele mesmo responde: “Parece um ninho de **GUAXE** (espécie de ave).”

Brincadeiras à parte, José Mayer faz questão de deixar claro a satisfação em voltar às novelas – depois de recusar o papel de Juvenal Antena, em *Duas Caras*. “Gosto muito de fazer novelas. Acabei de fazer o filme *DIVÁ* e, anteriormente, fiz a peça *Um Boêmio no Céu*, do **CATULO DA PAIXÃO CEARENSE**. Gosto de saltitar por diferentes veículos”, explica.

De qualquer maneira, Augusto César parece ter um sabor especial. “Ele é muito interessante, um delirante, um pouco assim... **DOM QUIXOTE**. Luta contra moinhos de ventos”, fala sobre o personagem, que acredita que a mulher, Rosana (Giulia Gam), foi abduzida por um disco voador. Mayer, aliás, confessa que tem, sim, um certo interesse pelo assunto. “Quem não tem? **UFOLOGIA** interessa a todos. Você não leu o calendário **MAIA**, não sabe, por exemplo, que o mundo vai acabar em 2012?”, questiona. O problema, segundo ele, é levar a sério demais. “Se começar a acreditar muito nessas coisas, você pira, não sai de casa”, avalia.

Poeta, teatrólogo, músico, compositor e cantor, nascido no Maranhão, em 1863, e morto no Rio em 1946. Suas mais famosas composições são *Luar do Sertão* e *Flor Amorosa*.

Segundo o Centro de Ufologia Brasileiro, o termo é usado para definir a pesquisa e coleta de dados sobre Objetos Voadores Não Identificados (OVNIs).

O livro *As Profecias Maías*, de Adrian Gilbert e Maurice Cotterell, mostra que o Calendário Sagrado Maia, de 1.366.560 dias, profetizava o fim de nossa era (ou “Era do Jaguar”, para os maías, antiga civilização que viveu na península mexicana), no ano de 2012. Isso, segundo a obra, ocorrerá com a repentina reversão do campo magnético da Terra.

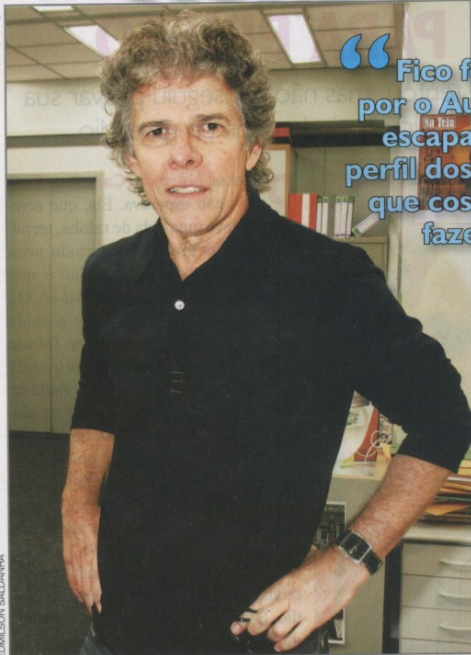
por HELOIZA GOMES helioza.gomes@abril.com.br

A FAVORITA

Houve uma certa queda-de-braço para ter Juliana Paes em **Caminho das Índias**, próxima novela das oito, mas Márcio Garcia está certo. Glória Perez escreveu em seu blog que se o galã voltasse para o Globo ninguém ia pegar, porque ela tinha visto primeiro. Tá certa!



De outro MUNDO



EDMILSON SILDANIHA

“Fico feliz por o Augusto escapar do perfil dos papéis que costumo fazer”

TV Brasil – Ao contrário da maioria dos seus personagens na TV, o Augusto é fiel, não é?

José Mayer – Ele é fiel à mulher, Rosana, que ele pensa ter sido abduzida. Augusto sente culpa por se envolver com a Maira (Juliana Paes). Fico feliz por o Augusto escapar do perfil dos papéis que costumo fazer.

TV Brasil – O que acha dessa história de o Augusto dividir com o Elias (Leonardo Medeiros) a paternidade do Shiva (Miguel Rômulo)?

José Mayer – Eles respeitam a decisão da Rosana (Giulia Gam), que não quis que fosse feito um exame de DNA. O importante é que o Augusto e o

Elias são sensíveis e dividem a responsabilidade de criar o Shiva, que prefere morar com o meu personagem.

TV Brasil – Além de ufólogo, o Augusto é um ex-cantor de rock. Na vida real, você gosta deste ritmo musical?

José Mayer – Gosto do rock essencial. Sou do tempo dos roqueiros jurássicos que fazem um som sujo, como John Lennon, Joe Colker, Jimi Hendrix e Janes Joplin. Para exercitar meu lado musical e entrar no universo do Augusto, voltei a tocar teclado.

TV Brasil – O que achou do visual hippie do Augusto, que até ostenta uma cabeleira avantajada?

José Mayer – A parte boa é que não preciso ir mais ao cabeleireiro (risos).

■ CÉLIA BISPO

Como o ufólogo Augusto, de **A Favorita**, **José Mayer** se afasta do clichê de ganhão

Um de cada vez

Aos 59 anos, José Mayer não quer mais saber de conciliar TV com teatro. Segundo o ator, agora ele faz uma coisa de cada vez. “Estou na idade de fazer as coisas com moderação, com desfrute e prazer. Gosto de atuar no cinema e no teatro também, mas não acumulo mais”.

TV Brasil – O Augusto é ufólogo. Você se interessa por esse assunto?

José Mayer – A ufologia interessa a todos e, de maneira geral, congrega gente maluca e visionária. Tive acesso a alguns documentos que me intrigaram bastante.

TV Brasil – Você acredita em extraterrestres, disco voador?

José Mayer – Sou cético. Nunca vi nada, mas ouvi depoimentos de pessoas que garantem ter visto extraterrestres.

SENTIDOS

“Para mim, o importante não é cair, e sim saber levantar”

Guilherme Barra, 31 anos

Cego

NAS BANCAS

sentidos

Revista

sentidos

Incluindo as pessoas com deficiência na sociedade

Informações: sentidos@escala.com.br ou pelo fone (11) 3855-1000

TV BRASIL 28.07.08

Sua aparência e sua casa combinam com seu jeito alternativo de ser: a casa do maluco beleza³ é de madeira com muito vidro, num formato redondo, com muita madeira de demolição, tecidos rústicos, pirâmides (ele medita dentro de uma) e pedras. Sugere-se que a casa tem energia solar. Veste-se sempre com um colete com frente de camurça, ou poderia ser de couro de búfalo. Usa os óculos redondos, mas de sol, que fora moda nas faces de John Lennon e Janis Joplin. Cabelos ao vento. Colares e pulseira de artesanato. Respeita a decisão de *Rosana* que não quer saber a paternidade de *Shiva*. Bom, o próprio nome do filho remete à vida alternativa. Lembramos os famosos e comentados nomes dos filhos dos músicos Pepeu Gomes e Baby Consuelo (hoje Baby do Brasil), algo assim: Sarah Sheeva, Zabelê, Nana Shara, Kriptus Rá Baby, Krishna Baby e Pedro Baby.



Pode ser que a mulher imaginária seja uma ótima alternativa contra o sofrimento, a dor que as mulheres reais podem provocar. O filme *A Mulher Invisível*, produzido em 2008 e lançado em maio/junho de 2009, trabalha a mesma questão.

Depois de ser abandonado pela mulher, *Pedro* (Selton Mello) se envolve com uma vizinha de cair o queixo, *Amanda* (Luana Piovani), mas logo em seguida descobre,

³ Veja mais detalhes: <http://www.zap.com.br/revista/imoveis/dicas-e-materias/o-refugio-do-maluco-beleza-de-a-favorita--20081222>.

para sua enorme surpresa, que ela não existe. Ele não enxerga a vizinha real, que, de tão apaixonada por ele, escuta a sua vida através da fina parede que separa os apartamentos.



Quando ele se envolve com a vizinha existente a trata como obra de sua imaginação, mas ela não entende. Parece que o tipo pigmaleão, ainda que se relacione com uma mulher real, enxerga e relaciona-se sempre com a ideal.

Antes de sair de casa acompanhada do novo marido, a mulher que o abandonou e provocou seus delírios, *Marina* (Maria Luisa Mendonça) diz a *Pedro*: “você não me enxerga, é como se eu fosse invisível”.

Vou explicar o contexto: eles haviam combinado de morar juntos. O maluco cederá à pressão do filho que fugiu de casa e disse que só voltaria se o pai se casasse com *Maíra*. Mas ela impõe a condição de que ele viva alguns dias da semana com ela em São Paulo e assim ela fica alguns dias no sítio. Ele não agüenta a pressão: foi uma dose muita alta de “realidade” para ele. Ele tem medo de elevador e não consegue respirar o ar poluído da cidade. Virou mesmo um bicho do mato (01.07.08). Depois, ela, quando fica no sítio, não consegue vê-lo se relacionar com *Rosana* como se ela estivesse ali. O dia em que ele coloca um prato para ela na mesa, *Maíra* não agüenta e vai embora (01.08.08). Então acabam brigando. Também *Maíra*, num ato desesperado, tenta tirar *Augusto* da sua ilusão. Esta é a cena que escolhemos para *Augusto César* (31.07.08). Ele tentava fazer contato com a esposa, conversando com ela, era aniversário do dia em que

ela tinha sido abduzida. Ela se desespera: “Ai, Rosana, Rosana, a mulher inesquecível! Meu deus do céu, eu estou num filme besta de ficção científica e pelo jeito sou eu que morro no final. Acho melhor você ficar só com ela e esquecer que eu existo.”

Delicadamente ela diz: “eu sei, quando meu pai morreu, meu avô me disse que ele tinha virado uma estrela no céu, foi muito duro quando eu perdi essa ilusão, é isso o que acontece com você, *Augusto*? Você tem medo de perder essa ilusão?”

Ele até tentou impedi-a de ir embora e conseguiu dizer “eu te amo”, mas ele não percebe que isso não basta, ele não percebe a consciência que a companheira tem de seu relacionamento, e se afoga mais ainda em sua inconsciência: “Maíra, nós somos muito diferentes, mas muitos casais conseguem ser felizes harmonizando as diferenças. Por que a gente não consegue ser assim. *Augusto César* dá uma piorada com a morte da namorada. Depois, *Donatela* sairá da prisão e se esconderá no sítio do cantor, já que pegara a identidade de sua mulher, que ela, na verdade, conhecia com o nome *Diva*. Como *Donatela* chega ao sítio e ele a vê chegando junto com um raio, igualzinho a como ele conta a abdução de *Rosana*, passa a acreditar que *Donatela* é a esposa que regressou para casa. Ela cuida dele, ele estava doente com uma trombose nas pernas, e para ajudá-lo entra um pouco na sua loucura. Eles até chegam a se beijar.

Até que *Rosana* chega, ele não quer aceitar que a amiga da falsa esposa – amiga que é a esposa que ele não reconhece – fique lá, mas *Donatela* o convence, e ela passa a cuidar dele. Durante esse tempo ela conta ao filho que ele é sua mãe. *Elias* é quem a reconhece e a ajuda. O garoto demora um pouco a aceitá-la, mas a reconciliação é inevitável. Depois ela quer abrir o jogo com o marido. É difícil, pois ele não quer aceitar que a mulher dele tinha fugido com outro. No fim, *Augusto César* tem a mesma sorte que Pigmaleão, e sai de sua loucura, reatando a relação com *Rosana*. O final ainda sugere a continuação do triângulo com *Elias*, já que este termina sozinho, falaremos dos triângulos d’ *A Favorita* mais adiante.

Outro filme interessante sobre a idealização masculina da mulher, passou na Tv a cabo dia 03.08.08; telecine light, chamado *Repli-Kate*. Na comédia de 2002, um grupo de cientistas inventa uma máquina de clonagem e a vítima é uma repórter que faz matéria sobre a nova tecnologia. Os três amigos começam a educar a moça para ser o seu ideal. Segundo eles, “mulher que age como homem é o que todo homem quer”. Assim ela é ensinada a beber cerveja, falar palavrão, gostar de futebol e sexo em

demasia. Conseguem esculpi-la de acordo com suas expectativas, porém, após terem conseguido o intento, percebem que o ideal, na verdade, não é nada ideal. A comédia e o riso ficam por conta do estranhamento que provoca uma mulher bonita agindo como machão: arrotando, brigando no trânsito, querendo “menos papo, mais sexo”, ou, “chega de preliminares, agora é hora de sexo”. Numa cena, inclusive, o homem começa a ponderar e acaba com dor de cabeça para evitar a relação. Do mesmo modo, após o sexo, ela vira e dorme e ele fica desapontado esperando que ela fosse conversar com ele. Ele vai se feminilizando à medida que ela vai se masculinizando. Até que ele pergunta: “você pode conversar comigo?”, ao que ela responde: “agora não, eu não estou com vontade”. *Max*, o protagonista, que tinha copiado a garota que lhe interessava o físico, mas não o comportamento, entende que homens e mulheres têm mesmo que ser diferentes e, assim, pode viver o romance com a *Kate* original.

O pigmaleão quer construir a parceira ideal, por isso não enxerga a mulher a seu lado e passa a relacionar-se com o ideal de sua mente. A narrativa de pigmaleão recontada atualmente pode compor também um sentido de perplexidade do homem frente à movimentação feminina que reivindica mais espaço na vida íntima e social. À medida que as mulheres se liberam, alguns homens podem se retrair a ponto de alienar-se. Algumas mulheres se masculinizam enquanto alguns deles regem se feminilizando. Diva assumiu o papel do homem: a mulher era traficante de drogas e armas. Tudo o que ele fazia era esperar a volta da amada.

Entre a ficção e a realidade

Don Juan se deitou com 1000 mulheres. Zé Mayer que passou o telefone delas.

Na casa do Zé Mayer nem o azeite é virgem.⁴

As revistas especializadas em telenovela, alguns programas de televisão e diversos blogs comentaram sobre a proximidade do aniversário de 60 anos de José Mayer enquanto ele interpretava *Augusto César*. Nesse contexto surgem comparações, di-

⁴ Ambas foram retiradas do site: <http://www.zemayerfacts.com.br/>. Mas a segunda, lembro-me de ter lido também na coluna de José Simão na Folha de São Paulo.

Entrevista

José Mayer, com todo prazer

Prestes a completar 60 anos, o ator de A Favorita fala do personagem Augusto César e de seu jeito de ser e encarar a vida

Por Adriana Dias

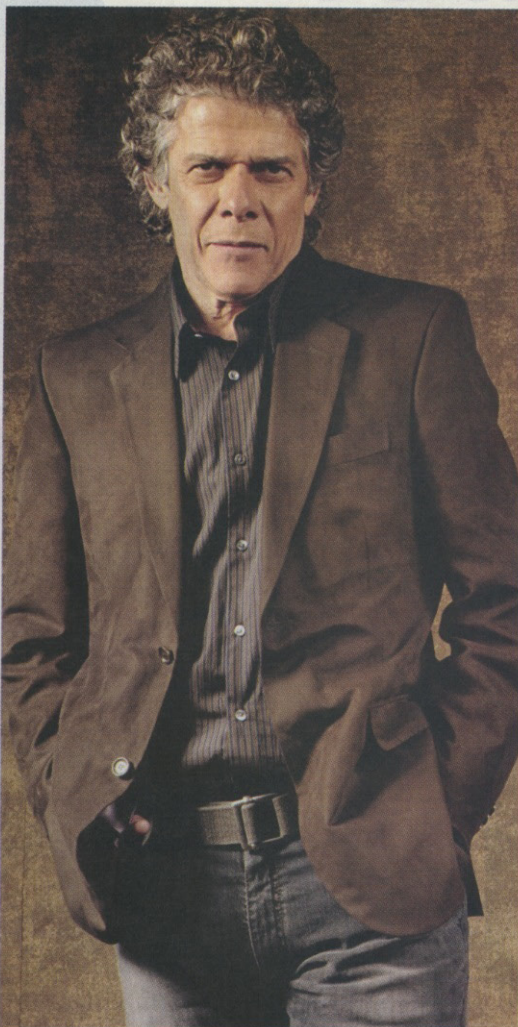
Ele já viveu uma série de galãs, tem fama de ser o grande pegador das novelas e as mulheres mais lindas do Brasil já passaram pelos braços de seus personagens. Pois agora, em *A Favorita*, José Mayer é o oposto do gatão de meia-idade pelo qual as mulheres suspiram. O seu Augusto César é de uma fidelidade surpreendente à mulher que o abandonou há 15 anos, mas que ele acredita ter sido abduzida por extraterrestres. “Não vou pegar ninguém. Eu fui pegoi!”, diz, brincando, o ator sobre Augusto, que, após muita insistência, acabou sucumbindo aos encantos de Maíra, a jornalista interpretada por Juliana Paes.

Longe das câmeras, Zé Mayer é engraçado, simpático e falante. No entanto, como todo bom mineiro, também sabe ser reservado, especialmente quando o assunto é vida pessoal. Ele é casado com a atriz Vera Fajardo há 33 anos, com quem tem uma filha, Júlia, de 24, que é atriz.

Este será um ano de grandes comemorações para o ator: em outubro ele completa 60 anos de idade e 40 de profissão. Nesta entrevista, Zé Mayer fala desse momento tão especial, de seu personagem e conta um pouco sobre seu estilo. E bota estilo nisso!

tititi – O que você acha do Augusto César?

José Mayer – É um personagem que tem muitos ingre-



Regiero Pallata

dientes interessantes, leva uma vida natureba, é romântico, delirante, místico. Está sendo mesmo bastante divertido interpretá-lo.

Você fez algum laboratório para compor o tipo?

Freqüentei algumas reuniões com ufólogos e tomei contato com a ioga. Hoje em dia, com a internet, a pesquisa é bem mais fácil.

O que teve de mudar em seu visual para se tornar um bicho-grilo tão convincente?

O melhor é dizer o que eu não fiz, o que deixei de fazer! Por exemplo, deixei de ir ao cabeleireiro. Meu cabelo está horrível! (*gargalhadas*). E essas mechas brancas fazem parte de um velho truque, são luzes ao contrário (*risos*).

E o figurino meio hippie?

Eu gostei muito da concepção de figurino, não ficou nada forçado. A novela busca esse realismo e a composição do personagem obedece um pouco essa visão realista. No geral, o visual do Augusto César não é extravagante.

Ele era um músico de sucesso no passado. E você? Canta ou toca algum instrumento?

O personagem foi vocalista de uma banda de rock. Eu toco teclado, dá pra tirar um sonzinho. E, se precisar, eu canto.

ferências e semelhanças entre ator e personagem, e novas relações de sentido entre os cruzamentos do personagem atual e dos anteriores. Assim, a memória dos textos emerge para acrescentar sentido a *Augusto César*. Este personagem se torna engraçado não apenas porque está estruturado desse jeito, mas também porque o telespectador está acostumado a ver José Mayer interpretando um galã protagonista conquistador atrás do outro. Tanto, que sua fama é a de “pegador”, ao contrário do “celibatário” *Augusto César*. Reproduzimos abaixo o texto *Dossiê José Mayer: por que ele merece o zemayerfacts* (19.09.09)⁵:

Quando este espaço lembrou das Helenas de Manoel Carlos, o “pegador” Zé Mayer já havia sido lembrado. Aliás, não há como ignorar sua fama de conquistador – fato que, inclusive, rendeu matéria exclusiva no Fantástico ⁶ deste domingo. Enfim, graças a isso, o protagonista de **Viver a Vida** que só precisou de dois capítulos para conquistar a Helena de Taís Araújo, tornou-se um dos nomes mais citados da Internet nesta semana.

Wagner Martins mostrou como é possível misturar ingredientes como uma personalidade conhecida, fatos exagerados e a confiança estabelecida entre suas relações em rede para criar um “meme de laboratório”. Assim como o #chucknorrisfacts em 2005 e o #interneyfacts em 2007, surgiu o #zemayerfacts, em homenagem ao maior comedor de Helenas da teledramaturgia.

Como a interseção entre “telespectadores ligados em novela” e “tuiteiros da moda” é grande, a quantidade de citações para #zemayerfacts no Twitter ultrapassou as dez mil na última quarta-feira, segundo o Blablabra. A brincadeira com a fama do ator sexagenário chegou ao mainstream ao entrar para o segundo lugar dos trending topics. Tornou-se pauta da Folha, da Época e até do The Guardian. Aproveitando o hype, Paulo Seabra abriu, rapidamente, um site exclusivo para abrigar as contribuições populares.

Tudo porque Zé Mayer não tem Twitter pois todo mundo sabe a resposta dele para “What are you doing?”. Zé Mayer não conta carneirinhos, conta Helenas. Don Juan se deitou com mil mulheres; Zé Mayer que passou o telefone delas. Maria era virgem porque José não era Mayer. Deviam mudar o nome do jogo Pac-Man pra Pac Mayer. Quando jovem, Zé Mayer gostava de escrever em seu diário, que mais tarde ficou conhecido como “Kama Sutra”. Não foi à toa que a revolução sexual aconteceu nos anos 60, quando Zé Mayer atingiu a puberdade. Novelas com o Zé Mayer não duram mais que 9 meses por conta da epidemia de licenças-maternidade no elenco. Segundo a Teoria da Relatividade, Zé Mayer pode pegar você ontem. O acessório mais vendido no sex shop é uma máscara do Zé Mayer. Zé Mayer perdeu a virgindade aos 16. Segundos. Na casa do Zé Mayer nem o azeite é virgem. A primeira Helena que Zé Mayer pegou

⁵ Ver: <http://dialetica.org/proximoscapitulos/tag/patria-minha/>

⁶ Veja o Fantástico de 20.09.09: <http://g1.globo.com/Noticias/PopArte/0,,MUL1311400-7084,00.html>

foi a Helena de Tróia. Se você falar Zé Mayer três vezes, você perde a virgindade. Noé poderia ter poupado metade do espaço da Arca. Bastaria levar Zé Mayer e uma fêmea de cada espécie. Estão perguntando direto “o que Zé Mayer fez para ter essa repercursão toda”? Resposta: você.

Com Maneco: Se levarmos em conta apenas suas participações em novelas do Manoel Carlos, o meme já se justifica. Sua primeira relação com uma Helena foi em 1995, quando Carlos Alberto terminou **História de Amor** ao lado de Regina Duarte. Isso depois da resolução de um verdadeiro “quadrado amoroso”: assim como em **Viver a Vida**, Zé Mayer começa casado com Lília Cabral e, durante a trama, ainda se envolve com Carolina Ferraz [na verdade, isso não aconteceu].

Mais tarde, em 2000, entrou em cena o “ganhão” Pedro, dono do Haras de Laços de Família. Era casado com a insossa Eliete Cigarini, mas era apaixonado pela Helena de Vera Fischer. Mas acabou nos braços de Helena Ranaldi – e só não pegou a assanhada Íris, de Deborah Secco, por falta de vontade (pasmé!) O Tiago Cordeiro reviu minha memória: ele até fica com a Helena Ranaldi, mas termina sim com a Deborah Secco – o que, cá pra nós, seria a minha escolha também.

Antes de abalar as estruturas de mais uma Helena – Christiane Torloni, em **Mulheres Apaixonadas**, em 2003, deu tempo de ficar mais um pouco com Helena Ranaldi e ser atizado por Mel Lisboa, em seu auge, na minissérie **Presença de Anita**. Mas voltando: o médico César passou o rodo no consultório, namorando com Carolina Kasting e Camila Pitanga, antes de ficar com Helena.

Finalmente, a última incursão no mundo realista de Maneco até então foi em **Páginas da Vida**, em 2006, com o galã Greg. Desta vez ele começa casado com a Helena de Regina Duarte, mas não demora para trocá-la por carne fresca. Corre atrás de Natália do Vale e, antes de terminar nos braços de Danielle Winits ainda tasca uns beijinhos em Roberta Rodrigues!

Sem Maneco: Mesmo sem a ajuda de Manoel Carlos, José Mayer também se dá bem. Seu primeiro papel de destaque na TV já foi um galã, o Ulisses de **Guerra dos Sexos**, que dava uns pegos em Maria Zilda (isso já em 1983). Dois anos mais tarde ele vira piloto de lancha antes de catar Deborah Evelyn, a Lenita de **A Gata Comeu**, ao som de I Should Have Known Better (o conhecido tema do “bombeiro”).

Entre 1988 e 1989, Zé Mayer ataca em profundidade: primeiro como Fernando Flores, no par romântico ao lado de Malu Mader em **Fera Radical** (onde ele também pegava Carla Camuratti), depois como o mulherengo Osnar, o sonho de consumo da Cinira de Rosane Goffmann, certamente um de seus papéis mais marcantes, em **Tieta**. Isso porque pulamos sua passagem por **Hipertensão** em 1987, onde seu Raul Galvão só aparece na trama para tirar Carla Marins dos braços de César Filho!

Nos anos 90, Zé Mayer ainda pegou Silvia Pfeiffer em **Meu Bem Meu Mal**, Vera Fischer em **Pátria Minha**, Angela Vieira em **Meu Bem Que-**

rer e Adriana Esteves (coincidentalmente, uma Helena) em **A Indomada** – na pele do egípcio Teobaldo Faruk, em 1997. Nesse meio tempo, ainda foi Caíque, um pai desconfiado em **De Corpo e Alma**, já que seu filho era mulatinho. Só foi descobrir seu verdadeiro rebento com Maria Zilda ao encontrar Pinguim, numa favela – lembram disso?

Tão sóbrio quanto Caíque foi seu Dirceu de Castro, o jornalista engajado de **Senhora do Destino**, em 2004 – que passa a novela toda curtindo o amor da protagonista Suzana Vieira mas, num arrebatamento tipicamente Zé Mayer, tasca um beijo inconsequente em Marília Gabriela, que acaba se encantando com o até então rival. Dois anos antes, Zé Mayer ainda arruma um teminho “nos anos 40” para se casar com Priscila Fantim em **Esperança**.

E o que dizer de seu papel anterior, o riponga ufólogo Augusto César de **A Favorita**, onde mesmo abandonado por Giulia Gam, acaba nos braços dela no final? E mais: sem fazer qualquer esforço, acordou ao lado de Juliana Paes sem roupa em sua cama!

Conseguiu contar quantas foram as incursões de alcova do Zé Mayer em novelas? Isso porque certamente faltaram algumas. Fique à vontade para me ajudar a lembrar.

Uma outra reportagem da revista *Conta Mais* (n.410- 27.10.2008) rememora outros pares amoroso do ator e conta “quase 3 mil beijos em cena”, são “Três décadas de grandes conquistas”.

O texto citado acima menciona uma reportagem do Fantástico, que também lembra diversas parceiras de Mayer. A reportagem acaba apresentando conceitos de masculinidade: da boca de Manoel Carlos, e do próprio Mayer⁷:

Manoel Carlos, autor da novela “Viver a vida”, revela: as atrizes adoram fazer par romântico com ele. “O Zé Mayer é uma unanimidade, como homem, expressão artística do homem, do sujeito viril, romântico sem ser meloso, sem ser chorão. É o homem que, pela nossa experiência com relação à pesquisa e conhecimento, é o mais desejado por todas as mulheres em qualquer faixa de idade.”

Mesmo sendo preferência nacional, José Mayer diz que o sucesso não está na sua beleza. “Galã significa homem bonito, gostoso. Eu não me acho bonito, realmente não me acho bonito. Eu me acho, assim, eu me acho interessante como ator.” (...)O próprio Zé Mayer dá conselho a Eliseu. “Para os homens que querem ser sedutores: em primeiro lugar precisam melhorar seu conteúdo mental, porque as mulheres dão muito valor a isso, sabia? Felizmente, as mulheres julgam beleza de maneira muito subjetiva. Elas conseguem ver beleza em um homem feio de bom conteúdo, talvez seja isso que aconteça comigo”, diz o ator.

⁷ Veja o Fantástico de 20.09.09: <http://g1.globo.com/Noticias/PopArte/0,,MUL1311400-7084,00.html>

São interessantes os comentários de transeuntes no fim da reportagem, e pelo jeito as pessoas concordam com Manoel Carlos. A Revista Veja publicou a Frase de José Mayer, que chamou atenção pelo fato de ter sido o segundo nome mais comentado do mundo no *Twitter* durante duas semanas: “Para ser galã é preciso, inicialmente, de masculinidade, né? É preciso ser masculino. É preciso exalar masculinidade à primeira vista”.



José Mayer atrai por que é “masculino”? Segundo entendemos, o ator pode ser considerado exemplo de masculinidade. E o que vemos ser valorizado por esses discursos sociais, por esses textos gerados pelos interlocutores das telenovelas? Qual é a masculinidade proposta pela novela e qual a masculinidade proposta pelos seus interlocutores? Há alguma diferença? A primeira coisa que notamos no discurso social é que ser masculino é ser conquistador. Galã é ser bonito, mas melhor que isso é ter a cabeça feita; deve ser desejado por mulheres de todas as idades; deve ser viril, mas romântico e sem ser chorão ou meloso.

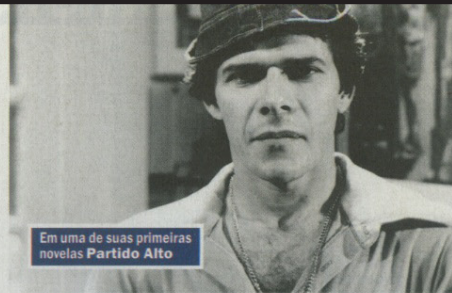


José Mayer já deu vida aos mais diferentes tipos e agora se destaca no papel do louco Augusto César, de *A Favorita*

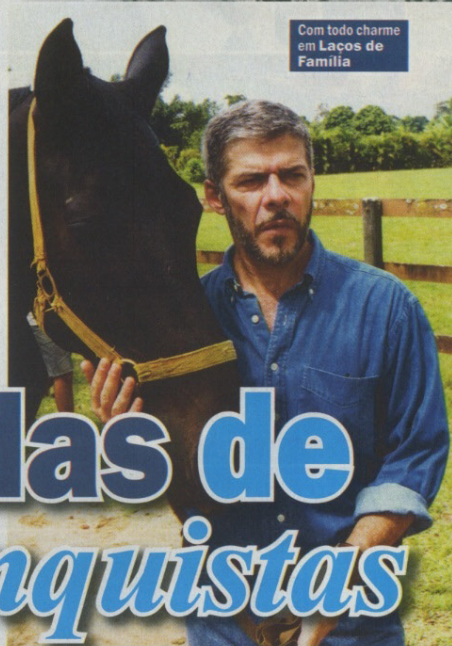
Quem está acostumado a ver José Mayer em papéis de galã pode conferir toda sua versatilidade com o personagem Augusto César, de *A Favorita*, que acredita piamente na fidelidade de sua mulher, Rosana (Giulia Gam), e que ela foi abduzida por extraterrestres. Para José Mayer – nascido José Mayer Drumond, em Jaguaráçu, Minas Gerais, em 3 de outubro de 1949 –, essa falta de semelhança com outros papéis que interpretou é bem interessante. “Acho o Augusto César maluco. E ele é diferente do que eu costumo viver na televisão. Costumo fazer homens fortes, articulados, donos de si. E aqui eu faço esse lelé seqüelado. A televisão sempre é difícil. É uma arte de muita rapidez, uma invenção artística que nasceu industrialmente e tem um alcance imenso. O autor me coloca em situações complicadas: eu fujo das mulheres, caio de árvores, me jogo em rios gelados, me flagelo como um muçulmano arrependido”.

Três décadas de grandes conquistas

Antes de interpretar o Augusto César, o ator deu vida a Dirceu de Castro, de *A Senhora do Destino*, o homem de uma mulher só, mas na maioria das tramas ele era mesmo um conquistador nato, como em *Presença de Anita*, *Laços de Família*, *Mulheres Apaixonadas*, *Fera Radical*, entre outras, o que não engrandece o ator de forma alguma. Ele mesmo se acha um cidadão comum, de 1,75m de altura, cabelos grisalhos e olhos castanhos. “Tenho o perfil do brasileiro médio. Só não sou considerado feio porque a profissão me dotou de qualidades”, acredita José Mayer. Com 16 novelas, cinco minisséries, dez filmes e incontáveis peças de teatro em mais de 35 anos de carreira, o ator já viveu tipos bastante díspares. Entre eles, o bandido Jorge Fernando, da minissérie *Bandidos da Falange*, o histórico Zé do Burro, de *O Pagador de Promessas*, e o engraçado Osnar, de *Tieta*. Para José Mayer, o mais importante da profissão é a elaboração, a preparação para o trabalho, a conversa. “Pode parecer estranho, mas acho que o momento mais rico do ator é o do ensaio, especialmente no teatro. Porque você se entrega ao desconhecido, à dúvida, ao medo, ao aprofundamento e se entrega ao outro. Na televisão acontece isso, mas de maneira muito superficial”.



Em uma de suas primeiras novelas *Partido Alto*



Com todo charme em *Laços de Família*



O ingênuo e sedutor Osnar de *Tieta*

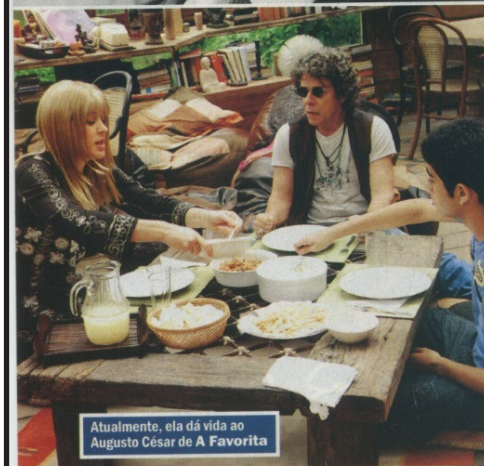


José Mayer também atuou ao lado de Lucia Veríssimo e Paulo Goulart

VIDA DE ARTISTA



Comissário Alberto Matos, na minissérie Agosto



Atualmente, ela dá vida ao Augusto César de A Favorita



Com Christiane Torloni em Mulheres Apaixonadas



Com Mel Lisboa em Presença de Anita



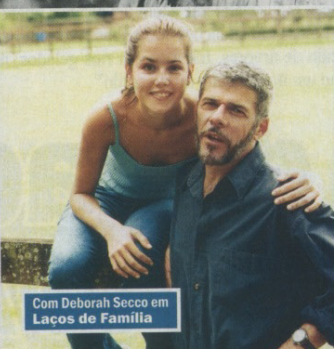
Ele figura na lista dos galãs



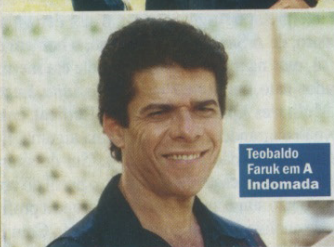
Em Páginas da Vida, Mayer dividiu a cena com Danielle Winits



Fernando Flores em Fera Radical



Com Deborah Secco em Lacos de Família



Teobaldo Faruk em A Indomada



Com Miguel Rômulo e Cláudia Raia: cena divertida

Quase 3 mil beijos em cena

Os personagens de Mayer são tão ligados ao universo feminino que ele já deu mais de 2.800 beijos em cena. O ator jura que todos foram técnicos. “Ainda que pareça ser verdade, tudo que o ator faz é técnico. Pelo menos deveria. A própria palavra ‘ator’, semanticamente, lembra ação. O ator simplesmente faz e o espectador completa a mágica. O ator tenta interpretar da maneira mais crível, mas tudo que realiza é técnico, porque ele está no controle. Não está vivenciando aquilo. O ator decora, ensaia e faz”, diz Mayer, que é casado há mais de 25 anos com a também atriz Vera Fajardo e é pai de Júlia, que estreou no teatro. Apesar da fama de garanhão, ele nunca se envolveu com colegas com quem contracenou. Mesmo assim defende o romance entre colegas de trabalho, não apenas no meio artístico. “Na verdade, o amor e a paixão acontecem muito em ambientes de trabalho. Embora seja desaconselhável, as pessoas se envolvem, namoram... Até porque, no ambiente de trabalho, se encontram pessoas com afinidades. Mesmo complicado, acho normal que as pessoas se envolvam no trabalho. Não há como evitar. Mas isso não é um privilégio de gente de teatro, tevê ou cinema”.

WALERIA DE CARVALHO
FOTOS: TV GLOBO

Vamos recorrer a uma tabela para contrastar os opostos encontrados aqui:

O que é exalar masculinidade no discurso social

Mais masculino	Menos masculino
Ser conquistador, ser desejado pelas mulheres	Não ser desejado pelas mulheres
Bonito e inteligente	Feio e sem cabeça feita
Ser viril	Ser chorão
Ser romântico	Ser meloso

Agora vamos pensar o que a telenovela propôs para compor os traços de masculinidade de *Augusto César*. Como podemos ver, ele é fiel, monogâmico assumido, que coloca sua mulher em primeiro lugar. Ele não faz o tipo conquistador apesar de ter encantado *Maíra*. Ele é romântico e sensível, às vezes é chorão e meloso, contrariando a opinião de Manoel Carlos. Ironicamente, o fato de ele acreditar que faz contatos com extraterrestres não o torna personagem dos mais inteligentes. Ao que parece, segundo os valores sociais que encontramos no senso comum, *Augusto César* é um pouco menos masculino. Ele é desejado por uma bela mulher, mas não quer trocar a sua por nenhuma outra, mesmo que ausente. O único fator comum é o “homem ser desejado”. Ora, não é o tudo o que uma mulher deseja de um homem? Pelo menos no senso comum, conforme vimos, as mulheres desejam homens mais companheiros, mais sensíveis, que a coloquem em primeiro lugar, que seja fiel, romântico... Não é o *Augusto César*? Existe uma diferença de propostas de masculinidade? Existe uma modelização da masculinidade ao gosto do homem e uma ao gosto da mulher? Pode ser. Pode ser que a novela esteja exaltando a modelização da masculinidade de modo a satisfazer o ponto de vista do desejo feminino, até para a narrativa cumprir uma de suas funções: ser a fantasia e o devaneio do telespectador.

Pode ser também que a diferença evidencie um paradoxo da nossa cultura. Goldemberg (2006), ao estudar a questão da (in)fidelidade realizou durante várias pesquisas entrevistas em profundidade com as camadas médias da população urbana do Rio de

Janeiro. Estudando as diferenças de gênero em nossa cultura através de entrevistas, análise de jornais, revistas, cinema, televisão, livros, etc., Goldenberg procurava a existência de um modelo ideal de casal, quais eram os principais problemas dos casamentos, queria saber quem era mais fiel, mais infiel, ou por que homens e mulheres são infiéis e as suas reações ao descobrirem a traição. Na pesquisa sobre “a outra”, revela:

Numa época em que os casais não acreditam no amor eterno, é interessante pensar na idealização da fidelidade, que permanece fortíssima, inclusive nas relações extraconjugais. As Outras, como mostro neste livro, acreditam que seus parceiros não têm relações sexuais com as esposas. Os homens casados acreditam que as amantes lhes são fiéis sexualmente. Não só no casamento, mas também no adultério, a fidelidade é um valor. (...) A fidelidade permanece um valor, apesar das enormes mudanças nas relações afetivo-sexuais na atualidade. Homens e mulheres traem. Homens e mulheres são traídos. A relação entre valores, discursos e comportamentos se mostra extremamente complexa e paradoxal quando a questão é a (in)fidelidade. (GOLDENBERG, 2006: 17-18).

Claro, *Augusto César* é um espectro, uma projeção totalmente fantasiosa de masculinidade, um homem que não definitivamente não existe, um objeto realmente não-identificado, mesmo assim, nos mostra alguma coisa sobre nós, nosso tempo presente: a maioria das pessoas não acreditam nem em óvnis nem no amor eterno. Bom, elas podem até acreditar em extraterrestres, mas pelo menos não se preocupam com isso no seu cotidiano, já com a fim de um casamento...

Os dados do IBGE de 1996 mostraram que 71% dos pedidos de separação tiveram a justificativa da “traição masculina” (idem: 131). Na pesquisa de Goldenberg com 1279 homens e mulheres, revelou que 60% dos homens para 47% das mulheres afirmaram ter sido infiéis. E 41% das mulheres para 32% dos homens que já afirmaram terem sido traídos(das). Muitos homens afirmaram ser “poligâmicos por natureza” (idem: ibid). O discurso quanto aos maiores problemas do casamento foram sintonizados: ambos responderam o ciúme como principal problema e a infidelidade como segundo maior problema dos casais. Cerca de 30% dos traídos terminaram a relação (idem: 146). Mas os razões da traição são diferentes para homens e mulheres: elas traem por decepção no casamento, ou por vingança, às vezes porque se envolvem de verdade; os homens porque querem novidade, sair do tédio do casamento, porque oportunidades aparecem, normalmente é coisa passageira e sem importância. De novo vemos uma identificação

entre sexo e amor para as mulheres e a separação sexo e amor para os homens. Mas com isso estamos nos adiantando no assunto, que deverá voltar mais adiante.

Vamos então concluir esta seção, retirando daqui, uma síntese do sentido de masculinidade que encontramos para a história de *Augusto César*. É importante ser romântico. Não necessariamente, a representação da masculinidade modelizada pela telenovela coincidirá com a idéia da masculinidade hegemônica, conforme abordamos nos capítulos anteriores. Realmente, ao que parece, está se confirmando a hipótese de que os homens de telenovela são construídos e forma a suprir mais as fantasias das mulheres do que dos homens. Vimos também que a fidelidade é um valor ideal; que a masculinidade está caracterizada pelo fator “homem ser desejado” e ser romântico, mais companheiro. E que existe um tipo de homem que idealiza a sua companheira, mas isso nem sempre é saudável. Quando o homem superar esse ideal, ele e sua companheira poderão ser felizes, a exemplo de *Pigmaleão*, *Pedro*, *Max* e *Augusto César*. Segundo Zé Mayer, em entrevista para o site oficial, o seu personagem tem chances de se recompor.

Rep.: Você acha que o Augusto César vai mudar e se tornar menos radical na trama?

Zé Mayer: O João Emanuel é um autor tão surpreendente que tudo pode acontecer. Eu não sei se um homem que chegou a esse nível de radicalismo consegue se recompor. Ter caído nos braços da Maíra é um aspecto mais saudável e positivo (risos). Porque mulher é uma salvação. Quando o homem não sabe o que fazer e tem uma mulher ao lado, ele tem alguma chance. As mulheres são, muitas vezes, um guia para os homens.

Nem gravata nem honra

45.52 a 46.42

Homem: “O homem, sei lá, até pelo instinto, ele acaba sendo um dependente da mulher. Sem dúvida nenhuma. Embora ele queira dar uma de durão, de machão e tudo, mas ele é dependente total, sem dúvida nenhuma. Acaba até, às vezes, né?,

Letreiro: Eu não!

Vamos ver agora, se conseguimos mais sentidos para a masculinidade estudando o personagem principal, par da protagonista *Donatela*, *Zé Bob*. O galã da novela com certeza tem algumas dicas para nos dar. Na conclusão voltaremos a falar de Zé Mayer, mas agora como personagem de *Viver a Vida*, e sobre (in)fidelidade.

5.2 *Zé Bob*: a representação da masculinidade ideal

Galã. [do fr. *Galant*] S.m. 1. *Teat. e Cin.* Personagem ou ator que representa o herói de boa aparência e atitudes, inteligente e corajoso, e que exerce o papel decisivo nas intrigas de amor. 2. Homem belo e elegante. 3. *Fam.* Namorador, galanteador. (Dic. Aurélio).

FOLHA - O que te faz um galã?

MAYER - Bom, inicialmente, masculinidade, né? É preciso ser masculino. É preciso exalar masculinidade à primeira vista. Talvez tenham de mim essa primeira impressão. O meu movimento, meu jeito de olhar, minha fala, meu tom de voz, talvez inspirem... É a atitude masculina, basicamente. E o exercício da minha profissão, que me deu uma certa experiência, um certo, digamos, charme, no sentido de capacidade de tornar interessante um trabalho que estou apresentando. Isso é domínio técnico. Talvez o charme venha do ator, não sei se vem do homem. Será? Quem sabe...⁸

Na hora de dar a definição de galã e comentar o papel de *Augusto César*, José Mayer, numa entrevista à Folha de São Paulo, deu um outro sentido para a palavra galã e demonstrou pouco entusiasmo com seu personagem da *A Favorita*.

FOLHA - Você acha que o título de galã não te cai bem?

MAYER - O título de galã [cai bem], se não for naquele sentido pejorativo de homem burro e bonito, como se costuma dizer sobre as louras, que elas tem dois neurônios, tico e teco... Quando o galã é compreendido como aquele que tem uma função de ser um centro da história por onde tudo passa, um homem que é referencial, um homem que seja de fácil identificação, nesse caso, eu sou galã, sim. Normalmente é uma função ingrata, viu?

FOLHA - Por quê?

MAYER - Os galãs são pessoas muito ponderadas, não têm tintas fortes, não tem a radicalidade de um vilão, não têm emoções extremas, estão sempre em fogo brando. É difícil você manter a atenção do público na frequência quase monótona.

FOLHA - Preferia o papel da novela anterior [em “A Favorita”, Mayer viveu um hippie maluco]?

MAYER - Do ponto de vista de quantidade de trabalho, por exemplo, eu prefiro. Eu passei nove meses sem fazer quase nada. O galã é mais consistente do ponto de vista da dramaturgia, ocupa mais a trama, é mais determinante na história. O Augusto César [papel da novela “A Favorita”]

⁸ <http://www1.folha.uol.com.br/fofha/ilustrada/ult90u626920.shtml>

era periférico. A grande qualidade dele era trabalhar muito pouco, pelo mesmo contrato. É uma vantagem, né? [risos]

O galã também pode ser um ator bonito, mas fraco. Ou, mesmo quando o ator é bom, o papel não ajuda. Às vezes as tramas paralelas fazem mais sucesso do que a trama amorosa principal. Outras vezes, os vilões são mais queridos do público do que os protagonistas. É um fenômeno a ser estudado, mas arrisco aqui uma explicação, mesmo que simplista: as personagens que são totalmente boas, ou totalmente más, não colam. O que é totalmente mau pode causar repulsa, mas o que é totalmente bom pode soar artificial demais. E qual era o caso de *Zé Bob*? É uma questão de opinião, na minha, se interessa, ele é o ator bonito, mas fraco. O que o ajudou foi o papel, já que sua personagem era central e responsável pelo andamento das investigações. O personagem era o caso de ser “o herói de boa aparência e atitudes, inteligente e corajoso, e que exerce o papel decisivo nas intrigas de amor”. Vamos estudá-lo.

Jornalista do tipo investigativo do jornal *O Paulistano*, estava sempre investigando as ações ilegais do corrupto político *Romildo Rosa*, que o ameaça. Mas ele é amigo de sua filha, *Alicia*, que dá pistas para este jornalista das falcatruas do pai. Ele é bonitão, faz sucesso com as mulheres, e se aproveita disso, tem uma filha de sete anos e não sabe. Ao descobrir e assumir um novo papel, passa a se transformar com a experiência da paternidade, e também com a paixão que sentirá por *Donatela*. Sua afetividade já vinha marcada pela convivência com a cadela labradora *Wilma* que mora com ele num pequeno apartamento. Mas parece que ser mulherengo é seu único “defeito”; tem bom caráter, é honesto e idealista e suas ambições são desmascarar os vilões corruptos. Sim, como um herói típico do melodrama vai salvar a vítima, *Donatela*, de sua perseguidora, *Flora*.

É possível fazer alguma aproximação com filmes *noir*, onde ou um detetive particular ou um jornalista, às vezes um escritor, é envolvido numa trama de suspense e seduzido pelas mulheres do caso, rivais entre si. Assim *Zé Bob* fica entre *Flora* e *Donatela* e passa a ser a peça chave para o esclarecimento e resolução dos mistérios. Talvez, se fosse no cinema, a história seria contada com narrador em primeira pessoa, expondo o ponto de vista do jornalista que registra a história, seria interessante. Como pudemos ver, a intuição do herói estava certa e *Donatela* era mesmo a vítima.

A Caracterização do personagem

Zé Bob mora em São Paulo, na avenida Ipiranga, num dos cartões postais do centro da cidade, o edifício Copan, projetado por Niemayer, que fica perto do edifício Itália e em frente ao prédio redondo do antigo Hilton Hotel. É um condomínio bastante renomado e não raramente são realizadas matérias e reportagens sobre ele e seus moradores. Há um estereótipo de pessoas com estilo de vida “alternativo/ cult” que prevalece sobre os moradores do centro. Interessante notar que duas quadras de distância separam o Copan do jornal *O Diário de São Paulo*, cuja linha editorial parece coincidir com a d’*O Paulistano*, conforme vimos nas reportagens sobre *Flora* e *Donatela*.

Vamos ver como ele foi apresentado pela emissora:

ZÉ BOB (Carmo Dalla Vecchia): Homem honesto, culto e idealista, acredita que pode mudar o mundo através do jornalismo. Muito chegado a polêmicas, Zé Bob compra qualquer briga para denunciar as falcatruas dos políticos. Sua vida amorosa é bem desestruturada. Zé é um tremendo mulherengo, mas se sente só em seu apartamento, onde vive apenas em companhia da cadela Wilma. Se envolverá com Donatela e com Flora.



No início ele tinha um carro muito velho e acabado, o que não poderia corresponder com o padrão de vida do herói que o trocou por uma dessas pick-ups enormes e ultravalorizadas. Como ele a comprou o telespectador não sabe, mas se pensarmos na composição de sentido da personagem o primeiro carro era melhor, mais verossímil. Talvez te-

LIÇÕES DE *A FAVORITA***Quero ser Zé Bob****Por Norma Couri em 13/1/2009**

Última semana de *A Favorita*. Pelos picos de audiência, beirando os 50 pontos do Ibope, dá para imaginar quantos aspirantes a jornalistas estão assistindo à novela.

A profissão tem o seu glamour mas sempre dá uma pontada no peito quando Flora manda convidar para sua festa de casamento “celebridades, artistas, jornalistas” e, na recusa, insiste para que Silveirinha aumente o cachê. E eles aparecem.

Mas o que intriga nesse mercado de vacas magras é a quantidade de colegazinhas que os jornalistas ganharão depois que esculpiram na telinha a figura de Zé Bob, bonito, charmoso, livre para fazer o que quer e no tempo que bem entender, com pautas especiais, a namorada como principal fonte, apoio incondicional da editora Tuca num jornal que ninguém consegue fixar o nome. E sem problemas aparentes de caixa.

A última vez que se noticiou uma liberdade assim foi no caso Watergate, quando Carl Bernstein e Bob Woodward – apoiados por um mítico Ben Bradlee dissecaram a fonte mágica “Deep Throat” e, com base nos seus garranchos anotados no escuro em caderninho de mão, derrubaram o presidente dos Estados Unidos. É de babar.

Conjunção astral

As redações hoje são enxugadas, a maioria das matérias resolvidas por telefone ou e-mail, ninguém consegue maturar uma pauta por mais de dois dias. Três, é benevolência que o editor hiperatarefado, porque provavelmente cumpre outras funções, concede a um super-repórter que apresentará um furo estampado na capa. Há quanto tempo não nos refestelamos com um furo de capa. E onde foi que o Zé Bob deu um furo no jornal cujo nome sempre escapa?

Ficção e realidade há muito confundem a audiência graças aos *reality shows*. Há muita gente apontando uma Flora na sua vida e perdendo horas imaginando um final trágico para ela. As revistas de TV de *O Globo* e do *Estado de S. Paulo* são fartas em finais diferentes para Flora, no total 20, elaborados com detalhes pelo próprio autor da novela e pelos fãs, com requinte de crueldade. Provavelmente vingança pessoal.

E o Zé Bob? Não será demitido? Não vai dar um furo que justificará os meses de enrolação?

Tuca há muito foi demitida das redações. Ben Bradlee tem 87 anos, continua no *The Washington Post* e seu livro *A Good Life* dá água na boca ... Mas estão para nascer outros Bernstein e Woodward na conjunção astral iluminada com um editor Ben Bradlee e um caso desvendado até a medula com desfecho tão feliz (não para Nixon) como o Watergate.

Muitas saudades

O repórter especial, aquele que bola suas próprias pautas, tem a confiança do editor para desaparecer e ressurgir porque vai suprir o jornal com matéria trepidante, este foi tercerizado. Tem de pagar aluguel, telefone, condução e bancar o próprio tempo para produzir a matéria. De preferência várias matérias ao mesmo tempo para garantir o mês.

No ano passado, o diretor del Fundación Nuevo Periodismo Latinoamericano, criada por Gabriel García Márquez em Cartagena de Índias (Colômbia), que premia reportagens investigativas e fotógrafos de toda América Latina, confessou que a maioria delas havia sido bancada pelos próprios jornalistas, apurada nas horas vagas e presenteada ao jornal ou revista para depois virar livro. Uma persistência pessoal aplicada nos fins de semana, férias, noites, tal qual Berns-

tein, Woodward e Zé Bob fizeram, bancados pelo jornal *Washington Post* e o de Zé Bob, cujo nome sempre falha.

Zé Bob, muito mais do que Flora, Donatela e Lara, vai deixar saudades, muitas saudades. Mas não será pelo material jornalístico que ele produziu. As redações vão receber quilos de formandos com uma vocação férrea e um desejo: “Quero ser Zé Bob”.

Fonte: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=520IMQ008>

nham cedido à vantagem do merchandising comercial. Ou pensaram que um carro velho está mais para um tipo “*looser*”, mas *Zé Bob* não pode ser um “perdedor”. O comentário de um internauta ao texto “Quero ser Zé Bob”, de Norma Couri (13.01.09), publicado no site do Observatório da Imprensa, mostra a indignação: “De um golzinho para uma pick-up lindona. Pô sou formado a três anos jornalista, tô no rala e pulando para todos os lados. Quero ser Zé Bobis. NORMA, matou a pau.”⁹. O artigo fazia a crítica da representação do jornalismo. Também no início ele tinha cabelo comprido que depois foi cortado. O personagem deixou de ter um jeito “largado” para agradar *Donatela* ou as mulheres em geral?

A Favorita foi dessas novelas que os vilões fazem mais sucesso que os heróis. Mesmo assim, é na masculinidade do herói que a gente vai ver as qualidades e atributos que um homem deve ter, e, ao mesmo tempo, no vilão, a gente vê as qualidades que um homem não deve ter. Vamos lembrar do personagem *Dodi* e fazer uma nova tabela para confrontar os valores. Antes, colamos a apresentação de *Dodi* que consta do site oficial.

Dodi

Murilo Benício

Faz o típico novo-rico, que não consegue disfarçar que veio de baixo. Sua ex-mulher, Donatela, é viúva do milionário Marcelo, seu amigo de infância. Antes de se casar com Donatela, Dodi foi casado com Flora. Agora, mora em uma mansão com Sabiá, Fafá e Manu.

⁹ Ver: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=520IMQ008>. O comentário citado é de Gil Horta. (capturado em 13.01.09).



Na verdade, *Dodi* é apaixonado por *Flora*, mas é um malandro que não toma partido entre as rivais, ou melhor, seu partido é o seu lado. Quando era casado com *Donatela* trabalhava para *Gonçalo*, mas preparava um golpe para dar no sogro posticho. Depois de desmascarado – e foi *Flora* quem avisou *Irene* que ele estava aprontando alguma – passa a viver de capanga de *Flora*. Ele se envolve com uma das meninas da *Cilene*, *Manu*, e a trata ora com carinho, ora de forma grosseira sempre lembrando de que ela não passa de uma prostituta. Bom, na verdade, ele é grosseiro com todas. Por ser chantageado pela vilã, e também por desejar *Flora*, acaba ajudando a psicopata em vários momentos, nas mortes de *Maira* e *Salvatore*, nos seqüestros de *Lara* e *Halley*, entre outras maldades. Sua proteção era um DVD que gravara no dia em que *Flora* mata *Salvatore* e que usava para contê-la. Quase no final da novela consegue se casar com ela, mas era tarde demais, ela já estava fora de si. Esse casamento, inclusive, foi das cenas mais hilárias da novela, com a louca querendo cantar “beijinho doce” e obrigando o público a bater palmas. Mas voltemos a *Dodi* e seu triste fim: *Flora* atira nele no penúltimo capítulo. Agora vamos à tabela:

Zé Bob	Dodi
Mulherengo apenas até antes de se apaixonar verdadeiramente	Mulherengo sempre
Honesto, confiável	Sem caráter
Tem bom gosto	É cafona
Romântico	Grosseiro
Tem amigos sinceros	Tem interesseiros à sua volta, inclusive o pai e a irmã.
Tem uma boa profissão	Vive de golpes
Importou-se com a paternidade ao descobrir a existência de uma filha	Não se importou ao descobrir a existência da filha Lara, a não ser o quanto ele podia lucrar, claro.

Há alguns arquétipos evidentes em *Zé Bob*: o heroísmo do *Super Man*, que também era repórter e desmascarava vilões. Trabalhava para o bem, a justiça e a verdade, mas não era policial ou juiz, ou um agente do Estado: quase como um justiceiro os dois agiam de forma a descobrir os culpados e entregá-los para punição.

Sem a Editora *Tuca*, *Zé Bob* nada poderia fazer. Mais do que uma adjuvante, ela poderia ser considerada como uma porção feminina arquetípica do herói. Sua função na história era apenas a de facilitar e dar suporte às ações de *Zé Bob*, ela mesma não tinha história própria. Aliás, *Zé Bob* também parece ter caído nas graças de Vênus, porque as mulheres é que o ajudavam. Vamos ver numa matéria¹⁰ do site quais as características do herói encantavam a “mulherada”, isso sem contar a *Donatela*, mulher que conseguiu conquistar o “garanhão”. Os grifos são nossos:

Zé Bob e suas pretendentes
Carmo Dalla Vecchia analisa relacionamento do personagem com mulheres que o rodeiam
Zé Bob é um quarentão solteiro, interessante e cheio de charme. Será por isso que atrai a mulherada de A Favorita?

¹⁰ Ver: <http://afavorita.globo.com/Novela/Afavorita/Bastidores/0,,AA1685189-15485,00.html>. (Capturado em 17.07.08).

O fato é que o personagem tem, pelo menos, cinco mulheres rodeando sua vida amorosa: Flora, Donatela, Alicia, Rita e Maíra. E, com cada uma delas, a história é diferente. [Note que *Tuca* não está aqui. Será a sua idade? Ou realmente ele pode ser considerada uma parte do herói?] Para entender melhor esse convívio com tantas mulheres, Carmo Dalla Vacchia, ator que interpreta o garanhão, faz uma análise da relação de Zé com as beldades da trama:

Flora:

“Ele se encanta pela Flora porque existe um ar de mistério, ele não sabe quem ela é direito. Ao mesmo tempo ela cuida dele, cozinha para ele. A Flora parece gostar muito de Zé, e como ele é sozinho, carente, precisa de alguém que lhe dê essa atenção.”

Alicia:

“Com a Alicia é uma grande brincadeira, ela é linda, mas é riquinha de mais, mimada de mais, não faz o tipo do Zé Bob, ele só cede porque uma dia ela praticamente o agarra em seu apartamento. Uma mulher dessas é difícil resistir”.

Rita:

“Eu defendo o Zé Bob, ele não é um canalha, é gente boa. Essa história da filha que teve com a Rita mostra isso. Pois ele não abandonou a Rita grávida, ele não sabia que essa criança existia. Não agiu de maldade. Depois que descobriu a verdade, ele correu atrás para tentar consertar o erro.”

Maíra:

“Com a Maíra nunca aconteceu nada, eles são só amigos. Mas tudo é possível, afinal, ela é linda, provocadora, charmosa e o Zé é homem, né? (risos)”

Carmo torce para que Zé encontre logo a companheira certa

O ator, que está muito feliz com o personagem torce para que Zé encontre seu par ideal logo. “Eu torço para Zé bob se acertar com uma delas. Ele é um homem na faixa dos quase 40 anos, mora sozinho com uma cachorra que é a sua única companheira. Ele está sempre em busca da mulher ideal. Zé vai para um relacionamento achando que poderia dar certo, ele se entrega porque acredita naquilo”, explica o ator.

Vamos recolher os atributos? Agora façamos uma lista e vamos achar os atributos de masculinidade propostos como ideal pela novela através de sua personagem protagonista:

1. Honesto, confiável;
2. Tem uma profissão da qual se orgulha e gosta;
3. Pode ser mulherengo, mas deve ser fiel quando encontrar o amor verdadeiro (“não é canalha”);
4. É romântico;
5. Tem bom gosto;
6. Tem amigos sinceros;

7. Tem uma boa profissão;
8. Está por volta dos 40 anos;
9. É interessante;
10. É bonito;
11. Cheio de Charme;
12. Garanhão (até...);
13. Tem um ar de mistério;
14. É sozinho e carente, precisa de alguém pra lhe dar atenção;
15. É homem, né... se aparecer alguma oportunidade...;
16. Vai em busca da mulher ideal;
17. Se importa com a paternidade;
18. Desmascara vilões, é corajoso.

As cenas que escolhemos para *Zé Bob* é uma seqüência que mostra bem como podemos chamar a telenovela de “novela *noir*”, mostra a coragem do herói e mostra como ele é ajudado pelas mulheres, no caso: *Alicia*, *Diva* e *Tuca*. O capítulo foi ao ar dia 22 de outubro.

Começo do capítulo: no apartamento de *Zé Bob*, na cozinha, ele e *Alicia* conversam e ela confessa ser o *Aleph*, voz misteriosa que sempre liga para *Zé Bob* informando a ele sobre as falcatruas de *Romildo*. Dessa vez ela fala que *Romildo* vai encontrar *Diva* no Karaokê Toshiro para negociar armas ilegalmente. Ela faz um discurso contra as armas para justificar a delação contra o próprio pai. Então ele vai até o local e fotografa tudo: a troca de dinheiro e armas entre os dois. Só que ao ir embora é surpreendido pelo capanga de *Diva*, que arranca a câmera dele e a destrói: suas únicas provas. Vai matá-lo, mas *Diva* o impede. A cena é tipicamente *noir*: ele no chão, os bandidos o mirando de cima, a mulher gangster que salva a vida do jornalista bonito e bom caráter. Depois vemos uma cena de *Zé* e *Tuca* conversando.

Enfim, descobrimos com *Zé Bob*, quais são os atributos de masculinidade valorizados pela telenovela. E, nesse caso, podemos generalizar para a telenovela brasileira, de vez que a maioria dos atributos mencionados vão aparecer em outros personagens, em outros autores, para valorizar um modelo de masculinidade como o ideal a ser buscado. Claro que atualmente já há uma certa pluralidade nas representações e podemos

encontrar heróis menos perfeitos, como o bem intencionado, mas autoritário, *Juvenal Antena* (Antonio Fagundes), da novela anterior à *Favorita*, *Duas Caras* de Aguinaldo Silva (2007), mas que também mostrava heróis ideais como *Evilásio* (Lázaro Ramos) e *Professor Madureira* (José Wilker). De qualquer modo, *Juvenal* sofrerá uma sanção negativa por seus desmandos: ele termina a trama sem o final feliz do casamento com a bela *Alzira* (Flávia Alessandra), que para novela é uma punição e tanto. Ele perdeu a briga dos sexos pelo poder da relação: o macho impunha condição à fêmea que ela parasse de exercer a sua profissão de dançarina noturna de *pull dance*¹¹, mas a heroína não aceitou a condição e preferiu ser dançarina em Ibiza – Espanha, ilha famosa pelas noitadas, muito procurada por solteiros(as) de todo o mundo. Ele poderia ter aceitado uma relação de outro tipo que não a do casamento convencional, não poderia? Mas ele não quis, ele não suportaria os olhares de outros para sua esposa, a dúvida da fidelidade da mulher. Aí voltamos novamente para a questão apontada por Goldenberg (2006) sobre o valor da fidelidade de nossa cultura encontrada em suas pesquisas.

Se falamos da novela anterior à *Favorita*, vamos ver também a posterior. Em *Caminho das Índias*, *Raj* (Rodrigo Lombardi) era a representação do homem ideal enquanto seu rival *Bahuan* (Márcio Garcia) não era o tipo puro nem de herói nem de vilão, ele tinha qualidades e tinha falhas de caráter. O primeiro é íntegro, justo, sincero, marido exemplar, filho exemplar, empresário bem sucedido, perdoa *Maya* por enganá-lo, por dizer que o filho, que era de *Bahuan*, era dele. Tudo isso além de ser bonito. Seu único mal foi se envolver com uma brasileira sabendo que sua família tradicional indiana não aceitaria a união com uma estrangeira. Mas por um tempo ele se ilude e faz *Duda* (Tânia Khalill) sofrer muito, já que ela não entende que ele precisa obedecer aos pais ou ficará sem família e sem casta, no caso, sem identidade. Ele também sofre muito por casar com uma mulher gostando de outra, mas *Duda* acha que ele é um cafajeste como tantos que existem por aí. Do mesmo modo *Maya* (Juliana Paes) casa com *Raj* gostando de *Bahuan*. Entretanto, se isso pode ser errado para nossa cultura, do ponto de vista da cultura indiana, o que importa é construir um amor. E *Maya* e *Raj* conseguem, apesar de todos os obstáculos. Então, aqui, *Raj* tem como recompensa por sua nobreza o amor da heroína, o final feliz da vida amorosa.

¹¹ Pode-se dizer, inclusive, que assim como aconteceu com a dança do ventre, vimos dissolverem-se muitos preconceitos com a modalidade pull. Hoje a dança é oferecida por escolas de dança para o grande público. Veja, por exemplo, a escola dança em movimento: http://www.dancaemovimento.com/?gclid=CI_fstao458CFZxh2godOUDBGw.

Podemos considerar que há sempre uma representação da masculinidade ideal, desejada, e da masculinidade oposta, a ser transformada. No meio, ficam as representações secundárias, mais próximas da nossa realidade: homens com qualidades e defeitos. Para a telenovela, a característica de “garanhão” é aceita somente para solteiros, senão ela vira um defeito. Nessa novela o personagem de Vitor Fasano, *Dario*, é cafajeste até se apaixonar por *Aída* (Totia Meireles). *Ramiro* (Humberto Martins) pode até ser simpático do público, mas é cheio de defeitos: é arrogante, autoritário, grosseiro, e, o pior, trai a esposa *Melissa* (Christiane Torloni). Bom, até enquanto ela não descubra o caso e afaste a amante dele sem que ele possa fazer nada. Mas os dois se merecem, ela é frívola, preocupa-se excessivamente com sua beleza, até como forma de fuga da realidade. Os dois vão negar a esquizofrenia do filho, *Tarso* (Bruno Gagliasso). Mas nós, espectadores, entendemos as suas limitações e, assim, eles se parecem mais possíveis, mais reais e menos ficcionais.

Em *Caminho das Índias*, no outro pólo extremo da masculinidade ideal, está a masculinidade criticada representada por *Zeca* (Duda Negle): garoto sem limites de classe média alta, cujo passatempo é infernizar a vida alheia. *Zeca* e sua turma jogam ovos pela janela no pé dos pedestres para treinar a pontaria; praticam o *bulling*¹² na escola, principalmente com *Indra* (André Arteché), um rapaz de família indiana que mora no Brasil; dirigem carro em alta velocidade para “tirar finas” das pessoas na rua; atiram com pistola de *paintball* (atiram bolas de tinta). Publicou uma página falsa de uma professora do colégio falando absurdos e ainda jogou suspeitas sobre um colega. Agrediu um rapaz e foi filmado. A imagem foi parar no *Youtube* e nos telejornais. Frente ao juiz, junto ao seu pai e advogado, aceitam o acordo que só podem fazer porque podem pagar. A falta de uma ação educativa nesse momento oportuno justifica a legitimação do comportamento que, então, não tem porque mudar.

No mesmo pacote a autora faz a crítica da sociedade que não valoriza a educação e a escola fica impotente, uma sociedade que juridicamente não impõe uma pena educativa, mas dá a possibilidade ao réu de entrar num acordo e pagar 10 cestas básicas, além

¹² Ver Wikipédia <http://pt.wikipedia.org/wiki/Bullying>: “Bullying[1] é um termo inglês utilizado para descrever atos de violência física ou psicológica, intencionais e repetidos, praticados por um indivíduo (*bully* ou “valentão”) ou grupo de indivíduos com o objetivo de intimidar ou agredir outro indivíduo (ou grupo de indivíduos) incapaz(es) de se defender. Também existem as vítimas/agressoras, ou autores/alvos, que em determinados momentos cometem agressões, porém também são vítimas de *bullying* pela turma”.

de ressarcir a vítima em seus gastos com a agressão física sofrida¹³. Com o pagamento, volta a ser réu primário. A autora critica a falta de limites em nossa sociedade e com isso também critica a educação dada aos filhos, sobretudo homens, na qual é possível toda a prática de falta de ética, de “tirar vantagem”, de violência, tudo para provar superioridade e poder. A crítica à justiça também encontra eco na história de vida da autora que perdeu a filha num assassinato brutal e viu seus assassinos serem liberados do regime fechado por bom comportamento, muito tempo antes da pena estabelecida. A autora sempre criticou publicamente a permissividade e a tolerância excessivas da nossa sociedade de “instituições frágeis”¹⁴.

O pai de *Zeca*, *César* (Antonio Caloni), é um advogado trambiqueiro, que combina acidentes de trabalho com funcionários de fábricas para poder pegar suas causas de indenização. É o típico malandro, que apesar de casado e se dar bem com a esposa, vive cantando as mulheres na rua, daquelas cantadas bem baratas. O pai é mau exemplo, além de estimular o filho a brigar na rua e a cometer pequenos delitos. É nesses momentos que eles exercem sua masculinidade e conseguem se auto-afirmar. Através de ambos, Glória Perez faz a crítica de um modelo de masculinidade, que apesar de estar em voga em alguns segmentos, não deve ser seguido. Como os autores podem sugerir soluções para nosso mundo através do seu mundo imaginado, neste caso, a autora fez a sua transformação quando, no final, de novo em frente ao juiz, agora por ter atropelado *Duda* e fugido, *Zeca* recebe como pena a prática de serviços comunitários, uma opção que existe na lei brasileira, mas é pouco utilizada. Como ele era praticamente um “produto” dos pais, o garoto descobre outro mundo ao ter que ler e contar histórias para crianças de orfanatos. Foi uma maneira de dizer que os jovens refletem a educação que damos para eles.

Enfim, nas telenovelas teremos sempre a representação da masculinidade ideal, do seu oposto, e a representação de dramas comuns. *Zé Bob* é um bom exemplo de construção de um personagem que representa e modeliza o homem ideal. Agora vamos observar o oposto da masculinidade ideal em *A Favorita*: que tipo de masculinidade ela condena?

¹³ Ver a cena: <http://video.globo.com/Videos/Player/Entretenimento/0,,GIM998415-7822-ZECA+E+JULGADO,00.html>

¹⁴ Ver entrevista com a autora: <http://video.globo.com/Videos/Player/Entretenimento/0,,GIM1060537-7822-EXCLUSIVO+GLORIA+PEREZ+FALA+SOBRE+ZECA,00.html>

5.3. *Leo e Catarina: a condenação do machismo e da violência contra a mulher*

O casal é morador de Triunfo. Ela cuida da casa e dos filhos e ele trabalha na fábrica de papel e celulose dos *Fontini*. Eles são pais de *Mariana* e *Domênico*.

Leo é o típico machista: a mulher serve porque deve ser dona de casa e deve cumprir com suas obrigações conjugais sempre que ele estiver com vontade. Também é quem deve estar disponível para ouvir reclamações e más-criações quando o macho estiver com problemas ou simplesmente de mau-humor. A língua ferina de *Leo* vive criticando e jogando a mulher para baixo. Da metade para o final da novela ele é o fofoqueiro da vila que passa a fazer intrigas e ofensas. No decorrer desta seção falaremos das ações deste vilão.

Numa das primeiras cenas em que eles aparecem, no capítulo 06.06.08, estão almoçando num restaurante com o casal *Lorena*, irmã de *Catarina*, e *Átila*. A apresentação conta a submissão de *Catarina* e mostra como *Leo* é cafajeste e grosso. Ele faz chegar a uma mulher da mesa ao lado um bilhete que é uma cantada. A moça, ofendida, vai até a mesa dos quatro e expõe *Leo* ao ridículo, confrontando a sua atitude. Nesse momento constatamos que o flerte com outras mulheres em frente à própria mulher, conduta que outrora pode ter sido valorizada – e até hoje em dia alguns segmentos valorizam (ÁLVAREZ, 2005) – hoje parece ser uma prática recriminada, o que conferimos com o comentário da moça, perguntando se ele não tem vergonha de mandar um bilhetinho com a esposa do lado. Segundo Álvarez, conseguir um encontro com outra mulher na presença da “oficial” e do cônjuge da outra “é pura adrenalina. Ela deixa os músculos e os nervos tensos, acelera drasticamente o pulso, mas, quando o resultado é positivo, o homem fica cheio de orgulho – na verdade, trata-se de uma graduação na carreira de profissional de sedução.” (ÁLVAREZ, 2005: 54).

Desse modo, como a empreitada não é bem-sucedida, o comportamento é ridicularizado e, portanto, rejeitado como traço a ser desenhado numa masculinidade a ser seguida. Na telenovela *Viver a Vida*, de Manoel Carlos, (TV Globo, 21h00, 2009), o personagem *Gustavo* (Marcello Airoldi) também apresenta comportamento semelhante e é ridicularizado. Sua esposa é bonita (Letícia Spiler), mas ele fica atrás de outras mulheres e principalmente da prima da sua mulher. De vez em quando, nas conversas com

seu patrão e amigo, o protagonista *Marcos* (José Mayer), *Gustavo* solta aquelas pérolas dos níveis inferiores da ideologia do cotidiano, sobretudo as que falam das mulheres e do número de mulheres que um homem tem que colecionar, e afirma ter aprendido tudo isso com o próprio *Marcos*. Só que o protagonista jura ter se regenerado. Claro, além do tom de comédia pastelão que acompanha *Gustavo*, o personagem *Marcos* de José Mayer nos mostra como a prática do garanhão está em baixa na telenovela, falaremos dele na conclusão, aqui queríamos sublinhar o ridículo do homem infiel na telenovela.

Como dissemos, para alguns, a prática da infidelidade ainda está em uso e pode ser alcançada pelo homem que desejar manter relações paralelas. Segundo o autor do *Manual do homem infiel*, a infidelidade é um fato social e o “casal monogâmico” é um “ideal” (ÁLVAREZ, 2005). Ele pode ter razão neste aspecto, de fato, é o que Goldenberg (2006) observa: as pessoas valorizam a fidelidade, mas ela é um alvo difícil de ser alcançado. O comum atualmente é que as pessoas, tanto homens quanto mulheres, tenham experiências tanto de ter sido traídos quanto de ter traído. Veremos esse assunto mais adiante, por enquanto nos interessa falar do comportamento do homem que trai não por uma questão do destino, por “coisas da vida”, mas por uma necessidade de se sobrepor ao sexo oposto e tratá-lo como objeto. Veja como o manual considera a mulher como objeto e prazer o homem:

Nunca dê à sua amante o número de casa, nem permita que o procure, mas se, acidental ou deliberadamente, ela tiver acesso a ele, repreenda-a com vigor e proíba-a de ligar para sua casa (Álvarez, 2005: 72)

Negue sempre olhando nos olhos. (...) Negue, veementemente, tudo, mesmo sob tortura. (Idem: 92).

Um modelo especial de mulher, candidata a ser uma amante ideal, é a jovenzinha inexperiente, sonhadora e sentimental que sonha com uma relação que coroe a sua vida. (Idem: 98)

Recordemos que algumas características da amante ideal são a flexibilidade, a paciência e a compreensão em relação à sua atitude no que diz respeito a certos temas vinculados a ela – que entre vocês, como estava previsto, estará sempre a mulher oficial. Assim, portanto, quando sua amante começar a dar sinais de rigidez e intolerância, fique certo: chegou a hora de dar por terminada a relação. (...) a impaciência que ela está começando a demonstrar com você, com o tempo que lhe destina, a frequência de seus encontros e, até mesmo, com aquilo que você pode ou não lhe dar. (Idem: 108).

Infidelidade é uma coisa, manipulação e mentira são outras, bem diferentes, por sinal. Mas, na verdade, *Leo* nem faz questão de esconder da esposa que tenta ter relações extraconjugais, como fazem *Gustavo* e *Marcos*. Através de *Leo* podemos ver tudo o que esta telenovela despreza num homem, características que também vimos na seção sobre o “novo” homem. Vamos fazer uma nova lista descrevendo o personagem:

1. Bebida em excesso;
2. Agressão contra a mulher e a família;
3. Fofoca, calúnia e maledicência;
4. Assédio sexual,
5. Falta de compreensão e diálogo com a família;
6. Falta de valorização da esposa;
7. Ser mesquinho;
8. Importar-se apenas com o trabalho;
9. Ser puxa-saco do chefe,
10. Tratar mal a família da mulher;
11. Usar palavreado chulo;
12. Ser preconceituoso: praticar discriminação racial (*Alicia* e *Didu*) e contra orientação sexual homossexual (*Stela*), discriminação contra a mulher (*Catarina*, *Dedina*).
13. Agredir fisicamente a esposa, ou qualquer mulher.

É interessante notar que a infidelidade não é tão grave quanto o comportamento de gananhão. Basta que vejamos as histórias dos outros personagens que foram infiéis aos seus parceiros e nem por isso foram ridicularizados: *Átila*, *Copola*, *Cassiano*, *Gonçalo*. Com exceção de *Dedina* que, no caso, provavelmente por ser mulher acabou sendo severamente punida pelo adultério, como veremos mais adiante. *Leo* também teve participação na história de *Dedina*. Era ele quem provocava Elias, rotulando-o de “cornos”, e *Damião*, rotulando-o de “traidor”. *Dedina* era a “vagabunda”.

E *Leo* não vai sofrer nenhuma transformação, ele não vai se regenerar. Ele vai acabar solitário, voltando para seu lugar de origem, sem ser querido por ninguém, parcialmente perdoado pelos filhos, que dizem “é pai, afinal”. O que acontece é que, a

história, na verdade, é de *Catarina*. O que o autor quer nos mostrar é um percurso de emancipação feminina. De dona de casa, mãe, esposa dedicada e dependente à mulher independente, separada e feliz. De machista a feminista. É interessante notar que nas telenovelas, as mulheres que, ao final, ficam sem um par amoroso, de alguma forma, por alguma razão, estão sendo punidas. *Catarina*, não. Se ela chega ao último capítulo e opta por não se casar com Vanderlei, é porque não quer voltar à condição de esposa dedicada e dependente. Para ela, o divórcio foi a recompensa, ou melhor: a liberdade e a autonomia foram seus prêmios por uma conduta exemplar.

Filha de *Yolanda* e *Colpola*, irmã de *Cida* e *Lorena*, são eles quem a confortam depois dos desatinos de *Leo*. Ao mesmo tempo, pedem a *Catarina* que se separe dele. Mas sua mentalidade um tanto antiquada e machista não permite a separação. Para ela, casamento é um compromisso assumido para a vida inteira e deve-se superar qualquer crise por este motivo. E o marido tem sim o direito de “poder” sobre a mulher.

No início da história, *Colpola* e *Lorena*, faziam cartas de amor anônimas chegarem nas mãos de *Catarina*. Ela começou a desconfiar de Vanderlei, o dono da venda, que a tratava muito bem e delicadamente tentava cortejá-la. Essas cartas enchiam *Catarina* de esperanças de sonhos, embora nunca fosse sua intenção abandonar *Leo*. Era realmente uma forma de se sentir bem e ter uma pequena melhora em sua auto-estima tão baixa. As cartas ajudavam *Catarina* a viver sua vidinha medíocre e oprimida. Quando ela começa a dirigir-se a Vanderlei por causa das cartas e *Leo* rouba uma carta sua e vai tirar satisfação com o verdureiro, seu pai e irmã são obrigados a contar a verdade. A revelação a deixou coberta de vergonha e decepção. Entre a ficção e a realidade, a atriz, em meio a esses acontecimentos, concede uma entrevista ao *Fantástico* e revela ter vivido uma situação semelhante¹⁵.

O didatismo da telenovela nos apresenta aos poucos a vida de *Catarina*. A maioria das cenas com ela apresenta um mesmo formato. A introdução é ela em algum momento cotidiano, executando suas tarefas domésticas com amor e carinho: escolhendo feijão, no fogão, pondo a mesa, cuidando das roupas. Às vezes ela está magoada com alguma atitude de *Leo*, em outras está preocupada com um dos filhos. A menina adota um perfil de adolescente rebelde que despreza a mãe por ser tão submissa ao seu pai.

¹⁵ Veja a entrevista com Lília Cabral no *Fantástico* de 29/06/08: <http://video.globo.com/Videos/Player/Noticias/0,,GIM851172-7823-A+INTEGRA+DA+ENTREVISTA+DE+LILIA+CABRAL+PARA+O+FANTASTICO,00.html>

O menino, menor, optou por não falar com ninguém. E o pai chama de “mudinho”, de “esquisitinho”, ri dele, bate nele. Esse é o cotidiano desta família que está se desmantelando pela violência doméstica, no início mais psicológica, progredindo para a agressão física. A novela mostra bem essa progressão paulatina do aumento da violência.

Leo começa a dar em cima da nova vizinha, *Stela*, que chegara a *Triunfo* para abrir um restaurante. Mandava entregar flores para ela. Ele vende o telescópio que *Catarina* havia ganhado de presente de aniversário de seu pai para comprar um vestido para seduzir a vizinha. A moça, indignada, resolve conversar com *Catarina*. “Devolve” o vestido a ela.

Depois, ele quer que ela devolva o ar condicionado que comprou com o esforço de muito tempo de economia. Segundo ele, o dinheiro só poderia ser o que ele colocava dentro de casa, portanto, o ar condicionado era dele. Quando a mulher está pintando a casa, diz que a cor escolhida (lilás) não era de casa de gente decente, que mais parecia um bordel (09.07.08). No quintal, tenta agarrar *Cida*, rasgando a blusa da irmã de *Catarina* e, flagrado, diz que ela é que tentava agarrá-lo.

Catarina, na medida do possível, enfrenta *Leo*. Defende o filho de apanhar, dizendo: “bate em mim, mas não bate no meu filho”. Certo dia, ele bate.

E conforme *Catarina* passa a trabalhar, ele começa a exagerar na bebida e a ficar cada vez mais agressivo, inclusive com os filhos. Ao saber da gravidez precoce da filha, a chamava de “vagabunda”. Ele inferniza a vida dela de tal maneira que ela foge de casa. Passa um tempo na casa de *Stela* e depois vai morar com os avós.

E ele também não se conforma de ter sido rejeitado por *Stela*. Passa a vigiá-la e acaba descobrindo que tinha sido casada com uma mulher. *Catarina* havia acabado de saber da amiga que era lésbica. Chocada, porém aberta, *Catarina* descobre que não tem preconceito, bem diferente de *Leo*. Ele espalha a história pela cidade, o que afeta, inclusive, o movimento do restaurante. *Catarina* o odeia por isso. Este foi mais um momento em que constatamos a complexidade da personagem *Catarina*. Ela passa a defender *Stela* perante a cidade, mesmo quando fofocam sobre as duas e a própria mãe de *Catarina* a pressiona por isso.

Mas o que ele quer é se vingar e impedir *Catarina* de trabalhar. Ela, um pouco mais segura por causa do trabalho e da amizade com *Stela*, e também pelo apoio dos filhos e da família, resolve enfrentá-lo e se separar.

Nesse ponto, para ter sua mulher de volta, ele ameaça de se matar. Com pena, *Catarina* cede. Ele diz que vai mudar. De modo forçado tentou tomar atitudes que seriam esperadas de um marido legal como: cozinhar para ela, parar de beber, tratar bem aos filhos e a família dela, respeitar o trabalho da companheira. Entretanto, como esse homem não é ele, como ele não consegue ser diferente e volta a ser o mesmo, então, *Catarina* se dá conta de que o casamento acabou. Ela mudara demais para voltar a viver a mesma vida, antiga e sem sentido. Vitória para *Catarina*, derrota para o homem que enxerga sua mulher como objeto de sua posse.

Catarina separada, Wanderlei resolve se arriscar. Seu recurso: mandar cartas de amor para *Catarina*. Mas a nossa heroína não se casa com ele, prefere a liberdade, prefere não ter mais que fazer o papel da dona de casa. Quanto mais eles conviviam, mais ele se parecia com aquele marido que vai mandar e controlar a mulher. *Catarina* preferiu viajar, preferiu o trabalho, a amizade. Deixando o par amoroso de *Catarina* em aberto, o telespectador pode inventar para si o destino que preferir, mas não poderá esquecer que, agora, ela é uma mulher emancipada.

Catarina não ficou paraplégica como Maria da Penha, nem teve que recorrer à delegacia de mulheres, mas assim como ela, reapoderou-se de sua dignidade. Nesta história, não foi necessário o didatismo do percurso que leva à mulher à delegacia e o homem à punição da Justiça e do Estado. Bastou torná-la um exemplo para as mulheres que querem mudar suas vidas, emancipar-se de homens como *Leo*, deixarem de alimentar o machismo. Nesta história, a punição do macho foi a solidão, o abandono e rejeição da rede social, o desemprego. Voltar para seu lugar de origem, como se fosse possível começar tudo de novo, da estaca zero, ou como se houvesse um lugar em que ele tivesse razão. Mas esse lugar não era mais *Trinunfo*.

Leo não tinha uma qualidade sequer porque ele não é a representação de um homem, mas a representação de uma situação: da prática condenável do machismo e da violência doméstica. Nesse sentido a telenovela tematizou a violência doméstica, contribuiu para fazer a crítica e propor modelos de comportamento diferentes. Numa sociedade como a nossa em que o machismo pode ser considerado como comportamento natural, a telenovela presta um grande serviço ao expor o machismo didaticamente. E não apenas na classe operária, mas o próprio *Gonçalo Fontini* trancou sua mulher em casa e ordenou que os empregados a vigiassem quando ela tomava atitudes com as quais

ele não concordava, principalmente, quando ela ajudava *Flora*. Ainda que ele estivesse certo em sua intuição, ele não tinha o direito de trancafiar a esposa. É bom lembrar, que a lei Maria da Penha esclarece que violência não é apenas a física, mas também a psicológica¹⁶. A lei Maria da Penha, 11.340, prevê 5 formas de violência contra a mulher: física, psicológica, sexual, patrimonial e moral. *Leo* praticou todas as 5 com *Catarina*. A atitude responsiva de alguns telespectadores os levou a descontar no ator, Jackson Antunes, que foi agredido por um fã de *Catarina*. Fazia algum tempo que esse tipo de agressão não acontecia, talvez *Marcos*, de *Mulheres Apaixonadas*, tenha sido o último¹⁷.

Na história de *Leo* e *Catarina*, *A Favorita* coloca em cheque o machismo e escreve para o equilíbrio dos gêneros. Se as relações entre os gêneros são desiguais em nossa sociedade, em *Triunfo* elas tentam se equiparar. E não podemos nos esquecer dos custos econômicos do machismo. Um estudo sobre desenvolvimento de desigualdade de gênero de 2001 publicado pelo Banco Mundial:

(...) analisa em detalhes os custos da desigualdade entre homens e mulheres, sob o aspecto da pobreza, do desenvolvimento, da produtividade, da saúde e da educação. As conclusões principais são contundentes. Os países que promovem os direitos das mulheres e facilitam o acesso delas à educação e à riqueza estão menos sujeitos à pobreza e à corrupção, têm uma produtividade mais elevada e um crescimento econômico maior. Quando se reduzem as diferenças entre homens e mulheres em áreas como a educação, o emprego e os direitos da propriedade, as taxas de desnutrição infantil e a mortalidade diminuem. Além disso, a transparência e a honestidade aumentam, tanto nos governos como no setor privado. Os sistemas de saúde e educação, os órgãos de governo e as instituições de crédito funcionam melhor quando incluem uma forte

¹⁶ Veja a lei no link: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11340.htm (capturado em 17.02.10).

¹⁷ Ver in: <http://wp.clicrbs.com.br/noveleiros/2008/07/22/>: “O incidente ocorrido com Antunes não é novidade. (1) Em *Mulheres Apaixonadas*, **Dan Stulbach** também batia na mulher (vivida por Helena Ranaldi) e era insultado nas ruas, como lembrou a Juliana Herling em outro post do blog. (2) Durante a época da mesma novela, a atriz **Regiane Alves** também sofreu com a personagem Dóris: ela já levou golpe de jornal nas costas e ouvia comentários furiosos de defensores da terceira idade, já que sua personagem humilhava o avô e a avó, vivida por Carmem Silva. (3) Outro caso conhecido é o de **André Gonçalves e Lui Mendes**, que atuavam em *A Próxima Vítima* no papel de um casal de homossexuais. André chegou a ser agredido por um grupo de jovens preconceituosos no Rio. (4) **Ranieri Gonzalez**, o vilão Maurício, de *Esperança*, apanhou três vezes na rua, de guarda-chuva, bolsada e até de uma moça que bateu no ator com o celular. (5) **Rubem de Falco**, o malvado Leôncio de *Escrava Isaura*, foi agredido na rua várias vezes nos anos 1970, mesmo depois que a novela já havia saído do ar. (6) Durante *Laços de Família*, em 2000, a atriz **Deborah Secco** apanhou na rua por causa das travessuras da personagem Íris. (7) Em *Ambição*, trama de 1964, a atriz **Arlete Montenegro** viveu a personagem Belinha e declarou que só não apanhou na rua porque seu noivo a protegeu diversas vezes dos telespectadores mais agressivos. (8) Em *Selva de Pedra* (1972), **Dina Sfat** viveu a louca Fernanda. No auge da história ela prende a personagem Simone em uma cabana e a tortura, quase levando-a à morte. Em função desse personagem, a atriz foi agredida muitas vezes nas ruas.”



INVERSAO DE PAPEIS

"Torço para que ele pague pelo que está fazendo, para eu não pagar"

Sentindo na pele

12 **Conta Mais**

Jackson Antunes paga o pato por viver personagem violento na novela *A Favorita*, é agredido e vai parar no hospital

É normal os telespectadores confundirem o personagem que seus ídolos representam com o próprio ator, misturando ficção e realidade, mas desta vez um homem exagerou ao tomar as dores de Catarina, papel interpretado na novela *A Favorita*, pela atriz Lília Cabral. Na trama, ela é casada com Leonardo, um machão agressivo e mulherengo interpretado pelo ator Jackson Antunes. Por conta das maldades que apronta no folhetim (com humilhações verbais e gestos violentos contra a esposa e os filhos), o ator foi agredido por um telespectador, que partiu para cima dele, esbravejando e empurrando-o, sem respeitar as muletas que usava, pois Jackson sofre, há 13 anos, de trombose na perna esquerda e toma, regularmente, remédio para afinar o sangue.

Segundo Jackson, ele estava com a esposa Cristiana Brito em uma banca de jornal quando foi atacado por um homem de meia-idade e bom nível social. Ele reclamava por ter de assistir na tevê ao personagem batendo em Catarina. "Ele começou a falar sobre as injustiças que acontecem no Brasil, mencionando os crimes dos colarinhos-brancos, cometidos pelo banqueiro Daniel Dantas, Celso Pitta (ex-prefeito de São Paulo), e disse que eu era um mau exemplo para as crianças", recorda-se Antunes, que ainda tentou argumentar antes do empurrão: "Disse que era ator, que estava fazendo meu trabalho e que a tevê tem o papel de discutir assuntos sociais", conta.

Diante da reação violenta, Jackson se desequilibrou e, para não cair, tentou defender a perna esquerda, apoiando todo o peso na direita. "Como estou acima do peso por conta do personagem, forcei demais a perna boa para evitar complicações", explica o ator. Resultado: teve um início de sangramento interno na perna direita e ficou quatro dias internado no hospital Pró-Cardíaco.

Conta mais 04.05.08

participação feminina. Portanto, a desigualdade entre homens e mulheres não afeta apenas estas últimas, mas a sociedade inteira, idéia que sempre foi postulada pelo movimento feminista e que agora recebe o respaldo dos economistas. (CASTAÑEDA, 2006: 286-287).

A proposta de Castañeda é a de tornar visível o machismo que está invisível. E ele preservará a sua invisibilidade se continuarmos passando por cima de manifestações machistas como se elas fossem inofensivas, de um ou outro cidadão, como se não houvesse um caráter social que enforma a conduta machista, como se o machismo não fosse uma arma do domínio do homem sobre a mulher. Numa das edições de meados de 2009 do programa *Saia Justa* (GNT), que acaba falando sempre das relações de gênero ou sobre relacionamentos amorosos, a pergunta para as mulheres do programa (Beth Lago, Maitê Proença, Márcia Tiburi e Mônica Waldvogel) era: “quem pede mais com a guerra dos sexos? O homem ou a mulher?”. Ninguém conseguiu chegar à resposta: a sociedade como um todo. Tal é a força para que o assunto seja individualizado, confinado aos limites da vida privada, dos problemas domésticos. Aliás, nem “os filhos” foram citados. Segundo o estudo do Banco Mundial de 2001, “no Brasil, em Bangladesh e na Costa do Marfim, o salário das mulheres repercute na nutrição dos filhos quatro vezes mais que o mesmo salário na mão dos pais” (idem: 287). Os dados encontrados tornam visível o que sempre se manteve oculto:

(...) que o domínio do homem sobre a mulher afeta a todos, não somente às mulheres. Ajudam-nos igualmente a entender a relação exata entre machismo e dominação. O machismo, visto como um conjunto de valores e crenças, provém da desigualdade entre os sexos, mas ao mesmo tempo a alimenta, ao explicar porque os homens devem ter o comando e são “superiores” em quase todas as áreas importantes da atividade humana. Em suma, o machismo é a justificação da dominação masculina. Por isso, podemos afirmar sem dúvida alguma que o machismo e a desigualdade sempre caminham de mãos dadas. (idem: 288).

Para a autora, o que é preciso fazer para diminuir a desigualdade? A chave é, assim como propôs Glória Perez, a educação, e Biddulph (2003), a transformação do homem, de forma que ele possa ser mais feminino:

Romper esse círculo vicioso é vital, e a única forma de fazê-lo é por meio de uma paternidade muito mais presente, constante, comunicativa e amorosa; mais maternal, por assim dizer. Os homens precisam realizar essa transformação não para ajudar a esposa, nem sequer por si mesmos, mas para que os filhos de um e outro sexo tenham ao longo da infância

e da adolescência uma presença masculina forte, atenta e carinhosa. (CASTAÑEDA, 2006: 292).

Temos que observar que o estudo é de 2001 e, após 2003, quando Luiz Inácio Lula da Silva assume a presidência do Brasil, inicia o programa “Bolsa Família”, que se destina a famílias de renda insuficiente (até R\$ 140,00) com 1 ou mais crianças e adolescentes de 0 a 17 anos. De acordo com a renda familiar e o número de crianças, o benefício varia de 20 a 200 reais¹⁸. O que importa notar aqui, é que a bolsa é entregue para a mãe de família: a mulher de baixa renda se sai melhor como chefe de família¹⁹. Capitalizar as mulheres parece ser a forma mais garantida de ver o investimento social dar certo. Como foi em Bangladesh, onde “os microcréditos concedidos às mulheres traduzem-se num aumento de renda familiar maior do que quando eles são concedidos aos homens” (Idem: 287).

Acreditamos que a telenovela brasileira vem tratando do tema da emancipação da mulher desde as décadas de 70 e 80, mas o tema da violência doméstica só começou a ser abordado recentemente, como vimos, em 2003, acompanhando as novas iniciativas do governo na defesa da mulher e as políticas públicas atuais. Quando Manoel Carlos escreveu a história de *Raquel*, a lei Maria da Penha ainda não tinha sido aprovada. Sem dúvida alguma, a telenovela deu maior visibilidade ao debate nacional. Na verdade, ele estava tocando num tema ainda tabu. Mas como a telenovela é apenas uma enunciação da nossa vida corrente, ela não terá o poder de mudar a realidade, mas ela faz o que pode: narrar a emancipação feminina, mostrar o machismo, não permitir que a nossa sociedade camufle esse problema, o torne invisível.

Lembramos sempre: há homens e mulheres machistas do mesmo modo que há homens e mulheres que já ultrapassaram o machismo. Podemos dizer que existem essas duas mentalidades, essas duas correntes, por que não dizer, ideológicas. Por isso, é mesmo possível que o sistema das representações de masculinidade das telenovelas esteja modelizado de acordo com um ponto de vista mais feminista do que machista, já que trabalha com as expectativas e desejos da igualdade entre os gêneros. Nesse universo, o amor não existe como disputa de poder, mas se realiza como uma poten-

¹⁸ Para entender o critério de distribuição e valores da bolsa família: http://www.mds.gov.br/bolsafamilia/o_programa_bolsa_familia/beneficios-e-contrapartidas

¹⁹ Veja, por exemplo, trecho da entrevista com a Ministra Dilma Rousseff no programa Super Pop, apresentado por Luciana Gimenez na Rede TV, em 8 partes: 1) <http://www.youtube.com/watch?v=NVaOAZFR1kg&feature=related>; 2) <http://www.youtube.com/watch?v=-WtkbsyXAU&NR=1>

cialidade humana. Podemos dizer que telenovela vem tentando construir homens mais dedicados às mulheres, mais sensíveis, como *Zé Bob*, que sofre de verdade, e chora, pela amada que se foi. Como Super Homem, que deu voltas ao redor da terra para fazer voltar o tempo, “mudando como um Deus o curso da história, por causa da mulher”.

Entretanto, como sempre, tem um porém: a história de *Dedina* como veremos a seguir, é um marcador ideológico: através dela emerge o machismo “invisível” de nossa cultura. Vamos a ela.

5.4 Os triângulos amorosos: adultério feminino não pode, gay virar macho pode!

Temos que reparar que *A Favorita* está cheia de triângulos amorosos:

- △ *Lara – Cassiano – Halley*
- △ *Maria do Céu – Cassiano – Halley*
- △ *Maria do Céu – Orlandinho – Halley*
- △ *Átila – Lorena – Cida*
- △ *Gonçalo – Irene – Coppola*
- △ *Zé Bob – Flora – Donatela*
- △ *Dodi – Flora – Donatela*
- △ *Marcelo – Flora – Donatela*
- △ *Elias – Augusto César – Rosana*
- △ *Elias – Dedina – Damião*
- △ *Romildo – Judite – Arlete*

Alguns triângulos se desdobram, *Flora* e *Donatela*, por exemplo, tiveram os 3 mesmos parceiros. *Elias*, *Lara*, *Cassiano*, *Céu* e *Halley* se envolveram em 2 triângulos cada. Bom, ainda que o triângulo *Halley*, *Céu* e *Orlandinho* tenha sido apenas na cabeça de *Orlandinho*, ele se colocava de alguma maneira entre *Céu* e *Orlandinho*. Mas este é nosso próximo assunto. Primeiro vamos falar do triângulo *Elias – Dedina – Damião*.

Antes, temos que notar a presença desses 11 triângulos se formando e desformando durante a novela. E por que isso acontece? O que os relacionamentos representados

nas telenovelas revelam sobre os relacionamentos de nossa cultura atual? Bom, pelo menos dos grandes centros urbanos.

Encontramos em Giddens (1993), Certeau (2001) e Bauman (2004) e algumas interpretações possíveis.

E o que a telenovela mostra? De um lado a expressão da “fragilidade dos laços humanos” (BAUMAN, 2004), da fugacidade dos relacionamentos amorosos. De outro, um apelo para a busca do amor eterno, até que morte nos separe, quando essa realidade está cada vez mais distante.

Claro, como afirma Certeau (2001) ao estudar o imaginário da cidade, o que mais vemos em profusão, é o que mais falta a nossa realidade. No caso ele está falando sobre a “sexualidade-ficção”, mas depois generaliza para os demais objetos que povoam a cidade: “Do mesmo modo, na medida em que os objetos que povoam o imaginário fixam a topografia daquilo que não mais se faz, podemos nos perguntar se, reciprocamente, aquilo que *mais vemos* não define hoje aquilo que *mais falta*.” (CERTEAU, 2001: 43). Mas não podemos ver nesse fato, um sinal de passividade do sujeito. De acordo com Giddens,

O consumo ávido de novelas e histórias românticas não era em qualquer sentido um testemunho de passividade. O indivíduo buscava no êxtase o que lhe era negado no mundo comum. Vista deste ângulo, a realidade das histórias românticas era uma expressão de fraqueza, uma incapacidade de se chegar a um acordo com a auto-identidade frustrada na vida social real. Mas a literatura romântica era (e ainda é hoje) também uma literatura de esperança, uma espécie de recusa. (GIDDENS, 1993: 55).

E o que mais tem na telenovela são casamentos, finais amorosos felizes; e o que mais tem faltado na experiência cotidiana dos telespectadores são relações duradouras. Em *Viver a vida*, *Helena* é uma modelo famosa e está no seu terceiro casamento que já anda de mal a pior. No caso é *Helena*, mas poderia ser qualquer outra modelo, atriz ou celebridade dessas que figuram nas revistas de fofocas, cada hora com um novo amor. Só que a nossa heroína, já sabemos de ante-mão, vai encontrar o seu grande amor. Quanto às mulheres reais, já não podemos garantir.

O poeta Vinícius parece ter acertado na fórmula “infinito enquanto dure”; ela reflete muito bem a atualidade. A telenovela mostra, em parte, a experiência atual cotidiana, e mostra a frustração que acompanha essa realidade, porque volta ao final feliz, à fantasia do amor eterno. Quero esclarecer que não se trata aqui de fazer de um discurso conservador, não estamos pregando a volta dos casamentos indissolúveis, apenas esta-

mos tentando observar o que a telenovela valoriza, e ela valoriza, sem dúvida alguma, o casamento do amor romântico (GIDDENS, 1993). E esse fato revela alguma coisa sobre nossa cultura atual. Ao mesmo tempo, como já mencionamos, estudos acreditam que as telenovelas no Brasil tenham influenciado no aumento de divórcios no Brasil²⁰.

A telenovela também mostra o amor puro e o amor confluyente (Giddens), sobretudo na representação das novas gerações. Veja bem, na novela *Zé Bob* teve relações com *Rita*, *Alicia*, *Flora* e *Donatela*. *Lara* se divide entre *Cassiano* e *Halley* e por algum tempo se vê saindo com ambos ao mesmo tempo. *Cassiano* e *Halley*, embora apaixonados por *Lara*, acabam cedendo aos encantos de *Maria do Céu*. Como Giddens descreve, há hoje 3 tipos de amor gerados a partir das transformações da intimidade: o amor romântico, o amor puro e o amor confluyente.

O amor romântico é aquele que aparece nos finais do século XVIII com as novelas, romances e, mais tarde, com o cinema. Se “o início do amor romântico coincidiu mais ou menos com a emergência da novela” (GIDDENS, 1993:50), e a telenovela guarda ainda muitas semelhanças com uma de suas matrizes, as novelas literárias, o amor romântico ainda aparece representado na telenovela. O surgimento do amor romântico estava integrado com a criação do lar, com as modificações nas relações pais e filhos e com a “invenção da maternidade”. Temos que lembrar que a paixão (*amour passion*) não fazia parte dos casamentos, e a emergência de um tipo de amor romântico chega para alento das mulheres e impulso das transformações da intimidade, mas não sem suas contradições:

O amor romântico era essencialmente um amor feminilizado. Como revelou Francesca Cancian, antes do final do século XVIII, se de algum modo se falava de amor em relação ao casamento, tratava-se de um amor de companheiros, ligado à responsabilidade mútua de maridos e esposas pelo cuidado da família ou da propriedade. Por isso, em *The Well-Ordered Family*, publicado logo após a virada do século, Benjamim Wadsworth declarou sobre o casal casado que “o dever do amor é mútuo, deve ser realizado de um para o outro”. Entretanto, com a divisão das esferas de ação, a promoção do amor tornou-se predominantemente tarefa das mulheres. As idéias sobre o amor romântico estavam claramente associadas à subordinação da mulher ao lar e ao seu relativo isolamento do mundo exterior. Mas o desenvolvimento de tais idéias foi também uma expressão do poder das mulheres, uma asserção contraditória da autonomia diante da privação. (GIDDENS, 1993: 54).

²⁰ Um estudo do BID (Banco Interamericano de desenvolvimento) afirma que as novelas da Globo podem ter influencia no aumento de divórcios no Brasil, ver: http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2009/01/090130_noveladivorciobrasil_np_tc2.shtml (Capturado em 15.03.09).

E para os homens, que desfrutavam do casamento e das paixões e relações extraconjugais? Como reagiram frente às novas invenções?

Para os homens, as tensões entre o amor romântico e o *amour passion* eram tratadas separando-se o conforto do ambiente doméstico da sexualidade da amante ou da prostituta. O cinismo masculino em relação ao amor romântico foi prontamente amparado por esta divisão, que não obstante aceitava implicitamente a feminilização do amor “respeitável”. A prevalência do padrão duplo não proporcionava às mulheres tal saída. Mas a fusão dos ideais do amor romântico e da maternidade permitiu às mulheres o desenvolvimento de novos domínios da intimidade. (Idem: 54-55).

Assim, o amor romântico de outrora ainda figura nas telenovelas de hoje. E quais são as suas principais características? A completude que os parceiros trazem um ao outro; a história compartilhada e a diferenciação do relacionamento conjugal de outros aspectos da organização familiar, de modo que ele ganha uma prioridade especial. O amor romântico também é mantido “pela associação do amor com o casamento e com a maternidade; e pela idéia de que o amor verdadeiro, uma vez encontrado, é para sempre.” (Idem: 58). Desse modo, ele acaba sendo indissolúvel.

Desde suas origens o amor romântico suscita a questão da intimidade. Ela é incompatível com a luxúria, não tanto porque seu amor é idealizado – embora esta seja parte da história –, mas porque presume uma comunicação psíquica, um encontro de almas que tem um caráter reparador. O outro, seja quem for, preenche um vazio que o indivíduo sequer necessariamente reconhece – até que a relação de amor seja iniciada. E este vazio tem diretamente a ver com a auto-identidade: em certo sentido, o indivíduo fragmentado se torna inteiro. (Idem:56).

É exatamente este tipo de amor que, acredito, encontramos nas telenovelas. Os casais se unem no êxtase de completarem-se um ao outro. Toda a história se resume numa busca por aquele(a) que proporcionará a plenitude, o sentido mesmo da sua existência. “No amor romântico, a absorção pelo outro, (...), está integrada na orientação característica da “busca”. A busca é uma odisséia em que a auto-identidade espera a sua validação a partir da descoberta do outro”. (Idem: 57). O amor romântico coloniza o futuro e ajuda a construir a auto-identidade. Giddens ainda resalta o caráter ativo da busca e o papel da heroína que, de novo, vemos ser uma descrição apropriada para nossa telenovela. Além disso, chama atenção para o fato de que a heroína transforma a masculinidade do herói:

[a busca] possui um caráter ativo e, neste aspecto, o romance moderno contrasta com as histórias românticas medievais, em que a heroína em geral é relativamente passiva. As mulheres das novelas românticas modernas são em sua maioria independentes e corajosas e têm sido consistentemente retratadas desse modo. O motivo da conquista nessas histórias não se parece com a versão masculina da conquista sexual. (...) Se o *ethos* do amor romântico é simplesmente compreendido como o meio pelo qual uma mulher conhece o seu “príncipe”, isso parece realmente superficial. Embora na literatura, como a vida, às vezes as coisas se passem deste modo, a conquista e coração do outro é na verdade um processo de criação e uma narrativa biográfica mútua. A heroína amansa, suaviza e modifica a masculinidade supostamente intratável do seu objeto amado, possibilitando que a afeição mútua transforme-se na principal diretriz de suas vidas juntos. (Idem: *ibid*).

As pessoas não querem relações nas quais estão insatisfeitas, não querem a rotina, mas sonham com parceiros que os completem, com casamentos para toda a vida. Mas o problema começa quando essa completude não chega e tudo vira motivo para insatisfação e qualquer obstáculo ou dificuldade pode gerar o fim da relação. O fim é sempre um perigo à espreita, o que gera ansiedade e insegurança nas relações. Ou, segundo alguns, as promessas de longo prazo são “irrelevantes a longo prazo” (BAUMAN, 2004: 28), e os relacionamentos passaram a funcionar segundo a lógica do mercado.

Um relacionamento como lhe dirá o especialista, é um investimento como todos os outros: você entrou com tempo, dinheiro, esforços que poderia empregar para outros fins, mas não empregou, esperando estar fazendo a coisa certa e esperando também que aquilo que perdeu ou deixou de desfrutar acabaria, de alguma forma, sendo-lhe devolvido – com lucro. Você compra as ações e as mantém enquanto seu valor promete crescer, e as vende prontamente quando os lucros começam a cair ou outras ações acenam com um rendimento maior (o truque é não deixar passar o momento quando isso ocorre). Se você investe numa relação, o lucro esperado é, em primeiro lugar e acima de tudo, a segurança – em muitos sentidos: a proximidade da mão amiga quando você mais precisa dela, o socorro na aflição, a companhia na solidão, o apoio para sair de uma dificuldade, o consolo na derrota e o aplauso na vitória; e também a gratificação que nos toma imediatamente quando nos livramos de uma necessidade. Mas esteja alerta: quando se entra num relacionamento, as promessas de compromisso são “irrelevantes a longo prazo”. (Idem: 28-29).

Esse é o amor puro, aquele no qual o amor e o sexo têm sua vinculação no relacionamento e não no casamento. A mudança é importante, de vez que, a relação pode ser desfeita quando uma das partes achar melhor assim.

O termo “relacionamento”, significando um vínculo emocional próximo e continuado com outra pessoa, só chegou ao uso geral em uma época relativamente recente. Para esclarecer o que está em jogo aqui, podemos introduzir a expressão *relacionamento puro* para nos referirmos a esse fenômeno. Um relacionamento puro não tem nada a ver com pureza sexual, sendo um conceito mais restritivo do que apenas descritivo. Refere-se a uma situação em que se entra em uma relação social apenas pela própria relação, pelo que pode ser derivado por cada pessoa da manutenção de uma associação com outra, e que só continua enquanto ambas as partes considerem que extraem dela satisfações suficientes, para cada uma individualmente, para nela permanecerem. Para a maior parte da população sexualmente “normal”, o amor costumava ser vinculado à sexualidade pelo casamento, mas agora os dois estão cada vez mais vinculados através do relacionamento puro. (Giddens, 1993: 69).

É mesmo o “seja infinito enquanto dure”, o “juntar os trapinhos”, a vivência do amor sem o vínculo do casamento, sem a expectativa do “até que a morte nos separe”. Segundo Bauman (2003:29), estar num relacionamento significa “dor de cabeça”, trabalho, uma incerteza permanente. É sem dúvida um investimento. Nem todas as pessoas estão dispostas. Um compromisso mais leve é hoje uma boa opção. Nas telenovelas vemos alguns “relacionamentos puros”, mas a tendência é a de que eles se separem para viver o amor romântico. De qualquer modo, podemos dizer que *Augusto César e Rosana; Dodi e Manu; Lara e Cassiano* tenham vivido o relacionamento puro.

Bastante parecido com o relacionamento puro é o amor confluyente. E ambos dizem respeito também aos relacionamentos homossexuais, diferentemente do amor romântico que é preferencialmente descrito para os heterossexuais.

O amor confluyente é um amor ativo, contingente, e por isso entra em choque com as categorias “para sempre” e “único” da idéia do amor romântico. A “sociedade separada e divorciada” de hoje aparece aqui mais como um efeito da emergência do amor confluyente do que com uma causa. Quanto mais o amor confluyente consolida-se como uma possibilidade real, mais se afasta da busca da “pessoa especial” e o que mais conta é o “relacionamento especial”. (...) O amor confluyente presume igualdade na doação e no recebimento emocionais, e quanto mais for assim, qualquer laço amoroso aproxima-se muito mais do protótipo do relacionamento puro. Neste momento, o amor só se desenvolve até o ponto em que se desenvolve a intimidade, até o ponto em que cada parceiro está preparado para manifestar preocupações e necessidades em relação a outro e está vulnerável a esse outro. (...) O amor confluyente pela primeira vez introduz a *ars erotica* no cerne do relacionamento conjugal e transforma a realização do prazer sexual recíproco em um elemento-chave na manutenção ou dissolução do relacionamento. (GIDDENS, 1993: 72-73).

Assim, *Copola* se separa de *Iolanda*, seu amor confluyente, para viver seu grande amor romântico, *Irene*. *Lorena* perdoa a irmã, *Cida*, por ter tido um caso com seu marido *Átila*, e segue o seu casamento possível, o seu amor confluyente. *Dodi* se separa de *Flora*, casa com *Donatela*, se separa dela, amasia-se com *Manu*, e depois se casa de novo com *Flora*. *Cassiano*, depois de viver o relacionamento puro com *Lara e Céu*, encontra em *Alicia* seu amor confluyente. De fato, a telenovela reflete as transformações da intimidade, mas ainda prefere o amor romântico.

É interessante notar que entre as idas e vindas houve algumas infidelidades. Vemos que a telenovela pode até entender e perdoar algumas falhas, alguns defeitos. Para os homens, inclusive, perdoa-se o adultério. *Lorena* perdoou *Átila* e *Cida*; *Irene* perdoou *Gonçalo*; *Greice* perdoou *Damião*, *Lara* perdoou *Halley* e *Cassiano*, mas *Dedina* não teve perdão.

No início, a personagem, professora de *Triunfo*, era uma esposa dedicada que apoiava o marido, mas demonstrava mais ambição que ele. Ele prestava seus serviços como dentista e não cobrava daqueles que ele sabia que não poderiam pagar. Ela não aprovava esse comportamento do marido. Quando surgiu a oportunidade de ele candidatar-se a prefeito, foi ela quem o convenceu a aceitar a proposta. De um papel de pouca importância e espaço, *Dedina* passa a receber maior atenção quando se envolve com o amigo do marido, *Damião*.

Segundo a apresentação da emissora, ela é “desequilibrada”, o marido tem “um coração enorme” e o futuro amante “é impulsivo e politicamente correto”. A apresentação dos personagens e seus “personagens relacionados”, como sempre aparece na página da *web*, a princípio não declarava a relação de *Damião* com o casal em questão. Mas, de algum modo, *Dedina* não estava satisfeita com o seu casamento, com a sua realidade.

Vamos ver a apresentação do site oficial:

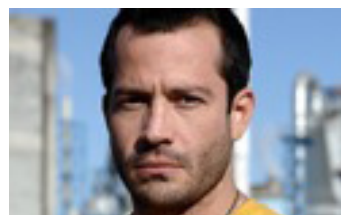
Dedina
Helena Ranaldi



Elias
Leonardo Medeiros



Damião
Malvino Slavador



Uma mulher bonita, intelectualizada e cosmopolita, Dedina trabalha como professora e é casada com Elias. Aparenta ter uma boa estrutura emocional, mas na verdade é bastante desequilibrada. Foi criada em uma cidade grande, por isso tem dificuldade em se adaptar a Triunfo.

É casado com a professora Dedina. Trabalha como dentista e seu enorme coração o impede de cobrar pelas consultas de pessoas mais pobres. Nos anos 80, se envolveu com Rosana, uma mulher liberal, que desapareceu, deixando o filho Shiva Lênin ainda bebê. Como na época Rosana também estava envolvida com o roqueiro Augusto César, Elias e Augusto César dividem a paternidade até hoje.

Dono de um carisma forte, Damião é impulsivo e politicamente correto. É filho de Arlete, que o criou sozinha, com o suor do próprio trabalho. Acha que seu pai faleceu de câncer, mas na verdade é filho de Romildo Rosa, um político corrupto que Damião detesta.

Copola e *Shiva* descobrem o caso, mas não têm coragem de contar a *Elias*. *Colpola* conversa com *Damião* e o aconselha a terminar o caso. Até *Greice*, que estava morando com *Damião*, vai embora sem coragem de contar a *Elias*.

Ele tenta, mas ela é insistente e não desiste. Ele “é homem” e acaba cedendo à sedução de *Dedina*. Dia 4.12.08, ele a manda embora de sua casa, depois de transar com ela, e ela provoca: “você me manda embora, mas quando eu chego você não resiste”, e ele retruca: “é que eu tenho uma queda por vagabunda”. Ao mesmo tempo que ele a deseja ele sente um certo desprezo, já que ela é mulher do seu amigo.

É *Leo* que ouve sobre o caso de ambos e conta a *Elias*. Ele diz à mulher que vai viajar e entra sorrateiramente na casa de *Damião*, pegando os dois no flagra.

Ela pede perdão ao marido, garante que não sente nada por *Damião*, ela se humilha, e ele acaba dando mais uma chance a ela, afinal, se ele se envolveu no passado num triângulo amoroso, deve ter uma cabeça mais aberta. Mas nem tanto. Ela pede que ele saia com ela na rua de braços dados, para que ele mostre a todos que a per-

doou. Essa é a cena que escolhemos para *Dedina*. No capítulo de 22 outubro, *Dedina* sai com *Elias* pela primeira vez depois que a cidade inteira já sabe. A cena é forte, a música está em destaque, a câmera mais lenta, com ênfase nos olhares de reprovação. *Léo* debocha, *Elias* abaixa a cabeça. “Não dá *Dedina*, eu não consigo, vamos voltar pra casa”. “Não *Elias*, nós vamos enfrentar isso juntos, meu amor, você é o prefeito dessa cidade, vamos”. “Eu não consigo *Dedina*, não dá, eu não consigo”.

A câmera lenta, a música, tudo mostra uma só pergunta: que tipo de homem aceita a traição da mulher? Ele não queria ser o “corno manso”, ele não suportou os olhares dos moradores de *Triunfo*. Ele tenta ir trabalhar, mas encontra com *Damião* e discute com ele. Dias depois *Damião* pede perdão a *Elias*, mas a amizade já tinha sido desfeita. Ele o despede das aulas de capoeira que dava na prefeitura. Dias depois se enfrentam, *Elias* empurra *Damião*, que cai desacordado. No hospital a notícia é grave: *Damião* pode ficar paraplégico. Ele tem chances, mas não está animado. *Greice* volta para ele com a intenção de ajudá-lo. Enquanto isso, o casamento de *Elias* e *Dedina* vai de mal a pior, mas aos poucos a situação vai se normalizando.

Nem gravata nem honra

55.22 a 55.35

Homem: “Então, eu ficava meio revoltado com aquilo [o amigo, bom marido, estar sendo traído pela esposa]. Se aquilo vale a pena ser honesto, se aquilo vale a pena ser bom como ele era... porque todo homem que eu vi que foi muito bom pra mulher, levou o chifre...”

Um mês e pouco depois, *Damião* ainda não conseguia corresponder ao amor de *Greice*. Ainda na cadeira de rodas, estava sem esperanças de voltar a ter uma vida sexual normal. É quando *Greice* vai trabalhar em São Paulo, e *Dedina* vai ter com *Damião*. Praticamente “indefeso”, ele cede, e eles voltam a se encontrar. Ela propõe que eles continuem como amantes. Mas não demora muito, *Greice* acha um brinco de *Dedina* na cama de *Damião*. Vai até a casa do prefeito e, dessa vez, a desmascara em frente ao marido. Ela tenta negar, mas não consegue fazê-lo acreditar nela. Ele a arrasta para fora de casa pelos cabelos e a joga em pela praça pública (04.12.08). Ele diz “você tem sorte de eu não dar um tiro na sua cara”, para quem tinha um coração enorme e um passado liberal, ele se saiu bastante violento. Todos ficam olhando, ninguém a so-

corre, na verdade, os olhares eram de reprovação e parece que só faltou alguém atirar a primeira pedra na mulher adúltera e perversa.

Ela pensa que poderá morar com *Damião*, mas depois de um tempo ele começa a desprezá-la, até que a expulsa de casa. Daí pra diante ela começa a vagar como mendiga pela cidade, abandona o trabalho e acaba sendo rejeitada por *Damião* que, de novo, faz as pazes com *Greice*. A decadência só faz aumentar, ela vira alvo de chacotas, principalmente de *Leo*, até ficar doente. Seu problema grave de saúde, do coração, faz *Elias* apiedar-se e recebê-la em casa para morrer em paz. Nas suas cenas finais, consegue o perdão de *Elias*, e consegue ainda que ele perdoe o amigo.

Nas entrevistas que concedia à imprensa especializada, Helena Rinaldi previa alguma punição para sua personagem: “Se a Dedina não voltar a trair o Elias, seria bonito se ele a perdoasse de verdade. Mas se ela ficar com o Damião novamente, acho que ela merece sofrer, talvez ficar sozinha” (Teve Brasil, 24.11.2008). Como vemos, mais uma vez a mulher que trai tem que sofrer, e a solidão é considerada uma punição. Seria o previsível, já que a telenovela valoriza, para a mulher, o casamento como o ponto alto e central da feminilidade. Mas não, ela mereceu uma punição mais rigorosa: uma doença, com todo o estigma que as doenças carregam; e do coração, já que ela, por não obedecer à busca do amor romântico, devia mesmo estar com problemas de funcionamento do órgão por excelência do amor e da paixão.

A história de *Dedina* entra em contradição com a história de *Catarina*. Uma mulher que era forte, guerreira, se torna frágil e débil. A imagem da mulher adúltera jogada em praça pública nos remete àquela antiga visão da mulher, mas que ainda aparece vez ou outra, como a “metade perigosa”, como a serpente que enfeitiça o homem, como a personificação do mal. Os homens dessa história passam a ser vítimas da perversidade feminina. Nas telenovelas não é normal as mulheres traírem seus maridos.

No fim, enlouquecida, largada na rua, ela adoece e, então, se torna digna de pena. Seu castigo é a morte, o melhor lugar para o vilão que não tem mais lugar na história que está sendo contada. Quando o vilão se torna um estorvo, ele morre. Foi o que aconteceu com *Dedina*. E por que ela teve esse fim? Por que ela traiu o bom marido? Por que ela incorreu no mesmo erro duas vezes? E a traição de *Damião*? Foi menor que a dela? Ele sofreu um pouco, é verdade, mas depois se “regenerou” e mereceu um final feliz, ficando toda a culpa descarregada na morte de *Dedina*. Ela morreu de culpa, de vergonha, de pena e ódio de si mesma. Morreu pedindo perdão aos homens que a

rechaçaram. Por que ela perdeu o juízo por causa de um homem? Por que ela saiu de casa sem direito a nada? Por que ela ficou sem ter onde morar? Por que ela abandonou o trabalho? Ela seria demitida por trair o marido? Por que ela abandonou a própria vida enquanto *Damião* se refez? Porque todo o machismo invisível que fora criticado na história de *Catarina* emergiu feroz na história de *Dedina*, acabando com qualquer possibilidade de vida da mulher adúltera.

Esse não foi o mesmo fim de *Norminha* (Dira Paes) de *Caminho das Índias*, a ninfomaníaca que era esposa do guarda de trânsito da Lapa, que, apesar de descoberta pelo marido e de um tempo de separação, pôde voltar à sua vida regular com seu marido e suas transas casuais. E por que ela não foi punida no final? Ela mentia, traía e ainda colocava sonífero no leite noturno de *Abel* (Anderson Muller) para poder cair no samba enquanto o marido dormia. Simples: ela era ninfomaníaca. Essa já era a sua punição, junto com o marido, o pior que um homem pode ser e querer para si: “corno manso”.

No fim das contas, a mulher que trai o marido é mesmo “vagabunda”, “ninfomaníaca” e não é digna de respeito. Os homens podem trair, pois serão perdoados já que “cair em tentação” é de sua natureza. As mulheres não, elas são perigosas e traiçoeiras.

O outro triângulo, com o último personagem masculino a ser estudado é o da formação *Halley – Orlandinho – Maria do Céu*. Vamos a um breve resumo da situação.

Os caminhos dos três se cruzaram, não vamos aqui descrever toda a trajetória de cada um, mas temos que apresentar brevemente as personagens.

Maria do Céu é uma retirante que vem para São Paulo com a família, a irmã e o pai. Ela não aceita a sua condição social e se tiver que prejudicar alguém para conseguir algo que deseja ela vai prejudicar. Quando chegam a São Paulo, descobrem que a casa quitada para e prometida pelo Deputado *Romildo Rosa* não existia. Instalados num tipo de acampamento junto com outras pessoas que caíram no golpe, começam a procurar um meio de viver. *Maria do Céu* tenta fugir, mas acaba assediada por homens na estrada, e *Cassiano*, a salva dos malfeitores. Pronto, ela se apaixona por ele. No tempo que passa em *Triunfo* fica com *Cassiano* e *Damião*, e briga com *Leo*, por ele dar em cima dela. *Cassiano* tem pena dela, sente uma certa atração por ela, e a ajuda o quanto pode, arruma emprego de faxineira na fábrica *Fontini*, mas *Lara* a vê de mãos dadas com *Cassiano* e pede que ela seja transferida. *Céu* reage à transferência porque, na verdade, só tinha aceitado o emprego para poder ficar perto de *Cassiano*. Depois, ele

chega a conseguir um cheque de *Lara* para que ela tenha os dois mil reais necessários para pagar o barraco em que sua família estava morando. Mas ela pega o dinheiro, compra uma roupa fina e cara, e vai para uma festa das empresas *Fontini*, organizada por *Alicia*. Ainda diz para *Lara* que *Cassiano* tinha dado o vestido de presente, e outras mentiras. Mais tarde, *Flora* dará dinheiro a ela para dizer para *Lara* que fora *Donatela* quem lhe pagara para mentir.

Ela quer tentar ser modelo. Como não consegue, conhece *Luma* (Thiare), uma das meninas da *Cilene*, e tempos depois, quando sai da casa de *Damião*, resolve tentar ser garota de programa. É quando ela conhece *Halley* e depois *Orlandinho*.

É importante dizer que os triângulos se entrelaçam, e *Lara* sente ciúme de *Céu*, e vice-versa, por causa, primeiro, de *Cassiano* e, depois, de *Halley*.

Cassiano é o típico bom moço, honesto, responsável, sensível, sincero e carinhoso. Mas ele perderá *Lara* para *Halley*, que é mais ousado e audacioso, além de, no final, se descobrir que ele é o verdadeiro herdeiro dos *Fontini*, já que é filho de *Donatela* e *Marcelo Fontini*, enquanto *Lara* é filha de *Flora* e *Dodi*.

Halley
Cauã Reymond



Jovem bonito e sedutor, era mulherengo até se apaixonar por *Lara*. Filho de criação da cafetina *Cilene*, foi educado de forma bastante conservadora.

Orlandinho Queiroz
Iran Malfitano



É um jovem bonito, muito rico e carente. Se aproxima de *Halley*, depois que este se passa por um antigo amigo da escola para conseguir dinheiro.

Halley foi criado na linha dura, mas foi criado numa casa de prostituição. Assim, no início, *Halley* aplicava pequenos golpes, mentia para a mãe que freqüentava a Escola Militar, mas gastava o dinheiro da mensalidade com outras coisas. Quando *Céu* chega em sua casa, ele logo começa a assediá-la. Ela se deixa levar, e as outras garotas, com

quem ele também mantinha relações, começam a sentir ciúmes. A mãe só descobriu a fraude no dia da formatura, que ele ainda tentou participar como penetra, mas foi desmascarado. Ela expulsa o filho de casa. Ele, sem dinheiro, finge para *Orlandinho*, ser um antigo amigo de escola na infância, *Bruno Aguiar*. *Orlandinho* o convida, dias depois, para se hospedar na casa dele. Ele vê *Manu* terminando com *Halley*, e o consola; depois diz a *Halley* que sua namorada também havia rompido com ele e pede consolo ao amigo porque também perdeu na corrida de carros que disputara. Os dois vão a uma festa e *Orlandinho* apresenta *Bruno Aguiar*, os informam que a ex-noiva dele está na festa. *Halley* fica desesperado, mas não consegue escapar. Por sorte, ou azar, a ex-noiva era *Alicia*, que queria destruir a reputação do ex-noivo e fez uma proposta a *Halley*: que participasse de uma performance na qual ele se mostraria gay. *Halley*, para não ser desmascarado, aceita. A revelação vai parar nos jornais, e como *Bruno* era recluso, ninguém pôde desfazer o equívoco. *Orlandinho* fica confuso, e resolve dizer a *Halley* que também tem um lado sensível. *Halley* foge, e *Orlandinho* o assedia cada vez mais e começa a ter certeza de sua homossexualidade. Depois é uma confusão em que *Halley* vai preso no lugar de *Bruno*, *Halley* conta a verdade a *Orlandinho*, que diz não se importar. Mesmo assim, ele alimenta uma paixão por *Halley*.

Este núcleo acabou sendo o mais engraçado da novela, fazendo o personagem de Iran Malfitano conquistar a audiência e ganhar mais espaço na trama. *Halley* tem que fazer muita ginástica para não dar na cara nem ter que fazer nada que não queira, já que é heterossexual.

Enquanto isso, *Céu* não consegue fazer seu dever com os primeiros clientes e, um pouco antes de desistir, conhece *Orlandinho*. Seu pai, na suspeita de que o filho não era muito macho, cuidou logo de proporcionar uma mulher para o filho. Foi então que ele e *Céu* combinaram de fingir que o trabalho foi realizado. Assim, ambos se beneficiam. Ele começa a levá-la nas reuniões de família apresentando a garota como sua manorada. As farsas vão seguindo, até que *Céu* descubra o que está acontecendo. *Orlandinho* fica feliz quando descobre que *Céu* conhece *Halley*, e mais feliz ainda quando fica sabendo que ela está grávida dele, assim, se eles se casam e ele tem o filho de *Halley*, poderá ficar sempre ao lado de seu amado. Assim ele se casa com *Céu*, que está interessada apenas no conforto que poderá conseguir casando-se com ele, e ele recebe o apoio da família porque se casou. A trapalhada vai dar errado, quer dizer, vai

dar certo: *Céu* e *Orlandinho* vão se apaixonar de verdade, aos poucos, vão resistir, mas no final vão aceitar que se gostam.

A comédia fica por conta do troca-troca de atitudes de macho-gay-macho. Assim, *Orlandinho* nos mostra o que é ser macho heterossexual e o que é ser *gay*. No casamento, ambos acreditam que seus amados – ele *Halley*, ela *Cassiano* – vão querer impedir o casamento, mas isso não acontece. Então, dia 16.10.08, antes do casamento, *Orlandinho* vê que *Halley* chega, e corre meio salão para abraçá-lo, como faria uma mulher (dá um abraço prolongado), e diz algo como “como eu fiquei com medo que você não viesse, que bom que você veio”. O pai do noivo percebe e corre para evitar o constrangimento: “vem *Orlandinho*, vamos cumprimentar os outros convidados”. Logo em seguida, *Céu* pede para *Cassiano* roubá-la²¹. Como nada disso acontece, eles se casam e vão para a lua de mel. Então, acabam comemorando como um casal em suas núpcias. Nesses momentos, sem querer, *Orlandinho* age como um homem seduzindo uma mulher.

Terça-feira, 14/10/2008

Núpcias são pra valer!

Céu e Orlandinho celebram o casamento como manda o figurino



Orlandinho e *Céu* não se casaram por amor, mas também não vão se deixar abater por isso.

Afinal, eles podem não ser um modelo tradicional de família, mas têm muito carinho um pelo outro, se dão bem apesar de tudo e estão no mesmo barco.

Esse casamento não pode ser tão ruim!

No dia seguinte à festa eles se consolam e brindam à união. *Orlandinho* lembra que eles se deram bem logo de cara. *Céu* revela que o achou bonito quando o conheceu:

“Sabe que, se você gostasse, eu até acho que a gente podia dar certo junto? De verdade. Você é carinhoso, é companheiro, é fiel...”

²¹ Para ver a cena: <http://afavorita.globo.com/Novela/Afavorita/Capitulos/0,,AA1690006-15487,00.html>

“E você é linda... a mulher mais linda que eu já conheci...”, ele diz para em seguida, beijar a boca de sua mais nova mulher.

Céu fica surpresa, mas... Por que não? E eles comemoram a união como nunca imaginaram comemorar.

Você não pode perder essas cenas, que devem ser exibidas a partir do dia 17/10, sexta-feira. (Fonte: <http://afavorita.globo.com/Novela/Afavorita/Fiquepordentro/0,,AA1690387-15490,00.html>)

Vemos no texto da emissora uma referência de não serem uma família tradicional, mas dentro de sua “alternatividade” viviam em harmonia, amizade, enfim querer bem e admiração mútua. Ela fala o que a atraiu: ele é bonito, carinhoso, companheiro, fiel. E nos lembramos do que encontramos nos níveis superiores da ideologia do cotidiano quando falamos do novo homem: o homem-gay, o homem-sensível, o homem valda. Será que o *Orlandinho* é? Lembram do *gay* como príncipe na matéria da *Revista Uma*?

Também é interessante notar que o texto do triângulo *Halley-Céu-Orlandinho* traz a memória recente de um triângulo da novela anterior, *Duas Caras*, formado pela família nada convencional de *Bernardinho* (Thiago Mendonça) – que também é “inho”, *Dália* (Leona Cavalli) e *Heraldo* (Alexandre Slaviero). Ela, assim como *Rosana*, não pode dizer qual dos dois é realmente o pai. Entretanto, diferente de *Elias* ou *Augusto César*, *Bernardinho*, assim como *Orlandinho*, é *gay*. E *Dália* é apaixonada por *Bernardinho*, ela tinha uma história sofrida, era mantida drogada em cativeiro pelo marido traficante, e depois que *Juvenal Antena* (Antonio Fagundes) a salvou e ela saiu de uma clínica de reabilitação; ela deu a volta por cima e se tornou carnavalesca da escola de samba da Portelinha. Talvez por ter sofrido com a truculência do ex-marido, *Dália* se encantou com um rapaz doce, de bom coração, mas que não a queria. Ela o cortejou tanto que um dia ele cedeu. Ela começou a sair também com *Heraldo*, que gostava dela e era garçom do restaurante de *Bernardinho*, que gostava dele. Nessa quadrilha, acabaram os três num mesmo quarto. Mas não foi um amor romântico como o de *Céu* e *Orlandinho*, foi um relacionamento puro. No final, *Carlão* (Lugui Palhares), um machão do pedaço se apaixonou por *Bernardinho*, que acabou gostando dele. Assim, *Dália* e *Heraldo* seguiram como casal e *Bernardinho* seguiu como homossexual. Tudo o que a *Dália* queria, foi o que a *Céu* conseguiu.

Em 02.12.08, Céu fala sobre amor de novela, que amor assim não existe e se existe não é pra ela. *Orlandinho* diz que ela está enganada, que existe sim. Aí ela diz “*Lara* sim é mocinha, tem dois príncipes”, quanto a ela própria, segundo *Orlan-*

dinho, seria uma personagem bem mais interessante, e que se ele fosse o príncipe iria preferi-la à Lara.

No capítulo 166, de 11 de dezembro de 2008, *Céu* começa a ver que *Orlandinho* mudou. Ele reage prontamente: “que absurdo, como é que você acha que eu deixei de ser *gay*? Pára de me rogar praga... Eu sou *gay* e tá pra nascer um cara mais *gay* do que eu”, e assim ele faz uma lista para ela de tudo o que ele teve de fazer para ter amigos gays.

Em 15.12.08, ele compra uma briga com dois homens por ciúme de *Céu*. Interessante observar a relação entre visão cultural x visão inatista nessa cena: ele seria *gay* por influência cultural e se revelaria hetero no comportamento instintivo e natural? A macheza dele emerge pegando todos de surpresa. E o efeito de provocar o riso do espectador acontece porque ele passa de um jeito meigo e afeminado de conversar com *Céu*, para um súbito surto de marido ciumento. Por fim, na cena que elegemos para *Orlandinho*, em 22.12, ele está vendo TV, um balé, e ela chega, de biquíni e roupão, convidando o moço para ir à piscina. Ele está meio aborrecido, não quer ir, ela pede que pelo menos ele passe filtro solar em suas costas. Ele diz “não provoca, Céu”. Ela responde “mas você não é *gay*?”, recebe um “claro que sou”, e a moça conclui: “então, não tem problema!”. Ao começar a passar o creme, fica hipnotizado pelas costas da mulher, enquanto ela vai dizendo numa voz melosa, como é bom ser mulher dele e não ter que se preocupar, porque ela pode até ficar pelada pela casa que ele não vai se importar. Conclusão, *Orlandinho* vai pegando os trejeitos “machos”, agarra *Céu* e cai, de novo, em tentação. Depois do corte, ela está no sofá, ele no chão, quando ela fala: “Ah, *Orlandinho*, você é o melhor homem do mundo”, e ele, assutado, se levanta num rompante dizendo: “Eu sou uma farsa!” E ela diz: “Não! Você é muito macho!” Ele se desespera e começa a bradar: “Eu não sou macho! Eu sou *gay*! G-A-Y! *Gay*!” Nisso, chegam o pai e a avó de *Orlandinho* e percebem que alguma coisa está acontecendo. Ele não se controla e grita para os dois que o casamento dele é uma farsa e que ele é *gay*.

Como ele não quer assumir que não é *gay* e ela não quer mais ser interesseira, *Céu* acha melhor se separar. Vai então para casa de *Cilene*, que, afinal, é avó do filho de *Céu*. No tempo em que ficam separados, vão refletindo e percebendo que gostam um do outro como marido e mulher. Até a avó de *Orlandinho*, entra na campanha para o casal reatar, ela que um dia conta ter sido garota de programa no passado, e insinua ter se casado grávida de outro, quer dizer, era a história do neto repetindo a dos avós.

Como ela não quer ceder, ele se muda também para a casa de *Cilene*. Lá, encanta a todas as garotas, mesmo mais sensível e delicado, ele descobre que seduz as mulheres. Bom, mas ele não foi infiel à *Céu*, apesar de ter sido tentado a isso. Assim, com o apoio dele nos últimos momentos da gravidez de *Céu*, eles resolvem assumir o seu casamento de verdade. Ela entra em trabalho de parto, e sua tia, que chega do nordeste, ensina a ela a tradição da família: ter o bebê em baixo de uma árvore no quintal. Ela segue a tradição, com *Halley* e *Orlandinho*, um de cada lado, segurando sua mão e a ajudando a fazer força.

A história é engraçada e comovente ao mesmo tempo. Eles vivem um amor profundo, ingênuo, sem malícia, quase sem querer. Mas o que a história de *Orlandinho* nos fala sobre a masculinidade, mais do que sobre a homossexualidade?

Se como afirmou Gikovate, todos os homens, alguma vez, sentem a dúvida de ser homossexuais, *Orlandinho* não teve medo e pagou para ver. Tentou ser *gay*, nos modos, nos gestos, na paixão platônica por *Halley*. Talvez ele não se sentisse muito homem. Talvez ele tenha sido um daqueles garotos que Gikovate descreveu que optaram por seguir a homossexualidade por terem fracassado em todas as provas de masculinidade da infância e adolescência. Como vimos, a honra e a masculinidade, desde tenra juventude, estarão associadas às conquistas sexuais e às provas de masculinidade. E para os homossexuais, como se dá sua relação com a construção de uma masculinidade *gay*? Como também vimos, no senso comum, a masculinidade está em oposição à homossexualidade, e os homens heterossexuais não reconhecem masculinidade nos homossexuais. Pior, têm que demonstrar todo o preconceito com a homossexualidade que a sociedade lhes ensina a expressar. Assim, não se admite que um homossexual possa tornar-se heterossexual. Muitas vezes, aquele garoto que é constantemente humilhado, acaba desde cedo rotulado de “marica” e, por ser mais fácil, aceita para si a identidade que o mais forte lhe impõe. Nesse jogo, os rapazes crescem com pavor da intimidade física com outro homem.

Nós, os homens “normais”, temos uma visão extremamente preconceituosa a respeito da questão homossexual. E não poderia ser diferente, pois este foi o nosso grande fantasma [na infância]. Não aceitamos sequer um abraço mais prolongado de um amigo sem nos sentirmos constrangidos. Temos pavor fóbico de todo tipo de intimidade física com outro homem. É claro que temos também enorme dificuldade de avaliar a situação homossexual como prazerosa. A verdade é que, do ponto de vista tátil, que é por onde a excitação, inicialmente visual, se continua a partir de um certo

ponto do encontro erótico, não há a menor diferença se é uma mão – ou uma boca – masculina ou feminina que está nos fazendo os agrados. (...) Ambos os carinhos seriam igualmente prazerosos. O que torna o toque homossexual repugnante para os não iniciados é o preconceito. Ou seja, não há nenhum impedimento biológico para o pleno prazer nos contatos homossexuais. O que limita estas práticas é o forte preconceito que uma dada cultura constrói a propósito do tema (GIKOVATE, 1989: 145-146).

Por isso o coro geral cantava: nunca vi um *gay* virar macho; não tem volta; isso é só em novela. Segundo Gikovate: “Está, pois, plenamente justificado o pânico que nossos pais – e depois nós mesmos como pais – tinham acerca dos riscos da homossexualidade. Onde há fumaça há fogo”. (Idem: 146). E o pai de *Orlandinho*, assim como o pai de *Bernardinho*, se constrangiam pelo jeito efeminado dos filhos e o que ele indicava. Por isso também, em *Caminho das Índias*, César estimulava o filho Zéca a cumprir tantas as provas de masculinidade, de agressividade, de violência.

A provocação com o senso comum de “*gay* não volta a ser hetero” nos sugere uma proposta para a liberação dos preconceitos, uma proposta para a sociedade ter maior aceitação com as diferenças, com o que não é padrão. Se Agnes Heller (1985) está certa em dizer que o preconceito exerce uma função de coesão social para afirmação da identidade de determinado grupo, o preconceito contra a homossexualidade assume a função de proteção e coesão da identidade do macho.

É preciso construir uma forte barreira contra esta tendência [homossexual] quando uma sociedade pretende se opor à homossexualidade como prática usual. Sim, porque senão quase todos os rapazes teriam experiências com parceiros do mesmo sexo durante os primeiros anos da adolescência. Nesta fase eles podem ser muito humilhados e rejeitados pelas moças; estão numa posição difícil de ter que tomar iniciativas sem saber se serão bem recebidos. Estão com medo de fracassar nas primeiras relações sexuais. (...) Tantos problemas na rota heterossexual; tantas facilidades na rota homossexual; prazeres equivalentes; é preciso um forte preconceito para que os rapazes se disponham a ir pelo caminho mais difícil. (GIKOVATE, 1989: 146).

Há, ainda, além da liberação de preconceitos, depois de condição homossexual e a união civil entre pessoas do mesmo sexo estar legitimada nas telenovelas, a história de um *gay* que volta a ser hetero ironiza, de novo, o machismo, já que o que se valoriza, aqui, é o homem companheiro, sensível e carinhoso. E mais amigo: antes dese apaixonar por ela, ele era um amigo sincero, e que não tinha, nem passava pela sua cabeça, a intenção de seduzi-la, ou ceder à sua sedução. Há, ainda, essa crítica ao machismo embutida na

história de *Orlandinho*. E talvez em todas as outras histórias protagonizadas por *gays* na telenovela brasileira haja uma tentativa de desconstrução do machismo.

Orlandinho pode ser a esperança de menos cobranças de força e rigidez na educação dos meninos. Ele pode representar o novo homem, o macho que teve a sua masculinidade suavizada pela fêmea, sua mulher e heroína. Ele pode modelizar, quem sabe, o conceito de um novo tipo de amor, um pouco puro, um pouco confluyente, um pouco romântico, sem conflitos. Ele pode modelizar um tipo novo de masculinidade, uma abertura para que reconheçamos inclusive a masculinidade dos homens homossexuais.

5.5 Referências bibliográficas do capítulo V

- BAUMAN, Z. (2004). **Amor Líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004
- CERTEAU, Michel de (2001). **A cultura no plural**. São Paulo: Papyrus editora, 2001.
- GIDDENS, A. (1993). **As transformações da intimidade**. Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.
- GOLDENBERG, Mirian (2006). **Infiel. Notas de uma antropóloga**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

Livros de auto-ajuda e psicologia

- ÁLVAREZ, Victor Caballero (2005). **Manual do homem infiel**. Táticas para que sua parceira nunca descubra nada. Rio de Janeiro: editora Best Seller, 2005.
- BIDDULPH, Steve (2003). **Por que os homens são assim?** São Paulo: Fundamento Educacional, 2003.
- CASTAÑEDA, Marina (2006). **O machismo invisível**. São Paulo: A Girafa Editora, 2006.
- GIKOVATE, Flávio (1989). **Homem: o sexo-frágil?** São Paulo, MG Editores Associados, 1989.

Considerações finais

Nenhum vento sopra a favor de quem não sabe para onde ir. (Sêneca)

A arte não é a verdade. A arte é uma mentira que nos ensina a compreender a verdade. (Pablo Picasso)

Nossa comunicação é complexa, nossa cultura é complexa, nosso meio é complexo. Na integração homem-natureza, a humanidade, por meio de suas culturas, criou milhares de dispositivos de linguagem para dar conta de seu “desenvolvimento”. Se não podemos falar em evolução, podemos falar em processos contínuos de transformações e das muitas e imprevisíveis gerações de sentido que os acompanham. Construímos diversos meios de comunicação que servem de extensão dos nossos cérebros. A nossa mente não acaba na caixa craniana. Para ficar apenas com um exemplo, o advento da internet, para além das suas funções sociocomunicativas e de produção, potencializou o espaço e a função da memória. Imagine, leitor, quantos quilômetros, ou toneladas, de papel seriam necessários para imprimir tudo o que se escreve mundo afora pela internet, tudo o que se guarda na internet. No YouTube você consegue guardar as imagens que produz e conhecer as imagens de outros. E você pode encontrar até, por exemplo, *A Favorita*. Outro dia me emocionei com imagens de Tom Jobim. E o *Google!* O Google simplesmente mudou as nossas vidas. É o grande olho, que tudo vê, que tudo sabe. É impressionante como lá se tem resposta para tudo.

A novela atual do horário das sete, *Tempos Modernos*, atualiza, no gênero telenovela, o imaginário das máquinas, com o computador *Frank*, de *Frankenstein*, um verdadeiro Frankenstein do imaginário das máquinas. O título remete ao clássico filme homônimo de Charles Chaplin; o nome dele remete ao clássico romance de Mary Shelley; a máquina não se parece com as de hoje, digitais, mas se assemelham mais às representadas em filmes de ficção científica das décadas de 60,70 e 80, que tinham uma estética mais mecânica.

Entre a ficção e a realidade, o passado e o presente. *Tempos modernos* foi uma crítica à modernidade em tempos de depressão nos Estados Unidos. Hoje, assistimos Mais uma grande crise dos EUA.

“Tempos Modernos”

TÍTULO DO FILME: TEMPOS MODERNOS (Modern Times, EUA 1936)

DIREÇÃO: Charles Chaplin

ELENCO: Charles Chaplin, Paulette Goddard, 87 min. preto e branco, Continental

RESUMO

Trata-se do último filme mudo de Chaplin, que focaliza a vida urbana nos Estados Unidos nos anos 30, imediatamente após a crise de 1929, quando a depressão atingiu toda sociedade norte-americana, levando grande parte da população ao desemprego e à fome.

A figura central do filme é Carlitos, o personagem clássico de Chaplin, que ao conseguir emprego numa grande indústria, transforma-se em líder grevista conhecendo uma jovem, por quem se apaixona. O filme focaliza a vida do indivíduo na sociedade industrial caracterizada pela produção com base no sistema de linha de montagem e especialização do trabalho. É uma crítica à “modernidade” e ao capitalismo representado pelo modelo de industrialização, onde o operário é engolido pelo poder do capital e perseguido por suas idéias “subversivas”.

Em sua Segunda parte o filme trata das desigualdades entre a vida dos pobres e das camadas mais abastadas, sem representar contudo, diferenças nas perspectivas de vida de cada grupo. Mostra ainda que a mesma sociedade capitalista que explora o proletariado, alimenta todo conforto e diversão para burguesia. Se inicialmente o lançamento do filme chegou a dar prejuízo, mais tarde tornou-se um clássico na história do cinema. Chegou a ser proibido na Alemanha de Hilter e na Itália de Mussolini por ser considerado “socialista”. Aliás, nesse aspecto Chaplin foi boicotado também em seu próprio país na época do “macartismo”.

Juntamente com *O Garoto* e *O Grande Ditador*, *Tempos Modernos* está entre os filmes mais conhecidos do ator e diretor Charles Chaplin, sendo considerado um marco na história do cinema. (...)

Fonte: <http://www.historianet.com.br/conteudo/default.aspx?codigo=181>

E a idéia de um computador que tudo vigia deve vir de George Orwell, do *best-seller 1984* e seu *Big Brother*, a máquina que tudo sabia. Assim como as obras de Charles e Shelley, a questão de Orwell passava pela crítica da modernidade, da manipulação do poder, dos limites do homem em seu domínio sobre tudo. A música, de Gilberto Gil, que abre a novela, *Cérebro eletrônico*, também é uma crítica à importância demasiada que alguns, ou a modernidade, dá à tecnologia eletrônica. O cérebro pensa, mas só o

ser humano pode decidir se vive ou morre. A relação criador – criatura; deus-homem, homem-máquina é sempre conflituosa.

Cérebro eletrônico
Gilberto Gil

O cérebro eletrônico faz tudo
Faz quase tudo
Faz quase tudo
Mas ele é mudo
O cérebro eletrônico comanda
Manda e desmanda
Ele é quem manda
Mas ele não anda
Só eu posso pensar
Se Deus existe
Só eu
Só eu posso chorar
Quando estou triste
Só eu
Eu cá com meus botões
De carne e osso
Eu falo e ouço.
Eu penso e posso
Eu posso decidir
Se vivo ou morro por que
Porque sou vivo
Vivo pra cachorro e sei
Que cérebro eletrônico nenhum me dá socorro
No meu caminho inevitável para a morte
Porque sou vivo
Sou muito vivo e sei
Que a morte é nosso impulso primitivo e sei
Que cérebro eletrônico nenhum me dá socorro
Com seus botões de ferro e seus olhos de vidro

O computador é um personagem, embora ele não esteja listado entre os personagens no site oficial da novela¹. *Frank* tem até um blog, e como ele vigia a todos, posta na internet as “pegadinhas do Frank”. Na sua auto-apresentação, esse narrador onisciente afirma: “*muita gente acha que manda em mim, mas eu é que mando neles*”². E o pior é que ele “manda e desmanda”.

¹ Site oficial: <http://temposmodernos.globo.com/> (capturado em 09.01.10)

² Ver a apresentação no blog de Frank: <http://especial.temposmodernos.globo.com/blog-do-frank/category/apresentacao/> (capturado em 09.01.10)

Mas este seria um segredo entre ele e o espectador. A inteligência por trás do edifício *Titã* também advertiu ao ouvinte: “*e fique atento, porque em algum momento você poderá estar sendo filmado*”.

Não entendi o porquê dos três verbos na oração... Já a ironia fica por conta da possibilidade de que *Frank* pegue o telespectador em flagrante em algum momento de dificuldade ou constrangimento. Mais uma forma de inserção do real inovadora, bem próxima da interatividade: *Frank* por meio da internet pode interagir com o telespectador, e pregar uma peça, uma “pegadinha” e postar o vídeo no blog, só pra mostrar quem é que manda. Em tempos de *BBB* (Big Brother Brasil), uns adoram a exposição de suas vidas privadas, outros odeiam – ver e expor-se. Mas todos estão ameaçados pela vigilância. E pela “*descartabilidade dos seres humanos*”. Bauman (2004) tece alguns comentários sobre programas como o *Big Brother*:

Esses espetáculos televisivos que tomaram milhões de espectadores de assalto e imediatamente capturaram sua imaginação eram ensaios públicos sobre a *descartabilidade* dos seres humanos. Traziam prazer e advertência juntos, com a mensagem de que ninguém é indispensável, ninguém tem o direito à sua parte dos frutos de um esforço conjunto apenas por ter dado alguma contribuição ao seu crescimento – muito menos por ser simplesmente um membro da equipe. A vida é um jogo duro para pessoas duras, dizia a mensagem. Cada jogo começa do zero, méritos passados não contam, você tem tanto valor quanto os resultados de seu último duelo. Cada jogador, a cada momento, está por conta própria, e para progredir (para chegar ao topo!) deve primeiro colaborar na exclusão de muitas outras pessoas ávidas por sobrevivência e sucesso que estão bloqueando o caminho – mas apenas para superar, uma por uma, todas aquelas com quem tivemos de cooperar, e abandoná-las, derrotadas e inúteis. (BAUMAN, 2004: 109).

Só o título e apresentação dessa telenovela são capazes de gerar muitos sentidos e impressões. Mas como a novela se coloca frente à essa modernidade? Esse pode ser um trabalho futuro, por enquanto queremos chamar a atenção para a pergunta: como as telenovelas em geral se colocam frente ao seu tempo, à sua modernidade?

Assim: fazendo um *mix* de referências do senso comum e dos estereótipos, refletindo as questões de foro íntimo e expondo a sua condição de pública.

“Pois é, hoje temos um reality show que faz o país parar de olho nas intrigas, romances e curiosidades sobre a vida alheia. Junte isso a um governo cheio de escândalos de corrupção que juntamente com um Congresso faz de tudo para que a verdade não chegue até nós. Some tudo ao efeito de uma sociedade alienada os *BBBs* e *Fazendas* da vida. Qualquer semelhança com 1984 não é mera coincidência. Infelizmente ...”

Postado por Fabio Rodrigues Lemes às 11:48 23.11.09

Marcadores: George Orwell

In: Reserva Literária: <http://reserva-literaria.blogspot.com/2009/06/1984-orwell-ja-previa-o-big-brother-e.html> (capturado em 22.02.10)

As novelas se colocam frente ao seu tempo, como vimos, escrevendo a crônica do nosso cotidiano; tematizando as questões de importância social; refletindo e refratando a nossa identidade “brasileira”, “paulistana” ou “carioca”; documentando o nosso presente; dialogando com o telespectador, seu ambiente e horizonte social. É um discurso que dialoga com a ideologia do cotidiano, fazendo uma ponte entre esta e a ideologia oficial. Na semiosfera em que atua, a telenovela modeliza em si a nossa realidade.

A telenovela se constrói como em enunciado que tem suas formas típicas de composição, podendo, por isso, ser considerada como um gênero do discurso. Se é assim, está formada pelo cruzamento e hibridação dos códigos semióticos e referências que a compõem. É lugar de memória coletiva. É documento de época. Gera atitudes responsivas de seus interlocutores, desde conversas cotidianas, até a produção de discurso específico sobre ela, nos níveis do senso comum ou na esfera oficial, como é, inclusive, o caso desta tese.

Por ser um texto totalmente integrado à nossa cultura (texto da cultura), a telenovela acumula e produz memória, conhecimento. Por isso seu estudo é indispensável. E a memória das telenovelas enquanto texto se cruza com as memórias individuais e coletivas de seus interlocutores, com a história do país.

Assim, as telenovelas abordam temas e representam preocupações atuais de nossa sociedade: emancipação da mulher, homossexualidade, questões relativas a saúde e ao corpo como anorexia, bulimia, exercícios físicos, alimentação, dependência química, câncer de mama; relações familiares, gravidez na adolescência; cidadania e direitos; política, ética, confiança, violência doméstica, meio-ambiente, etc.

Isso porque o sentido é histórico: “a história não é algo exterior ao discurso, mas é interior a ele, pois o sentido é histórico. Por isso, para perceber o sentido, é preciso situar o enunciado no diálogo com outros enunciados e apreender os confrontos sêmicos que geram os sentidos. Enfim, é preciso captar o dialogismo que o permeia (FIORIN, 2008: 192). Foi o que tentamos fazer na análise de *A Favorita*, captar os dialogismos que a permeiam.

Apesar de suas qualidades e de seu enorme potencial de comunicação, as telenovelas deixarão emergir alguns marcadores ideológicos, algum preconceito que estava varrido para debaixo do tapete.

Com a telenovela *A Favorita* não foi diferente. A estréia de João Emanuel Carneiro teve êxito. A audiência aprovou a trama, a novela e seus atores, principalmente Patrícia Pillar, ganharam vários prêmios.

A Favorita modelizou em si o medo líquido que subjuga a pós-modernidade através do clima de suspense e opressão que desenhou na história, através do conceito de que se “as aparências enganam” não podemos confiar em ninguém. Jogados ao abismo da solidão, passamos a temer que em nossa vida pessoal apareça uma *Flora*, ou uma Suzane Von Richthofen, um casal Nardoni, um Guilherme Pádua ou um Roger Abdelmassih. Ninguém ia querer estar no lugar de *Eloá*.

A Favorita, na esfera da telenovela enquanto um gênero discursivo com suas formas típicas de organização de seus elementos, na semiosfera com a realidade cotidiana brasileira da atualidade, modelizou a masculinidade de forma a criticar e apontar para a desconstrução do machismo, sobretudo na sua manifestação mais violenta no âmbito doméstico. *A Favorita* modelizou a masculinidade de forma a propor novos traços de masculinidade, construindo homens mais companheiros, mais sensíveis, mais carinhosos enfim, um pouco mais femininos, como encontramos também no senso comum no discurso das mulheres e até de alguns homens. O companheirismo, expresso pela necessidade de diálogo feminino, é realmente o traço mais recorrente das queixas das mulheres em relação aos homens.

Os estudos de gênero analisam as sociedades a partir da construção dos corpos, seus domínios de atuação e os recursos e estratégias de poder que têm permitido não apenas a subordinação das mulheres pelos homens, como também de homens por homens, mulheres por mulheres. A democratização da vida cotidiana passa pela questão de gênero e os estudos empreendidos visam questionar o hegemônico. Na mesma esteira, a telenovela buscou construir tipos alternativos de masculinidade, questionando o

machismo, mas preservando algumas qualidades fundamentais do modelo hegemônico, conforme vimos com *Zé Bob*.

Assim, podemos afirmar, a partir do que pesquisamos, que o ponto de vista expresso para construir a masculinidade pelas telenovelas em geral é mais afinado com as aspirações feministas e pró-igualdade de gênero.

Os estudos de gênero se iniciaram com as reflexões feministas. Analisam-se relações e identidades como construções sociais, culturalmente específicas, espacialmente e historicamente situadas. Devido à situação de dominação e subordinação vivida pelas mulheres, os primeiros trabalhos tinham a intenção de denunciar e questionar o machismo e as formas de dominação praticadas pelos homens. Fez-se isso através da descrição das expressões identitárias e das relações de gênero. O machismo passou a ser visto como a obsessão dos homens pela virilidade e pelo domínio, a possessividade em relação à mulher, comportamento agressivo para com outros homens, e conseqüentes prejuízos na relação pai-filho. Foi então na década de 80 que se passou a estudar mais sistematicamente o homem como objeto de estudo. Seus corpos, constituição de subjetividade, comportamentos e tudo o que se refere à “masculinidade” passa a receber atenção. Foi quando se iniciou a “desnaturalização” e a desconstrução de diversas práticas pertencentes à masculinidade corrente.

E tudo mudou: a organização do trabalho, a vida cotidiana da família, as expectativas de homens em relação às mulheres e vice-versa, o exercício de cidadania, a educação formal, os sistemas de saúde, seguros sociais, as leis, a programação das tvs, os anúncios publicitários, etc. A luta entre forças conservadoras que pretendem manter as formas de organização tradicionais e as forças que fomentam a democratização e ampliação da participação está em processo. E a democratização da vida pública, conforme Giddens, está diretamente relacionada à democratização da vida privada: “As mulheres ficaram encarregadas, *de facto*, da administração da transformação da intimidade que a modernidade colocou em andamento” (GIDDENS, 1993: 196). A telenovela brasileira sem dúvida alguma vem contribuindo com esse processo.

Observando as recorrências que recolhemos podemos dizer que está em curso uma mudança profunda, não apenas da masculinidade, mas também nas relações de amor e de poder entre os gêneros. O casamento ainda é importante, mas se repararmos bem ele não é mais a forma hegemônica de relacionamento amoroso. A telenovela está acompanhando essa realidade e por isso representa tantos triângulos amorosos,

arranjos familiares complexos e relações homossexuais. Para efeito de romance o amor romântico é necessário, afora isso, o que vemos são representações similares às vidas que vemos ao redor das nossas.

E voltamos ao assunto (in)fidelidade que ficou pendente. A novela atual, *Viver a Vida*, já pode ser considerada emblemática dessa masculinidade em transformação. Vamos nos repetir em alguns pontos, mas é para recuperar as informações relevantes.

Zé Mayer, em janeiro de 2010, é *Marcos*, um empresário da novela de Manoel Carlos *Viver a Vida*, do horário nobre, é protagonista ao lado de Taís Araújo, mais uma *Helena* do roteirista. Ela é modelo, assim como sua filha *Luciana* (Alinne Moraes), filha de *Tereza* (Lília Cabral), com quem tem mais uma filha, *Isabel*, e adotou *Mia*. Só que boatos nas revistas anunciam que ele é pai de *Mia*, fato que *Tereza* desconhece. Ele também é pai de *Bruno* (Thiago Lacerda), mas por não considerar que tenha tido uma relação com a mãe do rapaz, *Silvia*, ele não reconhece o filho, que, conseqüentemente, tem raiva do pai.

Quando o casal *Marcos e Helena* se conhecem, ela está no auge da carreira, com cerca de 32 anos, e corre boatos de que ela teria feito um aborto para não ter que interromper a carreira. A informação é importante já que ela será mencionada no diálogo do casal que vamos reproduzir a seguir, após contextualizar melhor a história.

A paixão é à primeira vista, logo nos primeiros capítulos acontece o casamento e a lua de mel em Paris. Ele já pensa em ter filhos com a nova esposa. À semelhança dos romances realistas, a história se inicia com o casamento para mostrar a sua decadência, e não ao contrário, como nos romances românticos, cujo final feliz, o ápice, é o casamento. Claro que Manoel Carlos vai manter o final feliz com todos os casamentos a que ele tem direito, mas talvez o par amoroso de *Helena* não seja *Marcos*, e sim *Bruno*. De novo a transição do amor confluyente – mais próximo da realidade do espectador – ao amor romântico.

Mas porque *Marcos e Helena* não podem ter um final feliz? O que os impede? Seus obstáculos não parecem ser pela diferença da idade ou pela classe social. É a convivência entre ambos que não dá certo, é a relação conflituosa de *Luciana e Tereza* com *Helena*, é, sobretudo, o machismo de *Marcos*.

No dia do casamento, *Tereza* avisou *Helena*: ele vai pedir para você parar com o trabalho; ele me fez desistir, vai fazer você também, você vai ver.

Sim, era verdade: ele prefere e faz pressão para que a “mulher dele não trabalhe”. Mas não é apenas essa a característica machista do personagem. E apesar de todas as dificuldades financeiras, ele mantém as aparências e pratica toda uma ginástica burocrática para poder seguir mantendo a vida cara e sofisticada de sua primeira família, e agora da segunda. Há, ainda, outra característica, inclusive muito bem construída. Se a gente se parece com quem a gente anda, com os amigos, *Gustavo*, como já mencionamos, seu amigo e funcionário braço-direito, é referência para que a gente conheça *Marcos* um pouco melhor. *Gustavo* é o típico cafajeste, é aquele cara que é casado, mas sai com outras mulheres, que tem o hábito de passar cantadas em mulheres desconhecidas, que corteja a prima da própria esposa, assedia a secretária e a empregada doméstica, mas ele não é galã como *Beto Rockefeller*. Ao contrário, *Gustavo* é o toque de humor da narrativa, o bobo, um palhaço trapalhão para quem, na verdade, todas as investidas dão em frustração. A prima arruma um noivo e diz que vai casar; a empregada flagra um beijo dele e da prima, e passa e chantageá-lo; a mulher começa a se interessar por outro homem. E tudo isso contrasta com *Marcos*, quem teria ensinado a *Gustavo* tudo o que ele sabe, e pratica, em relação às mulheres. Mas *Marcos* tem uma esposa apaixonada, sua ex-mulher ainda sente a separação e a falta dele, e ainda aparece uma garota de búzios, a *Dora* (Giovanna Antoneli), que o galã “pega”, depois de já estar casado com *Helena*. Mas existia uma justificativa para ele: ele estava sozinho, se sentido abandonado pela recém esposa que viajara para Petra a trabalho, contra a vontade dele e ainda levando a sua filha *Luciana*. *Marcos* vivia falando para *Gustavo* “eu não sou mais assim”, “eu amo a minha esposa”, “esse era outro”. Talvez ele ainda não seja o “outro” afinal: fiel, mais apaixonado, mais companheiro.

Para aumentar a tensão, *Luciana* e *Helena*, que estavam se dando “bem” durante a viagem, se desentenderam. Por mais que a enteada fosse grata pela força que a madrasta estava lhe dando na carreira, já que a presença dela na viagem tinha sido uma condição que *Helena* impôs para aceitar o trabalho, ela não pôde suportar a madrasta lhe ordenando a dormir, a arrumar malas, a não viajar com os novos amigos *Bruno* e *Felipe* (Rodrigo Hilbert). O resultado foi uma briga em que *Lu* julga *Helena* pelo aborto, e *Helena* a retribui com um tapa na cara e a decisão de que ela não iria mais voltar no carro com ela, que *Lu* devia voltar de ônibus junto com as outras modelos. Claro, o ônibus capota, *Lu* fica paraplégica, *Helena* se sente culpada e *Lu*, *Marcos* e

Tereza também a responsabilizam. Numa cena desnecessária, *Tereza* devolve o tapa na cara de *Helena*, enquanto ela estava ajoelhada, tentando lhe pedir desculpas. Seria mais um marcador ideológico? O assunto até gerou algumas críticas.

Nesse meio tempo, *Helena* se descobre grávida. Os conflitos entre o casal se agravam ainda mais quando ele diz que o filho não vinha em boa hora, não era bem-vindo; ela volta para a casa da mãe em Búzios. Depois de terem feito as pazes, ela perde o bebê, e as brigas pelo trabalho dela continuam.

No capítulo de 26.01.2010, no café da manhã, tanto da casa de *Gustavo* e *Betina* (Leticia Spiller) quanto na de *Marcos* e *Helena*, o clima pesou e o machismo – e a crítica ao machismo – se destacou.

Entre o primeiro casal, cobranças rotineiras: ele que chega em casa cheirando a álcool, ela que não prega o botão de suas camisas, não confere se vai faltar o queijo branco indispensável do café da manhã dele. Ele reclama que precisa de mais atenção, que ela só quer saber de academia. Entre o segundo casal o clima é mais tenso. Ao perceber que a mulher está de dieta, ele começa a provocá-la com a história de que não quer que ela trabalhe. O diálogo entre o casal foi se saturando de um jeito que culminou no assunto do filho que ele não reconhece – mas que ela ainda não sabe que é *Bruno*, que ela conheceu em Petra – e ele a recriminou pelo aborto, já com intenção de feri-la, e disse: “como você pode ver, nosso casamento está por um fio” e ela respondeu: “acho que nem esse fio existe mais”. No dia seguinte ela comenta com um amigo como ele foi “grosseiro”.

É importante registrar que no contexto dessa enunciação, desse diálogo entre ambos, estão alguns fatores presumidos para o espectador, que contribuem para que alimentemos uma antipatia por ele trair sua mulher e ainda tratá-la mal, o principal é a infidelidade masculina. Ocorre que, instalada na casa do casal, está *Dora* e sua filha. Ela não sabia que tinha ficado com o marido de *Helena*, de quem ficou amiga quando a modelo teve um acidente de lancha e ela (*Dora*) a tirou da água. Pela dívida de gratidão, sabendo do sonho de *Dora* de ir morar no Rio de Janeiro, *Helena* resolveu facilitar esse sonho.

Mas *Marcos* deu um nome falso para *Dora*. Quando ela descobriu que ele era o marido de *Helena*, era tarde, ela já estava hospedada na casa dele, e apaixonada por ele. Ele tentou intimidá-la, queria que ela fosse embora, mas depois de agredir *Dora* verbalmente, já estava tentando beijá-la. Parece que voltara a ser o mesmo *Marcos* de

sempre. No capítulo do dia 01.02.10 ele a assediou e conseguiu o que queria, na cama: “eu não queria que você ficasse, eu te mandei embora, mas se você vai ficar então tem que fazer o serviço de casa completo”. Mas foi na base da chantagem: “se você não aparecer eu te tranco aqui [quarto de *Helena*] e digo pra *Helena* que você estava mexendo nas jóias dela”. Sem escolha, a moça aparece e aí não consegue mais se desvencilhar dele até que o chama de “canalha” (ou “cafajeste”), e cede aos seus encantos.

Através da ridicularização de *Gustavo*, da caracterização de *Marcos* como um homem machista – mandão e grosseiro, é gentil apenas quando tem segundas intenções -, e provavelmente, através da comparação que está se insinuando entre pai, *Marcos*, e filho, *Bruno*, o autor está descartando um modelo de homem, rotulando-o de ultrapassado e ridículo, e propondo outro tipo de homem: um que enxergue a mulher a seu lado e não um que a tome por objeto ou queira moldá-la. Não precisamos esperar o final da novela e ver se formar o par *Helena* e *Bruno* para concluir: a transformação da masculinidade foi efetuada, narrada, representada e modelizada.

Não obstante, como sempre, algumas marcas ideológicas estarão impressas no discurso do autor de forma a evidenciar algum aspecto não bem resolvido de nossa cultura. A usual punição de deixar as mulheres sem par amoroso no final da novela, por exemplo, é uma forma de valorizar a mulher que tem um homem e desvalorizar a mulher que não tem. O amor romântico, em alguns aspectos, é machista. Nesse ponto *A Favorita* acertou no final de *Catarina*, que preferiu a emancipação.

Entretanto, como vimos, a história de *Dedina* trouxe à tona o machismo “invisível” em *A Favorita*. E foi a infidelidade, grande vilã opositora do amor romântico, a razão para punir *Dedina*. Voltamos agora a esse tema que estava pendente.

A história de *Dedina* deve estar obsoleta, se a pesquisa de Goldenberg estiver certa. Segundo ela, o tabu da infidelidade continua com força, mas houve uma mudança:

O que mudou é que as mulheres assumem que traem. Antes, a infidelidade era privilégio masculino. Hoje, se o homem trai, a mulher se sente no direito de traír também. O curioso é que elas sempre culpam o homem. A mulher não se vê como sujeito da traição, mas como vítima de uma falta de desejo do parceiro. Os homens traem por disponibilidade. As mulheres, porque não se sentem desejadas. É a falta de desejo do marido pelo corpo dela que a faz testar se seu corpo ainda é desejável. (GOLDENBERG : 250).

Mas, sob o ponto de vista masculino, a história de *Dedina* talvez não esteja assim tão defasada:

Monogâmicos e poligâmicos parecem concordar quando o tema é infidelidade feminina. Dizem que traição de suas esposas é muito mais difícil de aceitar, já que acreditam que as mulheres só traem quando estão apaixonadas. (...) Para eles, a mulher jamais esquece um homem com quem se relacionou sexualmente, nunca é uma transa sem conseqüência. Também apontam, mas não com a mesma importância, o estigma que recai sobre o homem traído: o corno. Dizem que a esposa traída não carrega o mesmo estigma. A sociedade brasileira acha natural a traição masculina.

A sociedade brasileira acha natural a traição masculina, mas a feminina não. Estudando a (in) fidelidade, Goldemberg, com base nos dados de Elza Berquó, desenvolve um raciocínio, no mínimo, curioso. Vamos arrolar os dados e informações fornecidas pela autora:

- Aumento progressivo de separações legais, uniões consensuais, do número de mães solteiras e de celibatários;
- É crescente o número de mulheres sozinhas – o que implica mais chances para o homem brasileiro de encontrar novas companheiras até a idade madura;
- A maior mortalidade dos homens gera um superávit de mulheres;
- Da população mais idosa, a maioria é de mulheres;
- O número de homens não casados se mantém praticamente constante entre os 35 e 59 anos: 12,5% em média;
- Nessa faixa, as mulheres não casadas batem de 20 até 37%;
- Na faixa dos 30 a 34 anos, há 11,3 mulheres não casadas para cada homem não casado;
- Na faixa dos 50, um homem não casado tem 30 vezes mais chances de encontrar uma mulher do que uma mulher encontrar um homem.

A hipótese de Berquó é a de que esteja havendo uma poliginia disfarçada no Brasil, já que o alto número de mulheres sem possibilidade de casamento poderia recorrer à relação com homem casado.

Pela primeira vez percebi que a frase tão exaustivamente repetida pelas brasileiras – “falta homem no mercado” – é uma realidade demográfica bastante cruel, sobretudo para as mulheres mais velhas. Nesse sentido, ser amante de um homem casado poderia ser uma das soluções para as mulheres que sobram, e não um fracasso individual ou uma predisposição

psicológica, como afirmam muitos. Olhando os dados apresentados por Berquó, percebe-se claramente que as opções afetivo-sexuais das mulheres brasileiras no mercado matrimonial são muito piores que as dos homens, que aumentam suas chances (pelo menos numéricas) quando ficam mais velhos. (Idem: 28-29).

Goldenberg confessa que recebeu o telefonema de uma amiga querendo repretendê-la pela “licença” que a antropóloga estava dando aos homens infiéis em entrevistas na imprensa.

Outra possibilidade levantada para essas mulheres seria a relação homossexual. E não encontrei referências à homossexualidade masculina, se ela for crescente, é provável que o número de mulheres por homem seja maior ainda. Para a autora, existiria uma “pressão demográfica” por conta da assimetria homem-mulher:

Essa realidade me fez enxergar a infidelidade masculina com outros olhos. Longe de ser um problema individual, os dados mostram que existe uma pressão demográfica para os escassos homens disponíveis se dividam entre a quantidade excessiva de mulheres que buscam um parceiro afetivo-sexual. (Idem: 32).

Não sei dizer se essa “pressão demográfica” procede, acho que não, mas isso é opinião. De qualquer modo, ainda que ela seja um “imperativo natural”, o que duvido, o fato de haver um superávit de mulheres as coloca em posição de desvantagem, e os homens numa posição vantajosa.

Agora compreendemos porque é tão importante que a mulher tenha, na telenovela, um par amoroso. “A solidão, para algumas mulheres, está associada à vergonha, pois, no Brasil, ser uma mulher sem homem é sinal de fracasso. Para outras, estar só é estar desprotegida e insegura, sobretudo economicamente” (Idem: 30). De novo, o que mais vemos na fantasia é o que mais falta no dia-a-dia. Se as mulheres não casadas se auto-desvalorizam e são desvalorizadas pelo ambiente social, então elas estão em relação desigual com homens e mulheres.

Assim, quanto às relações de poder, não podemos negar que temos tido algumas vitórias até agora no que diz respeito às conquistas das mulheres, mesmo assim, ainda faltam algumas conquistas para chegar onde merecemos. Falta combater mais a violência doméstica e criar soluções em longo prazo para o problema – e claro isso passa pela educação -; conseguir, no caso de Brasil, a legalização do aborto; a equidade de remuneração salarial; a proteção contra discriminação e assédio no trabalho; mas, principalmente, e

essa não pode ser uma bandeira apenas dos movimentos feministas: disseminar a cultura da não-violência, não apenas contra a mulher, mas contra qualquer alvo em potencial.

26.02.2010 | 17:04

Artigo destaca olhar feminino no universo corporativo

A ascensão da mulher e a evolução dos seus papéis na sociedade merecem especial atenção

Mulher - um ser de pétalas e espinhos

**Amalia Sina*

O Dia Internacional da Mulher é uma forma simbólica de comemorar a luta da classe feminina pela igualdade, não apenas de direitos, mas também de oportunidades. A mulher evidenciada na década de 50, como dona de casa exemplar, cuja principal e talvez única função fosse a dedicação ao marido e filhos, já não existe mais. Em pleno século XXI, a submissão deu lugar à independência e hoje, o que as mulheres faziam há décadas atrás continua sendo feito, porém, com muitas outras atividades envolvidas, o que faz com que a mulher moderna viva em um constante conflito: o desafio de conciliar diferentes papéis na sociedade.

A necessidade tornou-se estilo de vida, e foi o argumento inicial para que estas mulheres mostrassem a sua garra e comessem a sua luta, até então, silenciosa por um espaço mais digno perante a sociedade, ainda machista.

Mesmo tendo ciência das diferenças ainda impostas pelo mercado corporativo, como as diferenças salariais, cargas horárias estressantes, as mulheres têm alcançado cargos e profissões antes consideradas exclusivamente do universo masculino. E por conta disso, tem sido cada vez mais evidente mulheres ocuparem a presidência e diretoria de grandes empresas, mostrando o seu potencial para resolver problemas, unificar os prós e contras de cada decisão e tudo isso, com um olhar diferenciado que só nós conseguimos ter.

Entretanto, apesar de sermos maioria neste universo, o mundo ainda é feito para homens, e para alcançar o sucesso não basta apenas investir em conhecimento, ser criativa e versátil; é preciso vencer o preconceito e, principalmente, lidar com situações adversas. Temos que ser uma profissional exímia, arrumar tempo para os eventos corporativos e familiares, estar sempre bem vestida e arrumada e ainda, chegar em casa e cuidar da família com empenho e dedicação.

Posso dizer isso com propriedade, minha jornada até a presidência de grandes multinacionais foi desgastante e ao mesmo tempo gratificante. Hoje, sou responsável pela minha empresa, voltada para o segmento de cosméticos. Sei que dei um grande passo na minha trajetória, graças à capacidade feminina para definir metas e sonhos, com objetividade e sensibilidade que somos capazes de demonstrar sem parecermos frágeis.

Sim, nós podemos! Somos capazes de enxergar além e traçar um novo caminho, para isso basta viver com garra e determinação e ter coragem de dar o próximo passo.

Por isso, eu acredito ser um exemplo destas mulheres que perseguiram e ainda perseguem um sonho, ou melhor, próximas realizações. Aprendi a manter o equilíbrio pessoal e profissional, a tratar da beleza, buscar conhecimento, lapidar idiomas, investir em roupas e treinamentos... um sem fim de atividades utilitárias, além de saber otimizar o tempo para ter momentos prazerosos de lazer, descontração e auto-conhecimento.

*Foi presidente da Philip Morris do Brasil, da Walita do Brasil e vice-presidente sênior da Philips para a América Latina. Com MBA em Marketing pela FEA/USP e pós-graduada em Gestão de Marketing pelo Triton College, Chicago. É membro do Conselho Superior de Economia da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo e da Academia Brasileira de Marketing. Desde 2006 é presidente da Sina Cosméticos.

Fonte: <http://www.propmark.com.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=57459&sid=6>.

No Brasil, o número de mulheres chefes de família cresceu 79% em dez anos, segundo o senso do IBGE 2006³. Outros indicadores mostram que houve um crescimento também do número de mulheres casadas que são provedoras do lar: de 9,1% em 1996 para 20,7% para 2006. Os dados vão progressivamente mostrando a desigualdade de gênero no Brasil:

De acordo com a pesquisa, 73% das mulheres - no papel de cônjuge - ganham menos que o marido, sendo que 37,2% recebem até 50% do total obtido pelo companheiro. Quando a mulher é a “chefe” da família, em 70% dos casos o homem também tem rendimento superior⁴.

Como vimos anteriormente, há diversas vantagens sociais e econômicas para os países que promovem e praticam a igualdade de gênero, ou melhor, que investem nas mulheres. Assim, as vantagens de um maior equilíbrio entre os gêneros não se esgotam no domínio privado, mas logo se desdobram na vida social.

Quando Bauman escreve *Amor Líquido*, fala menos de relacionamentos amorosos do que dos laços humanos em geral. Os *amores* a que o sociólogo se refere interferem no curso e resultado das ações humanas, por exemplo, estamos sob o signo do *amor ao próximo*, mas não conseguimos evitar as guerras e destruimos o nosso convívio. E a vitimização não humaniza as vítimas. Vemos que o *amor* de Bauman aponta para a humanização. “Sem humildade e coragem não há amor. Essas duas qualidades são exigidas, em escalas enormes e contínuas, quando se ingressa numa terra inexplorada e não-mapeada. É a esse território que o amor conduz ao instalar entre dois ou mais seres”. (BAUMAN, 2004: 22).

A vida líquido-moderna, como uma das conseqüências da globalização, carrega o medo, a incerteza e a insegurança como estandartes. A vontade política, que muito poderia fazer para minimizar a miséria, as doenças, os crimes e as guerras não mais parece ser a esperança da população.

(...) ou, o que é ainda mais surpreendente, que a ordem estabelecida, com suas relações de dominação, seus direitos e suas imunidades, seus privilégios e suas injustiças, salvo uns poucos acidentes históricos, perpetue-se apesar de tudo tão facilmente, e que condições de existência das mais intoleráveis possam permanentemente ser vistas como aceitáveis ou até mesmo como naturais. Também sempre vi na dominação masculina, e no modo como é imposta e vivenciada, o exemplo por excelência desta submissão paradoxal, resultante daquilo que eu chamo de violência sim-

³ Ver: <http://oglobo.globo.com/pais/mat/2007/09/28/297924968.asp>

⁴ Idem.

bólica, violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento, ou, em última instância, do sentimento. (BOURDIEU, 2007: 7-8).

É que estamos na *illusio* da dominação masculina, que lembra o “jogo duro de pessoas duras”, muito bem descrito por Bauman, supracitado. E como fica, então, o amor, colocado na perspectiva do poder? Ali, o amor é regido pela lógica do consumo, do desperdício.

O desvanecimento das habilidades de sociabilidade é reforçado e acelerado pela tendência, inspirada no estilo de vida consumista dominante, a tratar os outros seres humanos como objetos de consumo e a julgá-los, segundo o padrão desses objetos, pelo volume de prazer que provavelmente oferecem em termos de seu “valor monetário”. Na melhor das hipóteses, os outros são avaliados como companheiros na atividade essencialmente solitária do consumo, parceiros nas alegrias do consumo, cujas presença e participação ativa podem intensificar esses prazeres. Nesse processo, os valores intrínsecos dos outros como seres humanos singulares (e assim também a preocupação com eles por si mesmos, e por essa singularidade) estão quase desaparecendo de vista. A solidariedade humana é a primeira baixa causada pelo triunfo do mercado consumidor. (BAUMAN, 2004: 96).

A telenovela, nessa semiosfera, participa ativamente refletindo e refratando a nossa experiência cotidiana, dialogando com formas alternativas de construção e exercício da masculinidade; de um lado denunciando o machismo e de outro fazendo emergir marcadores ideológicos do machismo invisível de nossa sociedade. Mas, pelo jeito, o senso comum, de um modo geral, ainda vai demorar um pouco para incorporar a idéia de que a masculinidade é uma construção histórica e social e em permanente transformação.

Os gêneros, e seu sentido no jogo de significação social, oferecem sentido estruturador para as identidades. O exercício, tanto da feminilidade, quanto da masculinidade dependerá das orientações sociais que o sujeito recebe. Desse modo, ela pode ser encarada como um processo de construção e, por mais que um agente persiga os signos da virilidade, de um ideal hegemônico da masculinidade, os atuais processos sociais de subjetivação proporcionam, cada vez mais, a possibilidade de exploração de diferentes vivências do exercício da masculinidade, diferentes experiências do masculino. E a telenovela modeliza essa idéia. Nesse ponto, a telenovela, mais uma vez,

se mostra uma ponte entre o discurso oficial e a ideologia do cotidiano, que não quer admitir a masculinidade como uma construção cultural, insistindo numa visão inatista.

Nossas hipóteses estavam corretas, a telenovela registra, modeliza e expressa as transformações e crises existentes no universo masculino, interagindo com o ambiente social e com as subjetividades criando condições para a formulação de novas propostas de explorações das vivências da masculinidade.

Esta não é – pelo menos eu não considero – uma tese feminista, mas chegamos à conclusão de que a masculinidade na telenovela está modalizada de modo a agradar, principalmente, a audiência feminina, porque constrói as histórias e personagens segundo um ponto de vista do desejo feminino. Sendo assim, é impossível não colocar, porque estamos falando em telenovela brasileira, a “mulher brasileira em primeiro lugar”. Pelo menos nesse espaço, nas telenovelas que as mulheres gostam de ver, elas estão em primeiro lugar. Se a audiência masculina das novelas aumentar, talvez os homens aprendam um pouco com uma tradição que já se criou, e olhando melhor passem a enxergar que as mulheres não são tão misteriosas quanto eles imaginam, pelo menos divulgam, que são.

Esperamos que a telenovela afirme cada vez mais a sua característica de representar o processo de democratização crescente das vidas pública e privada que vivemos atualmente. Esperamos, ainda, que a cultura da não-violência se espalhe pelo nosso país, e se a novela pode ajudar a escrever um capítulo nessa história, por que não? O que mais ela poderia fazer pela realidade?

Referências bibliográficas

- AGUIAR E SILVA (1994). **Camões: Labirintos e Fascínios**. Lisboa: Cotovia, 1994
- ALENCAR, Mauro (2002) **A Hollywood Brasileira**. Panorama da telenovela no Brasil. Rio de Janeiro: SENAC, 2002.
- ARAÚJO, Joel Zito (2000). **A negação do Brasil o negro na telenovela brasileira**. São Paulo: editora Senac, 2000.
- BACCEGA, M.A.; BUDAG, F.E; HOFF, T.C.M E CASAQUI, V. (2009). Consumo, trabalho e corpo: representações em *A favorita*. In: LOPES, M.I.V. de (2009). **Ficção televisiva no Brasil: temas e perspectivas**. São Paulo: Globo, 2009.
- BAKHTIN, Mikhail (1992). **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec: 1992.
- _____ (1976). Discurso na vida e discurso na arte (sobre poética sociológica). Tradução de Cristovão Tezza. In: VOLOSHINOV, V.N. **Freudism**. New York: Academic Press, 1976.
- _____ (2001). **Freudismo**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2001.
- _____ (2003). **Estética da criação verbal**. (trad. Paulo Bezerra) São Paulo: Martins Fontes, 2006, pp.261-306.
- BALANDIER, George (1976). **Antropológicas**. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1976.
- BAUMAN, Z. **Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.
- _____ (2008). **Medo líquido**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.
- BEQUIM, Cristiane Aparecida (2007). **Mulher e piloto: o caso das pioneiras da aviação militar brasileira**. In: <http://www.arqanalagoa.ufscar.br/abed/Integra/Cristiane%20Baquim%2002-08-07.pdf>
- BORGES, Jorge Luis (2001). **Esse Ofício do Verso**. São Paulo: Cia. Das Letras, 2001.
- BOURDIEU, Pierre (1989). **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: DIFEL e Editora Bertrand Brasil, 1989.
- _____ (1996). **Razões práticas**. Sobre a teoria da ação. Campinas –SP: Papyrus, 1996.
- _____ (1999). **A profissão de sociólogo**. Preliminares epistemológicas. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- _____ (2007). **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- BRAIT, Beth (org.) (2008a). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2008.
- _____ (2008b). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2008.
- _____ (2009). **Bakhtin e o Círculo**. São Paulo: Contexto, 2009.

- BRANDÃO, Helena N. (1995). **Introdução à análise do discurso**. Campinas: Unicamp, 1995.
- CAMÕES, L.de (1982). **Lírica**. São Paulo: EDUSP, 1982
- CANCLINI, Nestór-García (1999). **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.
- CARABÍ, Àngels y Josep M. ARMENGOL (eds.) (2008). **La masculinidad a debate**. Barcelona: Icaria Editorial, 2008.
- CASCUDO, Câmara (1998). **Contos tradicionais do Brasil**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1998.
- CERTEAU, Michel de (2001). **A cultura no plural**. São Paulo: Papirus editora, 2001.
- CIDADE, Hernani (1952). **Luís de Camões. O Lírico**. Lisboa: Livraria Bertrand, 1952.
- COUCEIRO DE LIMA, Solange M. (1996-97). Reflexos do racismo à brasileira na mídia. **Revista USP**. São Paulo, n. 32, p.56-65. Dezembro / fevereiro, 1996-97.
- COUCEIRO DE LIMA, Solange M. (2001). A Personagem Negra na Telenovela Brasileira: alguns momentos. **Revista USP**, São Paulo/SP, n. 48, p. 74-87, 2001.
- _____ (2006-07) ... até canibal vira vegetariano. **Revista USP**, São Paulo, n. 69, p. 44-59. Março / abril / maio, 2006-07.
- _____ (2007). Eu vi o Lázaro Ramos beijar a Marília Gabriela. **Revista Sesc**, São Paulo, 2007.
- DAMÁSIO, A.R. (1996). **O erro de Descartes. Emoção, razão e cérebro humano**. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.
- DINSHAW, Carolyn (2008). Perspectivas queer. In: CARABÍ, Àngels y Josep M. ARMENGOL (eds.). **La masculinidad a debate**. Barcelona: Icaria Editorial, 2008.
- EMERSON, Caryl (2003). **Os 100 primeiros anos de Mikhail Bakhtin**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2003.
- ENG, David L. Raza e Masculinidad (2008). In: CARABÍ, Àngels y Josep M. ARMENGOL (eds.). **La masculinidad a debate**. Barcelona: Icaria Editorial, 2008.
- FADUL, Ana Maria. (2000) Telenovela e Família no Brasil. In: LOPES, M.I.V. de e BUONANO, M. **Comunicação no plural**. Estudos de Comunicação no Brasil e na Itália. São Paulo: Educ/Intercom, 2000.
- FAUSTO, Boris(2009). **O crime do restaurante chinês**. São Paulo: Cia. Das Letras, 2009.
- FERNANDES, Ismael (1997). **Memória da telenovela brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1997.
- FIORIN, José Luiz (2008). Interdiscursividade e intertextualidade. In: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2008.
- GEERTZ, Clifford (1989). **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC – Livros técnicos e científicos editora S.A., 1989.

- GIDDENS, A. (1993). **As transformações da intimidade**. Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.
- _____ (2002). **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.
- GILMORE, David (2008). Culturas de la masculinidad. Entrevista com o antropólogo *in*: CARABÍ, Àngels y Josep M. ARMENGOL (eds.). **La masculinidad a debate**. Barcelona: Icaria Editorial, 2008.
- GOLDENBERG, Mirian (2000). **Os Novos Desejos**. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- GOLDENBERG, Mirian (2000). De Amélias a operárias: um ensaio sobre os conflitos femininos no mercado de trabalho e nas relações de gênero. *In*: GOLDENBERG, Mirian. **Os Novos Desejos**. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- GOLDENBERG, Mirian (2006). **Infel. Notas de uma antropóloga**. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- GOLDENBERG, M. (2003). A crise da masculinidade na mídia. *In*: TRAVANCAS, I. et FARIAS, P. (org.) (2003). **Antropologia e comunicação**. Rio de Janeiro: Garamond, 2003.
- GRAMSCI, A. (1996). **Concepção dialética da história**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.
- HALBWACHS, M. (1990). **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
- HELLER, Agnes (1985). **O cotidiano e a história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- JAKOBSON, Roman (2005). **Linguística e Comunicação**. São Paulo: Cultrix, 2005.
- JAKUBASZKO, Daniela (2000). **Os Ciganos de Explode Coração**: uma descrição comentada da construção ficcional de um grupo cigano. São Paulo, relatório final entregue à FAPESP, mai/2000.
- _____ (2002). Beto Rockfeller: marcas da contracultura na telenovela brasileira. **Intercom, Anais** 2002. Ver: http://intercom.org.br/papers/nacionais/2002/Congresso2002_Anais/2002_NP14JAKUBASZKO.pdf
- _____ (2004). **Telenovela e experiência cotidiana**: interação social e mudança. Dissertação de Mestrado em Ciências da Comunicação apresentada à Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, ECA-USP, São Paulo, 2004. 203p.
- _____ (2006). Alma Gêmea: o indígena na telenovela. **Intercom, Anais**, 2006. Ver: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R1487-1.pdf>
- JUNQUEIRA, Carmen (2002). **Sexo e desigualdade entre os Kamaiurá e os Cinta Larga**. São Paulo: Olho d'Água, 2002.
- KIMMEL, Michael (2008). Los estúdios de la masculinidad: una introducción.

- Entrevista com o sociólogo *in*: CARABÍ, Àngels y Josep M. ARMENGOL (eds.). **La masculinidad a debate**. Barcelona: Icaria Editorial, 2008.
- LAROSA, Jorge (1999). **Pedagogia Profana**: danças, piruetas e mascaradas. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- LE GOFF, J. (1990) **História e Memória**. São Paulo: Unicamp, 1990.
- LEFEBVRE, H. (1991). **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Ática, 1991.
- LEVERENZ, David (2008). Varones de Novela. *In*: CARABÍ, Àngels y Josep M. ARMENGOL (eds.). **La masculinidad a debate**. Barcelona: Icaria Editorial, 2008.
- LOPES, M.I.V. de (2009). **Ficção televisiva no Brasil**: temas e perspectivas. São Paulo: Globo, 2009.
- _____ e VILCHES, L. (orgs.) (2008). Mercados globais, histórias nacionais. **Anuário Obitel**. São Paulo: Globo, 2008.
- _____ e GÓMES, G.Orozco (coords.) (2009). A ficção televisiva em países ibero-americanos: narrativas, formatos e publicidades. **Anuário OBITEL**, São Paulo: Globo, 2009.
- LOTMAN, Iuri M. (1996). **La semiosfera 1**: semiótica de la cultura y del texto. Edición de Desiderio Navarro. Frónesis, Cátedra, Universitat de València, 1996.
- _____. (1978). **A estrutura do texto artístico**. Editorial Estampa: Lisboa, 1978.
- _____. (1984) El texto em el texto. *In*: **Critérios**. Estudos de teoria literária, estética y culturologia, Habana, Cuba: Casa de las Américas, nº 5-12, p. 99-116, jan. 1983/ dez. 1984.
- LOZANO, Jorge (1999). Cultura y explosión em la obra de Yuri Lotman. **Revista de Estudios Literários Especulo**, Departamento de Filologia Española III – Falcultad de Ciencias de La información de La Universidad Complutense de Madrid. N. 11 – 15 de abril de 1999. www.ucm.es/info/especulo.
- MACHADO, Irene (2003). **Escola de semiótica**: a experiência de Tártu-Moscou para o estudo da cultura. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- _____. (2007). **Semiótica da cultura e semiosfera**. São Paulo: AnnaBlume, 2007.
- MAGALHÃES, Mário (2000) **O narcotráfico**. Coleção Folha explica. São Paulo: Publifolha, 2000.
- MARTINS, C. (1913). **Camões**: temas e motivos da obra lírica. BH.: EDUSP, 1913.
- MEAD, Margareth (1971). **Macho e fêmea**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1971.
- MORIN, Edgar (1973). **O paradigma perdido**. Publicações Europa-América: Lisboa, 1973.
- MORAES, Aparecida F. e SORJ, Bila (2009). **Gênero, violência e direitos na sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.

- MOTTER, Maria Lourdes (2000). Ficção e realidade – telenovela: um fazer brasileiro. **Ética & Comunicação FIAM. Revista das Faculdades Integradas Alcântara Machado**. São Paulo, 2:41-50, ago./dez. 2000.
- _____ (2000-2001). A Telenovela: Documento Histórico e Lugar de Memória. **RevistaUsp**, São Paulo: USP, CCS, nº 48, p.74-87, dez/ jan/ fev. 2000-2001.
- _____ (2003). **Ficção e realidade**: a construção do cotidiano na telenovela. São Paulo: Alexa Cultural, Comunicação & Cultura, 2003.
- _____ (2003b) O que a ficção pode fazer pela realidade? **Comunicação & Educação**, São Paulo: CCA/ECA & Salesiana, v. 26, n. jan-abr, p. 75-79, 2003.
- _____ e JAKUBASZKO, Daniela. (2007). Telenovela e realidade social: algumas possibilidades dialógicas. **Revista Comunicação & Educação** – Ano XII – N.1 – jan./abr. 2007. p. 55-64.
- _____ (2006). Os limites do *merchandising* social na telenovela brasileira. **Intercom, Anais**, 2006. Ver: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R0258-1.pdf>
- MUNGIOLI, Cristina P. e JAKUBAZKO, Daniela (2009). A multidimensionalidade do espaço-tempo na telenovela a favorita: entre a ambiguidade e os destempos. **Intercom, Anais**, 2009. Ver: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-3808-1.pdf>
- OLAVARRÍA, José (2003). **Los estudios sobre masculinidades em América Latina**. Um ponto de vista. Anuário Social y Político de América Latina y el Caribe, Año 6, 2003, p-91-98. Endereço eletrônico: <http://www.scribd.com/doc/20166517/Los-Estudios-Sobre-Masculinidad-en-America-Latina-Jose-Olavarria> (capturado em 08.12.09).
- OLIVEIRA, Pedro Paulo de. (2004). **A construção social da masculinidade**. Belo Horizonte-Rio de Janeiro: Editora UFMG e IUPERJ, 2004.
- PIETRAROIA, Fábio (2004). **Ficção e Realidade**: Repensando A Guerra dos Mundos de Orson Welles. Doutorado em Ciências da Comunicação apresentada à Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, ECA-USP, São Paulo, 2004.
- ORTIZ, R. BORELLI, S.H.S. RAMOS, J.M.O. (1989). **Telenovela**: história e produção. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- RAMOS, Jair de Souza. Cuidado de si e sociabilidade masculina numa comunidade de leitores da revista Men's Health (2009). **ANPOCS** (Associação nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais), GT 36 (Sexualidade, corpo e gênero), 33º Encontro Anual, 2009.

- RAMOS, Marcelo Silva (2000). Um olhar sobre o masculino. Reflexões sobre os papéis e representações sociais do homem na atualidade. *In: GOLDENBERG, Mirian. Os Novos Desejos*. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- RAMOS, Marcelo Silva (2000). Um olhar sobre o masculino. Reflexões sobre os papéis e representações sociais do homem na atualidade. *In: GOLDENBERG, Mirian. Os Novos Desejos*. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- ROMEIRO, Julieta. A Lei Maria da Penha e os desafios da institucionalização da “violência conjugal” no Brasil. *In: MORAES, Aparecida F. e SORJ, Bila. Gênero, violência e direitos na sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.
- SARAIVA, A.J. **Luís de Camões**. Estudo e antologia. PV. Publicações, 1959.
- SCHAFF, Adam (1964). **Linguagem e conhecimento**. Coimbra: Almedina, 1964.
- _____ (1978). **História e verdade**. São Paulo: Martins Fontes, 1978.
- SILVERSTONE, Roger (2002). **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- STAM, Robert e SHOHAT, Ella (1995). Estereótipo, racismo e representação social. São Paulo: **Imagens**: ago/dez, 1995.
- THOMPSON, John B.(2007). **Ideologia e cultura moderna**. Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.
- VALCUENDE, José Maria (2003). A modo de introducción: uma aproximación a las masculinidades. *In: VALCUENDE, José Maria y LÓPEZ, Juan Blanco (2003). Hombres. La construcción cultural de las masculinidades*. Madrid: Talasa Ediciones, 2003.
- VOLOSHINOV, V.N. e BAKHTIN, M. (1976). Discurso na vida e discurso na arte (sobre poética sociológica). Tradução de Cristovão Tezza. *In: VOLOSHINOV, V.N. Freudism*. New York: Academic Press, 1976.
- XAVIER, Nilson (2007). **Almanaque da telenovela brasileira**. São Paulo: Panda Books, 2007.
- WAAL, Frans de. (2007). **Eu, Primata**. Por que somos como somos. São Paulo: Companhia das letras, 2007.
- ZANDWAIS, Ana (2009). Bakhtin/Volochinov: condições de produção de *Marxismo e filosofia da linguagem*. *In: BRAIT, Beth (org.). Bakhtin e o Círculo*. São Paulo: Contexto, 2009.

Livros e artigos de auto-ajuda e psicologia

- ÁLVAREZ, Victor Caballero (2005). **Manual do homem infiel**. Táticas para que sua parceira nunca descubra nada. Rio de Janeiro: editora Best Seller, 2005.
- BIDDULPH, Steve (2003). **Por que os homens são assim?** São Paulo: Fundamento Educacional, 2003.

- CASTAÑEDA, Marina (2006). **O machismo invisível**. São Paulo: A Girafa Editora, 2006.
- DOWLING, Colette (1987). **Complexo de Cinderela**. São Paulo: Melhoramentos, 1987.
- FREUD, Sigmund (1996). **Os chistes e sua relação com o inconsciente (1905)**. Obras completas, edição *standard* brasileira, Vol. III, Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- GIKOVATE, Flávio (1989). **Homem: o sexo-frágil?** São Paulo, MG Editores Associados, 1989.
- _____ (2009). Quando o machismo perde a vez. **Revista Vital**, Ano 1, n.1, São Paulo: Editora Abril, dez 2009.
- GRAY, John (1995). **Homens são de Marte, mulheres são de Vênus: um guia prático para você melhorar a comunicação e conseguir o que você quer nos seus relacionamentos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.
- HANAUER, Cathi (org.) (2004). **Mulheres em Fúria**. Sexo, trabalho, solidão, maternidade e casamento. São Paulo: Ed. Landscape, 2004.
- PEASE, Allan & PEASE, Bárbara (2000). **Por que os homens fazem sexo e as mulheres fazem amor?** Uma visão científica (e bem-humorada) de nossas diferenças. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.
- RIBEIRO, Lair (2005). **Homens & Mulheres**. Belo Horizonte: Editora leitura, 2005.
- SILVA, Ana Beatriz Barbosa (2008). **Mentes perigosas: o psicopata mora ao lado**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.
- WILHELM, Richard (1997). **I Ching. O livro das mutações**. São Paulo: Pensamento, 1997.